

SINUS COD

FROM THE AUTHOR OF THE WORLDWIDE
BESTSELLING EPIC, *THE PILLARS OF THE EARTH*

SCHAGE

KEN FOLLETT



O VÔO DA VESPA

A WORLD WAR TWO SUSPENSE THRILLER



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O Vôo da Vespa

Tradução: *Haroldo Netto*

KEN FOLLET

O VÔO DA VESPA

© 2000 by *Follet, Ken*

Classificação: Ficção inglesa. – Séculos XX e XXI - Ficção

Título Da Edição Original: *HORNET FLIGHT*

Publicado em: 2003

Tradução: *Haroldo Netto*

Copyright © Ken Follett, 2002 - Mediante permissão de Dutton; uma divisão de Penguin Group (EUA) Inc.

Todos os direitos reservados

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, localidades e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou lugares, é mera coincidência.

Conversão & Formatação:    

Fonte usadas no eBook: Goodfish & Optima LT Standart - Corpo 12

Editor de Conversão:  Livros - DOWNLOAD

Requisitos do sistema: *Adobe Digital Editions*  DOWNLOAD:

 **Radium** - Readers for ePub3 Extensão para o Google Chrome: DOWNLOAD

ISBN 85-325-1623-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos.

JUNHO DE 1941, o pior momento da guerra. A Inglaterra lança bombardeios da RAF sobre o Canal da Mancha, mas, de alguma maneira, a Luftwaffe consegue abatê-los.

Os céus - na verdade, a própria guerra - parecem pertencer a Hitler. Mas em uma pequena ilha dinamarquesa, do outro lado do mar do Norte, Harald Olufsen, um brilhante rapaz de 18 anos com talento para a engenharia, descobre, por acaso, uma instalação secreta alemã. Aquilo não se parece com nada que já tenha visto, e Harald sabe que precisa contar o que viu a alguém - mas não sabe a quem. com a Inglaterra preparando seu maior ataque aéreo desde os primeiros dias de guerra, a descoberta de Harald pode alterar o rumo dos acontecimentos. No entanto, a corrida para transmitir a tempo a informação preciosa poderá ter terríveis conseqüências para as pessoas que cercam Harald: seu irmão mais velho, Arne, piloto da Força Aérea Dinamarquesa, Hermia, noiva de Arne e analista de informações e, acima de tudo, para o próprio Harald, cujo único recurso é um avião Hornet Moth abandonado em uma igreja, um biplano tão decrépito que talvez nem consiga sair do chão.

Sumário

LIVRO
PRÓLOGO
PARTE UM
PARTE DOIS
PARTE TRÊS
PARTE QUATRO
EPÍLOGO
CONCLUSÃO
AGRADECIMENTOS

Nota: Este livro foi scanado e corrigido por Edith Suli e Josué Matias Jr.;
para uso exclusivo de deficientes visuais, de acordo com as leis de direitos autorais.

LIVRO

Parte do que se segue realmente aconteceu.

PRÓLOGO

O HOMEM DA PERNA DE PAU avançou pelo corredor do hospital.

Era um tipo baixo, vigoroso, constituição atlética, trinta anos de idade, trajando um terno cinza-escuro comum e calçando sapatos com os bicos reforçados. Andava bruscamente, mas era possível dizer que mancava, graças à ligeira irregularidade do passo: tap-tap, tap-tap. Talvez por reprimir uma emoção profunda, tinha o rosto imobilizado em uma expressão amarga.

Ele chegou ao fim do corredor e parou diante da mesa da enfermeira.

- Tenente-aviador Hoare? - perguntou.

A enfermeira consultou uma lista. Era uma garota bonita, de cabelos negros, e falava com o sotaque suave do condado de Cork.

- O senhor deve ser parente, pois não? - perguntou, com um sorriso amistoso.

Seu encanto não produziu efeito.

- Irmão - informou o visitante. - Qual é a cama?

- Última à esquerda.

Ele girou nos calcanhares e seguiu ao longo do corredor até o fim da enfermaria. Sentada em uma cadeira ao lado da cama, uma figura metida num roupão marrom estava de costas para o salão, olhando pela janela, fumando.

O visitante hesitou.

- Bart?

O homem da cadeira levantou-se e virou para trás. Tinha uma bandagem na cabeça e o braço esquerdo metido numa tipóia, mas sorria. Era uma versão mais jovem e mais alta do visitante.

- Oi, Digby.

Digby passou os braços em torno do irmão e o abraçou com força.

- Pensei que você estivesse morto - disse. E começou a chorar.

- Eu estava pilotando um Whitley.

O Armstrong Whitworth Whitley era um bombardeiro pesadão, de manejo difícil e cauda longa, que voava em uma posição estranha, com o nariz apontado para baixo. Na primavera de 1941, o Comando de Bombardeiros tinha uma centena deles em um total de cerca de setecentas aeronaves.

- Um Messerschmitt atirou em nós e fomos alvejados diversas vezes - continuou Bart. - Mas devia estar com pouco combustível, porque deu o fora sem nos liquidar.

Achei que era meu dia de sorte, mas logo começamos a perder altitude. O Messerschmitt deve ter danificado nossos dois motores. Jogamos fora tudo o que não estava aparafusado, para reduzir o peso, mas não adiantou, e vi que íamos mergulhar no mar do Norte.

Digby sentou-se na beira da cama, os olhos enxertos agora, examinando o rosto do irmão, vendo seu olhar distante, enquanto rememorava.

- Falei para a tripulação se livrar da porta de trás e tomar a posição para mergulho da aeronave no mar, agarrando-se na divisória central.

O Whitley tinha uma tripulação de cinco elementos, lembrou Digby.

- Quando atingimos altitude zero, puxei o manche e abri todos os aceleradores, mas o aparelho recusou-se a nivelar e atingimos a água com um impacto tremendo. Desmaiei.

Eles eram meio-irmãos, com oito anos de diferença. A mãe de Digby morrera quando ele tinha treze anos, e seu pai

se casara com uma viúva que tinha um filho. Desde o princípio Digby cuidara do irmão mais moço, protegendo-o dos valentões e ajudando-o com os deveres de casa. Ambos eram loucos por aviões e sonhavam em ser pilotos.

Digby perdeu a perna direita em um acidente de moto, estudou engenharia e foi trabalhar em construção de aeronaves, mas Bart viveu o sonho.

- Quando acordei, senti cheiro de fumaça. O avião flutuava e a asa direita pegava fogo. Era uma noite escura como um túmulo, mas eu podia enxergar graças à luz das chamas. Arrastei-me pela fuselagem e encontrei a bolsa de sobrevivência no mar, que continha o barco de borracha. Joguei-o pela janela dos fundos e pulei. Meu Deus, como aquela água estava gelada!

Sua voz era baixa e calma, mas ele puxava com força o cigarro, tragando a fumaça até o fundo dos pulmões e soltando-a, em um longo jato, por entre os lábios contraídos.

- Eu usava um colete salva-vidas e voltei à superfície como uma rolha. O mar estava bastante ondulado e eu subia e descia que nem calcinha de puta, mas não conseguia entrar no bote. Que, por sorte, estava bem diante do meu nariz. Puxei a cordinha e ele se encheu automaticamente. Mas não tive força para sair da água. Na hora não consegui entender o motivo - não sabia que estava com um ombro deslocado, um pulso quebrado, três costelas fraturadas e tudo mais. Assim, me limitei a ficar ali, segurando no barco, morrendo de frio.

Digby se lembrou de que em certa época achara que Bart fosse o felizardo.

- Jones e Croft acabaram aparecendo. Tinham ficado agarrados na cauda até que ela afundou. Nenhum dos dois sabia nadar, mas seus salva-vidas os resgataram e eles conseguiram pular para dentro do bote e me puxar.

Bart acendeu outro cigarro.

- Não cheguei a ver Pickering. Não sei o que lhe aconteceu, mas presumo que esteja no fundo do mar.

Ele ficou em silêncio. Digby deu-se conta de que faltava um membro da tripulação e perguntou, depois de uma pausa.

- E o quinto homem?

- John Rowley, o artilheiro, estava vivo. Ouvimos seus gritos. Eu me sentia meio tonto, mas Jones e Croft tentaram remar na direção da voz.

Ele sacudiu a cabeça em um gesto que indicava seu desalento.

- Você não pode imaginar como foi difícil. As ondas deviam ser de um metro, um metro e meio e, como as chamas estavam se apagando, não conseguíamos enxergar muita coisa. O vento uivava como um maldito demônio. Jones gritava, e olha que ele tem uma voz forte. Jones berrava, Rowley respondia, aí o bote subia pelo lado de uma onda e descia pelo outro e quando Rowley gritava de novo sua voz parecia vir de uma direção completamente diferente. Não sei por quanto tempo isso durou. Rowley continuou gritando, mas sua voz ia ficando cada vez mais fraca com todo aquele frio.

O rosto de Bart se contraiu.

- Ele começou a soar um pouco patético, chamando por Deus e pela mãe, esse tipo de besteira. Ao cabo de algum tempo, ficou em silêncio.

Digby deu-se conta de que estava prendendo o fôlego, como se o mero som de sua respiração representasse uma intrusão em uma lembrança tão pavorosa.

- Fomos encontrados logo depois do raiar do dia por um destróier em missão de patrulha. Lançaram um escalor ao mar e nos içaram para bordo.

Bart desviou o olhar para a janela, cego para a verde paisagem de Hertfordshire, vendo uma cena diferente, muito distante.

- Na verdade, uma baita sorte - disse.

Eles ficaram quietos por algum tempo.

- A incursão teve êxito? - perguntou Bart, quebrando o silêncio. - Ninguém quer me dizer quantos voltaram.
- Desastrosa - disse Digby.
- E a minha esquadrilha?
- O sargento Jenkins e sua tripulação voltaram em segurança - Digby puxou um pedaço de papel do bolso. - Da mesma forma Arasaratnam, o oficial aviador. De onde ele é?

- Ceilão.
- O avião do sargento Riley foi alvejado, mas ele conseguiu voltar.
- Irlandês de sorte - comentou Bart. - E o resto? Digby apenas sacudiu a cabeça.
- Mas havia seis aviões da minha esquadrilha nesse ataque! protestou Bart.
- Eu sei. Assim como o seu, dois outros foram derrubados. Tudo indica que sem sobreviventes.
- Então Creighton-Smith está morto. E Billy Shaw. E... Meu Deus! - ele virou a cabeça.
- Sinto muito.

O estado de espírito de Bart mudou de desespero para raiva.

- Não basta sentir muito - disse. - Nós estamos sendo enviados para a morte!
- Eu sei.
- Pelo amor de Deus, Digby, você faz parte deste maldito governo!
- Eu trabalho para o primeiro-ministro, sim - Churchill gostava de recrutar gente da indústria privada para o governo e Digby, um vitorioso projetista de aeronaves, era um de seus solucionadores de problemas.
- Então a culpa é tanto sua quanto dos outros. Você não devia estar gastando seu tempo visitando os doentes. Dê o fora daqui e faça algo a respeito.

- Estou fazendo - disse Digby, com calma. - Incumbiram-me de descobrir o que está acontecendo. Perdemos cinquenta por cento das aeronaves nessa incursão.

- Traição nos altos escalões, desconfio. Ou o imbecil de um marechal-do-ar se gabando no seu clube sobre a missão do dia seguinte, enquanto o homem do bar, nazista, toma nota de tudo atrás dos barris de chope.

- É uma possibilidade. Bart suspirou.
- Sinto muito, Diggers - disse ele, usando um apelido de infância. - A culpa não é sua, é que estou furioso.
- Falando sério, tem idéia de quantos aviões estão sendo derrubados? Você já voou mais que uma dúzia de missões.

Qual é o seu palpite?

Bart ficou pensativo.

- Eu não estava exagerando quando falei a respeito de espões. O negócio é que quando chegamos na Alemanha eles estavam esperando por nós. Sabem que estamos chegando.

- O que o faz dizer isso?
- Os caças estão no ar, à nossa espera. Você sabe como é difícil para uma força na defensiva calcular direito a hora de reagir.

A esquadrilha tem que ser espalhada no momento exato; é preciso que os caças partam de suas bases para a área onde se imagina que será o ataque. Aí eles têm que ganhar uma altitude maior que a nossa e, depois, quando tudo isso tiver sido feito, é preciso que nos encontrem no escuro. O processo todo leva tanto tempo que nós deveríamos ser capazes de soltar nossa encomenda em cima deles e dar o fora antes que nos pegassem. Só que não está acontecendo desse jeito.

Digby balançou a cabeça. A experiência de Bart era igual à dos outros pilotos que interrogara. Ia dizer alguma coisa quando Bart levantou a cabeça e sorriu por cima do ombro de Digby. Este se virou para ver um negro envergando

o uniforme de comandante de esquadrilha. Tal como Bart, era jovem para o posto, e Digby achou que devia ter recebido as promoções automáticas que vêm com a experiência de combate - tenente-aviador depois de doze surtidas e comandante de esquadrilha após quinze.

- Olá, Charles - cumprimentou Bart.
- Você nos deixou preocupados, Bartlett. Como vai?

O sotaque do recém-chegado era caribenho misturado com a fala lenta de Oxford ou Cambridge.

- Dizem que pode ser que eu sobreviva.

com a ponta do dedo, Charles tocou no dorso da mão de Bart, no ponto de onde saía da típoia. Um gesto curiosamente afetuoso, pensou Digby.

- Fico feliz em saber isso - disse Charles.

- Charles, este é meu irmão, Digby. Digby, Charles Ford. Fomos colegas em Trinity até sairmos para ingressar na Força Aérea.

- Foi a única saída para não fazermos os exames - brincou Charles, apertando a mão de Digby.
- Como os africanos estão lhe tratando? - perguntou Bart. Charles sorriu e explicou a Digby do que se tratava.
- Tem uma esquadrilha de rodesianos na nossa base. São pilotos de primeira classe, mas têm dificuldade de lidar com um oficial da minha cor. Nós os chamamos de africanos, o que parece irritá-los um pouco. Não consigo imaginar o motivo.

- Evidentemente você não está permitindo que isto o abata disse Digby.

- Acredito que com paciência e melhor educação conseguiremos um dia civilizar essa gente, por mais primitivos que pareçam ser.

Charles desviou os olhos e Digby vislumbrou a raiva que se escondia sob seu bom humor.

- Acabei de perguntar a Bart por que motivo ele pensa que estamos perdendo tantos bombardeiros - disse Digby. - Qual é a sua opinião?

- Não fui nessa incursão - disse Charles. - O que, pelo que sabemos agora, foi uma sorte. Mas outras operações recentes têm sido bastante ruins. A impressão que tenho é que a Luftwaffe é capaz de nos seguir por entre as nuvens. Será possível que eles tenham algum tipo de instrumento a bordo que os capacite a nos encontrar mesmo quando não estamos visíveis?

Digby sacudiu a cabeça.

- Cada aeronave inimiga derrubada é examinada minuciosamente e nunca vimos nada como isso de que você está falando. Trabalhamos duro para inventar esse tipo de instrumento, e, sem a menor dúvida, o inimigo também se esforça no mesmo sentido, mas estamos muito longe do sucesso. Quanto ao inimigo, temos convicção de que se encontra bem atrás de nós. Não creio que seja isso.

- Bem, é o que parece.

- Eu ainda penso que sejam espíões - disse Bart.

- Interessante - Digby levantou-se. - Tenho que voltar para Whitehall. Muito obrigado por suas opiniões. Sempre ajuda conversar com os homens situados na ponta mais difícil.

Ele apertou a mão de Charles e tocou no ombro bom de Bart.

- Vê se repousa e melhora logo.
- Dizem que estarei voando de novo em poucas semanas.
- Não posso dizer que isto me alegre.

Quando Digby virou-se para ir embora, Charles dirigiu-se a ele.

- Posso lhe fazer uma pergunta?

- Naturalmente.
- Numa incursão como esta, o custo para substituírmos as aeronaves perdidas deve ser maior que o custo para o inimigo reparar os danos causados por nossas bombas.
- Indubitavelmente.
- Então... - Charles levantou os braços em sinal de incompreensão. - Então por que fazemos isso? De que adianta bombardear?

- Sim - disse Bart. - Eu também quero saber.
- O que mais podemos fazer? - indagou Digby. - Os nazistas controlam a Europa: Áustria, Tcheco-Eslováquia, Holanda, Bélgica, França, Dinamarca e Noruega. A Itália é aliada, a Espanha é simpática, a Suécia é neutra e eles têm um pacto com a União Soviética. Não temos forças militares no continente. Não temos outro modo de reagir.

Charles aquiesceu.

- Quer dizer então que nós somos tudo o que vocês têm.
- Exatamente - concordou Digby. - Se o bombardeio acabar, a guerra termina e Hitler sai vitorioso.

O primeiro-ministro estava assistindo a um filme chamado O falcão maltês. Um cinema privado fora construído recentemente na antiga cozinha da sede do Almirantado.

Tinha cinquenta ou sessenta poltronas luxuosas e uma cortina de veludo vermelho, mas era geralmente usado para mostrar filmes de incursões aéreas das áreas bombardeadas e para projetar peças de propaganda antes de serem mostradas ao público.

Tarde da noite, depois de todos os memorandos serem ditados, cabogramas expedidos, relatórios anotados e minutas rubricadas, quando se sentia preocupado, furioso e tenso demais para dormir, Churchill se sentava com um copo de brandy em uma das amplas poltronas VIP da fileira da frente e se deixava levar pelos últimos encantamentos de Hollywood.

Quando Digby entrou, Humphrey Bogart estava explicando a Mary Astor que quando o parceiro de um homem é morto, espera-se que esse homem tome alguma providência.

O ar estava denso de fumaça de charuto. Churchill apontou para uma poltrona. Digby sentou-se e assistiu aos últimos minutos do filme. Quando os créditos apareceram sobre a estatueta de um falcão negro, Digby disse a seu chefe que a Luftwaffe parecia ser avisada com antecedência das incursões do Comando de Bombardeiros.

Quando ele terminou, Churchill ficou olhando fixamente para a tela por alguns momentos, sem nada dizer. Havia ocasiões em que ele era encantador, com um sorriso envolvente nos lábios e um brilho cintilante nos olhos azuis, mas naquela noite parecia mergulhado em tristeza. Até que por fim perguntou:

- O que a RAF acha?
- A RAF culpa as más formações de vôo. Em teoria, se os bombardeiros voassem em formação cerrada, seus armamentos deveriam cobrir todo o céu, de maneira que qualquer caça inimigo que aparecesse deveria ser abatido imediatamente.

- E o que você diz disso?
- Bobagem. Formação de vôo nunca funcionou. Algum fator novo entrou na equação.
- Concordo. Mas o quê?
- Meu irmão culpa os espíões.
- Todos os espíões que pegamos eram amadorísticos, mas exatamente por isso foram apanhados. Pode ser que os competentes tenham escapado.
- Talvez os alemães tenham conseguido um avanço técnico.

- O Serviço Secreto me diz que o inimigo está muito atrás de nós no desenvolvimento do radar.
- O senhor confia na opinião do Serviço Secreto? -Não.

As luzes do teto foram acesas. Churchill vestia traje a rigor. Ele sempre parecia dinâmico, mas seu rosto estava vincado de cansaço. Pegou no bolso do colete uma folha dobrada de papel fino.

- Aqui está uma pista - disse, entregando o papel a Digby.

Digby examinou a folha de papel. Parecia ser o texto decifrado de uma mensagem da Luftwaffe, em alemão e inglês. Dizia que a nova estratégia da Luftwaffe de combate noturno - Dunkle Nachtjagd - obtivera um grande triunfo, graças à excelente informação da Freya. Digby leu a mensagem em inglês e depois releu em alemão. "Freya" não era uma palavra em nenhuma das duas línguas.

- O que isto significa?
- É o que eu quero que você descubra - Churchill pôs-se de pé e vestiu o paletó. - Acompanhe-me.

Na saída, ele se virou para a cabine de projeção.

- Muito obrigado! - agradeceu.
- Não foi nada, senhor - respondeu o operador. Enquanto atravessavam o prédio, dois homens passaram a segui-los: o inspetor Thompson, da Scotland Yard, e o guardacostas particular de Churchill. Saíram em um campo de parada, passaram por uma equipe que armava um balão de barragem e chegaram à rua através de passagem na cerca de arame farpado. Londres estava às escuras por causa do blecaute, mas a lua em quarto crescente proporcionava claridade suficiente para que encontrassem seu caminho.

Lado a lado, Churchill e Digby andaram alguns metros pela Horse Guards Road e o Storey's Gate até o número um. Uma bomba danificara a parte de trás do número dez da Downing Street, a residência tradicional do primeiro-ministro, por isso Churchill estava morando perto, em um anexo integrante do complexo subterrâneo conhecido como Cabinet War Rooms [Sala de Guerra do Gabinete]. A entrada era protegida por uma parede à prova de bombas. O cano de uma metralhadora aparecia através de um buraco na parede.

- Boa-noite, senhor - despediu-se Digby.
- Não pode continuar assim - disse Churchill. - Neste ritmo, o Comando de Bombardeiros não existirá mais no Natal. Preciso saber o que ou quem é Freya.
- Descobrirei.
- com o máximo de rapidez.
- Sim, senhor.
- Boa-noite - despediu-se o primeiro-ministro.

PARTE UM

NO ÚLTIMO DIA DE MAIO DE 1941, um estranho veículo foi visto nas ruas de Morlunde, uma cidade da costa ocidental da Dinamarca.

Era uma motocicleta Nimbus, dinamarquesa, com sidecar. O que, por si só, já seria uma visão rara, pois não havia gasolina para ninguém, exceto médicos, policiais e, é claro, as tropas alemãs que ocupavam o país. Mas aquela Nimbus tinha sido modificada. O motor a gasolina de quatro cilindros fora substituído por um motor a vapor tirado de uma lancha fluvial. O banco do sidecar fora removido para dar lugar a uma caldeira, uma fornalha e uma chaminé. O motor substituto tinha pouca força e a velocidade máxima da moto era de cerca de trinta e cinco quilômetros por hora. Em vez do costumeiro ronco do escape de uma moto, naquela só havia o delicado silvo do vapor. O silêncio estranho e o ritmo lento davam ao veículo um ar majestoso.

Quem ocupava o selim era Harald Olufsen, um jovem de dezoito anos alto e louro, com o cabelo penteado para trás e testa larga. Harald parecia um viking vestindo um blazer escolar. Tinha economizado durante um ano para comprar a Nimbus, que lhe custara seiscentas coroas. Só que, um dia depois de comprá-la, os alemães haviam imposto as restrições de combustível.

Harald ficara furioso. Que direito tinham de fazer aquilo? Mas decidira agir, ao invés de se queixar.

Fora preciso um outro ano para modificar a moto, trabalhando nos feriados escolares, revezando a atividade mecânica com os estudos necessários para seu exame de ingresso na universidade. Hoje, saindo do internato para passar o feriado de Pentecostes com a família, passara a manhã memorizando equações de física e a tarde prendendo a roda dentada de um cortador de grama enferrujado na roda de trás. Agora, com a motocicleta funcionando perfeitamente, encaminhava-se para um bar onde esperava ouvir um pouco de jazz e talvez conhecer algumas garotas.

Ele amava jazz. Depois da física era a coisa mais interessante que lhe acontecera. Os músicos americanos eram os melhores, claro, mas valia a pena ouvir até mesmo seus imitadores dinamarqueses. Às vezes era possível ouvir bom jazz em Morlunde, talvez porque fosse um porto internacional, visitado por marinheiros de todo o mundo.

Mas quando Harald chegou no clube Hot, no coração do distrito portuário, sua porta estava fechada e as janelas cerradas.

Ele ficou espantado. Eram oito horas de uma noite de sábado e aquele era um dos pontos mais populares da cidade. Devia estar sacudindo ao ritmo da música.

Harald ficou sentado, olhando fixamente para o prédio silencioso. Um transeunte parou, interessado na moto.

- O que é essa engenhoca?
- Uma Nimbus a vapor. Sabe de alguma coisa a respeito do clube?
- Sou o dono dele. O que a moto usa como combustível?
- Qualquer coisa que queime. Eu uso turfa - ele apontou para a pilha na parte de trás do sidecar.
- Turfa? - o homem riu.
- Por que as portas estão fechadas?
- Os nazistas mandaram fechar. Harald ficou desolado.
- Por quê?
- Por empregar músicos negros.

Harald nunca vira um músico negro em carne e osso, mas sabia pelos discos que eram os melhores.

- Os nazistas são porcos ignorantes - disse, furioso. Sua noite tinha sido arruinada.

O dono do clube olhou para os dois lados da rua a fim de se assegurar de que ninguém tinha ouvido. Os alemães tinham ocupado a Dinamarca, mas a governavam com mão leve. Assim mesmo algumas pessoas insultavam

abertamente os nazistas. Não havia, contudo, ninguém à vista. Ele concentrou a atenção de novo na motocicleta.

- Funciona?
- Claro que funciona.
- Quem fez a conversão para você?
- Eu mesmo fiz a conversão.

A diversão do homem estava se transformando em admiração.

- Muito esperto.
- Obrigado.

Harald abriu a válvula que admitia vapor dentro do motor.

- Sinto pelo que aconteceu com o seu clube.
- Espero que eles me deixem abrir de novo dentro de poucas semanas. Mas terei que prometer só empregar músicos brancos.

- Jazz sem negros? - Harald sacudiu a cabeça, enojado. - Mesma coisa que banir os cozinheiros franceses dos restaurantes.

Ele tirou o pé do freio e a moto deslocou-se lentamente.

Pensou em ir ao Centro da cidade, para ver se conhecia alguém nos cafés e bares em torno da praça, mas sentia-se tão desapontado com o que acontecera com o clube de jazz que decidiu que seria deprimente permanecer por ali. Harald seguiu para o porto.

Seu pai era pastor da igreja de Sande, uma ilhota situada a três quilômetros do litoral. A pequena barca que fazia o transporte de e para a ilha estava atracada, e ele seguiu direto para ela. A barca estava cheia, e ele conhecia a maioria das pessoas que viu. Um grupo alegre de pescadores que tinham participado de um jogo de futebol e que tomaram umas e outras depois; duas mulheres ricas, de chapéu e luvas, com uma pilha de compras e uma carruagem de duas rodas puxada por um pônei;

uma família de cinco pessoas que estivera visitando amigos na cidade. O casal bem-vestido, que ele não reconheceu, provavelmente ia jantar no hotel da ilha, cujo restaurante era de alta classe. Sua motocicleta atraía a atenção de todos e ele teve que dar explicações sobre o motor mais uma vez.

No último minuto apareceu um seda Ford construído na Alemanha. Harald conhecia o carro, que pertencia a Axel Flemming, proprietário do hotel da ilha. Os Flemming eram hostis à família de Harald. Axel Flemming achava que era o líder natural da comunidade da ilha, um papel que o pastor Olufsen acreditava lhe pertencer, e a fricção entre os patriarcas rivais afetava todos os outros membros das famílias. Harald gostaria de saber como Flemming conseguira combustível para o seu carro.

Provavelmente tudo era possível para os ricos.

O mar estava agitado e havia nuvens escuras no céu ocidental. Uma tempestade estava a caminho, mas os pescadores disseram que estariam em casa antes dela chegar, bem a tempo. Harald abriu o jornal que pegara na cidade. Intitulado Realidade, era uma publicação ilegal, impressa a despeito das ordens do governo de ocupação e distribuído gratuitamente. A polícia dinamarquesa não tentara reprimir sua circulação e os alemães pareciam achar que não merecia atenção. Em Copenhague, todo mundo o lia abertamente nos trens e nos bondes. Ali as pessoas eram mais discretas e Harald o dobrou para esconder a manchete, enquanto lia uma reportagem sobre a falta de manteiga. A Dinamarca produzia toneladas de manteiga todos os anos, mas quase tudo agora ia para a Alemanha, e os dinamarqueses tinham dificuldade para conseguir um pouco que fosse. Esta era o tipo da matéria que nunca aparecia na imprensa censurada.

A familiar forma chata da ilha aproximou-se. Tinha vinte quilômetros de comprimento e dois de largura, com uma

aldeia em cada ponta. As casas dos pescadores e a igreja com seu presbitério constituíam a aldeia mais antiga, na ponta sul. Também na ponta sul ficava uma escola de navegação, havia muito tempo abandonada, que fora tomada pelos alemães e transformada em base militar. O hotel e as casas maiores ficavam na ponta norte. Entre uma e outra, a ilha era constituída principalmente de dunas de areia e mato ralo, com poucas árvores e sem elevações, mas, acompanhando toda a orla, uma praia magnífica estendia-se por cerca de dezesseis quilômetros.

Harald sentiu cair umas gotas de chuva quando a barca se aproximou do cais na ponta norte da ilha. A carruagem do hotel aguardava o casal bem-vestido. Os pescadores foram recepcionados pela mulher de um deles, conduzindo uma carroça. Harald decidiu atravessar a ilha e ir para casa pela praia, com sua areia compactada (que, na verdade, já fora usada para testes de velocidade de carros de corrida).

Estava a meio caminho entre o cais e o hotel quando ficou sem vapor. Harald usava o tanque de combustível da moto como reserva de água e concluía agora que ele não era suficientemente grande. Teria que ter um tambor de óleo de vinte litros no sidecar. Até lá, precisava de água para chegar em casa.

Havia apenas uma casa à vista, e, infelizmente, era a de Axel Flemming. A despeito da rivalidade, os Olufsen e os Flemming se davam: todos os membros da família Flemming iam à igreja aos domingos e se sentavam na frente, juntos. Na verdade, Axel era diácono. Mesmo assim, Harald não se deleitava com a idéia de ter de pedir ajuda aos Flemming. Chegou a pensar em caminhar quinhentos metros até a casa mais próxima, mas concluiu que seria tolice. com um suspiro, começou a andar.

Em vez de bater na porta da frente, ele contornou a casa e dirigiu-se aos estábulos. Ficou satisfeito quando viu um criado guardando o Ford na garagem.

- Olá, Gunnar - disse Harald. - Posso usar um pouco de água? O homem foi amável.
- Sirva-se à vontade - disse. - Há uma torneira no jardim. Harald encontrou um balde perto da torneira e o encheu.

Depois voltou à estrada e encheu o tanque de água. Talvez conseguisse evitar algum membro da família. Mas quando foi levar o balde para o jardim, lá estava Peter Flemming.

Alto, insolente, trinta anos de idade, vestindo um terno de tweed claro bem cortado. Peter era filho de Axel. Antes da briga entre as duas famílias, fora muito amigo de Arne, irmão de Harald. Na adolescência, os dois tinham sido conhecidos como grandes conquistadores. Arne seduzia as garotas com seu charme malicioso e Peter com sua sofisticação indiferente. Peter agora morava em Copenhague, mas devia ter vindo visitar a família no feriado.

Peter estava lendo o Realidade. Levantou os olhos do jornal para ver Harald.

- O que você está fazendo aqui? - perguntou.
- Olá, Peter, vim pegar um pouco de água.
- Suponho que este lixo aqui seja seu?

Harald tocou no bolso e constatou, pesaroso, que o jornal devia ter caído no chão quando se abaixara para pegar o balde. Peter viu o movimento e percebeu seu significado.

- Obviamente é seu - disse. - Você sabe que pode ir para a cadeia só por ter uma coisa dessas em seu poder?

A conversa de cadeia não era uma ameaça vazia. Peter era detetive da polícia.

- Todo mundo lê na cidade - disse Harald, tentando soar desafiador. Na verdade sentia-se um pouco amedrontado. Peter era mau caráter o bastante para prendê-lo.

- Não estamos em Copenhague - recitou Peter solenemente. Harald sabia que Peter adoraria a oportunidade de prejudicar um Olufsen. No entanto, estava hesitando, e Harald achou que sabia o motivo.

- Você vai fazer papel de bobo se prender um estudante em Sande por fazer algo que metade da população faz abertamente. Em especial quando todo o mundo sabe que você guarda ressentimento do meu pai.

Peter ficou visivelmente dividido entre a vontade de humilhar Harald e o medo de fazer papel ridículo.

- Ninguém tem o direito de violar a lei - disse ele.
- Que lei, nossa ou dos alemães?
- A lei é a lei.

Harald sentiu-se mais confiante. Peter não estaria argumentando de forma tão defensiva se tencionasse fazer uma prisão.

- Você diz isso porque o seu pai ganha muito dinheiro dando boa vida aos nazistas no hotel.

Esta acertou em cheio. O hotel era muito popular com os oficiais alemães, que tinham mais dinheiro para gastar que os dinamarqueses. Peter ficou vermelho de raiva.

- Enquanto seu pai faz sermões provocativos - retorquiu. Era verdade - o pastor tinha pregado contra os nazistas, o tema do sermão sendo "Jesus era judeu".

- Ele tem idéia do problema que vai haver se ele levantar a população?
- com certeza que sim. O fundador da religião cristã também era criador de casos.
- Não me fale sobre religião. Tenho que manter a ordem aqui na Terra, e não no céu.
- Ao diabo com a ordem, fomos invadidos! - a frustração de Harald por causa da noite malograda atingiu o ponto de ebulição.

- Que direito têm os nazistas de nos dizer o que fazer? O que devíamos fazer era chutar essa cambada para fora da nossa terra!

- Você não devia odiar os alemães, eles são nossos amigos disse Peter, com um ar de pia superioridade moral que enfureceu Harald.

- Eu não odeio os alemães, seu idiota, tenho primos alemães. A irmã do pastor tinha desposado um dentista de Hamburgo, jovem e bem-sucedido, que viera passar umas férias em Sande, na década de 1920. Monika, a filha deles, foi a primeira garota que Harald beijou.

- Eles sofreram mais com os nazistas que nós - acrescentou Harald.

Tio Joachim era judeu e, embora tivesse sido batizado como cristão e desempenhasse funções importantes na sua igreja, os nazistas disseram que ele só podia tratar de judeus, arruinando, assim, sua clínica. Um ano atrás fora preso, sob a suspeita de esconder ouro, e mandado para um tipo de prisão especial chamada Konzentrationslager, na pequena cidade bávara de Dachau.

- As pessoas criam seus próprios problemas - disse Peter, com um ar de imensa sabedoria. - Seu pai nunca deveria ter permitido que a irmã se casasse com um judeu.

Ele atirou o jornal no chão e afastou-se.

A princípio Harald ficou espantado demais para dizer qualquer coisa. Inclinou-se e apanhou o jornal. Só então respondeu, voltado para as costas de Peter, já distanciado alguns passos.

- Você está começando a falar como um nazista! Ignorando-o, Peter desapareceu na entrada da cozinha e bateu com a porta.

Harald sentiu que perdera a discussão, o que era exasperador, porque sabia que Peter tinha dito uma coisa ultrajante.

Começou a chover fortemente quando ele voltou para a estrada. Ao chegar na moto, descobriu que o fogo da caldeira tinha se apagado.

Tentou acendê-lo de novo. Tinha o Realidade e uma caixa de fósforos de madeira de boa qualidade, o que sempre ajudava. Mas não trouxera o fole que usara para acender o fogo ao sair de casa. Depois de vinte minutos frustrantes na chuva, desistiu. Teria que voltar para casa a pé.

Virou para cima a lapela do blazer.

Empurrou a moto uns quinhentos metros até o hotel, deixou na pequena área de estacionamento e saiu andando pela praia. Naquela época do ano, a três semanas do solstício de verão, só escurecia lá pelas onze horas, mas com o céu nublado e a chuva que caía, a visibilidade ficava mais restrita. Harald seguiu a orla das dunas, orientando-se pelo barulho do mar no ouvido direito. Pouco tempo depois suas roupas estavam tão encharcadas que poderia ter ido nadando para casa sem se molhar mais.

Harald era um rapaz forte e em tão boa forma quanto um galgo de corrida, mas duas horas depois estava cansado, gelado e todo doído quando esbarrou na cerca que delimitava o perímetro da nova base alemã, e deu-se conta de que teria que caminhar cinco mil metros para contorná-la e chegar em casa, distante a umas poucas centenas de metros.

Se a maré estivesse baixa, teria continuado pela praia, pois, embora aquele trecho fosse oficialmente fora dos limites, os guardas não seriam capazes de vê-lo em uma noite tão escura. No entanto, a maré estava alta e a cerca ficava mergulhada na água. Passou pela sua cabeça nadar aquele último trecho, mas desistiu imediatamente da idéia. Como todo mundo pertencente a uma comunidade de pescadores, Harald tinha um respeito desconfiado pelo mar e sabia o perigo que representava nadar de noite com aquele tempo, exausto como estava. Mas podia galgar a cerca.

A chuva tinha diminuído e a lua em quarto crescente aparecia por entre as nuvens velozes, banhando intermitentemente com sua luz incerta a paisagem alagada. Harald podia ver a cerca de tela de arame com um metro e oitenta de altura encimada por dois fios de arame farpado, bastante difícil, mas que não chegava a ser grande obstáculo para uma pessoa determinada e em boa forma física. Cinquenta metros para dentro, a cerca passava através de um bosque de árvores muradas e arbustos que a escondiam.

Era por ali que tinha que passar.

Sabia o que encontrar do outro lado da cerca. No último verão trabalhara ali, como operário na obra que, naquele tempo, nem imaginava que estivesse destinada a ser uma base militar. Os construtores, uma firma de Copenhague, tinham dito a todo mundo que ali funcionaria uma nova estação da guarda costeira. Talvez encontrassem problemas para recrutar trabalhadores se tivessem falado a verdade - Harald, por exemplo, se soubesse, não trabalharia para os nazistas. Depois, quando os prédios foram edificadas e a cerca instalada, todos os dinamarqueses foram demitidos. Alemães vieram instalar o equipamento. Mas Harald conhecia a disposição dos prédios. A antiga escola de navegação fora reformada e dois prédios novos foram construídos, um de cada lado. Todas as edificações eram recuadas em relação à praia, portanto podia atravessar a base sem se aproximar delas. Além do mais, grande parte do terreno daquele lado estava coberta de arbustos baixos que ajudariam a escondê-lo. Só teria que ficar de olho nos guardas que patrulhavam a instalação.

Correu até o bosque, galgou a cerca, transpôs cuidadosamente os dois fios de arame farpado e saltou do outro lado, aterrissando suavemente na areia molhada. Olhou em torno, numa tentativa de enxergar através da escuridão, e viu apenas o vago vulto das árvores. Mesmo sem distinguir os prédios, podia ouvir música ao longe, assim como, ocasionalmente, uma explosão de risos. Era noite de sábado e talvez os soldados estivessem tomando umas cervejas, enquanto os oficiais jantavam no hotel de Axel Flemming.

Ele atravessou a base. No luar intermitente movia-se tão depressa quanto achava possível arriscar-se, permanecendo perto da vegetação tanto quanto podia, orientando-se pelas ondas à direita e pela música indistinta à esquerda. Passou por uma estrutura alta que reconheceu, na escuridão, como a torre do farol. Toda a área podia ser iluminada em uma emergência, mas de outro modo a base ficava em blecaute.

Uma súbita explosão de som à sua esquerda o assustou e ele agachou-se, com o coração batendo mais depressa. Olhou na direção dos edifícios. Uma porta abriu-se, deixando escapar um jorro de luz. Enquanto olhava, um soldado saiu correndo. Outra porta abriu-se em um prédio diferente e o soldado correu para ela.

O coração de Harald bateu mais calmo.

Ele passou através de um renque de coníferas e mergulhou num declive do terreno. Quando chegou na parte mais baixa, viu uma estrutura diferente em meio à escuridão.

Não foi capaz de distingui-la claramente, mas não conseguiu se lembrar de nada que houvesse sido construído naquele lugar. Aproximando-se mais, viu uma parede de concreto recurvada mais ou menos da altura da sua cabeça. Acima da parede alguma coisa se movia e ele ouviu um zumbido baixo, como de um motor elétrico.

Aquilo devia ter sido construído pelos alemães depois que os trabalhadores locais foram dispensados. Harald gostaria de saber por que nunca vira aquela estrutura de fora da cerca, e logo concluiu que as árvores e a depressão do terreno a esconderiam de praticamente todos os pontos de observação, exceto talvez da praia - que era de acesso proibido depois de se passar pela base.

Quando levantou a cabeça e tentou distinguir os detalhes, a chuva caiu no seu rosto e fez arder seus olhos. Mas ele era curioso demais para desistir. Por um momento a lua clareou a cena e Harald tentou de novo, apertando os olhos. Acima da parede circular conseguiu distinguir uma grade de metal ou arame, como um colchão enorme, três metros e meio de um lado. Toda a engenhoca rodava como um carrossel, completando uma revolução a cada poucos segundos.

Harald ficou fascinado. Era uma máquina de um tipo que nunca vira antes, e o engenheiro que havia nele deixou-se enfeitiçar. O que ela fazia? Por que girava? O barulho não queria dizer nada - era apenas o motor que acionava a coisa. com certeza não se tratava de uma arma, pelo menos não do tipo convencional, pois não tinha cano.

Seu melhor palpite era de que tivesse qualquer coisa a ver com rádio.

Alguém tossiu por perto.

Harald reagiu instintivamente. Deu um pulo, passou os braços por cima da beirada da parede e levantou o corpo. Deixou-se ficar por um segundo na estreita superfície superior da parede, sentindo-se perigosamente visível, e passou para o lado de dentro. Teve medo de pisar em algum mecanismo em movimento, embora tivesse quase certeza de que haveria um passadiço em torno do mecanismo para permitir que os engenheiros fizessem a manutenção e, após um momento tenso, tocou num piso de concreto. O zumbido ali era mais alto e dava para perceber o cheiro de óleo de motor. Sentiu na língua o gosto peculiar da eletricidade estática.

Quem tossira? Presumiu ter sido uma sentinela que estivesse passando por perto, cujas passadas certamente foram abafadas pelo vento e pela chuva. Por sorte, o vento e a chuva abafaram também o barulho que Harald fizera para escalar o muro. Mas a sentinela o teria visto?

Achatou-se de encontro ao interior recurvado da parede, respirando fundo, esperando que a qualquer momento o facho de uma lanterna poderosa o denunciasse. O que aconteceria se fosse apanhado? Os alemães eram amáveis, ali no interior. A maioria não andava se pavoneando como conquistadores e chegava inclusive a parecer quase envergonhada por estar no comando. Provavelmente o entregariam à polícia dinamarquesa. Quanto a esta, ele não tinha certeza da linha de ação que adotaria. Se Peter Flemming fizesse parte da força local, faria de tudo para se assegurar de que Harald sofresse o máximo possível, mas por sorte ele estava baseado em Copenhague.

O que Harald temia, mais que qualquer punição oficial, era a ira de seu pai. Já podia ouvir o interrogatório sarcástico do pastor: "Você pulou a cerca? E entrou numa área militar secreta? À noite? E usou isso como um atalho para voltar para casa? Por que estava chovendo?"

Mas nenhuma luz foi acesa em cima de Harald. Esperou, e enquanto esperava, olhou fixamente para a silhueta escura do aparelho que tinha à sua frente. Achou ter visto cabos pesados saindo da parte inferior da grade e desaparecendo na outra extremidade da cavidade. Aquilo tinha que ser um meio de enviar ou receber sinais de rádio, pensou.

Quando se passaram alguns minutos, ele teve certeza de que o guarda se afastara. Escalou a parede e tentou enxergar através da chuva. De cada lado da estrutura conseguiu ver duas formas escuras menores, mas eram estáticas,

e só podiam fazer parte da máquina. Nenhuma sentinela era visível. Deslizou para a parte externa da parede e saiu andando outra vez pelas dunas.

Em um momento de maior escuridão, quando a lua escondeuse atrás de uma nuvem grossa, ele deu de cara numa parede de madeira. Chocado e momentaneamente assustado, praguejou baixinho. Um segundo depois percebeu que tinha esbarrado na parede de uma velha casa de barcos usada antigamente pela escola de navegação. Estava abandonada, e os alemães não a tinham reparado, aparentemente por não terem uso para ela. Ficou imóvel por um instante, ouvindo, mas só conseguiu ouvir seu coração batendo.

Seguiu em frente.

Chegou na cerca sem mais incidentes. Galgou-a e foi para casa.

Primeiro dirigiu-se à igreja. A longa fileira de pequenas janelas quadradas do lado do mar deixava passar luz. Espantado por encontrar alguém dentro da igreja naquela hora da noite de um sábado, deu uma olhada no seu interior.

A igreja era comprida e de teto baixo. Em ocasiões especiais, podia abrigar os quatrocentos residentes da ilha, mas na conta certa. As fileiras de bancos se defrontavam com um púlpito de madeira. Não havia altar. As paredes eram nuas, exceto por alguns textos emoldurados.

Os dinamarqueses não eram dogmáticos em questões de religião e a maioria da nação seguia o luteranismo evangélico. Os pescadores de Sande, contudo, tinham sido convertidos, uma centena de anos atrás, a um credo mais rigoroso. E nos últimos trinta anos o pai de Harald conservara acesa a fé do seu rebanho, dando, com sua própria vida, um exemplo de puritanismo sem compromisso, enrijecendo a determinação de seus fiéis em sermões semanais de retórica apaixonada e confrontando pessoalmente os apóstatas com a irresistível santidade de seus olhos azuis. A despeito do exemplo dessa convicção ardorosa, seu filho não era um crente. Harald comparecia aos serviços religiosos sempre que se encontrava em casa, não querendo magoar os sentimentos do pai, mas em seu coração discordava. Ainda não tinha se decidido a respeito de religião, de um modo geral, mas sabia que não acreditava em um Deus de regras menores e punições vingativas.

Enquanto olhava pela janela, Harald ouviu música. Seu irmão, Arne, estava ao piano, tocando uma melodia de jazz com um estilo muito delicado. Harald sorriu de prazer.

Arne viera passar o feriado em casa. Ele era divertido e sofisticado e animaria o comprido feriado na residência do pastor.

Harald deu a volta e entrou. Sem olhar para trás, e sem se interromper, Arne mudou a música para um hino religioso. Harald riu. Arne ouvira a porta se abrindo e pensara que fosse o pai. O pastor não aprovava o jazz e certamente não permitiria que fosse tocado em sua igreja.

- Sou eu - avisou Harald.

Arne virou-se. Estava usando o uniforme marrom do Exército. Dez anos mais velho que Harald, era instrutor de vôo da aviação do Exército, com base na escola de pilotos perto de Copenhague.

Os alemães tinham interrompido toda atividade militar dinamarquesa e as aeronaves ficavam em terra a maior parte do tempo, mas os instrutores podiam dar aulas em planadores.

- Vendo você com o canto do olho, achei que era o velho. Arne avaliou Harald de cima a baixo, afetuosamente.
- Você está cada vez mais parecido com ele.
- Isso quer dizer que Vou ser careca?
- Provavelmente.
- E você?
- Acho que não. Saí à mamãe.

Era verdade. Arne tinha o cabelo grosso e escuro e olhos cor de avelã. Harald era louro, como o pai, e, além dos

olhos azuis, também herdara o olhar penetrante com que o pastor intimidava seu rebanho. Tanto Harald quanto o pai eram formidavelmente altos, fazendo com que Arne parecesse baixo com o seu um metro e oitenta.

- Tenho algo para você ouvir - disse Harald. Arne levantouse e Harald sentou-se ao piano. - Apreendi com um disco que levaram para a escola. Você conhece Mads Kirke?

- É primo do meu colega Poul.

- Exato. Ele descobriu um pianista americano chamado Clarence Pine Top Smith - Harald hesitou. - O que o velho está fazendo?

- Escrevendo o sermão de amanhã.

- Ótimo.

O piano não podia ser ouvido da casa, a cinqüenta metros de distância, e era improvável que o pastor interrompesse seus preparativos e desse uma incerta na igreja, especialmente com aquela chuva. Harald começou a tocar "Pine Top's Boogie-Woogie" e o salão da igreja encheu-se das harmonias sensuais do Sul dos Estados Unidos.

Ele era um pianista entusiasmado, embora sua mãe dissesse que tinha a mão pesada. Como não conseguiu ficar quieto para tocar, levantou-se, chutou o banco para trás, derrubando-o, e passou a tocar em pé, inclinando o corpo comprido sobre o teclado. Deste modo ele cometia mais erros, mas que não pareciam ter importância, desde que mantivesse o ritmo compulsivo. Quando martelou o último acorde, disse, em inglês "É disso que estou falando!", exatamente como Pine Top dizia no disco.

Arneriu. - Nada mau!

- Você devia ouvir o original.

- Vamos até a varanda. Quero fumar.

- O velho não vai gostar.

- Estou com vinte e oito anos - disse Arne. - Velho demais para que meu pai diga o que devo fazer.

- Eu concordo. Mas e ele?

- Você tem medo dele?

- Claro! Assim como mamãe e como praticamente todas as outras pessoas desta ilha - inclusive você.

Arne sorriu.

- Está bem, mas talvez só um pouco.

Os dois irmãos colocaram-se do lado de fora da porta da igreja, protegidos da chuva por um pequeno pórtico. Na outra ponta de uma faixa de terreno arenoso podiam ver a silhueta escura da residência destinada ao pastor. A luz brilhava através da janelinha, em forma de losango, da porta da cozinha. Arne pegou seus cigarros.

- Teve notícias de Hermia? - perguntou Harald. Arne estava noivo de uma inglesa que não via há bem mais de um ano, desde que os alemães tinham ocupado a Dinamarca.

Arne sacudiu a cabeça.

- Tentei escrever para ela. Descobri o endereço do consulado inglês em Gotemburgo - os dinamarqueses eram autorizados a escrever para a Suécia, que era neutra.

- Enderecei para ela, sem mencionar o consulado no envelope. Achei que tinha sido muito esperto, mas os censores não são enganados tão facilmente. Meu comandante trouxe a carta de volta e disse que se eu tentasse algo assim de novo seria levado à corte marcial.

Harald gostava de Hermia. Algumas das namoradas de Arne tinham sido, bem, louras burras, mas Hermia tinha cérebro e coragem. Assustava um pouco no começo, com sua aparência dramática e seu jeito direto de falar, mas conquistara a afeição de Harald por tratá-lo como homem, e não como irmão mais moço de Arne. Além do mais, era sensacionalmente voluptuosa vestindo um maiô.

- Você ainda quer se casar com ela?
- Por Deus, sim, se ela ainda estiver viva. Pode ter sido morta por uma bomba em Londres.
- Deve ser duro não saber.

Arne concordou, balançando a cabeça, e disse:

- E você? Alguma novidade? Harald deu de ombros.
- Garotas da minha idade não se interessam por estudantes.

O tom com que disse isto foi leve, mas estava escondendo o ressentimento que sentia. Tinha sofrido duas rejeições bem sofridas.

- Suponho que queiram sair com um cara que possa gastar algum dinheiro com elas.
- Exatamente. E garotas mais jovens... Conheci uma garota na Páscoa, Birgit Claussen.
- Claussen? A família de construtores navais de Morlunde?
- Isso mesmo. Ela é bonita, mas só tem dezesseis anos e é muito chata para se conversar.
- Ainda bem. A família dela é católica. O velho não aprovaria.
- Eu sei - Harald franziu a testa. - Mas ele é estranho. Na Páscoa pregou sobre a tolerância.
- Ele é tão tolerante quanto Vlad, o Empalador - Arne jogou fora o resto do cigarro. - Vamos lá, falar com o velho

firano.

- Antes de irmos...
- O quê?
- Como vão as coisas no Exército?
- Mal. Não podemos defender nosso país, e a maior parte do tempo não tenho autorização para voar.
- Quanto tempo isto vai continuar assim?
- Quem sabe? Para sempre, talvez. Os alemães conquistaram tudo. Não há oposição, salvo os ingleses, que, mesmo

assim, estão por um fio.

Harald baixou a voz, embora não houvesse quem pudesse escutá-lo.

- Certamente alguém em Copenhague deve estar dando início a um movimento de resistência?

Arne deu de ombros.

- Se houvesse, e eu tivesse conhecimento, não poderia dizer a você, poderia?

Antes que Harald pudesse dizer alguma coisa, Arne saiu correndo debaixo da chuva na direção da luz da cozinha da casa.

HERMIA MOUNT OLHOU DESOLADA para o seu almoço - duas salsichas carbonizadas, uma bola de purê de batatas e uma porção de repolho cozido em excesso - e se lembrou com saudade de um bar na zona portuária de Copenhague que servia três tipos de arenques com salada, pickles, pão quente e cerveja.

Ela fora criada na Dinamarca. Seu pai, diplomata britânico, passara a maior parte da carreira em países escandinavos. Hermia trabalhara na embaixada de Copenhague, primeiro como secretária e mais tarde como assistente de um adido naval que na verdade trabalhava para o MI6, o Serviço Secreto britânico. Quando o pai de Hermia morreu, sua mãe voltou para Londres, mas ela continuara na Dinamarca, em parte por causa do emprego, mas principalmente porque estava noiva de um piloto dinamarquês, Arne Olufsen.

Então, em 9 de abril de 1940, Hitler invadiu a Dinamarca. Quatro ansiosos dias mais tarde, Hermia e um grupo de funcionários britânicos partiram em um trem diplomático especial que os levou através da Alemanha até a fronteira holandesa, de onde seguiram viagem cortando a neutra Holanda até estarem de volta a Londres.

Agora, aos trinta anos de idade, Hermia era analista de informações, encarregada da carteira da Dinamarca no MI6, Juntamente com a maior parte do Serviço, fora transferida da sede londrina no número 54 da Broadway, perto do palácio de Buckingham, para Bletchley Park, uma grande casa de campo na periferia de uma aldeia situada a oitenta quilômetros ao norte da capital.

Um galpão em forma de meio cilindro tinha sido erguido rapidamente no terreno da casa a fim de servir de cantina. Hermia sentia-se feliz por estar longe da Blitz, mas gostaria de que, por algum milagre, tivessem evacuado também um dos encantadores restaurantes italianos ou franceses de Londres, para que tivesse algo para comer. Pôs na boca uma garfada de purê e obrigou-se a engolir.

Para não pensar mais no gosto da comida, colocou o Daily Express ao lado do prato. Os ingleses tinham acabado de perder a ilha de Creta, no Mediterrâneo. O Daily Express tentava encarar o assunto com bravura, afirmando que a batalha pela posse da ilha custara a Hitler dezoito mil homens, mas a verdade deprimente era que se tratava de mais um na longa lista de triunfos dos nazistas.

Levantando os olhos, viu um homem baixo, mais ou menos da sua idade, que vinha na sua direção, carregando uma xícara de chá. Caminhava com energia, embora mancasse visivelmente.

- Posso sentar com você? - perguntou ele, em tom animado. Sentou-se diante de Hermia sem esperar a resposta. - Sou Digby Hoare. Sei quem você é.

Ela levantou uma sobrancelha.

- Esteja à vontade.

A ironia na sua voz não teve o impacto evidente. Ele limitouse a agradecer.

- Obrigado.

Hermia já o vira por ali uma ou duas vezes. Tinha um ar enérgico, a despeito de mancar. Não era nenhum bonitão como os ídolos das matinês, com seu cabelo escuro rebelde, mas tinha belos olhos azuis e as feições agradavelmente marcadas, ao jeito de Humphrey Bogart.

- Em que departamento você trabalha? - perguntou Hermia.

- Na verdade eu trabalho em Londres.

Não era uma resposta à sua pergunta, e Hermia percebeu. Ela empurrou o prato para o lado.

- Não gosta da comida?

- Você gosta?

- Vou lhe dizer uma coisa. Interroguei pilotos que foram abatidos na França e conseguiram voltar. Nós achamos que estamos vivendo tempos de austeridade, mas não conhecemos o significado real da palavra. Os franceses estão morrendo de fome. Depois de ouvir essas histórias, tudo passou a ter bom gosto para mim.

- Austeridade não é desculpa para cozinhar mal - retrucou Hermia bruscamente.

Ele sorriu.

- Bem que disseram que você tinha a língua afiada.

- O que mais lhe disseram?

- Que você domina igualmente o inglês e o dinamarquês, o que explica estar na chefia da carteira da Dinamarca, imagino.

- Não, quem explica é a guerra. Antes da guerra nenhuma mulher no MI6 subiu acima do nível de secretária. Não tínhamos mentes analíticas, sabe? Éramos mais adequadas aos trabalhos domésticos e à criação de filhos. Mas desde que começou a guerra, o cérebro das mulheres passou por uma melhoria notável e nos tornamos capazes de executar trabalhos que antes só podiam ser confiados à mente masculina.

Ele encarou o sarcasmo de Hermia com bom humor.

- Também notei isso - disse. - Milagres acontecem...

- Por que todo esse interesse em mim?

- Duas razões. A primeira, porque você é a mulher mais linda que já vi - desta vez ele não estava sorrindo.

Digby conseguiu surpreendê-la. Não era sempre que os homens diziam que era linda. Bonita, talvez; atraente, às vezes; interessante, com freqüência. Seu rosto era longo, oval, perfeitamente regular, mas com severos cabelos escuros, olhos entre abertos e um nariz grande demais para ser bonito. Hermia não foi capaz de imaginar uma réplica inteligente.

- Qual é a outra razão?

Ele olhou para os lados. Duas mulheres mais velhas estavam sentadas à mesma mesa, e embora estivessem conversando, provavelmente entreouviam o que Hermia e Digby falavam.

- Eu lhe direi em um minuto - prometeu ele. - Você gostaria de ir lá fora?

Ele a surpreendera de novo.

- O quê?

- Quer sair comigo?

- Certamente que não.

Por um momento ele pareceu embaraçado. Depois seu sorriso voltou.

- Não doure a pílula, seja franca. Ela não pôde deixar de sorrir.

- Podíamos ir ao cinema - insistiu ele. - Ou ao pub Shoulder of Mutton, em Old Bletchley. Ou ambos.

Ela sacudiu a cabeça.

- Não, obrigada - disse firmemente. - oh - ele pareceu desapontado.

Estaria pensando que o estava rejeitando por causa do seu defeito físico? Hermia apressou-se a esclarecer esta questão.

- Sou noiva - disse ela. Mostrou-lhe o anel na mão esquerda.

- Não reparei.

- Os homens nunca reparam.

- Quem é o felizardo?

- Um piloto do Exército dinamarquês.

- Está por lá, imagino.

- Tanto quanto eu saiba. Não tenho notícias dele há um ano. As duas senhoras saíram e Digby mudou completamente. O rosto ficou sério e a voz, mesmo baixa, ganhou um tom de urgência.

- Dê uma olhada nisto aqui, por favor.

Ele tirou do bolso uma folha de papel fino de cópia e entregou a ela.

Hermia já vira folhas iguais àquela, ali em Bletchley Park. Como esperava, era um sinal de rádio inimigo, decifrado.

- Imagino que não preciso lhe dizer o quanto isto é desesperadoramente secreto - lembrou Digby.
- Não precisa.
- Acredito que você fale alemão assim como dinamarquês. Ela balançou a cabeça.
- Na Dinamarca, todas as crianças aprendem na escola alemão, inglês e latim.

Hermia estudou o documento por um instante.

- Informação de Freya?
- E o que nos intriga. Não é uma palavra alemã. Achei que podia significar alguma coisa em um dos idiomas escandinavos.

- Significa - disse ela. - Freya é uma deusa nórdica; na verdade é a Vênus dos vikings, a deusa do amor.
- Ah! - exclamou Digby, pensativo. - Bem, já é alguma coisa, mas não nos leva muito longe.
- De que se trata?
- Estamos perdendo um número excessivo de aviões bombardeiros.

Hermia franziu a testa, preocupada.

- Li nos jornais a respeito da última grande incursão... dizia que foi um grande sucesso.

Digby limitou-se a olhar para ela.

- Oh, eu entendo. Vocês não contam a verdade aos jornais. Ele permaneceu em silêncio.
- Na verdade, toda a minha visão da campanha dos nossos bombardeiros não passa de fruto da propaganda do governo - prosseguiu ela. - Acontece que a campanha é um desastre completo.

Para espanto de Hermia, ele ainda não a contradisse.

- Pelo amor de Deus, quantas aeronaves nós perdemos?
- Cinquenta por cento.
- Cristo Rei! - Hermia desviou o olhar. Alguns daqueles pilotos tinham noivas, pensou. - Se isto continuar...
- Exatamente.

Ela olhou de novo para o pedaço de papel que ele trouxera.

- Freya é um espião?
- Meu trabalho é descobrir quem é Freya.
- O que eu posso fazer?
- Fale-me mais sobre a deusa.

Hermia recorreu às suas lembranças. Aprendera os mitos nórdicos na escola, mas isso fora há muito tempo.

- Freya tem um colar de ouro que é muito precioso. Foi dado a ela por quatro anões. Quem toma conta dele é o vigia dos deuses... Heimdal... acho que o nome do vigia é Heimdal.

- Um vigia. Faz sentido.
- Freya pode ser um espião com acesso às informações sobre incursões aéreas.
- Também pode ser uma máquina destinada a detectar as aeronaves que se aproximam, antes que sejam visíveis.
- Já ouvi dizer que temos máquinas assim, mas não tenho idéia de como funcionam.
- Há três modos possíveis: infravermelho, lidar e radar. Os aparelhos que funcionam à base de infravermelho detectam as ondas emitidas pelo motor quente do aparelho, ou mesmo pelo escape. Lidar é um sistema de pulsos óticos emitidos pelo aparelho de detecção e refletidos pela aeronave. Radar é a mesma coisa com pulsações em frequência de rádio.

- Acabo de me lembrar de mais uma coisa. Heimdal é capaz de enxergar a cento e sessenta quilômetros de distância, de dia ou de noite.

- O que nos leva a pensar mais em uma máquina que em um espião.
- Foi o que pensei.

Digby terminou seu chá e levantou-se.

- Se pensar em mais alguma coisa vai me dizer?
- Claro. Onde o encontro?
- Número dez da Downing Street.
- Oh - ela ficou impressionada.
- Adeus.
- Adeus - Hermia observou Digby afastando-se.

Ela permaneceu sentada mais alguns momentos. Tinha sido uma conversa interessante em mais de um aspecto. Digby Hoare era muito bem posicionado e o primeiro-ministro devia estar pessoalmente preocupado com a perda de bombardeiros. O uso do codinome Freya seria mera coincidência ou haveria mesmo uma conexão escandinava?

Gostara de ser convidada por Digby para sair. Mesmo que não estivesse interessada em sair com outro homem, era bom ser convidada.

Depois de algum tempo a visão de almoço não saboreado começou a incomodá-la. Levou a bandeja à mesa dos despejos e raspou o prato dentro da lata de lixo. Em seguida foi ao toalete feminino.

Enquanto estava fechada no banheiro, ouviu um grupo de mocinhas entrarem, tagarelando animadamente. Estava a ponto de sair quando uma delas disse: "Aquele tal de Digby Hoare não perde tempo - trabalha realmente depressa."

Hermia ficou imóvel, mão na maçaneta.

- Eu o vi atacando a srta. Mount - disse uma voz mais velha.
- Deve gostar de mulher peituda.

As outras deram risadinhas. Hermia irritou-se um pouco com a referência à sua figura generosa.

- Acho que ela deu o fora nele - disse a primeira garota.
- E você não daria? Não consigo me imaginar com um homem que tem uma perna de pau.
- Eu queria saber se ele tira a perna quando transa - disse uma terceira voz, com sotaque escocês, e todas riram.

Hermia já ouvira o bastante. Abriu a porta, saiu e disse:

- Se eu descobrir, informo a vocês.

As três garotas, chocadas, calaram a boca e Hermia foi embora antes que tivessem tempo para se recuperar.

Ela saiu da construção de madeira. O amplo gramado, com seus cedros e um lago para cisnes, tinha sido desfigurado pelas barracas erguidas apressadamente para acomodar as centenas de pessoas transferidas de Londres. Atravessou o parque na direção da casa, uma ornada mansão vitoriana revestida de tijolos vermelhos.

Passou pelo grande pórtico e dirigiu-se para a sua sala, situada nas antigas dependências para criados, um espaço minúsculo em forma de L que provavelmente tinha sido um depósito de botas. Tinha uma janelinha alta demais para se ver do lado de fora, portanto ela trabalhava de luz acesa o dia inteiro. Havia um telefone em cima de sua mesa e uma máquina de escrever na mesinha lateral. Seu predecessor tivera uma secretária, mas sempre se espera que as mulheres se encarreguem, elas mesmas, da sua datilografia. Em cima da mesa, Hermia encontrou um pacote vindo de Copenhague.

Depois que Hitler invadira a Polônia, ela lançara os alicerces de uma pequena rede de espionagem na Dinamarca. O líder dessa rede era Poul Kirke, amigo do seu noivo.

Ele reunira um grupo de rapazes que acreditavam que seu pequeno país ia ser invadido pelo vizinho maior, e que o único modo de lutar pela liberdade era cooperar com os ingleses. Poul declarara que o grupo, autodenominado Vigilantes Noturnos, não se dedicaria a sabotagens ou assassinatos e sim ao fornecimento de informações militares à Inteligência

britânica. Essa realização de Hermia - única, tratando-se de uma mulher - lhe conquistara a promoção a chefe da carteira da Dinamarca.

O pacote continha alguns frutos de sua visão. Havia um punhado de relatórios, já decodificados para ela pelo pessoal que trabalhava na sala de cifrados, sobre a disposição das forças alemãs na Dinamarca; as bases do Exército na ilha central de Fyn; o tráfego naval no Kattegat, o mar que separava a Dinamarca da Suécia; e os nomes dos oficiais alemães mais graduados baseados em Copenhague.

No pacote havia também um jornalzinho clandestino chamado Realidade. A imprensa clandestina era, até agora, o único sinal de resistência aos nazistas na Dinamarca. Ela deu uma espiada e leu um artigo indignado com a falta de manteiga no país porque tudo era enviado para a Alemanha.

O pacote fora contrabandeado para fora da Dinamarca até um mensageiro na Suécia, que, por sua vez, passara para o homem do MI6 na legação britânica em Estocolmo.

com o pacote viera também um bilhete do mensageiro dizendo que também havia entregue uma cópia do jornalzinho ao serviço telegráfico da Reuters. Hermia fez cara feia ao ler isso. À primeira vista parecia uma boa idéia divulgar notícias sobre as condições de vida na Dinamarca ocupada, mas ela não gostava que seus agentes misturassem espionagem com outro trabalho. O trabalho da Resistência podia atrair a atenção das autoridades para um espião que, de outra forma, talvez passasse despercebido anos a fio.

Voltar a atenção para os Vigilantes Noturnos fez com que se lembrasse, dolorosamente, do noivo. Arne não pertencia ao grupo. Sua maneira de ser não combinava com a atividade clandestina. Ela o amava pela descuidada alegria de viver. Ele fazia com que relaxasse, especialmente na cama. Mas um homem despreocupado, sem cabeça para detalhes de ordem prática, não era o tipo mais adequado para atuar como agente secreto. Em seus momentos de maior sinceridade, ela admitia para si própria que não tinha certeza se ele tinha a coragem necessária. Arne era um ás no esquí - eles tinham se conhecido em uma montanha norueguesa, onde ele era o único esquiador mais proficiente que Hermia, mas ela não sabia ao certo como reagiria aos terrores mais sutis das operações secretas.

Tinha pensado em enviar-lhe uma mensagem pelos Vigilantes Noturnos. Poul Kirke trabalhava na escola de pilotagem e, se Arne ainda estivesse por lá, os dois deveriam se ver de vez em quando. Seria vergonhosamente não profissional utilizar-se das redes de espionagem para uma comunicação pessoal, mas isso não a teria impedido.

A tentativa logo seria conhecida, porque suas mensagens precisavam ser codificadas pelos especialistas, mas tampouco isso a deteria. O que a impediu foi o perigo que sua mensagem talvez representasse para Arne. Mensagens secretas sempre podem cair nas mãos do inimigo. Os códigos usados Pelo MI6 eram muito simples, restos do tempo de paz, e podiam ser quebrados facilmente. Se o nome de Arne aparecesse em uma mensagem da Inteligência britânica destinada aos espiões dinamarqueses, ele provavelmente perderia a vida. A pergunta que Hermia fizesse sobre ele podia transformar-se em uma sentença de morte. Assim, continuava trabalhando em seu quartinho das botas, ardendo de ansiedade.

Redigiu uma mensagem para o intermediário sueco, dizendo-lhe para ficar de fora da propaganda de guerra e ater-se às funções de mensageiro. Em seguida datilografou um relatório para o seu chefe com todas as informações militares recebidas no pacote, acrescentando cópias a carbono para outros departamentos.

Saiu às quatro da tarde. Tinha mais trabalho a fazer, e voltaria ao trabalho em duas horas, mas por ora tinha que se encontrar com a mãe para um chá.

Margaret Mount morava em uma casa pequena em Chelsea. Depois que o pai de Hermia morrera de câncer, com menos de cinquenta anos de idade, sua mãe tinha passado a morar com uma amiga solteira do tempo de escola, Elizabeth. As duas chamavam-se uma a outra de Mags e Bets, apelidos da adolescência. Naquele dia tinham pegado um trem para vir inspecionar o quarto de Hermia.

Ela atravessou a aldeia em passo rápido, até a rua onde alugava um quarto. Encontrou Mags e Bets na sala de visitas, conversando com a dona da casa, a sra. Bevan.

A mãe de Hermia estava usando seu uniforme de motorista de ambulância, com calça comprida e boné. Quanto a Bets, era uma mulher bonita, metida num vestido estampado com flores e de mangas curtas. Hermia abraçou a mãe e beijou Bets no rosto. Hermia e Bets nunca tinham sido muito íntimas e Hermia às vezes achava que tinha ciúmes da forte ligação dela com sua mãe.

Hermia levou-as para cima. Bets olhou de esguelha para o quartinho sem graça, com sua cama de solteiro, mas a mãe de Hermia disse, com entusiasmo:

- Não é nada mau para tempos de guerra.
- Não passo muito tempo aqui - mentiu Hermia. Na verdade passava longas noites ali, lendo e ouvindo rádio.

Acendeu o gás para fazer chá e fatiou um bolo que tinha comprado para a ocasião.

- Não creio que você tenha tido notícias de Arne - comentou a mãe de Hermia.
- Escrevi para ele por intermédio da legação britânica - Estocolmo e eles reenviaram a carta, mas não tive resposta. Portanto, não sei se ele a recebeu.

- Que pena.

- Eu gostaria de tê-lo conhecido - disse Bets. - Como ele é? Apaixonar-se por Arne tinha sido meio parecido com descer de esquí uma encosta, pensou Hermia: é preciso um empurrãozinho para começar a descida, logo vem um súbito aumento de velocidade e aí, antes que estivesse pronta, a sensação fantástica de voar pista abaixo numa velocidade alucinante, incapaz de parar. Mas como explicar isso?

- Ele parece um artista de cinema, é um atleta maravilhoso e tem o encanto de um irlandês, mas não é só isso - disse Hermia.

- É muito fácil estar ao seu lado. O que quer que aconteça, ele se limita a rir. Às vezes fico furiosa - embora nunca com ele - e Arne sorri e jura que não existe ninguém como eu. Meu Deus, como sinto falta dele - ela teve que lutar com as lágrimas.

- Muitos homens amaram você com paixão - disse sua mãe bruscamente, mas não foram muitos os que conseguiram agüentar o seu jeito - o estilo de Mags conversar era tão direto e sem adornos quanto o da filha. - Você deveria ter pregado os pés dele no chão quando teve a oportunidade.

Hermia mudou de assunto e perguntou a elas pela Blitz. Bets passava os ataques aéreos embaixo da mesa da cozinha, mas Mags dirigia sua ambulância por entre as bombas.

A mãe de Hermia sempre fora uma mulher formidável, um tanto direta demais e sem tato para uma esposa de diplomata, mas a guerra despertara sua força e coragem, da mesma forma que o Serviço Secreto subitamente desprovido de homens permitira a Hermia florescer.

- A Luftwaffe não pode manter este ritmo indefinidamente disse Mags. - Eles não têm um suprimento interminável de aviões e pilotos. Se nossos aviões continuarem bombardeando a indústria alemã, vão acabar produzindo algum efeito.

- Enquanto isso, as mulheres e as crianças alemãs inocentes sofrem tanto quanto nós.
- Eu sei, mas guerra é assim mesmo.

Hermia lembrou a conversa que tivera com Digby Hoare. Pessoas como Mags e Bets imaginavam que a campanha da aviação britânica estava minando o poderio bélico nazista.

Ainda bem que nem desconfiavam de que a metade dos bombardeiros estava sendo abatida. Se o povo soubesse da verdade, podia desistir.

Mags começou a contar uma longa história a respeito do resgate de um cachorro de um edifício em chamas e

Hermia ouviu com um só ouvido, pensando em Digby. Se Freya fosse uma máquina e os alemães a estivessem usando para defender seu território, era bem possível que estivesse na Dinamarca. Havia alguma coisa que pudesse fazer para investigar? Digby dissera que a máquina podia emitir alguma espécie de raios, ou pulsos óticos ou ondas de rádio. Tais emissões deviam ser detectáveis. Talvez seus Vigilantes Noturnos pudessem fazer algo.

Começou a se entusiasmar com a idéia. Podia mandar uma mensagem para eles. Mas primeiro precisava de mais informações. Começaria a trabalhar naquela noite mesmo, decidiu, assim que visse Mags e Bets pelas costas, no trem de volta.

Começou a sentir-se impaciente para que fossem embora.

- Mais bolo, mamãe? - perguntou.

A JANSBORG SKOLE TINHA TREZENTOS ANOS de idade e se orgulhava disso.

Originalmente a escola consistia de uma igreja e uma casa onde os meninos comiam, dormiam e tinham lições. Agora era um complexo de construções novas e velhas de tijolos vermelhos. A biblioteca, que já fora a melhor da Dinamarca, ficava em um prédio à parte tão grande quanto a igreja. Havia laboratórios de ciências, dormitórios modernos, uma enfermaria e um ginásio em um celeiro convertido.

Harald Olufsen, vindo do refeitório, encaminhava-se para o ginásio. Era meio-dia, e todos já tinham almoçado. Um sanduíche aberto montado pelos garotos, com picles e carne de porco fria, a mesma refeição servida todas as quartas-feiras nos sete anos em que Harald estudava ali.

Ele estava pensando na idiotice que era sentir orgulho pelo fato de o estabelecimento ser antigo. Quando os professores falavam reverentemente da história da escola, ele se lembrava das mulheres dos velhos pescadores de Sande que gostavam de dizer "Já estou com mais de setenta anos", com um sorriso tímido, como se estivessem se referindo a um tipo qualquer de realização.

Quando passou pela casa do diretor da escola, a esposa dele saiu e sorriu para Harald.

- Bom-dia, Mia - cumprimentou ele, polidamente.

O diretor era chamado sempre de Heis, a palavra do grego clássico para número um, e sua esposa era Mia, o feminino de heis. A escola tinha parado de ensinar grego havia cinco anos, mas as tradições são persistentes.

- Alguma notícia, Harald? - perguntou ela.

Harald tinha um rádio feito em casa que pegava a BBC.

- Os rebeldes iraquianos foram derrotados - disse ele. - Os ingleses entraram em Bagdá.

- Uma vitória britânica - disse ela. - O que já é uma mudança.

Mia era uma mulher simples, com rosto feio e cabelos castanhos sem vida, sempre metida em roupas disformes, mas por ser uma das duas únicas mulheres da escola, os rapazes viviam especulando como seria nua. Harald gostaria de saber se algum dia seria obcecado por sexo. Teoricamente, ele acreditava que, depois de dormir com a esposa por anos a fio o cara acabava se acostumando e até mesmo se entediando, só que ele não conseguia imaginar isso.

Deveria ter em seguida uma aula de duas horas de matemática, mas naquele dia tinham um visitante. Era Svend Agger, um ex-aluno que agora representava sua cidade natal no Rigsdag, o Parlamento da Dinamarca. Toda escola iria ouvi-lo no ginásio, o único local grande o bastante para acomodar os cento e vinte alunos. Harald teria preferido a aula de matemática.

Não conseguia se lembrar do momento preciso em que as atividades escolares passaram a ser interessantes. Quando garoto pequeno, considerara cada aula como um irritante desvio de negócios muito mais importantes, como represar riachos e construir casas em árvores. Lá pelos catorze anos, quase sem perceber, começara a achar física e química mais interessantes do que brincar na floresta. Ficara entusiasmadíssimo ao descobrir que o inventor da física quântica tinha sido um dinamarquês, Niels Bohr. A interpretação dele da tabela periódica dos elementos, explicando as reações químicas pela estrutura atômica dos elementos envolvidos, pareceu a Harald algo como uma revelação divina, uma explicação fundamental e profundamente satisfatória do universo e sua constituição. Ele cultuara Bohr do mesmo modo como os outros garotos adoravam Kaj Hansen - o "Pequeno Kaj", herói do futebol que jogava como atacante no time conhecido como B93 København. Harald candidatara-se a estudar física na Universidade de Copenhague, onde Bohr era diretor do Instituto de Física Teórica.

Educação custava dinheiro. Por sorte, o avô de Harald, vendo o próprio filho seguir uma profissão que o manteria pobre o resto da vida, assegurara os estudos dos netos. Seu legado pagara a Jansborg Skole para os dois irmãos, Ame e Harald, e financiaria também a universidade de Harald.

Ele entrou no ginásio. Os garotos mais jovens tinham arrumado bancos em fileiras meticulosamente dispostas.

Harald sentou-se atrás, ao lado de Josef Duchwitz. Josef era muito pequeno, e, considerando que seu sobrenome equivalia à palavra "pato", recebera o apelido de Anaticula, a palavra latina para patinho. Com o passar dos anos, o apelido encolhera para Tik. Os dois garotos eram de origens completamente diferentes - Tik nascera em uma rica família judia - e mesmo assim foram amigos íntimos durante todo o tempo de escola.

Pouco tempo depois, Mads Kirke veio sentar-se ao lado de Harald. Mads cursava a mesma série que ele. Vinha de uma destacada família de militares: o avô fora general e o pai, já falecido, ministro da Defesa nos anos trinta. Seu primo, Poul, era piloto, juntamente com Arne, na escola de aviação.

Os três amigos eram estudantes de ciências. Vistos normalmente juntos, eram comicamente diferentes - Harald, alto e louro; Tik, baixo e moreno; e Mads, ruivo e sardento, portanto, quando um arguto professor de inglês se referiu a eles como Os Três Patetas, o apelido pegou.

Heis, o diretor, entrou acompanhando o visitante e os alunos se levantaram polidamente. Heis era alto e magro, com os óculos encarapitados no nariz bicudo. Servira dez anos no Exército, mas era fácil perceber por que passara a ser professor. Um homem de maneiras conciliatórias, ele parecia estar constantemente a desculpar-se por ser obrigado a exercer sua autoridade. Era mais amado que temido. Os garotos lhe obedeciam porque não queriam ferir seus sentimentos.

Quando todos se sentaram de novo, Heis apresentou o parlamentar, um homenzinho tão insignificante que qualquer um imaginaria que fosse o mestre-escola e Heis, o distinto visitante. Agger começou a falar sobre a ocupação alemã.

Harald lembrava-se do dia em que ela começara, catorze meses atrás. Acordara no meio da noite com o ronco dos motores dos aviões bem em cima da escola. Os Três Patetas subiram para o telhado do dormitório a fim de observar os acontecimentos, mas depois que passaram uns dez aviões nada mais aconteceu e eles voltaram para a cama.

Ele não soube de mais nada até o dia amanhecer. Estava escovando os dentes no banheiro comunitário quando um professor entrou correndo e disse:

"Os alemães aterrissaram!" Depois do café da manhã, às oito horas, quando se reuniam no ginásio para a canção matinal e os avisos, o diretor dera a notícia. "Vão para os seus quartos e destruam qualquer coisa que possa indicar oposição aos nazistas ou simpatia pelos ingleses", disse ele. Harald tirara da parede seu pôster favorito, a foto do biplano Tiger Moth com os distintivos redondos da RAF nas asas.

Algum tempo depois, naquele mesmo dia - uma terça-feira os garotos mais velhos tinham sido designados para encher sacos de areia e carregá-los para a igreja, a fim de cobrir os inestimáveis trabalhos de entalhe e sarcófagos antigos. Atrás do altar ficava o túmulo do fundador da escola e a sua estátua em pedra, deitada, vestindo uma armadura medieval em que o "alçapão", ou seja, a representação da peça que, nas meias ou calças justas usadas pelos homens nos séculos XV e XVI caía sobre seus órgãos sexuais, chamava a atenção por ser muito grande. Harald fez com que todo mundo risse muito ao colocar um saco de areia em cima da protuberância. Heis não gostou da brincadeira e a punição de Harald foi passar a tarde transferindo as pinturas para a cripta, onde ficariam mais seguras.

Todas as precauções foram desnecessárias. A escola ficava em uma aldeia e passou-se um ano para que vissem o primeiro alemão. Nunca houve bombardeio ou mesmo tiros de armas comuns.

A Dinamarca tinha se rendido em vinte e quatro horas.

- Os eventos subseqüentes demonstraram a sabedoria dessa decisão - disse o orador com irritante presunção. Houve um sussurro de discordância no meio dos garotos, que se remexeram desconfortavelmente nas cadeiras.

- Nosso rei continua no seu trono - prosseguiu Agger. Ao lado de Harald, Mads grunhiu, enojado. Harald compartilhava do aborrecimento do amigo. O rei Cristiano X andava a cavalo quase todos os dias, mostrando-se para o povo nas ruas de Copenhague, no que parecia ser um gesto vazio.

- A presença alemã tem sido de um modo geral benigna continuou o orador. - A Dinamarca provou que a perda

parcial da independência, devido às exigências da guerra, não conduz obriatoriamente a privações e lutas. A lição, para rapazes como vocês, é que pode haver mais honra na submissão do que numabelião insensata.

- com estas palavras, ele sentou-se.

Heis bateu palmas polidamente e os alunos o imitaram, sem o menor entusiasmo. Se o diretor fosse um bom juiz do estado de espírito de uma platéia, teria encerrado a sessão naquela hora. Mas, ao contrário, ele sorriu e perguntou:

- Bem, rapazes, alguma pergunta para o nosso convidado? Mads pôs-se em pé num instante.
- Senhor, a Noruega foi invadida no mesmo dia que a Dinamarca, mas os noruegueses lutaram por dois meses. Isso não faz de nós uns covardes?

Seu tom de voz era escrupulosamente polido, mas a pergunta era desafiadora e houve um burburinho de concordância da parte dos garotos.

- Um ponto de vista ingênuo - disse Agger. Seu tom desdenhoso enfureceu Harald.

Heis interveio.

- A Noruega é uma terra de montanhas e fiordes, difícil de conquistar - disse, apelando para sua sabedoria militar. - A Dinamarca é uma terra plana, com um bom sistema rodoviário, impossível de defender contra um grande exército motorizado.

- Resistir - acrescentou Agger - teria causado um desnecessário derramamento de sangue e o resultado final não teria sido diferente.

- Exceto que poderíamos andar com a cabeça erguida, em vez de olhando para o chão, envergonhados.

Harald imaginou que Mads talvez tivesse ouvido aquilo em casa, de seus parentes militares. Agger ficou ruborizado.

- A melhor parte da coragem é a prudência, como Shakespeare escreveu.
- Na verdade, senhor - retrucou Mads, isto foi dito por Falstaff, o covarde mais famoso da literatura mundial.

Os garotos riram e bateram palmas.

- Ora, ora, Kirke - disse Heis, em tom conciliatório. - Sei que você tem fortes convicções a este respeito, mas não há necessidade de ser indelicado.

Ele olhou em torno e apontou para um dos garotos menores.

- Sim, Borr.

- Senhor, não acha que a filosofia de Herr Hitler de orgulho nacional e pureza racial poderiam ser benéficas se adotadas aqui na Dinamarca?

Woldemar Borr era filho de um proeminente dinamarquês nazista.

- Alguns elementos, talvez - respondeu Agger. - Mas a Alemanha e a Dinamarca são países diferentes.

Aquilo era pura e simples má-fé, pensou Harald, furioso. Será que aquele sujeito não tinha coragem para dizer que perseguição racial era errado?

- Nenhum de vocês - disse Heis, em tom queixoso - gostaria, talvez, de fazer uma pergunta ao sr. Agger sobre seu trabalho diário como membro do Rigsdag?

Tik levantou-se. O tom de auto-satisfação de Agger também o irritara.

- O senhor não se sente como um fantoche? - perguntou. Afinal de contas, são os alemães que realmente nos governam. O senhor apenas faz de conta.

- O país continua a ser governado pelo nosso Parlamento dinamarquês - replicou Agger.

- Sim, para que o senhor conserve seu emprego - resmungou Tik. Os garotos perto dele ouviram e riram.

- Os partidos políticos continuam - inclusive os comunistas - prosseguiu Agger. - Temos a nossa própria polícia, as nossas Forças Armadas.

- Mas no minuto em que o Rigsdag fizer algo que os alemães desaprovem, será fechado e a polícia e os militares

serão desarmados - retrucou Tik. - Assim sendo, o que o senhor está fazendo não passa de uma farsa.

Heis começou a se aborrecer.

- Olha os modos, Duchwitz, por favor - disse, impaciente.

- Não tem problema, Heis - interveio Agger. - Gosto de uma discussão animada. Se Duchwitz pensa que nosso Parlamento é inútil, devia comparar com as circunstâncias que se apresentam na França. Por causa da nossa política de cooperação com os alemães, a vida é muito melhor para o dinamarquês comum do que poderia ser.

Harald já ouvira o bastante. Levantou-se e falou sem esperar permissão de Heis.

- E se os nazistas vierem prender Duchwitz? - perguntou. - O senhor continuará aconselhando uma cooperação amistosa?

- E por que eles haveriam de prender o sr. Duchwitz?

- Pelo mesmo motivo que prenderam meu tio em Hamburgo: por ser judeu.

Alguns dos garotos se viraram, interessados. Provavelmente não tinham percebido que Tik era judeu. A família Duchwitz não era religiosa e Tik comparecia aos serviços na antiga igreja de tijolos vermelhos como todos os demais.

Agger demonstrou irritação pela primeira vez.

- As forças de ocupação demonstraram absoluta tolerância para com os judeus dinamarqueses.

- Até agora. Mas e se mudarem de idéia? Suponha que decidam que Tik é tão judeu quanto meu tio Joachim? Aí, qual será seu conselho para nós? Deveremos ficar de lado enquanto eles entram aqui marchando e o prendem? Ou devemos organizar agora um movimento de resistência em preparação para esse dia?

- O melhor plano que você pode formular é assegurar-se de que nunca terá que se defrontar com uma decisão dessas, o que será possível se apoiar a política de cooperação.

A resposta evasiva enfureceu Harald.

- Mas e se não funcionar? - persistiu. - Por que o senhor não responde à pergunta? O que fazemos se os nazistas vierem buscar nossos amigos?

Heis interveio.

- Você está fazendo o que se chama de uma pergunta hipotética, Olufsen - disse ele. - Na vida pública, os homens não gostam de enfrentar os problemas antes da hora.

- A questão é até que ponto vai a política de cooperação dele retrucou Harald acaloradamente. - E não haverá tempo para debate quando baterem na nossa porta no meio da noite, Heis.

Por um momento, Heis deu a impressão de que ia repreender Harald pela sua rudeza, mas no fim ele respondeu de forma amena.

- Você levantou uma questão muito interessante e o sr. Agger a respondeu por completo - disse ele. - Agora, acho que tivemos uma boa discussão e já está na hora de voltar às nossas aulas.

Mas, primeiro, vamos agradecer ao nosso convidado por ter roubado um pouco de tempo de sua vida atribulada para nos visitar.

Ele levantou as mãos para puxar uma salva de palmas.

Harald o interrompeu:

- Faça com que ele responda! - gritou. - Devemos ter um movimento de resistência ou permitir que os nazistas façam o que bem entenderem? Pelo amor de Deus, que aulas podem ser mais importantes do que isto?

O ginásio ficou quieto. Discutir com os professores era permitido, dentro do razoável, mas Harald cruzara a linha e entrara no campo do desafio.

- Acho que é melhor você nos deixar - disse Heis. - Vá saindo e eu o verei depois.

Isto deixou Harald furioso. Fervendo de frustração, ele se levantou. O ginásio permaneceu em silêncio enquanto

todos os garotos observaram Harald dirigir-se para a porta. Ele sabia que devia sair em silêncio, mas não conseguiu controlar-se. Virou-se da porta e apontou um dedo acusador para Heis.

- O senhor não seria capaz de dizer à Gestapo para abandonar este maldito ginásio! - exclamou.
Em seguida saiu e bateu a porta.

O RELÓGIO DESPERTADOR DE PETER FLEMMING disparou às cinco e meia da manhã. Ele o silenciou, acendeu a luz e sentou-se na cama. Inge estava deitada de costas, os olhos abertos e fixos no teto, tão inexpressivos quanto os de um cadáver.

Ele entrou na minúscula cozinha do apartamento em Copenhague e ligou o rádio. Um repórter dinamarquês lia uma baboseira sentimental escrita pelos alemães sobre a morte do almirante Lutjens, morto com o afundamento do Bismarck dez dias atrás. Pôs uma panelinha com aveia e leite para fazer mingau e arrumou uma bandeja. Passou manteiga em uma fatia de pão de centeio e preparou um café com o pó que substituíra o café de verdade, absolutamente impossível naqueles dias. Sentia-se otimista, e após um momento lembrou o motivo. Na véspera tinha havido uma evolução no caso em que estava trabalhando.

Peter era detetive-inspetor na unidade de segurança, uma seção do departamento de investigação criminal da cidade de Copenhague, cujo trabalho era acompanhar as atividades dos organizadores de sindicatos, comunistas, estrangeiros e outros criadores de caso em potencial. O chefe do Departamento de Investigação Criminal, seu superior imediato, era o superintendente Frederik Juel, inteligente, mas preguiçoso. Educado na famosa Jansborg Skole, Juel gostava do provérbio latino *Quieta non movere*. Não agitar o que está sossegado. Descendia de um herói da história naval dinamarquesa, mas o espírito bélico agressivo havia muito tempo que fora eliminado da sua natureza.

Nos últimos catorze meses o trabalho deles tinha se expandido, à medida que oponentes dos alemães foram acrescentados à lista de pessoas a serem observadas pelo departamento.

Até agora o único sinal visível de resistência havia sido o aparecimento de jornais clandestinos como o *Realidade*, aquele que o menino Olufsen deixara cair. Juel acreditava que jornais clandestinos eram inofensivos, se não até mesmo benéficos, servirem de válvula de escape, e se recusou a perseguir os editores. Esta sua atitude enfureceu Peter.

Deixar criminosos à solta permitindo que continuassem a cometer suas violações da lei parecia-lhe pura maluquice.

Os alemães na verdade não gostavam da atitude *laissez-faire* de Juel, mas até então não haviam encarado diretamente esta questão. A ligação de Juel com a força de ocupação dos alemães era feita pelo general Walter Braun, um oficial de carreira que perdera um pulmão na batalha da França. O objetivo de Braun era manter a Dinamarca tranqüila a qualquer custo. Não passaria por cima das decisões de Juel a menos que fosse forçado a fazê-lo.

Peter soubera recentemente que o *Realidade* estava sendo contrabandeado para dentro da Suécia. Até agora fora obrigado a se submeter à regra de não se meter adotada pelo seu chefe, mas agora esperava que a complacência de Juel fosse abalada pela notícia de que o jornalzinho estava saindo do país. Na noite anterior, um detetive sueco que era amigo pessoal de Peter, telefonara para dizer que pensava que o jornal clandestino fosse transportado em um voo da Lufthansa de Berlim para Estocolmo que parava em Copenhague. Isto explicava a animação de Peter quando acordou. Ele podia estar próximo de um triunfo.

Quando a aveia estava cozida, acrescentou um pouco de leite e açúcar e levou a bandeja para o quarto.

Ajudou Inge a sentar-se. Experimentou o mingau para se assegurar de que não estava quente demais e depois começou a alimentá-la com uma colher.

Um ano atrás, pouco antes das restrições racionando o consumo de gasolina, Peter e Inge tinham ido à praia quando um rapaz, dirigindo um carro esporte novo, bateu no carro deles. Peter quebrou ambas as pernas e se recuperou rapidamente. Inge teve o crânio esmagado e nunca mais seria a mesma.

O outro motorista, Finn Jonk, filho de um professor universitário muito conhecido, foi lançado do carro e caiu em um arbusto, ileso.

Ele não tinha carteira de motorista - fora cassada pela Justiça por causa de um acidente anterior, e estava bêbado. Mas a família Jonk contratou um advogado de primeira linha que conseguiu adiar o julgamento por um ano, e Finn ainda não tinha, portanto, por destruir o cérebro de Inge. A tragédia pessoal de Peter foi também um exemplo de como os

crimes podem sem punição na sociedade moderna. O que quer que se pudesse dizer contra os nazistas, eles eram gratificadamente duros com criminosos.

Depois que Inge comeu, Peter levou-a ao banheiro e deu banho nela. Inge sempre fora escrupulosamente limpa e arrumada. O que era uma das coisas nela que ele amava.

Em especial, era limpa no tocante ao sexo, lavando-se sempre cuidadosamente depois - algo que ele apreciava. Nem todas as garotas eram assim. Uma mulher com quem dormira, uma cantora de boate que conhecera durante um ataque aéreo e com quem tivera um breve caso, reclamara dele por lavar-se depois do sexo, dizendo que não era romântico.

Inge não apresentava reações quando a banhava. Peter tinha aprendido a ser igualmente impassível, inclusive quando tocava nas partes mais íntimas do seu corpo. Secou sua pele delicada com uma toalha grande e depois a vestiu. Aqui a parte mais difícil era calçar as meias. Ele enrolava toda a meia, começava a desenrolar pelos dedos dos pés, depois ia subindo, pé, calcanhar e tornozelo, perna e joelho, prendendo finalmente a parte de cima nas presilhas da cinta. Quando começara a fazer aquilo, corria um fio todas as vezes, mas era um homem persistente e sabia ser paciente quando cismava de fazer algo. Agora era um perito.

Vestiu-a com um alegre vestido de algodão amarelo, depois acrescentou um relógio dourado e uma pulseira. Inge não era capaz de ver as horas, mas às vezes ele achava que ela quase sorria ao ver o brilho das jóias nos pulsos.

Depois de escovar seu cabelo, os dois se olharam no espelho. Ela era uma loura clara, bonita, e antes do acidente tinha um sorriso coquete e um jeito recatado de bater os cílios. Agora era inexpressiva.

Na visita de Pentecostes à ilha de Sande, o pai de Peter tentara persuadi-lo a internar Inge em uma casa de saúde particular.

Peter não poderia arcar com a despesa, mas Axel, seu pai, estava disposto a pagar. Disse que queria que o filho ficasse livre, embora na verdade estivesse desesperado para ter um neto que levasse seu nome.

Peter, contudo, achava que seu dever era cuidar da mulher. E, para ele, o dever era a mais importante das obrigações de um homem. Se se esquivasse, perderia o auto-respeito.

Levou Inge para a sala e sentou-a perto da janela. Deixou seu rádio tocando música baixinho e voltou para o banheiro.

O rosto refletido no espelho enquanto fazia a barba era regular e bem-proporcionado. Inge costumava dizer que ele parecia um artista de cinema. Desde o acidente notara o surgimento de uns fios brancos na barba ruiva e havia rugas de cansaço em torno dos olhos castanho-claros. Mas havia um jeito orgulhoso na maneira como sustentava a cabeça e uma inalterável moralidade na linha reta de seus lábios.

Depois de fazer a barba, deu o nó na gravata e prendeu o coldre com a sua pistola de serviço Walther 7.65mm, na versão menor de sete tiros designada "PPK", destinada a ser usada por detetives. Em seguida, então, foi para a cozinha, onde comeu três fatias de pão seco, economizando a manteiga escassa para Inge.

A enfermeira devia chegar às oito horas.

Entre oito e oito e cinco, o estado de espírito de Peter modificou-se. Começou a andar de um lado para outro no pequeno corredor do apartamento. Acendeu um cigarro, que logo apagou, impaciente. De segundo em segundo consultava relógio de pulso.

Entre oito e cinco e oito e dez, ficou furioso. Já não tinha bastante problemas? Além de cuidar da mulher paralisada, tinha que dar conta de um emprego muito exigente e de enorme responsabilidade como o de detetive. A enfermeira não tinha o direito de desapontá-lo.

Quando ela tocou a campainha às oito e quinze, ele escancarou a porta e gritou:

- Como se atreve a chegar atrasada?

A enfermeira era uma garota gordinha de dezenove anos, com um uniforme cuidadosamente passado, o cabelo meticulosamente preso sob a touca de enfermeira, o rosto redondo com um mero toque de pintura. Ficou chocada com a raiva de Peter.

- Desculpe - disse.

Peter afastou-se um pouco para que entrasse. Sentiu uma forte tentação de dar-lhe uns tapas e, obviamente sentindo isso, ela passou por ele, nervosa, o mais depressa que pôde.

Peter seguiu-a até a sala.

- Você teve tempo para se pentear e se pintar - disse ele, furioso.

- Já pedi desculpas.

- Não percebe que tenho um emprego muito exigente? Você não tem nada na cabeça mais importante do que passear com os rapazes no Tivoli Garden, e mesmo assim não consegue chegar no trabalho na hora certa!

Ela olhou nervosamente para a arma no coldre de Peter, como se receasse que ele fosse atirar nela.

- O ônibus atrasou - disse, com voz trêmula.

- Pegue um ônibus mais cedo, sua vaca preguiçosa!

- Oh! - ela deu a impressão de que ia chorar.

Peter virou-se, lutando contra o desejo de esbofeteá-la. Se ela fosse embora, ele se veria às voltas com um problema pior. Vestiu o paletó e se dirigiu para a porta.

- Nunca mais chegue atrasada! - berrou. E saiu.

Uma vez na rua, pulou em um bonde que ia para o Centro da cidade. Acendeu um cigarro e fumou em rápidas baforadas, tentando se acalmar, mas ainda estava furioso quando saltou diante do Politigaarden, o quartel-general ousadamente moderno da polícia. A visão do prédio, contudo, o tranqüilizou: era baixo e largo e transmitia uma impressão de força. O mármore branquíssimo que o revestia falava de pureza e as fileiras de janelas idênticas simbolizavam a ordem e a previsibilidade da Justiça.

Ele passou pelo vestibulo sombrio. Escondido no centro do edifício, havia uma grande área aberta, circular, com um anel de pilastras duplas marcando um passadiço abrigado, como o claustro de um mosteiro. Peter cruzou essa área e entrou na sua seção.

Foi saudado pela detetive Tilde Jespersen, uma das poucas mulheres que integravam a força policial de Copenhague. Viúva de policial, Tilde era jovem, esperta e durona, como qualquer um de seus colegas do departamento.

Peter freqüentemente a usava Para serviço de vigilância, papel em que uma mulher costumava gerar menos suspeitas. Era bastante atraente, de olhos azuis, cabelo-louro ondulado e dona de um corpo pequeno e cheio de curvas que, as outras mulheres chamariam de gordo demais e que os Homens consideravam exatamente no ponto.

- O ônibus atrasou? - perguntou ela, procurando mostrar-se simpática.

- Não. A enfermeira da Inge apareceu um quarto de hora atrasada. Uma cabeça de vento.

- Que coisa.

- Alguma coisa acontecendo?

- Receio que sim. O general Braun está com Juel. Queriam vê-lo assim que você chegasse.

Falta de sorte, uma visita do general Braun justo no dia em que Peter estava atrasado.

- Maldita enfermeira! - resmungou e dirigiu-se para a sala de Juel.

O porte aprumado e os olhos azuis penetrantes de Juel faziam jus ao seu ancestral e homônimo da Marinha. Falou em alemão como uma cortesia a Braun. Todos os dinamarqueses educados sabiam se fazer entender em alemão, assim como em inglês.

- Por onde andava, Flemming? - disse ele a Peter. - Estávamos esperando.

- Peço-lhe desculpas - respondeu Peter, igualmente em alemão. Não deu o motivo do seu atraso. Desculpas eram uma coisa indigna.

O general Braun tinha seus quarenta anos. Provavelmente fora um homem bonito, só que a mesma explosão que destruíra seu pulmão levava também parte da mandíbula, deformando o lado direito do seu rosto. Talvez por causa da sua aparência, ele sempre usava um uniforme de campanha imaculado, completo com botas de cano alto e uma pistola no coldre preso ao cinto.

Seu modo de falar era cortês e ponderado. A voz era quase um sussurro.

- Dê uma olhada nisto aqui, por favor, inspetor Flemming disse.

Ele espalhou diversos jornais em cima da mesa, todos dobrados de forma a exibir uma determinada matéria. Peter viu que era a mesma história em todos os jornais:

uma reportagem sobre a falta de manteiga na Dinamarca, com os alemães acusados de serem os responsáveis, por ficarem com toda a produção. Os jornais eram o Toronto Globe and Mail, o Washington Post e o Los Angeles Times. Também em cima da mesa, ao lado deles, estava o clandestino dinamarquês Realidade, mal impresso e com gerência amadorística, ao lado das publicações legítimas, mas Atendo a história original que os demais tinham copiado. Um pequeno triunfo da propaganda.

- Nós conhecemos a maioria das pessoas que produzem esses jornais feitos em casa - disse Juel.

Juel falou num tom de autoconfiança indiferente que irritou Peter. Era de se imaginar, pelo seu jeito, que não era ele quem estava ali, e sim seu famoso ancestral, o almirante que derrotara a Marinha sueca na batalha de Koge Bay.

- Podemos prendê-los todos, claro. Mas prefiro deixá-los em paz e ficar de olho neles. Aí, se fizerem alguma coisa grave como dinamitar uma ponte, saberemos a quem prender.

Peter achava que isso era estupidez. Eles deviam ser presos agora, para impedir que viessem a dinamitar pontes. Mas já discutira isso com Juel; portanto, cerrou os dentes e nada disse.

- Isso podia ser aceitável - disse Braun - enquanto as atividades deles estivessem confinadas à Dinamarca. Mas esta história foi espalhada pelo mundo todo! Berlim está furiosa. E a última coisa de que precisamos aqui são restrições. Aí teremos a maldita Gestapo desfilando por toda a cidade com as suas botas de cano alto, a criar problemas e prender um monte de gente. Deus sabe como isso terminaria.

Peter sentiu-se gratificado. A notícia do Realidade estava produzindo o efeito que ele desejava.

- Já estou trabalhando nisso - disse ele. - Todos esses jornais americanos receberam a notícia do serviço telegráfico da Reuters, que o recebeu em Estocolmo. Acredito que o Realidade esteja sendo contrabandeado para fora do país.

- bom trabalho! - aplaudiu Braun.

Peter deu uma olhada de esquelha em Juel, que parecia zangado. Pois que ficasse. Peter era melhor detetive que seu chefe, e incidentes como aquele comprovavam isso.

Dois anos antes, quando o cargo de chefe da unidade de segurança vagara, Peter se candidatara, mas Juel é que fora escolhido. Peter era poucos anos mais jovem que Juel, mas tinha um currículo com maior número e casos resolvidos a seu favor. Juel, no entanto, integrava uma lite metropolitana presunçosa que freqüentara as mesmas escolas e, Peter estava convicto disto, conspirava para conservar os melhores cargos para impedir o acesso de gente de fora, mesmo que com talento.

- Mas como é que o jornal foi contrabandeado? - indagou Juel. - Todos os pacotes são inspecionados pelos censores.

Peter hesitou. Preferia confirmar o que sabia antes de revela o que suspeitava. Sua informação originada na Suécia podia esta errada. Mas Braun estava na sua frente, tão impaciente que lembrava um cavalo escavando a terra e

bufando, e não era hora de tergiversar.

- Recebi uma dica - disse ele. - Ontem à noite falei com um detetive sueco meu amigo que trabalha em Estocolmo e que andou fazendo algumas perguntas discretas no escritório da agência telegráfica. Ele acha que o jornal sai naquele voo de Berlim para Estocolmo com parada aqui.

Braun concordou, balançando a cabeça animadamente.

- Quer dizer então que se revistarmos cada passageiro que entre no avião aqui em Copenhague deveremos encontrar a última edição?

- Sim.

- Tem esse voo hoje?

O coração de Peter confrangeu-se. Não era assim que ele trabalhava. Preferia verificar a informação antes de sair em diligência. Mas ficou feliz com a atitude agressiva de Braun - um agradável contraste com a indolência e precaução costumeiras de Juel. De qualquer modo, não podia sustar a avalanche desencadeada pela ansiedade de Braun.

- Sai em poucas horas - respondeu, ocultando seus receios.

- Então vamos andando!

A pressa podia arruinar tudo. Peter não podia deixar que Braun assumisse a operação.

- Posso apresentar uma sugestão, general?

- Naturalmente.

- Temos que agir discretamente, para não chamarmos a atenção do nosso acusado. Vamos montar uma equipe de detetives e oficiais alemães, mas a conservamos aqui no QG até o último minuto. Deixamos que os passageiros se reúnam para embarcar, antes de aparecermos. Vou sozinho ao aeroporto de Kastrup para providenciar o que for preciso discretamente. Depois que os passageiros tiverem entregado a bagagem, que o avião aterrisse e for reabastecido e que todos estiverem prontos para embarcar, será tarde demais para alguém fugir despercebido - aí podemos dar o bote.

Braun sorriu com ar de quem tinha percebido o alcance do plano de Peter.

- Você está com medo de que um monte de alemães juntos denuncie a jogada.

- Em absoluto, senhor - contestou Peter, com a maior cara de pau. Quando os alemães faziam graça deles mesmos, não era aconselhável entrar no coro. - Será importante que o senhor e seus homens nos acompanhem, para o caso de haver necessidade de interrogar cidadãos alemães.

Tendo sido rejeitado seu sarcasmo, Braun fechou a cara.

- Exatamente - disse, encaminhando-se para a porta. Telefone para o meu escritório quando a sua equipe estiver pronta para sair.

Peter sentiu-se aliviado. Pelo menos tinha recuperado o controle. Sua única preocupação era que o entusiasmo de Braun pudesse forçá-lo a agir cedo demais.

- Parabéns por ter traçado a rota do contrabando - disse Juel, condescendente. - bom trabalho de detetive. Mas teria sido mais diplomático falar comigo antes de contar para o Braun.

- Sinto muito, senhor - disse Peter. Na verdade, não teria sido possível: Juel já tinha ido para casa quando o detetive sueco telefonou na noite da véspera. Mas Peter não apresentou a desculpa.

- Está certo - disse Juel. - Monte uma equipe e mande que se apresente a mim para que eu dê as instruções. Depois vá para o aeroporto e me telefone quando os passageiros estiverem prontos para embarcar.

Peter retirou-se da sala de Juel e retornou para a mesa de ilde no escritório principal. Ela estava vestindo casaquinho, blusa e saia em diferentes tons de azul-claro, como uma garota em uma pintura francesa.

- Como foi lá? - perguntou ela.
- Cheguei tarde, mas compensei o atraso.
- Excelente.
- Haverá uma diligência no aeroporto nesta manhã - disse ele. Sabia quais detetives queria consigo. - Vou levar Bent Conrad, Peter Dresler e Knut Ellegard.

O detetive-sargento Conrad simpatizava entusiasticamentej com os alemães. Quanto aos detetives Dresler e Ellegard, não tinham fortes convicções políticas ou patrióticas, mas eram policiais conscienciosos que cumpriam ordens e faziam um trabalho meticuloso.

- E eu gostaria que você fosse também, se quiser, para o caso de haver suspeitos do sexo feminino a serem revistados.

- Claro.

Juel dará as instruções para todos. Eu Vou na frente para Kastrup.

Peter saiu andando na direção da porta, mas parou no meio do caminho e virou-se para trás.

- Como vai o pequeno Stig?

Tilde tinha um filho de seis anos de idade que ficava com a avó enquanto a mãe trabalhava. Ela sorriu.

- Está ótimo. Aprendendo a ler bem depressa.
- Um dia ele será chefe de polícia. Ela ficou vermelha.
- Não quero que ele seja policial.

Peter balançou a cabeça, compreensivo. O marido de Tildei morrera numa troca de tiros com uma quadrilha de contrabandistas, - Eu entendo.

Ela acrescentou, na defensiva:

- Você gostaria que seu filho fizesse este nosso trabalho? Ele deu de ombros.
- Não tenho filhos, e não é provável que venha a ter. Tilde dirigiu-lhe um olhar enigmático.
- Nunca se sabe o que o futuro nos reserva.
- É verdade - ele se virou de novo. Não queria dar início a uma discussão em dia de trabalho. - Eu telefono.
- Está bem.

Peter pegou um dos Buicks do departamento, um carro preto descaracterizado e equipado recentemente com aparelhos de comunicação por rádio. Saiu da cidade e atravessou a ponte que fazia ligação com a ilha de Amager, onde estava localizado o aeroporto de Kastrup. Era um dia ensolarado, e, da estrada, ele podia ver a praia cheia.

Parecia um homem de negócios ou um advogado em seu terno conservador de risca-de-giz e gravata de estampa discreta.

Não portava uma valise de couro, mas para adquirir mais verossimilhança, trouxera uma pasta de cartolina cheia de papéis que pegara na cesta.

Sentia-se ansioso ao se aproximar do aeroporto. Se tivesse tido mais um ou dois dias, teria sido capaz de estabelecer se todos os vôos carregavam pacotes ilegais ou se isso acontecia apenas em alguns. Havia uma possibilidade extremamente irritante de que não encontrasse nada, e, pior ainda, com esta sua incursão ele alertasse o grupo subversivo que poderia mudar para uma rota alternativa. Nesse caso, teria que começar tudo de novo.

O aeroporto compunha-se de alguns prédios baixos, dispersos, em um dos lados da rodovia. Era fortemente guardado por tropas alemãs, mas os vôos civis continuavam a ser operados pela companhia aérea dinamarquesa, DDL, pela sueca ABA e também pela Lufthansa.

Peter estacionou diante do escritório do controlador do aeroporto. Disse à secretária que era do Departamento de Segurança da Aviação e foi admitido imediatamente.

O controlador, Christian Varde, era um sujeito baixinho com o sorriso fácil dos vendedores. Peter mostrou sua identidade de policial.

- Haverá uma verificação especial de segurança no voo de hoje da Lufthansa para Estocolmo. Foi autorizado pelo general Braun, que está por chegar. Temos de preparar tudo.

Uma expressão de medo surgiu no rosto do controlador. Ele já ia levantar o telefone quando Peter cobriu o aparelho com a mão.

- Não - disse ele. - Não avise ninguém, por favor. Você tem uma lista dos passageiros que devem entrar no avião aqui?

- Minha secretária tem.

- Peça para ela trazer.

Varde ligou para a secretária e ela trouxe uma folha de papel. le entregou o papel a Peter.

- Este é o voo que vem de Berlim? - perguntou Peter.

- É - Varde consultou o relógio. - Deve aterrissar em quarentá e cinco minutos.

Havia tempo suficiente.

Simplificaria a tarefa de Peter se ele revistasse apenas os passageiros que embarcassem na Dinamarca.

- Quero entrar em contato com o piloto e dizer a ele que ninguém será autorizado a descer do avião em Kastrup hoje. Isso inclui passageiros e tripulação.

- Muito bem.

Ele avaliou a lista que a secretária trouxera. Dela constavam quatro pessoas: três dinamarqueses, dois homens e uma mulher, e um alemão.

- Onde estão os passageiros agora?

- Devem estar se apresentando no balcão de embarque.

- Recebam a bagagem deles, mas não a embarquem enquanto meus homens não a revistarem.

- Muito bem.

- Os passageiros também serão revistados antes do embarque. Haverá mais alguma coisa a ser embarcada aqui, além dos passageiros e sua bagagem?

- Café e sanduíches e uma saca de correspondência.

- A comida e a bebida têm que ser examinadas, assim como a correspondência. Um dos meus homens assistirá o reabastecimento.

- Ótimo.

- Agora vá e comunique-se com o piloto. Depois que todos os passageiros tiverem se apresentado, vá se encontrar comigo no salão de embarque. Mas, por favor, tente dar a impressão de que não está acontecendo nada de especial.

Varde saiu.

Peter dirigiu-se para a área de embarque, espremendo o cérebro para certificar-se de que pensara em tudo. Sentou-se no salão e, discretamente, estudou os passageiros, imaginando qual deles iria terminar o dia na cadeia em vez de num avião. Naquela manhã havia voos destinados a Berlim, Hamburgo, Oslo, Malmc e à ilha dinamarquesa de Bornholm, de modo que ele não podia saber ao certo quem estava destinado a Estocolmo.

Havia apenas duas mulheres na sala de espera: uma jovem mãe com duas crianças e uma mulher mais velha, lindamente vestida e de cabelos brancos. A mais velha podia ser a contrabandista e peter sua aparência podia ser destinada a afastar suspeitas.

Três dos passageiros usavam uniformes alemães. Peter verificou lista que tinha em mãos. Um certo coronel Von Schwarzkopf deveria embarcar ali com destino a Estocolmo.

Apenas um daqueles militares era coronel. Mas era muitíssimo improvável que um oficial alemão fosse levar jornais clandestinos dinamarqueses para fora do país.

Todos os demais estavam, como Peter, de terno e gravata, segurando o chapéu no colo.

Tentando demonstrar que estava entediado, mas paciente, com se esperasse pelo seu vôo, ele examinou cuidadosamente as outras pessoas ali sentadas, atento para reconhecer sinais de que alguém pressentira a revista iminente. Alguns passageiros pareciam nervosos, mas podia ser apenas medo de voar. O que mais preocupava Peter era assegurar-se de que ninguém tentava jogar fora um pacote ou esconder papéis em algum lugar da sala de espera.

Varde reapareceu. Radiante como se sentisse deleitado por rever Peter.

- Todos os passageiros se apresentaram no balcão.
- Ótimo - estava na hora de começar. - Diga a eles que a Lufthansa gostaria de lhes oferecer alguma hospitalidade especial e os leve para o seu escritório. Eu Vou depois.

Varde aquiesceu e foi para o balcão da Lufthansa. Enquanto ele pedia aos passageiros da Lufthansa para se adiantarem, Peter foi para um telefone público, ligou para Tilde e disse para ela que tudo estava pronto para a operação. Varde liderou o grupo de quatro pessoas e Peter incorporou-se à pequena procissão.

Quando estavam reunidos na sala de Varde, Peter revelou sua identidade. Mostrou o crachá da polícia ao coronel alemão.

- Estou agindo sob ordens do general Braun - disse, para impedir protestos. - Ele está vindo para cá e explicará tudo.

O coronel pareceu ficar aborrecido, mas sentou-se sem comentários, e os outros três passageiros - a senhora de cabelos brancos e os dois homens de negócios dinamarqueses - fizeram o mesmo. Peter encostou-se na parede, observando tudo, alerta para reconhecer qualquer movimento suspeito. Cada um dos quatro carregava uma bolsa ou sacola, a da velha era uma bolsa grande, a do oficial uma pasta de papéis fina e as dos homens de negócios eram pastas de couro. Qualquer um deles podia estar carregando um jornal clandestino.

- Posso lhes oferecer chá ou café enquanto esperam? perguntou Varde, alegremente.

Peter deu uma olhada no relógio. O vôo que saíra de Berlim estava para chegar. Ele olhou pela janela da sala de Varde e viu um aparelho se aproximando para aterrissar.

Era um Junkers Ju-52 - uma máquina feia, pensou. Sua superfície era corrugada, como o telhado de um galpão, e o terceiro motor, projetando-se do nariz, parecia o focinho de um porco. Mas ele se aproximou em uma velocidade incrivelmente reduzida para um aparelho pesado e o efeito foi majestoso. Logo estava tocando no chão, taxiava rumo ao terminal. A porta abriu-se e a tripulação jogou blocos que serviam para calçar as rodas enquanto a aeronave estivesse estacionada.

Braun e Juel chegaram, com os quatro detetives que Peter tinha escolhido, enquanto os passageiros bebiam uma xícara substituto de café no balcão do aeroporto.

Peter observou com atenção seus detetives esvaziarem pastas dos homens e a bolsa de mão da senhora de cabelos brancos. Era bem possível que o espião transportasse o jornal clandestino na bagagem de mão. Assim o traidor poderia alegar que tinha trazido o jornal para ler no avião. Não que isto fosse ajudar.

Mas os conteúdos eram inocentes.

Tilde levou a senhora para outra sala a fim de ser examinada enquanto os três homens removeram os casacos. Braun revistou o coronel, e o sargento Conrad os dinamarqueses.

Nada foi encontrado.

Peter ficou desapontado, mas disse a si próprio que era mais provável que o contrabando estivesse na bagagem.

Os passageiros tiveram autorização para voltar ao salão de espera, mas não de embarcar. A bagagem ficou alinhada sobre área cimentada do lado de fora do terminal:

duas malas novas de couro de crocodilo, que indubitavelmente pertenciam à velha senhora;

uma bolsa de lona que provavelmente era do coronel, uma valise de couro castanho-claro e uma outra barata, de papelão.

Peter sentiu-se confiante de que encontraria um exemplar do Realidade em uma delas.

Bent Conrad pegou as chaves com os passageiros.

- Aposto como está na mala da velha - cochichou para Peter. -Ela tem cara de judia.
- Abra as malas - ordenou Peter, sem dar confiança para ele.

Conrad abriu as malas e Peter pôs-se a revistá-las, com Juel e Braun olhando por cima dos seus ombros, e uma multidão assistindo pela janela do salão de embarque. Ele imaginou o instante em que encontrasse o jornal e, triunfantemente, o brandisse com um floreio na frente de todo mundo.

As malas de crocodilo estavam entulhadas de roupas antiquadas, que ele foi atirando no chão. A bolsa de lona continha um aparelho de barbear, uma muda de roupa de baixo e uma camisa de uniforme passada com perfeição. A mala de couro tinha papéis e roupas, e Peter a examinou cuidadosamente, mas não encontrou jornais nem nada suspeito.

Deixou por último a mala de papelão, imaginando que o passageiro mais pobre tivesse mais probabilidade de ser o espião.

A mala estava quase vazia, contendo apenas uma camisa branca e uma gravata preta, o que confirmava a história do homem de que ia a um funeral. Tinha também uma Bíblia preta bem surrada. Mas nada de jornal.

Peter, desesperado, começou a perguntar-se se seus receios não teriam sido bem fundados e que aquele seria um mau dia para uma revista. Sentiu-se furioso por ter permitido que o forçassem a agir prematuramente. Mas controlou sua fúria. Ainda não terminara.

Pegou no bolso um canivete. Com a ponta, furou o forro da dispendiosa mala da velha senhora e abriu um rasgão na seda branca. OuvIU Juel resmungar qualquer coisa, surpreendido com a súbita violência do seu gesto. Passou a mão dentro do forro. Para sua aflição, não havia nada escondido ali.

Gez o mesmo na mala de couro, com idêntico resultado. Já a 66/67

mala de papelão não tinha forro e Peter não viu nada em sua estrutura que pudesse servir de esconderijo.

Ruborizado de frustração e vergonha, cortou os pontos base de couro da bolsa de lona do coronel e procurou papeis escondidos. Não havia nada.

Levantou os olhos para Braun, Juel e os detetives, que o encaravam. Seus rostos exibiam fascinação e um toque de medo. percebeu que seu comportamento estava começando a parecer um tanto louco.

Ao diabo com aquilo.

- Talvez a sua informação estivesse errada, Flemming - i se Juel, com ar de cansado.
- E como isso o deixaria feliz, pensou Peter, ressentido. Mas ele ainda não terminara.

Viu Varde olhando do salão de embarque e o chamou com u gesto. O sorriso dele pareceu tenso quando ele constatou o estado caótico das bagagens dos passageiros.

- Onde está o saco da correspondência postal? - perguntou Peter.
- No depósito.
- Bem, o que está esperando, idiota? Traga-o aqui!

Varde saiu voando. Peter apontou para a bagagem com um gesto de repugnância e dirigiu-se a seus detetives:

- Livrem-se desta droga.

Dresler e Ellegard refizeram as malas de qualquer maneira. Um carregador veio apanhá-las a fim de levar para o avião.

- Espera aí - disse Peter quando o homem começou a apá nhar as malas. - Reviste-o, sargento. Conrad revistou o homem, nada encontrou.

Varde trouxe o saco do correio e Peter esvaziou-o, jogando cartas no chão. Todas traziam o carimbo do censor. Havia dois envelopes grandes o bastante para conter um jornal, um branco i outro de papel pardo. Ele abriu o branco. Continha seis cópias um documento legal, um tipo qualquer de contrato. O de papel pardo tinha o catálogo de uma fábrica de utensílios de vidro Copenhague. Peter praguejou em voz alta.

Um carrinho com uma bandeja de sanduíches e diversos bules de café foi trazido para a inspeção de Peter. Era sua última esperança. Abriu todos os bules e derramou o café no chão. Juel resmungou qualquer coisa sobre aquilo ser desnecessário, mas Peter estava desesperado demais para se importar. Afastou os guardanapos de linho que cobriam a bandeja e saiu apalpando tudo entre os sanduíches. Para seu horror, não havia nada. Num ataque de raiva, pegou a bandeja e atirou os sanduíches no chão, na esperança de encontrar um jornal por baixo, mas só havia outro guardanapo de linho.

Ele viu que ia ficar completamente humilhado, e isto o deixou mais furioso ainda.

- Comecem a reabastecer - disse. - Eu observo.

Um caminhão-tanque foi levado para perto do Junkers. Os detetives apagaram os cigarros e observaram o combustível de aviação ser bombeado para os tanques existentes nas asas da aeronave. Peter sabia que era inútil, mas perseverou obstinadamente, com a cara fechada, porque não era capaz de imaginar outra coisa para fazer. Os passageiros do avião observavam, curiosos, pelas janelas retangulares do Junkers, sem dúvida querendo saber por que um general alemão e seus civis precisariam observar o reabastecimento da aeronave.

Os tanques foram enchidos e novamente tampados.

Peter não conseguia imaginar um outro modo de adiar a decolagem. Estava errado e agora parecia um idiota.

- Deixem os passageiros embarcar - disse ele, com fúria contida.

Retornou ao salão de embarque, totalmente humilhado. Tinha vontade de estrangular alguém. Fizera uma completa confusão na frente do general Braun e do superintendente Juel. A junta que designava os policiais para novas funções se sentiria extremamente feliz por ter indicado Juel em vez de Peter. E Juel podia inclusive usar aquele fiasco como desculpa para afastar Peter e co oca-lo em um departamento menos visível, como o de trânsito- por exemplo.

Ele parou no meio do salão a fim de observar a aterrissagem. Juel, Braun e os detetives esperaram com ele. Varde ficou por perto, esforçando-se ao máximo para dar a impressão de que nada de fora do comum tinha acontecido. Assistiram ao embarque dos quatro passageiros furiosos. Os calços foram removidos das rodas pela equipe de terra e jogados a bordo do aparelho e depois a porta foi fechada.

Quando a aeronave começou a se deslocar, Peter teve inspiração.

- Pare o avião! - disse para Varde.

- Pelo amor de Deus! - exclamou Juel.

Varde dava a impressão de que ia cair no choro. Ele virou para o general Braun.

- Senhor, meus passageiros...

- Pare o avião! - repetiu Peter.

Varde continuou a olhar para Braun com uma expressão súplice. Depois de um momento, Braun concordou.

- Faça o que ele diz. Varde pegou um telefone.

- Meu Deus, Flemming - disse Juel, desta vez você vai ter que acertar.

A aeronave seguiu rolando pela pista, fez uma volta completa e voltou para onde estava. A porta abriu-se e os

calços foram jogados para a equipe de terra.

Peter saiu na frente do resto dos detetives. As hélices foram girando cada vez mais devagar e pararam. Dois homens de mac cã foram colocar os calços na frente das rodas principais. Peter dirigiu-se a um deles.

- Passe-me esse calço.

O homem pareceu amedrontado, mas fez o que foi ordenado.

Peter pegou o calço de sua mão. Era um bloco de madeira triangular com uns trinta centímetros de altura - sujo, pesado sólido.

- O outro calço também - disse Peter.

Mergulhando debaixo da fuselagem, o mecânico pegou outro calço e o entregou.

Parecia igual ao primeiro, só que mais leve. Peter revirou nas mãos e descobriu que em uma das faces havia uma tampa deslizante. Abriu-a. Dentro do calço de madeira havia um pacote cuidadosamente embrulhado em oleado.

Peter deu um suspiro de profunda satisfação.

O mecânico virou-se e saiu correndo.

- Detenham-no! - gritou Peter, mas foi desnecessário. O homem desviou-se dos detetives e tentou passar por Tilde, imaginando, sem dúvida, que podia facilmente empurrá-la.

Mas Tilde virou-se como uma dançarina, deixando que passasse, e então esticou o pé e ele tropeçou e se estatelou.

Dresler pulou sobre ele, levantou-o e torceu-lhe o braço nas costas.

Peter fez um gesto de cabeça para Ellegard.

- Prenda o outro mecânico. Ele devia saber o que estava acontecendo. .

Peter voltou sua atenção para o pacote. Retirou o oleado. Dentro havia dois exemplares do Realidade. Entregou-os a Juel.

Juel deu uma olhada nos papéis e encarou Peter.

Peter sustentou seu olhar, sem dizer nada, só esperando.

- Muito bem, Flemming - disse Juel por fim, relutantemente, Peter sorriu.
- Só cumpri com o meu dever, senhor. Juel virou de costas.

Peter dirigiu-se a seus detetives.

- Algemem os dois mecânicos e levem-nos para serem interrogados no QG - ordenou.

Havia algo mais no pacote. Peter puxou um punhado de papéis presos por um clipe. Estavam cobertos por caracteres datilografados em grupos de cinco letras que não faziam sentido. Examinou aquilo por um momento, perplexo. Quando caiu na realidade, ele viu que tinha em mãos um trunfo maior do que sonhara.

Os papéis continham uma mensagem em código.

Peter entregou-os a Braun.

- Acho que descobrimos uma rede de espionagem, general. Braun olhou os papéis e empalideceu.
- Meu Deus, você está certo.
- O Exército alemão tem um departamento especializado em decifrar códigos inimigos?
- com certeza que tem.
- Ótimo.

UMA ANTIGA CARRUAGEM puxada por dois cavalos pegou Harald Olufsen e Tik Duchwitz na estação ferroviária de Kirsteneld"águad" águat, a aldeia onde Tik morava.

Tik explicou que a carruagem apodrecia havia anos em um celeiro e fora ressuscitada quando os alemães impuseram o racionamento de combustível. A tinta fresca aplicada no corpo da carruagem brilhava, mas a parelha era, obviamente, de cavalos comuns apanhados na fazenda. O cocheiro dava a impressão de que estaria se sentindo mais à vontade atrás de um arado.

Harald não sabia ao certo por que Tik o convidara para o fim de semana. Os Três Patetas nunca haviam se visitado, embora tivessem sido muito amigos durante os sete anos de escola. Talvez o convite fosse consequência da explosão antinazista de Harald. Talvez os pais de Tik estivessem curiosos para conhecer o filho de pastor que se mostrara tão preocupado com a perseguição aos judeus.

Saíram da estação e entraram numa pequena aldeia com uma igreja e uma taverna. Na outra ponta, abandonaram a rua e passaram entre um par de imponentes leões de pedra.

Depois de percorrerem um caminho com uns seiscentos metros, Harald viu um castelo de conto de fadas com torres e ameias.

Havia centenas de castelos na Dinamarca, e Harald às vezes se consolava com isso. Embora fosse um país pequeno, nem sempre se rendera abjetamente a seus vizinhos beligerantes. Talvez tivesse restado qualquer coisa do espírito viking.

Alguns castelos eram monumentos históricos, mantidos como museus e visitados por turistas. Muitos eram pouco mais que mansões rurais ocupadas por prósperas famílias dedicadas à agricultura. Entre um tipo e outro havia inúmeras casas espetaculares pertencentes aos mais ricos. Kirsteneld"águad" águat - a casa tinha o mesmo nome da aldeia - era uma destas.

Harald sentiu-se intimidado. Sabia que a família Duchwitz era rica - o pai de Tik e os tios eram banqueiros - mas não estava preparado para aquilo. Perguntou-se ansiosamente se saberia como se comportar. Nada na sua vida passada na residência de um pastor o tinha preparado para uma coisa daquelas.

A tarde de sábado já estava quase terminando quando a carruagem deixou-os na entrada da frente, que lembrava a entrada de uma catedral. Harald entrou, carregando sua malinha. O hall de piso de mármore era cheio de peças antigas de mobília e decorado com vasos, estátuas pequenas e quadros grandes. A família de Harald era inclinada a cumprir literalmente o Segundo Mandamento, aquele que proíbe que sejam reproduzidas quaisquer coisas existentes no céu ou na Terra, e, portanto, não havia retratos na residência do pastor (embora Harald soubesse que ele e Arne tinham sido fotografados secretamente quando bebês, pois encontrara as fotos escondidas na gaveta de meias da mãe). A riqueza da arte na casa da família Duchwitz o deixou ligeiramente constrangido.

Tik o levou a um quarto depois de subir uma escadaria imponente.

- Este é o meu quarto - disse ele.

Ali não havia antigos mestres da pintura nem vasos chineses, só o tipo de coisas que um rapaz de dezoito anos coleciona: uma bola de futebol, uma foto de Marlene Dietrich com expressão sensual, um clarinete e um cartaz emoldurado de um anúncio do Lancia Aprilla, o carro esporte projetado por Pininfarina.

Harald pegou um porta-retratos com uma foto de Tik com uns quatro anos de idade e uma garota da mesma idade.

- Quem é a menina? - perguntou.

- Minha irmã gêmea, Karen. - Oh.

Harald sabia vagamente que Tik tinha uma irmã gêmea. Ela era mais alta que ele na foto. Era um retrato em preto e branco, mas ela parecia ser mais clara.

- Evidentemente não são gêmeos idênticos - brincou Harald. Ela é muito mais bonita que você.

- Gêmeos idênticos têm que ser do mesmo sexo, idiota.
- Onde ela estuda?
- No Royal Danish Ballet.
- Eu não sabia que o Ballet tinha uma escola.
- Se você quer pertencer ao corpo de baile precisa freqüentar a escola. Algumas garotas começam com cinco anos. Comparecem a todas as aulas normais e também estudam dança.

- Ela gosta?

Tik deu de ombros.

- Diz que é muito trabalhoso.

Ele abriu a porta e saiu andando por um corredor curto até um banheiro e um outro quarto, menor que o seu. Harald seguiu-o.

- Você ficará neste aqui, se estiver tudo bem - disse Tik. Nós vamos compartilhar o banheiro.

- Ótimo - aprovou Harald, largando a mala em cima da cama, - Você podia ficar com um quarto maior, mas seria a quinze metros de distância.

- Aqui é melhor.

- Vamos cumprimentar minha mãe.

Harald seguiu Tik no corredor principal do andar térreo. Tik parou diante de uma porta, bateu, abriu-a um pouco e disse:

- Você está recebendo visitas de cavalheiros, mãe?

- Entre, Josef - respondeu uma voz.

Harald entrou atrás de Tik no boudoir da sra. Duchwitz, um belo aposento com porta-retratos em todas as superfícies horizontais. A mãe de Tik se parecia com ele.

Era muito baixa, embora gordinha enquanto Tik era magro, e tinha os mesmos olhos escuros. Estava com cerca de quarenta anos, mas seu cabelo negro já exibía muitos fios brancos.

Tik apresentou Harald, que apertou sua mão com uma pequena reverência. A sra. Duchwitz fez com que os dois se sentassem e lhes fez perguntas sobre a escola. Ela era amável e de conversa fácil, e Harald começou a se sentir menos apreensivo em relação ao fim de semana.

Após algum tempo ela disse:

- Agora vão e se preparem para o jantar. Os meninos voltaram para o quarto de Tik.

- Você não veste nada especial para o jantar, veste? - perguntou Harald ansiosamente.

- Seu blazer e a gravata estão ótimos.

Era tudo o que Harald tinha. O blazer da escola, mais as calças, o sobretudo e o boné, além do uniforme de ginástica, representavam uma despesa grande para a família Olufsen, ainda mais tudo tinha que ser substituído constantemente, já que ele crescia um bom par de centímetros a cada ano. Harald não tinha outras roupas, com exceção de suéteres para o inverno e shorts para o verão.

- O que é que você vai vestir? - perguntou a Tik.

- Um paletó preto e calças de flanela cinzentas.

Harald sentiu-se feliz por ter trazido uma camisa branca limpa.

- Você vai querer tomar banho antes? - perguntou Tik.

- Claro.

A idéia de ter que tomar banho antes do jantar parecia estranha a Harald, mas ele disse a si próprio que estava aprendendo os costumes dos ricos.

Ele lavou o cabelo durante o banho, enquanto Tik aproveitou para fazer a barba.

- Você não faz a barba duas vezes por dia na escola - comentou Harald.
- Mamãe é muito exigente. E minha barba é escura. Ela diz que fica parecendo que trabalho em uma mina de carvão quando não me barbeio de noite.

Harald vestiu a camisa limpa e as calças da escola e depois foi para o quarto pentear o cabelo molhado em frente ao espelho que ficava em cima da penteadeira. Enquanto se penteava, uma garota entrou sem bater.

- Oi - disse ela. - Você deve ser o Harald.

Era a garota do retrato, mas a foto em preto e branco não lhe fizera justiça. Tinha a pele muito branca e os olhos verdes, enquanto que o cabelo cacheado exibía os tons intensos do vermelho-acobreado. Alta, trajando um vestido comprido verde-escuro, parecia deslizar pelo quarto. com a força graciosa de uma atleta, pegou uma cadeira pesada pelo encosto e virou-a para se sentar. Cruzou as pernas longas.

- E então? - insistiu. - Você é o Harald?

Ele conseguiu falar.

sim - disse, sem graça por estar descalço. - Você é a irmã de Tik?

- É como chamamos o Josef na escola.
- Bem, eu sou Karen, e não tenho apelido. Soube da sua explosão na escola. E acho que está absolutamente certo. Odeio os nazistas. Quem eles pensam que são?

Tik saiu do banheiro enrolado numa toalha.

- Você não tem consideração com a privacidade de um cavalheiro?
- Não, não tenho. Quero um coquetel e não posso ser servida enquanto não houver pelo menos um homem na sala. Acredito que os criados inventam essas regras, sabe?
- Bem, olha para outro lado por um instante - disse Tik e, para surpresa de Harald, deixou cair a toalha.

Karen não se perturbou com a nudez do irmão e também não se deu ao trabalho de virar o rosto.

- De qualquer modo, como vai você, seu anão de olhos negros? - disse ela amavelmente, enquanto ele vestia a cueca.
- Vou bem, mas iria bem melhor se os exames já tivessem terminado.
- O que acontecerá se você for reprovado?
- Suponho que irei trabalhar no banco. O pai provavelmente me fará começar de baixo, enchendo os tinteiros dos escriturários menos graduados.

- Ele não vai ser reprovado - disse Harald, dirigindo-se a Karen.
- Suponho que você seja inteligente, como Josef - replicou ela.
- Muito mais inteligente, na verdade - disse Tik.

Harald não podia, honestamente, negar. Sentindo-se envergonhado, perguntou:

- Como é freqüentar uma escola de balé?
- Um meio-termo entre servir ao Exército e estar na prisão. Harald não podia tirar os olhos de Karen, fascinado. Não sabia se a considerava uma garota ou uma deusa. Ela brincava com o irmão como se fosse uma menina e, no entanto, era extraordinariamente graciosa. Sentada ali na cadeira, balançando um braço, ou apontando ou descansando o queixo em uma das mãos, parecia dançar. Todos os seus movimentos eram harmoniosos.

Mesmo assim, a postura não a continha, e Harald observou todas as cambiantes expressões do seu rosto como se estivesse hipnotizado. A boca, de lábios cheios, exibía um sorriso largo ligeiramente torto. Na verdade o rosto de Karen era um pouco irregular - o queixo e o nariz podiam ser mais certinhos, mas o efeito geral traduzia-se na mais bela garota que ele já vira.

- É melhor você se calçar - Tik lembrou a Harald.

Harald bateu em retirada para o seu quarto e terminou de se vestir. Quando voltou, encontrou Tik todo elegante, de casaco preto, camisa branca e gravata escura comum e, metido no seu blazer, sentiu-se mais que nunca um garoto de escola.

Karen desceu a escada na frente deles. Entraram numa sala comprida, aparentemente desorganizada, com diversos sofás grandes, um piano de cauda e um cachorro velho em cima de um tapete diante da lareira. O ambiente informal contrastava com a formalidade asfixiante da casa, embora ali as paredes também estivessem cheias de pinturas a óleo.

Uma jovem de vestido preto e avental branco perguntou a Harald o que ele gostaria de beber.

- O que Josef for beber - respondeu ele. Não havia álcool na casa do pastor. Na escola, no último ano, os meninos eram autorizados a beber um copo de cerveja cada um, nas reuniões das noites de sexta-feira. Harald nunca bebera um coquetel e não sabia ao certo o que era.

Para ter alguma coisa a fazer, ele abaixou-se e deu uma palmadinha no cachorro. Era um grande setter irlandês com uns salpicos de branco no pêlo sedoso e vermelho-escuro.

Ele abriu um olho e sacudiu a cauda uma vez, em polido agradecimento às atenções de Harald.

- Este é o Thor - disse Karen.
- O deus do trovão - disse Harald, com um sorriso.
- É um nome bobo, confesso, mas foi Josef quem escolheu. Tik protestou.
- Você queria que ele se chamasse Botão-de-ouro!
- Eu só tinha oito anos nesse tempo.
- Eu também. Além do mais, Thor não é um nome bobo. Ele Parece um trovão quando peida.

Neste exato momento o pai de Tik entrou na sala. Parecia-se tanto com o cachorro que Harald quase riu. Alto, magro, estava elegantemente vestido com um paletó de veludo e gravata borboleta preta. Seu cabelo ruivo encaracolado começava a branquear. Harald levantou-se e apertou sua mão.

O sr. Duchwitz o cumprimentou com a mesma preguiçosa cortesia que o cachorro demonstrara.

- É um grande prazer conhecer você - disse ele, com um jeito arrastado de falar. - Josef está sempre falando a seu respeito.

- Você agora já conhece toda a família - ressaltou Tik.
- Como vão as coisas na escola, depois da sua explosão?
- Não fui punido, o que achei estranho - respondeu Harald. Já tive que cortar a grama com uma tesourinha de unhas por ter dito "bobagem" quando um professor fez uma afirmativa idiota em classe. Fui muito mais rude com o sr. Agger. Mas Heis, ou seja, o diretor, só me passou um sermão tranqüilo sobre como eu poderia ter provado de modo muito mais efetivo o meu ponto de vista se tivesse me controlado.

- Dando o exemplo, ele próprio, por não ter ficado furioso com você - disse o sr. Duchwitz com um sorriso. Harald percebeu então que tinha sido exatamente isto que Heis fizera.

- Pois eu acho que o seu diretor errou - disse Karen. - Às vezes é preciso ofender para a pessoa ser ouvida.

O que souu como verdade aos ouvidos de Harald, que lamentou não ter pensado nisso para dizer a Heis. Karen era tão inteligente quanto bonita. Mas ele aguardara com ansiedade uma chance de fazer uma pergunta ao pai dela.

- Sr. Duchwitz, o senhor não se preocupa com o que os nazistas possam lhe fazer? Nós sabemos como os judeus foram maltratados na Alemanha e na Polônia.

- Eu me preocupo, sim. Mas a Dinamarca não é a Alemanha, e os alemães parecem nos considerar primeiro como dinamarqueses e depois como judeus.

- Até agora, pelo menos - interveio Tik.
- É verdade. Mas aí também há a questão de quais são as opções abertas para nós. Suponho que eu poderia fazer uma viagem de negócios à Suécia e lá providenciar um visto para os Estados Unidos. Levar toda a família para fora seria mais difícil. E pensar que estaria deixando para trás um negócio que foi fundado pelo meu bisavô, esta casa onde meus filhos nasceram, uma coleção de pinturas que levei a vida inteira para montar... Olhando-se as coisas desse modo, parece mais simples ficar quieto e torcer pelo melhor.

- De qualquer modo, não é como se fôssemos comerciantes, pelo amor de Deus - disse Karen, jovialmente. - Odeio os nazistas, mas o que é que eles vão fazer com a família que é proprietária do maior banco do país?

Harald achou que aquele argumento era burrice.

- Os nazistas podem fazer o que lhes der na telha, você já devia saber disso a esta altura - retrucou ele, desdenhosamente.

- Eu devia? - replicou Karen, friamente, e ele percebeu que a ofendera.

Harald ia explicar como tio Joachim fora perseguido, mas naquele instante a dona da casa juntou-se a eles e todos começaram a falar sobre a atual produção do Royal Danish Ballet, que era Lês Sylphides.

- Adoro a música - disse Harald. Ele a ouvira no rádio e era capaz de tocar diversos trechos ao piano.

- Você assistiu ao balé? - perguntou a sra. Duchwitz.

- Não - Harald sentiu um impulso de dar a impressão de ter assistido a muitos balés, tendo perdido aquele em particular, mas deu-se conta de que como seria arriscado fazer isso diante de uma família tão culta.

- Para ser sincero, nunca fui ao teatro - confessou.

- Que coisa horrível! - disse Karen, com ar de superioridade.

A sra. Duchwitz lançou um olhar de desaprovação para a filha.

- Então a Karen deve levá-lo - disse ela.

- Mamãe, eu estou terrivelmente ocupada - protestou Karen.

- Sou a substituta de um papel principal!

Harald sentiu-se magoado com a rejeição dela, mas imaginou que estivesse sendo punido por ter desfeito dela no caso dos nazistas.

Ele esvaziou seu copo. Tinha apreciado o gosto agridoce do coquetel, que, se lhe dera uma agradável sensação de bem-estar, também podia tê-lo tornado menos cuidadoso com o que dizia.

Arrependia-se de ter afrontado Karen. Agora que, de repente, ela passara a tratá-lo com frieza, percebeu o quanto viera a gostar da irmã de Tik.

A criada que trouxera as bebidas anunciou que o jantar estava servido e abriu a porta de duas folhas que dava no salão de jantar. Todos entraram e sentaram-se à mesa comprida. A criada ofereceu vinho, mas Harald não quis.

Tomaram sopa de legumes e comeram bacalhau ao molho branco e costeletas de carneiro. Havia muita comida, a despeito do racionamento, e a sra. Duchwitz explicou que a maior parte do que comiam vinha da fazenda.

Durante a refeição Karen nada disse diretamente a Harald, dirigindo-se o tempo todo ao grupo de um modo geral. Mesmo quando ele lhe fazia uma pergunta, olhava para os outros ao responder. Aquilo abalou Harald. Karen era a garota mais encantadora que já conhecera e, em menos de duas horas conseguira irritá-la.

Depois do jantar voltaram para a sala de estar e tomaram café de verdade. Harald gostaria de saber onde o sr. Duchwitz o teria comprado. Café era como ouro em pó e certamente não crescia nas terras de uma fazenda dinamarquesa.

Karen foi fumar um cigarro no terraço, e Tik explicou que seus pais, antiquados como eram, não gostavam de ver uma garota fumando. Harald ficou assombrado com a sofisticação de uma garota que bebia coquetéis e fumava.

Quando ela voltou, o pai sentou-se ao piano e pôs-se a folhear as partituras que estavam na estante do instrumento, enquanto sua mulher colocava-se atrás dele.

- Beethoven? - perguntou ele.

A sra. Duchwitz concordou, balançando a cabeça. Depois que o marido tocou umas poucas notas, ela começou a cantar uma canção em alemão. Harald ficou impressionado e, no fim, aplaudiu.

- Cante outra, mãe - pediu Tik.

- Está bem - concordou ela. - Mas depois você vai ter que tocar alguma coisa.

Quando os pais terminaram a segunda música, Tik pegou o clarinete e tocou uma canção de ninar de Mozart. O sr. Duchwitz voltou ao piano e tocou uma valsa de Chopin, de Lês Sylphides, com o que Karen tirou os sapatos e mostrou a todos uma das danças que fazia parte do seu repertório como substituta de uma das protagonistas.

Quando terminou, todos olharam para Harald, na expectativa.

Ele percebeu que tinha que fazer qualquer coisa. Não sabia cantar, salvo algumas canções folclóricas dinamarquesas, as quais, na verdade, não eram cantadas e sim gritadas. Assim, teria que tocar piano.

- Não sou muito bom em música clássica - desculpou-se.

- Bobagem - retrucou Tik. - Você me contou que toca no piano da igreja do seu pai.

Harald sentou-se diante do teclado. Na verdade não podia forçar uma família judia a ouvir hinos luteranos. Hesitou, e começou a tocar "Pine Top's Boogie-Woogie".

Começava com um trinado desferido pela mão direita. Depois a mão esquerda deu início ao insistente padrão rítmico nos graves, enquanto a direita executava os acordes dissonantes de blues que eram tão sedutores. Após alguns momentos ele perdeu o acanhamento, começou a sentir a música e foi tocando cada vez mais alto e mais enfaticamente, gritando em inglês nos pontos mais destacados, exatamente como Pine Top, "Everybody, boogie-woogie!" Quando a canção chegou ao clímax, ele exclamou: "That's what I'm talking about!"

Harald foi saudado por um silêncio tumular. A expressão dolorida do sr. Duchwitz lembrava a de um homem que, acidentalmente, tivesse engolido alguma coisa podre.

Até Tik pareceu envergonhado. A sra. Duchwitz foi a única que falou:

- Bem, devo dizer que nunca foi ouvido aqui nesta sala algo assim.

Harald viu que cometera um erro. A ilustre família Duchwitz desaprovava o jazz tanto quanto os seus pais. Eram cultos, mas isso não fazia com que tivessem a mente aberta.

- Foi mal - disse ele. - Estou vendo agora que não foi o tipo certo de música.

- Na verdade, não foi - concordou o sr. Duchwitz.

Parada atrás do sofá, Karen atraiu a atenção de Harald, que esperava ver um sorriso desdenhoso. Mas, para sua surpresa e deleite, ela piscou um olho.

O que fez com que o seu vexame valesse a pena.

Na manhã de domingo ele acordou pensando em Karen.

Tinha esperança de que ela aparecesse no quarto dos rapazes para bater papo, como fizera na véspera, mas eles não a viram. Também não apareceu no café da manhã.

Esforçando-se ao máximo para aparentar indiferença, perguntou a Tik por ela. Desinteressado, Tik disse que provavelmente estaria fazendo seus exercícios.

Depois do café, os dois estudaram durante duas horas, fazendo uma revisão para o exame. Ambos esperavam passar com facilidade, mas não queriam se arriscar, já que o resultado decidiria sua ida para a universidade. Às onze horas saíram para dar uma volta.

Perto do fim da longa entrada para carros, parcialmente escondido por um renque de árvores, havia um mosteiro em

ruínas.

- Foi tomado pelo rei após a Reforma, e usado como casa por um século - explicou Tik. - Depois Kirsteneld'águaot foi construída e a velha casa caiu em desuso.

Os dois exploraram os claustros onde os monges tinham caminhado. As celas serviam agora de depósito para equipamentos de jardinagem.

- Algumas dessas coisas não são sequer olhadas por ninguém há décadas - disse Tik, cutucando uma roda de ferro enferrujada com a ponta do pé.

Ele abriu uma porta que dava em um aposento grande e iluminado. Não havia vidros nas janelas estreitas, mas era limpo e seco.

- Aqui era o dormitório - explicou Tik. - Ainda é usado no verão por trabalhadores temporários da fazenda.

Eles entraram na antiga igreja, agora um depósito de sucata. O cheiro de mofo era bem forte. Um gato preto e branco olhou para eles como se quisesse saber quem lhes dera o direito de irg entrando ali daquele modo e depois escapou por uma janela sem vidro.

Harald levantou uma lona, expondo um reluzente Rolls-Royce montado sobre blocos de madeira.

- Do seu pai? - perguntou.

- É. Foi posto de lado até que voltem a vender gasolina. Uma bancada com um torno e uma coleção de ferramentas, e certamente eram usadas para fazer a manutenção do carro quando ele funcionava, podia ser vista ao lado do Rolls-Royce. No canto, havia um lavatório com uma única torneira. Encostadas na parede, tinham sido empilhadas caixas que haviam contido originalmente sabão e laranjas. Harald deu uma espiada em uma delas e encontrou uma confusão de carrinhos de lata. Pegou um deles. Tinha um motorista pintado, de perfil, na janela lateral, e de frente no pára-brisa. Lembrou-se do tempo em que desejava com todas as forças um carrinho como aquele. Recolocou-o no lugar, cuidadosamente.

Do lado contrário onde eles estavam, havia um avião monomotor sem asas.

Harald examinou-o, interessado.

- O que é aquilo?

- Um Hornet Moth, construído pela De Havilland, a companhia inglesa. O pai o comprou há cinco anos, mas não aprendeu a pilotar.

- Você já andou nele?

- Oh, sim, fizemos grandes passeios quando era novo. Harald tocou na grande hélice, que tinha quase dois metros de comprimento. As curvas matematicamente precisas a transformavam em uma obra de arte a seus olhos. O avião estava ligeiramente inclinado para um lado e ele viu que a causa era o trem de pouso danificado e um dos pneus furado.

Apalpou a fuselagem e surpreendeu-se ao ver que era de tecido, esticado sobre uma estrutura, com pequenos rasgos e pregas aqui e ali. Era pintado de azul-claro, com uma listra quadriculada em preto e branco, mas a pintura que, quando nova, devia ser cheia de vida, agora era fosca, sem graça, empoeirada e riscada de óleo derramado. Tinha asas sim, ele via agora - asas de biplano, pintadas de prata, mas dobradas e viradas de modo que as pontas apontavam para trás.

Deu uma olhada dentro da cabine pela janela lateral. Lembrava bastante a parte da frente de um carro. Havia dois assentos, Um do lado do outro, e um painel de instrumentos confeccionado em madeira envernizada com uma variedade de mostradores. O estofamento de um dos assentos tinha arreventado e o estofado estava saindo. Tudo indicava que camundongos haviam feito um ninho ali.

Harald achou a maçaneta e entrou com alguma dificuldade, ignorando o ruído quase inaudível de pequeninos animais em fuga. Sentou-se no banco que estava intacto.

Os controles lhe pareceram simples. No meio havia um botão de comando em forma de Y que podia ser operado de qualquer um dos bancos. Segurou e pôs os pés sobre os pedais. Pensou que voar devia ser ainda mais emocionante que andar de moto. Imaginou-se voando sobre o castelo como uma ave gigantesca, com o ronco do motor nos ouvidos.

- Você já pilotou? - perguntou a Tik.
- Não. Mas Karen andou tendo umas aulas.
- É mesmo?
- Ela não tinha idade para conseguir o brevê, mas era muito boa.

Harald experimentou os controles. Viu dois interruptores. Acionou-os, mas nada aconteceu. O manche e os pedais pareciam soltos, como se não estivessem ligados a nada. Tik viu o que ele estava fazendo e esclareceu:

- Alguns dos cabos foram tirados no ano passado, para reparar uma das máquinas da fazenda. Vamos embora.

Harald poderia passar mais uma hora mexendo no avião, mas, como Tik estava impaciente, desceu da cabine.

Saíram pela parte de trás do mosteiro e seguiram uma trilha de carroça através de um bosque. Anexa a Kirsteneld'águaot'águaot, havia uma grande fazenda.

- A fazenda está alugada à família Nielsen desde antes de eu nascer - disse Tik. - Eles criam porcos para a fabricação de toucinho, têm um rebanho leiteiro premiado e cultivam cereais em centenas de acres.

Harald e Tik contornaram um campo imenso plantado com trigo, atravessaram um pasto cheio de vacas malhadas de preto e branco e sentiram o cheiro dos porcos à distância.

Na estrada de terra que dava na casa da fazenda encontraram um trator e um reboque. Um rapaz de macacão examinava o motor. Tik apertou a mão dele.

- Olá, Frederik, o que houve?
- O motor morreu no meio da estrada. Eu estava levando o sr. Nielsen e a família à igreja no reboque.

Harald olhou de novo para o reboque e viu que tinha dois bancos.

- Os adultos foram a pé para a igreja e as crianças voltaram para casa - completou Frederik.
- Meu amigo Harald aqui é um verdadeiro mágico em motores de todos os tipos.
- Eu não me incomodaria se ele desse uma olhada.

O trator era um modelo atualizado, com motor a diesel e pneus de borracha em vez de rodas de aço. Harald debruçou-se para examinar as entranhas do motor.

- O que acontece quando você dá a partida?
- Vou lhe mostrar.

Frederik puxou um cabo. O motor de partida girou, mas o motor não pegou.

- Acho que precisa de uma bomba de combustível nova disse.

Frederik sacudiu a cabeça, desesperado.

- Não conseguimos arranjar peças para nenhuma das nossas máquinas.

Harald franziu a testa, cético. Podia sentir o cheiro de combustível, o que sugeria que a bomba estava trabalhando, mas que o óleo diesel não chegava nos cilindros.

- Quer dar a partida mais uma vez?

Frederik puxou a empunhadura do cabo. Harald teve a impressão de ver o cano de saída do filtro de combustível se mover. Olhando mais de perto, viu que o óleo diesel vazava pela válvula. Estendeu a mão e sacudiu a porca. Todo o conjunto da válvula saiu, desligando-se do filtro.

- Aí está o problema - disse Harald. - A rosca desta porca se gastou, por alguma razão, e está deixando vazar o combustível. Você tem um pedaço de arame?

Frederik enfiou as mãos nos bolsos da calça de lã.

- Tenho aqui um pedaço de barbante.
- Vai servir por ora - Harald recolocou a válvula na posição correta e amarrou-a ao filtro para que não balançasse.
- Tente dar a Partida de novo.

Frederik pegou a empunhadura e puxou o cabo de novo e o motor pegou.

- Puxa vida! - exclamou ele, muito feliz. - Você conseguiu!
- Quando tiver uma oportunidade, substitua o barbante por arame. Aí não vai precisar de uma peça nova.
- Será que você não vai ficar por aqui mais uma ou duas semanas? - perguntou Frederik. - Tem muita máquina quebrada aqui nesta fazenda.
- Não, sinto muito, tenho que voltar para a escola.
- Bem, boa sorte - Frederik subiu no trator. - Vou poder chegar à igreja a tempo de pegar os Nielsen, graças a você. com isto ele foi embora.

Harald e Tik prosseguiram a caminhada de volta para o castelo.

- Essa foi impressionante - comentou Tik.
- Harald deu de ombros. Tanto quanto podia se lembrar, sempre fora bom consertando máquinas.
- O velho Nielsen é entusiasmado com as últimas invenções - acrescentou Tik. - Máquinas para semear, ceifar e até mesmo para ordenhar.
- Ele consegue combustível para fazê-las funcionar?
- Consegue. Você tem direito, se for para produzir alimentos. Mas não se consegue sobressalentes para nada.

Harald deu uma olhada no relógio. Estava ansioso para rever Karen no almoço. Iria lhe perguntar sobre as aulas de pilotagem.

Na aldeia, pararam na taverna. Tik comprou dois copos de cerveja e eles se sentaram do lado de fora para aproveitar o sol. Do outro lado da rua, os fiéis começavam a sair da igreja de tijolos vermelhos. Frederik passou dirigindo o trator e acenou. Sentadas no reboque, havia cinco pessoas. O grandalhão de cabelos brancos e rosto castigado pela vida ao ar livre devia ser Nielsen, o fazendeiro, pensou Harald.

Um homem vestindo um uniforme negro de policial saiu da igreja. Tinha pelo braço a mulher, miúda e com ar tímido, e duas crianças pequenas. Ele dirigiu um olhar hostil a Tik ao se aproximar.

Uma das crianças, uma garota com seus sete anos de idade, perguntou, em voz alta:

- Por que eles não vão à igreja, papai?
- Porque são judeus - respondeu o homem. - Não acreditam em nosso senhor.

Harald olhou para Tik.

- O policial da aldeia, Per Hansen - esclareceu Tik, baixinho.
- É representante local dos nazistas dinamarqueses, o Partido Dinamarquês Nacional-Socialista dos Trabalhadores.

Harald balançou a cabeça. Os nazistas dinamarqueses eram um partido fraco. Nas últimas eleições gerais, dois anos atrás, tinham ganhado apenas três cadeiras no Rigsdag.

Mas a ocupação insuflara suas esperanças e, como seria fácil de prever, os alemães pressionaram o governo dinamarquês a dar um ministério para o líder dos nazistas, Fritz Clausen. Ainda assim, o rei Cristiano resistira obstinadamente e bloqueara a jogada, fazendo os alemães recuarem. Hansen e os membros do partido ficaram desapontados, mas aguardavam uma mudança de ventos. Pareciam confiantes, acreditando que a hora deles havia de chegar. Quanto a Harald, receava que tivessem razão.

Tik acabou sua cerveja.

- Hora do almoço.

Voltaram para o castelo. No jardim, Harald surpreendeu-se ao ver Poul Kirke, o primo de Mads, colega dele e de Tik,

e amigo de Arne, seu irmão.

- Está trabalhando aqui? - perguntou-lhe Poul.
- Não, só visitando. As aulas ainda não acabaram.
- Sei que a fazenda contrata estudantes nas férias. O que é que você vai fazer no verão?
- Não sei ao certo. No ano passado trabalhei em uma construção lá em Sande - ele fez uma careta. - Acabou que

era uma base alemã, embora eles não tivessem dito nada.

Poul estava de short e com uma bicicleta ao lado, encostado no grande pórtico de tijolos. Ele pareceu interessado.

- Que espécie de base?
- Um tipo qualquer de estação de rádio, acho. Despediram todos os dinamarqueses antes de instalarem o equipamento. Provavelmente Vou trabalhar em um barco de pesca neste verão e fazer as leituras preliminares do meu curso universitário. Tenho esperança de estudar física com Niels Bohr.

- bom para você. Mads sempre diz que você é um gênio. Harald já ia perguntar o que Poul estava fazendo ali em Kirsteneld"águad" águaot quando a resposta tornou-se óbvia. Karen surgiu do lado da casa empurrando uma bicicleta.

Ela estava encantadora de short caqui, com as pernas compridas de fora.

- Bom-dia, Harald - cumprimentou. Aproximou-se de Poul e o beijou. Harald reparou, com inveja, que tinha sido um beijo nos lábios, embora de leve. - Oi - cumprimentou Poul.

Harald ficou desolado. Estava contando com Karen na hora do almoço. Mas ela ia sair de bicicleta com Poul, que, obviamente, era seu namorado, embora fosse dez anos mais velho. Harald via agora, pela primeira vez, que Poul era um homem bonito, com as feições regulares e um sorriso de artista de cinema com dentes perfeitos.

Ele segurou as mãos de Karen e olhou-a de cima a baixo.

- Você está absolutamente deliciosa - disse. - Gostaria de ter um retrato seu assim.

Ela reagiu com um sorriso gracioso.

- Muito obrigada.
- Pronta?
- Prontíssima.

Os dois montaram em suas bicicletas.

Harald chegou a sentir-se mal. Observou-os vencendo, lado a lado, os seiscentos metros da entrada de Kirsteneld"águad" águaot, iluminados pelo sol.

- bom passeio! - gritou.

Karen acenou sem olhar para trás.

HERMIA MOUNT estava prestes a ser despedida.

Nunca lhe acontecera antes. Inteligente e conscienciosa, seus chefes sempre a consideraram como um tesouro, a despeito da língua afiada. Mas seu chefe atual, Herbert Woodie, ia dizer-lhe que estava despedida assim que tivesse coragem.

Dois dinamarqueses que trabalhavam para o MI6 tinham sido presos no aeroporto de Kastrup. Estavam agora detidos e, indubitavelmente, sendo interrogados. Tratava-se de um golpe sério nos Vigilantes Noturnos. Woodie trabalhava no MI6 desde antes da guerra, um burocrata com bastante tempo de serviço. Precisava de alguém para culpar, e Hermia era uma candidata apropriada.

Hermia o compreendia. Trabalhava para o serviço público britânico havia uma década, e sabia como funcionava. Se Woodie fosse obrigado a aceitar que a culpa era do seu departamento, responsabilizaria seu integrante menos graduado. Mesmo porque ele nunca se sentira à vontade trabalhando com uma mulher e ficaria feliz se Hermia fosse substituída por um homem.

A princípio sentiu-se inclinada a oferecer-se em holocausto. Não chegara a conhecer os dois mecânicos de aeronave - eles tinham sido recrutados por Poul Kirke, mas a rede de espionagem era criação sua e ela era responsável pelo destino dos homens presos. Estava tão transtornada como se eles já tivessem morrido, e não queria continuar.

Final de contas, quanto realmente fizera para ajudar o esforço de guerra? Só estava acumulando informações. Nenhuma delas jamais fora usada. Homens arriscavam a vida para lhe enviar fotografias do porto de Copenhague, onde nada estava acontecendo. Tudo aquilo agora lhe parecia tolice.

Mas, na verdade, Hermia sabia a importância desse laborioso trabalho de rotina. Em alguma data futura, um avião de reconhecimento ia fotografar o porto cheio de navios, e os planejadores militares precisariam saber se aquilo representava o tráfego normal ou se representava o súbito aumento da capacidade de transporte naval necessário para uma força de invasão - e aí as fotos seriam cruciais.

Além do mais, a visita de Digby Hoare conferira a seu trabalho um caráter de urgência imediata. O sistema de detecção de aeronaves dos alemães podia ser a arma que ganharia a guerra. Quanto mais pensava nisso, mais se sentia certa de que a chave do problema podia estar na Dinamarca. A costa ocidental dos dinamarqueses parecia ser a localização ideal para uma estação de alerta aéreo destinada a detectar os bombardeiros britânicos que se aproximavam da Alemanha.

E não havia uma só pessoa no MI6 com a experiência pessoal que Hermia tinha da Dinamarca. Conhecia pessoalmente Poul Kirke, e ele confiava nela. Podia ser desastroso caso um estranho assumisse seu lugar. Precisava conservar a posição que ocupava no MI6. E isso significava ser mais esperta que seu chefe.

- Péssima notícia - disse Woodie pomposamente, com Hermia parada na frente da sua mesa.

A sala dele ficava em um quarto de dormir da velha casa de Bletchley Park. O papel de parede florido e as luminárias com quebra-luz de seda sugeriam que o aposento fora ocupado por uma mulher antes da guerra. Agora tinha arquivos para pastas em vez de guarda-roupas cheios de vestidos e uma mesa de aço onde antes podia ter existido uma penteadeira com espelho triplo e pernas finas. Para terminar, em vez de uma mulher glamourosa trajando um caríssimo roupão de seda, o quarto era ocupado por um homenzinho presunçoso de terno cinza e óculos.

Hermia fingiu-se calma.

- Sempre há perigo quando um agente operativo é interrogado, claro - disse. - No entanto - ela pensou nos dois homens corajosos sendo interrogados e torturados, e por um momento ficou sem fala. Mas recuperou-se logo. - Neste caso, contudo, acho que o risco é insignificante.

- É possível que tenhamos de abrir um inquérito - resmungou Woodie, cético.

Ela sentiu um aperto no coração. Um inquérito significava um investigador de fora do departamento. Woodie teria de

apresentar um bode expiatório, e Hermia era a escolha óbvia. Ela começou a defesa que tinha preparado.

- Os dois presos não estão a par de segredos que possam revelar - disse. - Integravam a equipe de terra do aeroporto. Um dos Vigilantes Noturnos lhes entregava jornais para serem levados para fora do país, e eles tinham que esconder o contrabando dentro de um bloco, desses que servem para frear as rodas do avião, de madeira oca.

Hermia sabia, contudo, que eles podiam revelar detalhes aparentemente inocentes sobre como tinham sido recrutados e como trabalhavam, detalhes que um caçador de espões inteligente poderia usar para rastrear outros agentes.

- Quem lhes passava os jornais?

- Matthies Hertz, um tenente do Exército. Ele está escondido. E os mecânicos não conhecem ninguém mais na rede.

- Quer dizer então que nossa segurança rígida limitou o dano causado à organização.

Hermia adivinhou que Woodie estava ensaiando o que ia dizer para seus superiores, e obrigou-se a lisonjeá-lo.

- Exatamente, senhor, é uma boa maneira de avaliar o acontecido.

- Mas como foi que a polícia dinamarquesa chegou aos seus dois homens?

Hermia antecipara esta pergunta e tinha preparado cuidadosamente uma resposta.

- Acho que o problema está na ponta sueca.

- Ah! - Woodie alegrou-se. A Suécia, sendo um país neutro, não se encontrava sob seu controle. Era ótimo poder pôr a culpa em outro departamento. - Sente-se, srta.

Mount.

- Muito obrigada - Hermia sentiu-se encorajada. Woodie estava reagindo como previra. Cruzou as pernas e continuou.

- Acho que o mensageiro sueco tem passado exemplares do jornal clandestino para a agência Reuters de Estocolmo, e isto pode ter alertado os alemães. O senhor sempre fez questão de fazer cumprir rigidamente a regra de que nossos agentes devem se limitar à coleta de informações.

Isto era outra lisonja: ela jamais ouvira Woodie dizer aquilo, embora fosse uma regra geral da espionagem.

No entanto, ele concordou, circunspecto.

- Sem dúvida.

- Lembrei aos suecos desta sua regra assim que soube o que acontecera, mas receio que o dano já tivesse sido causado.

Woodie pareceu pensativo. Ela se sentiria feliz se pudesse alegar que o seu conselho fora ignorado. Na verdade ele não gostava de que fizessem o que sugeria, porque quando tudo saía bem eram os outros que recebiam os créditos. Preferia que o ignorassem e que tudo desse errado para poder dizer o indefectível "Eu avisei".

- Devo enviar-lhe um memorando mencionando sua regra e reproduzindo o meu comunicado à legação sueca? - sugeriu Hermia.

- Boa idéia - Woodie gostou ainda mais desta solução. Ele não estaria designando culpados, limitando-se a citar uma subordinada que, incidentalmente, estaria lhe dando o crédito por ter soado o alarme.

- Então teremos que arranjar um novo modo para tirar a informação do solo dinamarquês. Não podemos usar o rádio para este tipo de material, porque levaria muito tempo para ser transmitido.

Woodie não tinha a menor idéia de como organizar uma rota alternativa.

- Ah, sim, trata-se de um grande problema - disse ele, com uma ponta de pânico.

- Por sorte, temos uma alternativa pronta, utilizando o trem que vai por balsa de Elsinore, na Dinamarca, a Helsingborg, na Suécia.

Woodie ficou aliviado.

- Esplêndido.
- Talvez eu deva mencionar no memorando que o senhor me autorizou a tomar providências neste sentido.
- Ótimo. Ela hesitou. -E... o inquérito?
- Sabe de uma coisa? Não sei se será necessário. O seu memorando deverá servir para responder a qualquer pergunta.

Ela ocultou seu alívio. Não ia ser despedida, afinal.

Sabia que devia sair rapidamente enquanto estava com vantagem. Mas havia outro problema que estava louca para levantar com Woodie. E aquela parecia ser a oportunidade ideal.

- Há uma coisa que podemos fazer e que poderia melhorar enormemente nossa segurança, senhor.
- É mesmo?

A expressão de Woodie dizia que se houvesse tal coisa ele já teria pensado nela.

- Poderíamos usar códigos mais sofisticados.
- O que há errado com nossos códigos de poemas e livros? Os agentes do MI6 os usam há anos.
- Receio que os alemães tenham descoberto como decifrá-los. Woodie reagiu com um sorriso de superioridade.
- Não acredito, minha cara.

Hermia decidiu arriscar-se a contradizê-lo.

- Posso mostrar o que quero dizer?

Sem esperar a resposta dele, ela prosseguiu:

- Dê uma olhada nesta mensagem codificada. Ela rabiscou rapidamente em um pedaço de papel:

gsffccfsjo uifdbouffo - A letra mais comum é/ - disse ela.

- Obviamente.
- No idioma inglês, a letra usada mais comumente é e, de modo que a primeira coisa que o decifrador desta mensagem fará é substituir o/por e. Ficaria assim:

gsEE cEEsjo uiE dbouEEo

- O que ainda não esclarece nada - disse Woodie.
- Não é bem assim. Quantas palavras de quatro letras existem que terminam com um duplo ee - Não tenho a menor idéia.

- Só umas poucas, que são bastante comuns :flee, free, glee, thee e tree. Agora veja o segundo grupo.
- Srta. Mount, eu realmente não tenho tempo...
- Só mais uns segundos, senhor. Há muitas palavras de quatro letras com um duplo e no meio.

Nunca um a, certamente, mas poderia ser um bee. Assim, pense em palavras começando em b que poderiam logicamente vir em seguida.

Flee been não faz sentido, free bees é esquisito, mas tree bees poderia estar certo... Woodie a interrompeu.

- Free beer! - disse ele, triunfante.
- Vamos deixar assim. O grupo seguinte tem duas letras, e não há muitas palavras com duas letras:

An, at, in, if, it, on, of, or e up

são as mais comuns. O terceiro tem três letras e termina com e. Palavras assim são muito comuns, e a mais comum

delas é the.

Woodie começava a se interessar, mesmo contra a vontade.

- Free beer at the alguma coisa - disse ele.
- Ou in alguma coisa. E essa coisa é uma palavra de sete letras com um duplo e, portanto termina em eed, eef, eek, eem, een, eep.

- Free beer in the canteen! - exclamou Woodie, mais entusiasmado ainda. - Libere a cerveja na cantina!

- Sim - aprovou Hermia. Ela permaneceu sentada, em silêncio, encarando Woodie, esperando que ele absorvesse as implicações do que acabara de acontecer.

- É com esta facilidade - disse ela, após alguns momentos que os nossos códigos são decifrados, senhor.

Hermia consultou o relógio.

- Levou apenas três minutos.

- Um bom truque para se fazer em festas, mas a velha guarda do MI6 sabe mais a respeito dessas coisas do que a senhorita, pode acreditar em mim.

Não adiantava, pensou ela, desesperada. Tinha que tentar outro dia. Obrigou-se a desistir graciosamente.

- Muito bem, senhor.
- Concentre-se nas suas responsabilidades. O que o resto do seu grupo de Vigilantes Noturnos está fazendo?
- Vou pedir para que mantenham os olhos abertos para qualquer indicação de que os alemães desenvolvam um aparelho para detecção de aeronaves a longa distância.

- Meu Deus, não faça isso!

- Por quê?

- Se o inimigo souber que estamos fazendo esse tipo de pergunta, vai adivinhar que já temos esse aparelho!

- Mas, e se o inimigo tiver?

- Não tem. Pode ficar tranqüila.

- O cavalheiro de Downing Street que veio aqui na semana passada parecia pensar de outra forma.

- É absolutamente confidencial, srta. Mount, um comitê do MI6 examinou recentemente toda a questão referente ao radar, e concluiu que se passariam mais dezoito meses até que o inimigo desenvolvesse um sistema semelhante.

Quer dizer então que era chamado de radar. Hermia sorriu.

- Isso me deixa muito tranqüila - mentiu Hermia. - com certeza o senhor fez parte desse comitê, não fez?

Woodie balançou a cabeça.

- Na verdade, eu o presidi.

- Muito obrigada por ter me despreocupado. Vou trabalhar naquele memorando.

- Excelente.

Hermia saiu. Sentia o rosto doído de tanto sorrir e estava exausta pelo esforço de se submeter constantemente a Woodie. Mas salvara seu emprego e permitiu-se um momento de satisfação no caminho de volta para sua sala. Mas tinha fracassado na questão dos códigos. Descobrira o nome do sistema de detecção de aeronaves a longa distância - radar, mas ficara claro que Woodie não a deixaria investigar se os alemães tinham um sistema semelhante na Dinamarca.

Ansiava por fazer alguma coisa de valor imediato para o esforço de guerra. Todo aquele seu trabalho de rotina a deixava impaciente e frustrada. Seria maravilhoso ver alguns resultados concretos. E podia inclusive justificar o que acontecera aos dois pobres mecânicos no aeroporto de Kastrup.

Podia investigar o radar do inimigo sem a permissão de Woodie, claro. Ele talvez descobrisse, mas estava disposta a correr o risco. Não sabia, contudo, o que deveria dizer aos seus Vigilantes Noturnos. O que deveriam procurar, e onde? Precisava de mais informações para poder instruir Poul Kirke. E Woodie não ia lhe passar essas informações.

Mas ele não era a sua única esperança.

Hermia sentou-se à sua escrivaninha, pegou o telefone e disse:

- Por favor, ligue-me com o número dez da Downing Street.

Ela se encontrou com Digby Hoare na Trafalgar Square. Em pé junto à base da Coluna de Nelson, observou-o atravessar a rua, vindo de Whitehall. Sorriu diante da passada enérgica e assimétrica, que já parecia ser uma característica sua. Cumprimentaram-se e seguiram para o Soho.

Era uma noite quente de verão e o West End de Londres estava movimentado, com as calçadas lotadas de gente indo para os teatros, cinemas, bares e restaurantes. A cena feliz só era manchada pelos danos causados pelos bombardeiros aéreos, uma ruína enegrecida aqui e ali em uma fila de prédios, como um dente podre em um sorriso.

Ela imaginara que estavam se dirigindo para beber qualquer coisa em um pub, mas Digby levou-a para um pequeno restaurante francês. As duas mesas ao lado da deles estavam vazias, o que lhes permitia conversar sem serem ouvidos.

Digby trajava o mesmo terno cinza-escuro, mas nesta noite estava com uma camisa azul-clara que realçava o azul de seus olhos. Hermia ficou feliz por ter decidido usar sua jóia favorita, um broche em forma de pantera com olhos de esmeralda.

Foi astuta para tratar do assunto que interessava. Tinha se recusado a sair com Digby, quando o conhecera, e não queria que ele imaginasse que podia ter mudado de idéia. Assim que fizeram os pedidos, disse:

- Quero utilizar meus agentes na Dinamarca para descobrir se os alemães têm um radar.

Ele fitou-a com os olhos semicerrados.

- A questão é mais complicada. Não há mais dúvidas de que eles já têm o radar, da mesma forma que nós. Mas o deles é mais efetivo que o nosso. MUITÍSSIMO mais.

- É mesmo? - ela ficou surpresa. - É que Woodie me disse... Deixa pra lá.

- Estamos desesperados para descobrir por que o sistema deles é tão superior ao nosso. Ou eles inventaram algo bem melhor que o que temos, ou imaginaram um meio de usar seu sistema mais efetivamente, ou ambos.

- Está bem - ela reajustou rapidamente suas idéias à luz da nova informação. - Assim mesmo, parece provável que uma dessas máquinas esteja na Dinamarca.

- Seria um local lógico, e o codinome "Freyja" sugere Escandinávia.
- O que então meu pessoal estaria procurando?
- Difícil dizer. Não sabemos como é a máquina; um problema e tanto, não é mesmo?
- Presumo que emita ondas de rádio, certo?
- Sim, claro.
- E presumivelmente os sinais percorrem uma boa distância, de outra forma o aviso não seria prematuro o bastante.
- Sim. Seria inútil se os sinais não tivessem um alcance mínimo de uns setenta quilômetros. Provavelmente mais.
- Eles podem ser ouvidos?

Digby Hoare levantou as sobrancelhas, surpreso.

- Sim, com um radiorreceptor. Uma idéia inteligente. Não sei como ninguém ainda pensou nisso.
- Os sinais podem ser diferenciados dos emitidos por outras transmissões, como o rádio comum, notícias e assim por diante?

Ele balançou a cabeça.

- Você iria ouvir uma série de pulsos, provavelmente muito rápidos, digamos, mil por segundo. Como uma nota musical contínua. Assim, seria fácil dizer que não se tratava da BBC. Ou os pontos e traços das transmissões militares.

- Você é engenheiro. Conseguiria montar um aparelho de rádio capaz de pegar esses sinais?

Ele ficou pensativo.

- Vai ter que ser portátil, sem dúvida.
- Tem que caber em uma mala.
- E funcionar com pilhas, para poder ser usado em qualquer parte.
- Exatamente.
- Pode ser que seja possível. Há uma equipe de gênios em Wélwyn que faz coisas assim todos os dias.

Wélwyn era uma cidadezinha entre Bletchley e Londres.

- Relógios de bolso que explodem, radiotransmissores escondidos em tijolos, esse tipo de coisa. Eles provavelmente seriam capazes de montar um negócio desses acrescentou Digby.

A comida chegou. Hermia tinha pedido uma salada de tomates. Veio com uma cebola picada por cima e um raminho de hortelã, o que a fez perguntar-se por que os cozinheiros ingleses não seriam capazes de preparar pratos que fossem ao mesmo tempo simples e deliciosos, como aquele, em vez de sardinhas em lata e repolho cozido.

- O que a levou a criar os Vigilantes Noturnos? - perguntou Digby.

Ela não percebeu exatamente onde ele queria chegar.

- Pareceu-me uma boa idéia.
- Ainda assim, não é uma idéia que ocorreria a uma jovem igual às outras, se me permite.

Ela voltou-se para o passado, lembrando a luta que tivera com outro chefe burocrático e perguntou a si própria por que persistira.

- Eu queria atingir os nazistas de alguma maneira. Há qualquer coisa neles que acho absolutamente abominável. O fascismo põe a culpa dos problemas em uma causa falsa: pessoas de outras raças. Eu sei, mas não é só isso. É também o uniforme, o modo como marcham e sua atitude, além do modo como berram aqueles discursos odiosos. Tenho ânsias de vômito.

- Quando você passou por tudo isso? Não há muitos nazistas na Dinamarca.

- Passei um ano em Berlim na década de 1930. Vi aqueles palhaços marchando, levantando o braço, insultando as pessoas e quebrando as vitrinas das lojas de judeus.

Lembro-me de pensar que eles deviam ser detidos antes que fizessem aquilo com o mundo todo. Ainda penso assim. E tenho mais certeza disso do que qualquer outra coisa.

Ele sorriu.

- Eu também.

Hermia comeu um fricassê de frutos do mar e mais uma vez ficou impressionada com o que um cozinheiro francês era capaz de fazer com ingredientes comuns, a despeito do racionamento. Seu prato continha enguias fatiadas, alguns dos caramujos marinhos tão amados pelos londrinos e bacalhau em flocos, mas tudo de boa qualidade e bem temperado, e ela comeu com gosto.

De vez em quando surpreendia o olhar de Digby, e sempre com a mesma expressão, um misto de adoração e desejo. O que a deixou alarmada. Se ele se apaixonasse por ela, daí só poderiam resultar problemas e dor. Mas era agradável, tanto quanto embaraçoso, que um homem a desejasse de maneira tão óbvia. Em dado momento sentiu que corava e levou a mão ao pescoço para disfarçar.

Desviou deliberadamente o rumo de seus pensamentos para Arne. Na primeira vez que falou com ele, no bar de um hotel e estação de esqui na Noruega, soube que encontrara o que faltava na sua vida. "Entendo agora por que nunca tive uma relação satisfatória com um homem", escrevera para a mãe. "É porque eu não conhecia Arne." Quando ele a pediu em casamento, ela respondera: "Se eu soubesse que havia homens como você, teria me casado com um deles anos atrás."

Hermia dizia sim a tudo que ele sugeria. Normalmente era tão ciosa de fazer tudo à sua maneira que nunca

conseguira compartilhar um apartamento com uma amiga, mas com Arne perdera toda a força de vontade. Toda vez que pedia que saísse com ele, aceitava; quando a beijava, retribuía o beijo; quando lhe acariciava os seios por baixo da roupa de esquí, limitava-se a suspirar de prazer. E quando ele batia na porta do seu quarto, no hotel, dizia: "Estou feliz porque você está aqui."

Pensar em Arne ajudou-a a esfriar a cabeça em relação a Digby, e, quando terminaram de comer, ela conduziu a conversa de volta para a guerra. Um exército aliado, com forças britânicas, da Comunidade Britânica e da França Livre, invadira a Síria. A campanha, na verdade, não passava de um conflito periférico e ambos acharam difícil ver seu resultado como importante. O conflito na Europa era tudo o que importava, e ali era uma guerra aérea.

Quando saíram do restaurante estava escuro, mas era uma noite de lua cheia. Seguiram para o sul, dirigindo-se para a casa da mãe dela em Pimlico, onde Hermia passaria a noite. Quando cruzavam o parque de St. James, a luz se escondeu atrás de uma nuvem e ele beijou-a.

Não pôde deixar de admirar a segurança e a rapidez dos movimentos de Digby. Os lábios dele estavam sobre os dela antes que pudesse se desviar. Num gesto vigoroso, puxou o corpo de Hermia, comprimindo-lhe os seios de encontro ao peito. Ela sabia que devia se sentir indignada, mas, para sua aflição, percebeu que estava gostando. Lembrou-se de como era sentir o corpo rijo e a pele quente de um homem e, cedendo a um ímpeto de desejo, abriu a boca.

Beijaram-se gulosamente por um minuto, e depois a mão dele procurou seus seios e aí o encanto foi quebrado. Era uma mulher respeitável e não tinha mais idade para ser apalpada em um parque. Afastou-se dele.

A idéia de levá-lo para casa cruzou sua mente. Imaginou a sofrida desaprovação de Mags e Bets e o quadro fez com que risse.

- Que é? - perguntou ele.

Parecia magoado. Provavelmente imaginava que sua risada tinha algo a ver com sua incapacidade física. Ela pensou que precisava se lembrar sempre de como ele era vulnerável a zombarias e apressou-se a explicar:

- Minha mãe é uma viúva que vive com uma solteirona de meia-idade. Pensei como as duas reagiriam se eu lhes dissesse que queria levar um homem para casa a fim de passar a noite comigo.

A expressão magoada desapareceu.

- Gostei disso - aprovou ele, e tentou beijá-la de novo. Hermia sentiu-se tentada, mas lembrou-se de Arne e resistiu, com a mão no peito de Digby. - Chega - disse, com firmeza. Leve-me para casa.

Saíram do parque. A euforia abandonou-a e ela começou a se sentir preocupada. Como podia gostar de beijar Digby se amava Arne? Quando passaram pelo Big Ben e pela abadia de Westminster, um alerta de ataque aéreo expulsou todos os pensamentos de sua cabeça.

- Quer procurar um abrigo? - perguntou Digby.

Muitos habitantes de Londres não se abrigavam mais durante os ataques aéreos. Cansados de tantas noites sem dormir, decidiam que valia a pena arriscar. Outros tornaram-se fatalistas, dizendo que ou a bomba tinha seu nome escrito nela ou não tinha, e não havia nada que pudessem fazer tanto em um caso quanto no outro. Hermia não era blase, mas também não queria passar a noite em um abrigo antiaéreo ao lado de um Digby tão amoroso. Girou nervosamente a aliança de noivado na mão esquerda.

- Estamos apenas a alguns minutos da casa de minha mãe respondeu. - Você se importa se continuarmos andando até lá?

- Posso me ver obrigado a passar a noite na casa de sua mãe, afinal.

- Pelo menos eu teria alguém tomando conta de mim. Correndo, eles atravessaram Westminster e entraram em Pimlico. Holofotes vasculhavam as nuvens esparsas e depois foi ouvido o ronco sinistro das aeronaves pesadas, como um

animal enorme grunhindo, faminto. A artilharia antiaérea abriu fogo de algum lugar, e seus projéteis surgiram no céu, como fogos de artifício. Hermia perguntou-se se sua mãe estaria na rua, dirigindo a ambulância.

Para horror de Hermia, as bombas começaram a cair nas proximidades, embora normalmente fosse na zona industrial do East End que os alemães costumavam se concentrar.

Ouviu uma explosão ensurdecadora que pareceu vir da rua bem próximo. No minuto seguinte um caminhão dos bombeiros passou disparado por eles. Hermia caminhou o mais depressa que pôde.

- Você está tão calma - comentou Digby. - Não sente medo?
- Claro que estou com medo - respondeu ela, impaciente. Só não quero entrar em pânico.

Ao virarem uma esquina viram um edifício em chamas. O carro dos bombeiros estava na frente dele e os homens desenrolavam as mangueiras.

- Quanto falta? - perguntou Digby.
- Na próxima rua - respondeu Hermia, ofegante.

Quando contornaram a esquina seguinte, viram um segundo caminhão de bombeiros na outra ponta da rua, perto da casa de Mags.

- Oh, meu Deus! - exclamou Hermia, o coração batendo forte de medo enquanto saía correndo em louca disparada. Viu uma ambulância, e viu também que fora atingida pelo menos uma casa no trecho onde morava sua mãe. - Não, por favor, não!

Aproximando-se mais, ficou perplexa por não conseguir identificar a casa da mãe, embora visse claramente que a casa do lado estava em chamas. Parou e fixou a vista, tentando compreender o que tinha diante dos olhos. Finalmente, viu que a casa de sua mãe desaparecera. Nada restara, exceto um buraco no terreno e uma pilha de escombros. Gemeu, desesperada.

- É a sua casa? - perguntou Digby. Hermia balançou a cabeça, incapaz de falar. Digby chamou um bombeiro, com voz autoritária.

- Você aí! Algum sinal dos ocupantes daquela casa?
- Sim, senhor - respondeu o bombeiro. - Uma pessoa foi atingida em cheio pela explosão da bomba.

Ele apontou para o jardinzinho da casa que ficara intacta. Havia um corpo estendido em uma maca, no chão. O rosto estava coberto.

Hermia sentiu Digby pegar seu braço. Juntos, eles entraram no jardim.

Hermia ajoelhou-se e Digby descobriu o rosto.

- É Bets - disse Hermia com uma sensação de alívio que a deixou enormemente culpada.

Digby olhou em torno.

- Quem está ali sentado no muro?

Hermia levantou a cabeça e seu coração falhou quando reconheceu o vulto de sua mãe, envergando o uniforme de motorista de ambulância e capacete de metal, arriada em cima do muro baixo, como se toda a vida tivesse desaparecido do seu corpo.

- Mãe?

Sua mãe levantou o rosto e Hermia viu que estava molhado de lágrimas.

Hermia correu até ela e passou os braços em torno dela.

- Bets está morta - disse-lhe a mãe.
- Lamento muito, mãe.
- Ela me amava muito - disse a mãe de Hermia, soluçando.
- Eu sei.

- Você sabe? Você sabe? Ela esperou toda a sua vida por mim. Você sabia disso? Toda a sua vida.

Hermia abraçou a mãe com força.

- Lamento muito, mamãe, lamento muito.

No dia 9 de abril de 1940, quando Hitler invadiu a Dinamarca, havia cerca de duzentos navios dinamarqueses no mar. Durante todo esse dia, as emissões em dinamarquês da BBC apelaram aos marinheiros para que se dirigissem para portos aliados em vez de voltarem para casa, onde encontrariam um país conquistado. Ao todo, cerca de cinco mil homens aceitaram a oferta de refúgio. A maioria procurou um porto na costa leste da Inglaterra, hasteou a Union Jack e continuou a navegar durante o resto da guerra com a bandeira britânica. Conseqüentemente, lá pela metade do ano seguinte, pequenas comunidades de dinamarqueses tinham se estabelecido em vários portos ingleses.

Hermia decidiu ir à cidadezinha pesqueira de Stokeby. Já a havia visitado duas vezes para falar com os dinamarqueses. Nesta ocasião, disse a seu chefe, Herbert Woodie, que sua missão era checar as plantas dos principais portos dinamarqueses que tinha, e que de certa forma estavam ultrapassadas, para fazer as alterações necessárias.

Woodie acreditou nela.

Hermia tinha uma história diferente para Digby Hoare.

Digby foi a Bletchley Park, dois dias depois que uma bomba destruíra a casa da mãe de Hermia, com um radioreceptor e um goniômetro acomodados numa mala de couro castanho de aspecto surrado. O goniômetro determinava a direção de onde procedem os sinais recebidos. Enquanto ele demonstrava o modo de usar o equipamento, ela lembrou-se, com sentimento de culpa, do beijo no parque e do quanto gostara dele. Nervosa, teve dúvidas se seria capaz de encarar Arne de novo.

Seu plano original tinha sido o de fazer o radiogoniômetro chegar às mãos dos Vigilantes Noturnos, mas depois imaginara algo mais simples. Os sinais do radar provavelmente poderiam ser captados tão bem no mar quanto em terra. Disse a Digby que ia entregar a mala ao comandante de um pesqueiro e ensiná-lo a usar o aparelho. Digby aprovou.

Era bem possível que este plano funcionasse, mas na verdade Hermia não queria delegar tarefa tão importante a uma outra pessoa. Por isso decidiu ir ela própria.

No mar do Norte, entre a Inglaterra e a Dinamarca, havia um grande banco de areia, conhecido como Dogger Bank, onde em certos pontos o mar tinha a profundidade de apenas quinze metros e a pesca era excelente. Tanto barcos britânicos quanto dinamarqueses operavam ali. Na verdade, os barcos de bandeira dinamarquesa eram proibidos de se aventurarem tão longe da sua costa, mas a Alemanha precisava de arenques, de modo que, além da proibição entrar em vigor irregularmente, era constantemente desafiada. Por algum tempo, Hermia guardara num cantinho do seu cérebro a idéia de que mensagens - e até mesmo pessoas podiam viajar entre os dois países em barcos de pesca, transferindo-se da Dinamarca para o Reino Unido - ou vice-versa - no meio do caminho. Agora, no entanto, tinha uma idéia melhor. Uma das pontas do tal banco de areia ficava apenas a cento e sessenta quilômetros da costa dinamarquesa. Se suas deduções estivessem corretas, os sinais da máquina chamada Freya deveriam ser detectados na área de pesca.

Pegou um trem na tarde de sexta-feira. Estava vestida para o mar, de calças compridas, botas e uma suéter larga, com o cabelo preso debaixo de um boné xadrez masculino.

Enquanto o trem avançava pelo terreno plano e pantanoso do Leste da Inglaterra, ela se preocupava com a possibilidade de sucesso do seu plano. Encontraria um barco disposto a levá-la? Captaria os sinais que esperava captar? Ou tudo aquilo não passaria de um desperdício de tempo?

Após algum tempo, seus pensamentos voltaram-se para sua mãe. Mags parecera controlada no dia anterior, durante o funeral de Bets. Dera a impressão de estar mais calmamente pesarosa do que ferida pela dor. Hoje fora para a Cornualha visitar a irmã, a tia Bella. Mas na noite do bombardeio sua alma fora desnudada.

As duas mulheres tinham sido claramente muito mais que amigas dedicadas. Hermia, na verdade, não queria saber o

que havia além disso, mas não podia deixar de sentir-se intrigada. Pondo de lado o pensamento embaraçoso da relação física que poderia haver entre Mags e Bets, chocava Hermia saber que a mãe nutrira durante toda a vida um relacionamento apaixonado que permanecera cuidadosamente disfarçado, todos aqueles anos, não só para Hermia, quanto, presumivelmente, para seu marido, o pai de Hermia.

Ela chegou em Stokeby às oito horas de uma agradável noite de verão e foi direto da estação da estrada de ferro para o pub Shipwright's Arms, no cais. Em questão de minutos fazendo perguntas a um e outro, descobriu que Sten Munch, um comandante dinamarquês que conhecera na sua última visita a Stokeby, deveria zarpar pela manhã na traineira Morganmand, palavra que significava "Madrugadora". Encontrou Sten na sua casa, na encosta de uma colina, cortando a grama do jardim, como um inglês nato. Ele a convidou para entrar.

Sten era viúvo e vivia com Lars, seu filho, que estava a bordo com ele no dia 9 de abril de 1940. Lars se casara com uma garota do lugar, chamada Carol. Quando Hermia entrou, encontrou Carol amamentando um bebê que não teria mais que uns poucos dias de vida. Lars fez chá. Todos falaram inglês, como deferência a Carol.

Hermia explicou que precisava chegar tão perto quanto fosse possível da costa dinamarquesa para escutar uma transmissão alemã. Não explicou que tipo de transmissão.

Sten não questionou sua história.

- Claro! - exclamou ele, expansivo. - Qualquer coisa para ajudar a derrotar os nazistas! Mas meu barco não é realmente adequado.

- Por quê?

- É muito pequeno, só tem dez metros, e ficaremos no mar por três dias.

Hermia havia esperado aquilo. Dissera a Woodie que precisava ajudar a mãe a acomodar-se na casa da tia Bella e que voltaria na semana seguinte. Exatamente em qual dia não era capaz de antecipar.

- Tudo bem - disse ela para Sten. - Eu tenho tempo.

- Meu barco só tem três beliches. Nós dormimos por turnos. Não foi projetado para senhoras. Você deveria ir em uma embarcação maior.

- Algum barco sai pela manhã? Sten olhou para Lars, que respondeu:

- Não. Saíram três ontem, e não voltam antes da semana que vem. Peter Gorning deve voltar amanhã, e sai de novo lá pela quarta-feira.

Ela sacudiu a cabeça.

- Tarde demais.

Carol levantou os olhos do bebê para o grupo.

- Eles dormem vestidos, sabe? É por isso que fedem quando chegam em casa. É pior que o cheiro do peixe.

Hermia imediatamente gostou dela por causa da sua franqueza realista.

- Eu estarei bem - disse. - Posso dormir vestida em uma cama ainda quente do ocupante anterior. Não Vou morrer por causa disso.

- Você sabe que quero ajudar - retrucou Sten. - Mas o mar não é para as mulheres. Vocês foram feitas para as coisas graciosas da vida.

- Como dar à luz uma criança? - replicou Carol, ironicamente. Hermia sorriu, grata por ter Carol como aliada.

- Exatamente. Nós, mulheres, somos capazes de suportar algum desconforto.

Carol balançou a cabeça vigorosamente.

- Pense só no que Charlie está passando lá no deserto. Ela explicou a Hermia.

- Meu irmão Charlie está servindo ao Exército, em algum ponto do Norte da África.

Sten pareceu encurralado. Não queria levar Hermia, mas relutava em dizer não, pois queria parecer patriota e

corajoso.

- Saímos às três da manhã.
- Estarei lá.
- É melhor você ficar aqui conosco agora - disse Carol. Temos um quarto de sobra.

Ela olhou para o sogro.

- Se você concordar, pai.
- Sten já não dispunha mais de desculpas.
- Claro! - exclamou.
 - Muito obrigada - agradeceu Hermia. - Vocês são muito gentis.

Todos foram cedo para a cama. Hermia não tirou a roupa, permanecendo sentada na cama, com a luz acesa. Tinha medo de que, se dormisse demais, Sten saísse sem ela.

A família Munch não era dada a grandes leituras, e o único livro que pôde encontrar foi uma Bíblia em dinamarquês, mas serviu para conservá-la acordada.

Às duas horas foi ao banheiro e lavou-se rapidamente. Depois desceu na ponta dos pés e pôs uma chaleira de água no fogo. Sten apareceu às duas e meia. Quando viu Hermia na cozinha pareceu surpreso e desapontado. Ela serviu chá em uma caneca grande e ele tomou, agradecido.

Hermia, Sten e Lars foram para o cais quando faltavam alguns minutos para as três horas. Dois outros dinamarqueses esperavam por eles. O Morganmand era mesmo muito pequeno, mais ou menos do tamanho de um ônibus londrino. Era de madeira, com um mastro e um motor a diesel. No convés, o piloto e o leme ficavam protegidos por uma pequena cabina. Havia também uma série de escotilhas para o porão. Da cabina, uma escada de tombadilho descia para os alojamentos da tripulação. No lado da popa ficavam os sólidos suportes do mastro e o mecanismo para armar e içar as redes.

O dia raiava quando a pequena embarcação abriu caminho através do campo de minas defensivo na boca do porto. O tempo estava bom, mas encontraram ondas de quase dois metros quando saíram em mar alto. Por sorte Hermia jamais enjoava.

Durante o dia tentou ser útil. Como não sabia nada de navegação, manteve a copa limpa. Os homens estavam acostumados a preparar sua comida, mas ela lavou os pratos e a frigideira em que cozinham quase tudo que comiam. Fez questão de conversar com os dois tripulantes, falando dinamarquês, procurando estabelecer os termos de uma amizade respeitosa. Quando não tinha mais nada para fazer, sentou-se no convés e aproveitou o sol.

Lá pelo meio-dia atingiram uma depressão no canto sudeste do Dogger Bank e começaram a pescar. O barco reduziu a velocidade e tomou o rumo nordeste. A princípio não encontraram peixe, e as redes voltaram quase vazias. Depois, lá para o fim da tarde, a sorte virou e os peixes apareceram.

Ao cair da noite, Hermia desceu e deitou-se num beliche. Pensou que não ia dormir, mas estava acordada havia trinta e seis horas e o cansaço venceu a tensão. Caiu no sono em questão de minutos.

Durante a noite acordou, por um breve período de tempo, com o ronco grave como um terremoto de uma esquadrilha de bombardeiros no céu. Perguntou-se vagamente se seria a RAF indo para a Alemanha ou a Luftwaffe seguindo na direção contrária, mas caiu no sono de novo.

Quando deu por si novamente, Lars a estava sacudindo.

- Estamos chegando no ponto mais próximo da Dinamarca disse ele. - Cerca de duzentos quilômetros de Morlunde.

Hermia levou a mala com o rádio para o convés. Já era dia claro. Os homens estavam içando uma rede cheia de peixes que não paravam de se agitar, principalmente arenques e cavalas, e soltando-a no porão. Achou repulsiva aquela visão e desviou os olhos.

Conectou a bateria ao rádio e sentiu-se aliviada ao ver os mostradores se acenderem. Fixou a antena no mastro com um arame providencialmente colocado na mala por Digby. Deixou o aparelho esquentar e colocou os fones de ouvido.

Enquanto o barco seguia para nordeste, Hermia percorreu para cima e para baixo as frequências do rádio. Além das transmissões da BBC em inglês, pegou programas de rádio em francês, alemão e dinamarquês e mais um monte de transmissões em código Morse, que presumiu serem sinais militares oriundos de ambos os lados. Na primeira passagem nada ouviu que pudesse ser radar.

Repetiu o exercício mais vagarosamente, certificando-se de que não deixava passar nada. Tinha tempo de sobra. Ainda assim não ouviu o que estava procurando.

Continuou tentando.

Depois de duas horas, notou que os homens tinham parado de pescar e a observavam. Voltou-se para Lars e ele perguntou:

- Alguma sorte?

Ela retirou os fones de ouvido.

- Não estou pegando o sinal que esperava - respondeu, em dinamarquês.

Sten respondeu no mesmo idioma.

- Entrou peixe a noite toda. Nós nos saímos bem. Enchemos o porão. Estamos prontos para voltar para casa.

- Será que você não poderia seguir para o norte por algum tempo? Preciso tentar captar esse sinal... é realmente importante.

Sten pareceu ficar na dúvida, mas foi seu filho quem respondeu:

- Dá para ir, sim. Tivemos uma noite excelente. Sten mostrou-se relutante.

- E se um avião de reconhecimento alemão passar por cima de nós?

- Você pode lançar as redes e fingir que está pescando.

- Não há zonas de pesca aonde você quer ir.

- Os pilotos alemães não sabem disso. Um dos tripulantes interveio:

- É para ajudar a libertar a Dinamarca...

O outro concordou balançando a cabeça vigorosamente. Mais uma vez Hermia foi salva pela relutância de Sten de parecer covarde na frente dos outros.

- Está bem - disse ele. - Vamos seguir rumo norte.

- Mantenha-se a cento e sessenta quilômetros da costa - disse Hermia, ao mesmo tempo em que punha de novo os fones.

Ela continuou a explorar as frequências. À medida que o tempo passava, ia se tornando menos esperançosa. O local mais provável para uma estação de radar era a extremidade sul da costa da Dinamarca, perto da fronteira com a Alemanha. Ela pensara que ia pegar a transmissão mais cedo. Mas as esperanças foram morrendo à medida que o barco ia prosseguindo na direção norte.

Não queria afastar-se do aparelho por mais de um minuto ou dois, então os pescadores lhe traziam chá de tempos em tempos e uma tigela de sopa em lata na hora da ceia. Enquanto procurava ouvir as transmissões do radar, mantinha os olhos fixos na direção leste. Não podia ver a Dinamarca, mas sabia que Arne estava lá, em algum lugar, e ficava feliz por se sentir mais perto dele.

Quando foi caindo a noite, Sten ajoelhou-se ao lado dela para conversar, e Hermia tirou os fones.

- Ultrapassamos o ponto extremo da península da Juilândia disse ele. - Temos que voltar.

- Poderíamos chegar mais perto? - perguntou ela, desesperada. - Pode ser que cento e sessenta quilômetros da

costa seja uma distância grande demais para captar o sinal.

- Precisamos voltar para casa.
- Poderíamos seguir a costa na direção sul, refazendo o nosso curso, mas oitenta quilômetros mais perto da terra?
- Perigoso demais.
- Está quase escuro. Não há aviões de reconhecimento à noite.
- Não gosto disso.
- Por favor, é muito importante.

Ela lançou um olhar súplice para Lars, que estava perto, ouvindo. Lars era mais ousado que o pai, talvez porque visse seu futuro ali mesmo na Grã-Bretanha, ao lado da mulher inglesa.

Conforme Hermia esperava, Lars entrou na conversa.

- Que tal cento e vinte quilômetros ao largo da costa?
- Seria ótimo.

Lars olhou para o pai.

- Temos que voltar para o sul de qualquer jeito. Não vai acrescentar senão umas poucas horas à nossa viagem.
- Estaremos pondo a nossa tripulação em perigo! - exclamou Sten, com raiva.

A resposta de Lars foi dada com serenidade.

- Pense no irmão da Carol na África. No risco que ele decidiu correr. Esta é a nossa chance de ajudar.
- Está certo, você pega o leme - concordou Sten, aborrecido.
- Vou dormir.

Ele entrou na casa do leme e arriou o corpo escada abaixo. Hermia sorriu para Lars.

- Obrigada.
- Nós é que deveríamos agradecer a você.

Lars manobrou para tomar a direção sul e Hermia continuou a vasculhar as emissões de rádio. A noite caiu. Eles viajaram sem luzes, mas o céu estava claro e havia uma lua quase cheia no céu, o que fez Hermia sentir que deviam estar dando na vista. Mas não viram aviões ou outras embarcações. Periodicamente Lars verificava a localização do barco com um sextante.

Os pensamentos de Hermia se voltaram para o ataque aéreo que a surpreendera na rua, junto com Digby, alguns dias atrás. Tinha sido a primeira vez que isto lhe acontecera fora de casa. Conseguira permanecer calma, mas, meu Deus, que cena horrível: o ronco dos motores dos aviões, os holofotes e os fogos da artilharia antiaérea, a explosão das bombas que caíam e o clarão medonho das casas atingidas. No entanto, estava se esforçando ao máximo para ajudar a RAF a infligir o mesmo horror às famílias alemãs.

Parecia loucura, mas a única alternativa seria permitir que os nazistas tomassem conta do mundo.

Era uma noite curta do alto verão e o dia raiou cedo. O mar estava insolitamente calmo. A névoa matinal levantava-se de sua superfície, reduzindo a visibilidade e fazendo com que Hermia se sentisse mais segura. Mas à medida que o barco avançava para o sul, ela ficava mais e mais ansiosa. Tinha que captar o sinal logo - a menos que ela e Digby estivessem errados e Woodie certo.

Sten apareceu no convés com uma caneca de chá em uma das mãos e um sanduíche de bacon na outra.

- Bem? - disse ele. - Consegui o que queria?
- É mais provável que venha de um ponto no sul da Dinamarca.
- Ou de nenhum ponto.

Ela balançou a cabeça, desesperançada.

- Estou começando a achar que você está certo. Mas justo nesta hora ela ouviu qualquer coisa.

- Espere aí!

Hermia, que vinha varrendo as frequências das mais baixas para as mais altas, teve a impressão de ouvir uma nota musical. Reverteu o botão e desceu, procurando a sintonia. OuvIU primeiro um bocado de estática e depois a nota novamente - um tom puro, evidentemente produzido por uma máquina, correspondendo a uma oitava acima do dó central.

- Acho que pode ser! - exclamou ela, alegremente.

O comprimento de onda era 2,4 metros. Hermia anotou no caderninho que Digby enfiara na mala.

Agora precisava determinar a direção. Incorporado ao receptor, havia um mostrador graduado de 1 a 360, em que uma agulha apontava para a fonte do sinal. Digby enfatizara que o 360 do mostrador tinha de estar alinhado precisamente com a linha central da traineira. Aí a direção de onde vinha o sinal podia ser calculada tendo-se o rumo do barco e a agulha do mostrador.

- Lars? Qual é o nosso rumo?

- Leste-sudeste - respondeu ele.

- Não, exatamente!

- Bem - embora o tempo estivesse bom e o mar calmo, o barco se deslocava o tempo todo e a bússola nunca parava quieta.

- O melhor que você puder - disse ela.

- Cento e vinte graus. e 12

A agulha do mostrador apontava para 340. Somando 120, a direção ficava determinada em 100. Hermia fez uma anotação.

- E qual é a nossa posição?

- Espere um minuto. Quando calculei pelo sextante, estávamos cruzando o paralelo cinqüenta e cinco.

Ele deu uma olhada no livro de bordo, consultou o relógio e informou a latitude e a longitude. Hermia anotou, sabendo que era apenas uma estimativa.

- Está satisfeita agora? Podemos voltar para casa? - perguntou Sten.

- Preciso de outra leitura para que possa triangular e definir a localização da fonte da emissão.

Ele resmungou, irritado, e afastou-se.

Lars piscou para ela.

Hermia manteve o receptor sintonizado na mesma nota enquanto prosseguíam para o sul. A agulha do radiogoniômetro moveu-se imperceptivelmente. Depois de meia hora ela perguntou novamente a Lars o rumo do barco.

- Ainda cento e vinte.

A agulha do mostrador agora apontava para 335. Por conseqüência, a direção do sinal era 095. Pediu que ele estimasse sua posição de novo e anotou os números.

- Para casa?

- Sim. E muito obrigada. Ele girou o leme.

Hermia sentia-se triunfante, mal podia esperar para descobrir de onde estava vindo o sinal do radar alemão. Entrou na casa do leme e descobriu um mapa em escala grande. com a ajuda de Lars marcou as duas posições que anotara e traçou as retas na direção do sinal em cada uma delas, fazendo a correção pelo norte verdadeiro.

As linhas se cruzavam longe da costa, perto da ilha de Sande.

- Meu Deus! Meu noivo é de lá!

- Sande? Conheço. Fui lá para assistir os treinos de uma corrida de automóveis, há alguns anos.

Hermia sentia-se radiante. Seu palpite estava certo e seu método funcionara. O sinal vinha do lugar mais lógico.

Agora precisava mandar Poul Kirke ou qualquer um dos membros do seu grupo a Sande para dar uma olhada. Assim que retornasse a Bletchley enviaria uma mensagem cifrada.

Poucos minutos depois anotou outro rumo. O sinal já enfraquecera, mas a terceira linha traçada no mapa fez um triângulo com as outras duas, e a ilha de Sande permaneceu dentro do triângulo. Todos os cálculos eram aproximados, mas as conclusões pareciam claras. O sinal de rádio vinha da ilha. Mal podia esperar para contar a Digby.

HARALD ACHOU o Tiger Moth a máquina mais linda que já vira. Lembrava uma borboleta prestes a levantar vôo, com as asas superiores e inferiores abertas, as rodas de carro de brinquedo apoiadas levemente na grama, a cauda comprida afunilando-se atrás. O tempo estava bom, com uma brisa suave que fazia a pequena aeronave tremer, ansiosa por decolar. Um único motor, localizado no nariz, girava a grande hélice pintada de creme. Atrás do motor ficavam duas carlingas abertas, uma atrás da outra.

O Tiger Moth era primo do dilapidado Hornet Moth que Harald vira no mosteiro em ruínas de Kirsteneld'águaot. As duas aeronaves eram mecanicamente similares, a não ser pelo fato de o Hornet Moth ter uma cabine com dois assentos lado a lado. Mas aquele Hornet Moth dava pena, ligeiramente tombado de lado por causa do trem de pouso quebrado, com o tecido da fuselagem manchado de óleo e rasgado, e o estofamento arreventado. Por contraste, o Tiger Moth tinha um ar alegre, com pintura nova na fuselagem e o sol refletido no pára-brisa. A cauda estava apoiada no chão e o nariz apontava para cima, como se quisesse sentir o cheiro do ar.

- Vocês notarão que as asas são chatas embaixo e curvas na parte de cima - disse o irmão de Harald, Arne Olufsen. - Quando o aparelho está voando, o ar que passa pela parte de cima da asa é forçado a ganhar uma velocidade maior que o ar que passa por baixo.

Ele interrompeu-se, premiando o irmão com um daqueles sorrisos cativantes que faziam com que todo mundo o desculpasse por qualquer coisa que fizesse.

- Por motivos que nunca entendi direito, isto levanta o aparelho do chão.
- Cria uma diferença de pressão - adiantou Harald.
- Não diga - replicou Arne, secamente.

A classe do último ano da Jansborg Skole fora passar o dia na Escola de Aviação do Exército em Vodál. Os monitores da turma eram Arne e seu amigo Poul Kirke. Tratava-se de um exercício de recrutamento para o Exército, que passava por dificuldades para persuadir jovens brilhantes a ingressarem em uma corporação que não tinha o que fazer. Heis, com seu passado militar, fazia questão que sua escola enviasse um ou dois alunos para as Forças Armadas a cada ano. Para os rapazes, a visita era uma pausa bemvinda nos estudos de revisão para os exames de fim de ano letivo.

- As superfícies articuladas das asas inferiores são chamadas ailerons - disse Arne. - São ligadas por cabos à alavanca de comando, também chamada de manche, através dos profundores, e em seu eixo transversal, através dos ailerons.

Ele sorriu de novo.

- Quando o manche é movido para a esquerda, o aileron da esquerda levanta e o da direita abaixa. com isto a aeronave se inclina e vira para a esquerda. Nós chamamos esta manobra de inclinação lateral.

Harald ficou fascinado, mas o que queria mesmo era embarcar e voar.

- Vocês vão observar também que a metade traseira dos estabilizadores horizontais também é articulada - disse Arne. - São chamados de profundores e dirigem a aeronave para cima ou para baixo. Puxando o manche, o profundor levanta, a cauda desce e a aeronave sobe.

Harald notou que a parte vertical da cauda também tinha uma seção articulada.

- Para que serve aquilo? - perguntou, apontando.

- É o leme de direção, ou apenas leme. Controlado por um par de pedais no chão da cabine. Funciona do mesmo modo que o leme de um barco.

Mads interveio.

- Para que leme? Você já usa os ailerons para mudar de direção!

- Bem lembrado! - exclamou Arne. - Prova que você está prestando atenção. Mas será que não consegue imaginar o motivo? Por que precisamos de um leme e de ailerons para dirigir a aeronave?

Harald adivinhou.

- Não se pode usar os ailerons na pista de decolagem. -Porquê...?
- Porque as asas tocariam no chão.
- Correto. Usamos o leme porque se inclinássemos as asas elas tocariam o chão. Também usamos o leme no ar para controlar movimentos laterais indesejados, as chamadas guinadas.

Os quinze rapazes percorreram a base aérea, sentaram-se para ouvir uma palestra - sobre oportunidades, pagamento e treinamento no Exército - e almoçaram com um grupo de jovens pilotos que estudavam ali. Sentiam-se agora ansiosos pelas aulas individuais de pilotagem prometidas como o ponto alto do dia. Cinco Tiger Moths estavam alinhados em cima da grama. As aeronaves militares dinamarquesas tinham sido oficialmente proibidas de levantar vôo desde o início da ocupação, mas havia exceções.

A escola de pilotos fora autorizada a funcionar utilizando planadores, e naquele dia recebera permissão especial para o exercício com os Tiger Moths. Se alguém tivesse a idéia de levar um daqueles aviões para a Suécia, havia dois caças Messerschmitt Me-109 na pista de decolagem, prontos para perseguir e abater quem tentasse escapar.

Poul Kirke substituiu Arne e passou a conduzir a visita.

- Quero que dêem uma olhada na cabine, um de cada vez disse ele. - Subam na borda existente na asa de baixo. É pintada de preto. Não pisem em qualquer outro lugar porque senão o pé vai atravessar o tecido e será impossível voar.

Tik Duchwitz foi o primeiro. Poul disse:

- Do lado esquerdo você vê um controle prateado que regula a potência do motor, vale dizer, a velocidade da aeronave. É o acelerador ou manete. Um pouco mais abaixo, pintada de verde, está a alavanca que regula a tensão de uma mola que atua sobre o controle dos profundos. Se os profundos forem corretamente compensados, então a aeronave deve se manter nivelada em vôo de cruzeiro quando você largar o manche.

Harald foi o último. Não podia deixar de sentir-se interessado, a despeito do ressentimento pelo modo arrogante com que Poul levava Karen Duchwitz para passear de bicicleta.

Quando desceu, Poul perguntou:

- E então, o que acha, Harald?

Harald deu de ombros.

- Parece simples.
- Então você vai em primeiro lugar - disse Poul, com um sorriso. - Vamos todos nos arrumar.

Eles retomaram ao hangar e vestiram macacões de vôo - do tipo em que era preciso enfiar primeiro as pernas para depois abotoar na frente. Foram distribuídos óculos e capacetes. Para irritação de Harald, Poul fez questão de ajudá-lo.

- A última vez em que nos encontramos foi em Kirsteneld"águad" águaot disse Poul, enquanto ajustava os óculos de Harald.

Harald balançou a cabeça bruscamente, não desejando relembrar o acontecido. Ainda assim, não pôde deixar de imaginar qual seria exatamente o relacionamento de Poul com Karen. Estariam só namorando, ou haveria algo mais? Será que Karen o beijava apaixonadamente e deixava que ele tocasse no seu corpo? Conversariam sobre casamento?

Tinham relações sexuais? Não queria ficar pensando nessas coisas, mas não podia fazer nada.

Quando se aprontaram, os primeiros cinco estudantes voltaram para o campo de pouso e decolagem, cada um com um piloto. Harald preferia a companhia do seu irmão, só que, uma vez mais, Poul o escolheu. Era como se quisesse conhecê-lo melhor.

Um mecânico vestindo um macacão manchado de óleo reabastecia a aeronave, com um pé no estribo existente na fuselagem. O tanque ficava no centro da asa superior e passava por cima do banco da frente - uma posição-preocupante, na opinião de Harald. Será que conseguiria esquecer a existência de litros e mais litros de líquido

inflamável em cima da sua cabeça?

- Primeiro, a inspeção que precede o voo - disse Poul. Ele abaixou-se para examinar a cabine.
- Verificamos se as chaves dos magnetos estão desligados e o manete recuado.

Depois examinou as rodas.

- Calços no lugar.

Em seguida chutou os pneus e verificou os ailerons.

- Você disse que trabalhou na nova base alemã em Sande disse, em tom descuidado.

- Trabalhei.

- Que tipo de trabalho?

- Servente de obra: o sujeito que é pago para cavar buracos, misturar concreto, carregar tijolos, esse tipo de coisa.

Poul deslocou-se para a parte de trás do avião e checkou o movimento dos profundores.

- Descobriu o que ia funcionar lá?

- Não naquele tempo. Assim que a obra civil ficou pronta os trabalhadores dinamarqueses foram dispensados, e os alemães assumiram. Mas estou bastante seguro de que o que foi instalado lá é uma estação de rádio, não sei de que tipo.

- Acho que você mencionou isso. Como sabe?

- Vi o equipamento.

Pelo olhar penetrante de Poul, Harald percebeu que aquele não era um interrogatório informal.

- É visível do lado de fora?

- Não. O lugar fica cercado e guardado por sentinelas. O equipamento é oculto pelas árvores, exceto o lado voltado para o mar... e aquela parte da praia é interditada.

- Então como foi que você viu?

- Eu estava com pressa de voltar para casa, e por isso cortei caminho por dentro da base.

Poul agachou-se atrás do leme e examinou a sapata da cauda.

- O que chegou a ver?

- Uma antena enorme, a maior que já vi, com mais de um metro quadrado, montada em uma base giratória.

O mecânico que abasteceu a aeronave interrompeu a conversa.

- Abastecido, senhor. Poul virou-se para Harald.

- Pronto para voar?

- Atrás ou na frente?

- O principiante sempre vai atrás.

Harald subiu e teve de ficar em pé em cima do banco. Depois, apoiando-se nos dois braços, arriou o corpo. A cabine era estreita, e ele já estava se perguntando como os pilotos gordos caberiam ali, quando se deu conta de que não havia pilotos gordos.

Dado ao ângulo formado pela fuselagem com o solo, a partir da cauda, não dava para ver nada à sua frente a não ser o céu azul. Tinha de se inclinar para o lado se quisesse ver o chão.

Pôs os pés nos pedais que comandavam o leme e a mão direita no manche.

Moveu, experimentalmente, o manche de um lado para outro e viu os ailerons se levantarem e abaixarem. com a mão esquerda, tocou no manete e no estabilizador.

Na fuselagem, bem perto da sua cabine, ficavam dois botões, que ele presumiu fossem as chaves dos dois magnetos.

Poul ajustou o cinto de segurança de Harald.

- Estes aviões são projetados para treinamento, e por isso têm controles duplos - disse. - Enquanto eu estiver pilotando, deixe mãos e pés repousarem levemente sobre os controles e sintam como os acionam. Eu digo quando você for

assumir.

- Como vamos conversar?

Poul apontou para um tubo de borracha que se dividia, como um estetoscópio, em um Y.

- Isto funciona como o tubo de comunicação de um navio. Ele mostrou a Harald como fixar as pontas soltas do tubo de borracha nos orifícios dos tampões protetores dos ouvidos embutidos no capacete. A base do Y era plugada em um cano de alumínio, com certeza ligado com a cabine da frente. Outro tubo equipado de bocal era usado para falar.

Poul acomodou-se no banco da frente. Um momento depois Harald ouviu a voz dele através deste sistema de comunicação.

- Está me ouvindo?
- Alto e claro.

O mecânico aproximou-se do avião pelo lado esquerdo e seguiu-se um diálogo aos gritos, com ele fazendo as perguntas e Poul respondendo.

- Pronto para a partida, senhor?
- Pronto para a partida.
- Combustível ligado, chaves desligadas, manete fechado?
- Combustível aberto, chaves desligadas, manete fechado.

Harald achou que o mecânico fosse girar a hélice neste ponto, mas em vez disso, ele passou para o lado direito do avião, abriu um painel no capo e mexeu em qualquer coisa no motor. Harald presumiu que estivesse injetando gasolina no carburador. Depois fechou o painel e retornou para o nariz da aeronave.

- Aspirando, senhor - disse ele, adiantando-se e puxando a hélice para baixo. Repetiu a operação três vezes, e Harald supôs que aquele procedimento aspirasse o combustível para dentro dos cilindros.

O mecânico inclinou-se por cima da asa de baixo e acionou os dois pequenos interruptores bem próximos da cabine de Harald.

- Manete ajustado?

Harald sentiu o manete adiantar-se mais ou menos um centímetro sob a sua mão e ouviu a resposta de Poul:

- Manete ajustado.
- Contato.

Poul acionou os interruptores na frente da sua cabine. Mais uma vez o mecânico acionou a hélice, desta vez recuando agilmente logo depois do movimento. O motor pegou, começou a funcionar e a hélice girou. Ouviu-se um ronco e a pequena aeronave estremeceu. Harald teve a sensação súbita e intensa de como o aparelho era leve e frágil e se lembrou, chocado, de que não era feito de metal, mas sim de madeira e tecido. A vibração não era como a de um carro ou mesmo de uma motocicleta, que, por comparação, estariam sólida e firmemente presos ao chão. Aquilo era mais como subir numa árvore frágil e sentir o vento sacudir seus galhos esguios.

Harald ouviu a voz de Poul pelo equipamento de comunicação.

- Temos que deixar o motor esquentar. Vão ser precisos alguns minutos.

Harald pensou nas perguntas que Poul fizera sobre a base em Sande. Não se tratara de curiosidade pura e simples, com certeza. Poul tinha um objetivo. Queria saber a importância estratégica da base. Por quê? Ele faria parte de algum movimento secreto da Resistência? O que mais poderia ser?

O ronco do motor ficou mais intenso. Poul estendeu o braço e comandou os interruptores dos magnetos duas vezes, desligando e ligando, o que deveria ser outra medida de segurança, presumiu Harald. O motor estabilizou-se em marcha lenta e por fim Poul sinalizou para que o mecânico removesse os calços das rodas. Harald sentiu um balanço, e a aeronave começou a se deslocar para a frente.

Pela primeira vez, ocorreu-lhe que o que estava prestes a fazer era perigoso. Seu irmão voava havia anos sem acidentes, mas outros pilotos tinham se acidentado, e alguns morrido. Disse a si próprio que as pessoas morriam em carros, motos e barcos, mas de alguma forma agora era diferente.

Obrigou-se a parar de pensar em perigos. Não queria entrar em pânico e fazer papel ridículo na frente dos colegas.

De repente, o manete sob sua mão deslizou suavemente para a frente, o motor roncou mais alto e o Tiger Moth moveu-se, impaciente, ao longo da pista. Após alguns segundos o manche afastou-se dos joelhos de Harald, que sentiu o corpo inclinar-se ligeiramente para diante quando a cauda levantou. O avião foi ganhando velocidade, balançando e sacudindo na grama. O sangue de Harald passou a circular mais depressa, tanta era a excitação que sentia. Então o manche voltou a se aninhar sob sua mão, o aparelho pareceu dar um pulo e eles se viram no ar.

Era muito estimulante. O avião foi ganhando altura aos poucos. De um lado, Harald podia ver uma aldeia. Na Dinamarca não havia muitos lugares onde não se visse uma aldeia. Poul fez uma curva à direita. Sentindo-se desequilibrado, Harald teve de lutar contra o medo de cair da cabine.

Para se acalmar, examinou os instrumentos. O tacômetro mostrava duas mil rpm. A velocidade era de noventa e cinco quilômetros por hora. Voavam à altitude de mil pés, cerca de trezentos metros. O ponteiro do inclinômetro, um instrumento giroscópico destinado a indicar ao piloto se a curva está sendo feita com a inclinação correta e se o avião está glissando, mantinha-se na vertical, apontando para cima. Tudo bem.

Poul nivelou as asas e o nariz da aeronave. O manete foi - retardado, o ruído do motor baixou e as rpm caíram para mil e novecentas.

- Você está segurando o manche? - perguntou Poul.
- Estou.
- Cheque a linha do horizonte. Provavelmente ela passa pela minha cabeça.
- Entra por uma orelha e sai pela outra.
- Quando eu soltar os controles, quero que você mantenha as asas niveladas e o horizonte na mesma posição relativa às minhas orelhas.
- OK - disse Harald, nervoso.
- O controle agora é seu.

Harald sentiu a aeronave ganhar vida em suas mãos: cada movimento que fazia, por menor que fosse, afetava o vôo. A linha do horizonte caiu para os ombros de Poul indicando que o nariz do avião fora levantado, e Harald concluiu que o medo quase inconsciente de mergulhar para o chão o estava fazendo puxar o manche para trás.

Empurrou-o um quase nada para a frente e teve a satisfação de ver a linha do horizonte subir lentamente até as orelhas de Poul.

De repente o avião sacudiu de lado e inclinou-se. Harald achou que tinha perdido o controle e que estavam prestes a cair.

- O que foi isso? - gritou.
- Só uma lufada de vento. Corrija, mas não exagere. Lutando para não entrar em pânico, Harald levou o manche para o lado oposto ao que o avião se inclinara. O aparelho deu uma guinada na direção contrária, mas pelo menos ele sentiu que estava no comando e o equilibrou de novo, desta vez com um pequeno movimento. Mas logo notou que ganhava altura de novo, e baixou o nariz. Viu então que precisava se concentrar totalmente em reagir ao menor movimento da aeronave, se quisesse manter o rumo. E que qualquer erro poderia fazer com que se espatifasse no chão.

Quando Poul falou, Harald ficou ressentido com a interrupção.

- Excelente - disse ele. - Você está pegando o jeito da coisa. Harald, contudo, achava que só precisava praticar mais um ano ou dois.

- Agora comprima os pedais do leme devagarzinho com ambos os pés.

Harald passara algum tempo sem pensar nos pedais.

- Está bem - disse, bruscamente.
- Observe o inclinômetro.

Harald teve vontade de dizer: Pelo amor de Deus, como é que posso fazer tanta coisa e, ao mesmo tempo, pilotar o avião? Obrigou-se a tirar os olhos do horizonte, por um segundo e examinar o painel de instrumentos. O ponteiro do inclinômetro continuava centrado, na posição de meio-dia. Quando voltou a olhar para o horizonte, viu que tinha levantado o nariz de novo. Corrigiu.

- Quando eu tirar os pés do comando do leme, você verá que o nariz vai guinar para a esquerda e para a direita com a turbulência. Neste caso, você checa o inclinômetro.

Quando o aparelho dá uma guinada para a esquerda, a agulha do inclinômetro se desvia para a direita, dizendo que você tem que pressionar o pé direito para corrigir isso.

- Está bem.

Harald não sentiu movimento lateral, mas poucos momentos depois, quando conseguiu dar uma espiada no mostrador, viu que guinava para a esquerda. Pressionou o pedal direito do leme com o pé direito. O ponteiro não se mexeu. Pisou com mais força. Lentamente, a agulha voltou para a posição central. Levantou a cabeça e viu que tinha mergulhado um pouco. Puxou o manche. Verificou o inclinômetro de novo. O ponteiro continuava firme.

Tudo muito fácil e muito simples, se não estivessem a quinhentos metros de altura.

- Vamos tentar uma curva, agora - disse Poul.
- Drogal - exclamou Harald.
- Primeiro, olhe para a esquerda para ver se a área está livre. Harald olhou para a esquerda. Viu, meio distante, outro Tiger Mcth, presumivelmente com um de seus colegas de turma a bordo, fazendo a mesma coisa. O que era tranquilizador.

- Nada por perto - disse.
- Leve o manche para a esquerda.

Harald fez o que foi ordenado. Mais uma vez teve a sensação de que ia cair do avião. Mas o aparelho começou a fazer uma curva para a esquerda e Harald ficou entusiasmado ao perceber que estava realmente comandando o Tiger Moth.

- Nas curvas, o nariz tende a afundar.

Harald viu que o avião realmente perdera altura e puxou o manche.

- Olhe o inclinômetro - disse Poul. - Você está fazendo o equivalente a uma derrapagem.

Harald checou o indicador e viu que o ponteiro tinha se deslocado para o lado direito. Apertou o pedal direito. Mais uma vez, a reação foi vagarosa.

O avião completou uma curva de noventa graus e Harald sentiu-se ansioso por nivelar o rumo e recobrar a segurança anterior.

Poul, no entanto, pareceu ler seus pensamentos - ou talvez todos os alunos se sentissem do mesmo modo àquela altura - e disse:

- Continue virando, você está indo muito bem.

O ângulo da inclinação das asas pareceu perigosamente acentuado a Harald, mas ele prosseguiu, segurando o nariz levantado, verificando o inclinômetro a cada instante.

Pelo canto do olho, viu um ônibus avançando por uma estrada, como se nada de dramático estivesse acontecendo no céu, e não houvesse perigo de um aluno da Jansborg cair das nuvens em direção a morte certa no teto da viatura.

Já tinha percorrido três quartos de uma circunferência quando Poul disse que bastava.

Aliviado, Harald acertou o manche e a aeronave voltou a se deslocar na reta.

- Cuidado com o inclinômetro.

O ponteiro tinha se deslocado para a esquerda. Harald pressionou o pedal do leme com o pé esquerdo.

- Consegue ver a pista de pouso?

A princípio Harald não conseguiu. A região rural que via lá embaixo exibía um desenho, sem sentido, de campos pontilhados de edificações. Não tinha idéia de qual seria a aparência da base aérea lá de cima.

Poul ajudou:

- Uma fileira de prédios compridos e brancos ao lado de um campo verde-claro. Olhe para a esquerda da hélice.
- Já vi.
- Siga nessa direção, conservando a pista de pouso à esquerda do nariz do avião.

Até aquela hora, Harald não pensara no curso que estavam seguindo. Tudo o que pudera fazer fora manter o aparelho estável. Agora tinha de fazer todas as coisas aprendidas antes e, ao mesmo tempo, voltar para a base. Sempre havia algo mais para cuidar.

- Você está subindo - disse Poul. - Empurre o manete mais ou menos dois centímetros e traga-nos para mil pés quando nos aproximarmos dos prédios.

Harald consultou o altímetro e viu que o aparelho estava voando a dois mil pés. Na última vez que olhara, a leitura era mil e quinhentos. Reduziu a aceleração e empurrou o manche.

- Excelente - aprovou Poul.

Harald nivelou o aparelho e checou o inclinômetro. Quando atingiu o fim do lago, comandou o manche para a esquerda. Desta vez a sensação de que ia cair não foi tão intensa.

- Cuidado com o inclinômetro.

Ele tinha se esquecido e, prontamente, corrigiu com os pés a posição do aparelho.

- Reduza um pouco o manete.

Harald trouxe o manete um pouco para trás e o barulho do motor diminuiu sensivelmente.

- Foi demais.

Harald levou o manete um pouco para a frente.

- Abaixar o nariz. Harald levou o manche.
- É isso aí. Mas tente conservar o rumo da pista.

Harald viu que se desviara do eixo de aproximação e que avançava para os hangares. Corrigiu o desvio com o leme, fazendo uma curva sem inclinar as asas, e alinhou novamente a aeronave com a pista de pouso. Mas podia ver agora que estava alto demais.

- Eu assumo agora - disse Poul.

Harald achou que Poul talvez pudesse continuar dando instruções para que ele realizasse a aterrissagem, mas era evidente que ainda não adquirira domínio suficiente do aparelho para isso. Sentiu-se desapontado.

Poul fechou o manete. O ronco do motor caiu abruptamente, dando a Harald a preocupante sensação de que não havia nada para impedir a aeronave de despencar, mas na verdade ela foi deslizando gradualmente para a pista. Poucos segundos antes do contato com o solo, Poul puxou o manche e o aparelho deu a impressão de flutuar alguns centímetros acima do solo. Harald sentiu os pedais se mexendo constantemente e viu que Poul usava o leme para dirigir o avião, agora que estavam demasiado perto do chão para baixar uma asa. Finalmente houve um solavanco quando as rodas e a sapata da cauda tocaram no chão.

Poul abandonou a pista e taxiou na direção do estacionamento.

Harald estava entusiasmado. Tinha sido muito mais excitante do que imaginara. Sentia-se também exausto, por ter se concentrado tanto. Ainda bem que fora por pouco tempo, pensou, mas ao consultar o relógio viu, para seu assombro, que passara quarenta e cinco minutos voando. Parecia que não tinham sido mais que cinco.

Poul desligou o motor e saltou. Harald puxou os óculos para a testa, tirou o capacete, livrou-se do equipamento de segurança e levantou-se com alguma dificuldade.

Pisou na parte reforçada da asa e pulou para o chão.

- Você se saiu muito bem - disse Poul. - Mostrou grande talento para pilotar, exatamente como seu irmão.
- Foi uma pena eu não ter conseguido trazer o aparelho para a pista.
- Duvido que qualquer um dos outros garotos tivesse sido autorizado a tentar, como você foi. Vamos trocar de roupa.

- Venha até o meu escritório por um instante - disse Poul, depois que Harald tirou o macacão de voo.

Harald foi com ele até uma porta marcada "Instrutor-chefe de Voo" e entrou em uma salinha com um arquivo de aço, uma mesa e algumas cadeiras.

- Você se incomodaria de fazer um desenho do equipamento de rádio que descreveu para mim?

O tom de voz de Poul pretendia ser despreocupado, mas seu corpo estava tenso.

Harald, que queria saber se aquele assunto surgiria de novo, teve sua curiosidade satisfeita.

- Claro.
- É muito importante. Não entrarei nos motivos que o tornam importante.
- Tudo bem.
- Sente-se aqui. Vai encontrar uma caixa de lápis e papel na gaveta. Leve o tempo que precisar. Só dê por terminado quando estiver satisfeito.

- OK.

- Quanto tempo acha que vai precisar?

- Talvez um quarto de hora. Estava escuro, de modo que não Vou poder desenhar detalhes. Mas tenho uma clara idéia do que vi, em linhas gerais.

- Vou deixá-lo sozinho para que não se sinta pressionado. Volto em quinze minutos.

Poul saiu e Harald começou a desenhar. Procurou visualizar o que vira naquela noite de sábado, debaixo de chuva. Havia um muro circular de concreto, ele se lembrava bem, com cerca de um metro e oitenta de altura. A antena era feita de uma tela de arame e, de certo modo, lembrava molas de cama. A base giratória ficava no interior do muro circular e os cabos saíam da parte de trás da antena e entravam em um dueto.

Desenhou primeiro o muro com a antena acima dele. Recordava-se vagamente de que havia uma ou duas estruturas semelhantes por perto, e por isso representou-as com um esboço. Em seguida desenhou a máquina como se não houvesse muro, mostrando sua base e os cabos. Não era nenhum artista, mas sabia desenhar máquinas com bastante precisão, provavelmente porque se tratava de uma coisa de que gostava.

Quando terminou, virou a folha de papel ao contrário e fez um esboço de mapa da ilha de Sande mostrando a posição da base e a área restrita da praia.

Poul voltou depois de quinze minutos. Estudou os desenhos atentamente e disse:

- Excelente trabalho. Muito obrigado.

- De nada.

Ele apontou as estruturas secundárias que Harald esboçara.

- O que é isso?

- Na verdade eu não sei. Não olhei de perto. Mas achei que devia incluir no desenho.

- Ótimo. Mais uma pergunta. Essa tela de arame, que, presumidamente, é uma antena, é plana ou côncava? Harald esforçou-se, mas não conseguiu lembrar.
- Não tenho certeza - disse. - Desculpe.
- Tudo bem.

Poul abriu o arquivo. Todas as pastas eram etiquetadas com nomes, supostamente de alunos antigos e atuais da escola de pilotagem. Selecionou uma marcada com "Andersen, H. C.". Não era um nome raro, mas Hans Christian Andersen era o escritor mais famoso da Dinamarca e Harald supôs que aquela pasta fosse um esconderijo. Conforme esperara, Poul colocou o desenho nessa pasta e guardou-a no mesmo lugar.

- Vamos voltar para junto dos outros - disse ele, dirigindo-se para a porta. Parou com a mão na maçaneta.
- Olha, Harald, desenhar instalações militares alemãs é, tecnicamente, um crime. É melhor que você não comente isto com ninguém... nem mesmo com Arne.

Harald sentiu uma pontada de desalento. Seu irmão não estava envolvido. Será que nem mesmo o melhor amigo de Arne achava que ele tinha a coragem para participar daquilo?

Harald balançou a cabeça.

- Concordo, com uma condição. Poul espantou-se.
- Condição? Qual?
- Que você me diga uma coisa com franqueza. Ele deu de ombros.
- Está bem, Vou tentar.
- Existe um movimento de Resistência, não existe?
- Existe - respondeu Poul, muito sério. Após uma pequena pausa, acrescentou:
- E agora você está nele.

TILDE JESPERSEN usava um perfume leve e floral que pairava sobre a mesa na calçada e provocava as narinas de Peter Flemming. Não era forte o suficiente para que ele o identificasse, era mais como uma vaga lembrança. Ele imaginou como aquela fragrância se desprenderia de sua pele quente quando tirasse sua blusa, saia e roupa de baixo.

- Está pensando em quê? - perguntou Tilde.

Ele sentiu-se tentado a lhe dizer. Ela fingiria estar chocada, mas secretamente ficaria satisfeita. Ele sempre sabia dizer quando uma mulher estava pronta para esse tipo de conversa e sabia como fazê-lo: levemente, com um sorriso autodepreciativo, mas com um tom de sinceridade implícito.

Mas então pensou na sua mulher e se conteve. Peter levava os votos matrimoniais a sério. Outras pessoas podiam achar que tinha uma boa desculpa para quebrá-los, mas ele tinha se imposto padrões mais altos.

Por isso, respondeu:

- Eu estava pensando em você derrubando o mecânico fugitivo no aeroporto. Demonstrou enorme presença de espírito.

- Nem pensei no que fazia, simplesmente estiquei o pé.

- Você tem bons reflexos. Nunca fui favorável a mulheres na polícia e, para dizer a verdade, ainda tenho as minhas dúvidas... mas ninguém pode negar que você é uma policial de primeira classe.

Ela encolheu os ombros.

- Eu própria tenho minhas dúvidas. Talvez as mulheres devessem ficar em casa tomando conta dos filhos. Mas depois que Oskar morreu...

Oskar fora seu marido, detetive de Copenhague e amigo de Peter.

- Eu tive que trabalhar, e a manutenção da ordem pública era a única coisa que conhecia. Meu pai trabalhou como guarda aduaneiro, meu irmão mais velho é da Polícia do Exército e o mais moço é policial uniformizado em Aarhus.

- Vou dizer qual é a sua grande qualidade, Tilde. Nunca tenta fazer com que os homens realizem o seu trabalho bancando a mulherzinha indefesa.

Queria que sua observação servisse de cumprimento mas, pelo jeito dela, não funcionou como esperava.

- Nunca peço ajuda - disse Tilde, bruscamente.

- O que talvez seja uma boa política.

Ela lhe dirigiu um olhar que Peter não conseguiu decifrar. Intrigado com o súbito esfriamento da conversa, pensou se Tilde não pedia ajuda para não ser imediatamente classificada como mulher indefesa. Neste caso, era fácil ver como devia ficar ressentida com isso. Afinal, os homens pediam ajuda uns aos outros o tempo todo.

- Mas por que você é policial? - perguntou ela. - Seu pai tem um negócio bem-sucedido. Você não quer tomar o lugar dele, um dia?

Ele sacudiu a cabeça melancolicamente.

- Eu trabalhava no hotel do meu pai nas férias escolares. Detestava os hóspedes, com suas exigências e queixas: este bife está passado demais, meu colchão é cheio de altos e baixos, estou esperando há vinte minutos uma xícara de café. Não dava para agüentar.

O garçom chegou para atendê-los. Peter resistiu à tentação de pedir arenques com cebolas no seu sanduíche aberto - smorrebrod, pensando, vagamente, que talvez chegasse perto de Tilde o bastante para ela sentir seu hálito, de modo que pediu queijo suave e pepino. Os dois entregaram os cartões de racionamento ao garçom.

- Algum progresso no caso de espionagem? - perguntou Tilde.

- Na verdade, não. Os dois homens que prendemos no aeroporto nada disseram. Foram mandados para Hamburgo, a fim de serem submetidos ao que a Gestapo chama de "interrogatório em profundidade", e deram o nome do seu contato - Matthies Hertz, um oficial do Exército. Mas este tal de Matthies Hertz desapareceu.

- Um beco sem saída, então.
- Exatamente.

A expressão que ela usou o fez pensar em outro beco sem saída em que se metera.

- Você conhece algum judeu, Tilde? Ela pareceu surpresa.
- Um ou dois. Nenhum na força policial. Por quê?
- Estou fazendo uma lista.
- Uma lista de judeus?
- Isso.
- Onde, em Copenhague?
- Na Dinamarca.
- Por quê?
- A razão de sempre. Faz parte do meu trabalho ficar de olho nos encrenqueiros.
- E os judeus são encrenqueiros?
- Os alemães pensam que são.
- Dá para ver que eles podem ter problemas com judeus... mas nós temos?

Ele ficou desconcertado. Tinha esperado que ela visse a questão do seu ponto de vista.

- É melhor estar preparado. Temos listas de organizadores de sindicatos, comunistas, estrangeiros e membros do Partido Nazista Dinamarquês.

- E você acha que os judeus são a mesma coisa?

- Tudo é informação. Agora, é fácil identificar judeus que tenham imigrado recentemente, que chegaram nos últimos cinquenta anos. Eles se vestem engraçado, falam com um sotaque peculiar e a maior parte mora nas mesmas ruas de Copenhague. Mas há também judeus cujas famílias são dinamarquesas há séculos. Eles parecem e falam como todo o mundo. A maior parte come carne de porco e trabalha nas manhãs de sábado. Se algum dia precisarmos encontrá-los, podemos ter dificuldade. Por isso estou fazendo uma lista.

- Como? Você não pode simplesmente sair por aí perguntando às pessoas se elas conhecem algum judeu.

- Este é o problema. Tenho dois detetives menos graduados estudando a lista telefônica e uma ou outra lista, anotando os nomes que pareçam ser de judeus.

- Não é confiável. Há muito sujeito por aí chamado Isaksen que não é judeu.

- Da mesma forma que há muitos judeus com o nome de Jan Christiansen. O que eu realmente gostaria de fazer era uma incursão na sinagoga. Provavelmente eles têm uma lista de membros.

Para sua surpresa, Tilde parecia desaprovar sua idéia. Mesmo assim ela perguntou:

- E por que não faz?

- Juel não permitiria.

- Pois eu acho que ele está certo.

- É mesmo? Por quê?

- Peter, será que você não enxerga? Que uso poderia ter a sua lista no futuro?

- Não é óbvio? - retrucou Peter, irritado. - Se grupos judeus começarem a organizar resistência aos alemães, saberemos onde procurar os suspeitos.

- E se os nazistas resolverem prender todos os judeus e os mandarem para aqueles campos de concentração que eles têm lá na Alemanha? Vão usar a sua lista!

- Mas por que eles mandariam os judeus para os campos?

- Porque nazistas odeiam judeus. Mas nós não somos nazistas, somos policiais. Prendemos pessoas porque

cometeram crimes, e não porque as odiámos.

- Eu sei - disse Peter, furioso. Estava atônito por ser atacado por aquele ângulo. Tilde devia saber que seu motivo era fazer cumprir a lei e não subvertê-la.

- Sempre há o risco de que uma informação seja mal usada.

- Pois então não seria melhor não fazer essa maldita lista?

Como Tilde podia ser tão burra? Enfurecia-o encontrar oposição da parte de uma pessoa que ele considerava sua parceira na guerra contra os violadores da lei.

- Não! - gritou Peter. Ele baixou a voz com esforço para completar seu argumento. - Se pensássemos assim nem deveríamos ter um departamento de segurança!

Tilde sacudiu a cabeça.

- Olha, Peter, os nazistas fizeram uma porção de coisas boas, nós dois sabemos disso. Basicamente eles estão do lado da polícia. Praticamente acabaram com a subversão, mantêm a lei e a ordem, reduziram o desemprego e assim por diante. Mas no que diz respeito a judeus, eles são malucos.

- Talvez, mas são eles que dão as cartas agora.

- Veja só os judeus dinamarqueses, Peter. São obedientes à lei, trabalhadores, mandam os filhos para a escola... É ridículo fazer uma lista de seus nomes e endereços como se fizessem parte de uma conspiração comunista.

Ele recostou-se na cadeira.

- Quer dizer então que você se recusa a trabalhar nisso comigo? - disse, em tom acusador.

Foi a vez dela ofender-se.

- Como tem coragem de me dizer uma coisa dessas? Sou uma profissional, e você é meu chefe. Farei o que mandar. Devia saber disso.

- Fala sério?

- Olha aqui, se você quisesse fazer uma lista completa das bruxas residentes na Dinamarca, eu lhe diria que não acho que bruxas sejam criminosas ou subversivas, mas o ajudaria a fazer a lista.

A comida chegou. Houve um silêncio contrafeito quando começaram a comer. Após alguns instantes, foi Tilde quem falou em primeiro lugar:

- Como vão as coisas em casa?

Peter teve um súbito vislumbre de si próprio e Inge, poucos dias antes do acidente, indo para a igreja numa manhã de domingo, dois jovens saudáveis e felizes em suas melhores roupas. com tantos vagabundos e tanta gentalha no mundo, por que logo a sua mulher tinha que ter o cérebro destruído por um garotão bêbado no seu carro esporte?

- Inge está na mesma - disse ele.

- Nenhuma melhora?

- Quando o cérebro é lesado tão seriamente, não tem conserto. Jamais haverá qualquer melhora.

- Deve ser difícil para você.

- Tenho a sorte de ser filho de um pai generoso. Eu não poderia pagar uma enfermeira com meu salário de policial. Inge teria que ir para umacasa de saúde.

Mais uma vez Peter não entendeu o olhar que Tilde lhe dirigiu. Era quase como se achasse que uma casa de saúde não seria uma solução ruim.

- E o motorista do carro esporte?

- Finn Jonk. O julgamento dele começou ontem. Deve estar terminado em mais um ou dois dias.

- Finalmente! O que acha que vai acontecer?

- Ele está se declarando culpado. Presumo que ficará preso cinco ou dez anos.

- Não parece suficiente.
- Por ter destruído o cérebro de uma pessoa? O que seria suficiente?

Depois do almoço, quando caminhavam de volta para o Politigaarden, Tilde passou o braço pelo de Peter. Foi um gesto afetuosos e Peter sentiu que ela estava querendo lhe dizer que gostava dele apesar de discordarem. Ao se aproximarem do prédio ultra-moderno que sediava o quartel-general da polícia, ele disse:

- É uma pena que você desaprove a minha lista de judeus. Tilde parou e o encarou.
- Você não é um homem mau, Peter.

Para surpresa dele, Tilde estava com os olhos cheios de lágrimas.

- Seu senso de dever é a sua grande força. Mas o cumprimento do dever não é a única lei.
- Realmente não entendo o que você quer dizer.
- Eu sei.

Ela se virou e entrou no edifício sozinha.

Enquanto seguia até o seu escritório, ele tentou ver a questão do ponto de vista dela. Se os nazistas prendessem judeus cumpridores da lei, estariam cometendo um crime, e então a sua lista estaria ajudando os criminosos. Mas seria possível dizer o mesmo a respeito de uma arma ou até mesmo de um carro: o fato de uma coisa poder ser usada por criminosos não significava que fosse errado ter essa coisa.

Ao atravessar o pátio central aberto, foi saudado pelo seu chefe, Frederik Juel.

- Venha comigo - disse Juel bruscamente. - Fomos convocados pelo general Braun.

Juel seguiu na frente, seu porte militar dando uma impressão de determinação e eficiência que Peter sabia ser totalmente falsa.

Era uma pequena distância do Politigaarden até a praça, onde os alemães tinham tomado um prédio chamado Dagmarhus, cercado por arame farpado e que tinha canhões e metralhadoras antiaéreas instaladas no terraço plano. Foram levados ao escritório de Walter Braun, em uma sala com duas frentes que dominava a praça, confortavelmente mobiliada com uma mesa antiga e um sofá de couro. Havia uma foto do Fuehrer um tanto pequena na parede e um porta-retratos em cima da mesa com a foto de dois meninos com uniforme escolar. Braun usava sua pistola de serviço até mesmo ali dentro, notou Peter, como se quisesse dizer que, embora tivesse um escritório acolhedor, estava falando sério.

Braun parecia satisfeito consigo próprio.

- Nossa gente decodificou a mensagem que você encontrou no calço oco do aeroplano - disse ele, em seu habitual quase sussurro.

Peter ficou entusiasmado.

- Impressionante - murmurou Juel.

- Parece que não foi difícil - prosseguiu Braun. - Os britânicos usam códigos simples, quase sempre baseados em um poema ou uma famosa passagem em prosa. Uma vez que nossos criptoanalistas descubram umas poucas palavras, um professor de inglês geralmente é capaz de preencher o que falta. É a primeira vez em que vejo o estudo da literatura inglesa servir para um propósito útil.

Ele riu da própria sagacidade.

- O que havia na mensagem? - perguntou Peter, impaciente. Braun abriu uma pasta em cima da mesa.

- Vem de um grupo que se intitula Vigilantes Noturnos embora eles estivessem falando alemão, ele usou a palavra dinamarquesa Natvaegterne. - Significa alguma coisa para você?

Peter foi apanhado de surpresa.

- Vou verificar os arquivos, lógico, mas estou bastante seguro de que ainda não nos deparamos com esse nome.

Ele franziu a testa, pensando.

- Os Vigilantes Noturnos da vida real são policiais ou soldados, não é isso?

Juel empertigou-se.

- Eu dificilmente pensaria que policiais dinamarqueses...

- Não falei que eram dinamarqueses - interrompeu Peter. Podem ser traidores alemães - ele deu de ombros. - Ou podem ser simplesmente pessoas que aspirem o status de militares.

Peter olhou para Braun.

- Qual o conteúdo da mensagem, general?

- Detalhes do nosso dispositivo militar na Dinamarca. Dê uma olhada.

Ele empurrou um maço de papéis por cima da mesa.

Localização de baterias antiaéreas dentro e em torno de Copenhague. Navios de guerra alemães no porto durante o último mês. Regimentos estacionados em Aarhus, Odense e Morlunde.

- A informação é precisa? Braun hesitou:

- Não muito. Perto da verdade, mas sem exatidão. Peter balançou a cabeça.

- Então os espões provavelmente não são alemães com informações privilegiadas, pois neste caso seriam capazes de conseguir detalhes corretos nos arquivos. É mais provável que sejam estimativas feitas por meticolosos observadores dinamarqueses.

Braun concordou.

- Uma dedução astuta. Mas você é capaz de descobrir essa gente?

- Certamente espero que sim.

O FOCO DA ATENÇÃO DE BRAUN estava inteiramente voltado para Peter, como se Juel não estivesse presente, ou fosse apenas um subalterno, em vez de chefe de um serviço.

- Você acha que pessoas que coletam essas informações são as mesmas que estão contrabandeando o jornal clandestino para fora do país?

Peter ficou satisfeito por Braun ter reconhecido sua competência, mas frustrado por Juel ser, ainda assim, o chefe. Esperou que Braun percebesse a ironia e sacudiu a cabeça.

- Não, nós conhecemos os editores clandestinos e os observamos. Se eles estivessem fazendo observações assim meticulosas do dispositivo militar alemão, teríamos notado. Não - acredito que seja uma nova organização com que ainda não tínhamos nos defrontado.

- Então como você irá pegá-los?

- Há um grupo de subversivos em potencial que nunca investigamos adequadamente: os judeus.

Peter ouviu uma profunda inspiração vinda de Juel.

- É melhor dar uma olhada neles - disse Braun.

- Não costuma ser fácil saber quem é judeu neste país.

- Então vá à sinagoga!

- Boa idéia - disse Peter. - Pode ser que tenham uma lista de membros. Já seria um começo.

Juel lançou um olhar ameaçador sobre Peter, mas nada disse.

- Meus superiores em Berlim - disse Braun - ficaram impressionados com a lealdade e eficiência da polícia dinamarquesa na interceptação desta mensagem destinada à inteligência britânica. Mesmo assim, estavam ansiosos por mandar para cá uma equipe de investigadores da Gestapo. Dissuadi-os, prometendo que vocês vão investigar vigorosamente o círculo de espões e levar os traidores à justiça.

Foi um longo discurso para um homem com um único pulmão, e Braun perdeu o fôlego. Fez uma pausa, olhando de Peter para Juel e de Juel para Peter. Quando se recuperou, concluiu:

- Para o seu próprio bem, e para o bem de todos na Dinamarca, espero que tenham êxito.

Juel e Peter se levantaram e Juel respondeu, muito tenso:

- Faremos tudo que for possível.

Os dois foram embora. Assim que pisaram fora do edifício, Juel adiantou-se e parou na frente de Peter com um olhar de fúria.

- Você sabe perfeitamente que isto não tem nada a ver com a sinagoga, seu canalha!

- Não sei de nada disso.

- Você está é puxando o saco dos nazistas, seu nojentão!

- Por que não deveríamos ajudá-los? Eles agora representam alei.

- Você acha que eles vão ajudar sua carreira.

- E por que não? - retrucou Peter, decidido a retaliar. - A elite de Copenhague é preconceituosa contra quem é da província, enquanto que os alemães são mais esclarecidos.

- É nisto que você acredita? - perguntou Juel, incrédulo.

- Pelo menos não são cegos para a capacidade de quem não freqüentou a Jansborg Skole.

- Quer dizer então que você achou que foi passado para trás por causa do seu background? Idiota, você não conseguiu o lugar porque é muito extremado! Não tem senso de proporção. Seria capaz de querer terminar com o crime prendendo todo mundo que lhe parecesse suspeito!

Ele fez um ruído que indicava o quanto estava enojado.

- Se eu pudesse interferir, você jamais conseguiria outra promoção. Agora, saia da minha frente.

Juel afastou-se, deixando Peter ardendo de ressentimento. Quem Juel pensava que era? O fato de ter um ancestral famoso não o tornava melhor que ninguém. Ele era um policial, exatamente como Peter, e não tinha direito de falar como se fosse um ente superior.

Mas Peter conseguira o que queria. Derrotara Juel. Obtivera permissão para investigar a sinagoga.

Juel o odiaria para sempre por isso. Mas tinha importância? O poder agora era Braun, não Juel. Melhor ser favorito de Braun e inimigo de Juel do que o contrário.

De volta ao QG, Peter reuniu rapidamente sua equipe, escolhendo os mesmos detetives que usara no aeroporto de Kastrup: Conrad, Dresler e Ellegard. Disse para Tilde Jespersen:

- Eu gostaria de levá-la se você não se opusesse.
- Por que eu iria objetar? - retrucou ela, irritada.
- Depois da nossa conversa na hora do almoço...
- Por favor! Eu sou uma profissional. Já falei isso.
- Ótimo.

Eles pegaram o carro e foram para uma rua chamada Krystalgade. A sinagoga, um prédio revestido de tijolos amarelos, ficava de lado para a rua, como a se defender com um ombro do mundo hostil. Peter deixou Ellegard no portão para se assegurar de que ninguém fugiria.

Um homem idoso com um solidéu na cabeça apareceu na casa destinada aos velhos judeus que ficava do lado da sinagoga.

- Posso ajudá-lo? - perguntou ele, polidamente.
- Somos policiais - respondeu Peter. - Quem é o senhor?

O rosto do homem assumiu uma expressão de pavor tão abjeto que Peter quase teve pena dele.

- Sou Gorm Rasmussen, o gerente aqui da casa durante o dia - disse ele, numa voz trêmula.
- Você tem as chaves da sinagoga?
- Tenho.
- Abra para nós entrarmos.

O homem pegou um molho de chaves no bolso e abriu uma porta.

A maior parte do prédio era composta pelo salão principal, ricamente decorado com colunas egípcias cobertas de ouro suportando as galerias que ficavam sobre os corredores laterais.

- Esses judeus têm muito dinheiro - murmurou Conrad.
- Mostre-me sua lista de membros - disse Peter para Rasmussen.
- Lista de membros? De que o senhor está falando?
- O senhor deve ter os nomes e endereços da sua congregação.
- Não... todos os judeus são bem-vindos.

O instinto de Peter lhe disse que o homem falava a verdade, mas ele revistaria a sinagoga assim mesmo.

- Há escritórios aqui?
- Não. Só cubículos com os paramentos do rabino e auxiliares, além de um vestiário para a congregação pendurar os casacos.

Peter dirigiu um olhar para Dresler e Conrad.

- Revistem tudo.

Ele atravessou o centro do salão e dirigiu-se ao púlpito. Subiu um lance curto de degraus até um estrado. Atrás da cortina encontrou um nicho escondido.

- O que temos aqui?

- Os rolos do Torah - respondeu Rasmussen.

Eram seis rolos grandes e pesados envoltos cuidadosamente em veludo, proporcionando esconderijos perfeitos para documentos secretos.

- Desembrulhe - ordenou Peter. - E depois espalhe no chão para que eu veja se não tem nada escondido dentro deles.

- Num instante.

Enquanto Rasmussen fazia o que lhe fora ordenado, Peter afastou-se um pouco com Tilde, sem tirar o olho dele.

- Você está bem? - perguntou ele.

- Já lhe falei.

- Se encontrarmos alguma coisa admitirá que estou certo? Ela sorriu.

- E se não encontrarmos, você admitirá que estava errado? Peter aquiesceu, satisfeito por ver que Tilde não estava zangada com ele.

Rasmussen abriu os rolos, cobertos de escrita hebraica. Peter nada viu de suspeito. Era possível que eles não possuíssem mesmo um registro dos membros. O mais provável é que antes existisse um registro, e que o tivessem destruído, como medida de segurança, no dia em que os alemães invadiram o país. Sentiu-se frustrado. Aquela incursão na sinagoga, além de lhe dar muito trabalho, o deixara ainda mais impopular com seu chefe. Seria uma desgraça se não desse em nada.

Dresler e Conrad voltaram de lados opostos do prédio. Dresler tinha as mãos vazias, mas Conrad carregava um exemplar do jornal Realidade.

Peter pegou o jornal e mostrou a Rasmussen.

- Isto é ilegal.

- Sinto muito - disse o velho, dando a impressão de que ia cair no choro. - Eles empurram por debaixo da porta.

As pessoas que publicavam o jornal não estavam sendo procuradas pela polícia, portanto aqueles que meramente o liam não se encontravam em perigo - mas Rasmussen não sabia disso e Peter aproveitou a vantagem.

- Você deve escrever para o seu pessoal uma vez ou outra disse.

- Bem, claro, aos líderes da comunidade judaica. Mas não temos uma lista. Sabemos quem são - ele arriscou um sorrisinho.

- Acho que o senhor também sabe, imagino.

Era verdade. Peter sabia o nome de uns dez ou mais judeus proeminentes: uns dois banqueiros, um juiz, diversos professores da universidade, alguns políticos, um pintor. Não era deles que estava atrás; eram por demais conhecidos para serem espões. Não poderiam ficar em pé no cais do porto contando navios sem chamar a atenção.

- Vocês não mandam cartas para eles com pedidos de doações para obras de caridade, avisos sobre os próximos eventos que estão organizando, celebrações, piqueniques, concertos?

- Não - respondeu o homem. - Nós só colocamos um aviso no centro comunitário.

- Ah - fez Peter, com um sorriso de satisfação. - O centro comunitário. E onde é que fica esse centro?

- Perto de Christiansborg, em Ny Kongensgade. Era a menos de dois quilômetros de distância.

- Dresler - disse Peter. - Fique com esse sujeito aqui por quinze minutos e não deixe que ele avise ninguém.

Peter, Conrad, Ellegard e Tilde pegaram o carro e foram para a rua Ny Kongensgade. O centro comunitário judeu era um enorme prédio do século XVIII com pátio interno e uma elegante escadaria, precisando ser redecorado. A cafeteria estava fechada e não havia ninguém jogando pingue-pongue no porão. O encarregado do escritório era um rapaz bem-vestido com ar de desdém. Disse que não tinha lista de nomes e endereços, mas os detetives revistaram tudo assim mesmo.

O rapaz se chamava Ingemar Gammel, e havia alguma coisa nele que deixou Peter pensativo. O que seria? Ao contrário de Rasmussen, Gammel não se assustou, mas enquanto Peter tivera a impressão de que Rasmussen, mesmo com medo, era inocente, Gammel lhe pareceu exatamente o contrário.

Ele permaneceu sentado atrás de sua mesa, de colete com uma corrente de relógio, observando friamente o escritório ser revistado. Suas roupas pareciam caras. Por que um rapaz rico ia trabalhar ali como secretário? Aquele tipo de trabalho normalmente era realizado por garotas mal pagas ou donas de casa de meia-idade sem ter mais filhos para tomar conta.

- Acho que é isto que estamos procurando, chefe - disse Conrad, passando às mãos de Peter um caderno preto de folhas avulsas.

- Uma lista das tocas de ratos.

Peter deu uma olhada. Ali havia centenas de páginas de nomes e endereços.

- Na mosca - disse. - Muito bem.

Mas seu instinto lhe disse que havia algo mais a descobrir ali.

- Continuem revistando, vocês todos, para o caso de haver mais alguma coisa.

Peter folheou as páginas do arquivo, procurando alguma coisa estranha, familiar, ou... qualquer coisa. Estava descontente, sem saber exatamente por quê. Nada chamou sua atenção.

O paletó de Gammel estava pendurado em um gancho atrás da porta. Peter leu a etiqueta do alfaiate. O terno fora confeccionado por Anderson & Sheppard de Savile Row, Londres, em 1938. Peter ficou com ciúme. Comprava suas roupas nas melhores lojas de Copenhague, mas nunca pudera se dar ao luxo de comprar um terno inglês. Havia um lenço de seda no bolso de fora do paletó. Encontrou um clipe prendendo uma gorda quantia em cédulas no bolso lateral esquerdo. No da direita havia um bilhete de volta de Aarhus, cuidadosamente picotado pelo inspetor do trem.

- Por que você foi a Aarhus?

- Visitar amigos.

Na mensagem decodificada havia o nome do regimento alemão sediado em Aarhus, lembrou Peter. No entanto, Aarhus era a maior cidade da Dinamarca depois de Copenhague e centenas de pessoas viajavam entre as duas cidades diariamente.

No bolso de dentro do paletó havia uma agenda fininha. Peter abriu-a.

- Você gosta do seu trabalho? - perguntou Gammel, com desprezo.

Peter olhou para ele com um sorriso. Gostava de irritar homens ricos e pomposos que se imaginavam superiores ao resto da humanidade. Mas o que respondeu foi o seguinte:

- Como um bombeiro que desentope privadas, vejo uma porção de merda. E voltou a se concentrar explicitamente na agenda.

A caligrafia de Gammel era elegante como seu terno, com maiúsculas grandes e alças fechadas. As anotações pareciam normais, todas elas: almoços, teatro, aniversário da mãe, telefonar a Jorgen sobre Wilder.

- Quem é Jorgen? - perguntou Peter.

- Meu primo, Jorgen Lumpe. Nós trocamos livros.

- E Wilder?

- Thornton Wilder. -E ele é...

- O escritor americano. The Bridge of San Luis Rey. Você deve ter lido.

Havia uma zombaria oculta na resposta, uma indireta, sugerindo que policiais não eram suficientemente cultos para lerem romances estrangeiros, mas Peter ignorou-a e passou para a parte de trás da agenda. Como esperava, encontrou uma lista de nomes e endereços. Ergueu os olhos para Gammel e viu um leve rubor no seu rosto escrupulosamente

barbeado. Aquilo era promissor. Examinou a lista de endereços com cuidado.

Escolheu um nome ao acaso.

- Hilde Bjergager... quem é?
- Uma amiga - respondeu Gammel friamente. Peter tentou outro.
- Bertil Bruun?

Gammel permaneceu indiferente.

- Parceiro de tênis.
- Fred Eskildsen?
- Gerente do meu banco.

Os outros detetives tinham interrompido a revista e estavam em silêncio, sentindo a tensão.

- Poul Kirke?
- Um velho amigo.
- Preben Klausen.
- Negociante de quadros.

Pela primeira vez Gammel demonstrou um pouco de emoção, mas foi alívio e não culpa. Por quê? Teria conseguido escapar de algum problema? Seria algo relativo ao negociante de pinturas, Klausen? Ou o nome importante seria o anterior? Será que Gammel demonstrara alívio porque Peter passara para o nome de Klausen?

- Poul Kirke é um velho amigo?
- Frequentamos a universidade juntos - a voz de Gammel manteve-se controlada, mas havia uma leve sugestão de medo nos seus olhos.

Peter olhou para Tilde e ela balançou a cabeça quase imperceptivelmente. Também percebera algo na reação de Gammel.

Peter voltou para a agenda. Não havia endereço correspondente a Poul Kirke, mas ao lado do número telefônico havia um N maiúsculo. Contrariando a escrita característica de Gammel, era uma letra pequena.

- Que significa isto, esta letra N?
- Naestved. É o número dele em Naestved.
- E qual é o outro número?
- Ele não tem outro número.
- Então para que você precisa desta anotação?
- Para dizer a verdade, não me lembro - respondeu Gammel, demonstrando irritação.

Podia ser verdade. Por outro lado, N podia significar Nightwatchman - Vigilantes Noturnos.

- Ele trabalha em quê?
- É piloto.
- Onde?
- Exército.
- Ah - Peter tinha especulado que os Vigilantes Noturnos poderiam ser integrantes do Exército, por causa do nome e também porque eram observadores precisos de detalhes militares.

- Em que base?
- Vodal.
- Pensei que você tivesse dito Naestved.
- É perto.
- Mais de trinta quilômetros de distância.

- Bem, é como me lembro.

Peter balançou a cabeça pensativamente e virou-se para Conrad.

- Prenda este canalha mentiroso.

A revista do apartamento de Ingemar Gammel foi frustrante. Peter nada encontrou de interesse: livro de códigos, literatura subversiva, armas, nada. Concluiu que Gammel devia ser uma figura menor na rede de espionagem. Seu papel devia limitar-se a fazer observações e transmiti-las a um contato central. Este homem-chave compilaria as mensagens e as remeteria à Inglaterra. Mas quem era a figura central? Peter tinha esperanças de que pudesse ser Poul Kirke.

Antes de percorrer os oitenta quilômetros que o separavam da escola de pilotagem em Vodal, onde Poul servia, Peter passou uma hora em casa com Inge, sua mulher.

Enquanto a alimentava com quadradinhos de maçã com mel, devaneou sobre como seria a vida com Tilde Jespersen. Imaginou-se vendo Tilde preparando-se para sair de noite - lavando o cabelo e enxugando-o vigorosamente com uma toalha, sentada à penteadeira só de roupa de baixo, pintando as unhas, olhando-se no espelho e ajeitando uma echarpe vermelha de seda no pescoço. Logo se deu conta de que ansiava pela companhia de uma mulher que fosse capaz de fazer tudo sozinha.

Tinha que parar de pensar daquele modo. Era um homem casado. O fato de sua esposa ser doente não configurava uma desculpa para cometer adultério. Tilde era uma colega e amiga e nunca deveria ser mais que isto.

Sentindo-se irrequieto e descontente, ligou o rádio e ouviu o noticiário enquanto esperava que a enfermeira chegasse. Os ingleses tinham desfechado uma nova ofensiva no Norte da África, cruzando a fronteira do Egito e lançando-se sobre a Líbia com uma divisão blindada, numa tentativa de libertar a cidade situada de Tobruk. Devia ser uma operação de grande porte, embora a estação de rádio dinamarquesa, censurada, naturalmente, predissesse que os canhões antitanques alemães dizimariam as forças britânicas.

O telefone tocou e Peter atravessou a sala para atender.

- Allan Forslund falando, Divisão de Trânsito - Forslund era o policial responsável por Finn Jonk, o motorista bêbado que batera no carro de Peter. - O julgamento terminou há pouco.

- O que aconteceu?
- Jonk pegou seis meses.
- Seis meses!
- Sinto muito...

A visão de Peter ficou embaçada. Achou que fosse cair e se amparou na parede.

- Por destruir o cérebro de minha mulher e arruinar a minha vida? Seis meses?
- O juiz disse que ele já tinha sofrido muito e que ia ter que viver com essa culpa pelo resto da vida.
- Conversa-fiada!
- Eu sei.
- Achei que a acusação ia pedir uma sentença severa.
- Nós pedimos. Mas o advogado de Jonk foi muito persuasivo. Disse que o garoto tinha parado de beber, que passou a andar por aí de bicicleta, que está estudando para ser arquiteto.
- Qualquer um pode dizer essas coisas.
- Eu sei.
- Eu não aceito! Recuso-me a aceitar!
- Não há nada que possamos fazer...
- Uma ova que não há!

- Peter, por favor, não vá se precipitar! Peter tentou se acalmar.
- Claro que não Vou.
- Você está sozinho?
- Vou voltar para o trabalho em poucos minutos.
- Desde que você tenha alguém com quem conversar.
- Sim, sim. Obrigado por ligar, Allan.
- Lamento muito não termos nos saído melhor.
- A culpa não é sua. Um advogado espertalhão e um juiz burro. Já vimos isso antes.

Peter desligou. Tinha se obrigado a parecer calmo, mas na verdade estava fervendo de raiva. Se Jonk estivesse solto, poderia procurá-lo e matá-lo - mas o garoto estava a salvo na cadeia, nem que fosse por alguns meses. Pensou em encontrar o advogado, prendê-lo sob um pretexto qualquer e dar-lhe uma surra, mas sabia que não ia fazer uma coisa dessas. O canalha não violara nenhuma lei.

Olhou para Inge. Estava sentada onde a deixara, olhando para ele, o rosto inexpressivo, esperando que continuasse a dar sua comida. Notou que um pouco da maçã que ela mastigara tinha babado na parte de cima do vestido. Normalmente não era desleixada na hora de comer, a despeito de seu estado. Antes do acidente, Inge era extraordinariamente meticulosa em tudo quanto dizia respeito à sua aparência. Ao vê-la com comida no queixo e manchas na roupa, ele, de repente, teve vontade de chorar.

Foi salvo pela campainha da porta. Controlou-se rapidamente e foi atender. A enfermeira chegou ao mesmo tempo que Bent Conrad, que fora pegá-lo para a viagem a Vodal.

Peter pendurou o paletó nos ombros e deixou a limpeza de Inge por conta da enfermeira.

Foram em dois carros, os Buick pretos padronizados da polícia. Peter achou que o Exército talvez pusesse obstáculos à sua empreitada e por isso pediu ao general Braun que escalasse um oficial alemão para impor autoridade, se necessário. Assim, o major Schwarz, um dos assistentes de Braun, viajava no carro da frente. A viagem levou uma hora e meia. Schwarz fumou um charuto enorme, enchendo o carro de fumaça. Peter tentou não pensar na sentença ridiculamente leve imposta a Finn Jonk. Podia precisar de sua argúcia quando chegasse à base aérea e não queria ter o raciocínio obscurecido pela raiva. Tentou sufocar a ira que sentia, mas ela continuou a queimar lentamente sob uma capa de falsa tranqüilidade, fazendo arder seus olhos com sua fumaça, como a do charuto de Schwarz.

Vodal era um aeródromo com uma pista de grama e algumas construções baixas em um dos lados. A segurança era mínima, tratava-se apenas de uma escola de treinamento onde nada que fosse remotamente secreto acontecia - e o único guarda no portão acenou para eles despreocupadamente, sem perguntar o que desejavam. Seis Tiger Moths estavam estacionados em linha, como pássaros numa cerca. Havia também planadores e dois Messerschmitt Me-109.

Quando Peter saltou do carro, viu Arne Olufsen, seu rival dos tempos de infância em Sande, atravessando o estacionamento de automóveis, com o elegante uniforme marrom do Exército. O gosto amargo do ressentimento encheu-lhe a boca.

Peter e Arne tinham sido amigos durante toda a infância, até a briga entre as duas famílias, doze anos atrás. Tudo começou quando Axel Flemming, o pai de Peter, fora acusado de sonegação de impostos. Axel achara ridícula a acusação, já que ele só fizera o que todo mundo fazia, inflacionar as despesas para reduzir o lucro.

Acabou condenado, e teve que pagar uma multa pesada além de todos os impostos devidos.

Ele tinha convencido todos os amigos e vizinhos a encarar o acontecido como uma questão de técnica de contabilidade e não como uma acusação de desonestidade. Então o pastor Olufsen intervieria.

Havia uma regra na igreja de que qualquer membro que cometesse um crime devia ser expulso da congregação. O transgressor podia retornar no domingo seguinte, se desejasse, mas por uma semana seria um intruso. Esta prática não

era empregada para crimes triviais, como ultrapassar a velocidade máxima permitida, e Axel se defendera dizendo que sua transgressão era enquadrada nesta categoria. O pastor Olufsen pensava de outra forma.

A humilhação foi muito pior para Axel que a multa aplicada pela corte. Teve o nome lido em voz alta para toda a congregação ouvir, foi obrigado a deixar seu lugar e ir para o fundo da igreja durante o resto do serviço e, para completar sua mortificação, o pastor fez um sermão sobre o tema "A César o que é de César". Peter estremecia cada vez que se lembrava da cena. Axel era orgulhoso de sua posição como homem de negócios bem-sucedido e líder comunitário e não poderia haver punição maior para ele do que perder o respeito dos seus vizinhos. Tinha sido uma tortura para Peter ver o pai publicamente repreendido por um sujeito arrogante, pretensioso e hipócrita como Olufsen. Peter acreditava que o pai merecera a multa, mas não a humilhação na igreja. E jurou que se algum dia qualquer membro da família Olufsen transgredisse a lei, não haveria misericórdia.

Nem se atrevia a esperar que Arne estivesse envolvido no círculo de espionagem. Seria uma doce vingança. Arne atraía seu olhar.

- Peter! - ele pareceu surpreso, mas não receoso.
- É aqui que você trabalha? - perguntou Peter.
- Quando há trabalho para fazer - Arne mostrou-se tão afável e tranqüilo como sempre. Se tinha alguma coisa de que se sentir culpado, escondia muito bem.
- Naturalmente, você é piloto.
- Aqui funciona uma escola de treinamento, mas não temos muitos alunos. Mas indo direto ao ponto, o que está fazendo aqui?

Arne deu uma olhada no oficial alemão ao lado de Peter.

- Houve algum surto perigoso de lançamento de lixo na calçada? Ou alguém saiu por aí andando de bicicleta sem lanterna?

Peter não achou o sarcasmo de Arne engraçado.

- Investigação de rotina - disse, laconicamente. - Onde encontro seu comandante?

Arne apontou para um dos prédios.

- Quartel-general da base. Você quer falar com o comandante Renthe.

Peter afastou-se de Arne e entrou no prédio. Renthe era um homem magricela com um bigode ericado e expressão azeda. Peter apresentou-se e disse:

- Estou aqui para interrogar um de seus homens, o tenenteaviador Poul Kirke.

O comandante Renthe lançou um olhar indicando explicitamente o oficial alemão e perguntou:

- Qual é o problema?

A resposta Não é da sua conta quase saltou da boca de Peter, mas ele estava decidido a manter-se calmo, e preferiu contar uma mentira menos ofensiva.

- Ele anda negociando com propriedade roubada.
- Quando um militar é suspeito de ter cometido um crime, preferimos investigar o assunto nós mesmos.
- Naturalmente que vocês preferem... Ele indicou Schwarz com o dedo.
- Os nossos amigos alemães querem que a polícia cuide do caso, portanto as suas preferências são irrelevantes. Kirke está na base neste momento?
- Acontece que ele está voando. Peter ergueu as sobrancelhas.
- Pensei que seus aviões estivessem proibidos de voar.
- Como regra geral, sim, mas há exceções. Estamos aguardando uma visita de um grupo da Luftwaffe amanhã. Eles querem assumir nossas aeronaves de treinamento, portanto temos permissão para realizar vôos de teste hoje para

ver se estão em boas condições. Kirke deverá aterrissar em poucos minutos.

- Revistarei o alojamento dele enquanto isso. Onde é? Renthe hesitou, antes de responder relutantemente:
- Dormitório A, no fim da pista.
- Ele tem um escritório, um armário ou outro lugar onde possa guardar coisas?
- Ele tem uma salinha na terceira porta deste corredor.
- Começarei por lá. Tilde, venha comigo. Conrad, vá para a pista de pouso a fim de se encontrar com Kirke quando ele aterrissar...

não quero que ele escape. Dresler e Ellegard, revistem o Dormitório A. Comandante, muito obrigado pela sua ajuda...

Peter viu os olhos de Renthe se desviarem para o telefone em cima de sua mesa, e acrescentou:

- Não dê telefonemas nos próximos minutos. Se avisar a alguém que estamos a caminho, será considerado um ato de obstrução da justiça. Terei que metê-lo na cadeia e isso não daria uma boa reputação para o Exército, não é?

Renthe nada disse.

Peter, Tilde e Schwarz seguiram pelo corredor até a porta marcada com os dizeres "Instrutor-chefe de Voo". Uma escrivaninha e um arquivo se espremiavam dentro de um aposento mínimo sem janela. Peter e Tilde começaram a revista e Schwarz acendeu outro charuto. O arquivo continha registros dos alunos. Peter e Tilde examinaram pacientemente cada folha de papel. A saleta era abafada, e o perfume indefinido de Tilde perdeu-se na fumaça do charuto de Schwarz.

Depois de quinze minutos Tilde deixou escapar uma exclamação de espanto e disse:

- Isto é estranho.

Peter levantou os olhos do resultado do exame de um estudante chamado Keld Hansen, reprovado em um teste de navegação.

Tilde passou-lhe uma folha de papel. Peter estudou-a, franzindo a testa. Continha um esboço meticuloso de um aparelho que ele não reconheceu: uma grande antena quadrada montada sobre uma base e cercada por um muro. Um segundo desenho do mesmo aparelho sem o muro mostrava mais detalhes da base, que dava a impressão de poder girar.

Tilde olhou por cima do ombro dele.

- O que acha que possa ser?

Peter estava intensamente consciente da proximidade do corpo de Tilde.

- Nunca vi nada assim, mas aposto o que quiser como é secreto. Alguma coisa mais no arquivo?
- Não - ela mostrou uma pasta marcada "Andersen, H. C.".
- Hans Christian Andersen - resmungou Peter. - Só isso já é suspeito.

Ele virou a folha ao contrário. Do lado avesso tinha sido esboçado um mapa de uma ilha cujo formato fino e comprido era tão familiar aos olhos de Peter quanto o próprio mapa da Dinamarca.

- É a ilha de Sande, onde meu pai mora! - disse ele. Examinando mais detidamente, ele viu que o mapa mostrava a nova base alemã e a área da praia cujo acesso era restrito.

- Na mosca! - exclamou, baixinho. Os olhos azuis de Tilde brilhavam de entusiasmo.
- Pegamos um espião, não pegamos?
- Ainda não - respondeu Peter. - Mas estamos prestes. Eles saíram, seguidos pelo silencioso Schwarz. O sol tinha se posto, mas a visibilidade era perfeita no crepúsculo suave da longa noite do verão escandinavo.

Caminharam até a pista e ficaram parados ao lado de Conrad, perto do local onde os aviões estavam estacionados. Os aparelhos estavam sendo guardados para a noite.

Um deles ia sendo empurrado para dentro do hangar, dois mecânicos empurrando-o pelas asas e um terceiro mantendo a cauda erguida.

Conrad apontou para um avião que vinha se aproximando da pista de pouso e disse:

- Acho que deve ser o nosso homem.

Era outro Tiger Moth. Enquanto descia em um circuito perfeito e se posicionava contra o vento para aterrissar, Peter pensava que não havia dúvidas de que Poul Kirke era um espião. A evidência encontrada no seu arquivo seria suficiente para enforcá-lo. Mas antes Peter tinha um monte de perguntas a lhe fazer. Seria ele simplesmente um informante, como Ingemar Gammel? Teria viajado a Sande para examinar pessoalmente a base aérea e desenhar o aparelho misterioso? Ou desempenharia o papel mais importante de coordenador, reunindo informações e transmitindo-as para a Inglaterra em mensagens cifradas? Se Kirke fosse o contato central, quem tinha ido a Sande para fazer o desenho? Poderia ter sido Arne Olufsen? Era possível, mas Arne não demonstrara qualquer sinal de culpa uma hora atrás, quando Peter chegara inesperadamente na base. Ainda assim, talvez valesse a pena colocar Arne sob vigilância.

Quando o avião tocou no solo e prosseguiu aos solavancos pela pista de grama, um dos Buick da polícia surgiu disparado e parou, derrapando, perto de onde eles se encontravam. Dresler saltou, tendo nas mãos algo amarelo brilhante.

Peter dirigiu-lhe um olhar nervoso. Um tumulto ali só serviria para alertar Poul Kirke. Olhando em torno, deu-se conta de que havia baixado a guarda por um momento e não reparara que o grupo ao lado da pista parecia deslocado: ele mesmo de terno escuro, Schwarz de uniforme alemão, fumando um charuto, uma mulher e agora um homem que saltava apressado de um carro. Parecia um comitê de recepção, o que, evidentemente, podia fazer soar um alarme na cabeça de Kirke.

Dresler aproximou-se nervosamente, brandindo o objeto amarelo, que era um livro com uma sobrecapa brilhantemente colorida.

- Aqui está o livro dos códigos! - disse ele.

Isto queria dizer que Kirke era o homem-chave. Peter olhou para a pequena aeronave, que tinha se afastado da pista antes de emparelhar com o grupo e agora passava por eles taxiando na direção da área de estacionamento.

- Esconda o livro debaixo do paletó, seu idiota! - ordenou a Dresler. - Se ele vir você sacudindo isso saberá que viemos pegá-lo!

Virou-se de novo para o Tiger Moth. Podia ver Kirke na cabina aberta, mas não era capaz de ler a expressão dele por trás dos óculos, xale e capacete.

Não havia, contudo, como interpretar erroneamente o que aconteceu a seguir.

O motor de repente roncou muito mais alto quando o manete foi inteiramente aberto. O avião fez a volta e ficou de frente para o vento, indo direto ao encontro do grupinho que cercava Peter.

- Droga, ele vai fugir! - exclamou Peter.

O Hornet Moth ganhou velocidade e foi diretamente em cima deles.

Peter sacou a pistola.

Queria pegar Kirke vivo e interrogá-lo, mas preferia matá-lo a deixar que escapasse. Empunhando a arma com ambas as mãos, ele apontou para o avião que se aproximava.

Era praticamente impossível derrubar um avião com uma pistola, mas talvez ele pudesse atingir o piloto com um tiro de sorte.

A cauda do Tiger Moth levantou-se do solo, nivelando a fuselagem e expondo melhor a cabeça e os ombros de Kirke.

Peter apontou cuidadosamente para o capacete do piloto e puxou o gatilho. A aeronave distanciou-se do solo e Peter levantou a mira, esvaziando o carregador de sete tiros da Walther PPK. com amargo desapontamento, viu que tinha atirado muito alto, pois uma série de pequenos orifícios apareceu, como manchas de tinta, no tanque de gasolina que

ficava acima da cabeça do piloto. O combustível começou a jorrar dentro da cabina em pequenos jatos. A aeronave não alterou em nada seu curso.

Todos os outros se jogaram no chão.

Peter teve um ataque de raiva suicida quando a hélice em movimento aproximou-se dele, a noventa e poucos quilômetros por hora. No comando da aeronave, junto com Poul Kirke, estavam todos os criminosos que tinham escapado da justiça, inclusive Finn Jonk, o bêbado que arruinara a vida de Inge. Peter ia impedir Kirke de fugir nem que isso lhe custasse a vida. com o canto do olho, ele viu o charuto do major Schwarz fumegando na grama e teve uma inspiração.

Quando o biplano ia pegá-lo, abaixou-se, pegou o charuto e atirou-o em cima do piloto.

Só então protegeu sua vida, atirando-se para o lado.

Sentiu o deslocamento do ar quando a asa inferior passou a centímetros de sua cabeça.

Ele bateu no chão, rolou sobre o próprio corpo e olhou para cima.

O Tiger Moth ganhava altura. As balas e o charuto aceso não tinham causado efeito. Peter fracassara.

Kirke conseguiria fugir? A Luftwaffe mandaria os dois Messerschmitt para caçá-lo, mas isso tomaria alguns minutos, ao cabo dos quais o Tiger Moth estaria fora de vista. O tanque de gasolina de Kirke fora danificado, mas os buracos de bala poderiam não ter perfurado a parte mais baixa do tanque, e, neste caso, poderia dispor de gasolina suficiente para chegar à Suécia, apenas a pouco mais de trinta quilômetros de distância. E a escuridão da noite finalmente estava caindo.

Kirke tinha uma chance, concluiu Peter amargurado.

Aí ouviu-se o som abafado de uma súbita explosão e uma enorme labareda subiu na cabine do avião.

O fogo se espalhou com espantosa velocidade por toda a cabeça e ombros visíveis do piloto, cuja roupa devia estar embebida de gasolina. Logo a chama lambeu a fuselagem e consumiu rapidamente o tecido do revestimento.

Por alguns segundos a aeronave continuou a subir, embora a cabeça do piloto tivesse se transformado em um toco calcinado. Aí o corpo de Kirke tombou, aparentemente empurrando o manche para a frente e o Tiger Moth apontou o nariz num mergulho que venceu a curta distância que o separava do solo onde se enterrou como uma flecha.

A fuselagem ficou amarrotada como uma sanfona.

Seguiu-se um silêncio horrorizado. O fogo continuou a consumir as asas e a cauda, fazendo desaparecer o tecido e as longarinas de madeira e terminando por revelar os tubos de aço da fuselagem, como o esqueleto de um mártir imolado na fogueira da intolerância.

- Meu Deus! - exclamou Tilde. - Que horror! Pobre homem! Ela tremia e Peter passou o braço pelos seus ombros.
- E o pior é que agora ele não pode responder minhas perguntas - disse ele.

PARTE DOIS

A PLACA DO LADO DE FORA do prédio dizia "*Instituto Dinamarquês de Canções e Danças Folclóricas*", mas era só para enganar as autoridades. Quem descesse a escada, passava pela cortina dupla que impedia a passagem da luz e entrava no porão sem janelas onde funcionava um clube de jazz.

A sala era pequena e escura, com o piso de concreto juncado de pontas de cigarro e pegajoso de cerveja derramada. Havia umas poucas mesas e cadeiras meio desconjuntadas, mas a maior parte do público estava em pé. Eram marinheiros e estivadores, lado a lado com jovens bem-vestidos e um e outro soldado alemão.

No palco minúsculo, uma jovem sentada ao piano cantava baladas ao microfone. Podia ser jazz, mas não era a música pela qual Harald era apaixonado. Ele estava esperando Memphis Johnny Madison, que era um homem de cor, muito embora tivesse vivido a maior parte da vida em Copenhague e provavelmente nem conhecesse Memphis.

Eram duas horas da manhã. Algumas horas antes, quando as luzes da escola foram apagadas, os Três Patetas - Harald, Mads e Tik - se vestiram, esgueiraram-se para fora do prédio do dormitório e pegaram o último trem para a cidade. Era arriscado - eles estariam metidos em encrenca grossa se fossem descobertos, mas valeria a pena ver Memphis Johnny.

A aquavita que Harald bebia, intercalada com copos de chope, o estava tornando ainda mais eufórico.

No fundo de sua mente estava a lembrança emocionante da conversa que tivera com Poul Kirke, e o fato assustador de que agora integrava a Resistência. Mal se atrevia a pensar nisso, pois era algo que não podia compartilhar nem mesmo com Mads e Tik. Tinha passado informações militares secretas a um espião.

Depois de Poul admitir a existência de uma organização secreta, Harald dissera que faria tudo o que pudesse para ajudar.

Poul prometera usá-lo como um de seus observadores. Sua tarefa seria coletar informações sobre as forças de ocupação e passá-las a Poul, que as transmitiria para a Inglaterra. Sentia orgulho de si próprio e ansiava pela primeira missão. Também tinha medo, mas procurava não pensar no que podia acontecer se fosse apanhado.

Ainda odiava Poul por namorar Karen Duchwitz. Sentia o gosto amargo do ciúme na boca do estômago toda vez que pensava nisso. Mas reprimia os sentimentos em benefício da Resistência.

Queria que Karen estivesse ali agora. Ela ia gostar da música.

Justo quando estava pensando na falta de companhia feminina, notou uma recém-chegada: uma mulher de cabelo escuro encaracolado, de vestido vermelho, que se sentou num banco do bar. Não podia vê-la claramente - o ar estava enfumaçado ou talvez houvesse alguma coisa errada com a sua visão, mas ela parecia estar sozinha.

- Ei, pessoal, olha só - disse Harald para os outros.
- Legal, se você gostar de mulheres mais velhas - disse Mads. Harald examinou-a de novo, tentando focalizar melhor a vista.

- Ora, quantos anos ela pode ter?
- No mínimo trinta. Harald deu de ombros.
- Isso não chega a ser realmente muita idade. Gostaria de saber se ela não estaria a fim de conversar.
- Claro que ela vai falar com você - disse Tik, que bebera menos que os outros dois.

Harald não sabia ao certo por que Tik ria como um bobo. Ignorando-o, levantou-se e foi para o bar. Quando chegou mais perto, viu que a mulher era gorducha e que sua cara redonda estava pesadamente maquiada.

- Olá, colegial - disse ela, mas seu sorriso foi amistoso.
- Notei que você estava sozinha.

- Por enquanto.
- Pensei que você pudesse querer alguém para conversar.
- Na verdade não é bem para isto que estou aqui.
- Ah... você prefere ouvir a música.
- Odeio música. Harald ficou confuso.
- Então por que...
- Sou uma garota que trabalha.

Ela parecia pensar que isso explicava tudo, mas ele ficou ainda mais espantado. Ela continuou a sorrir calorosamente, mas Harald teve a sensação de que falavam de coisas diferentes.

- Uma garota que trabalha - repetiu ele. - Para mim você parece uma princesa.

Ela riu.

- Qual é o seu nome? - perguntou Harald.
- Betsy

Era um nome improvável para uma dinamarquesa da classe trabalhadora, e Harald concluiu que devia ser fictício.

Apareceu um homem junto do cotovelo de Harald, que ficou espantado com a sua aparência: barba por fazer, dentes podres e um olho meio fechado por uma grande cicatriz.

A despeito de ser baixo e magro, sua aparência era intimidante.

- Vamos, meu filho, decida-se. Betsy virou-se para Harald:
- Este é o Luther. Deixe o menino em paz, Lou, ele não está fazendo nada errado.
- Está afastando outros clientes.

Harald percebeu que não tinha idéia do que estava acontecendo, e concluiu que devia estar mais bêbado do que tinha imaginado.

- Bem - disse Luther, você quer transar com ela ou não?
- Eu nem mesmo a conheço! - exclamou Harald, atônito. Betsy caiu na gargalhada.
- São dez coroas, pode pagar a mim - disse Luther. Finalmente a ficha caiu. Harald virou-se para Betsy:
- Você é uma prostituta? - perguntou.
- Está bem, mas não precisa gritar - retrucou ela, aborrecida. Luther agarrou Harald pela frente da camisa e o puxou. A pegada dele era forte, e Harald se assustou.
- Conheça vocês, estudantes riquinhos - explodiu Luther. Pensam que isso é engraçado.

Harald sentiu o mau hálito de Luther.

- Não se aborreça - disse. - Eu só queria conversar com ela. O barman, com um pano passado na cabeça, debruçou-se sobre o balcão e disse:
- Nada de encrenca, por favor, Lou. O rapaz não fez por mal.
- Não mesmo? Pois acho que ele está debochando de mim. Harald estava começando a se perguntar ansiosamente se Luther teria uma faca, quando o gerente do clube pegou um microfone e anunciou Memphis Johnny Madison. O aviso foi saudado por uma salva de palmas. Luther empurrou Harald.

- Saía da minha frente antes que eu corte seu pescoço idiota - disse.

Harald voltou para junto dos outros. Sabia que tinha sido humilhado, mas tinha bebido demais para se importar.

- Cometi um erro de etiqueta - disse ele.

Memphis Johnny subiu ao palco e Harald instantaneamente esqueceu Luther.

Johnny sentou-se ao piano e debruçou-se sobre o microfone. Falando um dinamarquês perfeito, sem o menor resquício de sotaque, disse:

- Muito obrigado. Eu gostaria de começar com uma composição do maior pianista de boogie-woogie de todos, Clarence Pine Top Smith.

Mais aplausos, e Harald gritou em inglês:

- Vamos lá, Johnny!

Houve um tumulto qualquer perto da porta, mas Harald não reparou. Johnny tocou quatro acordes da introdução, interrompeuse bruscamente e disse ao microfone:

- Heil Hitler, baby.

Um oficial alemão subiu no palco.

Harald olhou em torno, aturdido. Um grupo de policiais militares tinha entrado no clube. Prendiam os soldados alemães, mas não os civis dinamarqueses.

O oficial arrancou o microfone de Johnny.

- Artistas de raça inferior não são permitidos - disse, em dinamarquês. - O clube está fechado.

- Não! - gritou Harald, horrorizado. - Você não pode fazer isso, seu nazista ignorante!

Por sorte, a voz de Harald desapareceu no meio da algazarra generalizada de protesto.

- Vamos sair daqui antes que você cometa outro erro de etiqueta - disse Tik, segurando o braço de Harald.

Harald resistiu.

- Não força! - gritou. - Deixa o Johnny tocar!

O oficial algemou Johnny e o levou para fora do clube.

Harald estava inconsolável. Aquela fora sua primeira chance de ouvir um pianista de boogie-woogie de verdade, e os nazistas tinham reduzido o show apenas a alguns acordes.

- Eles não têm o direito! - gritou.

- É, não têm mesmo - concordou Tik, procurando temporizar, ao mesmo tempo em que o conduzia para a porta.

Os três rapazes subiram os degraus que davam na rua. Era pleno verão e a breve noite da Escandinávia terminara. O dia já raiara. O clube ficava na região do cais do porto, e o largo canal de água cintilava à meia-luz. Navios adormecidos flutuavam imóveis, presos nos seus ancoradouros. Uma brisa fria e salgada soprava do mar.

Harald respirou fundo e sentiu-se momentaneamente tonto.

- A gente podia ir para a estação da estrada de ferro e esperar pelo primeiro trem para casa - sugeriu Tik. O plano deles era estar na cama, fingindo dormir, antes que qualquer pessoa na escola acordasse.

Dirigiram-se para o Centro da cidade. Os alemães tinham construído nas principais interseções postos de guarda de concreto, cercado por muretas octogonais com cerca de um metro e vinte acima do nível do solo, com espaço suficiente para um soldado ficar em pé no meio, visível do peito para cima. Esses postos não eram guardados de noite. Harald ainda estava furioso com o fechamento do clube, e a visão daqueles feios símbolos da dominação nazista o deixou mais enfurecido ainda. Passando por um, deu-lhe um chute.

- Dizem que as sentinelas desses postos usam aquelas calças curtas de tirolês - comentou Mads - porque ninguém pode ver as pernas deles.

Harald e Tik riram.

Um momento mais tarde passaram por uma pilha de restos de construção do lado de fora de uma loja recentemente reformada, e Harald viu por acaso algumas latas de tinta em cima da pilha o que lhe deu uma idéia. Adiantou-se um pouco e pegou uma lata.

- O que, diabos, você está fazendo? - perguntou Tik.

A lata tinha um resto de tinta preta no fundo, ainda líquida. Entre um monte de pedaços de madeira, Harald selecionou um pedaço com dois centímetros de largura para servir de pincel.

Ignorando as perguntas de Tik e Mads, que não entendiam nada, Harald voltou ao posto do sentinela e ajoelhou-se diante dele com a lata e o pedaço de pau. Ele ouviu Tik dizer qualquer coisa em tom de advertência, mas não lhe deu atenção. com grande cuidado, escreveu na parede de concreto, em grandes letras pretas:

ESTE NAZISTA ESTÁ SEM CALÇAS.

Harald recuou um pouco para admirar seu trabalho. As letras eram grandes e as palavras podiam ser lidas à distância. Dentro de algumas horas, milhares de habitantes da cidade passariam por ali no seu caminho para o trabalho e sorriam.

- Que tal? - perguntou ele. Olhou em torno. Tik e Mads não podiam ser vistos em parte alguma, mas dois policiais dinamarqueses uniformizados estavam bem atrás dele.

- Muito engraçado - disse um deles. - Mas você está preso.

Ele passou o resto da noite no Politigården, no local destinado aos bêbados, junto com um velho que tinha urinado nas calças e de um rapaz de sua idade que vomitara no chão. Estava furioso demais com eles e consigo próprio para dormir. com o passar do tempo, a sede e a dor de cabeça só foram aumentando.

Mas a ressaca e a sujeira não eram suas maiores preocupações. Ele estava mais apreensivo com a possibilidade de ser interrogado a respeito da Resistência. E se fosse entregue à Gestapo e torturado? Não sabia quanta dor era capaz de agüentar. Podia acabar traíndo Poul Kirke. E tudo por causa de uma brincadeira idiota! Não podia acreditar em como pudera se comportar de modo tão infantil. Sentia-se amargurado e muito envergonhado.

Às oito horas da manhã um policial uniformizado trouxe uma bandeja com três canecas de um sucedâneo de chá e um prato com pão preto, com uma levíssima camada de um substituto de manteiga. Harald ignorou o pão - não podia comer em um lugar que parecia um toalete, mas bebeu avidamente o chá.

Pouco tempo depois foi levado para uma sala de interrogatório. Esperou alguns minutos até que apareceu um sargento, carregando uma pasta e uma folha de papel datilografada.

- Levante-se! - berrou o sargento, e Harald pôs-se em pé num pulo.

O sargento sentou-se à cabeceira da mesa e leu o relatório.

- Aluno da Jansborg, hem?

- Sim, senhor.

- Devia saber se comportar, rapaz.

- Sim, senhor.

- Onde foi que bebeu?

- Num clube de jazz.

O sargento levantou os olhos da folha de papel datilografada.

- O Instituto Dinamarquês? - Sim.

- Você devia estar lá quando os "boches" fecharam a casa.

- Estava, sim.

Harald ficou confundido com o uso pelo sargento daquela gíria levemente depreciativa de "boche" por "alemão". Não combinava com seu jeito formal.

- Você costuma se embriagar?

- Não, senhor. Primeira vez.

- Aí, então, você passou pelo posto de sentinela, esbarrou por acaso numa lata de tinta...

- Sinto muito.

O policial sorriu, subitamente.

- Não precisa desculpar-se. Eu mesmo achei muito engraçado. Sem calças! - ele deu uma risada.

Harald não sabia direito o que pensar. O homem parecera hostil mas agora estava rindo da brincadeira. Resolveu perguntar:

- O que é que vai me acontecer?
- Nada. Nós somos polícia, não patrulha de piadas - o sargento rasgou o relatório pela metade e jogou-o na cesta de lixo.

Harald mal podia acreditar na sua sorte. Será que ele ia ser realmente liberado?

- O que devo fazer?
- Voltar para Jansborg. -Muito obrigado!

Harald imaginou se conseguiria retornar à escola despercebido, mesmo sendo tão tarde. No trem teria tempo para inventar uma história. De repente não precisava que ninguém viesse a saber do que acontecera.

O sargento levantou-se.

- Mas aceite o meu conselho - disse ele. - Mantenha-se afastado da bebida.
- Pode deixar - disse Harald, ardorosamente. Se conseguisse escapar daquela enrascada, jamais tomaria outra gota de álcool na sua vida.

O sargento abriu a porta e Harald levou um choque pavoroso.

Deu de cara com Peter Flemming.

Harald e Peter se encararam por um longo momento.

- Posso ajudá-lo, inspetor? - perguntou o sargento. Peter ignorou-o e dirigiu-se a Harald.
- Ora, ora - disse ele, no tom de voz satisfeito de um homem que finalmente provava estar com a razão. - Fiquei pensando quando vi o nome na lista dos presos durante a noite, será que Harald Olufsen, grafiteiro e bêbado é o mesmo Harald Olufsen, filho do pastor de Sande? Pasmem todos, os dois são uma única e mesma pessoa!

Harald ficou apavorado. Justo quando começava a ter esperanças de que aquele horrível incidente pudesse ser mantido em segredo, a verdade fora descoberta por uma pessoa que tinha um profundo ressentimento contra a sua família.

Peter virou-se para o sargento:

- Tudo bem, pode deixar por minha conta. O sargento pareceu ficar ressentido.
- Não há acusações contra o rapaz, senhor, o superintendente decidiu.
- Isso nós vamos ver.

Harald teve vontade de chorar. Quase conseguira sair daquela encrenca sem problemas. Era injusto.

O sargento hesitou, parecendo disposto a discutir e Peter atalhou, com firmeza:

- Isto é tudo.
- Muito bem, senhor.

O sargento foi embora e Peter ficou encarando Harald, sem dizer nada, até que Harald perguntou:

- O que é que você vai fazer? Peter sorriu.
- Acho que Vou levar você de volta para a escola.

Entraram nos terrenos da Jansborg Skole em um Buick da polícia com Peter sentado na frente, um policial fardado dirigindo e Harald no banco de trás, como um prisioneiro.

O sol brilhava nos velhos prédios de tijolos vermelhos e nos gramados, e Harald sentiu uma pontada de remorso por causa da vida simples e segura que tinha vivido ali nos últimos sete anos.

A mesma visão despertou sentimentos diferentes em Peter Flemming, que resmungou amargamente para o

motorista:

- Aqui são educados nossos futuros governantes.
- Sim, senhor - respondeu o motorista, em tom neutro.

Era hora do sanduíche do meio da manhã, e os alunos estavam comendo do lado de fora, de modo que praticamente toda a escola viu o carro parar diante do escritório principal e Harald saltar.

Peter mostrou seu crachá de policial ao secretário da escola e ele e Harald foram imediatamente levados à sala de Heis.

Harald não sabia o que pensar. Achava que Peter não ia entregá-lo à Gestapo, seu pior temor. Não queria alimentar esperanças indevidas, mas tudo indicava que Peter o estava considerando como um estudante desordeiro, e não como um membro da Resistência dinamarquesa. Pela primeira vez na vida sentia-se grato por estar sendo tratado como menino e não como homem.

Mas, neste caso, o que Peter estaria querendo?

Quando entraram, Heis desencostou o corpo magro da mesa e olhou para os dois, com vaga preocupação, através dos óculos empoleirados no nariz adunco. Sua voz era bondosa, mas um tremor denunciava seu nervosismo.

- Olufsen? O que é isso?

Peter não deu chance a Harald para responder. Apontou um polegar para ele e dirigiu-se a Heis com a voz áspera:

- Este é um dos seus?

Heis, um homem delicado, encolheu-se como se tivesse sido agredido.

- Olufsen é nosso aluno, sim.
- Foi preso ontem à noite por desfigurar uma instalação militar alemã.

Harald percebeu que Peter estava se deleitando com a humilhação evidente de Heis, e queria se aproveitar ao máximo daquilo. Heis pareceu mortificado.

- Sinto muito por saber disso.
- Ele também estava bêbado.
- Oh, meu Deus.
- A polícia tem que decidir o que fazer a respeito. -Não sei se eu...
- Para ser franco, preferíamos não processar um estudante por uma travessura infantil.
- Bem, fico satisfeito por ouvir isso...
- Por outro lado, ele não pode deixar de ser punido.
- com certeza.

- À parte qualquer outra coisa, nossos amigos alemães vão querer saber que o transgressor foi tratado com firmeza.

- Claro, claro.

Harald sentiu pena de Heis, mas ao mesmo tempo gostaria que ele não fosse tão fraco. Até agora não fizera outra coisa senão concordar com as provocações de Peter.

Ele continuou:

- Assim, o resultado final está nas suas mãos.
- Oh, sim? E de que modo?
- Se nós o liberarmos, ele será expulso da escola?

Harald viu imediatamente ao que Peter se propunha. Ele só queria ter certeza de que a transgressão de Harald seria de conhecimento público. Só estava interessado na vergonha da família Olufsen.

A prisão de um aluno da Jansborg teria destaque nos jornais. A vergonha de Heis só seria ultrapassada pela dos pais

de Harald. Seu pai explodiria como um vulcão e sua mãe pensaria em suicídio.

Mas, pensou Harald, a inimizade de Peter pela família Olufsen tinha embotado seu instinto policial. Ficou tão feliz por ter surpreendido Harald bêbado que deixou passar um crime maior.

Não tinha sequer se dado ao trabalho de pensar se a aversão que Harald sentia pelos nazistas iria além de grafitar slogans e chegaria na espionagem. A maldade de Peter salvara a pele de Harald. Heis mostrou o primeiro sinal de oposição.

- Expulsão parece um pouco duro...
- Não tão duro quanto um processo e uma possível sentença de prisão.
- Não, na verdade, não.

Harald não entrou na discussão, porque não podia ver um jeito de sair daquilo que o capacitasse a manter o incidente em segredo. Consolou-se com a idéia de que escapara da Gestapo. Qualquer outra punição seria menor.

- Já está quase no fim do ano letivo - disse Heis. - Ele não iria perder muitas aulas se fosse expulso agora.
- Quer dizer então que isso não lhe pouparia muito trabalho.
- Seria mais uma tecnicidade, considerando que só faltam duas semanas de aulas.
- Mas satisfaria os alemães.
- É mesmo? E isto é importante, claro.
- Se puder me assegurar que ele vai ser expulso, posso liberá-lo. De outro modo, terei que levá-lo de volta para o

Politigaarden.

Heis lançou um olhar de culpa para Harald.

- Parece que a escola não tem alternativa, não é?
- Sim, senhor. Não tem. Heis olhou para Peter.
- Muito bem, então eu Vou expulsá-lo. Peter deu um sorriso de satisfação.
- Fico satisfeito por ver que resolvemos tudo com tanta sensatez.

Ele se levantou.

- Tente manter-se fora de encrencas no futuro, meu jovem Harald - disse, pomposamente.

Harald desviou o olhar. Peter apertou a mão de Heis.

- Bem, muito obrigado, inspetor - disse Heis.
- Foi um prazer ajudar - respondeu Peter, e foi embora. Harald sentiu todos os músculos relaxarem. Conseguira se safar. Sofreria o diabo em casa, mas o importante era que a sua tolice não comprometera Poul Kirke e a Resistência.

- Aconteceu uma coisa horrível, Olufsen - disse Heis.
- Sei que cometi um erro...
- Não, não é isso. Acho que você conhece o primo de Mads Kirke.
- Poul? Sim, conheço - Harald ficou tenso de novo. E agora? Heis teria descoberto seu envolvimento com a

Resistência? - O que houve com Poul?

- Teve um acidente aéreo.
- Meu Deus! Voei com ele poucos dias atrás!
- Foi ontem à noite, na escola de pilotagem.

Heis hesitou.

- O que...?
- Lamento muito ter que lhe dizer que Poul Kirke está morto.

- MORTO?! - exclamou Woodie com a voz esganiçada. - Como ele pode estar morto?
- Dizem que caiu com seu Tiger Moth - respondeu Hermia. Ela estava furiosa e um tanto histérica.
- O maldito idiota! - exclamou Woodie, insensível. - Isso pode arruinar tudo.

Hermia olhou para ele enojada. Adoraria esbofetear aquela cara de imbecil.

Estavam na sala de Woodie, em Bletchley Park, com Digby Hoare. Hermia mandara uma mensagem para Poul Kirke, com instruções para conseguir uma descrição, feita por alguém que a tivesse visto in loco, da instalação de radar na ilha de Sande.

- A resposta veio de Jens Toksvig, um dos auxiliares de Poul - disse ela, esforçando-se para parecer calma e objetiva. - Foi enviada pela legação britânica em Estocolmo, mas não estava sequer cifrada... Jens obviamente não conhece o código. Ele disse que estão querendo fazer com que o ocorrido passe como tendo sido um acidente, mas que na verdade Poul estava tentando fugir da polícia e atiraram no avião.

- Pobre coitado - disse Digby.
- A mensagem chegou hoje de manhã - acrescentou Hermia.
- Eu já vinha lhe contar, sr. Woodie, quando mandou me chamar.

Na verdade ela havia caído no choro. Isso não acontecia com frequência, mas a morte de Poul, tão jovem, bonito e cheio de energia, tocara seu coração. Sabia também que fora a responsável pelo acontecido. Fora ela quem lhe pedira para espionar pela Inglaterra, e sua coragem o levava direto para a morte. Pensou nos pais de Poul, no seu primo Mads e chorou por eles também. Mas acima de tudo ansiava por terminar o trabalho que Poul começara, para que seus assassinos não terminassem vencendo.

- Sinto muito - disse Digby, passando o braço pelos ombros de Hermia, num gesto de compreensão. - Muitos homens estão morrendo, mas dói quando é alguém que a gente conhece.

Hermia balançou a cabeça, concordando. As palavras de Digby tinham sido simples e óbvias, mas sentia-se grata pela consideração. Que homem bom ele era. Experimentou uma onda de afeição por Digby, mas lembrou-se do noivo e sentiu-se culpada. Queria poder estar com Arne de novo. Falar com ele, tocá-lo, para reforçar seu amor e deixá-la imune à atração de Digby.

- Mas onde isso nos deixa? - indagou Woodie. Hermia concentrou-se de novo.

- De acordo com Jens, os Vigilantes Noturnos decidiram submergir, pelo menos por algum tempo, e ver até que ponto a polícia estende a investigação. Assim, para responder à sua pergunta, isso nos deixa sem fontes de informação na Dinamarca.

- Faz com que pareçamos ser uns incompetentes - disse Woodie.

- Esquece isso - disse Digby, rispidamente. - Os nazistas têm uma arma capaz de ganhar a guerra. Nós pensávamos que estávamos anos à frente deles, com o radar, e agora descobrimos que eles também têm, e melhor que o nosso! Estou pouco me lixando para o que você possa parecer. A única pergunta é como obter mais informações sobre o radar deles.

Woodie fez uma cara de quem estava se sentindo ultrajado, mas nada disse.

Foi Hermia quem falou.

- Que tal outras fontes de inteligência?

- Estamos tentando tudo, claro. E conseguimos mais uma pista: a palavra himmelbett apareceu em comunicações da Luftwaffe decifradas por nós.

- Himmelbett? - repetiu Woodie. - "Cama do céu?"

- É a palavra deles para camas de quatro postes - explicou Hermia.

- Não faz sentido - resmungou Woodie, como se a culpa fosse dele.

- Algum contexto? - perguntou ela a Digby.

- Na verdade, não. Parece que o radar deles opera em uma himmelbett. Não conseguimos imaginar o que seja. Hermia chegou a uma conclusão.

- Vou ter que ir à Dinamarca eu mesma.

- Não seja ridícula! - exclamou Woodie.

- Não temos agentes no país, portanto alguém tem que ser infiltrado - disse ela. - Conheço o terreno lá melhor do que qualquer pessoa no M16.. é por isso mesmo que sou chefe da carteira da Dinamarca. E falo a língua como se tivesse nascido lá. Tenho que ir.

- Não enviamos mulheres em missões desse tipo - retrucou Woodie, em tom de quem queria encerrar o assunto.

- Enviamos sim - contestou Digby, virando-se para Hermia.

- Você parte para Estocolmo hoje à noite. E eu também.

- Por que disse aquilo? - perguntou Hermia no dia seguinte, quando eles atravessaram o Golden Room do Stadhuset, a famosa sede da prefeitura de Estocolmo.

Digby deu uma parada para estudar um mosaico.

- Sei que o primeiro-ministro ia querer que eu acompanhasse o mais perto possível uma missão importante como esta.

- Entendo.

- E eu queria a oportunidade de ter você só para mim. É a melhor coisa que eu podia querer depois de um lento cruzeiro para a China.

- Mas você sabe que eu tenho que entrar em contato com o meu noivo. Ele é a única pessoa em quem posso confiar.

- Certo.

- E, em consequência, eu o verei o mais cedo possível.

- Para mim está ótimo. Não posso competir com um homem encurralado em um país a centenas de quilômetros de distância, heroicamente silencioso e invisível, preso no seu afeto pelas cordas invisíveis da lealdade e da culpa. Prefiro ter um rival de carne e osso, com as falhas humanas, um sujeito que fica mal-humorado com você, que tem caspas na lapela do paletó e coça a bunda.

- Isso não é um concurso! - retrucou ela, exasperada. - Eu amo Arne. Vou me casar com ele.

- Mas ainda não casou.

Hermia sacudiu a cabeça, querendo se desligar daquela conversa irrelevante. Antes gostava do interesse romântico de Digby por ela - mesmo que culposamente - mas agora era irritante. Estava ali para um encontro. Ela e Digby só estavam fingindo ser turistas com tempo de sobra.

Deixaram o Golden Room, desceram uma larga escadaria de mármore e chegaram no pátio pavimentado com pedras. Atravessaram uma arcada com os pilares de granito preto e se viram em um jardim que dava para as águas cinzentas do lago Malaren. Quando se virou para contemplar a torre que se erguia a cerca de cem metros sobre o prédio de tijolos vermelhos, Hermia verificou que o sujeito que os seguia continuava atrás deles.

com ar entediado, terno cinza e sapatos muito gastos, ele pouco se esforçava para ocultar sua presença. Desde o instante em que Digby e Hermia tinham se afastado da legação britânica em uma limusine Volvo adaptada para andar com gás de carvão e dirigida por um motorista, eles eram seguidos por dois homens num Mercedes preto.

Quando pararam diante do Stadhuset, o homem de cinza os seguira no interior do prédio.

De acordo com o adido de aeronáutica britânico, um grupo de agentes alemães mantinha sob constante vigilância todos os cidadãos britânicos em trânsito pela Suécia.

Eles podiam ser afastados, mas não era prudente. Evadir-se da vigilância seria prova de culpa. Quem escapava

podia ser preso e acusado de espionagem. Depois as autoridades suecas seriam pressionadas para expulsálos do país.

Assim sendo, Hermia tinha que escapar sem que o homem que a seguia percebesse. Seguindo o plano combinado anteriormente, Hermia e Digby vagaram pelo jardim e viraram no canto do prédio para ver o monumento ao fundador da cidade, Birger Jarl. O sarcófago dourado jazia em uma tumba protegida por um dossel com um pilar de pedra em cada um dos quatro cantos.

- Como uma himmelbett - disse Hermia. - Uma cama de quatro postes.

Do lado contrário ao que Digby e Hermia se encontravam, escondida pelo próprio monumento, estava uma sueca da mesma altura e com o mesmo tipo de corpo que Hermia.

O cabelo escuro também era parecido.

Hermia lançou um olhar indagador para a mulher e ela balançou a cabeça afirmativamente.

Hermia sofreu um instante de medo. Até aquele instante não tinha feito nada ilegal. Sua visita à Suécia vinha sendo tão inocente quanto parecia. Daquele momento em diante estaria do lado errado da lei pela primeira vez na vida.

- Depressa - disse a mulher, em inglês. Hermia tirou a capa de chuva leve, de verão, e a boina vermelha, e passou para a outra mulher. Depois tirou um xale do bolso e passou pela cabeça, escondendo os cabelos escuros e parte do rosto.

A sueca segurou o braço de Digby e os dois se afastaram do monumento, retornando ao jardim, inteiramente visíveis.

Hermia esperou uns momentos, fingindo examinar a elaborada grade de ferro que cercava o monumento, com medo de que o homem que a seguia desconfiasse e viesse conferir.

Mas nada aconteceu.

Ela se afastou, meio que esperando que ele estivesse à sua espera, mas não havia ninguém por perto. Puxando um pouco mais o xale sobre o rosto, contornou o canto do prédio e entrou no jardim.

Viu Digby e a isca se dirigindo para o portão do outro lado. O homem de cinza foi atrás. O plano estava dando certo.

Hermia foi andando na mesma direção, seguindo o homem que a seguia. Como tinham combinado, Digby e ela foram direto para o carro, que esperava na praça. Hermia viu que entraram no Volvo e partiram. O homem de cinza seguiu no Mercedes. Eles o conduziram por todo o caminho de volta até a legação britânica. Depois ele faria um relato a seus superiores, dizendo que os dois visitantes da Inglaterra tinham passado a tarde como inocentes turistas.

E Hermia estava livre.

Ela cruzou a ponte Stadhusbron e prosseguiu para a praça Gustavo Adolfo, no Centro da cidade, andando depressa, ansiosa por cumprir sua tarefa.

Tudo tinha acontecido com rapidez fulminante nas últimas vinte e quatro horas. Tivera apenas alguns minutos para jogar umas roupas dentro de uma mala, e depois ela e Digby foram levados num carro veloz até Dundee, na Escócia, onde se hospedaram em um hotel poucos minutos depois da meia-noite. Pela manhã foram levados ao aeroporto de Leuchars, na região de Fife, costa leste. Lá, uma equipe da RAF usando uniformes civis da British Overseas Airways Corporation os levava até Estocolmo em uma viagem de três horas. Almoçaram na legação britânica e depois puseram em operação o plano que imaginaram no carro, durante o percurso de Bletchley a Dundee.

Sendo a Suécia um país neutro, era possível telefonar ou escrever para a Dinamarca. Hermia ia tentar telefonar para seu noivo, Arne. Na ponta dinamarquesa, as ligações eram monitoradas e as cartas abertas por censores, portanto teria que ser extraordinariamente cuidadosa com o que ia dizer. Tinha que imaginar uma trapaça que o censor considerasse inocente e ainda assim levasse Arne a entrar para a Resistência.

Em 1939, quando criara os Vigilantes Noturnos, deixara Arne deliberadamente de fora. Não por causa de suas convicções - ele era tão antinazista quanto ela, embora de modo menos arrebatado. Arne achava que os nazistas eram

palhaços idiotas metidos em uniformes bobos que só queriam impedir que as pessoas se divertissem. Não, o problema era o seu temperamento imprudente, sua natureza despreocupada. Era sincero e amigável demais para o trabalho clandestino. Podia ser que, na verdade, não estivesse querendo pô-lo em uma posição perigosa, embora Poul tivesse concordado acerca da inadequação de Arne. Agora, contudo, estava desesperada. Arne continuava tão despreocupado quanto sempre, mas Hermia não tinha escolha.

Ademais, comparando com o começo da guerra, sentia-se agora de modo muito diferente no tocante ao perigo. Milhares e milhares de jovens excelentes já tinham dado suas vidas. Arne era um oficial das Forças Armadas da Dinamarca - esperava-se que arriscasse sua vida pela pátria.

Ainda assim, sentia um frio no coração só de pensar no que ia lhe pedir para fazer.

Entrou na Vasagatan, uma rua movimentada em que havia diversos hotéis, a estação ferroviária central e a principal agência dos correios. Ali na Suécia os telefones sempre tinham sido separados dos correios, e havia postos especiais de telefones públicos. Hermia dirigiu-se para o que ficava na estação de trens.

Podia ter telefonado da legação britânica, mas quase certamente teria levantado suspeitas.

No posto da companhia telefônica, não haveria nada de insólito em uma mulher falando um sueco hesitante, com sotaque dinamarquês, querendo telefonar para sua terra.

Ela e Digby tinham conversado sobre se o telefonema seria ouvido pelas autoridades. Em cada central telefônica na Dinamarca havia pelo menos uma jovem alemã uniformizada.

Mas não seria possível ouvir todas as ligações, claro. No entanto, era provável que dessem mais atenção aos telefonemas internacionais, assim como as ligações para bases militares, de modo que havia uma grande probabilidade de a conversa ser monitorada. Teria que se comunicar com ele por meio de indiretas e palavras de duplo sentido. Mas isto deveria ser possível. Ela e Arne tinham sido amantes, por isso deveria ser capaz de fazê-lo entender sem ser explícita.

A estação era construída como um castelo francês. Do teto abobadado do grande saguão da entrada pendiam candelabros. Ela encontrou o posto telefônico e entrou na fila.

Quando chegou ao balcão, disse que queria fazer uma ligação pessoa a pessoa para Arne Olufsen, e deu o número da escola de aviação. Esperou impacientemente, cheia de apreensão, enquanto a telefonista tentava conseguir com que Arne atendesse. Hermia nem sequer sabia se o encontraria em Vodal. Ele podia estar voando, passando a tarde fora da base, ou de licença. Podia ter sido transferido para outra base ou mesmo ter se demitido do Exército.

Mas tentaria encontrá-lo, onde quer que estivesse. Podia falar com seu comandante e perguntar para onde fora, podia telefonar para seus pais em Sande, e também tinha os números de alguns dos amigos dele em Copenhague. Tinha a tarde inteira à sua disposição e bastante dinheiro para os telefonemas.

Seria estranho falar com ele depois de mais de um ano. Estava emocionada, mas ansiosa. O que realmente importava era a missão, mas não podia deixar de se preocupar sobre como Arne se sentia a seu respeito. Talvez não mais a amasse. E se ele se mostrasse frio, indiferente? Partiria seu coração. Mas na verdade ele podia ter encontrado outra mulher. Afinal, ela mesma não gostara de flertar com Digby? Não seria muito mais fácil para um homem perder o controle de seu coração?

Relembrou uma ocasião em que esquiara com ele, descendo uma encosta ensolarada, os dois inclinando os corpos de um lado para outro num ritmo perfeito, transpirando no ar gelado, rindo de pura alegria por estarem vivos. Será que aqueles dias voltariam?

Hermia foi chamada para uma cabine.

Ela pegou o telefone e disse:

- Alô?
- Quem fala? - perguntou Arne.

Hermia tinha esquecido a voz dele. Era grave e calorosa e dava a impressão de que a qualquer momento ele ia cair na risada. Ele falava um dinamarquês culto, com a dicção precisa que aprendera na vida militar e um resquício de sotaque da Jutlândia dos tempos de escola.

Ela havia planejado a primeira frase. Sua intenção era usar os nomes carinhosos que usavam, na esperança de que servisse de alerta para Arne falar discretamente.

Mas por um momento não conseguiu dizer nada.

- Alô? Quem está falando?

Ela engoliu em seco e achou a voz.

- Oi, Escova de Dentes, aqui é a sua Gata Preta.

Hermia o chamava de "Escova de Dentes" por causa da sensação causada pelo seu bigode quando a beijava. E o apelido dela vinha da cor do cabelo.

Foi a vez dele ficar chocado.

- Como vai? - perguntou Hermia, quebrando o silêncio.

- Estou bem - disse ele, por fim. - Meu Deus, é você mesmo?

- Sim, sou.

- Você está bem?

De repente ela não pôde continuar sustentando aquela conversa vazia e perguntou, abruptamente:

- Você ainda me ama?

Arne não respondeu imediatamente, o que fez com que Hermia pensasse que os sentimentos dele tivessem mudado. Ele não diria isso diretamente, pensou ela, ia tergiversar e depois dizer que precisavam dar um tempo para reavaliar a relação depois de tanto tempo, mas ela saberia...

- Eu a amo - disse ele.

- Mesmo?

- Mais que nunca. Senti terrivelmente sua falta.

Hermia fechou os olhos. Sentiu-se um pouco tonta e teve que apoiar-se na parede.

- Estou tão feliz porque você ainda está viva - disse ele. Tão feliz por estar falando com você.

- Eu também amo você - disse ela.

- O que está acontecendo? Como vai você? De onde está telefonando?

Hermia se controlou.

- Não estou longe.

Ele reparou seu jeito reservado e respondeu em tom similar:

- OK., eu entendo.

Ela havia preparado a parte seguinte.

- Você se lembra do castelo?

Havia muitos castelos na Dinamarca, mas um era muito especial para eles.

- Você está falando das ruínas? Como eu poderia esquecer?

- Você pode me encontrar lá?

- Como você vai conseguir chegar lá? Esquece. Está falando sério?

- Estou.

- É longe.

- Mas é importante, Arne.

- Para ver você eu iria muito mais longe. Só estou imaginando como fazer. Vou pedir uma licença, mas se houver

problema eu simplesmente me ausento mesmo sem permissão.

- Não faça isso - ela não queria que a polícia do Exército fosse procurá-lo. - Quando é sua próxima folga?
- Sábado.

A voz da telefonista fez-se ouvir, avisando que eles só tinham dez segundos.

Hermia apressou-se:

- Estarei lá no sábado... espero. Se você não conseguir viajar, voltarei todos os dias por tanto tempo quanto for possível.

- Farei o mesmo.
- Tenha cuidado, Arne. Eu amo você. -Eu a amo...

A ligação foi interrompida.

Hermia manteve o receptor comprimido contra a orelha, como se quisesse assim conservá-lo um pouco mais junto de si. Só quando a telefonista perguntou se ia querer fazer outra ligação, foi que agradeceu e desligou.

Pagou no balcão e saiu, atordoada de tanta felicidade. Parou no meio do saguão, sob o alto teto abobadado, com gente apressada passando em todas as direções. Ele ainda a amava! Dentro de dois dias o veria. Quando alguém esbarrou nela, afastou-se da multidão e foi se refugiar em um café, onde desabou sobre uma cadeira. Dois dias.

O castelo em ruínas a que os dois tinham se referido enigmaticamente era o de Hammershus, uma atração turística na ilha de Bornholm, uma ilha dinamarquesa no mar Báltico que era devotada ao turismo. Os dois tinham passado uma semana ali em 1939, passando-se por marido e mulher, e tinham feito amor entre as ruínas, em uma noite quente de verão. Arne iria até lá pegando uma barca que saía de Copenhague, uma viagem de sete ou oito horas, ou tomaria um avião em Kastrup, e aí a viagem seria de duas horas. A ilha ficava a cento e sessenta quilômetros do território continental da Dinamarca, mas apenas a trinta e dois quilômetros da costa sul da Suécia. Hermia teria que achar um barco de pesca que a levasse ilegalmente sobre aquela curta extensão de água.

Mas foi no perigo que aquilo representava para Arne, e não para si própria, que Hermia ficou pensando. Arne ia se encontrar secretamente com uma agente do Serviço Secreto britânico. Que ia lhe pedir para tornar-se um espião.

Se ele fosse apanhado, sua punição seria a morte.

No SEGUNDO DIA depois de sua prisão, Harald voltou para casa.

Heis permitira que ele permanecesse na escola mais dois dias para fazer os últimos exames. Teria permissão para se graduar, embora não pudesse comparecer à cerimônia de formatura, que seria em mais uma semana. O mais importante era que sua vaga na universidade estava salva. Ia estudar física com Niels Bohr se vivesse até lá.

Durante aqueles dois dias ele soubera, por intermédio de Mads Kirke, que a morte de Poul não se deveria a um desastre comum. O Exército se recusava a revelar detalhes, dizendo que o acidente ainda estava sendo investigado, mas outros pilotos contaram à família que a polícia estivera na base na hora e que tinham sido disparados tiros. Harald tinha certeza, embora não pudesse dizer para Mads que a morte de Poul se dera por causa do seu trabalho na Resistência.

Mesmo assim, estava com mais medo do pai que da polícia no caminho para casa. Era uma viagem tediosamente familiar cortando a Dinamarca em toda a largura, de Jansborg, no leste, à Sande, uma ilha diante da costa oeste. A viagem levou o dia inteiro, por causa dos múltiplos atrasos do trem, mas ele gostaria que demorasse ainda mais.

Passou o tempo antecipando a ira do pai. Ensaçou discursos indignados de justificativas, que até mesmo ele achou pouco convincentes. Testou uma variedade de pedidos de desculpas mais ou menos humildes, incapaz de encontrar uma fórmula que fosse sincera, mas não abjeta. Pensou em dizer a seus pais para se sentirem gratos por ele continuar vivo, quando podia ter encontrado o mesmo fim de Poul Kirke, mas achou que seria fazer uso barato de uma morte heróica.

Ao chegar em Sande, adiou ainda mais a sua chegada em casa indo a pé pela praia. A maré estava baixa, e mal se

podia ver o mar, a quase dois quilômetros de distância, uma faixa estreita azul-escura tocada pelas manchas brancas inconstantes da arrebentação, espremida entre o céu azul e a areia amarela. Era noite e o sol já estava baixo. Alguns turistas caminhavam por entre as dunas, e um grupo de meninos de doze ou treze anos jogava futebol. Seria uma cena feliz não fossem as novas casamatas de concreto cinzento a intervalos de mil e seiscentos metros ao longo da marca da maré alta, armadas por canhões e guarnecidas por soldados de capacete de aço.

Ele chegou na nova base militar e deixou a praia para seguir o longo desvio que a contornava, satisfeito com mais aquele atraso. Gostaria de saber se Poul tinha conseguido enviar seu desenho do equipamento de rádio para os britânicos. Caso negativo, a polícia o teria encontrado. Será que iam querer levantar a identidade do desenhista? Por sorte não havia nada que o ligasse àquilo. Mesmo assim, só de pensar se assustava. A polícia podia não saber que ele era um criminoso, mas tinha conhecimento do seu crime.

Finalmente ele pôde ver sua casa. Como a igreja, a casa destinada ao pastor era construída em estilo local, com tijolos pintados de vermelho e um telhado que descia bem baixo sobre as janelas, lembrando um chapéu puxado sobre os olhos como proteção da chuva. A viga que fazia o acabamento da porta da frente era pintada com listras diagonais em preto, verde e branco, uma tradição local.

Harald foi até os fundos e deu uma espiada pelo painel de vidro em forma de losango da porta da cozinha. Sua mãe estava sozinha. Examinou-a por um momento, imaginando como teria sido quando tinha a sua idade. Desde quando era capaz de se lembrar, ela parecia cansada. Mas um dia deveria ter sido bonita.

De acordo com a lenda familiar, todo mundo já considerava Bruno, o pai de Harald, um solteirão com trinta e sete anos de idade, totalmente dedicado ao trabalho em prol de sua pequena seita. Aí então conheceu Lisbeth, dez anos mais moça, e perdeu a cabeça. Ficou tão loucamente apaixonado que chegou a usar uma gravata colorida na igreja numa tentativa de parecer romântico, e os diáconos viram-se obrigados a repreendê-lo por trajar-se de modo inadequado.

Olhando a mãe, debruçada sobre a pia, esfregando uma panela, Harald tentou imaginar como aquele cabelo grisalho havia sido um dia, negro como o azeviche e lustroso, e os olhos cor de avelã brilhando, bem-humorados. Sem as rugas do rosto, e o corpo frágil cheio de energia. Devia ter sido irresistivelmente sexy, supôs Harald, para ter desviado, sem remorso, os pensamentos santos de seu pai para os prazeres da carne. Difícil de imaginar. Harald entrou, largou a mala e beijou a mãe.

- Seu pai saiu - disse ela.
- Aonde ele foi?
- Ove Borking está doente.

Ove era um pescador já idoso e membro fiel da congregação. Harald sentiu-se aliviado. Qualquer adiamento do confronto era melhor que nada.

Sua mãe tinha um ar solene e choroso. Ele ficou comovido.

- Sinto muito ter lhe causado tanto sofrimento, mãe.
- Seu pai está mortificado - disse ela. - Axel Flemming convocou uma reunião de emergência da Junta de Diáconos para discutir o caso.

Harald balançou a cabeça. Havia antecipado que os Flemming iam tirar o máximo proveito possível do incidente.

- Mas por que você fez isso? - perguntou ela, lamuriosamente. Ele não tinha uma resposta para dar.

A mãe de Harald preparou-lhe um sanduíche de presunto para a ceia.

- Chegaram notícias de tio Joachim? - perguntou Harald.
- Nada. Não recebemos respostas para as nossas cartas.

Os problemas de Harald pareciam mínimos quando ele pensava em sua prima Monika, sem um centavo e perseguida, sem sequer saber se o pai estava vivo ou morto. Quando Harald era menor, a visita anual dos primos

Goldstein era o ponto alto do ano. Durante quatro semanas a atmosfera monástica da sua casa era transformada e o lugar ficava cheio de gente e de barulho. O pastor tinha pela irmã e pela família dela uma afeição indulgente que não demonstrava por mais ninguém. Muito menos pelos próprios filhos. Sorria, benevolente, quando os sobrinhos cometiam transgressões, como comprar sorvete em um domingo, algo que teria sido motivo de punição para Harald e Arne. Para Harald, o som do idioma alemão significava risadas, brincadeiras e divertimento. Agora não sabia dizer se os Goldstein iriam rir de novo algum dia.

Ligou o rádio para ouvir as notícias da guerra. Péssimas. O ataque inglês no Norte da África fora abandonado, um fracasso catastrófico, com metade dos carros de combate perdida, abandonados no deserto devido a defeitos mecânicos ou destruídos pelas experientes guarnições alemãs de canhões anticarro. A posição privilegiada do Eixo no Norte da África permaneceu inalterada. A rádio dinamarquesa e a BBC contavam essencialmente a mesma história.

À meia-noite, uma esquadrilha de bombardeiros passou por cima da ilha. Harald foi dar uma olhada e viu que se dirigiam para o leste. O que significava que eram ingleses.

Os bombardeiros eram tudo o que a Grã-Bretanha tinha atualmente.

- Seu pai pode ficar a noite toda fora de casa - disse a mãe de Harald quando o filho voltou para dentro de casa.

Ele ficou acordado por longo tempo. Perguntou a si próprio por que estava assustado. Era grande demais para levar uma surra. A ira do pai era formidável, mas que mal poderia fazer uma língua virulenta? Harald não era facilmente intimidado. Pelo contrário: tendia a ressentir-se contra a autoridade e a desafiá-la por pura rebeldia.

Logo terminou a noite curta, e um retângulo da luz cinzenta da madrugada apareceu em torno da cortina da sua janela como a moldura de um quadro. Ele foi adormecendo aos poucos. Seu último pensamento foi que, na verdade, o que temia não era o dano que pudesse sofrer e sim o sofrimento do pai.

Acordou bruscamente uma hora mais tarde.

A porta foi escancarada, as luzes acesas e lá estava o pastor ao lado da cama, totalmente vestido, mãos nas cadeiras, o queixo projetado para a frente.

- Como você foi capaz? - gritou.

Harald sentou-se na cama, pestanejou e encarou o pai, alto, calvo, todo de preto, a fulminá-lo com o mesmo olhar feroz que apavorava a congregação.

- Em que você estava pensando? - trovejou ele. - O que foi que deu em você?

Harald não queria se encolher na cama, como uma criança.

Livrou-se das cobertas e ficou em pé. Estava fazendo calor, e ele dormira de cuecas.

- Cubra-se, menino! - ordenou o pai. - Você está praticamente nu.

A irracionalidade da crítica estimulou Harald a replicar:

- Se uma cueca o ofende, então não entre em quartos de dormir sem bater.

- Sem bater? Não me diga para bater nas portas da minha própria casa!

Mais uma vez na sua vida Harald teve a impressão desagradável de que seu pai tinha resposta para tudo.

- Está bem - disse, mal-humorado.

- Que demônio se apossou de você? Como pôde lançar uma desgraça dessas sobre si próprio, sua família, sua escola e sua igreja?

Harald enfiou as calças e virou-se para encarar o pai.

- Como é? - vociferou ele. - Vai responder ou não?

- Desculpe, pensei que fossem perguntas retóricas - Harald espantou-se com a frieza do seu sarcasmo.

O pai dele enfureceu-se mais ainda.

- Não tente usar sua instrução para escapar de uma resposta direta. Também estudei em Jansborg.

- Não estou fugindo de uma resposta. Só quero saber se há alguma chance do senhor vir a escutar qualquer coisa que eu diga.

O pastor levantou a mão como se fosse bater no filho. Teria sido um alívio, pensou Harald, enquanto o pai hesitava. Se ele iria aceitar o golpe passivamente ou se ia replicar, não podia dizer, mas pelo menos seria uma definição.

Mas o pai não ia deixar tão barato assim. Baixou a mão e disse:

- Pois bem, estou escutando. O que tem a dizer?

Harald concentrou-se. No trem, havia ensaiado muitas versões da sua fala, algumas bastante eloqüentes, mas resolveu esquecer os floreios de oratória.

- Sinto muito ter pintado o posto de guarda, porque foi um gesto vazio, um ato infantil de desafio.

- No mínimo!

Por um momento Harald pensou se falava ou não com o pai acerca de sua ligação com a Resistência, mas logo decidiu-se a não se arriscar a fazer um papel ridículo. Além disso, agora que Poul estava morto, talvez a Resistência não existisse mais. Concentrou-se, ao contrário, no campo pessoal.

- Sinto muito ter trazido desgraça sobre a escola, porque Heis é um homem bondoso. Arrependo-me de ter bebido, porque me senti péssimo na manhã seguinte. Acima de tudo lamento ter feito minha mãe sofrer.

- E o seu pai?

Harald sacudiu a cabeça.

- O senhor está zangado porque Axel Flemming tomou conhecimento de tudo isto e vai esfregar seu nariz nessa sujeira. Seu orgulho foi ferido e não sei ao certo se o senhor nem sequer chegou a se preocupar comigo.

- Orgulho? - urrou o pai. - O que o orgulho tem a ver com o que aconteceu? Tentei criar meus filhos para serem homens decentes, sóbrios e tementes a Deus... e você me desapontou.

Harald ficou exasperado:

- Olha, também não foi uma desgraça tão grande assim. A maioria dos homens toma seus porres...

- Não os meus filhos!

- Pelo menos uma vez na vida.

- Mas você foi preso.

- Isso foi má sorte.

- Foi mau comportamento...

- E eu não fui acusado de nada... na verdade, o sargento da polícia achou engraçado o que fiz. Não estamos aqui para patrulhar piadas, foi o que ele disse. Eu nem sequer teria sido expulso da escola se Peter Flemming não tivesse ameaçado Heis.

- Não se atreva a querer minimizar o que aconteceu. Nenhum membro desta família foi preso por qualquer razão que seja. Você nos arrastou para a sarjeta.

A expressão da fisionomia do pastor mudou de repente. Pela primeira vez deixou transparecer tristeza, ao invés de raiva.

- E teria sido chocante e trágico mesmo que ninguém no mundo tivesse sabido com exceção de mim.

Harald viu que o pai estava sendo sincero, e isto o desequilibrou. Era verdade que o orgulho do velho tinha sido ferido, mas não fora só isso. Ele temia genuinamente pelo bem-estar espiritual do filho. Harald arrependeu-se de ter sido sarcástico. Mas o pai não lhe deu oportunidade para ser conciliatório.

- Persiste a questão do que deve ser feito com você. Harald não percebeu direito o que ele queria dizer com aquilo.

- Só perdi alguns dias de aula - disse. - Posso fazer as leituras preliminares para o meu curso universitário aqui

mesmo em casa.

- Não - retrucou o pai. - Você não vai escapar tão facilmente. Harald teve um pressentimento angustiante.
- Como assim? O que o senhor está planejando?
- Você não vai para a universidade.
- De que é que o senhor está falando? Claro que Vou - de repente Harald sentiu muito medo.
- Não Vou mandar você para Copenhague para poluir sua alma com bebida forte e música de jazz. Você provou

que não é bastante maduro para a cidade.

- Mas o senhor não pode telefonar para a universidade e dizer "Não ensinem a esse menino". Eles me deram uma vaga.

- Mas não lhe deram dinheiro. Harald ficou chocado.
- Meu avô deixou dinheiro para os meus estudos.
- Mas deixou por minha conta dar esse dinheiro. E eu não Vou dar nada para você gastar em cabarés.
- O dinheiro não é seu... o senhor não tem o direito!
- Certamente que tenho. Sou seu pai.

Harald ficou atônito. Nem por sonhos pensara naquilo. Era a única punição que podia realmente feri-lo. Desnorteado, ainda tentou argumentar:

- Mas você sempre disse que a educação era muito importante.
- Educação não é a mesma coisa que devoção. -Mesmo assim...

O pai viu que ele estava genuinamente chocado e abrandou um pouco:

- Uma hora atrás Ove Borking morreu. Praticamente não tinha estudo nenhum, mal e mal conseguia assinar o nome. Passou a vida trabalhando nos barcos dos outros e não conseguiu ganhar dinheiro suficiente para comprar um tapete para sua mulher colocar na sala de visitas. Mas criou três filhos tementes a Deus e toda a semana dava um décimo do pouco dinheiro que ganhava à igreja. É isso que Deus considera uma boa vida.

Harald conhecera Ove e gostava dele. Sentiria por sua morte.

- Ele era um homem simples.
- Não há nada errado com a simplicidade.
- E, no entanto, se todos os homens fossem iguais ao Ove, ainda estaríamos pescando com canoas escavadas em troncos de árvores.

- Talvez. Mas você vai aprender a ser como ele antes de fazer qualquer outra coisa.
- E o que isto quer dizer?
- Vista-se. Ponha suas roupas da escola e umacamisa limpa. Você vai trabalhar.

O pastor saiu e Harald ficou olhando para a porta fechada. E agora?

Ele se lavou e fez a barba meio tonto. Mal podia acreditar no que estava acontecendo.

Podia ir para a universidade sem a ajuda do pai, claro. Teria que conseguir um emprego para se sustentar e não conseguiria pagar as aulas particulares que quase todo o mundo achava essencial para suplementar as aulas grátis. Será que conseguiria tudo o que desejava em tais circunstâncias? Não queria meramente passar nos exames. Queria ser um grande físico, o sucessor de Niels Bohr. Como isto seria possível se não tivesse dinheiro para comprar livros?

Precisava de tempo para pensar. E enquanto isso ia fazendo a vontade do pai, fosse o que fosse que ele estivesse planejando.

Desceu e tomou o mingau que a mãe fizera, sem sentir o gosto.

Seu pai tinha selado o cavalo, Major, um castrado irlandês largo e forte o bastante para carregar os dois. O pastor montou e Harald subiu na garupa.

Percorreram todo o comprimento da ilha, o que Major levou uma hora para fazer. Quando chegaram nas docas, deram de beber ao cavalo no cocho ao lado do embarcadouro e esperaram a balsa. O pastor ainda não dissera a Harald aonde estavam indo.

Quando a balsa atracou, o piloto cumprimentou o pastor, levando a mão ao boné, e o pastor respondeu:

- Ove Borking foi chamado de volta para sua casa hoje de manhã.
- Era o que eu esperava.
- Ele era um bom homem.
- Que sua alma descanse em paz.
- Amém.

Fizeram a travessia para o continente, montaram de novo em Major e subiram a colina até a pracinha. As lojas ainda não estavam abertas, mas o pastor bateu na porta de um armário. Otto Sejr, proprietário e um dos diáconos da igreja de Sande, abriu. Parecia estar esperando.

Pai e filho entraram, e Harald deu uma boa olhada em torno. Vitrinas de vidro exibiam novelos de lã colorida. As prateleiras tinham pilhas de tecidos, lã e algodão estampado e pouca seda. Atrás das prateleiras ficavam as gavetas, todas caprichosamente marcadas: "Fita branca", "Fita-fantasia", "Elásticos", "Botões de camisa", "Botões-chifre", "Alfinetes", "Aglhas de tricô".

O cheiro era de naftalina misturada com lavanda, como o armário de uma velha, e trouxe para Harald uma lembrança vívida do seu tempo de criança - ele parado ali, esperando a mãe comprar cetim preto para as camisas clericais do pai.

A loja tinha um aspecto decadente, provavelmente por causa da austeridade do tempo de guerra. As prateleiras mais altas estavam vazias e ele teve a impressão de que não havia mais a assombrosa variedade de cores de lã para tricotar de que se lembrava do tempo de menino.

Mas o que estava fazendo ali hoje?

Seu pai logo respondeu a pergunta:

- O irmão Sejr concordou, gentilmente, em lhe dar um emprego - disse ele. - Você vai ajudar na loja, atendendo os fregueses e fazendo qualquer coisa que lhe permita sentir-se útil.

Harald encarou o pai, sem fala.

- A sra. Sejr não está bem de saúde e por isso não pode mais trabalhar. A filha casou-se há pouco tempo e foi morar em Odense, de modo que ele precisa de um assistente - prosseguiu o pastor, como se fosse necessário explicar alguma coisa.

Sejr era baixo, careca e usava um bigodinho. Harald o conhecia desde sempre. Era um sujeito pomposo, mau e sonso. Ele sacudiu o dedo gordo.

- Trabalhe duro, preste atenção e seja obediente e poderá aprender um ofício de valor, jovem Harald - disse.

Harald estava estupefato. Durante dois dias pensando sobre como seu pai reagiria ao crime que cometera, mas nada que antecipara chegava perto daquilo. Era uma sentença perpétua.

Seu pai apertou a mão de Sejr, agradeceu e disse a Harald, ao partir:

- Almoce com a família e vá direto para casa quando terminar o trabalho. Veja você de noite.

Ele esperou um momento, como se aguardasse uma resposta, mas quando Harald não disse nada, foi embora.

- Muito bem - disse Sejr. - Está justamente na hora de varrer o chão antes de abrímos a loja. Você encontrará uma vassoura no armário. Comece nos fundos, varra para a frente e jogue o lixo por baixo da porta.

Harald começou. Vendo-o varrer apenas com uma das mãos, Sejr interveio, bruscamente:

- Ponha as duas mãos na vassoura, rapaz! Harald obedeceu.

Às nove horas, Sejr colocou o aviso de "Aberto" na porta.

- Quando eu quiser que você atenda alguém - disse ele - falo "Adiante" e você se adianta. Aí diz "Bom-dia, o que deseja?", mas é melhor primeiro me observar atendendo uma ou duas freguesas.

Harald observou Sejr vender seis agulhas em uma carteira para uma velha que contou suas moedas com tanto cuidado como se fossem peças de ouro. A seguir entrou uma mulher elegantemente vestida, de cerca de quarenta anos, que comprou dois metros de cadarço preto. A seguir era a vez de Harald. A terceira freguesa foi uma mulher de lábios finos que lhe pareceu familiar. Ela pediu um carretel de linha de algodão branca.

- À esquerda, gaveta de cima! - informou Sejr, asperamente. Harald encontrou o carretel. O preço estava marcado a lápis na madeira do carretel. Pegou o dinheiro e fez o troco. Foi quando a mulher falou:

- Então, Harald Olufsen, você esteve nos lugares de prazer de Babilônia, segundo ouvi dizer.

Harald ficou ruborizado. Não estava preparado para aquilo.

Será que toda a cidade sabia o que fizera? Não ia se defender de mexeriqueiras. Ficou em silêncio. Quem falou foi Sejr:

- O jovem Harald ficará aqui sob uma influência mais firme, sra. Jensen.

- Tenho certeza de que só lhe fará bem.

Harald percebeu que os dois estavam se deliciando com a sua humilhação.

- Vai querer mais alguma coisa? - perguntou.

- Oh, não - ela agradeceu, mas não fez um movimento no sentido de ir embora. - Quer dizer então que você não vai para a universidade?

Harald virou-se de costas para ela e perguntou:

- Onde é o toalete, sr. Sejr?

- No fundo, em cima.

Quando saiu, Harald ouviu Sejr dizer, em tom de desculpas:

- Ele está envergonhado, é claro.

- Não é de admirar - replicou a mulher.

Harald subiu a escada para o apartamento que ficava em cima da loja. A sra. Sejr estava na cozinha, lavando as xícaras do café da manhã.

- Só tenho alguns arenques para o almoço - disse ela. - Espero que você não coma muito.

Ele demorou-se no banheiro e quando voltou para a loja sentiu-se aliviado ao ver que a sra. Jensen já tinha ido embora.

- É normal que as pessoas sejam curiosas - disse o sr. Sejr. Você deve ser polido, não importa o que falem.

- Minha vida não é da conta da sra. Jensen - replicou Harald, furioso.

- Mas ela é freguesa, e a freguesia sempre tem razão.

A manhã se arrastou com dolorosa lentidão. Sejr verificou o estoque, preencheu pedidos, atualizou a contabilidade e atendeu o telefone, mas Harald teve de ficar em pé, esperando, pronto para atender quem chegasse. O que lhe deu um bocado de tempo para pensar. Ia realmente passar o resto da vida vendendo carretéis de linha para donas de casa? Nem pensar.

Na metade da manhã, quando a sra. Sejr trouxe para ele e o marido uma xícara de chá, Harold já tinha decidido que não ia passar o resto do verão trabalhando ali.

E na hora do almoço sabia que não ia ficar até o fim daquele dia.

Quando Sejr virou o anúncio para "Fechado", Harald disse que ia dar uma volta.

- Mas a sra. Sejr preparou o almoço - disse Serj, espantado.
- Ela me disse que não tinha comida suficiente - Harald abriu a porta.
- Você só tem uma hora! - gritou Sejr, nas suas costas. - Não se atrase!

Harald desceu a ladeira e pegou a balsa.

Atravessou o braço de mar para a ilha de Sande e foi caminhando para casa pela praia. Experimentou uma sensação estranha no peito, um aperto no coração, quando contemplou as dunas, a extensão de quilômetros e quilômetros de areia molhada e o mar sem fim. A paisagem era tão familiar quanto seu próprio rosto no espelho e, no entanto, agora lhe dava uma dolorida sensação de perda. Sentiu-se prestes a chorar, e após algum tempo descobriu por quê.

Ia abandonar tudo aquilo em mais algumas horas.

A explicação veio após a descoberta. Não tinha que continuar no trabalho selecionado para ele - mas não podia continuar em casa depois de desafiar o pai. Tinha que partir.

A idéia de desafiar o pai não era mais assustadora, percebeu, à medida que ia progredindo pela areia. O drama desaparecera. E quando isto acontecera? Quando o pastor disse que reteria o dinheiro deixado pelo avô, concluiu Harald. Após tão chocante traição, o relacionamento deles não podia permanecer intacto. Naquele instante Harald compreendeu que não podia mais confiar no pai. Agora tinha que cuidar de si próprio.

Quando chegou, o cavalo não estava no cercado. Harald adivinhou que o pai devia ter voltado à casa dos Borking para as providências do funeral de Ove. Entrou pela porta da cozinha. A mãe estava sentada à mesa, descascando batatas. Pareceu ficar assustada ao vê-lo. Ele a beijou, sem dar explicações.

Harald foi para o seu quarto e fez a mala, como se fosse para a escola. A mãe o seguiu e ficou observando, da porta, enxugando as mãos em uma toalha.

Ele viu seu rosto enrugado e triste, e desviou os olhos rapidamente. Ela quebrou o silêncio após algum tempo.

- Aonde é que você vai? - perguntou.
- Não sei.

Ele pensou no irmão. Entrou no escritório do pai, pegou o telefone e ligou para a escola de aviação. Após alguns minutos ouviu a voz de Arne do outro lado. Harald contou-lhe o que tinha acontecido.

- O velho exagerou - comentou Arne. - Se ele pusesse você num serviço duro, como limpar peixe na indústria de enlatamento, você teria que ficar nem que fosse para provar que é macho.

- Suponho que sim.
- Mas você nunca iria ficar por muito tempo num maldito armazém. Nosso pai pode ser um tolo, às vezes. Para onde vai agora?

Harald ainda não tinha decidido, mas teve um rasgo de inspiração.

- Kirsten eld'água d'água - respondeu. - A casa de Tik Duchwitz. Mas não diga ao pai. Não quero que ele vá atrás de mim.

- O velho Duchwitz pode contar a ele.

Arne tinha razão, reconheceu Harald. O respeitável pai de Tik teria pouca simpatia por quem tocava boogie-woogie, pintava slogans em postos de guarda e ainda por cima fugira de casa. Mas o mosteiro em ruínas era usado como dormitório para os trabalhadores sazonais da fazenda.

- Eu durmo no velho mosteiro - disse Harald. - O pai de Tik nem saberá que estou lá.
- Como vai comer?
- Pode ser que eu consiga um emprego na fazenda. Eles empregam estudantes no verão.
- Tik ainda vai estar na escola, acho.
- Mas a irmã dele pode me ajudar.
- Eu a conheço, ela saiu com Poul umas duas vezes. Seu nome é Karen.
- Só duas vezes?
- Sim. Por quê? Você está interessado nela?
- Ela não joga na minha liga.
- Suponho que não.
- O que aconteceu com Poul... exatamente?
- Foi Peter Flemming.
- Peter!

Mads Kirke não tinha sabido deste detalhe.

- Ele chegou com um carro cheio de policiais, procurando Poul. Poul tentou escapar no seu Tiger Moth e Peter atirou nele. O aparelho bateu e incendiou-se.

- Meu Deus! Você viu?
- Não, mas um dos meus mecânicos estava lá.
- Mads me contou mais ou menos o que houve, não sabia de tudo. Então Peter Flemming matou Poul... Que coisa mais terrível!

- Não fale muito sobre isso, pode se meter em encrenca. Eles estão tentando fazer com que passe por acidente.
- Está bem.

Harald notou que Arne não disse a razão pela qual a polícia fora atrás de Poul. E, por sua vez, Arne devia ter notado que Harald não perguntou.

- Vê se me avisa quando chegar em Kirsteneld'água d'águaot. Telefone se precisar de alguma coisa.
- Obrigado.
- Boa sorte, garoto.

Quando Harald desligou o telefone, seu pai entrou.

- E o que é que você pensa que está fazendo? Harald levantou-se.
- Se quer dinheiro para pagar o telefonema, peça a Sejr o meu salário da manhã.
- Não quero dinheiro. Quero saber por que você não está na loja.
- Meu destino não é trabalhar num armário.
- Você não sabe qual é o seu destino.
- Talvez não.

Harald deixou o escritório do pai.

Foi para a oficina e acendeu a caldeira da moto. Enquanto esperava que esquentasse, acumulou turfa no sidecar. Não sabia de quanto ia precisar para chegar em Kirsteneld'água d'águaot, então, por via das dúvidas, levou tudo. Depois voltou para dentro de casa e pegou a mala.

Seu pai o abordou na cozinha.

- Aonde pensa que está indo?
- Prefiro não dizer.
- Proíbo você de ir.
- Na verdade o senhor não pode proibir mais nada, pai retrucou Harald, serenamente. - O senhor não está mais disposto a me sustentar. Está fazendo tudo o que pode para sabotar meus estudos. Lamento, mas perdeu o direito de me dizer o que fazer.

O pastor ficou atônito.

- Você tem que me dizer para onde está indo.
- Não.
- Por que não?
- Se o senhor não souber onde estou não poderá interferir em meus planos.

O pastor pareceu mortalmente ferido. Harald sentiu pena, como uma dor súbita. Não tinha vontade de se vingar. E não lhe deu a menor satisfação ver a tristeza do pai.

No entanto, teve medo de que, se demonstrasse remorso, perderia sua determinação e acabaria se intimidando e permanecendo em casa. Por isso virou o rosto e saiu.

Amarrou a mala na parte de trás da moto e a empurrou para fora da oficina.

Sua mãe atravessou correndo o quintal e entregou-lhe um embrulho nas suas mãos.

- Comida - disse ela. Estava chorando.

Ele botou o embrulho no sidecar juntamente com a turfa. A mãe o abraçou quando ele montou na moto.

- Seu pai o ama, Harald. Você compreende isso?
- Sim, mãe, acho que sim. Ela o beijou.
- Avise se tudo estiver bem. Telefone, ou mande um cartão postal.
- OK.
- Prometa.
- Prometo.

Ela o soltou e ele acelerou, afastando-se.

PETER FLEMMING despiu a esposa.

Ela ficou passivamente na frente do espelho, a estátua viva de uma mulher muito pálida, mas linda. Peter tirou seu relógio de pulso e o colar e depois abriu pacientemente os colchetes do vestido, os dedos grossos hábeis de tantas horas de prática. Havia uma mancha do lado, ele observou com um olhar desaprovador, como se ela tivesse pegado qualquer coisa pegajosa e limpado a mão no vestido na altura das cadeiras. Normalmente Inge não era suja. Ele tirou-lhe o vestido por cima da cabeça, com cuidado para não despenteá-la.

Inge era tão bonita hoje quanto na primeira vez em que a vira de roupa de baixo. Só que nessa ocasião ela estava sorrindo, falando palavras de carinho, e sua expressão demonstrava ansiedade e um traço de apreensão. Hoje seu rosto era totalmente inexpressivo.

Peter pendurou o vestido no guarda-roupa e depois tirou-lhe o sutiã. Os seios de Inge eram cheios e redondos, com os bicos tão claros que pareciam quase invisíveis.

Ele engoliu em seco e tentou não olhar para eles. Sentou-a no banco da penteadeira, depois removeu os sapatos, soltou as meias e enrolou-as para baixo. Em seguida tirou a liga. Fez com que ficasse novamente em pé e puxou as calcinhas. Seu desejo subiu quando viu os pêlos louros entre suas pernas. Sentiu nojo de si próprio.

Sabia que podia ter relações sexuais com ela, se quisesse. Inge permaneceria deitada, quieta, e aceitaria tudo com

absoluta impassibilidade, como com tudo mais que lhe acontecia. Mas não podia forçar a si próprio a fazer uma coisa dessas. Tinha tentado uma vez, não muito tempo depois que Inge voltara do hospital, achando que assim talvez reacendesse nela uma centelha de consciência, mas ficara revoltado com a sua atitude e parou depois de alguns segundos. Agora teve que lutar contra o desejo que voltava, muito embora soubesse que se cedesse não experimentaria alívio.

Jogou a roupa de baixo dela na cesta de roupa suja com um gesto irritado. Inge não se moveu quando ele abriu uma gaveta e pegou uma camisola branca de algodão bordada com florezinhas, um presente dado pela mãe dela. Inge era inocente em sua nudez, e desejá-la parecia tão errado quanto desejar uma criança. Vestiu nela a camisola, pela cabeça, enfiou os braços, um de cada vez, e depois alisou a parte de trás. Por cima do ombro dela, admirou sua imagem no espelho. O padrão floral combinava com Inge, que estava linda. Pensou ter visto um leve sorriso entreabrir seus lábios, mas provavelmente fora sua imaginação.

Levou-a ao banheiro e depois deitou-a na cama para dormir. Depois ele próprio foi se preparar. Enquanto se despia, examinou seu corpo no espelho. Lá estava, cortando a barriga, uma cicatriz comprida, lembrança de uma briga de rua em uma noite de sábado que ele apartara, quando ainda jovem policial. Não tinha mais o físico atlético da juventude, mas ainda estava em forma. Gostaria de saber quanto tempo mais decorreria até que uma mulher tocasse na sua pele com mãos gulosas.

Vestiu o pijama, mas não estava com sono, e por isso decidiu voltar para a sala e fumar outro cigarro. Deu uma olhada em Inge. Ela jazia imóvel, com os olhos abertos.

Ele ouviria caso se mexesse. Geralmente sabia quando Inge precisava de alguma coisa. Simplesmente sentava na cama e esperava, como se não fosse capaz de saber o que fazer a seguir, e ele tinha que adivinhar o que seria: um copo de água, o toalete, um xale para mantê-la aquecida ou algo mais complicado. Vez por outra ela se deslocava pelo apartamento, aparentemente sem um destino certo, mas parava logo, talvez diante de uma janela, ou olhando fixamente para uma porta fechada, ou apenas no meio do quarto.

Peter saiu do quarto e percorreu o pequeno corredor que dava na sala, deixando ambas as portas abertas. Achou seus cigarros e depois, por impulso, pegou uma garrafa de aquavita pela metade no armário e serviu-se.

Tomando seu drinque e fumando, passou a semana em revista.

Tinha começado bem e terminado mal. Começara com a descoberta de dois espões, Ingemar Gammel e Poul Kirke.

Melhor ainda, não eram como seus alvos habituais, sindicalistas que intimidavam fura-greves ou comunistas que enviavam cartas em código para Moscou dizendo que a Jutlândia estava madura para a revolução. Não, Gammel e Kirke eram espões de verdade, e os esboços que Tilde Jespersen encontrara na sala de Kirke constituíam importante inteligência militar.

A estrela de Peter parecia estar em ascensão. Alguns de seus colegas passaram a agir com frieza em relação a ele, desaprovando sua entusiástica cooperação com os alemães, mas eles não tinham importância. O general Braun telefonara para lhe dizer que achava que ele devia ser o chefe do Departamento de Segurança. Não falou o que aconteceria a Frederik Juel. Mas deixara claro que a posição dele seria de Peter se ele conseguisse resolver aquele caso.

Era uma pena que Poul Kirke tivesse morrido. Vivo, podia ter revelado quem eram seus colaboradores, de quem recebia suas ordens e como enviava informações para os britânicos. Gammel ainda estava vivo, fora entregue à Gestapo para ser interrogado "em profundidade", mas não revelara mais nada, provavelmente por não ter mesmo mais informações.

Peter se incumbira da investigação com a energia e determinação habituais. Interrogara o comandante de Poul, o arrogante Renthe. Interrogara também os pais de Poul, seus amigos e até mesmo Mads, primo dele, e não conseguira

nada. Mandara que alguns detetives seguissem Karen Duchwitz, namorada dele, mas até agora ela parecia não ser outra coisa senão uma estudante aplicada da escola de balé. Peter também mandara vigiar o melhor amigo de Poul, Arne Olufsen. Arne era a melhor possibilidade, porque podia facilmente ter desenhado os esboços da base militar de Sande. Mas Arne passara a semana tratando, inocentemente, de cumprir seus deveres. Naquela noite, sexta-feira, tomara um trem para Copenhague, mas não havia nada de incomum nisso.

Após um começo brilhante, o caso parecia ter dado num beco sem saída.

O triunfo secundário da semana tinha sido a humilhação do irmão de Arne, Harald. Mesmo assim, Peter tinha certeza de que Harald não estava envolvido em atividades de espionagem. Um homem que arriscava a vida como espião não ia se atrever a pintar slogans idiotas pelas ruas.

Peter já estava se perguntando como seguir adiante com a investigação quando ouviu uma batida na porta.

Deu uma olhada no relógio que ficava em cima da lareira. Eram dez e meia, não exageradamente tarde, mas ainda assim uma hora incomum para uma visita de surpresa.

Fosse quem fosse, certamente que não se surpreenderia ao encontrá-lo de pijama. Ele foi até o hall e abriu a porta. Era Tilde Jespersen, com uma boina azulclara equilibrada em cima do cabelo louro e encaracolado.

- Houve uma evolução nos acontecimentos - explicou ela. Achei que devíamos conversar a respeito.
- Claro. Entre. Vai ter que me desculpar pela minha aparência. Ela deu uma olhada no estampado do pijama com um sorriso.

- Elefantes - disse. - Eu nunca suspeitaria.

Ele sentou-se envergonhado e arrependeu-se de não ter vestido um robe, não obstante estar quente demais. Tilde sentou-se.

- Onde está Inge?
- Na cama. Quer tomar um pouco de aquavital?
- Aceito sim, obrigada.

Ele pegou um copo limpo e serviu a bebida para ambos. Ela cruzou as pernas. Seus joelhos eram redondos e as panturrilhas gorduchas, bem diferentes das pernas esbeltas de Inge.

- Arne Olufsen comprou um bilhete para a barca de amanhã para Bornholm - disse ela.

Peter ficou imóvel com o copo a meio caminho dos lábios.

- Bornholm - disse baixinho. A ilha de férias dinamarquesa era tentadoramente perto da costa da Suécia. Poderia ser esta a chance pela qual estava esperando?

Ela pegou um cigarro e ele o acendeu. Soltando a fumaça, ela disse:

- Claro, ele pode simplesmente estar gozando uma licença a que tinha direito, e decidiu tirar umas férias...
- É verdade. Por outro lado, pode estar planejando fugir para a Suécia.
- Foi o que pensei.

Peter bebeu sua bebida com uma golada de satisfação.

- Quem está com ele agora?
- Dresler. Ele me substituiu há quinze minutos. Vim direto para cá.

Peter obrigou-se a ser cético. Era muito fácil permitir, em uma investigação, que aquilo que desejamos nos influencie e confunda.

- Por que Olufsen ia querer fugir do país?
- Pode ter ficado com medo, por causa do que aconteceu com Poul Kirke.
- Ele não tem agido como se estivesse com medo. Trabalhou aparentemente satisfeito, até o dia de hoje.
- Talvez tenha descoberto que estava sendo vigiado.

- Todos descobrem, mais cedo ou mais tarde.
- Uma alternativa é que ele pode ter ido a Bornholm para espionar. Os ingleses podem tê-lo mandado ir para lá. Peter fez uma cara de dúvida.
- O que é que tem em Bornholm? Tilde deu de ombros.
- Talvez seja esta mesmo a pergunta cuja resposta eles querem - o que é que tem em Bornholm? Ou pode se tratar de um ponto de encontro. Lembre-se, se ele pode ir de Bornholm para a Suécia, a viagem no sentido inverso provavelmente é tão fácil quanto.

- Bem pensado.

Tilde era muito lúcida, ponderou. Mantinha-se atenta a todas as possibilidades. Examinou seu rosto inteligente e seus olhos azuis. Deteve-se na boca enquanto ela falava. Tilde parecia inconsciente do seu escrutínio.

- A morte de Kirke provavelmente interrompeu a linha normal de comunicação que eles usavam. Pode ser que isso seja uma emergência, um plano "B".

- Não estou convencido... mas há uma maneira de descobrir.
- Continuar a seguir Olufsen?
- Exatamente. Diga a Dresler para tomar a barca com ele.
- Olufsen está levando uma bicicleta. Digo a Dresler para arranjar uma?
- Sim. E depois reserve uma passagem para você e para mim no voo de amanhã para Bornholm. Chegaremos lá antes de Olufsen.

Tilde esmagou a ponta do cigarro no cinzeiro e levantou-se.

- Certo.

Peter não queria que ela fosse embora. A aquavital o estava esquentando por dentro, ele sentia-se relaxado e estava gostando de ter uma mulher atraente com quem conversar.

Não conseguiu, porém, imaginar uma desculpa para detê-la.

Foi atrás dela no corredor.

- Vejo você no aeroporto - disse Tilde.
- Sim - ele pôs a mão na maçaneta, mas não abriu a porta. - Tilde...

Ela o encarou com uma expressão neutra na fisionomia. - Sim?

- Obrigado por isso. bom trabalho. Ela levou a mão ao rosto dele.
- Durma bem - disse, mas não se afastou.

Peter fitou-a. Havia a sombra de um sorriso nos cantos de sua boca, mas ele não poderia dizer se seria um sorriso de convite ou de zombaria. Baixou um pouco a cabeça e, de repente, a estava beijando.

Ela correspondeu ao beijo arrebatadamente, o que surpreendeu Peter. Tilde puxou a cabeça dele e enfiou a língua em sua boca. Após um momento de choque, ele reagiu.

Pegou seu seio macio e o apertou com força. Ela produziu um ruído gutural e projetou os quadris de encontro ao seu corpo.

Foi neste instante que ele viu um movimento com o canto do olho. Interrompeu o beijo e virou a cabeça.

Inge estava na porta do quarto, pálida como um fantasma, em sua camisola clara. O rosto mantinha a perpétua inexpressividade, mas ela estava olhando diretamente para eles. Peter deixou escapar um soluço.

Tilde livrou-se do abraço e Peter se virou para dizer algo, mas não conseguiu pronunciar uma palavra. Ela abriu a porta do apartamento e saiu. Em questão de um segundo tinha desaparecido.

A porta bateu ruidosamente.

O voo diário de Copenhague para Bornholm era operado pela companhia aérea dinamarquesa, a DDL. Partia às

nove da manhã

e levava uma hora. O avião aterrissava em um campo de pouso a cerca de dois quilômetros da principal cidade de Bornholm, Ronne. Peter e Tilde foram recebidos pelo chefe de polícia local, que lhes emprestou um carro como se estivesse lhes entregando as jóias da coroa.

Logo estavam chegando na cidade modorrenta, onde havia mais cavalos que carros. As casas de madeira ou com a estrutura de madeira aparente eram pintadas em cores surpreendentes e carregadas: mostarda-escura, rosa-terracota, verde-floresta e vermelho-ferrugem. Havia dois soldados alemães na praça central, fumando e tagarelando com os transeuntes. Saíndo da praça, uma rua de paralelepípedos ia direto para o porto. Havia uma lancha torpedeira da Kriegsmarine no cais, sendo admirada por um grupo de meninos. Peter localizou a estação das barcas, do outro lado do prédio de tijolos que abrigava a Alfândega, o maior da cidade.

Peter e Tilde deram umas voltas para se familiarizarem com as ruas, e voltaram de tarde, para esperar a chegada da barca. Nenhum dos dois mencionou o beijo da noite anterior, mas ele estava intensamente cômico da presença física dela: aquele perfume floral indefinido, os olhos azuis muito vivos, a boca que o beijara com tanta paixão e insistência. Ao mesmo tempo, pensava o tempo todo em Inge em pé na porta do quarto, o semblante pálido e inexpressivo traduzindo uma reprovação mais angustiante que uma acusação explícita.

Quando a barca chegou, Tilde rompeu o silêncio:

- Espero que você tenha razão, que Arne seja um espião.
- Você não perdeu o entusiasmo pelo trabalho? A resposta dela foi incisiva.
- O que o faz pensar assim?
- Nossa discussão a respeito de judeus.
- Oh, aquilo - ela deu de ombros. - Você tinha razão, não tinha? Ficou provado. Fomos investigar a sinagoga e lá obtivemos a pista que nos levou a Gammel.

- Pensei que a morte de Kirke podia ter sido tão horrível...
- Meu marido morreu - interrompeu ela firmemente. - Não me importo de ver criminosos morrerem.

Tilde era ainda mais durona do que ele pensara. Peter conteve um sorriso de satisfação.

- Quer dizer então que você vai permanecer na polícia.
- Não vejo outro futuro. Além do mais, pode ser que eu seja a primeira mulher a conseguir uma promoção a sargento.

Peter duvidava que isso viesse a acontecer. Significaria haver homens recebendo ordens de uma mulher, o que parecia além dos limites das reais possibilidades. Mas não falou isso.

- Braun praticamente me prometeu uma promoção se eu conseguir pegar esse grupo de espiões.
- Promoção a quê?
- Chefe do departamento. O lugar de Juel.

E um homem que era chefe do departamento de segurança aos trinta anos, pensou ele, bem que podia terminar como chefe de toda a polícia de Copenhague. Seu coração bateu mais depressa quando visualizou as ações punitivas e disciplinares que importaria com o apoio dos nazistas.

Tilde sorriu calorosamente. Pondo a mão sobre o braço dele, comentou:

- Então é melhor nos assegurarmos de que vamos pegar todos os espiões.

A barca atracou e os passageiros começaram a desembarcar. Enquanto observavam, Tilde perguntou:

- Você, que conhece Arne desde os tempos de garoto... ele é do tipo capaz de atuar como espião?
- Eu teria que dizer não - disse Peter, pensativamente. - É despreocupado demais.
- Oh - fez Tilde, sem graça.

- Na verdade, eu não o consideraria suspeito se não fosse pela noiva inglesa. Ela se animou de novo.
- Isso o coloca bem no alvo.
- Não sei se eles ainda são noivos. Ela voltou para a Inglaterra o mais depressa que pôde quando os alemães chegaram. Mas é bastante possível.

Mais ou menos cem passageiros desembarcaram, alguns a pé, outros de carro, muitos com bicicletas. A ilha tinha apenas trinta quilômetros de uma ponta a outra, e a bicicleta era o meio mais fácil de passear.

- Ali - disse Tilde, apontando.

Peter viu Arne Olufsen desembarcando, com o uniforme do Exército, empurrando a bicicleta.

- Mas onde está Dresler?
- Quatro pessoas atrás.
- Estou vendo.

Peter pôs os óculos escuros, enterrou o chapéu na cabeça e deu a partida no motor do carro. Arne saiu de bicicleta pela rua calçada de paralelepípedos na direção do Centro da cidadezinha, e Dresler fez a mesma coisa. Peter e Tilde seguiram lentamente dentro do carro.

Arne saiu da cidade tomando o rumo norte. Peter começou a sentir que estava muito visível. Havia muito poucos carros pelas ruas, e ele tinha que dirigir devagar para não ultrapassar as bicicletas. Em pouco tempo teve que ficar bem para trás, para não ser notado. Logo em seguida acelerou até ver Dresler, e reduziu a marcha de novo. Dois soldados alemães em uma moto com sidecar passaram por eles e Peter arrependeu-se de ter arranjado um carro em vez de uma moto.

Poucos quilômetros fora da cidade, eles eram as únicas pessoas na estrada.

- Isto está ficando difícil! - exclamou Tilde, num tom de voz agudo, ansiosa. - Ele vai perceber a nossa presença.

Peter concordou em silêncio. Ela estava com a razão, mas uma nova idéia lhe ocorreu.

- E quando ele perceber, sua reação será altamente reveladora. Tilde dirigiu-lhe um olhar questionador, mas ele não explicou. Peter acelerou mais. Passando uma curva, viu Dresler agachado num bosque e, cem metros adiante, Arne sentado em cima de uma mureta, fumando um cigarro.

A única opção era acelerar mais e ultrapassar. Continuou por mais um quilômetro e fez o retorno em uma estrada vicinal.

- Ele estaria nos testando ou apenas descansando? - perguntou Tilde.

Peter encolheu os ombros.

Poucos minutos depois Arne passou, seguido por Dresler. Peter voltou para a estrada.

Já estava escurecendo. Uns cinco quilômetros adiante eles deram numa encruzilhada. Dresler tinha parado lá e parecia perplexo.

Não havia sinal de Arne.

Dresler aproximou-se da janela do carro, visivelmente perturbado.

- Sinto muito, chefe. Ele disparou e o perdi de vista. Não sei que caminho tomou na encruzilhada.
- Diabos, ele evidentemente planejou isso - disse Tilde. - É claro que conhece o caminho.
- Sinto muito - repetiu Dresler.
- Lá se vai sua promoção - disse Tilde, e a minha.
- Não fique tão deprimida - disse Peter. - Isto foi ótimo.
- Como assim? - perguntou Tilde, aturdida.
- Se um homem inocente está sendo seguido, o que é que ele faz? Para, vira e diz: "Quem, diabos, vocês pensam que são para me seguir por aí?" Só um homem culpado se livra deliberadamente de quem o está seguindo. Não estão

vendo? Isto prova que estávamos certos: Arne Olufsen é um espião.

- Mas nós o perdemos.
- Oh, não se preocupe. Nós o acharemos de novo.

Passaram a noite em um hotel à beira-mar com um banheiro no fim de cada corredor. À meia-noite, Peter vestiu um robe por cima do pijama e bateu na porta do quarto de Tilde.

- Entre - respondeu ela.

Ele entrou. Tilde estava sentada na cama de solteiro, usando uma camisola de seda azul-claro, lendo um romance americano chamado E o vento levou.

- Você não perguntou quem estava batendo - disse ele.
- Eu sabia.

Sua mente de detetive reparou que ela estava de batom, tinha o cabelo cuidadosamente penteado e usava um perfume floral, como se tivesse se vestido para namorar.

Beijou-lhe os lábios e acariciou sua cabeça. Após um momento olhou para trás, para se assegurar de que tinha fechado a porta.

- Ela não está aí - disse Tilde.
- Ela quem?
- Inge.

Ele a beijou de novo, mas depois de uns instantes notou que não estava se excitando. Interrompeu o beijo e sentou-se na beira da cama.

- É a mesma coisa comigo - disse ela.
- O quê?
- Fico pensando no Oskar.
- Ele está morto.
- É como se Inge também estivesse. Ele estremeceu.
- Sinto muito, mas é verdade. Fico pensando no meu marido, e você na sua mulher, e nenhum dos dois se importa.
- Não foi assim ontem à noite, no meu apartamento.
- É que não tivemos tempo para pensar.

Aquilo era ridículo, pensou ele. Na sua juventude, ele fora um sedutor confiante, capaz de persuadir muitas mulheres a irem para a cama com ele e as deixava, na maioria, bem satisfeitas. Estaria sem prática?

Peter livrou-se do robe e deitou ao lado dela. Seu corpo macio sob a camisola era bom de acariciar. Tilde apagou a luz. Ele a beijou, mas não conseguiu reacender a chama da noite anterior.

Ficaram deitados, lado a lado, no escuro.

- Não faz mal - disse ela. - É preciso deixar o passado para trás. É difícil para você.

Ele a beijou de novo, brevemente, levantou-se e voltou para o seu quarto.

A VIDA de Harald estava em ruínas. Todos os planos que fizera haviam sido cancelados, e ele não tinha futuro. No entanto, em vez de sofrer com seu destino, ansiava por renovar sua ligação com Karen Duchwitz. Recordou-se de sua pele branca e do cabelo vermelho intenso, o modo como andava pela sala, como se estivesse dançando, e concluiu que não podia haver outra coisa tão importante quanto vê-la de novo.

A Dinamarca era um país pequeno e bonito, mas a trinta e tantos quilômetros por hora mais parecia um deserto interminável. A motocicleta de Harald, usando como combustível o gás resultante da combustão da turfa, levou um dia e meio para ir de sua casa, em Sande, atravessar o país em toda a sua largura e chegar a Kirsteneld"águad"águat.

O progresso da moto na monótona paisagem ondulada foi mais retardado ainda pelas quebras. Harald teve um pneu

furado quando estava a menos de cinquenta quilômetros de casa. A seguir, na comprida ponte que ligava a península de Jutlândia com a ilha central de Fyn, a corrente quebrou. A Nimbus originalmente era dotada de um sistema de transmissão pelo eixo, sem corrente, mas não fora possível ligar esse sistema ao motor adaptado e Harald tivera que aproveitar uma corrente e as rodas dentadas de um velho cortador de grama. O fato foi que, na ponte, teve que empurrar a moto por quilômetros até achar uma garagem e trocar a corrente. com isso, após cruzar Fyn, perdeu a última barca para a ilha principal de Zealand. Estacionou, comeu a comida que a mãe lhe dera - três grossas fatias de presunto e um pedaço de bolo - e passou uma noite gelada no cais, esperando. Quando foi acender a caldeira na manhã seguinte, viu que a válvula de segurança tinha um vazamento, que conseguiu tapar com goma de mascar e esparadrapo.

Chegou em Kirsteneld'águad" águadot quase que no fim da tarde de sábado.

Embora estivesse impaciente para ver Karen, não foi imediatamente para o castelo. Passou pelo mosteiro em ruínas e pela entrada do castelo, atravessou a aldeia com sua igreja, taverna e estação de estrada de ferro e encontrou a fazenda que visitara com Tik. Tinha confiança de que poderia conseguir um emprego ali. Era a época certa do ano e ele era jovem e forte.

A casa da fazenda era grande, no meio de um terreno muito limpo e bem cuidado. Quando parou a moto, foi observado por duas garotinhas - netas, ele imaginou, do fazendeiro Nielsen, o homem de cabelos brancos que ele vira sair da igreja.

Encontrou o fazendeiro atrás da casa, vestindo uma calça lamacenta e uma camisa sem colarinho. Estava fumando um cachimbo.

- Bom-dia, sr. Nielsen - disse Harald.
- Bom-dia, meu jovem - respondeu Nielsen, cautelosamente.
- O que posso fazer por você?
- Meu nome é Harald Olufsen. Preciso de um emprego e Josef Duchwitz me disse que o senhor contrata trabalhadores no verão.

- Não este ano, filho.

Harald por pouco não caiu para trás. Não tinha sequer considerado a possibilidade de uma recusa.

- Eu trabalho duro...
- Não duvido, e você parece mesmo bastante forte, mas não estou contratando ninguém.
- Por que não?

Nielsen levantou uma das sobrancelhas.

- Eu podia dizer que não é da sua conta, meu rapaz, mas também já fui um jovem atrevido; portanto Vou lhe dizer que os tempos são difíceis, os alemães compram quase tudo que produzo a um preço decidido por eles e não há disponibilidade para pagar a trabalhadores ocasionais.

- Trabalho pela comida - sugeriu Harald, desesperado. Não podia voltar para Sande.

Nielsen dirigiu-lhe um olhar penetrante.

- Você parece estar metido em uma encrenca qualquer. Mas não posso contratá-lo nesses termos. Teria problemas com o sindicato.

Parecia não haver esperanças. Harald olhou em torno, à procura de uma alternativa. Poderia trabalhar em Copenhague, mas onde iria morar? Não podia nem recorrer ao irmão, que vivia em uma base militar onde não eram permitidos hóspedes que passassem a noite.

Nielsen percebeu seu desespero.

- Sinto muito, filho - ele bateu o cachimbo na trave superior da cerca. - Vou acompanhá-lo até a saída.

O fazendeiro provavelmente achou que ele estava desesperado a ponto de roubar, pensou Harald. Os dois contornaram juntos a casa até o pátio da frente.

- Que diabo é isso aí? - perguntou Nielsen, quando viu a moto, com sua caldeira deixando escapar vapor em ritmo lento.

- É uma motocicleta comum que adaptei para funcionar com turfa.
- De onde você veio com ela?
- Morlunde.
- Meu Deus! Ela parece pronta para explodir a qualquer instante!

Harald sentiu-se ofendido.

- Ela é perfeitamente segura - disse, indignado. - Conheço motores. Na verdade, fui eu que consertei um de seus tratores, há algumas semanas.

Por um momento, Harald chegou a pensar na possibilidade de Nielsen contratá-lo em sinal de agradecimento, mas disse a si próprio para deixar de ser bobo. Gratidão não paga salários.

- O trator tinha um vazamento na válvula de combustível.
- Como assim?

Harald jogou mais um pedaço de turfa na caldeira.

- Vim passar um fim de semana em Kirsteneld"águad"águat. Josef e eu passamos por um de seus homens, Frederik, tentando fazer pegar o motor de um trator.

- Eu me lembro. Quer dizer então que você é aquele rapaz!
- Eu mesmo.

Harald montou na moto.

- Espere um minuto. Talvez eu possa contratá-lo. Harald encarou-o, sem se atrever a sentir esperanças.

- Não posso pagar trabalhadores braçais para a fazenda, mas mecânicos é uma outra história. Você conhece todos os tipos de máquinas?

Não era hora para bancar o modesto, decidiu Harald.

- Geralmente consigo consertar qualquer coisa que tenha motor.
- Tenho meia dúzia de máquinas paradas por falta de peças. Acha que consegue fazer com que funcionem?
- Acho.

Nielsen olhou para a motocicleta.

- Se você conseguiu fazer isso aí, talvez possa reparar minha semeadeira.

- Não vejo por que não.

- Está bem - disse o fazendeiro, em tom decidido. - Vou lhe dar uma chance.

- Muito obrigado, sr. Nielsen!

- Amanhã é domingo, de maneira que venha aqui na segunda-feira, às seis horas. Nós, fazendeiros, começamos cedo.

- Estarei aqui.
- Não se atrase.

Harald abriu a válvula para deixar o vapor entrar no cilindro e saiu antes que Nielsen pudesse mudar de idéia.

Assim que se afastou o suficiente, soltou um grito de vitória. Tinha um emprego - muito mais interessante, por sinal, do que atender às freguesas de um armarinho - e o conseguira sozinho. Sentiu-se cheio de confiança. Estava sozinho, mas era jovem, forte e inteligente. Tudo ia dar certo.

O dia já ia escurecendo quando atravessou a aldeia. Por pouco não viu um policial uniformizado que foi para o meio da rua e acenou para que saltasse. Freou com força no último minuto, e a caldeira deixou escapar uma nuvem de fumaça pela válvula de segurança. Reconheceu o policial uniformizado como sendo Per Hansen, o nazista local.

- Que diabos é isso aí? - perguntou Hansen, apontando para a moto.
- É uma motocicleta Nimbus, convertida para vapor.
- Parece perigosa.

Harald tinha pouca paciência com gente intrometida, mas obrigou-se a responder polidamente.

- Eu lhe asseguro, senhor guarda, que é perfeitamente segura. O senhor está fazendo um interrogatório oficial ou é só por curiosidade?

- Não tem importância, rapaz. Eu já o vi antes, não vi? Harald disse a si próprio para não transgredir a lei. Já tinha passado uma noite na cadeia naquela semana.

- Meu nome é Harald Olufsen.
- Você é amigo dos judeus do castelo. Harald perdeu a calma.
- Não é da sua conta quem são meus amigos. -Oh! Não é não?

Hansen pareceu satisfeito, como se tivesse conseguido obter o resultado que desejara.

- Já tenho uma boa idéia a seu respeito, rapaz - disse ele, maldosamente. - Ficarei de olho em você. Agora vá andando.

Harald afastou-se, amaldiçoando seu gênio descontrolado. Tinha feito agora um inimigo da polícia local, só por causa de uma observação de passagem sobre judeus.

Quando ia aprender a manter-se longe de encrenca?

A uns seiscientos metros do portão de Kirsteneld"águad"águat, saiu da estrada e pegou a trilha carroçável que atravessava o bosque e ia dar na parte de trás do mosteiro. Não podia ser visto da casa e estava apostando que ninguém estaria trabalhando no jardim numa tarde de sábado.

Parou a moto diante da fachada oeste da igreja abandonada, atravessou o claustro e entrou na igreja por uma porta lateral. A princípio viu apenas umas formas fantasmagóricas à luz mortiça do fim de tarde que entrava pelas janelas altas. Quando seus olhos se adaptaram, distinguiu o Rolls-Royce debaixo do encerado, as caixas de brinquedos velhos e o biplano Hornet Moth com as asas dobradas. Teve a impressão de que ninguém entrara na igreja desde a última vez em que estivera ali.

Abriu a porta principal para guardar a moto e fechou-a de novo.

Permitiu-se um momento de satisfação ao desligar o motor. Tinha atravessado o país em sua motocicleta improvisada, conseguido um emprego e encontrado um lugar para ficar. A menos que desse azar, seu pai não o encontraria;

por outro lado, se houvesse alguma notícia importante da família, seu irmão saberia como entrar em contato. O melhor de tudo é que havia uma boa chance de ele ver de novo Karen Duchwitz. Lembrava que ela gostava de fumar um cigarro no terraço depois do jantar. Decidiu sair e procurá-la.

Era arriscado - podia ser visto pelo sr. Duchwitz, mas sentia-se com sorte naquele dia.

Num canto da igreja, perto da bancada e das ferramentas, havia um lavatório com uma torneira de água fria. Harald não tomava banho havia dois dias. Tirou a camisa e lavou-se o melhor que pôde, sem sabão. Passou uma água na

camisa, pendurou-a em um prego para secar e vestiu a sobressalente que trouxera na bolsa.

O portão era separado do castelo por uns oitocentos metros em linha reta, mas era demasiado exposto, de modo que Harald preferiu dar uma volta para se aproximar por dentro do bosque. Passou pelos estábulos, cruzou a horta da cozinha e estudou os fundos da casa abrigado atrás de um cedro. Era capaz de identificar a sala de visitas por causa de suas janelas de batente, que abriam para o terraço. Lembrava-se de que ao lado ficava a sala de jantar. As cortinas de blecaute ainda não tinham sido baixadas, porque a luz elétrica ainda não fora acesa, embora ele visse o tremeluzir de uma vela.

A família devia estar jantando. Tik estaria na escola - os alunos de Jansborg tinham permissão para ir em casa uma vez a cada quinze dias, e aquele era um fim de semana da escola, de modo que estariam jantando apenas Karen e seus pais, a menos que houvesse convidados. Decidiu arriscar uma olhada mais de perto.

Atravessou o gramado e esgueirou-se até a casa. Ouviu a voz de um locutor da BBC dizendo que as forças francesas de Vichy tinham abandonado Damasco ante a ofensiva de um exército inglês, da Comunidade Britânica e da França Livre. Era agradável saber de uma vitória britânica, mas era difícil ver como uma boa notícia originada na Síria iria ajudar sua prima Monika em Hamburgo. Dando uma olhada pela janela da sala, Harald viu que o jantar tinha terminado e que uma criada estava tirando a mesa.

Um momento depois, ouviu uma voz às suas costas:

- O que é que você pensa que está fazendo aqui?

Ele virou-se, assustado.

Karen vinha andando pelo terraço na sua direção. Sua pele alva parecia luminosa à claridade da noite. Trajava um vestido de seda longo, em suaves tons de azul e verde.

Seu andar de dançarina fazia com que parecesse deslizar, lembrando um fantasma.

- Silêncio!

Karen não o reconheceu naquela obscuridade.

- Silêncio? - repetiu ela, indignada, e não havia nada de irreal no seu tom desafiador. - Encontro um intruso espionando a minha casa e ele quer que eu me cale?

De dentro da casa veio um latido.

Harald não conseguiu chegar a uma conclusão se Karen se sentia genuinamente ultrajada ou se estava se divertindo.

- Não quero que seu pai saiba que estou aqui! - disse ele, num tom de voz baixo, mas premente.
- Você devia se preocupar com a polícia, e não com meu pai. O velho setter vermelho, Thor, apareceu aos saltos, pronto para estraçalhar um ladrão, mas reconheceu Harald e lambeu sua mão.
- Sou Harald Olufsen, estive aqui duas semanas atrás.
- Oh, o garoto do boogie-woogie! O que é que está fazendo aqui rondando pelo terraço? Voltou para roubar a casa?

Para aflição de Harald, o sr. Duchwitz apareceu na janela francesa e deu uma olhada para fora.

- Karen? - disse ele. - Tem alguém aí?

Harald conteve a respiração. Se Karen o denunciasse, poderia estragar tudo.

- Está tudo bem, papai - disse ela, após um instante. - É só um amigo.

O sr. Duchwitz deu uma olhada em Harald, no escuro, mas não pareceu reconhecê-lo, e, após um instante, resmungou qualquer coisa e entrou.

- Obrigado - murmurou Harald.

Karen sentou-se na mureta e acendeu um cigarro.

- Você é bem-vindo aqui em casa, mas vai ter que me contar o que é que está acontecendo.
O vestido dela combinava com os olhos verdes, que brilhavam em seu rosto como se tivessem luz própria.
Ele se sentou também na mureta, olhando para ela.
- Briguei com meu pai e saí de casa.
- E por que veio para cá?

A própria Karen era metade da razão, mas ele decidiu não falar nada.

- Arranjei um emprego com o sr. Nielsen, o fazendeiro, para consertar seus tratores e máquinas.
- Você é despachado. Onde está morando?
- Hmm... No velho mosteiro.
- Presunçoso também.
- Eu sei.
- Suponho que tenha trazido cobertas e o que mais for preciso.
- Na verdade, não.
- Pode fazer bastante frio de noite.
- Eu sobrevivo.
- Hmmm - ela fumou em silêncio por algum tempo, contemplando a escuridão cair como uma névoa sobre o jardim.

Harald estudou-a, hipnotizado pelo efeito do crepúsculo sobre os traços do seu rosto. A boca generosa, o nariz ligeiramente aquilino e a massa de cabelo crespo combinavam-se, de certa forma, para formar um conjunto adorável. Concentrou a atenção nos seus lábios cheios, quando ela tragava. Por fim, Karen jogou o cigarro em um canteiro, levantou-se, desejou-lhe boa sorte, voltou para dentro de casa e fechou a porta.

Foi uma saída abrupta, pensou Harald. Sentiu-se desapontado. Permaneceu parado onde estava por um minuto. Teria achado ótimo conversar a noite inteira, mas Karen ficara entediada com ele em cinco minutos. Lembrou-se de que o fizera sentir-se alternadamente bem-vindo e rejeitado durante o fim de semana que passara ali. Talvez fosse uma espécie de jogo. Ou talvez refletisse seus sentimentos vacilantes. Gostou de imaginar que ela pudesse ter sentimentos a seu respeito, mesmo que fossem instáveis.

Caminhou de volta para o mosteiro. A noite já começava a refrescar. Karen tinha razão, ia fazer frio e o chão da igreja era de cerâmica. Devia ter trazido um cobertor de casa.

Procurou qualquer coisa que pudesse servir de cama. A luz das estrelas que entrava pelas janelas iluminava timidamente o interior da igreja. A parede leste, onde antes com certeza fora o altar, era côncava e tinha uma prateleira larga protegida por uma cobertura.

Harald imaginou que ali devia ficar um objeto de veneração - uma relíquia, um cálice cravejado de pedras preciosas, um quadro da Virgem. Agora, contudo, parecia mais com uma cama do que qualquer outra coisa ali, e foi lá que ele se deitou.

Por uma janela sem vidraça podia ver a parte superior das árvores e um punhado de estrelas espalhadas no céu azul-escuro. Pensou em Karen. Imaginou-a tocando no seu cabelo com um gesto afetuoso, roçando os lábios nos seus, envolvendo-o com os braços e abraçando-o. Estas imagens eram diferentes das cenas que imaginava com Birgit Claussen, a garota de Morlunde com quem havia namorado na Páscoa. Quando Birgit estrelava suas fantasias, estava sempre tirando o sutiã, rolando na cama ou rasgando sua camisa na pressa de satisfazer sua paixão. Karen desempenhava um papel mais sutil, mais amorosa que voluptuosa, embora sempre houvesse a promessa de sexo no fundo dos seus olhos.

Sentiu frio e levantou-se. Talvez pudesse dormir dentro do avião. Movendo-se com dificuldade no escuro, conseguiu achar a maçaneta da porta. Mas quando a abriu ouviu barulhos e se lembrou de que havia um ninho de

camundongos no estofamento da poltrona. Não tinha medo de camundongos, mas não dava para forçar a barra e dormir na mesma cama que eles.

Avaliou as possibilidades do Rolls-Royce. Podia se encolher no banco de trás. Devia ser mais espaçoso que o Hornet Moth. Levantar a lona que o cobria no escuro podia custar um pouco, mas talvez valesse a pena. Restava ver se as portas não estariam trancadas.

Ainda estava às voltas com a capa, vendo se descobria o fecho, quando ouviu um leve ruído de passos e se deteve, imóvel. Um momento depois, o facho de luz de uma lanterna elétrica passou pela janela. Será que os Duchwitz tinham uma patrulha de segurança à noite?

Deu uma olhada pela porta que dava no claustro. A lanterna vinha se aproximando. Conservou-se de costas para a parede, tentando nem respirar.

Aí então ouviu uma voz.

- Harald?

Seu coração deu um pulso de alegria.

- Karen.

- Onde é que você está?

- Na igreja.

O facho de luz o encontrou e depois ela o virou para cima, a fim de conseguir uma iluminação geral. Harald viu que ela carregava uma trouxa.

- Trouxe umas cobertas.

Ele sorriu. Ficava agradecido pelo conforto que aquilo representava, mais ficava ainda mais feliz por ver que ela se importava.

- Eu estava pensando em dormir no carro.

- Você é muito alto - contestou ela.

Quando abriu o pacote, ele encontrou alguma coisa.

- Achei que você devia estar faminto - explicou ela.

À luz da lanterna de Karen, Harald viu meia bisnaga de pão, uma cestinha de morangos e uma salsicha. Havia também uma garrafa. Ele desatarraxou a tampa e sentiu o cheiro de café fresco.

Só então percebeu como estava faminto. Atacou a comida, tentando não comer como um lobo faminto. Segundos depois ouviu um miado, e um gato apareceu no círculo de luz. Era o mesmo gato preto e branco muito magro que vira na primeira vez em que entrara na igreja. Deixou cair um pedaço de salsicha. O gato cheirou, virou-o com a patinha e pôs-se a comer com extrema delicadeza.

- Como é o nome dele? - perguntou a Karen.

- Acho que não tem nome. É vira-lata.

Na parte de trás da cabeça, o animal tinha um tufo de pêlo em formato de pirâmide.

- Acho que Vou chamá-lo de Pinetop - disse Harald. - Em homenagem a meu pianista favorito.

- É um bom nome. Harald comeu tudo.

- Puxa, que maravilha. Muito obrigado.

- Eu devia ter trazido mais. Quando foi a última vez que Você comeu?

- Ontem.

- Como foi que chegou aqui?

- Motocicleta - ele apontou para o outro lado da igreja, onde estacionara a moto. - Mas é lenta, porque é a vapor e para andar tem que queimar turfa. Por isso levei dois dias para vir de Sande até aqui.

- Você é um tipo decidido, Harald Olufsen.
- Sou mesmo? - ele não saberia dizer se aquilo fora um elogio.
- É verdade. Nunca conheci alguém como você. Tudo bem pesado, achou que a observação o favorecia.
- Bem, para dizer a verdade, acho o mesmo de você.
- Ora, deixa disso. O mundo está cheio de garotas ricas e mimadas que querem ser bailarinas, mas quantas pessoas atravessaram a Dinamarca pilotando uma motocicleta a vapor?

Ele riu, deliciado. Os dois ficaram em silêncio por um minuto.

- Sinto muito o que houve com Poul - disse Harald por fim.
- Deve ter sido um choque terrível para você.
- Foi completamente devastador. Chorei o dia inteiro.
- Vocês eram muito íntimos?
- Tínhamos saído apenas três vezes, e eu não estava apaixonada por ele, mas assim mesmo foi terrível - os olhos de Karen encheram-se de lágrimas e ela teve que fazer força para não chorar.

Harald, envergonhado, ficou satisfeito ao saber que ela não era apaixonada por Poul.

- Foi muito triste - disse, sentindo-se um hipócrita.
- Fiquei desolada quando minha avó morreu, mas, de alguma forma, isto foi pior. Vovó era velha e doente. Poul era cheio de energia e divertido. Bonito e atlético.

- Sabe como foi que aconteceu? - perguntou Harald, jogando verde.
- Não... o Exército tem sido ridiculamente cheio de segredos nesse caso - disse Karen, deixando transparecer na voz o quanto começava a se irritar. - Só disseram que o avião dele caiu, e que os detalhes eram secretos.

- Talvez estejam querendo encobrir algo.
- Como o quê? - retrucou ela bruscamente.

Harald viu que não podia dizer o que pensava sem revelar sua conexão com a Resistência.

- A incompetência deles? - improvisou. - Talvez o avião não fosse submetido a uma manutenção adequada.
- Não poderiam usar a desculpa de sigilo militar para esconder algo assim.
- Claro que poderiam. Quem iria saber?
- Não acredito que nossos oficiais fossem tão desonestos disse ela, tensa.

Harald viu que a ofendera, como quando a conhecera e da mesma maneira, fazendo pouco de sua credulidade.

- Espero que você esteja com razão - apressou-se a dizer. Mas não estava sendo sincero: tinha certeza de que ela estava enganada.

Karen levantou-se.

- Tenho que voltar antes que tranquem a casa - sua voz estava fria.
- Obrigado pela comida e pelos cobertores, você é um anjo de misericórdia.
- Não é o meu papel usual - retrucou ela, suavizando um pouco.
- Será que a vejo amanhã?
- Talvez. Boa-noite. Karen foi embora.

HERMIA DORMIU MAL. Sonhou que estava falando com um policial dinamarquês. A conversa era amistosa, embora ela estivesse ansiosa por não se denunciar; só que, depois de algum tempo, descobriu que estavam falando inglês. O homem continuou a falar como se nada tivesse acontecido, enquanto ela tremia e esperava que ele a prendesse.

Quando acordou, viu que se encontrava em uma cama estreita de uma pensão na ilha de Bornholm. Ficou aliviada ao descobrir que a conversa com o policial tinha sido um sonho - mas não havia nada de irreal no perigo que enfrentava,

agora que estava desperta. Encontrava-se em território ocupado, carregando documentos falsos, fazendo de conta ser uma secretária de férias. Claro que, se fosse descoberta, seria enforcada como espiã.

Em Estocolmo, ela e Digby, depois de enganarem mais uma vez os alemães que os seguiam, tomaram um trem para a costa sul. Em Kalvsby, uma aldeia de pescadores, tinham achado um barqueiro disposto a cruzar os quase quarenta quilômetros de mar para levá-los a Bornholm. Ela se despedira de Digby - que não tinha como passar por dinamarquês - e embarcara. Ele ia passar um dia em Londres, apresentar-se a Churchill, pegar imediatamente um avião de volta e estaria esperando por ela no cais de Kalvsby quando Hermia voltasse - se é que ela ia voltar.

O pescador a colocara em terra firme, com sua bicicleta, em uma praia solitária na madrugada do dia anterior. Prometeu voltar ali, naquele mesmo lugar, quatro dias depois, à mesma hora. Para ter certeza de que ele não falharia, Hermia prometeu dobrar o Pagamento na viagem de volta.

Ela pedalara até Hammershus, o castelo em ruínas que era seu ponto de encontro com Arne, e o esperara o dia inteiro. Ele não aparecera.

Argumentou consigo própria que não devia se surpreender.

Arne tinha trabalhado no dia anterior e com certeza não conseguira sair a tempo de pegar a barca da noite. Provavelmente pegara a barca da manhã no sábado e chegara em Bornholm tarde demais para estar em Hammershus antes do escurecer. Sendo assim, devia ter achado um lugar qualquer para passar a noite e apareceria no ponto de encontro no primeiro horário da manhã.

Era nisso que Hermia acreditava em seus momentos de maior animação. Mas num canto do seu cérebro havia constantemente o temor de que Arne tivesse sido preso. Era inútil ficar concebendo um motivo pelo qual pudessem tê-lo prendido, ou ficar repetindo mentalmente que ele ainda não cometera nenhum crime, pois isso só servia para ficar imaginando cenários fantasiosos, nos quais ele confiava em um amigo traiçoeiro, ou escrevia tudo em um diário, ou confessava o esquema a um sacerdote.

Algumas horas mais tarde, desistiu de esperar por Arne e foi de bicicleta até a aldeia mais próxima. No verão, muitos dos habitantes locais ofereciam pensão aos turistas e não teve dificuldade para encontrar um lugar onde passar a noite. Caiu na cama ansiosa e faminta, e teve pesadelos.

Ao se vestir, recordou-se do feriado que passara com Arne naquela ilha, os dois registrando-se no hotel como sr. e sra. Olufsen. Foi nessa época que teve o maior grau de intimidade com ele. Arne adorava jogar, e vivia fazendo apostas com ela em troca de favores sexuais. "Se o barco vermelho entrar no porto em primeiro lugar, você vai ter que andar sem calcinhas o dia todo amanhã, e se quem entrar primeiro for o barco azul, vai poder ficar por cima hoje à noite". Será tudo seu, meu amor, pensou ela, se aparecer hoje.

Decidiu tomar o café da manhã antes de pedalar de volta a Hammershus. Talvez tivesse que esperar o dia inteiro de novo, e não queria desmaiar de fome. Vestiu as roupas baratas que comprara em Estocolmo - roupas inglesas poderiam traí-la - e desceu.

Estava nervosa quando entrou na sala de jantar da família. Fazia mais de um ano que não falava dinamarquês diariamente e, desde que desembarcara, na véspera, não trocara mais que umas poucas palavras. Agora ia ter que sustentar uma conversa de amenidades.

Havia outro hóspede na sala, um homem de meia-idade com um sorriso amável, que disse:

- Bom-dia. Meu nome é Sven Fromer. Hermia forçou-se a relaxar.
- Agnes Ricks - disse, usando o nome que constava dos documentos falsos. - Está fazendo um dia lindo - acrescentou. Não tinha nada a temer, disse a si própria. Falava dinamarquês com o sotaque da burguesia de Copenhague, e os próprios dinamarqueses só descobririam que era inglesa se contasse. Serviu-se de mingau, jogou leite gelado em cima e começou a comer. A tensão tornou difícil o ato de engolir.

Sven sorriu para ela.

- À moda inglesa - disse ele.

Hermia o encarou, apavorada. Como ele descobrira tão depressa?

- Como assim?
- Seu jeito de tomar mingau.

O leite de Sven Fromer estava em um copo, e ele tomava um gole entre as colheradas do mingau. Era assim que os dinamarqueses tomavam mingau e ela sabia perfeitamente disso. Amaldiçoou seu descuido e tentou consertar.

- Prefiro assim - disse, o mais naturalmente que foi capaz. O leite esfria o mingau e a gente pode tomar mais depressa.

- Uma garota com pressa. De onde você é?
- Copenhague.
- Eu também.

Hermia não queria entabular uma conversa sobre o local exato de Copenhague onde ambos moravam, o que poderia levá-la facilmente a cometer mais erros. O mais seguro seria fazer as perguntas. Nunca conhecera um homem que não gostasse de falar a respeito de si próprio.

- Está passeando?
- Lamentavelmente, não. Sou topógrafo e trabalho para o governo. Mas terminei o que estava fazendo, e como só tenho que voltar para casa amanhã, Vou passar o dia de hoje rodando por aí Para pegar a barca da noite.

- Você tem carro?
- Preciso, por causa do meu trabalho.

A senhoria trouxe bacon e pão preto. Depois que saiu, Sven retomou a conversa:

- Se você estiver sozinha, será um prazer para mim levá-la para passear comigo.
- Sou noiva - retrucou Hermia com firmeza. Ele sorriu, melancolicamente.
- Seu noivo é um felizardo. Ainda assim eu teria muito prazer com a sua companhia.
- Por favor, não se ofenda. Mas prefiro ficar sozinha.
- Entendo perfeitamente. Espero que não se importe por tê-la convidado.

Ela lhe deu seu sorriso mais encantador.

- Ao contrário, estou lisonjeada.

Ele se serviu de mais café e parecia disposto a continuar mais tempo ali. Hermia começou a relaxar. Por enquanto não despertara suspeitas.

Outro hóspede entrou, um homem mais ou menos da idade de Hermia, bem-vestido, de terno e gravata. Cumprimentou inclinando rigidamente a cabeça e depois falando dinamarquês com sotaque alemão, disse:

- Bom-dia, eu me chamo Helmut Mueller. O coração de Hermia disparou.
- Bom-dia - respondeu. - Agnes Ricks.

Mueller virou-se para Sven, esperando que este também se apresentasse, mas Sven levantou-se, ignorando deliberadamente o recém-chegado, e saiu.

Mueller sentou-se, parecendo magoado.

- Muito obrigado pela sua cortesia - disse para Hermia. Hermia tentou comportar-se normalmente e comprimiu as mãos para impedir que tremessem.

- De onde o senhor é, Herr Mueller?
- Nasci em Luebeck.

Hermia perguntou-se o que uma jovem dinamarquesa amável podia dizer a um alemão numa troca de amenidades.

- O senhor fala bem o nosso idioma.

- Quando era menino a minha família costumava vir passar as férias em Bornholm.

Hermia pôde ver que ele não desconfiara de nada, e arriscouse a fazer uma pergunta menos superficial:

- Diga-me uma coisa, muita gente aqui se recusa a falar com o senhor?

- Uma grosseria como a que este outro hóspede acaba de exhibir é rara. Nas atuais circunstâncias, alemães e dinamarqueses têm que conviver e os dinamarqueses, na maioria, são educados.

Ele interrompeu-se e dirigiu um olhar de curiosidade a Hermia.

- Mas você já deve ter observado isto - a menos que tenha chegado recentemente de outro país.

Hermia percebeu que tinha cometido outro erro.

- Não, não - apressou-se a dizer, eu sou de Copenhague e lá, como o senhor diz, convivemos tão bem quanto podemos. Eu só imaginei que as coisas pudessem ser diferentes aqui em Bornholm.

- Não, é tudo exatamente igual.

Toda conversa era perigosa, concluiu Hermia. Ela se levantou.

- Bem, tenho que ir. bom apetite.

- Muito obrigado.

- Tenha um dia agradável aqui no nosso país.

- Desejo-lhe o mesmo.

Ela saiu, achando que talvez tivesse sido amável demais. Excesso de amabilidade pode despertar tantas suspeitas quanto hostilidade. Mas ele não demonstrara qualquer sinal de desconfiança.

Quando ia saindo de bicicleta, Hermia deu com Sven colocando sua bagagem no carro. Era um Volvo PV 444, um carro sueco muito popular na Dinamarca. Ela viu que o banco de trás tinha sido removido de modo a abrir lugar para o seu equipamento - tripés, o teodolito e uma série de lentes e outros componentes, alguns em seus estojos de couro, outros protegidos por cobertores.

- Peço-lhe desculpas por criar uma cena lá dentro - disse ele.

- Não tive intenção de ser rude com você.

- Tudo bem - ela podia ver que Sven ainda estava furioso. É evidente que você tem uma opinião formada sobre a questão.

- Sou de uma família de militares. É difícil aceitar que tenhamos nos rendido tão depressa. Devíamos ter lutado. Devíamos estar lutando agora! - ele fez um gesto de frustração, como se estivesse jogando alguma coisa fora. - Não devia estar falando deste jeito. Estou deixando você sem graça.

Ela tocou no seu braço.

- Você não tem por que se desculpar.

- Muito obrigado. Hermia saiu pedalando.

Churchill andava de um lado para outro no gramado do campo de croquê em Chequers, a casa de campo oficial do primeiro-ministro britânico. Estava escrevendo mentalmente um discurso: Digby conhecia os sinais. Os hóspedes para o fim de semana eram John Winant, o embaixador americano, e o ministro do Exterior, Anthony Eden, com as respectivas esposas, mas nenhum deles estava à vista. Digby sentiu que devia estar havendo alguma crise, mas ninguém lhe disse o que era. O sr. Colville, secretário particular de Churchill, fez um gesto na direção do pensativo premiê. Digby aproximou-se, atravessando o gramado. O primeiro-ministro levantou a cabeça.

- Ah, é você, Hoare - disse ele. Parou de andar. - Hitler invadiu a União Soviética - anunciou.

- Meu Deus! - exclamou Digby Hoare. Ele teve vontade de sentar, mas não havia cadeiras. - Meu Deus! - repetiu. Ainda ontem Hitler e Stalin eram aliados, com sua amizade cimentada pelo pacto nazi-soviético de 1939. Hoje estavam

em guerra. Quando foi a invasão?

- Hoje de manhã - respondeu Churchill, melancolicamente. O general Dill esteve aqui ainda há pouco para me dar os detalhes.

Sir John Dill era o chefe do Estado-Maior Geral Imperial, e, por conseguinte, o oficial de posição mais elevada no Exército britânico.

- As primeiras estimativas da nossa Inteligência avaliam o efetivo do Exército invasor em cerca de três milhões de homens.

- Três milhões!

- Eles atacaram numa frente de três mil e seiscentos quilômetros. Um grupo ao norte, avançando sobre Leningrado, outro ao centro, sobre Moscou, e um terceiro ao sul, atacando a Ucrânia.

Digby ficou assombrado.

- Oh, meu Deus, será que isto é o fim de tudo, senhor? Churchill aspirou a fumaça do charuto.

- Pode ser. Muita gente acha que os russos não podem vencer.

Que serão vagarosos na mobilização. com forte apoio aéreo da Luftwaffe, os tanques de Hitler podem varrer o Exército Vermelho do mapa em poucas semanas.

Digby nunca vira seu chefe tão desanimado. Diante de más notícias, Churchill normalmente tornava-se ainda mais lutador, sempre querendo reagir a uma derrota com um ataque. Mas hoje não; hoje ele parecia muito abatido.

- Há alguma esperança? - perguntou Digby.

- Sim. Se os Vermelhos puderem agüentar até o fim do verão, a história poderá ser diferente. O inverno russo derrotou Napoleão e poderá fazer o mesmo com Hitler.

Estes três ou quatro meses serão decisivos.

- O que é que o senhor vai fazer?

- Vou falar na BBC hoje às nove da noite. -Para dizer que...?

- Que devemos prestar toda ajuda que pudermos à Rússia e ao povo russo.

Digby levantou as sobrancelhas.

- Uma proposta difícil para ser feita por um anticomunista apaixonado.

- Meu caro Hoare, se Hitler invadissem o inferno, eu iria no mínimo fazer uma referência favorável ao demônio na Câmara dos Comuns.

Digby sorriu, perguntando-se se aquela blague não estaria sendo considerada para inclusão na fala daquela noite.

- Mas há alguma ajuda que nós possamos dar?

- Stalin me pediu para intensificar o bombardeio da Alemanha. Ele espera que Hitler se veja forçado a deslocar seus aviões de volta para defender o território alemão.

Isto enfraqueceria o exército invasor e talvez desse aos russos uma chance.

- E o senhor vai fazer isso?

- Não tenho escolha. Ordenei um bombardeio especial na próxima lua cheia. Será a maior operação aérea da guerra até agora, o que é o mesmo que dizer que será a maior operação aérea da história da humanidade. Haverá mais de quinhentos bombardeiros, um pouco mais que a metade de toda a nossa frota.

Digby considerou a possibilidade de seu irmão integrar aquela incursão.

- Mas se eles sofrerem a mesma proporção de perdas que vêm sofrendo até agora...

- Estaremos inutilizados. Foi por isso que mandei chamar você. Tem alguma resposta para mim?

- Ontem infiltrei nossa agente na Dinamarca, com ordens para conseguir fotos da instalação de radar em Sande.

Isto responderá a pergunta.

- Tomara. O bombardeio está marcado para daqui a dezesseis dias. Quando você espera ter as fotos em mãos?
- Dentro de uma semana.
- Ótimo - disse Churchill, com a entonação de quem estava dispensando a presença de Digby.
- Muito obrigado, primeiro-ministro - Digby fez meia-volta.
- Não vá me falhar.

Hammershus ficava na ponta norte de Bornholm. O castelo ficava em cima de uma colina de onde se podia ver a Suécia, do outro lado do braço de mar para defender a ilha de invasão pelos seus vizinhos. Hermia, empurrando a bicicleta, subiu o caminho tortuoso que cortava as encostas pedregosas, sem saber se aquele dia seria tão infrutífero quanto a véspera. O sol brilhava, e ela estava com calor por causa do esforço.

O castelo fora construído com uma mistura de tijolos e pedras. Paredes solitárias ainda resistiam, numa sugestão melancólica de vida em família: grandes lareiras enferrujadas ao ar livre, frias adegas de pedra onde eram guardadas maçãs e cerveja, escadarias quebradas que não levavam a parte alguma, janelas estreitas através das quais crianças pensativas deviam, um dia, ter contemplado o mar.

Hermia chegou cedo, e o lugar estava deserto. A julgar pela experiência da véspera, ficaria sozinha ali nas ruínas mais uma ou duas horas. Gostaria de saber como seria se Arne aparecesse, ia pensando, enquanto empurrava a bicicleta através de arcadas em escombros ou atravessava pisos de pedra cobertos de mato.

Em Copenhague, antes da invasão, ela e Arne formavam um casal glamouroso, o centro de um grupo de jovens oficiais e garotas bonitas com ligações no governo, vivendo sempre num turbilhão de festas e piqueniques, dançando e praticando esportes, velejando, cavalgando e indo à praia. Agora que aquele tempo se fora, Arne a consideraria como parte do seu passado? Pelo telefone dissera que ainda a amava - mas já fazia mais de um ano que Hermia não o via. Será que ia achar que estava a mesma, ou que tinha mudado?

Ainda gostaria do cheiro dos seus cabelos e do sabor de sua boca? Ela começou a se sentir nervosa.

Hermia passara o dia anterior no castelo, e as ruínas não tinham mais interesse para ela. Caminhou até o lado do mar, encostou a bicicleta numa mureta e contemplou a praia lá embaixo.

Até que ouviu uma voz familiar.

- Oi, Hermia.

Virou-se e viu Arne caminhando em sua direção, sorrindo, braços bem abertos. Ele a tinha esperado atrás de uma torre. O nervosismo desapareceu. Correu para os braços dele e o apertou com toda a força que tinha.

- O que é que há? - perguntou Arne. - Por que está chorando? Ela percebeu, então, que estava chorando, que tinha o peito sacudido de soluços e o rosto molhado de lágrimas.
- É de felicidade!

Arne beijou-lhe as faces molhadas. Hermia segurou seu rosto com ambas as mãos, sentindo os ossos com a ponta dos dedos para provar a si própria que ele era de verdade, que aquela não era uma das cenas de reunião imaginárias com que sonhara tantas vezes. Aninhou o nariz no seu pescoço, respirando o cheiro dele, de sabonete do Exército, brilhantina e combustível de aviação. Não havia cheiros nos sonhos.

Sentia-se esmagada por tanta emoção, mas o sentimento aos poucos foi mudando de alegria e felicidade para outra coisa. Os beijos ternos passaram a ser ávidos e penetrantes, as carícias gentis tornaram-se mais exigentes. Quando seus joelhos fraquejaram, Hermia arriou na grama, puxando-o junto. Lambeu o pescoço dele, sugou-lhe os lábios.

Mordeu o lóbulo de suas orelhas. A ereção de Arne comprimiu a coxa de Hermia, que lutou com os botões da calça do uniforme dele, abrindo a braguilha, para sentilo direito. Quase ao mesmo tempo, Arne levantou sua saia e escorregou a mão sob suas roupas íntimas. Hermia passou por um momento de recato envergonhado ao perceber como estava molhada, mas isto foi logo esquecido em uma onda de prazer.

Impaciente, rompeu o abraço o tempo suficiente para tirar a calcinha e jogá-la de lado, e em seguida puxou-o para cima dela.

Neste instante ocorreu-lhe que estavam inteiramente à vista dos primeiros turistas que fossem visitar as ruínas, mas não se importou. Sabia que mais tarde, quando passasse a loucura, ia estremecer, horrorizada, com o risco que correria, mas não dava para se segurar. Quando Arne a penetrou, puxou-o com os braços e as pernas, como se quisesse colar a barriga dele na sua, o peito nos seus seios, o rosto no seu pescoço, insaciavelmente faminta por aquele contato.

Depois isto passou, quando ela se concentrou em um nódulo de prazer intenso que começou pequeno e quente, como uma estrela distante, e foi crescendo sem parar, apossando-se cada vez mais do seu corpo, até que explodiu.

Os dois permaneceram deitados e quietos por algum tempo. Hermia se deleitou com o peso do corpo dele em cima do seu, com a ligeira dificuldade de respirar que aquele peso lhe dava, com sua lenta detumescência. Até que uma sombra caiu sobre eles. Era apenas uma nuvem passando na frente do sol, mas serviu como lembrete a Hermia de que as ruínas eram abertas à visita pública e podia aparecer alguém a qualquer momento.

- Ainda estamos sozinhos? - murmurou ela.

Arne levantou a cabeça e deu uma olhada em torno.

- Estamos - respondeu.
- É melhor levantar antes que os turistas cheguem.
- Tudo bem.

Hermia o agarrou quando ele ia se afastando.

- Mais um beijo.

Ele beijou-a carinhosamente e se levantou.

Ela achou as calcinhas, vestiu-as rapidamente, levantou-se e limpou a roupa. Agora que estava decente, a sensação de urgência abandonou-a e todos os músculos do seu corpo ficaram agradavelmente relaxados, como acontecia às vezes quando continuava na cama nas manhãs de domingo, cochilando e ouvindo os sinos da igreja.

Hermia encostou-se na mureta, contemplando o mar, e Arne passou o braço pelos seus ombros. Foi difícil obrigá-la a pensar de novo em guerra, ardis e segredos.

- Estou trabalhando para a Inteligência britânica - disse ela, abruptamente.

Ele balançou a cabeça.

- Eu tinha medo disso.
- Medo? Por quê?
- Porque assim você está correndo mais perigo do que se tivesse vindo só para me ver.

Hermia ficou feliz por saber que seu primeiro pensamento fora com a sua segurança. Ele ainda a amava. Mas, na verdade, ela lhe trouxera problemas.

- E agora você corre perigo também, só por estar na minha companhia.
- É melhor explicar.

Hermia sentou-se na mureta e organizou seus pensamentos. Não pudera pensar numa versão censurada da história, uma versão que contivesse apenas o que ele tivesse absoluta necessidade de saber. Por melhor que fosse seu resumo, metade da verdade não faria sentido. Se ia pedir-lhe para arriscar a vida, ele tinha que saber o motivo.

Falou a respeito dos Vigilantes Noturnos, das prisões no aeroporto de Kastrup, na taxa devastadora de bombardeiros perdidos, na instalação de radar na ilha de Sande, onde ele morava, no indício proporcionado pela palavra himmelbett e no envolvimento de Poul Kirke. À medida que Hermia falava, a expressão do rosto de Arne ia mudando.

A alegria desapareceu de seus olhos e o sorriso perene foi substituído por uma expressão de ansiedade. Ela perguntou-se se ele aceitaria a missão.

Se Arne fosse um covarde, não teria optado por pilotar os frágeis aparelhos feitos de pano e madeira pertencentes à aviação do Exército, não era mesmo? Por outro lado, ser piloto fazia parte de sua imagem de homem ousado. E ele quase sempre colocava o prazer na frente do trabalho. Aliás, este era um dos motivos pelos quais Hermia o amava: ela era séria demais e ele fazia com que se divertisse. Qual seria o verdadeiro Arne - o hedonista ou o piloto? Até aquele instante ele nunca fora testado.

- Vim lhe pedir para fazer o que Poul teria feito se estivesse VIVO: ir a Sande, entrar na base e examinar a instalação de radar.

Arne balançou a cabeça afirmativamente, com ar solene.

- Precisamos de fotografias também, e boas. - Ela pegou na bolsa da bicicleta uma pequena máquina de 35mm, uma Leica Iliä, alemã. Hermia tinha chegado a pensar em uma miniatura Minox Riga, mais fácil de esconder, mas acabara se decidindo pela precisão das lentes Leica. - Esta provavelmente será a missão mais importante que lhe pedirão que desempenhe. Quando compreendermos o sistema de radar deles, seremos capazes de imaginar um jeito de derrotá-lo, e isto salvará a vida de milhares de homens.

- Posso ver isso.

- Mas se o apanharem, você será executado - fuzilado ou enforcado - por espionagem.

Hermia passou-lhe a camera.

Quase desejava que Arne recusasse a missão, pois não podia nem pensar no perigo que ele correria se aceitasse. Mas se recusasse, poderia respeitá-lo algum dia?

Arne não pegou a Leica.

- Poul era o chefe dos Vigilantes Noturnos - disse. Hermia balançou a cabeça afirmativamente.

- Suponho que a maioria dos amigos dele fizesse parte do grupo.

- Melhor que você não saiba...

- Todo mundo exceto eu.

Ela aquiesceu, nervosa. Sabia o que estava por vir.

- Você acha que sou um covarde.

- Não parecia fazer o seu gênero...

- Porque gosto de festas, gosto de anedotas, gosto de flertar com as garotas, vocês acharam que eu não tinha coragem para realizar um serviço secreto.

Ela nada disse, mas ele foi insistente:

- Responda!

com o coração partido, ela aquiesceu mais uma vez.

- Neste caso terei que provar que você estava errada - ele pegou a camera.

Hermia não saberia dizer se estava triste ou alegre.

- Muito obrigada - disse lutando contra as lágrimas. - Você vai ser cuidadoso, não vai?

- Vou. Mas há um problema. Fui seguido até Bornholm.

- Droga! - aquilo era algo que ela não havia previsto. - Tem certeza?

- Tenho. Notei duas pessoas rodando a base, um homem e uma mulher. Ela estava no trem para Copenhague comigo, e ele na barca. Quando cheguei aqui ele me seguiu de bicicleta, e havia um carro mais atrás. Livrei-me deles a uns poucos quilômetros de Ronne.

- Deviam suspeitar que você trabalhasse com Poul.

- O que é uma ironia.

- Quem pensa que são?

- Polícia dinamarquesa, agindo sob ordens dos alemães.

- Agora que escapou deles, com toda certeza vão achar que você é culpado. Ainda devem estar à sua procura.

- Não podem revistar todas as casas de Bornholm.

- Não, mas terão gente de olho no cais das barcas e no aeroporto.

- Eu não tinha pensado nisso. Como, então, Vou voltar para Copenhague?

Hermia observou que Arne ainda não pensava como um espião.

- Teremos que dar um jeito de embarcá-lo às escondidas na barca.

- E, depois, para onde eu iria? Não posso voltar para a Escola de Aviação... vai ser o primeiro lugar em que vão me procurar.

- Você terá que ficar com Jens Toksvig. Arne fechou a cara.

- Quer dizer então que ele é um dos Vigilantes Noturnos.

- É. O endereço dele...

- Eu sei onde ele mora - interveio Arne, bruscamente. - Jens era meu amigo antes de ser um dos Vigilantes Noturnos.

- Pode ser que ele esteja nervoso, por causa do que aconteceu com Poul...

- Ele não me entregará.

Hermia fingiu não notar a raiva de Arne.

- Imaginemos que você tome a barca de hoje à noite. Quanto tempo levará para chegar a Sande?

- Primeiro Vou falar com meu irmão, Harald. Ele trabalhou nas obras dos alemães quando estavam construindo a base, e terá, Portanto, condições de me dar um desenho com a disposição das coisas.

Depois é preciso perder mais um dia inteiro para ir à Jutlândia, porque os trens atrasam sempre. Posso chegar lá tarde da noite na terça-feira, entrar na base na quarta-feira e voltar para Copenhague na quinta. Aí, como entro em contato com você?

- Volte aqui na sexta-feira que vem. Se a polícia ainda estiver vigiando as barcas, vai ter que dar um jeito de se disfarçar. Eu me encontro com você aqui mesmo.

Vamos fazer a travessia para a Suécia com o pescador que me trouxe. Aí então eu lhe arranjo documentos falsos na legação britânica e o levo de avião para a Inglaterra.

Ele aquiesceu, ainda com raiva.

- Se der certo, poderemos estar juntos de novo, e livres, em questão de uma semana.

Desta vez Arne sorriu.

- Não acho que valha a pena ter muita esperança de que isso aconteça.

Ele a amava, concluiu Hermia, embora ainda estivesse magoado por ter sido deixado de fora dos Vigilantes Noturnos. Ainda assim, bem lá no fundo, ainda não estava convencida de que ele tinha a coragem necessária para fazer aquele trabalho. Mas sem dúvida nenhuma ia acabar descobrindo.

Enquanto conversavam, os primeiros turistas foram chegando e já havia um punhado de gente circulando em torno das ruínas, espiando o interior das adegas e tocando nas pedras antigas.

- Vamos dar o fora daqui - disse Hermia. - Você veio de bicicleta?

- Está atrás daquela torre.

Arne foi pegar a bicicleta e os dois deixaram o castelo, ele de óculos de sol e boné, para ficar mais difícil de ser reconhecido. Não passaria por uma verificação cuidadosa dos passageiros entrando numa barca, mas seria bom se por acaso cruzasse na estrada com seus perseguidores.

Hermia pensou no problema da fuga quando desciam a colina, sem pedalar. Seria capaz de imaginar um disfarce melhor para Arne? Não tinha perucas nem outros trajes, e um pouco de maquilagem, a não ser o mínimo de batom e pó que usava. Ele tinha que parecer uma pessoa diferente, e para isto só com ajuda profissional. Que certamente podia ser encontrada em Copenhague, mas nunca ali.

No sopé da colina viu Sven Fromer, seu colega de pensão, saindo do Volvo. Não queria que ele visse Arne, e podia ser que conseguisse passar sem que a notasse, mas não deu sorte. O olhar de Sven encontrou o seu, ele acenou e ficou aguardando ao lado da trilha. Teria sido ostensivamente rude ignorá-lo, e Hermia sentiu-se obrigada a parar.

- Então nos encontramos de novo - disse ele. - Este deve ser o seu noivo.

Bobagem pensar que corria perigo com Sven. Não havia nada suspeito no que estava fazendo, e, de qualquer modo, Sven era antigermânico.

- Este é Oluf Arnesen - disse ela, invertendo o nome de Arne.
- Oluf, Sven Fromer. Ele ficou na mesma pensão que eu na noite passada.

Os dois homens apertaram-se as mãos.

- Está aqui há muito tempo? - perguntou Arne em tom de conversa.
- Uma semana. Vou embora hoje à noite. De repente, Hermia teve uma idéia.
- Sven - disse ela, esta manhã você me disse que devíamos estar combatendo os alemães.
- Eu falo demais. Devia ser mais cuidadoso.
- Se eu lhe desse uma chance de ajudar os ingleses, você se arriscaria?

Ele a encarou.

- Você? Mas como... Quer dizer que você é...
- Você se arriscaria? - pressionou ela.
- Isto não é nenhum truque, é?
- Você vai ter que confiar em mim. Sim ou não?
- Sim. O que você quer que eu faça?
- É possível esconder um homem na parte de trás do seu carro?
- Claro. Eu poderia escondê-lo debaixo do meu equipamento. Não seria confortável, mas há espaço.
- Topa levar alguém escondido na barca de hoje à noite? Sven olhou primeiro para o seu carro e depois para Arne.
- É você?

Arne balançou a cabeça afirmativamente. Sven sorriu.

- Puxa vida, claro que sim.

O PRIMEIRO DIA de trabalho de Harald na fazenda do velho Nielsen foi muito mais bem-sucedido do que ele se atrevera a esperar. O velho tinha uma pequena oficina com equipamento suficiente para Harald reparar praticamente qualquer coisa. Improvisou um remendo na bomba d'água de um arado a vapor, soldou a articulação da esteira de um trator e descobriu o curto-circuito que fazia com que as luzes da casa da fazenda apagassem toda noite. O almoço foi um prato substancial de arenques com batatas, na companhia dos peões da fazenda.

À noite passou umas duas horas na taverna da aldeia com Karl, filho mais moço do fazendeiro - mas bebeu só dois copinhos de cerveja, lembrando do papel de idiota que fizera por causa de bebida uma semana antes. Todo mundo falava sobre a invasão da União Soviética. As notícias não podiam ser piores. A Luftwaffe dizia ter destruído 1.800 aeronaves soviéticas no solo em incursões-relâmpago. Na taverna, a opinião geral era de que Moscou cairia antes do inverno - a exceção eram os comunistas locais, e mesmo assim até eles pareciam preocupados.

Harald saiu cedo porque Karen dissera que talvez o visse depois do jantar. Sentia-se fatigado, mas estava satisfeito consigo próprio ao caminhar de volta para o velho mosteiro. Quando entrou no prédio em ruínas, espantou-se ao ver seu irmão na igreja, examinando a aeronave abandonada.

- Um Hornet Moth - disse Arne. - O transporte aéreo dos cavalheiros.
- Está um caco - disse Harald.
- Na verdade, não. O trem de aterrissagem está um pouco torcido.
- Como acha que aconteceu?

- Na hora de pousar. A cauda do Hornet tende a oscilar, e este movimento pendular dificulta o controle do avião, dado que o trem de pouso se encontra afixado muito à frente da fuselagem. Além disso, os suportes das rodas não foram projetados para agüentar esforços laterais; portanto, quando você muda bruscamente da direção do solo, as rodas

podem empenar.

A aparência de Arne não podia ser pior. Em vez do uniforme do Exército, usava o que parecia ser a roupa velha de alguém, um casaco velho de tweed e calças de veludo cotelê desbotadas. Tinha raspado o bigode, e um boné meio seboso encobria seu cabelo ondulado. Tinha nas mãos uma camera pequena de 35mm. Estava visivelmente constrangido, sem o costumeiro sorriso despreocupado.

- O que aconteceu com você? - perguntou Harald ansiosamente.

- Estou encrocado. Tem alguma coisa aí para comer?

- Nada, nada. Podemos ir à taverna...

- Não posso mostrar minha cara. Sou um homem procurado.

- O sorriso com que Arne tentou amenizar a declaração não passou de uma careta. - Todos os policiais da Dinamarca têm a minha descrição e há cartazes espalhados em toda Copenhague estampando a minha cara. Fui perseguido por um tira ao longo de toda Stroget.

- Você está na Resistência?

Arne hesitou, deu de ombros e finalmente respondeu:

- Estou.

Harald ficou entusiasmado. Sentou-se na prateleira que fazia as vezes de sua cama e Arne sentou-se ao seu lado. Pinetop, o gato, apareceu e esfregou a cabeça na perna de Harald.

- Quer dizer então que você estava trabalhando com a Resistência quando lhe perguntei isso em casa três semanas atrás?

- Não, naquele tempo, não. A princípio fui deixado de fora. Parece que não me consideraram a pessoa adequada para trabalhar em operações secretas. Pelo amor de Deus, estavam com a razão. Mas agora o desespero deles fez com que me convocassem. Preciso tirar retratos de uma máquina qualquer instalada na base militar de Sande.

Harald balançou a cabeça afirmativamente.

- Fiz um desenho dela para Poul.

- Até mesmo você esteve lá antes de mim - disse Arne, amargurado. - Ora, ora.

- Poul me disse para não contar a você.

- Pelo jeito todo mundo pensava que eu fosse um covarde.

- Posso fazer de novo meus desenhos... embora tenham sido feitos de memória.

Arne sacudiu a cabeça.

- Eles precisam de fotos detalhadas, precisas. Vim perguntar a você se há um jeito de entrar na base sem ser visto.

Aquela conversa de espionagem entusiasmava Harald, mas assim mesmo ele se aborreceu ao ver que o irmão não tinha um plano decente do que ia fazer.

- Há um ponto onde a cerca fica escondida pelas árvores... mas como é que vai chegar em Sande se a polícia está atrás de você?

- Mudei minha aparência.

- Nem tanto. Quais são seus documentos?

- Os meus mesmos... como poderia arranjar outros?

- Quer dizer que, se você for detido pela polícia por algum motivo, eles não vão levar mais que dez segundos para ver que se trata do homem a quem estão procurando.

- É mais ou menos isso. Harald sacudiu a cabeça.

- Loucura.

- Loucura ou não, tem que ser feito. O tal equipamento permite aos alemães detectar os bombardeiros da RAF

quando ainda estão a muitos quilômetros de distância, a tempo de reunir seus caças.

- Deve usar ondas de rádio - comentou Harald, animadamente.
- Os ingleses têm um sistema similar, mas os alemães parecem tê-lo refinado e estão abatendo a metade das aeronaves empregadas em cada ataque. A RAF está desesperada para descobrir como é que eles estão fazendo isso. Vale a pena arriscar minha vida.

- Não desnecessariamente. E se você for apanhado não conseguirá passar as informações para os ingleses.
- Tenho que tentar.

Harald respirou fundo.

- Por que não Vou eu?
- Eu sabia que você ia dizer isso.
- Ninguém está me procurando. Conheço o local. Já passei uma vez pela cerca, numa noite em que peguei um atalho para voltar para casa. E sei mais a respeito de rádio que você. Portanto, terei uma idéia melhor do que fotografar.

Harald achou que a lógica da sua argumentação fora irresistível.

- Se for pego, você será fuzilado como espião.
- O mesmo se aplica a você... só que é praticamente certo que você será apanhado, enquanto que eu tenho chance de me safar.
- A polícia pode ter encontrado seus desenhos quando foi procurar Poul. Neste caso, os alemães devem estar sabendo que há alguém interessado na base de Sande e, provavelmente, terão aperfeiçoado a segurança. Passar pela cerca agora pode ser muito mais difícil.

- Ainda assim, tenho uma chance melhor do que a sua.
- Não posso mandá-lo para o perigo. Se for apanhado, o que direi à mamãe?
- Que morri lutando pela liberdade. Tenho tanto direito quanto você de me arriscar. Me dá a droga dessa máquina!

Antes que Arne pudesse responder, Karen entrou.

Ela entrou caminhando sem fazer ruído e sem aviso, e Arne não teve chance de se esconder, embora tenha feito, instintivamente, um movimento para se levantar.

- Quem é você? - perguntou ela, com sua costumeira franqueza. - Oh! Oi, Arne. Você raspou o bigode... deve ser por causa dos pôsteres que vi hoje espalhados por toda Copenhague. Por que você está sendo procurado?

Ela se sentou no capô coberto do Rolls-Royce e cruzou as pernas longas numa pose de modelo. Arne hesitou.

- Não posso lhe dizer.
- A mente ágil de Karen disparou, sacando deduções com impressionante rapidez.
- Meu Deus, você está na Resistência! Poul estava também, não é? E foi por isso que morreu?

Arne fez que sim.

- Poul não bateu com o avião. Estava tentando fugir da polícia e atiraram nele.
- Pobre Poul - ela desviou o olhar por um momento. - Quer dizer então que você pegou onde ele largou. Mas agora a polícia está atrás de você também. Alguém deve estar lhe dando abrigo... provavelmente Jens Toksvig, o outro grande amigo de Poul.

Arne encolheu os ombros e aquiesceu.

- Mas você não pode se deslocar por aí sem correr o risco de ser preso, de modo que... - ela olhou para Harald e calou-se por um instante. - Você está nisso também, Harald.

Para surpresa de Harald, Karen ficou pensativa, como se receasse por ele. Ficou satisfeito ao ver que ela se preocupava. Ele olhou para o irmão.

- E então, Arne? Estou nisso? Arne suspirou e lhe deu a Leica.

Harald chegou em Morlunde no final do dia seguinte. Deixou a moto a vapor em um estacionamento para automóveis perto das barcas, achando que chamaria muita atenção se fosse com ela para Sande. Não tinha nada com que cobri-la nem como trancá-la, mas confiou que um ladrão oportunista não seria capaz de fazê-la funcionar.

Tinha tempo para pegar a última barca do dia. Enquanto esperava ao lado do cais, a noite caiu lentamente e as estrelas apareceram, como as luzes de navios distantes no mar escuro. Um morador da ilha apareceu no cais, cambaleando de bêbado, encarou Harald rudemente, resmungou "Ah, o jovem Olufsen" e sentou-se em um tambor a alguma distância, onde tentou acender o cachimbo.

A barca atracou e saltaram umas poucas pessoas. Para sua surpresa, Harald viu um policial dinamarquês e um soldado alemão na parte de cima da prancha de desembarque.

Quando o bêbado embarcou, eles verificaram sua identidade. O coração de Harald bateu com mais força. Ele hesitou, assustado, sem saber se embarcava ou não. Será que a segurança tinha sido simplesmente reforçada depois que encontraram os desenhos que fizera? Ou estariam procurando especificamente seu irmão? A polícia saberia que ele era irmão do homem a quem procuravam? Olufsen era um sobrenome comum - mas a polícia podia ter sido informada a respeito da família. Estava com uma camera fotográfica caríssima na mochila. Era uma marca alemã popular, mas ainda assim podia despertar suspeitas.

Tentou acalmar-se e avaliou suas opções. Havia outras maneiras de ir para Sande. Não podia garantir que seria capaz de nadar mais de três mil metros em mar aberto, mas podia pegar emprestado ou surrupiar um barco. No entanto, se fosse visto desembarcando em Sande, certamente seria interrogado. Talvez fosse melhor bancar o inocente.

Harald resolveu embarcar.

O policial dinamarquês dirigiu-se a ele:

- Qual é a razão para estar indo a Sande?

Harald conteve a indignação que qualquer pessoa esperaria ao fazer uma pergunta daquelas.

- Eu moro lá - respondeu. - com meus pais. O policial examinou seu rosto.
- Não me lembro de já ter visto você, e olha que estou trabalhando aqui há quatro dias.
- Eu estava na escola.
- Hoje é um dia esquisito de ir para casa.
- É o fim do período.

O policial resmungou qualquer coisa, aparentemente satisfeito. Examinou o endereço no cartão de identidade de Harald e mostrou-o ao soldado, que balançou a cabeça e deixou Harald embarcar.

Foi para a proa e ficou olhando para o mar, esperando o coração voltar a bater normalmente. Foi um alívio ter passado pelo policial, mas sentia-se furioso por ter sido obrigado a justificar-se quando estava se deslocando dentro de seu próprio país. Parecia uma reação tola, de um ponto de vista lógico, mas não podia deixar de sentir-se ultrajado.

À meia-noite a barca desatracou e começou a travessia.

Não havia luar. À luz das estrelas, a silhueta plana da ilha de Sande era como uma nuvem no horizonte. Harald não esperara voltar tão cedo. Na verdade, quando saíra na sexta-feira, pensara que talvez nunca mais fosse ver sua casa. Agora voltava na qualidade de espião, com uma máquina fotográfica na mochila e a missão de fotografar uma arma secreta dos nazistas. Recordava-se vagamente de pensar que devia ser emocionante integrar a Resistência, mas não tinha nada de divertido. Pelo contrário, estava morrendo de medo.

Sentiu-se pior ainda quando desembarcou no cais tão seu conhecido e viu, do outro lado da rua, o correio e a mercearia que não tinham mudado desde quando podia se lembrar deles. Sua vida fora segura e estável nos primeiros dezoito anos. Agora jamais se sentiria seguro outra vez.

Dirigiu-se para a praia e começou a caminhar rumo ao sul. A areia molhada brilhava como prata à luz das estrelas.

Ouviu a risada de uma garota vindo de um ponto qualquer das dunas e sentiu uma ponta de ciúme. Será que teria oportunidade de fazer Karen rir daquele jeito?

Já era quase madrugada quando viu a base. Dava para distinguir os postes da cerca. As árvores e arbustos do lado de dentro da base eram manchas escuras entre as dunas. Do mesmo modo que ele os podia ver, os guardas também poderiam. Ajoelhou-se e começou a rastejar.

Um minuto mais tarde, ficou feliz por ter sido cauteloso, ao ver dois guardas patrulhando a cerca pelo lado de dentro, com um cachorro.

Aquilo era novidade. Eles não patrulhavam em duplas antes, e muito menos com cachorros.

Atirou-se deitado no chão. Os dois homens não pareciam especialmente alertas. Caminhavam normalmente, não marchavam. O que segurava o cão falava animadamente enquanto o outro fumava. Quando se aproximaram, Harald pôde ouvir suas vozes acima do barulho das ondas quebrando na praia. Ele tinha aprendido alemão na escola, como todas as crianças dinamarquesas. O homem contava uma história cheia de fanfarronadas sobre uma mulher chamada Margareta.

Harald estava a cinqüenta metros da cerca. Quando os guardas se aproximaram do ponto mais próximo dele, o cão farejou o ar. Provavelmente podia sentir o cheiro de Harald, mas não sabia onde ele se encontrava. O animal latiu, incerto. O guarda que o conduzia não era tão treinado quanto o cachorro, mandou que ele se calasse e continuou explicando como convencera Margareta a se encontrar com ele no bosque. Harald deixou-se ficar completamente imóvel. O cão latiu de novo e um dos guardas acendeu uma lanterna poderosa. O fecho de luz da lanterna passou pelas dunas, mas passou por cima dele sem se deter.

O guarda fanfarrão prosseguiu:

- Aí ela disse que sim, mas falou para que eu tirasse no último minuto.

Os dois homens continuaram andando e o cão ficou quieto de novo.

Harald permaneceu imóvel até que eles desapareceram. Só então se virou para o lado contrário ao do mar e aproximou-se do trecho em que a cerca ficava oculta pela vegetação. Tinha medo de que os soldados tivessem cortado as árvores, mas o bosque ainda estava lá. Rastejou por entre os arbustos, atingiu a cerca e levantou-se.

Hesitou. Podia recuar daquele ponto, e ainda não teria violado nenhuma lei. Podia voltar para Kirsten e a água e concentrar-se no seu novo emprego, passando as tardes na taverna e as noites sonhando com Karen. Podia assumir, como muitos dinamarqueses, a atitude de que política e guerra não eram da sua conta. Mas só de imaginar-se fazendo uma coisa dessas, sentiu-se revoltado. Imaginou-se explicando sua decisão a Arne ou Karen, ou a tio Joachim, e a sua prima Monika, e sentiu vergonha.

A cerca ainda era a mesma, uma tela de um metro e oitenta encimada por duas carreiras de arame farpado. Harald ajeitou a mochila nas costas, para não atrapalhar, galgou a tela, pisou cautelosamente no arame farpado e pulou para o outro lado.

com aquilo ele ficava definitivamente comprometido. Estava dentro de uma base militar com uma câmera fotográfica. Se o pegassem iriam matá-lo.

Caminhou em frente rapidamente, pisando leve, mantendo-se junto dos arbustos e árvores, olhando em torno a todo instante. Passou pela torre dos holofotes e pensou com terror como estaria totalmente exposto se alguém decidisse ligar os poderosos fechos de luz. Esforçou-se para ouvir passos de alguma patrulha, mas só escutou o silêncio que sempre se seguia ao barulho das ondas, alguns minutos, desceu uma suave inclinação e entrou num renque de coníferas que lhe proporcionava boa cobertura. Pensou por um instante na razão pela qual os soldados não haviam derrubado aquelas árvores. Mas, se por um lado aumentava a segurança, por outro deixava tudo muito exposto a olhos curiosos.

Um momento mais tarde, chegou a seu destino. Agora que sabia o que estava procurando, podia ver claramente o

muro circular e a grande grade retangular se erguendo do núcleo oco, a antena girando lentamente, como um olho mecânico examinando o horizonte obscuro. Ouviu de novo o zumbido característico do motor elétrico. Era possível ver de cada lado da estrutura dois vultos menores que agora, à luz das estrelas, ele via que eram versões em miniatura da antena rotativa grande.

Quer dizer então que eram três máquinas. Harald perguntou-se qual seria o motivo. Será que, de alguma forma, aquilo explicava a superioridade do radar alemão? Examinando mais detidamente as antenas pequenas, viu que eram construídas de modo diferente. Seria preciso olhar de novo de dia, mas teve a impressão de que podiam ser tanto giradas como inclinadas. Por que seria? Tinha que tirar boas fotos das três peças.

Na primeira vez em que estivera ali, Harald pulara o muro circular com medo, depois de ouvir um guarda tossir nas proximidades. Agora que tinha tempo para pensar, era capaz de apostar que havia um jeito mais fácil de passar para o lado de dentro. O muro era necessário para proteger o equipamento de danos acidentais, mas os engenheiros certamente tinham que entrar para fazer a manutenção do aparelho. Harald foi caminhando ao longo do perímetro do muro até dar com uma porta de madeira.

Como não estava trancada, entrou e fechou-a com cuidado para não fazer barulho.

Sentiu-se um pouco mais seguro. Ninguém poderia vê-lo do lado de fora. Os engenheiros não iam fazer manutenção naquela hora da noite, a menos que fosse para atender a alguma emergência. E se alguém entrasse, podia ter tempo de pular o muro antes de ser localizado.

Examinou a grande grade giratória. Devia captar os sinais de rádio refletidos nas aeronaves, pensou. A antena devia funcionar como uma lente, concentrando os sinais recebidos. O cabo que saía da base da instalação levava os dados para os novos prédios que Harald ajudara a construir. Lá, presumivelmente, os resultados eram exibidos em monitores e havia operadores sempre prontos para alertar a Luftwaffe.

Ali na semi-obscuridade, ouvindo o zumbido daquela aparelhagem enorme e com o cheiro do ozônio gerado pela eletricidade nas narinas, Harald sentiu que se encontrava no coração da máquina de guerra. A luta entre cientistas e engenheiros de ambos os lados poderia ser tão importante quanto o choque dos tanques e metralhadoras no campo de batalha. E ele se tornara parte dessa luta.

Ouviu o ronco de um avião. Como não havia luar, provavelmente não era um bombardeiro. Talvez fosse um caça alemão em um vôo local, ou um transporte civil que se perdera. Harald gostaria de saber se a grande antena detectara sua aproximação uma hora atrás. Gostaria também de saber se as antenas menores estariam apontadas para ele. Decidiu dar uma olhada mais de perto.

Uma das antenas menores estava voltada para o mar, a direção de onde a aeronave se aproximava. A outra apontava para o interior. Ambas estavam inclinadas em ângulos diferentes dos que vira ao chegar. Quando o avião se aproximou mais, Harald notou que a primeira antena se inclinou mais, como se o seguisse. A outra continuou a mover-se, sem que ele conseguisse determinar a que estaria reagindo.

O avião cruzou a ilha de Sande, seguiu para o continente e o prato da antena continuou a segui-lo até que o ronco do motor não foi mais ouvido. Harald retornou ao seu esconderijo do lado de dentro do muro circular, meditando sobre o que acabara de ver.

O céu começava a clarear. Aquela época do ano, o dia raiava antes das três horas. Em mais uma hora o sol nasceria.

Ele pegou a camera que estava na mochila. Arne tinha lhe mostrado como usá-la. Quando foi ficando mais claro, Harald passou de novo para o lado de dentro, procurando descobrir quais seriam os melhores ângulos para tirar fotos que revelassem cada detalhe das instalações.

Harald e Arne tinham combinado que as fotos seriam tiradas Quando faltassem quinze minutos para as cinco horas.

O sol já teria nascido, mas seus raios ainda não incidiriam sobre a parte de dentro do muro. Não era necessária a luz do sol - o filme dentro da camera era sensível o bastante para registrar os detalhes sem que fosse preciso muita luz.

com o passar do tempo, os pensamentos de Harald foram se voltando ansiosamente para a questão da fuga. Chegara de noite e entrara na base protegido pela escuridão, mas não podia esperar até a noite do dia seguinte para ir embora. Era quase certo que houvesse pelo menos uma inspeção de rotina por dia, mesmo que não houvesse nada errado com o equipamento. Portanto, tinha que escapar assim que acabasse de tirar as fotografias - quando já seria pleno dia. A partida seria muito mais perigosa que a chegada.

Pensou no caminho que deveria tomar. Ao sul do ponto onde se encontrava, na direção da casa de seus pais, a cerca ficava apenas a uns duzentos metros de distância, mas teria que atravessar uma faixa de dunas sem qualquer vegetação. Seguindo pelo norte, refazendo o caminho por onde viera, a vegetação o esconderia a maior parte do caminho. O caminho era mais longo, mas também mais seguro.

Harald perguntou-se como enfrentaria um pelotão de fuzilamento. Calma e orgulhosamente, mantendo o pavor sob controle ou implorando piedade, urinando-se nas calças?

Obrigou-se a esperar calmamente. A claridade aumentava e o ponteiro dos minutos parecia arrastar-se pelo mostrador do seu relógio. Não ouvia sons vindos de dentro.

O dia de um soldado começa cedo, mas Harald tinha esperança de que não houvesse muita atividade antes das seis horas - quando já teria ido embora.

Por fim, chegou a hora de tirar os retratos. O céu não tinha nuvens e a manhã era clara. Podia ver cada rebite e terminal do complexo equipamento que tinha diante de si. Focalizando com o maior cuidado, fotografou a base giratória, os cabos e a grade da antena. Abriu uma trena que pegara na caixa de ferramentas do mosteiro e colocou-a em algumas fotos a fim de dar uma idéia da escala - uma brilhante idéia que tivera.

Depois tinha que passar para o lado de fora.

Hesitou. Ali dentro sentia-se seguro. Mas tinha que fotografar as duas antenas menores.

Empurrou um pouquinho a porta. Tudo calmo. Podia dizer, pelo barulho da arrebentação, que a maré estava subindo. A base estava banhada pela luz pálida de uma manhã

à beira-mar. Não havia sinal de vida. Era a hora em que os homens dormem pesadamente e até os cachorros sonham.

Fotografou com todo o cuidado as duas antenas, que eram protegidas apenas por muros baixos. Pensando na função que teriam, concluiu que uma delas estivera rastreando uma aeronave que estava dentro do seu alcance visual. Mas a finalidade essencial daquele conjunto de aparelhos era detectar os bombardeiros antes que pudessem ser vistos. Presumivelmente a antena menor estaria rastreando outra aeronave.

Enquanto tirava as fotos, ia estudando o quebra-cabeça. Como três aparelhos se associariam para aumentar a eficiência dos caças da Luftwaffe? Talvez a antena grande fosse a primeira a avisar a aproximação de um bombardeiro enquanto a outra o rastreava dentro do espaço aéreo da Alemanha. Mas, então, o que fazia a segunda antena menor?

Ocorreu-lhe que havia outro avião no céu - o caça que tinha sido convocado para atacar o bombardeiro. Será que a segunda antena era usada pela Luftwaffe para rastrear sua própria aeronave! Parecia loucura, mas quando recuou para fotografar as três antenas juntas, a fim de mostrar como eram dispostas em relação umas às outras, achou que fazia todo o sentido. Se o controlador da Luftwaffe conhecesse a posição do bombardeiro e do caça, poderia dirigir o caça pelo rádio até que fizesse contato com o bombardeiro.

Começou a ver como a Luftwaffe podia estar trabalhando. A antena grande dava o primeiro aviso da incursão inglesa, para que os caças pudessem ser reunidos a tempo.

Uma das antenas menores pegava um bombardeiro quando este se aproximava. A outra rastreava um caça,

possibilitando ao controlador orientar o piloto do caça precisamente até a localização do bombardeiro. Depois disso era como atirar em peixes dentro de um barril.

A metáfora fez com que Harald pensasse em como estava exposto, em pé, em plena luz do dia, no meio de uma base militar e, ainda por cima, fotografando equipamento ultra-secreto. O pânico correu em suas veias como veneno. Tentou acalmar-se e tirar as últimas fotos que planejava, mostrando as três antenas de ângulos diferentes, mas estava apavorado demais. Tinha feito pelo menos vinte fotos. Tinha de ser o suficiente, disse a si próprio.

Enfiou a camera na mochila e começou a se afastar rapidamente. Esquecendo sua decisão de seguir pela rota norte, mais longa, porém mais segura, dirigiu-se para o sul, atravessando as dunas. Naquela direção a cerca era visível, um pouco além da casa de barcos em que tropeçara da última vez. Agora passou pelo lado do mar e a casa haveria de encobri-lo por alguns metros. Ao se aproximar da casa, um cão latiu. Harald virou-se bruscamente, mas não viu nem os soldados nem o cão. Só aí é que se deu conta de que o som viera da casa de barcos. Os soldados deviam estar usando a construção abandonada como canil. Um segundo cachorro aderiu aos latidos.

Saiu correndo em louca disparada.

Os cachorros excitaram-se uns aos outros, e todos passaram a latir e logo o barulho ficou histericamente alto. Harald atingiu a casa de barcos e desviou-se na direção do mar, tentando ficar atrás dela, protegido dos prédios principais, até chegar na cerca. O medo deu-lhe velocidade. A cada segundo esperava ouvir um disparo.

Alcançou a cerca, sem saber se fora visto ou não, escalou-a como um macaco e saltou por cima do arame farpado no topo. Caiu pesadamente na água rasa do outro lado, levantou-se de qualquer maneira e deu uma olhada para trás. Alguns metros além da casa de barcos, agora parcialmente oculta pelos arbustos e árvores, era possível distinguir os prédios principais, mas não havia soldados à vista. Harald virou-se e saiu correndo de novo. Permaneceu na água rasa por uns cem metros, para que os cachorros não pudessem segui-lo pelo faro, e depois virou para terra firme. Deixou pegadas leves na areia, mas sabia que a maré, que subia rapidamente, as cobriria em um ou dois minutos. Logo atingiu as dunas, onde não deixaria traços visíveis.

Em questão de minutos estava na estrada de terra. Olhou para trás e viu que ninguém o seguia. Ofegando, seguiu para casa, passou direto pela igreja e foi para a porta da cozinha. Estava aberta. Seus pais acordavam cedo. Entrou e encontrou a mãe diante do fogão, vestida com um roupão. Ao vê-lo, deu um grito de susto e deixou cair a chaleira de cerâmica, que quebrou o bico no piso ladrilhado. Harald pegou os dois pedaços.

- Desculpe tê-la assustado.
- Harald!

Ele abraçou-a e deu-lhe um beijo.

- Meu pai está em casa?
- Na igreja. Não houve tempo ontem à noite, e por isso ele foi lá colocar as cadeiras nos lugares.
- O que aconteceu ontem?

A pergunta de Harald era justificável, já que não havia serviços religiosos nas tardes das segundas-feiras.

- A junta dos diáconos reuniu-se para discutir o seu caso. Vão expulsar você no domingo.
- A vingança dos Flemming - Harald achou estranho que um dia tivesse achado isso importante.

A esta hora, os guardas já teriam ido investigar o que perturbara os cães. Se fossem meticolosos, talvez verificassem as casas próximas à base e procurassem um fugitivo escondido nos galpões e celeiros.

- Mãe, se os soldados aparecerem, você diz a eles que passei a noite inteira dormindo na minha cama.
- O que foi que aconteceu? - perguntou ela, com medo.
- Explico depois.

Pareceria mais natural se ele ainda estivesse na cama, pensou Harald.

- Não, diga que ainda estou dormindo, está bem?
- Está bem.

Ele saiu e foi para seu quarto, no andar de cima. Pendurou a mochila nas costas da cadeira, pegou a máquina fotográfica e guardou em uma gaveta. Chegou a pensar em escondê-la, mas não havia tempo e uma camera escondida seria prova de culpa. Despiu-se rapidamente, vestiu o pijama e foi para a cama.

Logo ouviu a voz do pai na cozinha. Saiu da cama e foi ouvir no patamar da escada.

- O que ele está fazendo aqui? - perguntou o pastor.
- Escondendo-se dos soldados - respondeu a mãe de Harald.
- Pelo amor de Deus, em que este menino se meteu agora? - Não sei, mas...

Ela foi interrompida por uma forte batida na porta. Uma voz de homem jovem falou em alemão:

- Bom-dia. Estamos procurando uma pessoa. A senhora por acaso viu alguém estranho por aqui nas últimas horas?
- Não, não vi ninguém - o nervosismo na voz da mãe era tão evidente que o soldado não podia deixar de ter percebido, mas talvez estivesse acostumado a ver as pessoas sentirem medo dele.

- E o senhor, viu?

A resposta do pai de Harald foi dada com firmeza. - Não.

- Tem mais alguém na casa?
- Meu filho - respondeu a mãe de Harald. - Ele ainda está dormindo.
- Preciso revistar a casa - a voz era polida, mas aquilo era uma declaração, não uma afirmativa.
- Eu o acompanho - disse o pastor.

Harald voltou para a cama, o coração batendo com força. Ouviu o barulho das botas do alemão nos pisos ladrilhados do primeiro andar, e portas abrindo e fechando.

Depois as botas subiram a escada de madeira. Seu pai e o alemão entraram no quarto do casal, depois no antigo quarto de Arne e finalmente se aproximaram do quarto de Harald. Ele ouviu a maçaneta girar.

Harald fechou os olhos, fingindo dormir, e tentou respirar com calma e uniformemente.

A voz do alemão afirmou, quase murmurando:

- Seu filho. - Sim. Pausa.
- Ele passou a noite inteira aqui?

Harald prendeu a respiração. Sabia que o pai jamais dissera uma mentira.

- Passou sim. A noite inteira.

Harald ficou estupefato. Seu pai mentira por ele. O velho tirano de coração duro, empertigado, virtuoso, quebrara as próprias regras. Afinal de contas, era humano.

Harald sentiu as lágrimas por trás das pálpebras cerradas.

As botas retrocederam ao longo do corredor, desceram a escada e Harald ouviu o soldado se despedir. Só então saltou da cama e foi até o patamar da escada.

- Pode descer agora - disse o pai. - O soldado já foi embora.

Ele desceu. Seu pai estava com um ar solene.

- Muito obrigado, pai - agradeceu Harald.
- Cometi um pecado - disse-lhe o pai. Por um momento Harald pensou que ele fosse se zangar, mas o rosto envelhecido abrandou-se. - Mas acredito em um Deus misericordioso.

Harald imaginou a agonia do conflito em que o pai se debatera nos últimos minutos, mas não soube como dizer que compreendia. Só foi capaz de pensar em um aperto de mãos. Estendeu a mão.

Seu pai olhou para ela e depois a apertou. Mas aí puxou Harald para junto de si e passou o braço esquerdo pelos ombros do filho. Tinha os olhos fechados, lutando para conter a emoção profunda. Quando falou, a voz estrondosa de pregador havia desaparecido e as palavras foram pronunciadas num murmúrio angustiado.

- Pensei que iam matar você - disse ele. - Pensei que iam matar você, filho querido.

ARNE OLUFSEN escorregara por entre os dedos de Peter Flemming.

Peter ficou pensando nisso enquanto cozinhava um ovo para o café da manhã de Inge. Depois que Arne se livrara da vigilância em Bornholm, Peter dissera, indiferente, que em breve o pegariam de novo. A confiança de Peter, contudo, fora exagerada. Acreditara que Arne não seria esperto o bastante para sair da ilha sem ser visto - e se enganara. Peter não sabia ainda como Arne conseguira, mas, sem dúvida nenhuma, ele voltara a Copenhague, pois um policial uniformizado o vira no Centro da cidade. O policial o perseguira, mas Arne se livrara dele - e desaparecera de novo.

Alguma atividade de espionagem estava, evidentemente, ocorrendo, como o chefe de Peter, Frederik Juel, comentara com gélida ironia.

- Tudo indica que Olufsen está realizando manobras evasivas - disse ele.

O general Braun foi mais direto.

- A morte de Poul Kirke claramente impediu que fosse desmontada a quadrilha de espões - disse. - Vou convocar a Gestapo.

Não houve mais conversas sobre a promoção de Peter a chefe do departamento. O que era uma injustiça, na avaliação furiosa de Peter. Ele descobrira os espões, encontrara a mensagem secreta no calço do avião, prendera os mecânicos, fizera uma incursão na sinagoga, prendera Ingemar Gammel, fizera outra incursão, desta vez na escola de aviação, matara Poul Kirke e expusera Arne Olufsen. Enquanto isso, pessoas como Juel, que nada fizera, podiam denegrir suas realizações e impedi-lo de obter o reconhecimento que merecia.

Mas ele ainda não estava liquidado. "Posso encontrar Arne Olufsen!", dissera ao general Braun na noite anterior. Juel começara a objetar, mas Peter sobrepôs-se a ele. "Só preciso que o senhor me dê vinte e quatro horas. Se ele não estiver preso amanhã de noite, chame a Gestapo."

Braun concordara.

Arne não voltara para o quartel. Nem estava com os pais em Sande, de modo que só podia ter ido se esconder na casa de um outro espião. Todos eles, no entanto, mantinham agora discreção total. Uma pessoa, contudo, que provavelmente conhecia a maioria dos espiões, era Karen Duchwitz. Fora namorada de Poul e seu irmão estudava na mesma escola que o primo de Poul. Karen não era espiã, Peter tinha certeza, e não tinha, portanto, razão para adotar uma atitude discreta. Talvez ela levasse Peter a Arne.

Era um tiro no escuro, mas era só o que tinha.

Peter adicionou sal e um pouquinho de manteiga ao ovo quente e depois levou a bandeja para o quarto. Sentou Inge na cama e deu-lhe uma colherada. Teve a impressão de que ela não gostou muito. Provou, ele mesmo, achou bom e resolveu dar outra colherada. Depois de um momento ela cuspiu tudo, como um bebê. O ovo escorreu pelo seu queixo e caiu na camisola.

Peter ficou desesperado. Inge tinha feito aquela nojeira diversas vezes nas últimas semanas. Era uma novidade.

- Inge nunca teria feito isso - disse, em voz alta.

Largou a bandeja, deixou-a sozinha e foi telefonar. Discou o número do hotel em Sande e pediu para falar com o pai, que sempre ia trabalhar cedo. Quando o pai atendeu, Peter disse:

- Você tinha razão. Está na hora de internar Inge.

Peter examinou o Teatro Real, uma construção em pedra amarela do século XIX, caracterizada por sua cúpula imponente. Sua fachada era ornamentada com colunas, pilastras, capitéis e com trabalhos de talha representando coroas de flores, grinaldas, escudos, liras, máscaras, querubins, sereias e anjos. No telhado havia urnas, tocheiros e criaturas de quatro patas com asas e seios humanos.

- É um pouco exagerado - comentou ele. - Mesmo para um teatro.

Tilde Jespersen deu uma risada.

Os dois estavam sentados na varanda do Hotel d'Angleterre. Dali tinham uma boa visão da Kongens Nytorv, a maior praça da cidade de Copenhague, onde ficava o Teatro Real. No interior da casa de espetáculos, estudantes da escola de balé assistiam a um ensaio de Lês Sylphides, a produção em cartaz. Peter e Tilde aguardavam a saída de Karen Duchwitz.

Tilde fingia ler o jornal do dia, cuja manchete da primeira página dizia:

"LENINGRADO EM CHAMAS."

Até mesmo os nazistas estavam surpresos por ver a facilidade como se desenrolava a campanha da Rússia, dizendo que o seu sucesso "ultrapassava em muito a imaginação".

Peter conversava para reduzir a tensão. Até aquele instante seu plano era um completo fracasso. Karen fora vigiada o dia inteiro, e nada fizera senão ir à escola.

Mas a ansiedade infrutífera era debilitante e levava a cometer erros, e por isso ele tentou relaxar.

- Você acha que os arquitetos projetam teatros e óperas intimidadoras para desencorajar as pessoas comuns a entrar?

- Você se considera uma pessoa comum?

- Claro - a entrada era flanqueada por duas estátuas verdes de dois homens, maiores que o tamanho natural. - Quem são aqueles dois?

- Holberg e Oehlenschläger.

Ele reconheceu os nomes. Eram dois grandes autores teatrais dinamarqueses.

- Não gosto muito de drama, falatório demais. Prefiro ver um filme, algo que me faça rir, Buster Keaton ou O gordo e o magro. A propósito, você viu um filme em que eles estavam caçando um quarto e aparece um sujeito carregando uma tábua no ombro?

Ele deu uma risada ao se recordar da cena.

- Quase caí no chão de tanto rir.

Ela lhe dirigiu um de seus olhares enigmáticos.

- Agora você me surpreendeu. Nunca pensei que gostasse de pastelões.

- O que você imaginava ser minha preferência?

- Filmes de caubói, onde os tiros asseguram o triunfo da justiça.

- Você tem razão, gosto de filmes de caubói também. E você? Gosta de teatro? O pessoal de Copenhague aprova, teoricamente, a cultura, mas a maioria nunca entrou dentro daquele prédio.

- Gosto de ópera. E você?

- Bem... as canções são legais, mas as histórias são bobas. Ela sorriu.

- Nunca pensei nisso, mas sim, você está certo. E balé?

- Na verdade, não vejo graça em balé. As roupas são esquisitas. E, para falar a verdade, fico um pouco envergonhado com aquelas calças justas dos homens.

Ela riu de novo.

- Oh, Peter. Você é tão engraçado, mas gosto de você assim mesmo.

Ele não tencionara fazer graça, mas aceitou o cumprimento alegremente.

Deu uma olhada na fotografia que segurava e que apanhara no quarto de Poul Kirke. Nela, Poul aparecia montado numa bicicleta e Karen sentada no quadro. Os dois estavam de short. Karen tinha pernas lindas e longas. Os dois pareciam tão felizes, tão alegres e cheios de energia, que por um momento Peter sentiu-se triste porque Poul tinha morrido. com serenidade, lembrou que Poul escolhera ser espião e zombar da lei.

A finalidade da foto era ajudá-lo a reconhecer Karen. Ela era atraente, com um grande sorriso e cabelo crespo, muito volumoso. A antítese de Tilde, que tinha as feições pequenas e harmoniosas num rosto redondo. Alguns homens diziam que Tilde era frígida, porque repelia suas investidas - mas eu sei que não é nada disso, pensou Peter.

Não tinham conversado sobre o fiasco ocorrido no hotel de Bornholm. Peter se sentia por demais envergonhado para levantar o assunto. E tampouco se desculparia, só serviria para agravar sua humilhação. Na sua cabeça ele estava formulando um plano, algo tão dramático que só pensava nele vagamente.

- Lá vem ela - disse Tilde.

Peter olhou para o outro lado da praça e viu um grupo saindo do teatro. Reconheceu Karen imediatamente. Estava de chapéu, um palheta inclinado na cabeça num ângulo divertido, e usava um vestido de verão amarelo-mostarda, com uma saia rodada que dançava sedutoramente em torno dos joelhos. O retrato em preto e branco não mostrara sua pele muito branca e o cabelo vermelho flamejante, nem fizera justiça ao seu ar impetuoso, óbvio para Peter mesmo de longe. A impressão que dava era de estar fazendo sua entrada em cena no palco e não de que descia meramente a escadaria externa do teatro.

Karen atravessou a praça e virou na rua principal da cidade, a Stroget.

Peter e Tilde se levantaram.

- Antes de irmos - começou Peter.

- O quê?

- Você vai ao meu apartamento esta noite?

- Alguma razão especial?

- Sim, mas prefiro não explicar.
- Tudo bem.
- Obrigado - ele não disse mais nada e saiu atrás de Karen, andando depressa. Tilde seguiu-o a uma certa distância, conforme tinham combinado.

A Stroget era uma rua estreita, com as calçadas repletas de gente e um trânsito complicado, por causa dos ônibus e dos automóveis estacionados ilegalmente. Peter tinha certeza de que se dobrassem o valor das multas e passassem a multar todos os carros, o problema terminaria. Fixou a vista no chapéu de Karen. E rezou que ela não estivesse simplesmente indo para casa.

No fim da Stroget ficava a praça da prefeitura. Ali, o grupo das estudantes se dispersou. Karen continuou andando com apenas uma das garotas, conversando animadamente.

Peter aproximou-se mais. Elas passaram pelo Tivoli Garden e pararam, como se fossem se separar, mas continuaram a conversar. Duas garotas lindas e despreocupadas ao sol de uma tarde de verão. Peter perguntou-se, impaciente, quantas coisas mais elas teriam para se dizer, depois de terem passado juntas o dia inteiro.

Finalmente a amiga de Karen saiu andando na direção da estação central da estrada de ferro, e Karen seguiu na direção contrária. As esperanças de Peter aumentaram.

Será que tinha um encontro com um dos espíões? Seguiu-a, mas para sua frustração ela foi andando na direção da Vesterport, a estação dos trens de subúrbio, onde poderia pegar um trem que a levasse para a cidadezinha de Kirsteneld-aguad'águacot, onde morava.

Isso era péssimo. Só lhe restavam umas poucas horas para descobrir o paradeiro de Arne Olufsen. Era evidente que Karen não ia levá-lo a qualquer um dos espíões do bando. Tinha de forçar uma situação.

Emparelhou com ela na entrada da estação.

- com licença - disse. - Preciso falar com você. Ela o encarou e continuou andando.
- O que é? - perguntou, com fria polidez.
- Poderíamos conversar por um minuto?

Ela entrou na estação e começou a descer a escada para a plataforma.

Peter fingiu-se de nervoso.

- Estou me arriscando terrivelmente só de falar com você. Ela mordeu a isca. Parou no meio da plataforma e olhou em torno, nervosamente.

- De que se trata?

Karen tinha olhos lindos, observou Peter - de um verde surpreendente.

- É a respeito de Arne Olufsen.

Peter viu medo naqueles olhos maravilhosos e sentiu-se gratificado. Seu instinto acertara. Ela sabia de algo.

- O que é que tem ele? - Karen conseguiu manter a voz baixa e serena.
- Você não é amiga dele?
- Não. Eu só o conheci; eu me dava com um amigo dele. Mas na verdade não o conheço. Por que me pergunta isso?
- Sabe onde ele se encontra? - Não.

Ela falou com firmeza e ele pensou, desanimado, que parecia estar dizendo a verdade.

Mas ele ainda não estava pronto para desistir.

- Será que você conseguiria transmitir um recado a ele?

Ela hesitou, e o coração de Peter deu um pulso, com novas esperanças. com certeza ela estava pensando se devia mentir ou não.

- É possível - disse após um momento. - Não posso garantir. Que tipo de recado?

- Eu sou da polícia.

Karen deu um passo atrás, assustada.

- Tudo bem, estou do seu lado - Peter podia garantir que ela não acreditou. - Não tenho nada a ver com o Departamento de Segurança. Trabalho com acidentes de trânsito.

Mas nosso escritório é do lado do deles, e às vezes eu ouço o que está acontecendo.

- O que você ouviu?
- Arne está correndo grande perigo. O Departamento de Segurança sabe onde ele está se escondendo.
- Meu Deus.

Peter notou que ela não perguntou o que era o Departamento de Segurança, ou de que crime Arne estava sendo acusado, da mesma forma que não demonstrou surpresa a respeito de ele estar escondido. Por conseguinte, devia saber o que Arne andava fazendo, concluiu ele com uma sensação de orgulho.

Era base suficiente para prendê-la e interrogá-la. Mas ele tinha um plano melhor. Imprimiu à sua voz uma dramática nota de urgência:

- Eles vão prendê-lo hoje à noite. -Oh, não!
- Se você souber como entrar em contato com Arne, por favor, pelo amor de Deus, tente fazer com que seja avisado no máximo em uma hora.
- Não acho que...
- Não posso me arriscar a ser visto com você. Preciso ir. Sinto muito. Esforce-se ao máximo.

Peter virou-se e foi embora, andando depressa.

Na parte de cima das escadarias, ele passou por Tilde, que fingia estar lendo um quadro de horários. Ela não olhou para ele, mas Peter sabia que ela o vira e que a partir daquele instante passaria a seguir Karen.

Do outro lado da rua, um homem de avental de couro estava descarregando engradados de cerveja de uma carroça puxada por dois cavalos. Peter escondeu-se atrás da carroça, tirou o chapéu de abas moles, que enfiou por baixo do paletó, e substituiu-o por um boné com pala. Sabia, por experiência própria, que uma alteração simples como aquela efetuava uma mudança notável na sua aparência. Não passaria por um exame cuidadoso, mas, a um olhar superficial, parecia uma pessoa diferente.

Ainda meio escondido pela carroça, ficou observando a entrada da estação. Após alguns momentos, Karen saiu.

Tilde vinha poucos passos atrás.

Peter seguiu Tilde. Os três viraram na primeira esquina e percorreram a rua entre o Tivoli e a estação central. No quarteirão seguinte Karen entrou na sede dos Correios, um imponente edifício clássico de tijolinhos vermelhos e pedras cinzentas. Tilde entrou atrás dela.

Karen ia dar um telefonema, pensou Peter, entusiasmado. Ele correu até a entrada de funcionários, mostrou a identidade de policial para a primeira pessoa que encontrou, uma mocinha, e disse:

- Traga o gerente de serviço, rápido.

Um instante depois apareceu um homem de ombros recurvados que vestia um terno preto surrado.

- Em que posso ajudá-lo? - perguntou ele.
- Uma moça de vestido amarelo acaba de entrar no saguão principal - disse Peter. - Não quero que ela me veja, mas preciso saber o que vai fazer.

O gerente pareceu entusiasmado. Aquilo provavelmente era a coisa mais excitante que já acontecera no escritório dos Correios, pensou Peter.

- Meu Deus - disse o homem. - É melhor o senhor vir comigo. Ele saiu andando rapidamente por um corredor e abriu uma porta. Peter viu um balcão com uma fileira de bancos diante dos guichês. O gerente passou pela porta.

- Acho que a estou vendo - disse ele. - Cabelo vermelho encaracolado e chapéu de palha?
- Essa mesmo.
- Eu jamais diria que é uma criminosa.
- O que ela está fazendo?
- Consultando o catálogo telefônico. É assombroso que uma pessoa tão bonita...
- Se ela fizer uma ligação, vou ter que ouvir o que ela diz. O gerente hesitou.

Peter não tinha direito de ouvir ligações particulares sem um mandado judicial - mas tinha esperança de que o funcionário do correio não soubesse disso. - É muito importante - instou.

- Não sei se posso...
- Não se preocupe, eu assumo a responsabilidade.
- Ela está largando o catálogo.

Peter não ia deixar que Karen ligasse para Arne sem ouvir o que ia ser dito. Se fosse preciso, sacaria da arma e ameaçaria aquele burocrata sonolento, decidiu.

- Sou obrigado a insistir.
- Nós temos regras aqui. -Mesmo assim...
- Ah! Ela deixou o catálogo, mas não veio para o balcão. Está indo embora! - exclamou, aliviado.

Peter, frustrado, soltou uma praga e correu para a saída.

Abriu uma fresta e deu uma espiada. Viu Karen atravessando a rua. Esperou até Tilde aparecer, seguindo Karen. Aí então foi atrás.

Estava desapontado, mas não derrotado. Karen sabia o nome de uma pessoa que podia entrar em contato com Arne. E procurara o nome dessa pessoa no catálogo telefônico.

Por que diabos não telefonara? Talvez tivesse medo - justificado, por sinal - de que a conversa pudesse ser ouvida pela polícia ou pela segurança alemã numa monitoração de rotina.

Ainda assim, se ela não quis o número do telefone, devia estar procurando só o endereço. E agora, se a sorte de Peter estivesse funcionando, dirigia-se para esse endereço.

Perdeu Karen de vista mas continuou seguindo Tilde. Andar atrás dela era sempre um prazer. Era bom ter uma desculpa para ficar apreciando suas curvas. Ela saberia que ele a estava observando fixamente? Estaria exagerando o ondular dos quadris deliberadamente? Ele não tinha idéia. Quem pode dizer o que se passa dentro da cabeça de uma mulher?

Atravessaram a pequena ilha de Christiansbor e seguiram pela orla, com o porto à direita e os velhos prédios do governo à esquerda. O ar quente da cidade era resfriado ali pela brisa salgada do mar Báltico. O canal largo estava cheio de cargueiros, barcos de pesca, barcas e navios das armadas alemã e dinamarquesa. Dois jovens marinheiros saíram andando alegremente atrás de Tilde, provocando-a, mas ela falou grosso com eles, que deram o fora imediatamente.

Karen andou até o palácio de Amalienborg e depois virou na direção contrária ao mar. Sempre seguindo Tilde, Peter atravessou a praça ampla formada pelas quatro mansões em estilo rococó onde morava a família real. Ali entraram em Nyboder, um bairro de casas pequenas, construídas originalmente como residências baratas para marinheiros.

Entraram em uma rua chamada St. Paul's Gade. Peter podia ver Karen a distância, olhando para uma fileira de casas amarelas com telhado vermelho, aparentemente procurando um número. Ele teve a forte sensação de que se encontrava perto de sua presa.

Karen parou e olhou para os dois lados da rua, como se verificasse se estava sendo seguida. Tarde demais para isso, claro, mas ela era amadora. De qualquer modo, não pareceu reparar em Tilde e Peter estava longe demais.

Ela bateu numa porta.

Quando Peter atingiu o ponto onde se encontrava Tilde, a porta se abriu. Não foi possível ver quem estava lá dentro. Karen disse qualquer coisa e entrou. A porta fechou-se. Era o número cinquenta e três, observou Peter.

- Acha que Arne está aí? - perguntou Tilde.
- Ou ele, ou alguém que sabe onde ele está.
- O que você quer fazer?
- Esperar - ele olhou para um lado e para o outro. Na outra calçada havia uma loja de esquina. - Ali.

Eles atravessaram e pararam diante da vitrina. Peter acendeu um cigarro.

- A loja provavelmente tem um telefone - disse Tilde. Devemos telefonar para o quartel-general? Podíamos entrar à força. Não sabemos quantos espões há lá dentro.

Peter avaliou a hipótese de pedir reforços.

- Ainda não - disse por fim. - Não temos certeza do que está acontecendo. Vamos ver como isto se desenrola.

Tilde aquiesceu. Ela havia tirado a boina azul-celeste e pusera um lenço de padrão indefinido na cabeça. Peter observou-a enfiando os cachos do cabelo louro por baixo do lenço. Teria uma aparência diferente quando Karen saísse, e era menos provável que ela a reconhecesse.

Tilde tirou o cigarro dos dedos de Peter, levou-o à sua própria boca, tragou a fumaça e devolveu o cigarro. Foi um gesto íntimo, e ele sentiu que tinha sido quase como se ela o houvesse beijado. Percebendo que ruborizava, desviou o olhar para a casa de número cinquenta e três.

A porta abriu-se e Karen saiu.

- Olha - disse ele, e Tilde seguiu seu olhar.

A porta fechou-se atrás de Karen e ela afastou-se sozinha. -Droga!

- O que fazemos agora? - quis saber Tilde.

Peter pensou depressa. Se Arne estivesse dentro da casa amarela, Peter precisava convocar reforços, arrombar a casa e prendê-lo e quem mais estivesse em sua companhia.

Por outro lado, Arne podia estar em outro lugar e Karen podia estar a caminho de lá e nesse caso Peter teria de segui-la.

Ou era possível também que Karen tivesse desistido, por não conseguir o que queria, e estivesse voltando para casa.

Ele se decidiu.

- Vamos nos separar - disse a Tilde. - Você segue a Karen. Eu telefono para o quartel-general e invado a casa.
- Está bem - Tilde saiu apressadamente.

Peter entrou na loja. Era uma mercearia dessas que vendem tudo, de pão e verduras a sabões e fósforos. Havia latas de comida nas prateleiras e o chão estava obstruído por pilhas de lenha e sacos de batata. Sujo, mas próspero, na avaliação de Peter. Mostrou o crachá para uma mulher de cabelos grisalhos e avental cheio de manchas.

- Tem um telefone?
- vou ter que cobrar a ligação.

Ele revirou o bolso à procura de dinheiro.

- Onde fica? - perguntou Peter, impaciente.

Ela meneou a cabeça na direção de uma cortina nos fundos.

- Por ali.

Ele atirou algumas moedas em cima do balcão, passou pela cortina e viu-se numa saleta cheirando a gato. Pegou o telefone, ligou para o Politigaarden e chamou Conrad.

- Acho que descobri o esconderijo de Arne. Número cinqüenta e três da St. Paul's Gade. Convoque Dresler e Ellegard. Quero que vocês venham para cá o mais depressa possível.

- Deixa comigo.

Peter desligou e saiu correndo. Tinha perdido menos de um minuto. Se alguém houvesse saído da casa, ainda seria visível na rua. Olhou para um lado e para outro.

Viu um velho com uma camisa sem colarinho puxando um cachorro artrítico, os dois se deslocando com penosa lentidão. Um pônei cheio de vida puxava uma carroça sem proteções laterais, carregando um sofá com buracos no estofamento de couro. Um grupo de meninos jogava uma pelada de futebol na rua com uma bola de tênis careca de tão usada. Nem sinal de Arne. Ele atravessou a rua.

Por um momento permitiu-se antecipar a satisfação que sentiria em prender o filho mais velho da família Olufsen. Seria uma vingança e tanto da humilhação sofrida por Axel Flemming tantos anos atrás. Vindo logo depois da expulsão da escola do filho mais moço, o desmascaramento de Arne como espião ia certamente significar o fim da hegemonia do pastor Olufsen. Como poderia continuar vangloriando-se e pregando na igreja depois do que seus filhos tinham feito? Teria de se demitir.

O pai de Peter ficaria feliz.

A porta do número cinqüenta e três abriu-se. No momento em que Arne pôs o pé do lado de fora, Peter enfiou a mão por baixo do paletó e tocou no revólver que carregava no coldre de ombro.

Peter sentiu-se entusiasmado. Arne tinha raspado o bigode e coberto o cabelo preto com um boné de trabalhador, mas Peter, que o conhecia desde menino, reconheceu-o imediatamente.

Após um momento, o triunfo foi substituído por cautela. Era comum haver problemas quando um agente tentava efetuar sozinho uma prisão. A possibilidade de fuga era tentadora para o preso que se via diante de um único policial. E quando este policial era um detetive de roupa comum, sem a autoridade de um uniforme, a coisa ainda era pior. Se houvesse uma luta, os transeuntes não tinham como saber que um dos dois era um agente da lei e podia inclusive intervir do lado errado.

Peter e Arne já tinham brigado uma vez, doze anos antes, na época da briga entre as duas famílias. Peter era maior, mas Arne tinha melhor preparo físico e era forte por causa de todos os esportes que praticava. Não houve um resultado bem definido. Os dois trocaram diversos golpes e logo foram apartados. Hoje havia uma diferença - Peter tinha uma arma. Mas podia ser que Arne também tivesse uma.

Arne bateu a porta da casa e atravessou a rua, caminhando na direção de Peter.

Quando se aproximaram mais um pouco, Arne evitou olhar diretamente para Peter e veio andando na parte interna da calçada, perto das paredes das casas, à maneira de um fugitivo. Peter ficou junto do meio-fio, observando furtivamente a fisionomia de Arne.

Quando estavam a dez metros de distância, Arne dirigiu um olhar de soslaio ao rosto de Peter. Esse o encarou diretamente, olho no olho, atento à sua expressão. Viu, sucessivamente, indicações de espanto, reconhecimento, choque, medo e pânico. Arne parou, momentaneamente imóvel.

- Você está preso - disse Peter.

Arne recuperou parcialmente a compostura e, por um momento, exibiu o costumeiro sorriso petulante.

- Pete Gabola - disse, usando um apelido de infância. Peter viu que Arne ia tentar fugir e sacou a arma.

- Deita no chão com o rosto para baixo e as mãos para trás. Arne pareceu mais preocupado do que amedrontado.

Em um momento de insight, Peter viu que não era da arma que Arne tinha medo, mas sim de outra coisa.

- Está pronto para atirar em mim? - indagou Arne, em tom desafiador.

- Se necessário.

Peter empunhou a arma ameaçadoramente, mas na verdade estava desesperado para conseguir pegar Arne vivo. A morte de Poul Kirke transformara a investigação em um beco sem saída. Queria interrogar Arne, não matá-lo.

Arne sorriu enigmaticamente, virou-se e saiu correndo. Peter apontou a arma e mirou nas pernas de Arne. Sabia que era impossível atirar com muita precisão usando uma pistola, e também que podia atingir qualquer parte do corpo dele ou nenhuma. Mas Arne estava se afastando e as chances de Peter detê-lo diminuía a cada segundo.

Peter puxou o gatilho. Arne continuou correndo.

Peter disparou repetidamente. Depois do quarto tiro Arne pareceu vacilar. Peter disparou de novo e ele caiu, desabou no chão com o baque de um peso morto e rolou de costas.

- Oh, meu Deus, de novo, não! - exclamou Peter. Ele adiantou-se correndo, sempre apontando a pistola. O corpo estendido no chão permaneceu imóvel. Peter ajoelhou-se ao lado.

Arne abriu os olhos. com o rosto lívido de dor.

- Seu porco estúpido, você devia ter me matado! - disse.

Tilde foi ao apartamento de Peter naquela noite. Usava uma blusa nova cor-de-rosa com flores bordadas nos punhos. Rosa lhe caía bem, avaliou Peter. Ressaltava sua feminilidade. Fazia calor e ela parecia não usar nada por baixo da blusa.

Ela a conduziu para a sala. O sol ainda estava de fora, iluminando o aposento com um brilho estranho, meio que dissolvendo o contorno da mobília e dos quadros nas paredes. Inge estava sentada numa cadeira ao lado da lareira, contemplando a sala com o inexpressivo olhar de sempre.

Peter puxou Tilde para os seus braços e beijou-a. Ela ficou imóvel, surpresa e depois retribuiu o beijo. Ele acariciou seus braços e quadris.

Tilde recuou e encarou Peter. Ele podia ver o desejo expresso nos seus olhos, mas via também que estava perturbada. Ela olhou para Inge.

- Isto está certo? - perguntou. Ele acariciou seu cabelo.

- Não diga nada.

Peter beijou-a de novo, avidamente. Os dois tornaram-se mais apaixonados. Sem interromper o beijo, ele desabotoou a blusa de Tilde, expondo-lhe os seios macios.

Acariciou sua pele quente.

Tilde recuou de novo, ofegante. Seus seios subiam e desciam, acompanhando a respiração.

- E ela? - perguntou. - E Inge?

Peter olhou para a mulher. Ela olhava para os dois com um olhar inexpressivo, sem demonstrar emoção alguma, como sempre.

- Não há ninguém ali - disse a Tilde. - Não há absolutamente ninguém. - Ela o encarou. No seu olhar, misturavam-se pena e compreensão com curiosidade e desejo.

- Está bem - disse, por fim. - Está bem.

Ele baixou a cabeça e enfiou o rosto entre seus seios nus.

PARTE TRÊS

A TRANQUÍLA ALDEIA de Jansborg era assustadora ao crepúsculo. Os habitantes dormiam cedo, e as ruas ficavam desertas e as casas escuras e silenciosas. A impressão de Harald foi de que atravessava um lugar onde alguma coisa terrível havia acontecido, e ele era a única pessoa que não sabia.

Harald deixou a motocicleta do lado de fora da estação da estrada de ferro. Não chamava tanta atenção quanto temera antes, porque ao lado dela estava um Opel Olympia cabriolet com uma estrutura de madeira por cima da parte de trás da capota a fim de acomodar o enorme equipamento do gasômetro.

Deixou a moto e foi caminhando até a escola, na escuridão cada vez mais densa.

Depois de escapar do policial em Sande, ele voltara para a cama e dormira pesadamente até o meio-dia. A mãe o despertou, alimentou-o com um vasto almoço de carne de porco fria com batatas, enfiou dinheiro no seu bolso e suplicou que dissesse onde estava morando. Fragilizado pela afeição dela e pelo inesperado abrandamento do pai, ele disse que era em Kirsteneld'agud'águaot. Não mencionou, contudo, a igreja abandonada, com medo de que ela se preocupasse por estar dormindo sem conforto, e preferiu deixá-la com a impressão de que era hóspede na casa da família.

Em seguida saiu para mais uma vez atravessar a Dinamarca de leste a oeste. E agora, na noite do dia seguinte, aproximava-se de sua velha escola.

Decidira revelar o filme antes de seguir para Copenhague, onde o entregaria a Arne, que estava escondido na casa de Jens Toksvig, no bairro de Nyboder. Precisava ter certeza de que as fotos tinham sido bem tiradas e que as imagens eram nítidas e claras. Máquinas fotográficas podem falhar e fotógrafos podem cometer erros.

Não queria que Arne arriscasse a vida indo à Inglaterra com um filme em branco. A escola tinha seu próprio quarto escuro, e todos os agentes químicos necessários para a revelação. Tik Duchwitz era secretário do Clube da Fotografia e tinha uma chave.

Harald evitou o portão principal e cortou caminho pela fazenda vizinha da escola para entrar pelos estábulos. Eram dez horas da noite. Os garotos menores já estavam na cama e os médios se preparavam para dormir. Só os seniores ainda estariam acordados, a maioria nos quartos onde dormiam e estudavam. No dia seguinte haveria formatura e certamente estariam fazendo as malas para voltar para casa.

Deslocando-se cautelosamente no meio daqueles prédios tão seus conhecidos, Harald teve de lutar contra a tentação de deslocar-se furtivamente colado nas paredes e correr para atravessar os espaços vazios. Se andasse com naturalidade e confiança, ia parecer, para um observador casual, que se tratava de um garoto do último ano indo para o quarto. Ficou surpreso ao ver como era difícil fingir ser o que fora de verdade apenas dez dias atrás.

Não viu ninguém no caminho para a Casa Vermelha, o prédio onde Tik e Mads tinham seus quartos. Não havia como se esconder ao subir a escada para o andar de cima;

se encontrasse alguém, seria reconhecido na mesma hora. Mas teve sorte. O corredor estava deserto. Passou andando depressa pelos aposentos do encarregado da casa, o sr. Moller. Abriu silenciosamente a porta do quarto de Tik e entrou.

Tik estava sentado em cima da mala, tentando fechá-la.

- Você! - exclamou ao ver Harald. - Cristo Rei! Harald sentou-se ao seu lado e ajudou-o a fechar a mala.
- Ansioso para ir para casa?
- Não tenho tanta sorte - respondeu Tik. - Fui exilado em Aarhus. Vou passar o verão trabalhando numa agência do banco da família. É minha punição por ter ido àquele clube de jazz com você.
- Oh.

Harald queria muito a companhia de Tik em Kirsteneld'águald"áquaot, mas decidiu que não havia necessidade de mencionar que estava morando lá.

- O que está fazendo aqui na escola? - perguntou Tik, depois que conseguiu passar a correia na mala.
- Preciso de sua ajuda. Tik deu uma risada.
- O que é, agora?

Harald pegou o rolo de filme de 35mm no bolso das calças.

- Quero revelar isto.
 - Por que não pode levar numa loja?
 - Porque eu seria preso.
- O sorriso de Tik desapareceu e ele assumiu um ar solene.
- Você está envolvido em uma conspiração contra os nazistas?
 - Algo assim.
 - Você está correndo perigo.
 - Estou.

Alguém bateu na porta.

Harald deitou no chão e escondeu-se embaixo da cama.

- Pois não? - disse Tik.

Harald ouviu a porta se abrindo e a voz de Moller dizendo:

- Apague as luzes, por favor, Duchwitz.
- Sim, senhor.
- Boa-noite.
- Boa-noite, senhor.

A porta fechou-se e Harald saiu do esconderijo.

Os dois ficaram ouvindo Moller avançando pelo corredor, dizendo boa-noite para cada aluno. Depois o barulho de seus passos retornando e, por fim, a porta de suas acomodações se fechando. Sabiam que ele não reapareceria senão de manhã, a menos que houvesse uma emergência.

- Você ainda tem a chave do quarto escuro?
- Tenho, mas primeiro tem que entrar no laboratório. O prédio de ciências ficava fechado à noite.
- Podemos quebrar uma vidraça nos fundos.
- Quando virem o vidro quebrado saberão que alguém entrou lá.
- Qual é o problema? Você vai embora amanhã!
- Está certo.

Os dois tiraram os sapatos e saíram se esgueirando pelo corredor. Desceram a escada sem fazer barulho e calçaram os sapatos quando chegaram no primeiro piso. Depois saíram da Casa Vermelha.

Já passava das onze da noite, e estava bem escuro. Aquela hora ninguém estaria normalmente se deslocando nos terrenos da escola, de modo que eles tiveram de cuidar para não serem vistos de alguma janela. Por sorte, não havia lua. Afastaram-se correndo da Casa Vermelha, suas passadas abafadas pela grama. Quando chegaram na igreja, Harald olhou para trás e viu uma luz nos alojamentos dos seniores. Um vulto passou pela janela e parou. Uma fração de segundo mais tarde, Harald e Tik viraram na igreja.

- Acho que talvez tenhamos sido vistos - murmurou Harald.
- Há uma luz acesa na Casa Vermelha.
- Os quartos dos professores dão para os fundos - lembrou Tik. - Se alguém nos viu, deve ter sido um aluno. Nada

para nos preocupar.

Harald forceu para que ele estivesse certo.

Contornaram a biblioteca e se aproximaram do prédio de ciências por trás. Embora novo, fora projetado para se equiparar às estruturas mais antigas que o cercavam, por isso tinha paredes de tijolinhos vermelhos e janelas basculantes com seis vidros cada.

Harald tirou um sapato e bateu no vidro com o salto. A impressão que teve foi de que o vidro era bastante forte.

- Quando a gente está jogando futebol, o vidro é sempre tão frágil - murmurou. Enfiou a mão dentro do sapato e golpeou o vidro com força. Quebrou com um barulho incrivelmente escandaloso. Os dois garotos ficaram imóveis, horrorizados, mas o silêncio voltou como se não tivesse acontecido nada. Não havia ninguém nas edificações mais próximas - igreja, biblioteca e ginásio - e quando o coração de Harald serenou, ele se convenceu de que o barulho passara despercebido.

Usou o sapato para remover os pedaços de vidro pontudos que tinham ficado presos na moldura da janela. Eles caíram em cima de uma bancada do laboratório. Harald enfiou o braço e destrancou a janela. Ainda usando o sapato para proteger a mão e não se cortar, afastou os cacos para o lado e entrou.

Tik foi atrás e, juntos, os dois fecharam a janela novamente.

Aquele era o laboratório de química. O cheiro adstringente de ácidos e de amônia fez com que as narinas de Harald ardessem. Não dava para ver quase nada, mas ele conhecia muito bem o laboratório e conseguiu chegar na porta sem bater em nada. Passou para o corredor e descobriu a porta do quarto escuro.

Uma vez que os dois se viram dentro do quarto escuro, Tik trancou a porta e acendeu a luz. Harald percebeu que, do mesmo modo que não podia entrar luz ali, também não poderia sair.

Tik enrolou as mangas da camisa e começou a trabalhar. Encheu uma pia de água morna e mexeu nos produtos químicos que se encontravam em alguns jarros. Depois tomou a temperatura da água e acrescentou água mais quente até que ficou satisfeito. Harald compreendia o processo da revelação de fotografias, mas nunca fizera aquilo e tinha que confiar no amigo.

E se alguma coisa tivesse saído errado - se a objetiva não tivesse funcionado apropriadamente, se o filme tivesse velado ou se as imagens tivessem saído desfocadas?

Todos os retratos seriam inúteis. Teria coragem de tentar de novo? Voltar a Sande, galgar a cerca no escuro, esgueirar-se para dentro da instalação, esperar que o sol nascesse e depois tentar fugir à luz do dia? Não tinha certeza se seria capaz de reunir a determinação necessária para repetir tudo aquilo de novo.

Quando terminou a fase preparatória, Tik ajustou um marcador de tempo e apagou a luz. Harald ficou sentado pacientemente no escuro enquanto Tik desenrolava o filme e começava o processo de revelação das fotos - se houvesse alguma foto. Explicou que primeiro banhava o filme em pirogalol, que reagiria com os sais de prata para formar uma imagem visível. Sentados, os dois esperaram que o alarme soasse, quando então Tik lavou o filme em ácido acético a fim de interromper a reação. Finalmente banhou o filme em hipossulfito para fixar a imagem.

- Acho que está bom - disse ele por fim.

Harald conteve a respiração.

Tik acendeu a luz. Harald ficou ofuscado por um instante, sem conseguir enxergar. Quando sua visão clareou, fixou os olhos na tira de filme acinzentado que Tik segurava.

Ele tinha arriscado a vida por aquilo. Tik segurou o filme contra a luz. No Princípio Harald não viu nada e achou que teria de refazer tudo. Depois se lembrou que estava vendo um negativo, em que o preto era branco e vice-versa e começou a distinguir as imagens. Viu uma imagem invertida da grande antena retangular que tanto o intrigara quando a vira pela primeira vez quatro semanas atrás.

Ele tinha conseguido.

Deu uma espiada na seqüência de imagens e reconheceu cada uma: a base rotativa, os cabos, a grade vista de diversos ângulos, duas máquinas menores com suas antenas inclinadas e, finalmente, a última fotografia, uma vista geral das três estruturas, quando ele estava entrando em pânico.

- Elas saíram! - exclamou, triunfante. - Estão ótimas! Tik ficou pálido.
- De que são essas fotos? - perguntou, amedrontado.
- Umhas máquinas novas que os alemães inventaram para detectar aeronaves.
- Eu preferia não ter perguntado. Você sabe qual é a punição para isto que estamos fazendo?
- Fui eu que tirei as fotos.
- E fui eu que revelei o filme. Meu Deus do céu, podíamos ser enforcados!
- Eu falei do que se tratava.
- Eu sei, mas na verdade não pensei que podia ser uma coisa dessas.
- Sinto muito.

Tik enrolou o filme e colocou-o no recipiente cilíndrico.

Justo neste momento, eles ouviram vozes.

Tik soltou um gemido.

Harald ficou imóvel, atento. A princípio não conseguiu distinguir as palavras, mas não teve dúvidas de que o som vinha de dentro do prédio, não de fora. Depois reconheceu a voz característica de Heis:

- Não parece haver alguém aqui. A outra voz era de um menino.
- Tenho certeza absoluta de que eles vieram para cá, senhor. Harald, cara fechada, virou-se para Tik.
- Quem...?
- Está parecendo o Woldemar Borr - murmurou Tik.
- Naturalmente - resmungou Harald. Borr era o nazista da escola. Devia ter sido ele quem os vira da janela. Que falta de sorte - qualquer outro garoto teria ficado com a boca fechada.

Ouviu-se então uma terceira voz:

- Olha, tem um vidro quebrado aqui nesta janela - era o sr. Moller. - Deve ter sido por aqui que eles entraram, quem quer que sejam.
- Vamos sair deste quarto escuro - disse Harald. - Talvez assim possamos impedir que descubram que estávamos revelando um filme.

com estas palavras ele desligou a luz, enfiou a chave na fechadura e abriu a porta.

Do lado de fora todas as luzes tinham sido acesas e Heis estava diante da porta.

- Que droga! - disse Harald.

Heis vestia uma camisa sem colarinho; evidentemente o haviam chamado quando já ia se deitar.

Ele olhou para Harald por cima do nariz comprido.

- Então é você, Olufsen.
- Sim, senhor.

Borr e o sr. Moller apareceram atrás de Heis.

- Você não é mais aluno desta escola, e sabe disso muito bem - prosseguiu Heis. - O meu dever é chamar a polícia e mandar que o prendam por roubo.

Harald sofreu um momento de pânico. Se a polícia encontrasse o filme no seu bolso, estava liquidado.

- E Duchwitz está com você... eu devia ter visto logo - acrescentou Heis, ao ver Tik atrás de Harald. - Mas o que estão fazendo?

Harald tinha que persuadir Heis a não chamar a polícia - mas não podia falar na frente de Borr.

- Senhor, posso lhe falar sozinho? Heis hesitou.

Harald decidiu que se Heis recusasse e resolvesse chamar a polícia, não ia se render assim sem mais aquela. Ia tentar fugir. Mas até onde conseguiria ir?

- Por favor, senhor - insistiu. - Só peço uma chance para me explicar.

Muito bem - concordou Heis relutantemente. - Borr, volte para a cama. E você também, Duchwitz. Sr. Moller, talvez seja melhor acompanhá-los até os respectivos quartos.

Todos se retiraram.

Heis entrou no laboratório de química, sentou-se num banco e pegou o cachimbo.

- Está bem, Olufsen - disse. - O que é que foi desta vez?

Harald pensou no que dizer. Não conseguiu imaginar uma mentira plausível, mas teve medo de que a verdade parecesse mais inacreditável do que qualquer coisa que pudesse inventar. Terminou simplesmente pegando a latinha do filme e entregando a Heis.

Heis pegou o rolo do filme e segurou contra a luz.

- Está parecendo um tipo de rádio moderno - disse. - É militar?

- Sim, senhor.

- Sabe qual é a finalidade disso?

- Rastreia aeronaves usando ondas de rádio, acho.

Então é assim que eles estão fazendo. A Luftwaffe se gaba de estar derrubando bombardeiros da RAF como moscas. A explicação está aqui.

Acredito que eles rastreiam tanto o bombardeiro quanto o caça que foi mandado interceptá-lo, de modo que o controlador pode orientar o caça com precisão.

Heis olhou por cima dos óculos.

- Meu Deus, você percebe como isto é importante?

- Acho que percebo.

Só há uma maneira dos ingleses ajudarem os russos, que será forçando Hitler a trazer os aviões que estão na frente russa para defender a Alemanha das incursões aéreas.

Heis tinha sido do Exército, portanto o pensamento militar lhe ocorria naturalmente. Harald ficou confuso.

- Não sei direito onde o senhor está querendo chegar.

Ora, essa estratégia não pode funcionar enquanto os alemães forem capazes de derrubar os bombardeiros da RAF com tanta facilidade. Mas se os ingleses descobrirem como isso é feito, poderão imaginar contramedidas.

Heis olhou em torno.

- Deve haver algum almanaque por aqui.

Harald não sabia por que Heis podia precisar de um almanaque, mas sabia onde havia um.

- Na sala de física.

Vá pegar - Heis pôs o filme em cima da bancada e acendeu o cachimbo enquanto Harald foi à sala ao lado, pegou o almanaque e o trouxe. Heis descobriu o que queria saber depois de dar uma folheada.

A próxima lua cheia é no dia oito de julho. Aposto como haverá uma grande incursão aérea nessa noite. É daqui a doze dias. Você vai conseguir levar este filme à Inglaterra até lá?

- Vai ser por conta de outra pessoa.

- Boa sorte para ele. Olufsen, você sabe o perigo que está correndo?

- Sei.

- A pena para espiões é a sentença de morte.
- Sei disso.
- Você sempre teve coragem, tenho que reconhecer - Heis devolveu o filme. - Está precisando de alguma coisa?

Comida, dinheiro, gasolina?

- Não, obrigado. Heis levantou-se.
- vou acompanhá-lo até o portão.

Os dois saíram pela porta principal. O ar frio da noite esfriou as gotículas de suor na testa de Harald. Caminharam lado a lado até o portão.

- Não sei o que vou dizer ao Moller - disse Heis.
- Posso dar uma sugestão?
- Sem dúvida.
- O senhor pode dizer que estávamos revelando fotos pornográficas.
- Boa idéia. Todo mundo vai acreditar nisso.

Quando chegaram no portão, Heis apertou a mão de Harald.

- Pelo amor de Deus, tenha cuidado, meu filho - disse o diretor da escola.
- vou ter.
- Boa sorte.
- Adeus.

Harald saiu andando na direção da aldeia.

Quando chegou na curva onde ia pegar a estrada, olhou para trás. Heis continuava no portão, observando-o. Ele acenou e Heis respondeu. Em seguida foi embora.

Enfiou-se sob um arbusto e dormiu até o sol nascer, quando então subiu na moto e foi para Copenhague.

Sentia-se bem quando atravessou os subúrbios de Copenhague na manhã ensolarada. Tinha passado por alguns momentos difíceis, mas por fim fizera o que tinha prometido.

Ja sentir-se feliz quando entregasse o filme. Arne ficaria impressionado. Aí então seu trabalho estaria terminado e caberia a Arne dar um jeito para que as fotos fossem levadas para a Inglaterra.

Depois de falar com Arne ia voltar para Kirsteneld'aguad'águaot. Teria de implorar ao fazendeiro seu emprego de volta. Trabalhara apenas um dia antes de desaparecer pelo resto da semana. Nielsen ficaria furioso - mas podia precisar tanto dos serviços de Harald que talvez o contratasse de novo.

Estar em Kirsteneld'aguad'águaot significava ver Karen. E ele ansiava por vê-la novamente. Karen não estava interessada romanticamente em Harald, e nunca estaria, mas parecia gostar dele. Da sua parte, ficava contente apenas de falar com ela. A idéia de beijá-la era tão remota que ele nem se atrevia a sonhar com uma coisa dessas.

Harald dirigiu-se para Nyboder. Arne lhe dera o endereço de Jens Toksvig. A St. Paul's Gade era uma rua estreita de casinhas geminadas. Não havia jardins - todas as casas eram ao rés da calçada. Harald estacionou a moto diante do cinqüenta e três e bateu.

Quem atendeu foi um policial uniformizado.

Por um momento, Harald ficou paralisado, sem saber o que fazer. Onde estava Arne? Devia ter sido preso.

- O que é, rapaz? - disse o policial, impaciente. Era um homem de meia-idade, com um bigode grisalho e divisas de sargento na manga.

Harald teve uma inspiração. Exibindo um pânico que era bastante real, ele disse:

- Onde está o médico, ele tem que vir logo, a criança está nascendo!

O policial sorriu. O rapaz assustado que vai ser pai é uma figura perene da comédia.

- Não tem nenhum doutor aqui, meu rapaz.
- Mas tem que haver!
- Calma, filho. Os bebês já nasciam antes de existirem médicos. Agora, que endereço você tem aí?
- Dr. Thorsen, cinqüenta e três da Fischer"s Gade.
- Número certo, rua errada. Aqui é St. Paul. Fischer"s Gade é um quarteirão para o sul.
- Oh, meu Deus, rua errada! - Harald virou-se montou na moto. - Muito obrigado! - gritou. Abriu a válvula de regulação do vapor e foi embora.

- Faz parte - disse o policial.

Harald seguiu até o fim da rua e virou na esquina. Muito esperto, pensou, mas que diabos eu faço agora?

HERMIA PASSOU TODA A MANHÃ de sexta-feira nas belas ruínas do castelo de Hammershus esperando que Arne chegasse com o filme.

O filme era ainda mais importante agora que cinco dias atrás, quando tivera início a missão de Arne. Nesse meio-tempo, o mundo tinha mudado. Os nazistas estavam firmemente decididos a conquistar a União Soviética. Já tinham tomado a fortaleza de Brest. Sua total superioridade aérea estava devastando o Exército Vermelho.

Digby lhe contara, em poucas e melancólicas sentenças, a conversa que tivera com Churchill. O Comando de Bombardeiros engajaria todos os aviões que fossem capazes de levantar voo na maior incursão aérea da guerra numa tentativa desesperada para desviar a Luftwaffe da frente russa e dar uma chance aos soldados soviéticos de lutar.

Digby também lhe dissera que seu irmão, Bartlett, que tivera alta, voltara ao serviço ativo e certamente pilotaria um dos bombardeiros.

A incursão seria uma missão suicida e o Comando de bombardeiros receberia um golpe fatal, se não fosse possível desenvolver uma tática para os aviões britânicos se evadirem do radar alemão nos próximos dias. E isso dependia de Arne.

Hermia persuadira o pescador sueco a atravessá-la de novo para a Dinamarca - embora ele tivesse avisado a ela que seria a última vez, pois achava perigoso estabelecer um padrão. De madrugada estava chapinhando nas águas rasas logo abaixo de Hammershus, carregando a bicicleta até a praia deserta. Galgara o caminho íngreme do castelo, onde ficou sentada num parapeito, como uma rainha medieval, e foi de lá que viu o sol nascer para iluminar um mundo cada vez mais submetido aos nazistas, aqueles pavões empertigados, gritalhões e cheios de ódio que tanto abominava.

Durante o dia ela deslocava-se, mais ou menos de meia em meia hora, de uma parte das ruínas para outra, ou dava uma caminhada pelo bosque, ou então descia até a praia, para que não ficasse tão evidente para os turistas que estava esperando alguém. Durante todo esse tempo sentiu a mistura estranhamente debilitante de uma tensão terrível com um tédio enorme.

Para se defender, recordava-se do último encontro com Arne. Era uma lembrança doce. Depois ficara chocada por ter feito amor com Arne ali mesmo na grama, em plena luz do dia. Mas não se arrependia. Iria se lembrar daquilo pelo resto da vida.

Esperava que ele viesse na barca da noite. A distância do cais em Ronne até o castelo de Hammershus era apenas de vinte e cinco quilômetros. Arne podia cobrir essa distância em uma hora de bicicleta ou em três andando. Mas ele não apareceu de manhã.

Ansiosa, tentou convencer-se a não se preocupar. A mesma coisa acontecera da última vez; ele perdera a barca da noite e tivera que pegar a da manhã. Concluiu que Arne deveria chegar de noite.

Da outra vez ela ficara quieta, esperando, e ele só chegara na manhã seguinte. Agora estava impaciente demais para isso. Quando não teve mais dúvidas de que Arne não viria, decidiu ir de bicicleta até Ronne.

Hermia foi ficando cada vez mais nervosa à medida que passava das estradas vazias da Zona Rural para as ruas

mais populosas da cidadezinha. Disse a si própria que ali estaria mais segura - chamava mais atenção no campo e podia desaparecer na cidade, mas na verdade sentia exatamente o oposto. Via suspeita nos olhos de todo mundo, não só de policiais ou soldados, mas também dos comerciantes nas portas de suas lojas, dos carroceiros, dos velhos sentados nos bancos, fumando, e dos estivadores tomando chá no cais.

Deu uma volta pela cidade, tentando não encarar ninguém, depois foi para um hotel no porto e comeu um sanduíche. Quando a barca atracou, juntou-se a um grupinho e ficou esperando os passageiros. Quando eles desembarcaram, examinou meticulosamente cada rosto, na expectativa de que Arne estivesse usando um disfarce qualquer.

Em alguns minutos todos estavam em terra firme. Quando o fluxo foi interrompido e começou o embarque para a viagem de volta, Hermia con venceu-se de que Arne não tinha vindo.

Aflita, começou a pensar no que fazer a seguir. Havia centenas de explicações possíveis para ele não ter vindo, variando do trivial ao trágico. Teria perdido a coragem e abandonado a missão? Hermia sentiu-se envergonhada por pensar uma coisa dessas, mas sempre duvidara de que Arne fosse um herói de verdade. Também podia estar morto, claro. Mas o mais provável é que tivesse ficado detido por algo idiota, como um trem atrasado. Lamentavelmente, ele não tinha condições de avisar o que acontecera.

Mas, na verdade, ela talvez fosse capaz de entrar em contato com ele.

Tinha lhe dito para se esconder na casa de Jens Toksvig no bairro de Nyboder, em Copenhague. Jens tinha telefone e Hermia sabia o número.

Hesitou. Se a polícia, por alguma razão, estivesse na escuta do telefone de Jens, poderia rastrear o telefonema e saberia... o quê? Que alguma coisa estava acontecendo em Bornholm. O que seria ruim, mas não fatal. A alternativa para ela era encontrar acomodações para passar a noite e esperar para ver se Arne chegava na próxima barca. Mas não tinha paciência para isso.

Voltou para o hotel e deu o telefonema.

Quando a telefonista ia completar a ligação, Hermia lamentou não ter dedicado mais tempo a preparar o que dizer. Devia perguntar por Arne? Se por acaso houvesse alguém na escuta, a resposta denunciaria o paradeiro dele. Não, tinha que falar por enigmas e fingir que estava ligando de Estocolmo. O próprio Jens provavelmente atenderia e devia reconhecer sua voz. Se não reconhecesse, diria E a sua amiga de Bredgrade, lembra? Bredgrade era o nome da rua onde ficava a embaixada britânica no tempo em que trabalhara lá. Essa dica deveria ser suficiente embora pudesse ser também o bastante para alertar um detetive.

Antes que tivesse tempo para se decidir, alguém atendeu:

- Alô? - disse uma voz de homem.
- Quem está falando?

A voz era de um homem mais velho. Jens tinha vinte e nove anos.

- Preciso falar com Jens Toksvig, por favor.
- Quem está falando?

Quem, diabos, seria? Jens morava sozinho. Só se seu pai o estivesse visitando. Mas ela não ia dar seu nome verdadeiro.

- Aqui é Hilde.
- Hilde quem?
- Ele sabe.
- Posso saber seu sobrenome, por favor?

Aquilo era um péssimo presságio. Decidiu intimidá-lo.

- Olha aqui, não sei quem diabos você é, mas não telefonei para ficar de brincadeira. Você quer ou não chamar o Jens, pombas?

Não funcionou.

- Preciso saber seu sobrenome.

Aquilo decididamente não era brincadeira, concluiu Hermia.

- Quem é você?

Houve uma longa pausa antes dele responder.

- Sou o sargento Egill da polícia de Copenhague.

- Jens está com algum problema?

- Qual é o seu nome completo, por favor? Hermia desligou.

Estava chocada e amedrontada. A coisa não podia estar pior. Arne refugiara-se na casa de Jens, e agora a casa estava sob a guarda da polícia. Só podia ser porque tinham descoberto que Jens estava escondendo alguém. Deviam ter prendido Jens e, talvez, Arne também. Hermia lutou para conter as lágrimas. Será que voltaria a ver seu amante?

Saiu do hotel e, na calçada, dirigiu o olhar por cima do porto na direção de Copenhague, uns cento e cinquenta quilômetros de distância na direção do sol poente.

Arne provavelmente estava preso lá.

Não podia nem pensar em voltar para a Suécia de mãos abanando. Estaria decepcionando tremendamente Digby Hoare e Winston Churchill, assim como milhares de aviadores britânicos.

A buzina da barca soou, chamando todos a bordo com um toque que lembrava o grito de dor de um gigante ferido. Hermia montou na bicicleta e pedalou furiosamente até o cais. Tinha um conjunto completo de documentos falsos, inclusive carteira de identidade, e podia, portanto, passar em qualquer posto de controle. Comprou uma passagem e embarcou depressa. Precisava ir Para Copenhague. Tinha de descobrir o que acontecera com Arne. Tinha de pegar o filme, se é que ele conseguira tirar as fotos. Depois de resolver tudo é que ia se preocupar em fugir da Dinamarca e levar o filme para a Inglaterra.

Mais uma vez foi ouvida a buzina triste da barca, que se afastou lentamente do cais.

HARALD SEGUIU ao longo do cais de Copenhague na hora do crepúsculo. A água suja do porto era cinza oleoso durante o dia, mas naquela hora brilhava com o reflexo do pôr-do-sol, um céu vermelho e amarelo, fragmentado em pinceladas luminosas pelas pequenas ondas.

Depois que parou a moto perto de uma fila de caminhões Daimler-Benz parcialmente carregados com a madeira trazida por um cargueiro norueguês, ele viu dois soldados alemães tomando conta da carga. De repente teve a impressão de que o rolo de filme que trazia no bolso queimava sua perna, de tão quente. Enfiou a mão no bolso e disse a si próprio para não entrar em pânico. Ninguém suspeitava de que tivesse feito nada errado - e a moto ficaria segura perto dos soldados. Estacionou perto dos caminhões.

Na última vez em que estivera ali estava bêbado, e agora teve de lutar para se lembrar onde ficava exatamente o clube de jazz. Foi caminhando ao longo da fileira de armazéns e tavernas. Os edifícios encardidos estavam transformados, como a água suja do porto, pela luz romântica do sol que se punha. Até que por fim ele deu com uma placa que dizia INSTITUTO DINAMARQUÊS DE CANÇÕES E DANÇAS FOLCLÓRICAS. Desceu a escada do porão e empurrou a porta. Estava aberta.

Eram dez horas da noite, cedo para casas noturnas, e o clube estava meio vazio. Ninguém tocava o piano manchado de cerveja no palco minúsculo. Harald atravessou o salão dirigindo-se ao bar, examinando cada rosto. Para seu desapontamento, não reconheceu ninguém.

O homem do bar usava um pano preso na cabeça como um cigano. Cumprimentou Harald cautelosamente, que

não tinha o tipo do freqüentador costumeiro.

- Viu a Betsy hoje? - perguntou Harald.

O barman relaxou, aparentemente convencido de que Harald era somente um rapazinho procurando uma prostituta.

- Ela está por aí - respondeu. Harald sentou num banco do bar.
- Eu espero - disse.
- A Trude está ali - sugeriu o barman, solícito.

Harald virou-se para a direção que ele apontara e viu uma loura bebendo cerveja num copo sujo de batom.

- Quero a Betsy - disse, sacudindo a cabeça.
- Essas coisas são muito pessoais - ponderou o homem do bar, judiciosamente.

Harald conteve um sorriso ante a obviedade do comentário. O que poderia ser mais pessoal que relações carnais?

- É verdade - concordou, perguntando-se se todas as conversas de bar seriam sempre tão idiotas.
- Uma bebida enquanto espera?
- Cerveja, por favor.
- Uma branquinha para cortar?
- Não, obrigado - só de pensar em aquavita Harald sentiu-se nauseado.

Ele tomou um gole da cerveja pensativamente. Passara o dia refletindo sobre seu problema. A presença da polícia no esconderijo de Arne quase certamente significava que seu irmão fora descoberto. Se por algum milagre tivesse conseguido fugir, o único lugar em que poderia estar escondido era o mosteiro em ruínas de Kirsteneld"aguad'águaot.

Por isso Harald fora até lá para verificar. Estava vazio.

Ficara sentado no chão da igreja por diversas horas, ora lamentando, preocupado, o destino do irmão, ora tentando imaginar o que faria a seguir.

Se fosse terminar o trabalho iniciado por Arne, precisava entregar o filme em Londres nos próximos onze dias. Arne devia ter um plano para isso, mas Harald não sabia qual era, e também não sabia como descobrir. Assim, tinha de formular o próprio plano.

Considerou a hipótese de simplesmente colocar os negativos em um envelope e pôr no correio, endereçado à legação britânica em Estocolmo. No entanto, tinha certeza de que toda a correspondência para aquele endereço devia ser aberta rotineiramente pelos censores.

Não tinha a sorte de conhecer alguém do pequeno grupo de pessoas que viajava legitimamente entre a Dinamarca e a Suécia. Mas podia simplesmente ir ao cais de Copenhague ou à estação da estrada de ferro em Elsinore e pedir a um passageiro para levar um envelope com o filme, só que isso parecia ser quase tão arriscado quanto mandar pelo correio.

Depois de um dia inteiro queimando os miolos, chegara à conclusão de que teria de ir pessoalmente.

Mas não podia ser pelas vias normais. Não lhe dariam permissão para viajar, agora que sabiam que seu irmão era um espião. Precisava descobrir uma rota clandestina.

Navios dinamarqueses iam e vinham da Suécia todos os dias. Tinha de haver um jeito de embarcar num deles e desembarcar do outro lado sem ser visto. Seria impossível conseguir um trabalho a bordo - marinheiros tinham documentos de identidade especiais. Mas sempre havia atividades do submundo em um porto: contrabando, roubo, prostituição, drogas. Tudo o que precisava era fazer contato com os criminosos e descobrir um que estivesse disposto a contrabandear-lo para a Suécia.

Quando a tarde começou a cair e o piso ladrilhado do mosteiro começou a esfriar, montou de novo na motocicleta e retornou ao clube de jazz, na esperança de rever o único criminoso que conhecera na vida.

Não esperou muito tempo por Betsy. Tinha bebido apenas metade da cerveja quando ela chegou. Desceu a escada dos fundos na companhia de um homem a quem, Harald presumiu, tinha acabado de prestar seus serviços especializados em um dos quartos do segundo andar. Seu cliente tinha a pele muito branca e nada saudável, um corte de cabelo brutalmente curto e uma cicatriz antiga na narina esquerda. Teria uns dezessete anos e Harald achou que devia ser marinheiro. Atravessou depressa o salão e saiu, com ar furtivo.

Betsy foi até o bar, viu Harald e o reconheceu após uma fração de segundo.

- Oi, estudante - cumprimentou, amavelmente.
- Olá, princesa.

Ela sacudiu a cabeça num gesto coquete, sacudindo os cachos castanhos.

- Mudou de idéia? Vai querer subir?

A idéia de fazer sexo com ela minutos depois do marinheiro era repulsiva, mas ele respondeu com um gracejo:

- Não antes de nos casarmos. Ela riu.
- E o que a sua mãe ia dizer? Ele avaliou sua figura roliça.
- Que você precisava se alimentar melhor.
- Adulador - disse ela, sorrindo. - Você veio atrás de alguma coisa, não veio? E não foi por causa dessa cerveja

aguada.

- Para falar a verdade, preciso dar uma palavrinha com o seu Luther.
- Lou? - ela pareceu desaprovar. - O que você quer com ele?
- Ele talvez possa me ajudar com um probleminha.
- O quê?
- Provavelmente eu não deva lhe dizer.
- Não seja burro. Você está metido em alguma encrenca?
- Não exatamente.

O olhar dela dirigiu-se para a entrada.

- Que merda! - exclamou.

Seguindo seu olhar, Harald viu Luther entrar. Desta vez ele estava usando um paletó esporte de seda, imundo, por cima de uma camiseta. com ele vinha um homem de uns trinta anos de idade, tão bêbado que mal conseguia ficar em pé. Segurando o braço dele, Luther virou-o na direção de Betsy. O homem ficou parado, olhando-a com uma expressão lúbrica.

- Quanto você tirou dele? - perguntou Betsy a Luther. - Dez.
- Seu mentiroso de merda!

Luther passou-lhe uma nota de cinco coroas.

- Aqui está sua metade.

Ela deu de ombros, embolsou o dinheiro e levou o homem para cima.

- Quer tomar um drinque, Lou? - ofereceu Harald.

- Aquavita - seus modos não tinham melhorado. - O que você quer, afinal?
- Você é um homem com muitos contatos no porto.
- Não se dê ao trabalho de querer me enrolar, garoto - interrompeu Luther. - O que é que você quer? Um garotinho com uma bunda bonita? Cigarros baratos? Droga?

O homem do bar encheu um copinho com aquavita. Luther esvaziou-o de uma golada. Harald pagou e esperou que ele se afastasse. E disse, baixando a voz:

- Quero ir para a Suécia. Luther estreitou os olhos.
- Por quê?
- Tem importância?
- Talvez.
- Tenho uma namorada na Suécia. Queremos nos casar Harald começou a improvisar. - Posso conseguir um emprego na fábrica do pai dela. Ele faz coisas de couro, carteiras, bolsas e...

- Então peça permissão às autoridades para viajar.
- Pedi. Não me deram.
- Por quê?
- Não quiseram dizer.

Luther ficou pensativo por um instante, e por fim disse:

- Bastante justo.
- Você consegue me colocar a bordo de um navio?
- Tudo é possível. Quanto você tem?

Harald se lembrou da desconfiança de Betsy um minuto atrás.

- Nada - respondeu. - Mas posso arranjar algum. Será que você pode me conseguir um navio?
- Conheço um homem a quem posso perguntar. - Ótimo! Hoje?
- Me dá dez coroas.
- Para quê?
- Para ir falar com esse homem. Você acha que sou um serviço público gratuito, que nem uma biblioteca?
- Falei com você que não tinha dinheiro. Luther sorriu, mostrando os dentes podres.
- Você pagou a bebida com vinte e recebeu dez de troco. Passa para cá.

Harald detestava ceder a um sujeito provocador, metido a valentão, mas não tinha saída. Entregou a nota de dez.

- Espera aqui - disse Luther, e saiu.

Harald esperou, bebendo a cerveja bem devagar para fazer com que durasse. Ficou imaginando onde Arne podia se encontrar naquela hora. Provavelmente em uma cela do Politigården, sendo interrogado. Talvez por Peter Flemming, já que espionagem era o setor dele. Será que ele falaria? No princípio não, Harald tinha certeza. Seu irmão não cederia imediatamente. Mas teria força para resistir? Harald sempre sentira que havia uma parte de Arne que ele não compreendia inteiramente. E se fosse torturado? Quanto tempo se passaria até que o traísse?

Nesta hora houve uma agitação nos fundos. O último cliente de Betsy, o bêbado, caiu da escada. Betsy, que vinha atrás, levantou-o e saiu com ele, inclusive subindo os degraus para a rua.

Ela retornou com outro cliente, um homem de meia-idade, de aspecto respeitável, de terno - um terno cinza velho passado com todo cuidado. Dava a impressão de ter trabalhado a vida toda num banco sem jamais ter sido promovido. Quando cruzaram o salão, Betsy perguntou a Harald:

- Onde está Lou?
- Foi falar com um homem para mim.

Ela parou e dirigiu-se ao bar onde Harald estava, deixando o bancário meio sem graça no meio do salão.

- Não se envolva com Lou, ele é um canalha.

- Não tenho escolha.

- Então aceite um conselho - ela baixou a voz. - Não confie nele nem um pouco - Betsy balançou o dedo indicador como uma professora. - Cuidado com golpes pelas costas, pelo amor de Deus!

com isso, ela subiu a escada dos fundos na companhia do homem de terno.

A princípio Harald ficou aborrecido com Betsy por ter tanta certeza de que ele não era capaz de cuidar de si próprio. Depois disse a si próprio para não ser burro.

Betsy tinha razão - ele estava pisando em terreno desconhecido. Nunca tratara com gente como Luther, e não tinha idéia de como se proteger.

Não confie nele, tinha dito Betsy. Bem, ele dera apenas dez coroas a Luther. Não via como ele poderia enganá-lo nesta fase, embora depois pudesse vir a pegar uma soma maior e não cumprir o prometido.

Cuidado com golpes pelas costas. Esteja preparado para traições. Harald não conseguia imaginar um modo pelo qual Luther fosse traí-lo, mas será que não havia precauções que pudesse tomar? Ocorreu-lhe então que estava encurralado dentro daquele bar, sem uma saída aos fundos.

Talvez devesse sair e observar a entrada de longe. Podia ter um pouco mais de segurança se adotasse um comportamento imprevisível.

Bebeu o resto da cerveja e saiu, despedindo-se do homem do bar com um aceno.

Harald caminhou pelo cais, ao lusco-fusco, até onde um graneleiro estava atracado com amarras da grossura do seu braço. Sentou-se na parte superior abaulada de um cabrestante de aço e virou-se para ficar olhando o clube de frente. Podia ver bem a entrada, e achava que provavelmente reconheceria Luther. Luther veria que ele estava ali? Provavelmente não, pela falta de contraste com o vulto escuro do navio graneleiro ao fundo. O que era bom. Punha Harald no controle da situação. Quando Luther voltasse, se tudo parecesse correr bem, voltaria para dentro do bar. Se sentisse o cheiro de uma traição, desapareceria. Preparou-se para esperar.

Dez minutos depois, apareceu um carro da polícia.

Avançou pelo cais muito depressa, mas sem sirene. Harald levantou-se. Seu instinto mandava que corresse, mas assim chamaria a atenção sobre si. Obrigou-se a sentar de novo e ficar quieto.

O carro da polícia freou ruidosamente diante do clube de jazz.

Dois homens saltaram. Um deles, o motorista, usava o uniforme da polícia. O outro trajava um terno claro. Mesmo na luz mortífera, Harald conseguiu reconhecer seu rosto, e levou um susto. Era Peter Flemming.

Os dois tiras entraram no clube.

Harald estava prestes a sair correndo quando outra figura apareceu, encurvada, ao longo do pavimento de paralelepípedos, com um modo de andar conhecido. Era Luther.

Parou a poucos metros do carro da polícia e ficou encostado no muro, como um transeunte desocupado esperando para ver o que ia acontecer.

Presumivelmente ele informara à polícia da fuga que Harald planejava para a Suécia, sem dúvida na esperança de receber uma recompensa pela informação. Como Betsy tinha sido sábia - e fora uma boa coisa Harald agir seguindo seu conselho.

Os policiais saíram do clube após alguns minutos. Peter Flemming foi falar com Luther. Harald podia ouvir as vozes, porque os dois discutiam furiosamente, mas estava longe demais para distinguir as palavras. Sabia, contudo, que Peter estava repreendendo Luther, que a todo instante elevava as mãos aos céus, num gesto de frustração.

Após algum tempo os policiais foram embora e Luther entrou.

Harald afastou-se rapidamente, trêmulo por ter escapado por pouco. Pegou a moto e foi embora, aproveitando a última luminosidade do fim da tarde. Passaria a noite no mosteiro em ruínas de Kirsteneld"aguad"águaot. E depois, o que faria?

Harald contou a Karen a história completa na noite seguinte.

Os dois se sentaram no chão da igreja abandonada enquanto a noite caía lá fora e as formas cobertas pelas lonas e as caixas em torno deles iam se transformando em fantasmas na luz mortiça do crepúsculo. Ela cruzou as pernas, como uma estudante, e levantou a barra do traje de noite, de seda, acima dos joelhos, para maior conforto.

Harald acendeu seus cigarros e sentiu que estavam se tornando íntimos.

Ele contou como entrara na base de Sande e depois como fingira estar dormindo enquanto o soldado alemão revistava a casa de seus pais.

- Você tem sangue-frio! - exclamou ela.

Harald ficou satisfeito com a sua admiração, e alegre porque ela não foi capaz de ver, no escuro, seus olhos úmidos ao contar que o pai dissera uma mentira para salvá-lo.

Explicou a dedução de Heis de que haveria uma incursão aérea importante na próxima lua cheia e suas razões para pensar que o filme tinha que ser entregue em Londres antes disso.

Quando contou que um sargento da polícia abrira a porta da casa de Jens Toksvig para ele, Karen o interrompeu:

- Eu fui avisada - disse ela.

- Como assim?

- Um estranho aproximou-se de mim na estação da estrada de ferro e me disse que a polícia sabia onde Arne se encontrava. Ele próprio era policial também, mas do Departamento de Trânsito. Por acaso soube de tudo e queria que soubéssemos disso porque estava do nosso lado.

- Você não avisou Arne?

- Avisei, sim! Eu sabia que ele estava hospedado na casa do Jens, de modo que procurei o endereço dele, Jens, no catálogo telefônico, no caminho de casa. Estive com Arne e disse a ele o que acontecera.

Harald achou aquilo um pouco estranho.

- O que foi que Arne disse?

- Que eu sáísse em primeiro lugar e ele iria imediatamente depois de mim... mas obviamente quando saiu já era tarde demais.

- Ou o seu aviso foi um estratagema - murmurou Harald, pensativo.

- Como assim? - contrapôs ela, bruscamente.

- Talvez o seu policial estivesse mentindo. Suponha que ele fosse contra nós, e não a favor. Pode tê-la seguido até a casa onde Arne estava e o prendido no instante em que você se afastou.

- Isso é ridículo! Policiais não fazem coisas assim!

Harald deu-se conta de que mais uma vez se chocara com a fé que Karen tinha na integridade e boa vontade de todos os que a circundavam. Ou ela era excessivamente crédula ou desmedidamente cínica - ele não saberia dizer qual dos dois. Fez com que se lembrasse da crença que o pai dela tinha de que os nazistas não fariam mal aos judeus dinamarqueses. Gostaria de acreditar que tanto Karen como o pai estivessem com a razão.

- Como era o tal homem?

- Alto, bonitão, corpulento, cabelo ruivo, bom terno.

- Um terno de tweed claro, cor de mingau de aveia?

- Exatamente.

Não havia mais dúvida.

- É Peter Flemming - Harald não sentiu ressentimento de Karen: ela pensara que estava salvando Arne. Fora vítima de um estratagema esperto. - Peter é mais espião que policial. Conheço sua família, lá de Sande.

- Não acredito em você! - exclamou ela, acaloradamente. você tem imaginação demais, Harald Olufsen!

Harald não quis discutir. Doía-lhe o coração saber que seu irmão estava preso. Arne nunca deveria ter se metido naquilo. Não havia astúcia na sua natureza. Agora Harald não sabia se o veria de novo.

Mas havia mais vidas em jogo.

- Arne não poderá levar este filme para a Inglaterra.

- O que é que você vai fazer com ele?

- Ainda não sei. Gostaria de levá-lo pessoalmente, mas não consigo imaginar como.

Aproveitou para contar sua incursão no clube de jazz e detalhou a participação de Betsy e Luther.

- E talvez eu também não consiga sequer à Suécia - concluiu.

- Provavelmente serei preso por não ter os documentos certos.

Fazia parte do tratado de neutralidade do governo sueco com a Alemanha de Hitler que os dinamarqueses que viajassem ilegalmente para a Suécia fossem presos.

- Não me incomodo de me arriscar, mas preciso de uma chance de sucesso pelo menos razoável.

- Tem de haver um jeito - como é que Arne ia levar?

- Não sei, ele não me contou.

- Tolice.

- Vendo agora, depois do caso passado, sim, foi tolice, mas ele provavelmente pensou que quanto menos gente soubesse, mais seguro estaria.

- Alguém deve saber.

- Bem, Poul devia ter um jeito de se comunicar com os britânicos, mas faz parte da natureza dessas coisas serem mantidas em segredo.

Ficaram em silêncio por algum tempo. Harald sentia-se deprimido. Teria arriscado a vida por nada?

- Quais são as últimas notícias? - perguntou ele. Sentia falta do seu rádio.

- A Finlândia declarou guerra à União Soviética. A Hungria também.

- Os abutres sentindo o cheiro da carniça - disse Harald.

- É de enlouquecer ficar aqui sentado sem poder fazer nada enquanto os nazistas nojentos conquistam o mundo.

Eu só queria que houvesse alguma coisa que a gente pudesse fazer.

Harald tocou na latinha do filme que estava no bolso da calça.

- Isto faria uma diferença, se eu pudesse entregar em Londres em menos de dez dias. Uma enorme diferença.

Karen deu uma olhada no Hornet Moth.

- É uma pena que ele não voe.

Harald avaliou o trem de aterrissagem danificado e o tecido rasgado da fuselagem.

- Eu talvez conseguisse consertá-lo. Mas como só tive uma aula, não sei pilotá-lo.

Karen ficou pensativa.

- Não - murmurou, pensativa. - Mas eu sei.

ARNE OLUFSEN mostrou-se surpreendentemente resistente no interrogatório.

Peter Flemming interrogou-o no dia da prisão e no dia seguinte, mas ele fingiu ser inocente e não revelou segredos. Peter ficou desapontado. Esperava que a resistência de Arne, um bon vivant, fosse quebrada com a mesma facilidade que uma taça de champanhe.

Não teve mais sorte com Jens Toksvig.

Chegou a pensar em prender Karen Duchwitz, mas tinha certeza de que ela era periférica naquele caso. Além do mais, seria mais útil para ele que ficasse andando livremente:

até agora já o tinha levado a dois espões.

Arne era o suspeito principal. Tinha todas as conexões: era amigo de Poul Kirke, conhecia a ilha de Sande, tinha uma noiva inglesa, fora a Bornholm, que ficava perto da Suécia, e se livrara do policial que o seguia.

A prisão de Arne e Jens restaurara Peter nas boas graças do general Braun. Só que agora ele queria saber mais: como o círculo de espões operava, quem mais pertencia a ele, que meios usavam para se comunicar com a Inglaterra. Peter prendera um total de seis espões, mas nenhum deles falara. O caso não terminaria enquanto um não cedesse e revelasse tudo. Peter precisava quebrar a resistência de Arne.

Ele planejou o terceiro interrogatório cuidadosamente.

Às quatro horas da madrugada de domingo irrompeu na cela de Arne acompanhado por dois policiais uniformizados. Acordaram Arne acendendo uma lanterna na sua cara e gritando, depois o arrancaram da cama e o levaram para a sala de interrogatórios.

Peter sentou-se na única cadeira, atrás de uma mesa barata, e acendeu um cigarro. Arne, pálido e assustado, vestia o pijama da prisão. Da metade da coxa até a canela tinha a perna esquerda envolta em ataduras, mas podia ficar em pé - as duas balas disparadas por Peter haviam danificado os músculos sem quebrar ossos.

- Seu amigo Poul Kirke era um espião - começou Peter.
- Não sei de nada - replicou Arne.
- Por que você foi a Bornholm?
- Para aproveitar uns dias de folga.
- Por que um homem inocente, aproveitando uns dias de folga, iria fugir da vigilância da polícia?
- Porque esse homem inocente talvez não goste de ser seguido por uma porção de pés chatos xeretas.

Arne tinha mais fibra que Peter esperara, a despeito da hora e do rude despertar.

- Mas, na verdade, eu não notei que havia gente me seguindo - prosseguiu Arne. - Se, como você diz, eu me evadi da vigilância policial, foi sem querer. Talvez o seu pessoal seja incompetente.
- Mentira. Você se livrou deles deliberadamente. Eu sei, eu fazia parte da equipe.

Arne deu de ombros.

- Isto não me surpreende, Peter. Você nunca foi muito inteligente quando menino. Fomos juntos à escola, lembra? Na verdade houve um tempo em que éramos muito amigos.

- Até que o mandaram para Jansborg, onde você aprendeu a desrespeitar a lei.
- Não. Nós fomos amigos até nossas famílias brigarem.
- Por causa da maldade do seu pai.
- Pensei que tivesse sido porque seu pai andou sonegando impostos.

Não fora assim que Peter planejava o interrogatório. Mudou de linha:

- com quem você se encontrou em Bornholm? Ninguém.
- Você andou por lá alguns dias e não falou com ninguém?
- Peguei uma garota.

Arne não falara nisso nos interrogatórios anteriores. Peter teve certeza de que era mentira. Talvez agora pudesse pegá-lo.

- Qual era o nome dela?
- Annika.
- Sobrenome?
- Não perguntei.
- Quando voltou para Copenhague, você foi se esconder.
- Esconder? Estava hospedado com um amigo.
- Jens Toksvig, outro espião.
- Ele não me disse nada - retrucou Arne. - Esses espões têm mania de guardar segredo de tudo...

Peter ficou desanimado ao ver que Arne não baqueara depois de tanto tempo preso. Insistia em sustentar sua história, que era improvável, mas não impossível. Começou a temer que ele nunca fosse falar, e disse a si próprio que aquilo era apenas uma escaramuça preliminar. Continuou pressionando:

- Quer dizer então que você não tinha idéia de que a polícia estivesse à sua procura?
- Não.
- Nem mesmo quando um agente policial o perseguiu no Tivoli?
- Deve ter sido outra pessoa. Nunca fui perseguido por um policial.

Agora foi a vez de Peter ser sarcástico.

- Você por acaso não viu nenhum dos mil cartazes com o seu rosto que foram espalhados pela cidade?
- Acho que deixei passar.
- Então por que mudou sua aparência?
- Eu mudei minha aparência?
- Raspou o bigode.
- Disseram que eu me parecia com o Hitler.
- Quem disse?
- A garota que conheci em Bornholm, Anne.
- Você disse que o nome dela era Annika.
- Eu a chamava de Anne para encurtar.

Tilde Jespersen entrou com uma bandeja. O cheiro da torrada quente fez com que Peter aquiasse. Ele imaginou que estivesse produzindo o mesmo efeito em Arne. Tilde serviu o chá, sorriu para Arne e perguntou:

- Aceita um pouco? Ele balançou a cabeça.
- Não - disse Peter.

Tilde encolheu os ombros.

A cena tinha sido uma farsa. Tilde fazia de conta que estava sendo delicada na esperança de que Arne se abrisse com ela.

Tilde trouxe outra cadeira e sentou-se para tomar seu chá. Peter comeu uma torrada com manteiga, demoradamente. Arne teve de ficar em pé, assistindo.

Peter retomou o interrogatório quando acabou de comer.

- Encontrei na sala de Poul desenhos que representavam uma instalação militar localizada na ilha de Sande.
- Estou chocado.
- Se ele não houvesse morrido, teria enviado aqueles desenhos para os ingleses.
- Ele podia ter uma explicação inocente para eles, se não tivesse sido baleado por um idiota sempre pronto a

disparar.

- Foi você que fez aqueles desenhos?
- Certamente que não.
- Você mora em Sande. Seu pai é pastor de uma igreja naquela ilha.
- Você também mora em Sande. Seu pai tem um hotel lá onde os nazistas de folga se embriagam com aquavita.

Peter ignorou esta.

- Quando eu o vi em St. Paul's Gade, você correu. Por quê?
- Porque você tinha uma arma. Não fosse por isso, eu teria dado um soco na sua cara feia, do modo como fiz atrás

da agência do correio há doze anos.

- Eu derrubei você atrás do correio.
- Mas eu me levantei de novo - Arne virou-se para Tilde com um sorriso. - A família de Peter e a minha têm uma rixa há muitos anos. Este é o verdadeiro motivo pelo qual ele me prendeu.

Peter ignorou o comentário.

- Quatro noites atrás, houve um alerta de segurança na base. Alguma coisa perturbou os cães de guarda. As sentinelas viram alguém correndo pelas dunas na direção da igreja do seu pai.

Enquanto falava, Peter observava o rosto de Arne. Até aquele ponto ele não demonstrara surpresa em nenhum momento.

- Era você?
- Não.

Arne estava dizendo a verdade, concluiu Peter, que continuou:

- A casa do seu pai foi revistada.

Peter viu um vago sinal de medo nos olhos de Arne. Ele não tinha tomado conhecimento daquilo.

- Os guardas procuraram um estranho. Encontraram um jovem deitado na cama, dormindo, mas o pastor disse que era o filho dele. Era você?

- Não, eu não vou em casa desde o domingo de Pentecostes. Mais uma vez, Peter concluiu que ele estava falando a verdade.

- Duas noites atrás, seu irmão Harald voltou à escola Jansborg.
- De onde foi expulso por maldade sua.
- Foi expulso porque desgraçou a escola!
- Pintar uma gaiatice na parede? - mais uma vez Arne virouse para Tilde. - O superintendente da polícia decidiu libertar meu irmão sem acusações, mas Peter foi à escola e insistiu para que o expulsassem. Vê como ele odeia minha família?

- Ele invadiu o laboratório de química e usou a câmara escura para revelar um filme.

Os olhos de Arne arregalaram-se. Sem dúvida nenhuma aquilo era novidade para ele. No mínimo, estava desconcertado.

- Por sorte, foi descoberto por outro menino. Eu soube disto pelo pai deste menino, que por acaso é um cidadão leal e uma das pessoas que acredita na lei e na ordem.

- Um nazista?
- Era o seu filme, Arne? - Não.
- O diretor diz que o filme consistia de retratos de mulheres nuas e afirma que o confiscou e queimou. Está mentindo, não está?
- Não faço idéia.

- Acredito que as fotografias fossem da instalação militar de Sande.
- É mesmo?
- As fotos eram suas, não eram? - Não.

Peter sentiu que estava pelo menos começando a intimidar Arne, e pressionou para aumentar a vantagem.

- Na manhã seguinte um rapaz apareceu na casa de Jens Toksvig.

Um de nossos agentes atendeu - um sargento de meia-idade, não um dos gigantes intelectuais da força. O rapaz fingiu ter batido no endereço errado, procurando um médico, e o nosso homem foi crédulo o bastante para acreditar nele. Mas era mentira. O zapaz era seu irmão, não era?

- Tenho certeza absoluta de que não era - respondeu Arne, mas com ar assustado.
- Harald estava trazendo o filme revelado para você. - Não.
- Naquela noite uma mulher em Bornholm, que disse chamar-se Hilde, telefonou para a casa de Jens Toksvig. Você não disse que tinha apanhado uma garota chamada Hilde?

- Não, Anne.
- Quem é Hilde?
- Nunca ouvi falar.
- Talvez seja um nome falso. Poderia ter sido sua noiva, Hermia Mount?
- Ela está na Inglaterra.
- Aí você está enganado. Andei conversando com as autoridades de imigração suecas - fora difícil obter a cooperação dos suecos, mas no fim Peter conseguira a informação que queria. Hermia Mount chegou em Estocolmo, de avião, dez dias atrás e ainda não foi embora.

Arne fingiu surpresa, mas não foi convincente.

- Não sei de nada disso - contestou, mas em tom demasiadamente suave. - Não tenho notícias dela há mais de um ano.

Se fosse verdade, ele teria ficado atônito e chocado ao saber que Hermia certamente se encontrava na Suécia e possivelmente na Dinamarca. Sem dúvida nenhuma, Arne estava mentindo. Peter continuou:

- Na mesma noite, ou seja, anteontem, um rapaz conhecido como Estudante foi a um clube de jazz situado na zona portuária, onde encontrou-se com um criminoso de segunda linha chamado Luther Gregor e pediu ajuda para fugir para a Suécia.

Arne estava horrorizado.

- Era Harald, não era? Arne nada disse.

Peter recostou-se na cadeira. Arne estava seriamente abalado, mas a verdade é que conseguira apresentar uma defesa engenhosa. Tinha explicações para tudo que Peter dissera. Pior ainda, estava habilmente usando a hostilidade pessoal existente entre eles em seu benefício, ao afirmar ter havido intenção dolosa na sua prisão. Frederik Juel podia ser inocente o bastante para acreditar nisso.

Peter ficou preocupado.

Tilde serviu chá em uma caneca e deu-a a Arne sem consultar Peter. Peter nada disse: era tudo parte de uma combinação anterior. Arne pegou a caneca com a mão trêmula e bebeu sequiosamente.

Ela esperou um pouco antes de falar, em um tom de voz bondoso:

- Arne, você está metido nessa história até as orelhas. Mas não se trata mais só de você. Você envolveu seus pais, sua noiva e seu irmão mais moço. Harald está seriamente encrencado. Se isto não terminar logo, ele vai acabar sendo enforcado como espião... e a culpa terá sido sua.

Arne segurou a caneca com ambas as mãos, sem dizer nada, parecendo confuso e amedrontado. Peter achou que ele podia estar enfraquecendo.

- Podemos entrar num acordo - prosseguiu Tilde. - Contenos tudo e tanto você quanto seu irmão Harald escaparão da pena de morte. Não precisa acreditar em mim, o general Braun estará aqui dentro de alguns minutos, e ele próprio vai garantir que vocês permanecerão vivos. Mas primeiro tem que nos dizer onde está Harald. Caso contrário, você morrerá e seu irmão também.

Dúvida e medo surgiram no rosto de Arne. Houve um longo silêncio. Até que por fim ele pareceu chegar a uma decisão. Estendeu o braço e colocou a caneca na bandeja.

Olhou para Tilde e depois encarou Peter.

- Vá para o inferno - murmurou. Peter pôs-se em pé num pulo.
- É você quem vai para o inferno! - berrou, derrubando, com um chute, a cadeira em que estava sentado. - Será que não entende o que está lhe acontecendo?

Tilde levantou-se e saiu sem fazer barulho.

- Se você não disser o que sabe para nós, será entregue à Gestapo - continuou Peter, furioso. - Os homens da Gestapo não vão oferecer chá nem fazer perguntas polidas. Vão arrancar suas unhas e acender palitos de fósforo na sola dos seus pés. Vão prender eletrodos nos seus lábios e jogar água fria em você para que os choques sejam mais dolorosos. Vão tirar sua roupa e bater em você com martelos. Vão esmagar os ossos dos seus tornozelos e joelhos para que você nunca mais possa andar, e mesmo assim continuarão batendo, não deixando que desmaie, mantendo-o consciente e gritando de dor. Você vai implorar para que o deixem morrer, mas eles não deixarão - não enquanto não falar. E você vai falar. Meta isso na sua cabeça. No fim, todo mundo fala.

- Eu sei - limitou-se a dizer Arne, lívido.

Peter ficou surpreso com a segurança e a resignação visíveis por trás do medo. O que significava aquilo?

A porta abriu-se e o general Braun entrou. Eram seis horas e Peter o esperava: o aparecimento era parte do teatrinho. Braun era o retrato da fria eficiência em seu uniforme impecável com uma pistola no coldre. Como sempre, seus pulmões danificados transformaram sua voz num delicado quase sussurro.

- Este é o homem a ser mandado para a Gestapo? Arne moveu-se com rapidez, apesar do ferimento.

Peter estava olhando para o outro lado, na direção de Braun, e só viu um borrão quando Arne pegou a bandeja do chá. O pesado bule de cerâmica voou pelo ar e bateu no lado da cabeça de Peter, derramando chá no seu rosto. Quando secou os olhos, ele viu Arne investir contra Braun. Arne movia-se desajeitadamente por causa do ferimento na perna, mas derrubou o general. Peter pôs-se em pé num pulo, mas também foi muito lento. No segundo em que o alemão ficou arquejando no chão, Arne abriu o coldre e sacou a pistola.

Ele apontou a arma para Peter, empunhando-a com ambas as mãos.

Peter ficou imóvel. A pistola era uma Luger 9mm. Tinha oito tiros no carregador que ficava no punho - mas estaria municiada? Ou Braun a usava só como uma espécie de demonstração de força?

Arne permaneceu sentado, mas recuou até encostar na parede.

A porta ainda estava aberta. Tilde entrou, perguntando:

- O que...?
- Quieta! - berrou Arne.

Peter, aflito, gostaria de saber até que ponto Arne estava familiarizado com armas. Ele era militar, mas na Força Aérea talvez não tivesse tido muita chance de praticar.

Como a responder à pergunta que não fora formulada, Arne puxou para trás a trave de segurança, do lado esquerdo da pistola, com um movimento que todos puderam ver.

Atrás de Tilde, Peter viu os dois policiais uniformizados que tinham escoltado Arne.

Nenhum dos quatro policiais - esses dois e mais Tilde e Peter - estava armado. Era estritamente proibido andar armado na área das celas, exatamente para impossibilitar que algum prisioneiro fizesse exatamente o que Arne acabara de fazer. Braun, contudo, não se considerava sujeito aos regulamentos, e ninguém tivera coragem de lhe pedir a pistola.

Agora Arne tinha todos à sua mercê.

- Você não pode escapar, e sabe disso - falou Peter. - Este é o maior quartel de polícia na Dinamarca. Você vai ter

que nos derrubar, mas há dezenas de policiais armados aí fora. Não vai conseguir passar por todos.

- Eu sei.

Mais uma vez Peter percebeu um agourento tom de resignação na voz de Arne.

- E você vai querer matar tantos policiais dinamarqueses inocentes? - perguntou Tilde.

- Não, não vou.

Tudo então começou a fazer sentido. Peter lembrou-se das palavras de Arne quando o baleara: Seu porco estúpido, você devia ter me matado! Isso se ajustava à atitude fatalista que Arne exibira desde que fora preso. Tinha medo de trair os amigos - até mesmo de trair o irmão.

De repente Peter soube o que ia acontecer a seguir. Arne vira que o único jeito de estar completamente em segurança seria morrendo. Peter, contudo, queria que ele fosse torturado pela Gestapo e revelasse seus segredos. Não podia deixar Arne morrer.

A despeito da Luger apontada contra seu peito, Peter lançou-se sobre Arne.

Arne não atirou nele. Ao contrário, virou a arma e comprimiu a boca do cano na pele macia do pescoço, sob o queixo.

Peter saltou sobre ele.

Houve um único disparo.

Peter arrancou a Luger da mão de Arne, mas era tarde demais. Um jato de sangue borrifou da tampa do crânio de Arne, imprimindo uma espécie de leque vermelho na parede às suas costas. Peter caiu em cima de Arne e parte daquela mistura salpicou-lhe o rosto. Ele rolou para longe de Arne e, com alguma dificuldade, pôs-se em pé.

O rosto de Arne ficou estranhamente inalterado. O dano foi todo atrás, e o rosto ainda exibia o mesmo sorriso irônico do instante em que ele levava a arma ao pescoço.

Após um momento ele caiu de lado, com a parte despedaçada do crânio deixando uma mancha escarlate na parede. Seu corpo caiu no chão com um baque. E ficou imóvel.

Peter limpou o rosto com a manga do casaco.

O general Braun se levantou, lutando por respirar.

Tilde inclinou-se e pegou a pistola.

Todos olharam para o corpo de Arne.

- Sujeito corajoso - disse o general Braun.

QUANDO HARALD ACORDOU, sabia que alguma coisa maravilhosa tinha acontecido, mas por um momento não conseguiu se lembrar do que se tratava. Continuou deitado no nicho do altar onde dormia, enrolado no cobertor de Karen e com Pinetop, o gato, enrodilhado em cima do seu peito, esperando que a memória voltasse a funcionar. A impressão que tinha era de que a coisa maravilhosa estava misturada com algo preocupante, mas ele estava tão animado que não se importava com o perigo.

Tudo voltou de uma vez só: Karen concordara em levá-lo para a Inglaterra pilotando o Hornet Moth.

Harald sentou-se de repente, desalojando Pinetop, que pulou para o chão com um lamento indignado.

O perigo era que os dois podiam ser apanhados, presos e mortos. O que o deixava feliz, apesar disso, era que passaria horas sozinho com Karen. Não que pensasse que aconteceria algo de romântico. Sabia que ela estava fora do seu alcance, mas não podia fazer nada quanto ao que sentia a seu respeito. Mesmo que nunca fosse beijá-la, ficava entusiasmado só de pensar no longo tempo em que estariam juntos. Não só pela viagem, embora esse ponto fosse o clímax. Porque antes de levantar vôo teriam de passar alguns dias trabalhando na aeronave.

Só que o plano dependia inteiramente se ele poderia consertar o Hornet Moth ou não. Na noite anterior, dispendo apenas da luz de uma lanterna, não conseguira fazer uma inspeção detalhada. Agora que o sol nascente brilhava

através das janelas altas da igreja, poderia avaliar a magnitude de sua tarefa.

Lavou-se na torneira de água fria que ficava num canto, vestiu-se e começou a inspeção.

A primeira coisa que notou foi um pedaço comprido de uma corda forte amarrada no trem de aterrissagem. Para que serviria? Depois de pensar um pouco, concluiu que só podia ser para rebocar a aeronave quando o motor estivesse desligado.

Com as asas dobradas, era difícil encontrar um ponto que servisse para se empurrar o aparelho, e a corda possibilitava que a puxassem como uma carroça.

Justo neste instante Karen chegou.

Estava vestida esportivamente, de short e sandália, mostrando as pernas compridas e fortes. O cabelo cacheado acabara de ser lavado e parecia uma nuvem de cobre em torno da cabeça. Harald pensou que os anjos deviam ser assim. Que enorme tragédia seria se ela viesse a morrer na aventura que tinham pela frente.

Era cedo demais para pensar em morrer, disse para si próprio. Não tinha nem começado a reparar o avião. O que, à luz clara da manhã, parecia ser uma tarefa desencorajadora.

Como Harald, Karen estava pessimista. Na véspera ficara entusiasmada ante a perspectiva da aventura. Hoje sua visão era mais melancólica.

- Estive pensando sobre remendar esse troço - disse ela. - Não sei se pode ser feito, especialmente em dez dias... nove, agora.

Harald sentiu-se invadido pela rebeldia que sempre se apossava dele quando lhe diziam que não era capaz de fazer alguma coisa.

- Veremos - disse.
- Você está com aquela cara - observou ela.
- Que cara?
- Que diz que você não quer ouvir o que está sendo dito.
- Não tenho caras - disse ele, irritado. Ela riu.
- Seus dentes estão trincados, os cantos da boca virados para baixo e a testa franzida.

Harald viu-se obrigado a sorrir, e, na verdade, sentiu-se feliz por ela ter notado sua expressão.

- Assim é melhor - disse ela.

Ele começou a examinar o Hornet Moth com olhos de engenheiro. Ao vê-lo pela primeira vez, achara que suas asas estivessem quebradas. Arne explicou que elas dobravam para que pudessem ser guardadas com mais facilidade. Harald examinou as juntas que as prendiam à fuselagem.

- Acho que posso reinstalar as asas.
- É fácil. Thomas, o nosso instrutor, fazia toda vez que tirava o avião. Só leva alguns minutos.

Ela tocou na asa mais próxima.

- Mas o tecido está em mau estado.

As asas e a fuselagem eram feitas de madeira coberta por um pano tratado com alguma tinta especial. Na superfície externa, Harald pôde ver os pontos dados com linha grossa nos locais em que o tecido era preso nas vigas da estrutura. A tinta estava rachada e era possível que o tecido estivesse rasgado em alguns pontos.

- São apenas danos superficiais - disse Harald. - Tem importância?
- Tem. Os rasgos no tecido podem interferir com o fluxo do ar nas asas.
- Então precisamos remendar. Estou mais preocupado com o trem de aterrissagem.

O aparelho provavelmente sofrerá um acidente qualquer, uma aterrissagem desastrada como a que Arne descrevera. Harald ajoelhou-se para examinar mais de perto. O eixo das rodas, de aço maciço, parecia ter dois pinos

que se encaixavam em montantes em V. O conjunto de montantes que formavam os V eram feitos de tubos de aço ovalados, e os dois braços de um dos conjuntos tinham sofrido enrugamento e empenos nos seus pontos mais fracos, próximo à junção com o eixo das rodas. Davam a impressão de que quebrariam facilmente. Um terceiro montante, que para Harald parecia um amortecedor, aparentava estar em perfeitas condições. Mas o trem de aterrissagem estava fraco por demais para agüentar um pouso.

- Fui eu - disse Karen.
- Você bateu?
- Aterrissei com vento cruzado, e o avião guinou. A ponta da asa bateu no chão.
- Você teve medo?
- Não, só me senti como uma idiota, mas tom disse que não era raro acontecer uma coisa dessas com os Hornet Moth. Na verdade, confessou ter feito a mesma coisa uma vez.

Harald balançou a cabeça, afirmativamente. Aquilo batia com o que Arne dissera. Mas havia algo no jeito como Karen se referiu ao instrutor que o fez sentir-se com ciúme.

- Por que nunca consertaram o avião?
- Não temos instalações aqui - ela indicou com um gesto a bancada e o quadro das ferramentas.
- tom fazia pequenos reparos e era bom com o motor, mas isto aqui não é uma oficina metalúrgica, e não temos nem equipamento de solda. Depois papai teve um ataque do coração, nada muito grave. Ele está bem, mas jamais conseguirá uma licença para pilotar e perdeu o interesse pelas aulas. Por isso o trabalho nunca foi feito.

O que era desencorajador, avaliou Harald. Como iria trabalhar com metal? Ele foi examinar a ponta da asa que batera no chão.

- Parece que não quebrou - disse. - Posso consertar a ponta com facilidade.
- Não se pode garantir - retrucou ela, melancólica. - Uma das longarinas de madeira pode ter sofrido uma sobrecarga interna. Não se pode dizer só olhando de fora.

E se houver um ponto fraco em uma das asas, o avião vai cair.

Harald estudou o estabilizador horizontal da cauda. A metade de trás era articulada e se deslocava para baixo e para cima. Lembrava o que se chamava profundor. O leme vertical deslocava-se para a direita e para a esquerda. Examinando mais detidamente, viu que os movimentos de ambos eram controlados por cabos de aço que emergiam da fuselagem. Só que os cabos tinham sido cortados e removidos.

- O que foi que aconteceu com os cabos?
- Pelo que me lembro, foram tirados para consertar uma máquina.
- Isto vai ser um problema.
- Só os últimos três metros de cada cabo estão faltando - o pedaço que corre para a frente até o tensor que se encontra na porta inferior da fuselagem, lá pela altura do painel externo de acesso. O resto era muito difícil de mexer.
- Mesmo assim, são doze metros, e não se pode comprar cabos, ninguém consegue peças sobressalentes para nada. Claro que este foi o motivo pelo qual os cabos foram canibalizados.

Harald começava a sentir medo, mas, deliberadamente, procurou mostrar-se animado.

- Bem, vamos ver o que mais há errado.

Ele se encaminhou para o nariz do avião. Encontrou duas lingüetas do lado direito da fuselagem, girou-as e abriu o capô, que era feito de um metal que parecia lata, mas que provavelmente era alumínio. Estudou o motor.

- É um quatro cilindros em linha - disse Karen.
- Sim, mas parece estar de cabeça para baixo.
- Comparando com um motor de automóvel, sim. O eixo de manivelas fica em cima. Assim a hélice fica mais alta e

é mais difícil bater no chão.

Harald ficou espantado com os conhecimentos técnicos de Karen. Ele jamais conhecera uma garota que soubesse o que era uma árvore de manivelas.

- Como é que era esse Tom? - perguntou ele, esforçando-se ao máximo para não deixar transparecer, no tom de voz, o ciúme que sentia.

- Ele era um grande professor, paciente, mas encorajador.
- Você teve um caso com ele?
- Por favor! Eu tinha catorze anos!
- Aposto como você teve uma paixão por ele. Ela ficou amuada.
- Suponho que você ache que essa seria a única razão pela qual uma garota ia se interessar por motores.

Harald realmente pensava assim, mas negou.

- Não, não. Só notei que você se referia a ele de um jeito afetuoso. Não é da minha conta. Estou vendo que o motor é resfriado a ar.

Não existia um radiador, mas os cilindros tinham aletas de refrigeração.

- Acho que todos os motores de aviões são refrigerados a ar, para reduzir o peso.

Harald passou para o outro lado e abriu o capô à direita. As mangueiras de gasolina e óleo pareciam firmemente presas, sem sinais exteriores de danos. Abriu a tampa do tanque de óleo e checkou a vareta. Ainda havia um pouco de óleo no carter.

- Parece em ordem. Vamos ver se o motor pega.
- É mais fácil com duas pessoas. Você senta aí dentro e eu giro a hélice.
- Será que a bateria não arriou depois de todos estes anos?
- Não há bateria. A eletricidade vem de dois magnetos, que são acionados pelo próprio motor. Vamos entrar na cabine e eu lhe mostrarei o que fazer.

Karen abriu a porta e na mesma hora deu um grito e caiu para trás - nos braços de Harald. Era a primeira vez que ele tocava no seu corpo, e ele sentiu uma espécie de choque elétrico. Karen não se dava conta de que estavam abraçados, e Harald sentiu-se culpado por estar desfrutando um abraço absolutamente fortuito como aquele.

Colocou-a rapidamente em pé e se afastou.

- Você está bem? O que aconteceu?
- Camundongos.

Ele abriu a porta de novo. Dois camundongos pularam lá de dentro e desceram pelas calças de Harald até o chão. Karen fez um ruído de nojo.

Havia buracos no estofamento de pano de um dos assentos, e Harald concluiu que ali ficava o ninho dos camundongos.

- Este problema pode ser resolvido rapidamente - disse ele. Produziu um som sibilante com os lábios e Pinetop apareceu, na esperança de ganhar comida. Harald pegou o gato e colocou-o dentro da cabine.

De repente Pinetop ficou energizado. Disparou a correr de um lado para outro e Harald pensou ter visto o rabinho de um camundongo desaparecer dentro de um buraco sob o banco esquerdo por onde corria um tubo de cobre. Pinetop pulou em cima do banco e passou para a prateleira de bagagens na parte de trás, sem pegar um único camundongo. Depois investigou os buracos no estofamento e encontrou um filhote, que começou a comer com grande delicadeza.

Harald notou que na prateleira de bagagens havia dois livros pequenos. Esticou a mão no interior da cabine e pegou-os. Eram manuais, um do Hornet Moth e outro do motor que o impulsionava, um Gipsy Major. Deliciado, mostrou-os a Karen.

- Mas, e os camundongos? - disse ela. - Odeio camundongos.
- Pinetop os expulsou. No futuro deixarei as portas da cabine abertas para que ele possa entrar e sair. Pinetop os manterá afastados.

Harald abriu o manual do Hornet Moth.

- O que ele está fazendo agora?
- Pinetop? Oh, está comendo os filhotes. Olha só esses diagramas, isto é formidável!
- Harald! - gritou Karen. - Que nojo! Vá lá e faça-o parar! Ele ficou surpreso.
- O que é que há? - É nojento!
- É natural.
- Não me interessa se é natural ou não.
- Qual é a alternativa? - contrapôs Harald, impaciente. Temos que acabar com o ninho. Posso tirar os filhotes de lá com minhas mãos e jogá-los no mato, mas ainda assim Pinetop os comerá, a menos que as aves os peguem primeiro.
- É tão cruel.
- São camundongos, pelo amor de Deus!
- Será que você não consegue entender? Não vê que odeio isso?
- Entendo, sim. Só penso que é bobagem...
- Oh, você não passa de um engenheiro burro que só pensa em como as coisas funcionam e nunca no sentimento dos outros.

com esta, ele ficou injuriado.

- Não é verdade.
- É verdade sim - exclamou ela e saiu, pisando forte. Harald ficou atônito.
- De que diabos se tratou tudo isso? - exclamou, em voz alta. Ela realmente acreditava que ele era um engenheiro burro que nunca pensava como as outras pessoas se sentiam. Muito injusto.

Subiu num caixote para espiar por uma das janelas. Viu Karen marchando decididamente pelo caminho que levava ao castelo. Em dado instante pareceu mudar de idéia e se meteu no meio do bosque. Harald chegou a pensar em segui-la, mas desistiu.

No primeiro dia da grande colaboração os dois brigavam. Que chance eles teriam de chegar na Inglaterra?

Voltou para junto da aeronave. Podia tentar dar a partida no motor para tentar fazê-lo pegar. Se Karen desistisse, encontraria outro piloto.

As instruções estavam no manual.

Calce as rodas e puxe o freio de mão.

Não encontrou os calços, mas achou duas caixas com sucata e empurrou-as com força de encontro às rodas. Localizou a alavanca do freio de mão na porta da esquerda e puxou-a até sentir que estava no batente. Pinetop, saciado, estava sentado no banco, lambendo as patas.

- A moça acha que você é nojento - disse Harald. O gato fez uma cara de desdém e pulou da cabine.

Ligue a gasolina (controle na cabine).

Harald abriu a porta e encostou-se na cabine, que era tão pequena que lhe permitia alcançar os controles sem precisar entrar. O indicador de gasolina ficava parcialmente escondido entre o encosto dos dois assentos. A seu lado havia um seletor encaixado em uma ranhura. Harald moveu-o de "Off" para "On".

Afogue o carburador comandando as alavancas que se encontram em qualquer dos lados das bombas do motor. O fluxo de combustível se dará pelo acionamento da válvula do carburador.

O capô da esquerda ainda estava aberto, e ele localizou imediatamente as duas bombas de gasolina, das quais se

projetava uma pequena alavanca. A válvula do carburador foi mais difícil de identificar, mas acabou achando que devia ser um anel equipado com uma mola de reposicionamento. Puxou o anel e acionou uma das alavancas para cima e para baixo. Não tinha como dizer se o que estava fazendo produziria algum efeito. Pelo que sabia, o tanque podia estar seco.

Sentia-se desanimado agora que Karen se afastara. Por que era tão desajeitado com ela? Ansiava desesperadamente para ser amável e encantador e fazer o que quer que fosse necessário para agradar Karen, mas não conseguia descobrir o que ela desejava. Por que as garotas não podiam ser mais parecidas com motores?

Coloque o acelerador na posição "fechado", ou quase.

Ele detestava manuais incapazes de definir exatamente o que queriam que a pessoa fizesse. Afinal, era fechar tudo ou era deixá-lo ligeiramente aberto? Encontrou o acelerador, uma alavanca na cabine um pouco à frente da porta da esquerda. Relembrando seu voo num Tiger Moth duas semanas antes, lembrou que Poul Kirke tinha colocado o acelerador a cerca de um centímetro da extremidade onde estava marcado "Off". O Hornet Moth devia ser similar. Tinha uma escala gravada que ia de um a dez, onde o Tiger Moth nada tinha. Na base do palpite, Harald colocou o acelerador no número um.

Selecione as chaves para a posição "On".

Harald encontrou no painel duas chaves marcadas simplesmente "On" e "Off". Achou que deviam ligar os dois magnetos. Harald os colocou na posição "On".

Gire a hélice.

Harald colocou-se em pé na frente do avião e segurou uma das pás da hélice. Ele a puxou para baixo com toda sua força. Quando ela finalmente girou, emitiu um estalo forte. Voltou a prender.

Tentou de novo. Desta vez foi mais fácil. Outro estalido.

Na terceira vez ele deu um puxão vigoroso, na esperança de que o motor pegasse.

Nada aconteceu.

Ele tentou de novo. A hélice passou a girar mais facilmente e cucava de cada vez, mas o motor permaneceu silencioso e parado.

- Não quer pegar? - perguntou Karen.

Harald olhou para ela, espantado. Não esperava vê-la de novo naquele dia. Sentiu-se exultante, mas respondeu com naturalidade:

- Muito cedo para dizer... estou começando agora. Ela parecia arrependida.

- Desculpe por eu ter saído daquela maneira.

Aquele era um novo aspecto de Karen. Harald sempre pensara que ela fosse orgulhosa demais para pedir desculpas.

- Tudo bem - disse ele.

- Foi aquela história do gato comendo o filhote de camundongo. Não pude agüentar. Mas sei que é bobagem pensar em camundongos enquanto homens como Poul estão perdendo suas vidas.

Era exatamente o que Harald pensava, mas ele ficou quieto.

- De qualquer modo, o Pinetop agora não está aí.

- Não me espanta o motor não pegar - disse ela, voltando para os problemas práticos, como Harald fazia quando se sentia envergonhado, pensou ele. - Ele não é posto para funcionar há pelo menos três anos.

- Pode ser um problema de combustível. Depois de dois invernos a água deve ter se condensado no tanque. Mas o combustível flutua e deve estar por cima. Pode ser que a gente consiga drenar a água - disse ele, consultando de novo o manual.

- É melhor desligarmos as chaves dos magnetos, por medida de segurança - disse Karen. - Deixa que eu desligo.

Harald viu no manual que havia um painel sob a fuselagem que dava acesso à torneira de drenagem do combustível. Ele pegou uma chave de parafusos no estojo de ferramentas, deitou-se no chão e se arrastou por baixo da aeronave para desaparafusar o painel. Karen deitou-se ao seu lado e ele foi lhe passando os parafusos. Ela cheirava bem, uma mistura de pele morna e xampu.

Quando o painel saiu, Karen entregou-lhe uma chave inglesa. A torneira do dreno era colocada num lugar difícil, ficando ligeiramente mais para um lado do buraco de acesso. Harald só queria ter sido o responsável pela fabricação daquele aparelho para que pudesse obrigar os engenheiros preguiçosos a trabalhar direito. Em determinado instante não pôde mais ver a torneira do dreno, e teve que trabalhar às cegas.

Abriu a torneira bem devagar, mas quando ele abriu, Harald assustou-se com o súbito jorro de líquido gelado na mão. Retirou-a rapidamente, batendo com os dedos entorpecidos na beirada do orifício de acesso e, para sua intensa irritação, deixou cair o vedador do dreno.

Foi desanimado que ele ouviu o barulho do vedador rolando para o interior da fuselagem. O combustível jorrava pelo dreno. Harald e Karen nada puderam fazer senão esquivar-se do esguicho e depois esperar até que o sistema esvaziasse e o cheiro de gasolina impregnasse a igreja.

Harald amaldiçoou o capitão de Havilland e os descuidados engenheiros ingleses que tinham projetado o avião.

- Agora estamos sem combustível - disse ele, amargurado.
- Podíamos chupar um pouco do Rolls-Royce - sugeriu Karen.
- Não é gasolina de aviação.
- O Hornet Moth funciona com gasolina de automóvel.
- É mesmo? Eu não sabia - Harald animou-se de novo. Muito bem, vamos ver se conseguimos recuperar aquele vedador.

O vedador deveria ter rolado até esbarrar numa travessa. Harald enfiou o braço pela janela de inspeção, mas não conseguiu ir longe o suficiente. Karen pegou uma escova de aço na bancada e recuperou o vedador com ele. Harald recolocou o vedador no dreno.

Em seguida precisaram tirar o combustível do carro. Harald achou um funil e um balde limpo, enquanto Karen usou um alicate pesado para cortar um pedaço de uma mangueira de jardim. Eles levantaram o capo do Rolls-Royce. Karen desatarraxou a tanipa e enfiou a mangueira no tanque de gasolina.

- Quer que eu faça? - perguntou Harald.
- Não. É minha vez.

Adivinhando que ela queria demonstrar ser capaz de fazer o trabalho sujo, especialmente depois do incidente dos camundongos, Harald ficou onde estava, observando.

Karen levou a ponta da mangueira aos lábios e sugou. Quando a gasolina chegou na sua boca, ela desviou rapidamente a mangueira para o balde, ao mesmo tempo em que fazia um monte de caretas e cuspiu. Harald não conseguiu tirar os olhos do rosto dela. Milagrosamente, não deixava de ser bonita mesmo quando apertava os olhos e contraía a boca. Karen percebeu que ele a observava.

- O que é que está olhando? - perguntou.
- Você, é claro - respondeu ele. - Você é tão bonita quando está cuspidando!

Harald percebeu imediatamente que tinha revelado mais seus sentimentos do que tencionara e esperou uma resposta dura, mas ela limitou-se a rir.

Ele só a tinha chamado de bonita, claro. O que não era nenhuma novidade para Karen. Mas falara afetuosamente, e as garotas sempre reparam no tom de voz que os rapazes usam, especialmente quando eles não querem que elas reparem. Se tivesse ficado aborrecida, teria demonstrado com um olhar desaprovador ou um gesto impaciente da

cabeça. Mas, ao contrário, parecia ter ficado satisfeita - quase, pensou Harald, como se tivesse se alegrado ao saber que ele gostava dela.

Harald sentiu que tinha cruzado uma primeira ponte.

O balde encheu e a mangueira secou. Tinham esvaziado o tanque do carro. Só havia uns poucos litros de gasolina no balde, avaliou Harald, mas era suficiente para testar o motor. Ele não tinha idéia de onde iam conseguir combustível necessário para atravessar o mar do Norte.

Harald carregou o balde para perto do Hornet Moth. Levantou a tampa do bocal e desatarraxou a tampa do tanque que tinha um gancho para pendurá-la no bocal. Karen segurou o funil enquanto Harald despejou o balde.

- Não sei onde vamos conseguir mais gasolina - disse Karen.
- Certamente não podemos comprar.
- De quanto precisamos?
- A capacidade do tanque é de 130 litros. Mas há outro problema. O alcance do Hornet Moth é de 960 quilômetros,

em condições ideais.

- E é mais ou menos essa a distância daqui até a Inglaterra.
- Desta forma, se as condições não forem as ideais, por exemplo, se encontrarmos ventos de proa, o que não é

improvável...

- Cairamos no mar.
- Exatamente.
- Um problema de cada vez - disse Harald. - Ainda não demos a partida no motor.

Karen sabia o que fazer.

- vou encher o carburador de gasolina - disse ela.

Harald acionou o botão que controlava a passagem de gasolina, levando-o da posição "Off" para "On".

Karen acionou o mecanismo de injetar gasolina até que viu o combustível gotejar e exclamou:

- Ligar magnetos!

Harald acionou os interruptores dos magnetos e verificou se o afogador ainda estava na posição quase aberto.

Karen pegou a hélice e puxou-a para baixo. Mais uma vez ouviu-se um clique bem nítido, estridente mesmo.

- Ouviu isso? - perguntou ela.
- Ouvi.
- É o motor de arranque. É como se sabe que está funcionando, pelo clique.

Ela girou a hélice uma segunda vez e depois uma terceira. Finalmente deu um puxão poderoso e recuou agilmente.

O motor deu um estouro que ecoou na igreja, e morreu.

Harald vibrou.

- Por que você está tão satisfeito? - quis saber Karen.
- Porque o motor funcionou! Não pode estar tão ruim quanto Parece.
- Mas não pegou.
- Vai pegar, vai pegar. Tente de novo.

Ela girou a hélice mais uma vez, mas com o mesmo resultado. A única mudança foi que as bochechas de Karen tornaram-se atraentemente coradas com o esforço.

Após uma terceira tentativa, Harald desligou os interruptores.

- O combustível está fluindo livremente agora - disse. - Está me parecendo que o problema seja na ignição.

Precisamos de algumas ferramentas.

- Tem aqui um estojo de ferramentas.

Karen meteu a mão dentro da cabine e levantou uma almofada de forma a revelar a existência de um compartimento grande debaixo do banco. Do seu interior ela tirou uma bolsa de lona com tiras de couro.

Harald abriu a bolsa e pegou uma chave de cabeça cilíndrica montada sobre uma junta giratória, projetada para operar contornando cantos.

- Uma chave de velas universal - disse ele. - O capitão de Havilland fez uma coisa certa.

Havia quatro velas no lado direito do motor. Harald removeu uma e examinou-a. Havia óleo nos eletrodos. Karen pegou um lencinho rendado no bolso do short e limpou a vela. Depois achou um calibrador no estojo de ferramentas e mediu a folga. Por fim recolocou a vela no lugar. Repetiram a operação com as três velas restantes.

- Há outras quatro do outro lado - disse Karen.

Embora o motor só tivesse quatro cilindros, tinha dois magnetos, cada um operando no seu próprio conjunto de velas - uma medida de segurança, presumiu Harald. As do lado esquerdo foram mais difíceis de serem removidas, porque ficavam atrás de duas placas difusoras de arrefecimento que tiveram de ser removidas antes.

Quando todas as velas foram verificadas, Harald removeu as tampas de baquelite e examinou os pontos de contato. Finalmente removeu o distribuidor de cada magneto e limpou o lado de dentro com o lencinho de Karen, a esta altura transformado num trapo imundo.

- Bem - disse ele, já fizemos todas as coisas óbvias. Se não pegar agora é porque o problema é sério.

Karen injetou gasolina no carburador de novo e depois girou a hélice vagarosamente por três vezes. Harald abriu a porta da cabine e acionou os interruptores do magneto.

Ela acionou então a hélice uma última vez, com mais força, e recuou.

O motor virou, tossiu e hesitou. Harald, que estava em pé junto à porta, com a cabeça na cabine, empurrou o afogador. O motor, com um rugido, mostrou que ainda estava vivo.

Harald soltou um grito de triunfo quando a hélice girou, mas mal podia ouvir a própria voz. O ronco do motor ecoava nas paredes da igreja e fazia um barulho ensurdecedor.

Ele viu o rabo de Pinetop desaparecer por uma janela.

Karen aproximou-se, o cabelo loucamente eriçado pelo vento gerado pela hélice. No seu entusiasmo, Harald abraçou-a.

- Conseguimos! - gritou ele.

Ela retribuiu o abraço, para sua intensa alegria, e depois disse qualquer coisa. Harald sacudiu a cabeça para indicar que não a ouvira. Karen aproximou-se deliciosamente e falou dentro da sua orelha. Ele sentiu os lábios dela roçarem no seu rosto e só conseguiu pensar em como seria fácil beijá-la naquele instante.

- Temos que desligar, antes que alguém escute! - gritou Karen. Harald lembrou então que aquilo não era uma brincadeira e que o propósito de reparar a aeronave era uma perigosa missão secreta. Pôs a cabeça dentro da cabine, retornou o afogador para a posição fechada e desligou os magnetos.

O motor parou.

Quando o barulho cessou, o interior da igreja devia ter ficado em silêncio, mas não ficou. Um som estranho vinha de fora. A princípio Harald pensou que seus ouvidos estivessem ainda registrando o ronco do motor, mas aos poucos percebeu que se tratava de outra coisa. De qualquer modo, não conseguiu acreditar nos seus ouvidos, porque parecia o barulho de pés em marcha.

Karen olhou para ele, a confusão e o medo estampados no rosto.

Os dois se viraram ao mesmo tempo e correram para as janelas. Harald pulou em cima do caixote que usara antes para espiar por cima dos altos peitoris. Deu a mão a Karen, que pulou para ficar do seu lado. Juntos, os dois viram do que se tratava. Era uma tropa de cerca de trinta soldados alemães subindo o caminho da entrada do castelo.

A princípio ele imaginou que estivessem à sua procura, mas rapidamente viu que não devia se tratar de uma caçada humana. A maioria dos soldados, inclusive, parecia estar desarmada. Junto com eles havia uma carroça pesada puxada por quatro cavalos cansados, e essa carroça parecia carregada com material de acampamento. O pelotão passou direto pelo mosteiro e seguiu em frente.

- O que diabos será isso? - exclamou ele.
- Eles não podem entrar aqui!

Os dois olharam em torno do interior da igreja. A entrada principal, do lado oeste, consistia de duas enormes portas de madeira. Era por ali que o Hornet devia ter entrado, com as asas dobradas. Por ali também Harald entrara com a moto. Tinha uma imensa fechadura do lado de dentro com uma chave gigantesca, além de uma trave de madeira que descansava em dois apoios laterais.

Havia apenas uma outra entrada, a portinha lateral que conduzia ao claustro. Era a porta que Harald normalmente usava. Tinha uma fechadura, mas ele nunca vira uma chave.

- Podíamos fechar a portinha com tábuas - sugeriu Karen - e depois entrar e sair pelas janelas, como Pinetop.
- Temos martelo e pregos... Só precisamos de uma tábua. Num lugar tão cheio de sucata devia ser fácil encontrar uma tábua forte, mas, para desapontamento de Harald, não havia nada que servisse. No fim ele pegou uma das prateleiras presas na parede acima da bancada. Colocou-a na diagonal e pregou-a firmemente à moldura da porta.
- Dois homens serão capazes de arrombar essa porta sem muito esforço - disse ele. - Mas pelo menos ninguém vai entrar aqui por acaso e sem querer tropeçar no nosso segredo.
- Mas podem olhar pela janela - lembrou Karen. - Basta encontrar algo em que possam subir.
- Vamos esconder a hélice - Harald pegou a lona que haviam tirado do Rolls-Royce. Juntos a passaram por cima do nariz do Hornet Moth. Era tão grande que chegou a cobrir a cabine.

Recuaram um pouco.

- Continua a parecer que é um avião com o nariz coberto e as asas dobradas - disse Karen.
- Para você, sim. Mas você já sabe o que é. Uma pessoa que esteja só dando uma olhada pela janela vai ver um depósito de sucata.
- A menos que por acaso seja um homem da Força Aérea.
- Não era a Luftwaffe aí fora, era?
- Não sei, Harald. É melhor eu sair para ver se descubro.

HERMIA tinha passado mais anos de sua vida na Dinamarca que na Inglaterra, mas de repente viu-se em um país estrangeiro. As ruas tão familiares de Copenhague tinham agora um ar hostil e ela sentia que perdera a ligação de antes. Andava depressa, como uma fugitiva, nas mesmas ruas em que caminhara com a despreocupação das crianças, inocente e descuidada, de mãos dadas com o pai. E não eram só os pontos de verificação de identidade, os uniformes alemães, os Mercedes cinzento-esverdeados. Até mesmo a polícia dinamarquesa a deixava sobressaltada. Tinha amigos na cidade, mas não estabeleceu contato com ninguém. Tinha medo de fazer com que outras pessoas corressem perigo. Poul morrera, Jens devia ter sido preso e ela não sabia o que acontecera com Arne. Era como se estivesse amaldiçoada.

Sentia-se exausta e doída por causa da viagem de barca durante a noite e estava doente de preocupação com Arne. Dolorosamente cônica da aproximação das doze horas, obrigou-se a proceder com o máximo de cautela.

A casa de Jens Toksvig na St. Paul's Gade era de um só andar, rés de calçada, no meio de uma fileira de casas idênticas. A de número cinquenta e três parecia estar vazia. Ninguém se aproximou da sua porta, exceto o carteiro. Na véspera, quando Hermia telefonara de Bornholm, a casa estava ocupada no mínimo por um policial, mas já deviam tê-lo retirado de lá.

Hermia observou também os vizinhos. De um lado era uma casa em péssimo estado, ocupada por um casal jovem

com um filho - o tipo de gente que devia ser tão absorpta na própria vida que não podia se interessar pelos vizinhos.

Mas na casa recentemente pintada e com cortinas havia uma senhora de idade que aparecia freqüentemente na janela.

Depois de observar durante três horas, Hermia aproximou-se da casa das cortinas e bateu.

Uma mulher gorda de uns sessenta anos de idade atendeu, envergando um avental. A primeira coisa que viu foi a maleta que Hermia carregava.

- Nunca compro nada na porta de casa - foi logo dizendo. Ela sorriu com um jeito superior, como se sua recusa fosse marca de distinção social. Hermia retribuiu o sorriso.

- Eu soube que o número cinqüenta e três talvez venha a ser alugado - disse.

A atitude da vizinha mudou.

- Oh? - disse, com interesse. - Procurando casa para morar, não é?

- Exatamente - a mulher era abelhuda como Hermia esperara que fosse. Entrando no jogo dela, Hermia acrescentou:

- vou me casar - o olhar da mulher foi automaticamente para a mão esquerda de Hermia, e esta lhe mostrou o anel de noivado.

- Muito bonito. Bem, devo lhe dizer que será um alívio ter uma família de respeito como vizinha de porta, depois de todas essas idas e vindas.

- Idas e vindas?

A velhota baixou a voz.

- Isso aí era um ninho de espiões.

- É mesmo?

A outra cruzou os braços sobre o busto comprimido pelo corpete.

- Foram presos na quarta-feira, todo o grupo.

Hermia sentiu um arrepio de medo, mas continuou fingindose interessada nos boatos.

- Meu Deus! Quantos?

- Não sei dizer quantos eram exatamente. Havia o locatário, o jovem Toksvig, que eu não tomaria como um mafeitor, não obstante não ser sempre respeitoso para com os mais velhos como deveria. Nos últimos tempos parece que foi morar lá também um aviador, um rapaz bonito, embora não falasse muito. Mas havia muita gente entrando e saindo o tempo todo, em grande parte tipos que pareciam ser militares.

- E eles foram presos na quarta-feira?

- Naquela mesma calçada ali diante, onde você pode ver agora o cocker spaniel do sr. Schmidt levantando a perna para fazer xixi no poste. Houve um tiroteio.

Hermia gemeu de susto e a mão dela voou para cima de sua boca.

- Oh, não!

A velha balançou afirmativamente a cabeça, satisfeita com as reações provocadas pela sua história, e sem suspeitar de que podia estar falando a respeito do homem a quem Hermia amava.

- Um policial de trajes civis atirou em um dos comunistas. com uma pistola - acrescentou, desnecessariamente.

Hermia tinha tanto medo do que podia vir a descobrir que mal conseguiu falar. Teve que forçar três palavras:

- Quem foi ferido?

- Na verdade eu não vi pessoalmente o que houve - confessou a mulher, com infinito pesar. - Aconteceu de eu estar na casa de minha prima na Fischer"s Gade, onde fui pegar um molde para um cardigã. Não foi o sr. Toksvig, isso posso assegurar, porque a sra. Eriksen, na loja, viu tudo e disse que foi um homem que ela não conhecia.

- Ele... ele morreu?
- Oh, não, a sra. Eriksen acha que foi ferido na perna. Seja como for, ele gritou quando os homens da ambulância o levantaram para colocá-lo em cima da maca.

Hermia não teve dúvidas de que Arne fora baleado. Parecia sentir o ferimento da bala ela própria. Estava arquejante e aturdida. Precisava sair de perto daquela velha abelhuda que contava uma história trágica daquelas com tanta satisfação.

- Tenho que ir andando - disse. - Que coisa mais terrível! com isto, virou-se e foi andando.
- De qualquer modo, acho que a casa será alugada muito em breve.

Hermia foi embora sem prestar atenção.

Ela foi dobrando esquinas de modo aleatório até que foi parar em Um café, onde se sentou para pôr em ordem seus pensamentos. Uma taça de chá de ervas quente ajudou-a a se recuperar do choque. Tinha que descobrir o que acontecera a Arne e onde ele estava agora. Mas primeiro precisava de um lugar para passar a noite.

Conseguiu um quarto em um hotel barato na zona do cais do porto. Era um lugar de categoria inferior, mas a porta do quarto tinha uma tranca forte. Lá pela meia-noite uma voz pastosa do lado de fora da porta perguntou se queria uma bebidinha, e ela saltou da cama para escorar a porta com uma cadeira de encontro à maçaneta.

Passou a maior parte da noite sem dormir, imaginando se Arne seria o homem que fora baleado na St. Paul's Gade. Se tivesse sido ele, qual seria a gravidade do ferimento?

Caso contrário, teria sido preso com os demais ou já estaria em liberdade? A quem poderia perguntar? Podia entrar em contato com a família de Arne, mas eles provavelmente nada saberiam, e morreriam de susto se lhes perguntasse se ele tinha sido baleado. Ela conhecia muitos dos amigos dele, mas os que tinham maior probabilidade de saber o que acontecera estavam mortos, presos ou escondidos.

Nas primeiras horas da manhã, ocorreu-lhe que havia uma pessoa que, quase certamente, saberia se Arne tinha sido preso: seu comandante.

Quando o sol raiou, foi para a estação de estrada de ferro e pegou um trem para Vodal.

Enquanto o trem ia se arrastando rumo ao sul, parando em cada lugarejo sonolento, ela ia pensando em Digby. A esta altura ele já teria voltado para a Suécia, esperando impacientemente, no cais de Kalvsby, que ela chegasse com Arne e o filme. O pescador voltaria sozinho e diria a Digby que Hermia não aparecera no ponto de encontro combinado. E Digby ficaria sem saber se ela fora capturada ou se simplesmente tinha se atrasado. Ficaria tão preocupado por sua causa quanto ela por causa de Arne.

Hermia achou que a escola de aviação tinha um aspecto desolado. Não havia aeronaves nem no chão nem no céu. Um poucas máquinas estavam sendo mantidas e, em um dos hangares, alguns alunos eram apresentados às entranhas de um motor. Ela foi conduzida ao prédio do quartel-general.

Tinha que dar seu nome verdadeiro, pois havia pessoas ali que a conheciam. Pediu para ver o comandante da base, acrescentando:

- Diga a ele que é uma amiga de Arne Olufsen, Sabia que estava se arriscando. Já fora apresentada ao comandante Renthe e se lembrava dele como um homem alto e magro de bigode. Não tinha idéia de sua orientação política. Se acontecesse de ser pró-nazistas, ela talvez se desse mal. Renthe podia pegar um telefone e denunciar a presença de uma inglesa fazendo perguntas. Mas ele gostava de Arne, como tanta gente, e a esperança de Hermia era de que, por causa de Arne, ele não a denunciasse. Foi admitida imediatamente e Renthe logo reconheceu-a.

- Meu Deus, você é a noiva de Arne! - exclamou. - Pensei que tivesse voltado para a Inglaterra.

Renthe apressou-se a fechar a porta, o que era um bom sinal, pois, se desejava privacidade, certamente não ia querer alertar a polícia, pelo menos não de imediato.

Hermia decidiu não explicar sua presença na Dinamarca. Ele que tirasse suas próprias conclusões.

- Estou tentando descobrir onde Arne está - disse ela. Receio que ele esteja metido em alguma encrenca.
- É pior que isso - disse Renthe. - É melhor que você se sente. Hermia permaneceu em pé.
- Por quê? Por que devo me sentar? O que foi que aconteceu?
- Ele foi preso na quarta-feira passada.
- Só foi preso?
- Foi baleado e ferido ao tentar escapar da polícia.
- Então foi ele.
- Como?
- Uma vizinha disse que um deles tinha sido baleado. Como ele está?
- Por favor, minha cara, sente-se. Desta vez Hermia sentou-se.
- Está mal, não é?
- Olha - Renthe hesitou, sinto muitíssimo por ter que lhe dizer que Arne está morto.

Hermia deixou escapar um grito de angústia. No fundo do coração sabia que Arne talvez tivesse morrido, mas a possibilidade de perdê-lo era tão pavorosa que não quisera pensar nela. Agora, a confirmação do que tanto temera deu-lhe a impressão de ter sido esmagada por um trem.

- Não - disse ela. - Não é verdade.
- Ele morreu enquanto estava sob custódia da polícia.
- O quê? - foi com enorme esforço que Hermia obrigou-se a escutar.
- Ele morreu no quartel-general da polícia? Uma terrível possibilidade veio-lhe à cabeça.
- Eles o torturaram?
- Acho que não. Parece que, a fim de não dar informações sob tortura, ele deu cabo à própria vida.
- Oh, meu Deus!
- Sacrificou-se para proteger os amigos, acho.

A imagem de Renthe pareceu embaçada, e só então Hermia se deu conta de que o estava vendo por entre as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Antes que conseguisse encontrar um lenço, Renthe passou-lhe o seu. Ela secou o rosto, mas as lágrimas continuaram a escorrer.

- Acabo de saber o que aconteceu - acrescentou Renthe. Ainda preciso pegar o telefone e avisar os pais de Arne.

Hermia conhecia bem os pais de Arne. Achava o pastor uma pessoa difícil de lidar; a impressão que dava era que só era capaz de se relacionar com as pessoas se as dominasse, e subserviência era uma coisa que passava longe de Hermia. Ele amava os filhos, mas expressava seu amor estabelecendo regras. Quanto à mãe de Arne, a lembrança mais vívida que Hermia tinha era de que tinha as mãos eternamente vermelhas e rachadas de tanto estarem metidas na água, lavando roupas, preparando verduras e esfregando o chão. Lembrar dos pais de Arne fez com que os pensamentos de Hermia se desviassem da sua própria perda, e ela sentiu uma onda de compaixão. Eles sofreriam muito.

- Não o invejo por ser o portador de uma notícia tão ruim disse para Renthe.
- É verdade. Seu primogênito.

O comentário fez com que Hermia se lembrasse do outro filho, Harald. Harald era louro, enquanto Arne era moreno e, além disso, eram diferentes em outros aspectos:

Harald era mais sério, mais intelectual, sem o charme que caracterizava Arne, mas também atraente a seu modo. Arne tinha lhe dito que ia conversar com Harald sobre a melhor maneira de entrar sem ser visto na base de Sande. Até que ponto Harald sabia o que se passava? Será que tinha se envolvido?

Sua cabeça voltava a se ocupar de questões práticas, mas Hermia sentia-se oca. O estado de choque em que se

encontrava permitiria que seguisse adiante com sua vida, mas a impressão que tinha era de que nunca mais voltaria a ser como antes.

- O que mais a polícia lhe contou? - perguntou a Renthe.
- Oficialmente, disseram apenas que ele morreu enquanto prestava informações e que "não houve envolvimento de nenhuma outra pessoa", o que é o eufemismo que usam para suicídio. Mas um amigo que tenho no Politigaarden me disse que Arne se matou para evitar que o entregassem à Gestapo.

- Encontraram alguma coisa em poder dele?
- Como assim?
- Fotografias, por exemplo? Renthe ficou tenso.
- Meu amigo não falou nada, e é perigoso para nós discutirmos essa possibilidade. Srta. Mount, eu gostava de Arne, e por este motivo gostaria muito de ajudá-la, mas, por favor, lembre-se de que, como oficial do Exército, jurei lealdade ao rei da Dinamarca, cujas ordens são para que cooperemos com a força de ocupação. Quaisquer que sejam minhas opiniões pessoais, não posso aprovar atos de espionagem, e mais, se eu pensasse que havia alguém envolvido em tal atividade, seria meu dever relatar esses fatos a quem de direito.

Hermia aquiesceu. O aviso não poderia ter sido mais claro.

- Agradeço a sua franqueza, comandante - ela se levantou, enxugando o rosto. Lembrou-se de que o lenço era dele e acrescentou: - vou lavar seu lenço e o mando de volta depois.

- Nem pense nisso - ele contornou a mesa e colocou as mãos sobre seus ombros. - Sinceramente, sinto muitíssimo o que houve. Aceite os meus mais profundos sentimentos.

- Muito obrigada - ela agradeceu e foi embora.

Assim que se viu do lado de fora, as lágrimas recomeçaram. O lenço de Renthe transformou-se num trapo molhado. Nunca imaginara que fosse capaz de chorar tanto. Vendo tudo distorcido Pela tela de lágrimas, ela conseguiu dar um jeito de caminhar até a estação ferroviária.

Vazia, mas calma, foi como se sentiu ao pensar no que devia fazer em seguida. A missão que matara Poul e Arne não fora realizada.

Ainda tinha que conseguir as fotos do equipamento de radar existente na ilha de Sande antes da próxima lua cheia. Mas agora tinha um motivo adicional - vingança.

Levar a cabo aquela tarefa seria a mais dolorosa retribuição que podia infligir aos homens que haviam provocado a morte de Arne. E tinha agora um novo trunfo a ajudá-la.

Não se preocupava mais com a própria segurança. Sentia-se pronta para enfrentar qualquer risco. Caminharia pelas ruas de Copenhague com a cabeça erguida, e infeliz de quem tentasse detê-la.

Mas o que, exatamente, iria fazer?

O irmão de Arne podia ser a solução. Harald provavelmente saberia se Arne voltara a Sande antes que a polícia o pegasse, e podia inclusive saber se Arne estava de posse das fotos quando foi preso. Ademais, ela sabia onde procurar Harald.

Pegou o trem de volta para Copenhague, mas a viagem foi tão vagarosa que quando chegou era tarde demais para outra viagem. Foi dormir no mesmo hotel barato da outra noite, com a porta trancada contra bêbados com inclinações amorosas, e chorou até cair no sono. Na manhã do dia seguinte tomou o primeiro trem para a aldeia suburbana de Jansborg.

"A MEIO CAMINHO DE MOSCOU" era o que dizia a manchete do jornal que ela comprou na estação. Os nazistas tinham avançado de maneira assombrosa. Em apenas uma semana tinham tomado Minsk, a capital da Bielo-Rússia, e se encontravam diante de Smolensk, trezentos e vinte quilômetros em solo soviético.

A lua seria cheia dali a dez dias.

Ela disse à secretária da escola que era noiva de Arne Olufsen, e foi conduzida ao seu gabinete imediatamente. O homem que tinha sido o responsável pela educação de Arne e Harald fez com que pensasse em uma girafa de óculos, olhando por cima do nariz comprido para o mundo lá embaixo.

- Então você é a futura esposa de Arne - disse, amavelmente. - É um imenso prazer conhecê-la.

Ele parecia não ter conhecimento da tragédia. Sem preâmbulo, Hermia perguntou:

- Não soube da notícia?

- Notícia? Não sei se...

- Arne está morto.

- Oh, meu Deus! - ele arriou o corpo pesadamente na cadeira.

- Achei que o senhor talvez soubesse. - Não, não. Quando foi que aconteceu?

- Ontem de manhã, em um quartel da polícia de Copenhague. Ele suicidou-se para não ser interrogado pela Gestapo.

- Que coisa horrível!

- Isso quer dizer que o irmão dele ainda não sabe?

- Não tenho idéia. Harald não está mais aqui. Ela ficou surpresa.

- Por que não?

- Lamento dizer que ele foi expulso.

- Pensei que ele fosse um dos alunos mais brilhantes!

- Sim, mas se comportou mal.

Hermia não tinha tempo para discutir indisciplinas escolares.

- Onde ele está agora?

- Acho que na casa dos pais - Heis franziu a testa. - Por que pergunta?

- Eu gostaria de falar com ele. Heis ficou pensativo.

- A respeito de alguma coisa em particular?

Hermia hesitou. A prudência mandava que não dissesse nada a Heis sobre sua missão, mas suas duas últimas perguntas davam a entender que ele sabia de alguma coisa.

- Arne podia estar de posse de uma coisa minha quando foi preso - disse ela.

Heis fingiu que a sua pergunta fora casual, mas segurava a borda da mesa com tanta força que os nós dos seus dedos estavam brancos.

Ela hesitou de novo, mas resolveu arriscar-se:

- Umas fotos. - Ah.

- Isto significa alguma coisa para o senhor? - Sim.

Hermia perguntou-se se Heis confiaria nela. Por tudo quanto ele sabia, ela podia ser uma detetive passando-se por noiva de Arne.

- Arne morreu por causa daquelas fotos. Estava tentando com que chegassem às minhas mãos.

Heis aquiesceu e pareceu ter chegado a uma decisão.

- Depois que Harald foi expulso, voltou à escola uma noite e invadiu o quarto escuro do gabinete fotográfico no laboratório de química.

Hermia deixou escapar um suspiro de satisfação. Harald revelara o filme.

- O senhor viu as fotos?

- Vi sim. Eu disse a todo mundo que eram fotos de mocinhas em poses sensuais, mas é apenas uma história. Eram

retratos de uma instalação militar.

Hermia ficou entusiasmada. As fotos tinham sido tiradas. A missão fora bem-sucedida, até certo ponto. Mas onde estava o filme? Teria havido tempo para Harald entregá-lo a Arne? Neste caso, estava agora em mãos da polícia e o sacrifício de Arne fora por nada.

- Quando Harald fez isso?
- Quinta-feira passada.
- Arne foi preso na quarta-feira.
- Então as fotos ainda estão com Harald.
- Exatamente - Hermia sentiu-se animadíssima. A morte de Arne não fora em vão. O filme crucial ainda andava

por aí, em algum lugar. Ela se levantou.

- Muito obrigada pela sua ajuda.
- Você vai a Sande?
- vou. Para encontrar Harald.
- Boa sorte - desejou Heis.

O EXÉRCITO ALEMÃO tinha um milhão de cavalos. Na maioria das divisões havia uma companhia de veterinária, dedicada a tratar de animais feridos ou doentes, encontrar ferragem e pegar animais fugidos. Uma dessas companhias tinha sido designada para estacionar em Kirsteneld"aguad'áquaot.

Isto representava a maior falta de sorte para Harald. Os oficiais se instalaram no castelo e cerca de cem homens foram alojados no mosteiro em ruínas. O velho claustro, ao lado da igreja onde Harald tinha seu esconderijo, fora transformado em hospital para cavalos.

O Exército fora persuadido a não usar a igreja. Karen suplicara ao pai para negociar isso, dizendo que não queria que os soldados danificassem os tesouros da sua infância ali guardados. O sr Duchwitz ressaltara para o comandante da tropa, o capitão Kleiss, que de qualquer modo a sucata existente na antiga igreja deixava pouco espaço para ser utilizado pelo pessoal dele. Depois de espiar por uma janela - Harald estava fora, avisado que fora por Karen, Kleiss concordou que aquilo permanecesse fechado. Como compensação, requisitara três quartos no castelo para oficiais, e assim ficaram combinados.

Os alemães eram polidos, amáveis - e curiosos. Além de todas as dificuldades que Harald enfrentava para reparar o Hornet Moth, agora ele tinha que fazer tudo bem no nariz dos soldados.

Ele estava retirando as porcas que prendiam a forquilha do eixo empenado. Seu plano era retirar a seção danificada e levá-la para a oficina do fazendeiro Nielsen.

Se ele deixasse, Harald faria o conserto lá. Enquanto isso a terceira perna, intacta, com o amortecedor, sustentaria o peso da aeronave enquanto estacionaria.

O freio provavelmente estava danificado, mas Harald não ia se Preocupar com freios. Eram usados principalmente na hora de aterrissar, e Karen lhe dissera que podia dar um jeito sem eles.

Harald trabalhou olhando para as janelas de dois em dois minutos, na expectativa de ver a qualquer momento o rosto do capitão Kleiss, com seu nariz grande e queixo saliente, que lhe davam uma expressão beligerante. Mas não apareceu ninguém, e em poucos minutos Harald tinha em mãos o suporte em forma de V.

Subiu num caixote para dar uma olhada pela janela. A face leste da igreja era parcialmente tapada por uma castanheira que se encontrava em plena floração. Aparentemente não havia ninguém por perto. Harald passou o suporte empenado pela janela, largou-o no chão do outro lado e pulou atrás.

Para além da castanheira dava para ver o amplo gramado que ficava diante do castelo. Os soldados tinham montado quatro grandes barracas e lá estacionaram suas viaturas, jipes e reboques de cavalos e um caminhão-tanque

de gasolina. Uns poucos homens podiam ser vistos, passando de uma barraca para outra, mas era de tarde, e a maioria dos integrantes da companhia estava longe cumprindo missões, levando e trazendo cavalos para e da estação ferroviária, negociando feno com fazendeiros ou então tratando cavalos doentes em Copenhague e outras cidades.

Harald pegou o suporte e saiu andando rapidamente em direção ao mato. Quando virou na esquina da igreja, viu o capitão Kleiss.

O capitão era um homem grande, com ar agressivo, e estava em pé com os braços cruzados e as pernas afastadas, falando com um sargento. Os dois se viraram ao mesmo tempo e olharam diretamente para Harald.

Harald sentiu a súbita náusea do medo. Iria ser preso tão cedo? Parou, com vontade de fazer meia-volta, e percebeu que sair correndo seria altamente incriminador.

Hesitou e seguiu em frente, cômico de que seu comportamento parecia culpado e que estava carregando parte do trem de aterrissagem de um aeroplano. Fora surpreendido no ato, e só lhe restava apelar para um blefe. Tentou segurar o montante empenado com displicência, como se fosse uma raquete de tênis ou um livro.

Kleiss dirigiu-se a ele em alemão.

- Quem é você?

Ele engoliu em seco, tentando permanecer calmo.

- Harald Olufsen - falou.

- E o que é isso que está carregando?

- Isto? - Harald podia ouvir os batimentos do próprio coração, enquanto pensava desesperadamente numa mentira que fosse plausível. - É, hmm - ele sentiu que corava, mas foi salvo por um sopro de inspiração. - Parte do conjunto cortador de uma ceifadeira.

Só depois que falou é que se deu conta de que um camponês dinamarquês com pouco estudo não devia falar um bom alemão. Esperou, ansioso, para ver se Kleiss seria sutil o bastante para perceber esse detalhe.

- O que há de errado na máquina? - perguntou Kleiss.

- Pegou uma pedra e empenou a estrutura.

Kleiss pegou a peça. Harald tinha esperança de que ele não soubesse o que tinha em mãos. A especialidade do homem eram os cavalos e não havia motivo para que ele soubesse identificar uma peça pertencente ao trem de aterrissagem de um avião. Harald conteve a respiração, aguardando o veredicto. Finalmente Kleiss devolveu a peça empenada.

- Está bem, vá em frente - disse ele. Harald entrou no bosque.

Quando se viu fora das vistas de Kleiss, parou e recostou-se numa árvore. Tinha sido um momento horrível. Achou até que fosse vomitar, mas conseguiu conter a reação.

Ele recuperou o controle. Podia haver outros momentos parecidos. Teria que se acostumar.

Harald continuou andando. O tempo estava quente, mas nublado, uma combinação de verão terrivelmente familiar na Dinamarca, onde nenhum ponto fica longe do mar. Ao se aproximar da fazenda, foi pensando em como o velho Nielsen deveria estar furioso com ele por ter saído sem avisar depois de ter trabalhado apenas um dia.

Encontrou o velho fazendeiro no pátio, olhando com cara de POUCOS amigos para um trator de cujo motor se desprendia uma coluna de vapor.

Nielsen dirigiu-lhe um olhar hostil.

- O que é que você quer, seu fujão? Mau começo.

- Desculpe ter saído sem dar uma explicação - disse Harald. Fui chamado em casa de repente pelos meus pais e não tive tempo para falar com o senhor antes de sair.

Nielsen não perguntou qual tinha sido a emergência.

- Não posso me dar ao luxo de pagar trabalhadores em quem não posso confiar.

Harald sentiu-se mais esperançoso. Se dinheiro era o que preocupava o velho mesquinho, o problema estava resolvido. Ele que ficasse com seu dinheiro.

- Não estou lhe pedindo que me pague.

Nielsen limitou-se a resmungar qualquer coisa, mas pareceu um pouquinho menos maligno.

- O que é que você quer, então?

Harald hesitou. Aquela era a parte difícil. Não queria abrir muito o jogo com Nielsen.

- Um favor - disse.

- De que tipo?

Harald mostrou-lhe a peça empenada do trem de aterrissagem.

- Eu gostaria de usar sua oficina para consertar uma peça da minha motocicleta.

Nielsen o encarou, espantado.

- Por Deus, você é atrevido, rapaz. Eu sei que sou, pensou Harald.

- É muito importante - alegou. - Talvez o senhor possa me deixar usar sua oficina como pagamento pelo dia que trabalhei.

- Talvez - Nielsen hesitou, obviamente relutante em fazer algo que beneficiasse Harald, mas sua parcimônia acabou por predominar. - Está bem. Pode usar - disse, por fim.

Harald disfarçou a alegria que sentiu. E Nielsen acrescentou:

- Desde que você conserte primeiro este trator.

Harald soltou uma praga mentalmente. Não queria perder uma hora com um trator tendo tão pouco tempo para trabalhar no Hornet Moth. Mas era apenas um radiador fervendo.

- Tudo bem - concordou.

Nielsen saiu pisando forte para ver se encontrava outra coisa que o fizesse resmungar.

Logo o vapor parou de sair e Harald conseguiu examinar o motor. Viu imediatamente que a mangueira tinha apodrecido onde uma braçadeira a prendia ao tubo do radiador, deixando que a água do sistema de arrefecimento vazasse por ali. Não havia possibilidade de conseguir uma mangueira sobressalente, claro, mas por sorte aquela tinha um pouco de folga, e ele conseguiu cortar o pedaço estragado e prender a mangueira novamente ao tubo.

Depois pegou um balde de água quente na cozinha da fazenda e reCompletoou o radiador - se fosse água fria estragaria o motor superaquecido.

E por fim deu a partida para ver se a braçadeira estava bem presa. Estava. Chegou por fim a hora de ir para a oficina.

Precisava de uma folha de aço fina para reforçar o trecho rachado do montante. E já sabia onde conseguir. Havia quatro prateleiras de metal presas na parede. Tirou tudo de cima da prateleira superior e rearranjou os itens que lá estavam nas outras três. Em seguida baixou a prateleira superior e, usando a tesoura de cortar metal do velho Nielsen, aparou as abas e cortou quatro tiras.

La usá-las como talas.

Prendeu uma das tiras no torno de bancada e, com o martelo repuxou o material, recurvando-o de forma a ajustar-se ao perfil oval do montante. Fez o mesmo com as outras três e por fim soldou-as a todas encobrendo os enrugamentos do montante.

Recuou um pouco para apreciar seu trabalho.

- Feio, mas resolve - disse em voz alta.

Atravessando o bosque na direção do castelo, podia ouvir os ruídos do acampamento do Exército: soldados

chamando uns aos outros, motores sendo acelerados, cavalos relinchando. Era cedo ainda, e os soldados com certeza tinham acabado de chegar de suas obrigações diárias. Harald achou que podia ter problema para voltar à igreja sem que reparassem nele.

Aproximou-se do mosteiro pelos fundos. No lado norte da igreja, um jovem soldado fumava um cigarro, encostado na parede. Harald cumprimentou-o com um gesto de cabeça, e o soldado lhe falou em dinamarquês:

- Bom-dia, eu me chamo Leo. Harald tentou sorrir.
- Bom-dia, sou Harald, prazer em conhecê-lo.
- Aceita um cigarro?
- Muito obrigado, fica para outra vez. Agora estou com pressa. Harald seguiu andando até a lateral da igreja. Antes

já havia encontrado um tronco e o rolado para debaixo de uma das janelas. Agora ele trepou em cima do tronco e deu uma olhada dentro da igreja. Passou a estrutura em V através da janela sem vidro e largou-a em cima do caixote que ficava embaixo da janela pelo lado de dentro. A peça quicou no caixote e caiu no chão. Em seguida ele se contorceu e pulou a janela.

- Olá! - exclamou alguém.

O coração de Harald parou, mas ele logo viu Karen. Ela estava na cauda do avião, parcialmente escondida pelo próprio aparelho, trabalhando na asa com a ponta danificada.

Harald pegou o eixo que consertara e foi mostrá-lo a Karen.

- Pensei que isto aqui estivesse vazio! - exclamou uma voz em alemão.

Harald virou-se. O jovem soldado, Leo, estava olhando pela janela. Harald fitou-o, apavorado, amaldiçoando sua sorte.

- É um depósito - disse.

Leo pulou a janela e pulou no chão. Harald disfarçou uma olhada rápida na direção da cauda da aeronave. Karen desaparecera. Leo olhou em torno, parecendo mais curioso que desconfiado.

O Hornet Moth estava coberto da hélice até a cabine, e as asas estavam dobradas para trás, mas a fuselagem era visível e o estabilizador vertical podia ser visto de longe. Até que ponto Leo seria observador?

Por sorte, o soldado se interessou mais pelo Rolls-Royce.

- Belo carro - disse. - É seu?
- Quem me dera! A motocicleta é minha - ele mostrou a estrutura do trem de aterrissagem do Hornet Moth que acabara de consertar. - Isto aqui é para o meu sidecar.

Estou tentando consertar.

- Ah! - Leo não demonstrou o menor sinal de ceticismo.
- Eu gostaria de ajudá-lo, mas não entendo nada de máquinas e motores. Minha especialidade são os cavalos.

- Naturalmente - os dois eram mais ou menos da mesma idade e Harald sentiu pena do jovem alemão solitário longe de casa. Mas assim mesmo queria que Leo fosse embora antes que visse o que não devia. De repente soou um apito agudo.

- Hora da ceia - explicou Leo. Graças a Deus, pensou Harald.
- Foi um prazer conversar com você, Harald. Estou ansioso por encontrá-lo de novo.
- Eu também.

Leo trepou no caixote e saiu pela janela.

- Jesus! - exclamou Harald.

Karen surgiu de trás da cauda do Hornet Moth, parecendo trêmula.

- Este foi um momento perigoso - disse ela.
- Ele não estava desconfiado, só queria conversar.
- Deus nos livre de alemães amistosos - disse ela, com um sorriso.
- Amém - Harald adorava quando Karen sorria. Era como o nascer do sol. Ficou olhando para o seu rosto por tanto tempo quanto se atreveu.

Depois voltou a atenção para a asa em que Karen estava trabalhando. Viu que reparava os rasgões. Aproximou-se mais e parou ao seu lado. Ela vestia uma calça velha de veludo cotelê que devia ter sido usada para trabalhos de jardinagem e uma camisa de homem com as mangas enroladas.

- Estou colando pedaços de pano sobre as áreas danificadas explicou ela. - Quando a cola secar, vou passar uma mão de tinta em cima dos remendos para impermeabilizá-los.

- Onde conseguiu o tecido, a cola e a tinta?
- No teatro. Pisquei os olhos para um cenógrafo.
- Sorte sua - obviamente era fácil para ela conseguir que os homens fizessem o que queria. Harald sentiu ciúmes do cenógrafo. - O que é que você faz no teatro o dia inteiro, afinal?

- Sou a substituta do papel principal de Lês Sylphides.
- Vai aparecer dançando?
- Não. Há dois elencos; portanto, para eu ser escalada as duas outras têm que ficar doentes.
- Que pena. Eu adoraria ver você dançando.
- Se o impossível acontecer, eu lhe consigo uma entrada - ela voltou a atenção para a asa. - Temos que nos assegurar de que não há fraturas internas.

- Isto significa que temos que examinar as longarinas de Cadeira sob o tecido.
- Isso.
- Bem, agora que temos o material para fazer os reparos, suponho que possamos cortar um painel de inspeção e dar uma olhada.

Ela não ficou muito convencida.

- Está bem...

Harald não imaginou que uma faca comum cortaria com facilidade o tecido tratado, mas encontrou uma talhadeira afiada na prateleira das ferramentas.

- Onde devemos cortar?
- Perto das escoras.

Ele comprimiu o fio da talhadeira contra a superfície do pano. Uma vez feito o corte inicial, o resto foi relativamente fácil. Harald fez uma incisão em forma de L e dobrou uma aba, o que resultou em uma abertura de tamanho razoável.

Karen apontou o fecho de luz da lanterna para o buraco e abaixou para dar uma espiada. Ficou bastante tempo

examinando tudo, até que retirou a cabeça e meteu o braço pelo buraco. Agarrou alguma coisa e sacudiu vigorosamente.

- Acho que estamos com sorte - disse. - Nada se mexe.

Ela recuou e Harald tomou o seu lugar. Enfiou o braço, agarrou um esteio e o empurrou e puxou. A asa toda se mexeu, mas ele não sentiu pontos fracos.

Karen ficou satisfeita.

- Estamos fazendo progresso - disse. - Se eu puder acabar de consertar os remendos amanhã e você puder montar a peça que consertou, e deixar pronto o trem de pouso, a estrutura do aparelho estará completa, exceto pelos cabos que foram retirados. E ainda dispomos de oito dias.

- Na verdade não é bem assim - retrucou Harald. - Provavelmente temos de chegar na Inglaterra no mínimo vinte e quatro horas antes da incursão para que nossa informação surta algum efeito. Assim sendo, dispomos apenas de sete dias. Para chegar no sétimo dia, precisamos sair na véspera e voar a noite inteira. O que significa que, na verdade, dispomos apenas de seis dias, na melhor das hipóteses.

- Então preciso terminar os remendos hoje - ela deu uma olhada no relógio. - É melhor eu aparecer lá em casa na hora do jantar, mas volto assim que puder.

Karen pôs a cola num canto e lavou as mãos na pia usando o sabonete que trouxera de casa para Harald.

Ele a observou. Sempre lamentava quando ela ia embora. A vontade que tinha era de ficar ao lado de Karen o dia inteiro, todos os dias.

Devia ser isso que fazia com que as pessoas quisessem se casar. Será que queria se casar com Karen? Pergunta tola - claro que queria. Não tinha a menor dúvida.

Às vezes tentava imaginar os dois dentro de dez anos, cansados um do outro e chateados, mas era impossível. Karen jamais seria chata.

Ela enxugou as mãos num retalho de toalha.

- Por que está tão pensativo? Ele sentiu que corava.

- Imaginando o que o futuro nos reserva.

Karen olhou para ele diretamente nos olhos e por um momento Harald achou que havia lido seus pensamentos. Um instante depois ela desviou o olhar.

- Um longo vôo cruzando o mar do Norte - disse. - Quase mil quilômetros sem escala. É melhor a gente se certificar de que esta lata velha consiga chegar lá.

Em seguida ela dirigiu-se para a janela e subiu no caixote.

- Não olhe... esta não é uma manobra digna para uma dama.

- Não vou olhar, juro - garantiu Harald, com uma risada. Karen agarrou-se na janela e levantou o corpo. Quebrando jovialmente a promessa feita, ele ficou admirando seu traseiro enquanto ela se contorcia para passar para o outro lado. Logo desaparecia do outro lado.

Harald voltou sua atenção para o Hornet Moth. Não seria preciso muito tempo para consertar o trem de pouso. Pegou os parafusos e as porcas no lugar em que os deixara, na bancada. Ajoelhou-se ao lado da roda, encaixou o montante em V e em seguida começou a fixar os parafusos que o prendiam, de um lado, à fuselagem e do outro, ao suporte da roda.

Já estava terminando quando Karen reapareceu, bem antes do esperado.

Ele sorriu, satisfeito com sua volta, e viu que ela estava desfigurada.

- O que foi?

- Sua mãe telefonou.

Harald ficou zangado.

- Droga! Eu não devia ter dito a ela para onde estava indo. com quem ela falou?
- Meu pai. Mas ele disse que você definitivamente não estava aqui e ela pareceu acreditar.
- Graças a Deus - ainda bem que ele não dissera à sua mãe que ia ficar no mosteiro abandonado. - O que ela queria, afinal?
- Dar uma péssima notícia.
- O quê?
- É sobre Arne.

Harald deu-se conta, com um sobressalto de culpa, que nestes últimos dias quase não pensara no irmão que estava definhando na cadeia.

- O que foi que aconteceu?
- Arne... Arne está morto.

A princípio Harald não aceitou o que ouvira.

- Morto? - era como se não entendesse o sentido da palavra.
- Como ele pode estar morto?
- A polícia disse que ele se matou.
- Suicídio? - Harald teve a impressão de que o mundo desabava à sua volta, paredes da igreja ruíam, árvores no parque eram derrubadas e o castelo de Kirsteneld"aguad"águaot era levado para longe pelo vento forte. - Por que ele iria fazer uma coisa dessas?

- Para evitar ser interrogado pela Gestapo, foi o que o comandante de Arne disse à sua mãe.
- Para evitar... - Harald viu imediatamente o que ela queria dizer. - Ele teve medo de não ser capaz de agüentar a tortura.

Karen aquiesceu.

- É o que se pode deduzir.
- Se ele tivesse falado, teria me traído.

Ela ficou em silêncio, sem concordar nem contradizê-lo.

- Arne se matou para me proteger - de repente Harald precisava que Karen confirmasse sua dedução e segurou-a pelos ombros. - Estou certo, não estou? - gritou ele.
- Só pode ser isso! Ele se matou por minha causa! Diga alguma coisa, pelo amor de Deus!
- Acho que você está certo, sim - murmurou ela, finalmente. Em um instante a raiva de Harald transformou-se em dor.

O sofrimento foi tão grande que se descontrolou. Os olhos se encheram de lágrimas e o corpo foi sacudido por soluços.

- Oh, meu Deus! - exclamou, cobrindo o rosto molhado de lágrimas com ambas as mãos. - Oh, meu Deus, que coisa horrível!

Harald sentiu os braços de Karen o envolverem. Delicadamente, ela puxou a cabeça dele para o seu ombro. Suas lágrimas caíram no cabelo dela e escorreram pelo seu pescoço. Karen acariciou-lhe a nuca e beijou seu rosto molhado.

- Pobre Arne! - disse Harald, a voz entrecortada de soluços. -Pobre Arne!
- Sinto muito - murmurou Karen. - Meu querido Harald, eu sinto tanto, mas tanto...

No MEIO do Politigaarden, o quartel-general da polícia em Copenhague, havia um espaçoso pátio circular ao ar livre. Era cercado por uma arcada de pilastras clássicas duplas que se repetiam em um padrão absolutamente perfeito. Para Peter Flemming aquele traçado era uma representação do modo pelo qual a ordem e a regularidade permitiam que a

luz da verdade brilhasse na perversidade humana. Frequentemente perguntava-se se o arquiteto tivera essa intenção ou se pensara apenas em construir um pátio bonito.

Ele e Tilde Jespersen conversavam na arcada, encostados nas pilastras, fumando. Tilde usava uma blusa sem mangas que exibía a pele suave dos seus braços. Tilde tinha os antebraços cobertos de finos pêlos dourados.

- A Gestapo acabou com Jens Toksvig - disse Peter. -E?

- Nada - ele estava exasperado e sacudiu os ombros como se assim se livrasse da frustração. - Jens disse tudo o que sabe, claro. É um dos Vigilantes Noturnos, passava informações a Poul Kirke e concordou em dar abrigo a Arne Olufsen quando Arne fugiu. Disse também que o projeto todo foi organizado pela noiva de Arne, Hermia Mount, que trabalha no MI6, na Inglaterra.

- Interessante, mas não nos leva a parte alguma.

- Exatamente. Para nosso azar, Jens não sabe quem se infiltrou na base de Sande e não tem conhecimento do filme revelado por Harald.

Tilde deu uma tragada no cigarro. Peter observou sua boca. Ela parecia estar beijando o cigarro. Depois exalou a fumaça pelas narinas.

- Arne matou-se para proteger alguém - disse ela. - Presumo que essa pessoa tenha o filme.

- Ou o filme está com o seu irmão Harald ou este o entregou a outra pessoa. De qualquer modo, temos que falar com ele.

- Onde?

- Na casa do pastor Olufsen, em Sande, acho. Ele não tem outro lugar para ir.

Peter deu uma olhada no relógio.

- vou pegar um trem dentro de uma hora.

- Por que não telefona?

- Não quero lhe dar uma oportunidade de fugir. Tilde pareceu inquieta.

- O que é que você vai dizer aos pais dele? Não acha que podem culpá-lo pelo que aconteceu a Arne?

- Eles não sabem que eu estava lá quando Arne se matou. Não sabem sequer que eu o prendi.

- Suponho que não saibam - disse ela, na dúvida.

- De qualquer forma, não ligo a mínima para o que eles pensem - disse Peter, impaciente. - O general Braun ficou furioso quando eu lhe disse que os espões podem ter fotografado a base de Sande. Deus sabe o que os alemães têm lá, mas é secretíssimo. E ele me culpa. Se o filme sair da Dinamarca, não sei o que fará comigo.

- Mas foi você quem descobriu o círculo de espões!

- E quase preferia não ter descoberto - ele jogou o cigarro no chão e pisou em cima, esmagando-o com a sola do seu sapato. Gostaria que você fosse a Sande comigo.

Tilde o avaliou com seus olhos azuis-claros.

- Claro, se quiser a minha ajuda.

- E eu gostaria que você conhecesse meus pais.

- Onde vou ficar?

- Conheço um hotelzinho em Morlunde, limpo e tranqüilo, que deverá lhe agradar.

O pai dele tinha um hotel, claro, mas era perto demais da sua casa- Se Tilde ficasse lá, toda a população de Sande saberia tudo o que ela fizesse a qualquer hora do dia ou da noite.

Peter e Tilde não tinham falado a respeito do que acontecera no apartamento dele, muito embora já tivessem decorrido seis dias.

- Peter não sabia ao certo o que dizer. Sentira vontade de fazer sexo com ela na frente de Inge, e Tilde aceitara e

fora em frente, partilhando sua paixão e parecendo compreender a necessidade dele. A seguir, parecera perturbada e Peter a levava para casa de carro, despedindo-se com um beijo de boa-noite.

Não tinham repetido aquilo. Uma vez bastava para provar o que quer que ele tivesse de provar. Fora ao apartamento de Tilde na noite seguinte, mas o filho dela estava acordado, pedindo água e se queixando de pesadelos, o que fez com que Peter saísse cedo. Agora ele via a viagem a Sande como uma chance para pegá-la sozinha.

Mas Tilde pareceu hesitar. E fez outra pergunta prática:

- E a Inge?

- vou combinar com a agência de enfermagem para cuidar dela em tempo integral, como fiz quando fomos a Bornholm.

- Entendo.

Ela desviou o olhar para o pátio, pensando, e ele aproveitou para estudar seu perfil: o nariz pequeno, a boca em forma de arco, o queixo determinado. Peter recordou-se da emoção esmagadora de possuí-la. Certamente que ela não podia ter esquecido aquilo.

- Não quer passar uma noite comigo? Ela se virou com um sorriso.

- Claro que quero - respondeu. - É melhor eu ir arrumar a mala.

Na manhã seguinte, Peter acordou no Oesterport Hotel, em Morlunde. O Oesterport era um estabelecimento respeitável, mas seu proprietário, Erland Berten, não era casado com a mulher que se passava por sua esposa. Erland tinha uma esposa em Copenhague que não queria lhe dar o divórcio. Ninguém em Morlunde sabia, exceto Peter Flemming, que tinha descoberto isso por acaso, enquanto investigava o assassinato de um tal Jacob Berten, que não era parente de Erland. Peter contara a Erland que descobrira a existência da verdadeira sra. Berten, mas, a não ser por isso, guardara segredo, sabendo que assim ganharia ascendência sobre Erland. Agora podia confiar na discrição dele. O que quer que acontecesse entre Peter e Tilde no Oesterport Hotel, Erland não contaria a ninguém.

O casal, contudo, acabara não dormindo junto. O trem sofrera um atraso e Peter e Tilde tinham chegado em Morlunde no da noite, muito tempo depois da última barca para Sande.

Exaustos e de mau humor depois da viagem frustrante, hospedaram-se em quartos de solteiro, separados, e dormiram algumas horas. Iam pegar agora a primeira barca da manhã.

Ele se vestiu rapidamente e foi bater na porta do quarto de Tilde. Ela estava ajeitando um chapéu de palha, olhando-se no espelho que havia em cima da lareira. Peter beijou-a no rosto sem querer estragar sua maquilagem.

Foram caminhando até o cais. Um policial local e um soldado alemão verificaram seus documentos de identidade. Aquele posto de controle era novo. Peter achou que devia ser uma medida de segurança adicional adotada pelos alemães por causa do interesse dos espões em Sande. Mas podia ser útil para ele também. Mostrou o crachá ao policial e pediu que ele lhe preparasse uma relação de todo mundo que visitasse a ilha nos próximos dias. Seria interessante ver quem viria ao funeral de Arne.

Do outro lado do canal, a charrete esperava por eles. Peter mandou que os levassem à casa paroquial.

O sol começava a aparecer por cima da linha do horizonte e brilhava nas janelas das casas. Chovera à noite e as gotículas presas à vegetação das dunas faíscava.

Uma fraca brisa encrespava a superfície do mar. Era como se a ilha tivesse vestido suas melhores roupas para a visita de Tilde.

- Que lugar lindo - disse.

Peter ficou contente por ela ter gostado. No caminho, mostrou-lhe o hotel, a casa de seu pai - a maior da ilha - e a base militar que era o alvo do grupo de espões.

Ao se aproximar da casa do pastor, Peter notou que a porta da igreja estava aberta e ouviu o som de um piano.

- Talvez seja Harald tocando - disse ele. Percebeu a excitação na sua própria voz. Seria assim tão fácil? Tossiu e obrigou sua voz a sair mais grave e calma. - É

melhor ir ver, não é mesmo?

Saltaram da charrete e o condutor perguntou: - A que horas devo voltar, sr. Flemming? - Espere aqui, por favor.

- Tenho outros fregueses... - Espere aqui!

O homem resmungou qualquer coisa.

- Se não estiver aqui quando eu sair, vai ser despedido.

O condutor da charrete ficou emburrado, mas não se mexeu.

Peter e Tilde entraram na igreja. Lá na frente havia um homem sentado ao piano. Estava de costas para a entrada, mas Peter reconheceu os ombros largos e o formato da cabeça. Era Bruno Olufsen, o pai de Harald.

Peter estremeceu de desapontamento. Embora ansiasse para prender Harald, precisava ter cuidado para não se deixar dominar por esta necessidade.

O pastor executava um hino lento em tom menor. Peter deu uma olhada em Tilde e viu que sua expressão era pesada.

- Não se deixe enganar - disse. - O velho tirano é duro como bronze.

Olufsen terminou o hino e deu início a outro. Peter não estava disposto a esperar.

- Pastor! - exclamou.

O pastor não parou de tocar imediatamente: terminou a frase musical e deixou que a música soasse por um instante. Finalmente, virou-se.

- Jovem Peter - disse numa voz inexpressiva.

Peter ficou momentaneamente chocado ao ver como o pastor parecia ter envelhecido. Seu rosto estava vincado pelo cansaço e os olhos azuis haviam perdido o brilho alívio.

- Estou procurando Harald - disse Peter, após um instante de surpresa.

- Não imaginei que fosse uma visita de condolências - disse o pastor, friamente.

- Ele está aqui?

- A indagação é oficial?

- Por que pergunta? Harald está envolvido em algum malfeito?

- Certamente que não.

- Fico feliz em saber. Ele está em casa?

- Não. Ele não está na ilha. E não sei onde se encontra. Peter olhou para Tilde. Aquilo era uma decepção; mas, por outro lado, sugeria que Harald fosse culpado.

Por que outro motivo teria desaparecido?

- Onde o senhor pensa que ele possa estar?

- Vá embora.

Arrogante como sempre, mas desta vez o pastor não ia escanar impune, pensou Peter, satisfeito.

- Seu filho mais velho matou-se porque foi apanhado espionando - disse asperamente.

O pastor encolheu-se como se Peter o tivesse golpeado fisicamente.

Peter ouviu Tilde ofegar atrás dele, percebeu que a chocara com a sua crueldade, mas continuou a pressionar:

- Seu filho mais moço pode ser culpado do mesmo crime. O senhor não está em condições de bancar o arrogante com a polícia.

O rosto normalmente orgulhoso do pastor pareceu magoado e vulnerável.

- Já falei que não sei onde Harald se encontra - disse, aborrecido. - Tem mais alguma pergunta a fazer?

- O que está escondendo? O pastor suspirou.
- Você é um dos integrantes do meu rebanho, e se vier me procurar pedindo ajuda espiritual não me furtarei a dá-la. Mas não falarei com você por nenhum outro motivo.

Você é arrogante e cruel e não vale quase nada como uma das criaturas aos olhos de Deus. Saia da minha frente!

- Não pode expulsar ninguém da igreja, ela não lhe pertence.
- Se quer orar, será bem-vindo. A não ser por isso, vá embora. Peter hesitou. Não queria ceder, mas sabia que fora derrotado.

Após um instante, pegou o braço de Tilde e levou-a para fora da igreja.

- Eu lhe disse que ele era durão - comentou. Tilde parecia abalada.
- Acho que o pobre homem está sofrendo.
- Sem dúvida. Mas estava dizendo a verdade?
- Evidentemente que Harald está escondido. O que significa, quase que certamente, que está com o filme.
- Então temos de encontrá-lo - ponderou Peter. - Só não sei Se o pai realmente não sabe onde ele está.
- É de seu conhecimento que o pastor tivesse mentido alguma vez?
- Não. Mas pode estar começando agora, para proteger o filho.

Tilde fez um gesto de dispensa e disse:

- De qualquer maneira, não vamos conseguir tirar nada dele.
- Concordo. Mas estamos no caminho certo, isto é o mais importante. Vamos tentar a mãe. Ela pelo menos é de carne e osso.

Os dois se dirigiram para a casa. Peter conduziu Tilde para os fundos. Ele bateu na porta da cozinha e foi entrando, como era o hábito ali na ilha.

Lisbeth Olufsen estava sentada à mesa da cozinha sem fazer nada. Peter nunca a vira ociosa em toda a sua vida: estava sempre cozinhando ou limpando. Até mesmo na igreja, estava sempre atarefada, endireitando as fileiras de cadeiras, distribuindo ou recolhendo os hinários, ou senão atijando o fogo do aquecedor que era usado no inverno para esquentar um pouco o grande salão. Agora ela estava olhando para as mãos, cuja pele era rachada e esfolada em alguns lugares, como a das mãos de um pescador.

- Sra. Olufsen?

Ela virou o rosto para Peter. Tinha os olhos congestionados e o rosto chupado. Custou um momento para reconhecê-lo.

- Peter - disse inexpressivamente.

Ele decidiu tentar uma abordagem mais amena:

- Sinto muito pelo Arne.

Ela balançou a cabeça vagamente.

- Esta é minha amiga Tilde. Trabalhamos juntos.
- Prazer.

Ela sentou-se à mesa e fez um gesto para que Tilde também se sentasse. Talvez uma pergunta simples de ordem prática fizesse com que a sra Olufsen saísse daquele transe.

- Quando é o enterro?

Ela pensou por um momento antes de responder.

- Amanhã. Assim era melhor.
- Falei com o pastor - disse Peter. - Estivemos com ele na igreja.
- Ele está com o coração partido. Mas não deixa que ninguém perceba.

- Compreendo. Harald deve estar também terrivelmente abalado.

Ela o encarou e baixou de novo os olhos para as mãos. Foi um olhar que não teria durado mais que uma fração de segundo, mas Peter viu nele o medo e a mentira.

- Não temos falado com Harald - murmurou ela.
- Por quê?
- Porque não sabemos onde ele se encontra.

Peter não podia garantir que ela estivesse mentindo, mas não tinha dúvidas de que sua intenção era enganar. Enfureceu-o o fato do pastor e sua mulher, que posavam de moralmente superiores aos outros, ocultarem deliberadamente a verdade da polícia. Ele levantou a voz.

- Para seu bem, é melhor que coopere conosco!

Tilde colocou a mão no braço dele para contê-lo e dirigiu-lhe um olhar indagador. Ele fez um gesto para que ela fosse em frente.

- Sra. Olufsen, lamento muito ter que lhe dizer que Harald pode estar envolvido nas mesmas atividades ilegais de Arne.

A sra. Olufsen pareceu amedrontada.

- Quanto mais longe ele for - continuou Tilde, mais encencado estará quando finalmente conseguirmos pegá-lo.

A velha senhora sacudiu a cabeça de um lado para outro, parecendo angustiada, mas nada disse.

- Se a senhora nos ajudar a encontrá-lo, estará fazendo o melhor para o seu filho.
- Não sei onde ele está - ela repetiu, mas com menos firmeza. Peter sentiu o momento de fraqueza. Levantou-se e se debruçou sobre a mesa da cozinha, aproximando o rosto do dela.

- Vi Arne morrer - disse ele, em tom áspero.

Os olhos da sra. Olufsen arregalaram-se, horrorizados.

- Vi seu filho encostar a arma no próprio pescoço e puxar o gatilho - prosseguiu ele.
- Peter, não - pediu Tilde. Ele a ignorou.
- Vi o sangue e os miolos de Arne respingarem na parede às suas costas.

A sra. Olufsen deixou escapar um grito de choque e dor. Peter viu com satisfação que ela estava prestes a ceder e pressionou mais, para aproveitar sua vantagem.

- Seu filho mais velho era um espião e um criminoso e teve fim violento. Aqueles que vivem pela espada morrerão pela espada, é o que diz a Bíblia.

Quer que aconteça o mesmo com o seu outro filho?

- Não - ela murmurou. - Não.
- Então me diga onde ele se encontra!

A porta abriu-se abruptamente e o pastor irrompeu na cozinha.

- Você é asqueroso! - exclamou.

Peter endireitou-se, assustado, mas desafiador.

- Tenho direito a interrogar...
- Saia da minha casa.
- Vamos, Peter - disse Tilde.
- Eu ainda quero saber...
- Agora! - urrou o pastor. - Saia daqui agora! Ele adiantou-se para contornar a mesa.

Peter recuou. Sabia que não podia permitir que gritassem com ele daquele jeito. Ele estava em missão legítima e oficial da polícia e tinha o direito de fazer perguntas.

Mas a presença dominadora do pastor o assustou, a despeito da pistola que trazia sob o paletó, e ele acabou batendo em retirada.

Tilde abriu a porta e saiu.

- Não terminei com vocês dois - murmurou Peter ao recuar na direção da porta.

O pastor bateu com a porta na sua cara. Peter virou-se.

- Malditos hipócritas! - disse. - Os dois. A charrete os esperava.
- Para a casa do meu pai - disse Peter, e entrou, junto com Tilde.

Enquanto se afastavam, tentou expulsar da sua mente a cena humilhante e se concentrar nos próximos passos.

- Harald tem de estar morando em algum lugar - disse.
- É evidente - o tom de voz de Tilde foi cortante e ele adivinhou que ela devia estar aflita com o que acabara de

testemunhar.

- Ele não está na escola e não está em casa, e não tem parentes, exceto uns primos em Hamburgo.
- Poderíamos fazer circular uma foto dele.
- Teremos dificuldade de encontrar uma. O pastor não acredita em fotos... são sinais de vaidade. Você não viu

nenhuma foto na cozinha, viu?

- E uma foto da escola?
- Não é uma tradição de Jansborg. A única foto de Arne que encontramos foi a do seu alistamento militar. Duvido que haja uma foto de Harald em algum lugar.
- Então, qual é o nosso próximo passo?
- Acho que ele deve estar escondido com amigos... você também não acha?
- Faz sentido.

Tilde não olhou para ele. Peter suspirou. Quer dizer então que ficara zangada. Que ficasse.

- Eis o que você vai fazer - disse Peter, em tom de comando.
- Telefonar para o Politigaarden. Mandar Conrad para a Jansborg Skole. Dizer para que ele pegue uma lista com os endereços residenciais de todos os garotos da classe de Harald. Depois arranje alguém que vá visitar cada casa, faça algumas perguntinhas, procure xeretar um pouco.

- Eles devem morar por todo o país. Seria preciso um mês inteiro para visitá-los. De quanto tempo dispomos?
- Bem pouco. Não sei quanto tempo será preciso para Harald imaginar um jeito de levar o filme para Londres, mas ele é um sujeito ardiloso. Usaremos a polícia local quando for necessário.

- Muito bem.

- Se ele não estiver hospedado com amigos, deve estar escondido com outro membro do círculo de espões. Vamos ficar e fazer um levantamento de todo mundo que aparecer no enterro de Arne. Alguém tem de saber onde Harald está.

A charrete reduziu a marcha ao se aproximar da entrada da casa de Axel Flemming, o pai de Peter.

- Você se importa se eu voltar para o hotel? - perguntou Tilde.

Seus pais os aguardavam para almoçar, mas Peter viu que ela não estava com disposição para isso.

- Está bem - ele deu um tapinha no ombro do condutor da charrete. - Vá para o cais.

Seguiram em silêncio por algum tempo. Ao se aproximarem do cais, Peter perguntou:

- O que é que você vai fazer no hotel?
- Na verdade acho que devia voltar para Copenhague.
- O que, diabos, há de errado com você? - perguntou Peter, enfurecido, quando a charrete parou ao lado do cais.
- Não gostei do que aconteceu.
- Nós tínhamos que fazer aquilo!

- Não tenho tanta certeza.
- Era nosso dever tentar fazer com que aquelas pessoas dissessem o que sabiam.
- O dever não é tudo.

Peter se lembrou de que ela dissera a mesma coisa quando discutiram por causa de judeus.

- Isso é jogo de palavras. Dever é aquilo que a pessoa tem que fazer. Não se pode fazer exceções. É isso o que está errado neste mundo.

A barca estava atracada no cais. Tilde saltou da charrete.

- É só a vida, Peter, mais nada.
- É por isso que temos crimes! Você não preferia viver em um mundo onde todo mundo cumprisse com seu dever?

Imagine só! Pessoas bem-comportadas, trajando uniformes limpos e elegantes, cumprindo com as suas obrigações, sem relaxamentos, sem atrasos, sem meias medidas. Se todos os crimes fossem punidos e nenhuma desculpa aceita, haveria muito menos trabalho para a polícia!

- É isso realmente o que você quer?

- É - e se eu algum dia for o chefe de polícia e os nazistas ainda estiverem mandando, é como será! O que há de errado nisso?

Ela balançou a cabeça, mas não respondeu.

- Adeus, Peter.

Tilde já ia se afastando quando ele insistiu:

- Então? - gritou. - O que há de errado com isso? Mas ela embarcou sem olhar para trás.

PARTE QUATRO

HARALD SABIA que a polícia estava procurando por ele.

Sua mãe telefonara para Kirsteneld"aguad'águat de novo, ostensivamente para informar a Karen o dia e a hora do enterro de Arne. Durante a conversa, contou que tinha sido interrogada pela polícia acerca do paradeiro de Harald. "Mas eu não sei onde ele está, de modo que não pude informar", disse. Era um aviso e Harald admirou a coragem da mãe em enviá-lo assim como a astúcia de imaginar que Karen provavelmente poderia fazer com que ele tomasse conhecimento.

Apesar do aviso, ele precisava ir à escola de aviação.

Karen pegou escondido umas roupas velhas do pai para que Harald não precisasse usar o blazer da escola que o caracterizaria. Ele vestiu uma jaqueta esportiva americana maravilhosamente leve, um boné e óculos escuros. Ficou parecendo mais um milionário playboy que um espião fugitivo quando pegou o trem em Kirsteneld"aguad'águat.

Assim mesmo, estava nervoso. Sentiu-se encurralado no vagão. Se um policial o abordasse ele não podia fugir.

Em Copenhague, ele percorreu a pé a curta distância da estação suburbana de Vesterport à estação da linha principal sem ver um único uniforme policial. Poucos minutos depois via-se dentro de outro trem, agora no rumo de Vodal.

No caminho, pensou no irmão. Todo mundo achara que Arne não se prestava aos trabalhos da Resistência; demasiado brincalhão, descuidado, talvez não suficientemente corajoso. E no fim ele acabara se revelando como o grande herói. Os olhos de Harald se encheram de lágrimas por trás dos óculos escuros.

Renthe, o comandante da escola de aviação, fez com que ele se lembrasse de Heis, o diretor da escola, por serem ambos altos e de nariz comprido. Por causa dessa semelhança, Harald achou difícil mentir para ele.

- Vim... vim pegar as coisas de meu irmão. As coisas pessoais, se não houver problema.

Renthe pareceu não notar seu embaraço.

- Claro - disse. - Um dos colegas de Arne, Hendrik Janz, arrumou tudo. Tem só uma mala e uma bolsa de lona.

- Obrigado - Harald não queria as coisas de Arne, mas ele precisava de uma desculpa para estar ali. O que na verdade ele queria eram cerca de quinze metros de cabo de aço para substituir os cabos de controle do Hornet Moth que estavam faltando, e ali era o único lugar em que achava que seria possível conseguir.

Mas agora que estava ali dentro da escola de aviação, a tarefa lhe parecia muito mais difícil do que à distância. Sentiu-se invadir por uma leve onda de pânico.

Sem o cabo de aço, o Hornet Moth não poderia voar. Depois pensou de novo no sacrifício que seu irmão havia feito e obrigou-se a se acalmar. Se ficasse de cabeça fria podia ser que encontrasse uma saída.

- Eu ia mandar tudo para os seus pais - acrescentou Renthe.

- Pode deixar por minha conta - Harald perguntou-se se poderia confiar em Renthe.

- Só hesitei porque achei que talvez devesse enviar para a noiva dele.

- Hermia? - perguntou Harald, espantado. - Na Inglaterra?

- Ela está na Inglaterra? Esteve aqui três dias atrás.

- O que estava fazendo aqui? - perguntou Harald, estupefato.

- Presumi que tivesse se naturalizado e estivesse morando aqui. De outro modo, a presença dela no país seria ilegal e eu teria sido obrigado a relatar sua visita à polícia. Mas obviamente Hermia não teria vindo aqui se fosse esse o caso. Ela saberia, claro, que, como oficial do Exército, sou obrigado a participar à polícia qualquer ato ilícito que chegue ao

meu conhecimento.

Ele interrompeu-se, dirigindo um olhar duro a Harald, e acrescentou:

- Entende o que quero dizer?
- Acho que sim - Harald percebeu que aquilo era um recado. Renthe devia suspeitar que ele e Hermia estivessem envolvidos em atividades de espionagem, juntamente com Arne, e o estava avisando para não falar nada a esse respeito. Obviamente simpatizava com a causa da Resistência, mas não queria contrariar as regras.

Harald levantou-se.

- O senhor esclareceu tudo perfeitamente, muito agradecido.
- vou chamar alguém para levar você ao alojamento de Arne.
- Não precisa, sei o caminho. - Harald estivera no quarto de Arne duas semanas antes para voar no Tiger Moth.

Renthe balançou a cabeça.

- Meus mais sinceros pêsames.
- Muito obrigado.

Harald deixou o prédio do comando e saiu andando pelo caminho que interligava todas as construções que compunham a base. Deslocou-se vagarosamente, dando uma boa olhada no interior dos hangares. Não havia muita atividade. O que há para fazer em uma base aérea cujas aeronaves não voam?

Sentia-se frustrado. O cabo de aço que precisava devia estar ali em algum lugar. Tudo o que tinha a fazer era descobrir onde e se apossar dele. Mas não era assim tão fácil.

Em um dos hangares ele viu um Tiger Moth inteiramente desmontado. As asas tinham sido removidas, a fuselagem estava em cima de cavaletes, o motor em cima de uma bancada. Suas esperanças aumentaram. Harald cruzou o portal gigantesco. Encontrou um mecânico, de macacão, sentado em cima de um latão de óleo, bebendo chá em uma caneca.

- Assombroso - foi dizendo Harald. - Eu nunca tinha visto um avião desmontado desse jeito.
- Tem que ser feito - respondeu o homem. - As peças se desgastam e não se pode deixar que quebrem lá em cima.

Em uma aeronave tudo tem que ser perfeito. Do contrário, você cai.

Aquele era o tipo do pensamento preocupante para Harald, estava planejando atravessar o mar do Norte em um avião que não era examinado por um mecânico há anos.

- Quer dizer que você troca tudo? Tudo que se move, sim.

Aquele homem talvez pudesse dar a Harald o que ele precisava. - As peças sobressalentes devem ser um problema e tanto. - com certeza.

- Há o que, uns trinta metros de cabos de controle em cada avião?
- Um Tiger Moth precisa de quarenta e oito metros e quarenta e seis centímetros de cabos de aço de meia tonelada para acionamento dos controles.

Exatamente o que preciso, pensou Harald, cada vez mais animado. Mais uma vez ele hesitou em pedir, com medo de se entregar a uma pessoa que não fosse simpática à causa. Olhou em torno. Tinha imaginado vagamente que as peças do avião estariam espalhadas à sua volta, ao alcance de quem as quisesse pegar.

- E onde é que você guarda tudo?
- No depósito, claro. Isto aqui é o Exército. Tudo em seu respectivo lugar.

Aquilo era muito irritante. Se ao menos ele visse um pedaço do cabo e o apanhasse casualmente... Mas não adianta querer soluções fáceis.

- Onde é o depósito?
- Aí ao lado - o mecânico franziu a testa, desconfiado. - Por quê tantas perguntas?
- Pura curiosidade - Harald achou que tinha pressionado demais aquele homem. Tinha que seguir adiante sem

despertar suspeitas. Acenou, despedindo-se.

- Foi legal conversar com você - disse, virando-se.

Ele caminhou até o prédio do lado e entrou. Um sargento, sentado atrás de um balcão, fumava e lia um jornal. Harald viu uma foto de soldados russos se rendendo e a manchete "STALIN ASSUME O CONTROLE DO MINISTÉRIO DA DEFESA SOVIÉTICO".

Harald examinou a infinidade de prateleiras de aço do outro lado do balcão. Sentiu-se como uma criança em uma loja de doces. Ali estava tudo o que queria, de arruelas a motores inteiros. Dava para construir um avião com todas aquelas peças.

E lá estava uma seção inteira com quilômetros de cabos das mais diversas especificações, todos cuidadosamente enrolados em cilindros de madeira, como carretéis de linha.

Harald vibrou. Sabia agora onde exatamente o cabo estava. Tinha, portanto, que imaginar um modo de pôr as mãos nele.

Após um momento, o sargento levantou os olhos do jornal.

- Pois não?

Será que ele podia ser subornado? Mais uma vez Harald hesitou. Tinha uma boa soma de dinheiro no bolso, que Karen lhe dera exatamente com este objetivo. Mas ele não sabia como formular uma proposta deste tipo.

Até mesmo um encarregado corrupto podia se ofender com uma proposta grosseira. Quisera ter pensado um pouco mais a respeito da abordagem que deveria escolher.

Mas tinha que tentar:

- Posso lhe fazer uma pergunta? - começou. - Todas essas peças sobressalentes aí... haveria alguma maneira para que uma pessoa, quer dizer, um civil, pudesse comprar, ou...

- Não - interpôs o sargento abruptamente.
- Mesmo que o preço não fosse, sabe como é, um fator importante...
- Absolutamente não.

Harald não sabia mais o que dizer.

- Desculpe se o ofendi...
- Esquece.

A porta era de madeira maciça com três trancas. Ele observou ao sair. Não seria fácil entrar naquele depósito. Talvez não fosse o primeiro civil a se dar conta de que componentes em falta no mercado podiam ser encontrados em almoxarifados militares.

Sentindo-se derrotado, dirigiu-se para o pavilhão onde ficavam os alojamentos de oficiais e encontrou o quarto de Arne. Como Rente prometera, havia duas malas arrumadas cuidadosamente ao pé da cama. A não ser por isso, o aposento estava vazio.

Era patético que a vida de seu irmão pudesse ser acondicionada em duas malas, e que o quarto onde morara não apresentasse um único rastro da sua existência. Ao pensar nisso, os olhos de Harald mais uma vez ficaram marejados. Mas ele procurou reagir - o importante era o que se deixava na lembrança dos outros, disse a si próprio. Arne viveria para sempre na memória de Harald ensinando-lhe a assobiar, fazendo a mãe rir como uma colegial, penteando o cabelo lustroso diante do espelho. Pensou na última vez em que vira seu irmão, sentado no piso de ladrilhos da igreja de Kirsteneld"aguad"águat, cansado e amedrontado, mas decidido a cumprir SUA missão. E, mais uma vez, viu que o modo de honrar a memória de Arne era terminar o serviço que ele começara.

Um cabo parou junto à porta e deu uma olhada.

- Você é parente de Arne Olufsen? - perguntou ele, sem entrar.

- Irmão dele. Meu nome é Harald.
- Benedikt Vessell, mas me chame de Ben. - Ben era um homem de uns trinta anos, cujo sorriso amável exibía dentes manchados de nicotina. - Eu estava esperando encontrar alguém da família. Ele enfiou a mão no bolso e pegou dinheiro.

- Devo quarenta coroas a Arne - explicou.
- Por quê?

O cabo fez uma cara de sonso.

- Bem, não diga nada a ninguém, mas eu coordeno um esquema de apostas em corridas de cavalo e Arne escolheu um vencedor.

Harald pegou o dinheiro, sem saber o que mais poderia fazer.

- Muito obrigado.
- Está tudo certo, então!

Harald não compreendeu o que exatamente ele queria dizer.

- Claro - respondeu.
- Ótimo.

Ao notar um certo ar furtivo no cabo, passou pela cabeça de Harald que a soma devida podia ser superior a quarenta coroas, mas ele não ia discutir.

- Vou dar o dinheiro à minha mãe.
- Meus pêsames, filho. Era um bom sujeito o seu irmão.

O cabo Benedikt Vessell obviamente não era dado a cumprir regulamentos. Parecia ser do tipo que murmurava "Não conte para ninguém" a todo instante. Pela idade, só podia ser militar profissional, mas como era apenas cabo, devia dirigir suas energias para atividades ilegais. Possivelmente algo como venda de livros pornográficos e cigarros roubados. Talvez pudesse resolver o problema de Harald.

- Ben - disse Harald, posso lhe perguntar uma coisa?
- Pode perguntar qualquer coisa - Ben pegou uma bolsa de fumo e começou a enrolar um cigarro.
- Se uma pessoa quisesse, para fins particulares, obter quinze metros de cabo de controle para um Tiger Moth, você conhece algum jeito dele conseguir?

Ben o encarou através dos olhos semicerrados.

- Não - respondeu.
- Digamos que essa pessoa tenha umas duzentas coroas para pagar pelos cabos.

Ben acendeu o cigarro.

tem a ver com o motivo pelo qual Arne foi preso, não tem?

- Tem.

Ben sacudiu a cabeça.

- Não, meu rapaz. Não tem jeito. Sinto muito.
- Não faz mal - Harald tentou não deixar transparecer seu amargo desapontamento.
- Onde posso encontrar Hendrik Janz?
- Duas portas adiante. Se não estiver no quarto, tente a cantina. Harald encontrou Hendrik sentado diante de uma mesinha, estudando um livro de meteorologia. Pilotos tinham que compreender o tempo, saber quando era seguro voar e se havia uma tempestade a caminho.

- Sou Harald Olufsen - apresentou-se Harald. Hendrik apertou sua mão.
- Que pena o que aconteceu com Arne.

- Quero lhe agradecer por ter arrumado as coisas dele.
- Fiquei satisfeito por poder fazer alguma coisa.

Será que Hendrik aprovava o que Arne fizera? Harald precisava de alguma indicação antes de arriscar o pescoço.

- Arne fez o que achava correto para o seu país - disse Harald. Hendrik imediatamente mostrou-se cauteloso.
- Eu não sei nada disso - ponderou. - Para mim ele era um colega leal e um bom amigo.

Harald ficou desalentado. Hendrik obviamente não ia ajudá-lo a roubar os cabos. O que fazer?

- Mais uma vez, obrigado - disse ele. - Adeus.

Voltou para o quarto de Arne e pegou as malas. Não tinha a menor idéia do que fazer a seguir. Não podia ir embora sem os cabos de que precisava - mas como pegá-los?

Tinha tentado tudo.

Talvez houvesse outro lugar onde pudesse arranjar os cabos, mas não conseguia imaginar qual seria. E estava ficando sem tempo. A lua cheia seria dentro de seis dias - o que significava que tinha apenas quatro dias para trabalhar no avião.

Harald saiu do prédio e dirigiu-se para o portão, carregando malas. Ia voltar para Kirstenslot - mas sem os cabos o Hornet Moth não voaria? Não tinha idéia de como diria para Karen que falhara.

Quando passou pelo pavilhão onde ficava o depósito, ouviu alguém gritar seu nome:

- Harald!

Havia um caminhão estacionado ao lado do almoxarifado e Ben, meio escondido por ele, acenava. Harald aproximou-se depressa.

- Aqui está - disse Ben estendendo um rolo grosso de cabo de aço. - Quinze metros e mais um pouco de sobra.

Harald vibrou de entusiasmo. - Muito obrigado!

- Pega logo, pelo amor de Deus, é pesado. Harald pegou os cabos e se virou.
- Não, não! Você não pode ir saindo pelo portão com esses cabos na mão! Ponha dentro de uma das malas.

Harald abriu a mala de Arne. Estava cheia.

- Dá esse uniforme aqui, rápido - disse Ben.

Harald tirou o uniforme de Arne e o substituiu pelo rolo. Ben pegou o uniforme.

- Eu me livro disto, não se preocupe. Agora suma daqui! Harald fechou a mala e enfiou a mão no bolso.
- Prometi a você duzentas coroas...
- Guarde o dinheiro - disse Ben. - E tenha boa sorte, filho. - Obrigado!
- Dê o fora! Nunca mais quero vê-lo!
- Certo - disse Harald, afastando-se rapidamente.

No dia seguinte, Harald estava parado diante do castelo ao raiar do dia. Eram três e meia da madrugada. Segurava um bujão de óleo vazio e limpo. O tanque de combustível do Hornet Moth tinha capacidade média de cento e quarenta e nove litros, pouco menos que nove bujões cheios. Como não havia um modo legítimo de conseguir gasolina, Harald precisava furtá-la dos alemães.

Exceto a gasolina, não faltava nada. Mais algumas horas de trabalho e o Hornet Moth estaria pronto para levantar vôo. A questão agora era encher o tanque de combustível.

A porta da cozinha abriu-se silenciosamente e Karen apareceu.

Vinha acompanhada por Thor, o velho setter de pêlo vermelho que tinha feito Harald sorrir por se parecer tanto com o pai de Karen. Ela parou na soleira da porta, olhando em torno cautelosamente, como um gato quando há estranhos na casa. Vestia uma suéter verde grosso que escondia suas formas e a calça velha de veludo cotelê

que Harald chamava de seu uniforme de jardinagem. Mas estava linda. Ela me chamou de querido, disse para si

próprio, deleitando-se com a lembrança. Ela me chamou de querido.

Karen dirigiu-lhe um sorriso luminoso, deixando-o deslumbrado.

- Bom-dia!

Sua voz pareceu-lhe perigosamente alta, e Harald levou um dedo aos lábios para pedir que não falasse. Seria mais seguro guardarem silêncio absoluto. Não havia nada a tratar: tinham formulado os planos na noite anterior, sentados no chão da igreja abandonada, comendo bolo de chocolate da despensa de Kirsten e água.

Harald foi na frente, por dentro do bosque. Assim escondidos pela vegetação, eles caminharam metade do comprimento do parque. Quando atingiram o nível das barracas dos soldados, espiaram cuidadosamente por entre os arbustos. Conforme tinham antecipado, viram um só homem dando guarda, em pé junto da barraca do rancho, bocejando.

Naquela hora, todos os demais estavam dormindo. Harald sentiu-se aliviado por ver suas expectativas confirmadas.

O suprimento de combustível da companhia de veterinária era feito por um pequeno caminhão-tanque estacionado a uns cem metros das barracas - sem dúvida por medida de segurança. Aquela distância seria útil para Harald, mas ele gostaria que fosse maior. O caminhão tinha uma bomba manual, ele já observara antes, e não havia mecanismo para trancar a bomba.

O caminhão estava estacionado ao longo do caminho que levava à porta do castelo, para que as viaturas a serem abastecidas Pudessem se aproximar pela pista pavimentada.

A mangueira, Para facilitar, ficava do lado da pista. Em consequência, o próprio caminhão impedia que quem a estivesse usando fosse visto por quem se encontrasse no acampamento.

Tudo exatamente como Harald esperara, mas ele hesitou, parecia loucura roubar gasolina bem no nariz dos soldados. Mas era perigoso pensar demais. O medo pode paralisar e a ação é seu antídoto. Sem mais considerações, ele saiu do esconderijo, deixando Karen e o cão para trás, e cruzou rapidamente a grama molhada até o caminhão-tanque.

Tirou a empunhadeira do gancho, enfiou o bico no gargalo do bujão e estendeu a mão para a bomba. Quando a baixou, ouviu o gorgolejo que vinha do interior do tanque e em seguida o chapinhar do combustível sendo transferido para o bujão. Aos ouvidos de Harald aquilo tudo soou muito alto, mas talvez não o suficiente para ser ouvido por uma sentinela a cem metros de distância.

Olhou ansiosamente para Karen. De acordo com o combinado, ela ficava vigiando, protegida pela vegetação, pronta para avisar Harald se alguém se aproximasse.

O bujão encheu depressa. Harald atarraxou a tampa e levantou-o do chão. com quatro galões, mais de dezesseis litros de gasolina, ficara bem pesado. Recolocou a empunhadeira no gancho com cuidado e voltou rapidamente para o abrigo da vegetação. Uma vez protegido, abriu um sorriso triunfante para Karen. Tinha roubado quatro galões de gasolina e escapara impune. O plano estava funcionando!

Deixando Karen ali, cortou caminho pelo bosque até o mosteiro. Deixara a grande porta da igreja aberta para poder entrar e sair. Teria sido muito difícil e demorado passar o bujão pesado pela janela alta. Foi com alívio que o largou no chão e em seguida abriu o painel de acesso ao tanque de combustível, e desatarraxou a tampa.

Fez isso com dificuldade, porque estava com os dedos dormentes de carregar tanto peso. Em seguida pegou o bujão, esvaziou-o no tanque da aeronave e depois atarraxou de novo ambas as tampas, para reduzir ao mínimo o cheiro de gasolina, e saiu.

Enchia o bujão pela segunda vez quando a sentinela decidiu fazer uma ronda.

Harald não podia ver o soldado alemão, mas soube que havia algo errado quando Karen assobiou. Levantou a cabeça e viu-a saindo do bosque com Thor nos calcanhares.

Tirou a mão da bomba e se ajoelhou para olhar por baixo do caminhão-tanque para o outro lado do gramado. Viu as

botas do soldado se aproximando.

Karen e Harald tinham previsto esta possibilidade e se preparado para lidar com ela. Ainda de joelhos, ele viu Karen avançar no gramado. Ela se encontrou com o soldado a uns cinqüenta metros do caminhão-tanque. Thor farejou-o amigavelmente. Karen puxou um maço de cigarros. Será que o alemão seria amável e fumaria um cigarro com uma garota bonita? Ou seria fanático pela disciplina e pediria que ela fosse passear com o cachorro em outro lugar, enquanto ele continuava sua ronda? Harald prendeu a respiração. O soldado pegou um cigarro e acendeu.

Era um tipo pequeno, com a pele feia. Harald não podia ouvir as palavras que trocavam, mas sabia o que Karen estava dizendo: não conseguia dormir, sentira-se só e queria alguém para conversar. "Não acha que ele pode desconfiar?" - questionara quando discutiram o plano, na véspera. Harald garantira que o soldado gostaria tanto de ser alvo do interesse dela que não questionaria seus possíveis motivos. Ele não tinha tanta certeza quanto fingira ter, mas para seu alívio sua predição estava se concretizando.

Viu Karen apontar para um toco de árvore mais ou menos afastado e depois levar o soldado para lá. Ao sentar-se, posicionou-se de tal modo que ele teria que ficar de costas para o caminhão-tanque se quisesse ficar a seu lado. Harald sabia que ela agora deveria estar dizendo que os rapazes das redondezas eram muito chatos, que gostava de conversar com homens que tivessem viajado um pouco e conhecido o mundo, que fossem mais maduros. Karen deu um tapinha na superfície do toco ao seu lado a fim de encorajá-lo. O alemão, como era de esperar, sentou-se ao lado dela.

Harald voltou a bombear.

Encheu o bujão e correu para o meio do bosque. Oito galões!

Quando voltou, Karen e a sentinela estavam na mesma posição. Enquanto reabastecia o bujão, calculou quanto tempo mais precisaria. Encher o bujão levava cerca de um minuto, a ida até a igreja cerca de dois, despejar a gasolina no tanque do Hornet Moth outro minuto e a volta mais dois. Seis minutos para o processo completo, ida e volta, cinqüenta e quatro para nove bujões. Resumindo, mesmo que se cansasse mais para o final, podia considerar que precisaria de uma hora.

Poderia ela manter a sentinela batendo papo durante tanto tempo? O homem, afinal, não tinha outra coisa a fazer. Os soldados acordavam às cinco e meia, dentro de mais de uma hora, e o expediente começava às seis horas.

Desde que os ingleses não invadissem a Dinamarca durante a próxima hora, não havia motivo para a sentinela parar de conversar com uma garota bonita. Mas ele era um soldado, sujeito à disciplina militar, e podia sentir que seu dever era patrulhar a região do acampamento e não ficar batendo papo.

Tudo o que Harald podia fazer era torcer pelo que mais lhe favorecia e acelerar a transferência de combustível.

Levou o terceiro bujão cheio para a igreja. Doze galões, pensou procurando ser otimista. Mais de trezentos quilômetros - um terço da distância até a Inglaterra.

Ele continuou seu circuito. De acordo com o manual que encontrara na cabine, o DH87B voava 1.017,105km com o tanque cheio, desde que não houvesse vento. A distância até a costa da Inglaterra, tanto quanto ele conseguira medir no atlas, era de cerca de 960km. A margem de segurança era praticamente nula. Um vento de proa reduziria esse seu alcance e os derrubaria no mar. Harald decidiu levar um bujão cheio de gasolina na cabine, o que acrescentaria 11% à sua capacidade de permanência no ar ou seu alcance desde que conseguisse imaginar um modo de abastecer o avião em pleno voo. Ele bombeava com a mão direita e transportava o bujão com a esquerda, e ambos os braços estavam doendo quando ele despejou o quarto bujão no tanque da aeronave. Retornando para pegar o quinto, viu que a sentinela estava se levantando, como que a se preparar para ir embora, mas Karen ainda o mantinha falando. Ela riu com qualquer coisa que o rapaz disse e deu um tapinha brincalhão no seu ombro.

Foi um gesto coquete nada característico dela, mas assim mesmo Harald sentiu uma pontada de ciúme. Ela nunca dera um tapinha no seu ombro.

Mas o tinha chamado de querido.

Harald carregou o quinto e sexto bujões e sentiu que já percorrera dois terços da distância que o separava da costa inglesa.

Sempre que sentia medo pensava no irmão. Era difícil aceitar sua morte. Harald estava sempre se perguntando se Arne aprovaria o que estava fazendo, pensando no que ele diria quando lhe contasse alguns aspectos dos seus planos, querendo saber se ficaria impressionado, divertido ou se se mostraria cético. Nesse sentido, Arne ainda fazia parte da vida de Harald.

Harald não acreditava no fundamentalismo obstinadamente racional do pai. Aquela conversa de céu e inferno para ele não nascia de superstição. Mas via agora que, de certo modo, os mortos continuavam vivendo na mente dos que os amavam, e que isso era uma espécie de vida após a morte. Sempre que sua resolução fraquejava, ele recordava que Arne dera tudo por aquela missão e sentia um impulso de lealdade que lhe dava força - mesmo que o irmão a quem devia essa lealdade não mais vivesse.

Retornando à igreja com o sétimo bujão, ele foi visto.

Aproximava-se da porta da igreja quando surgiu, vindo do claustro, um soldado de cueca e camiseta. Harald parou, imóvel, o bujão de gasolina na mão, tão incriminador quanto uma pistola fumegante. O soldado, meio adormecido, dirigiu-se até uma moita e começou a urinar e bocejar ao mesmo tempo. Foi quando Harald viu que era Leo, o jovem soldado que fora tão ostensivamente amistoso três dias atrás.

Leo percebeu que estava sendo observado por Harald, levou um susto e fez cara de culpado.

- Desculpe - murmurou.

Harald adivinhou que era contra o regulamento urinar no mato. Eles tinham cavado uma latrina atrás do mosteiro, mas era uma longa caminhada e Leo fora preguiçoso.

Harald tentou tranqüilizá-lo com um sorriso.

- Não se preocupe - disse, em alemão. Mas ouviu o tremor do medo na própria voz.

Leo não pareceu reparar. Endireitou a roupa, ainda preocupado.

- O que tem aí nesse bujão?
- Água, para minha motocicleta.
- Oh - Leo bocejou e indicou a moita com um gesto. - Nós não podemos...
- Esquece.

Leo balançou a cabeça e saiu, tropeçando.

Harald entrou na igreja. Fez uma pausa, fechando os olhos, Para liberar a tensão. Logo depois abastecia mais uma vez o Hornet Moth.

Ao se aproximar do caminhão-tanque pela oitava vez, viu que seu plano começava a desmoronar. Karen estava se afastando do tronco onde tinha se sentado e voltava para o bosque. Despediu-se do soldado com um gesto amável, de modo que tudo devia ter corrido bem. Ele devia ter alguma obrigação a cumprir, mas, como estava se afastando do caminhão-tanque e ido para a barraca do rancho, Harald achou que podia continuar a encher o bujão.

Quando ia entrando no bosque, Karen aproximou-se e murmurou:

- Ele tem que acender o fogão.

Harald despejou o oitavo bujão no tanque do Hornet Moth e voltou para pegar o nono. A sentinela não podia ser vista em parte alguma e Karen fez o sinal de positivo indicando que ele podia seguir em frente. Harald encheu o bujão pela nona vez e voltou para a igreja. Como calculara, o tanque ficou cheio até a borda, e ainda sobrou um pouco no bujão. Mas ele precisava de um bujão extra para levar na cabine. Voltou ao carro-tanque para uma última abastecida.

Karen o deteve na orla do bosque e apontou. A sentinela estava em pé junto ao caminhão-tanque. Harald viu,

angustiado, que na pressa tinha esquecido de recolocar a empunhadura da mangueira no gancho, e com isso a mangueira balançava, solta. O soldado olhou para um lado e para outro, intrigado, e pendurou a empunhadura no lugar apropriado. Depois permaneceu ali em pé por algum tempo. Pegou o maço de cigarros. Pôs um na boca e abriu uma caixa de fósforos. Antes de riscar o palito de fósforo, afastou-se do caminhão-tanque.

- Você ainda não tem toda a gasolina de que precisa? - ela perguntou a Harald, cochichando.
- Preciso de mais um bujão.

O soldado afastava-se do caminhão-tanque, fumando, e Harald resolveu arriscar-se. Atravessou rapidamente o gramado. Para sua angústia, viu que o caminhão não o escondia inteiramente do soldado, naquele ângulo. Mesmo assim, enfiou o bocal da mangueira no bujão e começou a bombear, sabendo que seria visto se o homem por acaso se virasse.

Encheu o bujão, pendurou a empunhadura, atarraxou a tampa do bujão e começou a afastar-se.

Já estava quase no bosque quando ouviu um grito.

Fingiu-se de surdo e continuou andando sem se virar ou apertar o passo.

A sentinela gritou de novo e Harald ouviu o barulho de botas correndo às suas costas.

Ele entrou no bosque. Karen apareceu.

- Desapareça! - sussurrou. - vou distraí-lo.

Harald saiu voando e se atirou no meio de uma moita de arbustos. Deitado de barriga, arrastou-se com o bujão até debaixo de uma trepadeira. Thor tentou segui-lo, achando que era mais uma brincadeira. Harald deu-lhe um tapa com força no focinho e o cão bateu em retirada, magoado.

Harald ouviu a voz do soldado.

- Onde está aquele homem?
- Você está falando do Christian? - indagou Karen.
- Quem é ele?
- Um dos nossos jardineiros. Você fica muito bonitão quando se zanga, Ludie.
- Esquece isso, o que ele estava fazendo?
- Tratando árvores doentes com um troço que carrega naquele latão, um troço que mata aqueles cogumelos

horrorosos que a gente vê nascendo nos troncos de algumas árvores.

Karen era muito criativa, pensou Harald, mesmo que tivesse esquecido a palavra alemã para fungicida.

- A esta hora da manhã? - retrucou Ludie, cético.
- Ele me disse que o tratamento é mais eficaz quando está frio.
- Eu o vi saindo de perto do tanque de gasolina.
- Gasolina? O que Christian teria a ver com gasolina? Ele não tem carro. Devia estar cortando caminho pelo

gramado.

- Hmm - Ludie ainda não se convencera. - Não vi nenhuma árvore doente.
- Bem, olha só isso aqui - Harald percebeu que eles davam alguns passos. - Está vendo aquilo ali crescendo no tronco como se fosse uma grande verruga? Matará a árvore se o Christian não tratar.

- Suponho que sim. Bem, por favor, diga aos seus criados Para permanecerem longe do acampamento.
- vou dizer, e peço desculpas. Tenho certeza de que Christian não teve má intenção.
- Muito bem.
- Adeus então, Ludie. Talvez eu o veja amanhã de manhã.
- Estarei aqui. -Bye.

Harald teve de esperar alguns minutos até Karen dizer que podia sair.

- Ele engatinhou para fora da moita.

- Você foi brilhante!
- Estou mentindo tão bem que começo a me preocupar. Eles saíram andando na direção do mosteiro - e levaram outro susto.

Quando já iam abandonar o abrigo do bosque, Harald viu Per Hansen, o policial da aldeia e nazista local, em pé diante da igreja.

O que, diabos, Hansen estaria fazendo ali? E tão cedo? Harald praguejou.

Hansen estava praticamente imóvel, pernas afastadas e braços cruzados, observando o acampamento militar. Harald segurou o braço de Karen, mas não conseguiu segurar Thor, que no mesmo instante sentiu a hostilidade com que sua dona viu o policial. O cão irrompeu do bosque a galope, avançou na direção de Hansen, parou a uma distância segura e latiu de novo. Hansen ficou ao mesmo tempo com medo e furioso, e levou a mão à pistola que trazia no coldre pendurado no cinto.

- vou falar com ele - cochichou Karen. Sem esperar pela resposta de Harald, ela adiantou-se e assobiou, chamando o cachorro. - Vem cá, Thor!

Harald largou o bujão, agachou-se e ficou observando por entre as folhas.

- Você devia controlar esse cachorro - disse Hansen, dirigindo-se a Karen.
- Por quê? Ele mora aqui.
- Porque ele é agressivo.
- Ele late para intrusos. É o trabalho dele.
- Se ele atacar um membro da força policial poderá levar um tiro.
- Não seja ridículo - exclamou Karen, e Harald não pôde deixar de observar que, quando desejava, ela exibía toda a arrogância peculiar à sua fortuna e posição social.

- O que está fazendo aqui? Bisbilhotando meu jardim ao raiar do dia?
- Estou aqui a serviço, mocinha, portanto é melhor se comportar.
- A serviço? - ela repetiu, incrédula. Harald adivinhou que estava fingindo não acreditar a fim de obter mais informações.

- Que serviço?
- Vim procurar um sujeito chamado Harald Olufsen.
- Que bosta - murmurou Harald. Não estava esperando aquilo. Karen ficou chocada, mas conseguiu disfarçar.
- Nunca ouvi falar.
- Ele é colega de escola de seu irmão e é procurado pela polícia.
- Bem, não sou obrigada a conhecer todos os colegas de meu irmão.
- Ele já esteve aqui no castelo.
- É mesmo? E qual é a aparência desse tal de Harald?
- Sexo masculino, dezoito anos de idade, um metro e oitenta e cinco, cabelo louro e olhos azuis, provavelmente usando um blusão azul da escola, com uma tira na manga - Hansen falou como se estivesse recitando o texto de um relatório da polícia que houvesse decorado.

- Pela sua descrição, exceto pelo blusão, deve ser muitíssimo atraente, mas não me lembro dele.

Karen manteve o ar de desdém, mas Harald podia ver a tensão e a preocupação no seu rosto.

- Ele esteve aqui duas vezes. Eu mesmo o vi.
- Eu não devia estar em casa. Qual foi o crime que ele cometeu... esqueceu de devolver um livro à biblioteca?
- Eu não... quer dizer, não posso dizer. Quer dizer, é uma investigação de rotina.

Hansen obviamente não sabia de que crime se tratava, pensou Harald. Devia estar ali cumprindo uma missão para

outro policial - Peter Flemming, presumivelmente.

- Bem - disse Karen, meu irmão foi para Aarhus, e não tem Ninguém em casa, exceto com soldados alemães, claro.
- Na última vez em que vi Olufsen, ele tinha uma motocicleta de aspecto perigoso.
- Oh, aquele rapaz - disse Karen, fingindo lembrar. - Ele foi expulso da escola. Papai não deixa que ele venha mais aqui.

- Não mesmo? Bem, de qualquer modo acho que terei uma palavrinha com seu pai.
- Ele ainda está dormindo.
- Eu espero.
- Como quiser. Vamos, Thor! - Karen afastou-se e Hansen prosseguiu na direção do castelo.

Harald esperou. Karen andou mais um pouco, virou-se para verificar se Hansen não estava olhando e esgueirou-se para o interior da igreja. Harald torceu para que Hansen não parasse para conversar com Ludie. Se isto acontecesse, ele ia descobrir que o soldado vira um homem alto e louro comportando-se de modo suspeito nas proximidades do caminhão-tanque. Por sorte, Hansen passou direto pelo acampamento e, por fim, desapareceu atrás do castelo, presumivelmente à procura da porta da cozinha.

Harald correu para a igreja, entrou e largou o último bujão de gasolina no piso ladrilhado.

Karen fechou a porta, girou a chave na fechadura e colocou a tranca em posição, como medida adicional de segurança, depois se virou para Harald e disse:

- Você deve estar exausto.

E estava mesmo. Além dos braços doerem, suas pernas também doíam de tanto correr pelo mato carregando peso. Assim que voltou um pouco à calma, sentiu-se ligeiramente nauseado com o cheiro da gasolina. Mas sentia-se arrebatadamente feliz.

- Você foi maravilhosa! - disse. - Flertando com Ludie como se ele fosse o solteiro mais cobiçado da Dinamarca.
- Ele é uns cinco centímetros mais baixo do que eu!
- E enganou completamente a Hansen.
- Bem, isso não é difícil.

Harald pegou o bujão e colocou-o no compartimento de bagagem atrás dos bancos, na cabine do Hornet Moth. Quando fechou a porta e virou-se, viu que Karen estava bem do seu lado, com um largo sorriso nos lábios.

- Conseguimos! - exclamou ela.

Karen o envolveu com seus braços e o encarou, com uma expressão de expectativa no rosto. Era quase como se quisesse que ele a beijasse. Harald pensou em pedir, mas resolveu ser mais decidido. Fechou os olhos e inclinou-se para a frente. Os lábios dela eram quentes e macios. Ele podia ter ficado assim, imóvel, desfrutando o contato dos seus lábios por muito tempo, mas Karen tinha outras idéias. Afastou-se dele e beijou-o de novo. Beijou primeiro seu lábio superior, depois o inferior, aí passou para o queixo e por fim voltou aos lábios. Sua boca não parava, brincando, explorando.

Ele nunca fora beijado assim antes. Abriu os olhos e espantou-se ao ver que ela o fitava com um brilho de alegria nos olhos.

- O que é que você está pensando? - perguntou ela.
- Você realmente gosta de mim?
- Claro que gosto, seu bobo.
- Gosto de você também.
- Ótimo.

Ele hesitou, e depois disse:

- Para falar a verdade, eu amo você.

- Eu sei - disse Karen, e beijou-o de novo.

AO ATRAVESSAR O CENTRO DE MORLUNDE em uma clara manhã de verão, Hermia Mount viu que ali corria muito mais perigo do que em Copenhague, pois naquela cidadezinha as pessoas a conheciam.

Dois anos antes, depois que ela e Arne ficaram noivos, ele a levava à casa de seus pais na ilha de Sande. Hermia esteve na igreja, assistiu a uma partida de futebol, visitou o bar favorito de Arne e foi fazer compras com a mãe dele. Agora partia seu coração recordar aquele tempo feliz.

Mas a consequência era que muitos dos habitantes locais se lembrariam da noiva inglesa do filho mais velho dos Olufsen e ela corria o sério risco de ser reconhecida.

Se isto acontecesse, o falatório ia começar e logo a polícia tomaria conhecimento.

Naquela manhã ela estava de chapéu e óculos escuros, mas ainda assim sentia-se perigosamente visível. Fosse como fosse, tinha que correr o risco.

Tinha passado a noite anterior no Centro da cidade, na esperança de esbarrar em Harald. Sabendo o quanto ele gostava de jazz, fora primeiro ao clube Hot, mas estava fechado. Também não o encontrou em nenhum dos bares e cafés freqüentados pelos jovens. Tinha sido uma noite desperdiçada.

Naquela manhã ela iria à sua casa.

Chegou a pensar em dar um telefonema, mas achou que seria perigoso. Se desse seu nome verdadeiro alguém podia ouvir e traí-la. Se desse um nome falso ou um telefonema anônimo, podia assustar Harald e fazer com que ele fugisse. Precisava falar com ele pessoalmente.

Só que seria ainda mais arriscado. Morlunde era uma cidadezinha, mas na ilha de Sande todos se conheciam. A única esperança era que a tomassem por uma turista e não a olhassem de perto. Hermia não tinha uma alternativa melhor. A lua cheia era dentro de cinco dias.

Foi andando até o cais, carregando sua mala, e embarcou. No topo da prancha de embarque e desembarque havia um soldado alemão ao lado de um policial dinamarquês.

Mostrou seus documentos no nome de Agnes Ricks. Aqueles documentos já tinham passado por três inspeções, mas mesmo assim ela sentiu um calafrio de medo quando ofereceu os documentos falsos aos dois homens uniformizados.

O policial estudou sua identidade.

- Está muito longe de casa, srta. Ricks.

Ela havia preparado uma história para explicar sua presença ali.

- Vim para o funeral de um parente - disse. Era um bom pretexto para uma viagem tão longa. Não sabia ao certo quando seria o enterro de Arne, mas não havia nada suspeito em um membro da família chegar um ou dois dias antes da cerimônia, especialmente tendo em vista as dificuldades das viagens em tempo de guerra.

- Deve ser o funeral de Olufsen.
- Sim. Sou prima em segundo grau, mas minha mãe era muito chegada a Lisbett Olufsen - os olhos dela encheram-se de lágrimas ardentes.

O policial se apercebeu de sua dor, a despeito dos óculos escuros, e disse, gentilmente:

- Minhas condolências - ele devolveu os documentos. - Mas posso lhe dizer que vai chegar a tempo.
- Vou? - aquilo dava a entender que o enterro seria hoje. - Eu não sabia ao certo, não consegui telefonar.
- Acredito que o serviço religioso seja às três horas da tarde.
- Muito obrigada.

Hermia adiantou-se e se debruçou na amurada. Quando a barca desatracou, ela contemplou o perfil da ilha rasa, sem um único acidente topográfico que a destacasse, e recordou-se de sua primeira visita. Ficara chocada ao ver os aposentos frios e austeros onde Arne fora criado e ao conhecer seus severos pais. Era um mistério que uma família tão solene tivesse produzido uma pessoa tão divertida quanto Arne.

Ela própria era de certa forma uma pessoa severa, ou pelo menos seus colegas pareciam pensar assim. Desse modo, ela desempenhara na vida de Arne um papel similar ao da mãe dele. Obrigara-o a ser pontual, desencorajara que bebesse a ponto de se embriagar e ao mesmo tempo ele lhe ensinara a relaxar e divertir-se.

Uma vez ela lhe dissera que "havia tempo e hora para a espontaneidade," e Arne rira o dia inteiro.

Hermia voltara a Sande mais uma vez, para os festejos de Natal. Mas achou o clima mais parecido com a Quaresma. Para os Olufsen, o Natal era um evento religioso e não uma festança. No entanto, Hermia achara agradáveis aqueles dias de tranqüilidade, fazendo palavras cruzadas com Arne, conhecendo Harald, comendo a comidinha caseira da sra. Olufsen e caminhando pela praia gelada metida num casaco de pele, de mãos dadas com seu amado. Nunca imaginara voltar ali para o seu funeral. Ansiava por comparecer à cerimônia fúnebre, mas sabia que era impossível. Muitas pessoas a veriam e a reconheceriam. Podia inclusive encontrar um detetive da polícia, examinando a fisionomia das pessoas presentes. Afinal, se ela podia imaginar que a missão de Arne estava sendo levada a cabo por outra pessoa, a polícia podia fazer a mesma dedução.

Na verdade, ela se dava conta agora de que o funeral ia atrasá-la algumas horas. Teria de esperar que tudo estivesse terminado para ir à casa dos Olufsen. Antes da cerimônia haveria vizinhas na cozinha preparando comida, paroquianos na igreja arrumando as flores e um agente funerário às voltas com detalhes. Praticamente tão ruim quanto o serviço religioso em si. Mas depois, assim que todos os presentes tivessem tomado seu chá e smorrebrod, iriam embora, deixando a família sozinha com o seu luto.

Significava que teria que perder algum tempo agora, mas cautela era tudo. Se conseguisse pegar o filme com Harald naquela noite, poderia pegar o primeiro trem para Copenhague de manhã, atravessar de barca para Bornholm de noite, cruzar para a Suécia no dia seguinte e estar em Londres doze horas depois. com dois dias antes da lua cheia. Valia a pena desperdiçar algumas horas. Desembarcou no cais de Sande e foi caminhando até o hotel. Como não podia entrar, com medo de que alguém a reconhecesse, andou até a praia. O tempo não favorecia o banho de mar - o céu estava parcialmente nublado e do mar vinha uma brisa fria, mas as antiquadas barracas listradas tinham sido montadas e algumas pessoas chapinhavam nas ondas ou faziam piquenique na areia. Hermia achou uma depressão em meio às dunas e nela se aninhou para esperar.

com o passar do tempo, a maré subiu e um cavalo do hotel veio puxar as barracas de praia montadas sobre rodas, afastando-as das marolas. Hermia passara grande parte das últimas duas semanas sentada, esperando.

Estivera com os pais de Arne uma terceira vez, na viagem que faziam a cada dez anos a Copenhague. Arne levara todos ao Tivoli e se mostrara em sua melhor forma, jovial e divertido, seduzindo as garçonetes, fazendo sua mãe rir, conseguindo inclusive arrancar reminiscências dos tempos de escola em Jansborg do seu circunspecto pai. Poucas semanas depois, os nazistas chegaram e Hermia deixara o país, vergonhosamente segundo seu modo de ver, em um trem fechado junto com diplomatas de países hostis à Alemanha.

E agora estava de volta atrás de um segredo mortal, arriscando a própria vida e a de outras pessoas.

Abandonou o esconderijo às quatro e meia da tarde. A residência paroquial ficava a uns dezesseis quilômetros do hotel, uma boa caminhada de duas horas e meia, de modo que ela chegaria lá por volta das sete horas. Tinha certeza de que todos os convidados já teriam ido embora e que encontraria Harald e seus pais sentados na cozinha.

A praia não estava deserta. Por diversas vezes em sua longa caminhada ela encontrou gente. Manteve distância de todos, deixando que presumissem que se tratava de uma turista inamistosa, e ninguém a reconheceu.

Por fim, reconheceu o perfil da igreja e do anexo onde morava o pastor Olufsen. Ao pensar que ali tinha sido a casa de Arne sentiu um aperto no coração de tanta tristeza. Não havia ninguém à vista. Ao se aproximar, viu a terra revolvida de uma sepultura recente no pequeno cemitério.

Abalada, ela atravessou o cemitério e parou ao lado do túmulo do noivo. Tirou os óculos escuros. Havia muitas

flores, obseyou: as pessoas sempre ficam comovidas com a morte de um jovem. A agonia da perda se apossou dela e os soluços sacudiram seu corpo. As lágrimas escorreram pelo seu rosto. Hermia ajoelhou-se e pegou um punhado da terra fresca, pensando no corpo dele que jazia lá embaixo. Duvidei de você, querido Arne, mas você foi o mais bravo de nós todos.

Até que por fim a tempestade emocional cedeu e ela foi capaz de se levantar. Enxugou o rosto com a manga. Tinha um trabalho a fazer.

Quando se virou, viu o vulto alto e a cabeça arredondada do pai de Arne em pé, a alguns metros de distância, observando-a. Devia ter se aproximado silenciosamente e esperado que ela se levantasse.

- Ora, Hermia... Deus a abençoe.
- Obrigada, pastor - ela teve vontade de abraçá-lo, mas ele não era homem de abraços, e Hermia limitou-se a apertar sua mão.
- Você chegou tarde demais para o funeral.
- Foi de propósito. Não posso ser vista.
- Então é melhor entrar.

Hermia atravessou o gramado maltratado ao lado dele. A sra. Olufsen estava na cozinha, mas desta vez não estava trabalhando na pia. Hermia adivinhou que as vizinhas deviam ter recolhido tudo após o velório e lavado os pratos. Ela estava sentada à mesa, usando um vestido preto e um chapéu na cabeça. Quando viu Hermia, caiu no choro.

Hermia abraçou-a, mas seus sentidos estavam longe. A pessoa que ela queria não estava ali. Assim que pôde falar decentemente, disse:

- Eu estava esperando ver Harald.
- Ele não está - disse a sra. Olufsen.

Hermia teve a terrível sensação de que a longa e perigosa viagem que fizera tinha sido em vão.

- Ele não veio ao funeral?

A sra. Olufsen abanou a cabeça, chorando.

- Então onde é que ele está? - perguntou Hermia, contendo sua irritação o melhor que pôde.
- É melhor você se sentar - disse o pastor.

Hermia obrigou-se a ser paciente. O pastor estava acostumado a ser obedecido. Não ia a parte alguma se o desafiasse.

- Quer tomar um chá? - ofereceu a mãe de Arne. - Não é de verdade, claro.
- Sim, por favor.
- E um sanduíche? Sobrou muita coisa.
- Não, obrigada - Hermia não tinha comido nada o dia inteiro, mas estava tensa demais para comer. - Onde está Harald? perguntou, impaciente.
- Nós não sabemos - disse o pastor.
- Como assim?

O pastor pareceu envergonhado, uma expressão rara em sua fisionomia.

- Harald e eu trocamos palavras ásperas. Fui tão teimoso quanto ele. De lá para cá, o Senhor me lembrou de como é precioso o tempo que um homem tem para gastar com seus filhos. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto enrugado.
- Harald saiu de casa enfurecido, recusando-se a dizer para onde estava indo. Cinco dias depois retornou por algumas horas, e houve algo parecido com uma reconciliação.

Nessa ocasião ele disse à mãe que ia ficar na casa de um colega de escola, mas quando telefonamos, disseram que não se encontrava lá.

- Acha que ele ainda está zangado com o senhor?
- Não. Bem, talvez esteja, mas não foi por isso que desapareceu.
- Como assim?
- Meu vizinho, Axel Flemming, tem um filho na polícia de Copenhague.
- Eu me lembro - disse Hermia. - Peter Flemming.
- Ele teve o atrevimento de vir ao funeral - interveio a sra. Olufsen, num tom de voz amargo nada característico.

O pastor prosseguiu:

- Peter afirma que Arne era espião dos ingleses e que Harald está continuando o trabalho dele. - Ah.
- Você não parece surpresa.
- Não vou mentir para vocês. Peter tem razão. Pedi a Arne para tirar fotografias da base militar alemã aqui na ilha.

Harald está com o filme.

- Como você foi capaz de fazer uma coisa dessas?! - exclamou a sra. Olufsen. - Arne morreu por causa disso! Perdemos o nosso filho e você o seu noivo! Como foi capaz?

- Sinto muito - murmurou Hermia.
- Há uma guerra, Lisbeth - disse o pastor. - Muitos rapazes morreram lutando contra os nazistas. A culpa não foi de Hermia.

- Tenho de pegar o filme que está com Harald - disse Hermia.
- Preciso encontrá-lo. Vocês poderiam me ajudar?
- Não quero perder meu outro filho! - exclamou a sra. Olufsen. - Eu não suportaria perder também Harald!

O pastor segurou a mão da mulher.

- Arne estava trabalhando contra os nazistas. Se Hermia e Harald puderem terminar o trabalho que ele começou, a morte dele terá algum significado. Temos que ajudar.

- Eu sei - disse a sra. Olufsen balançando a cabeça. - Eu sei. É que estou com medo.
- Aonde Harald disse que ia? - perguntou Hermia. Foi a sra. Olufsen que respondeu:
- Kirsteneldagwad'águaot. É um castelo nas cercanias de Copenhague, onde mora a família Duchwitz. O filho deles, Josef, estudou com Harald.

- Mas eles dizem que ele não está lá? Ela aquiesceu.
- Mas não está longe. Falei com a irmã gêmea de Josef, Karen. Ela está apaixonada por Harald.
- Como é que você sabe disso? - perguntou o pastor, incrédulo.
- Pelo som da voz dela quando falou a respeito de Harald.
- Você não me contou isso.
- Você teria dito que eu não tinha como saber. O pastor sorriu, pesaroso.
- Sim, tem razão. Eu teria dito isso.
- Então a senhora acha que Harald está na vizinhança de Kirsteneld'aguad'águaot e que Karen sabe onde ele se encontra?

- Sim.
- Então vou ter que ir lá.

O pastor tirou um relógio do bolso do colete.

- Você perdeu o último trem. É melhor passar a noite aqui em casa. Eu a levarei às barcas de manhã bem cedo.

A voz de Hermia reduziu-se a um murmúrio:

- Como pode ser tão bondoso? Arne morreu por minha causa.
- O Senhor dá, o Senhor tira. Abençoado seja o nome do Senhor.

O HORNET MOTH estava pronto para voar.

Harald instalara os cabos novos obtidos em Vodal. Sua última tarefa foi o pneu furado. Usou o macaco do Rolls-Royce para levantar a aeronave e depois levou a roda à oficina mais próxima, onde pagou ao borracheiro para fazer o conserto. Tinha imaginado um modo de reabastecer o avião em voo, passando uma mangueira por uma janela da cabine e prendendo-a na boca do tanque do avião. Finalmente tinha desdobrado as asas, fixando-as em posição de voo com os pinos de aço para isso destinados. Agora o aparelho ocupava toda a largura da igreja.

Ele deu uma olhada do lado de fora. Era um dia calmo, com um vento fraco e uma camada baixa de nuvens esparsas que serviriam para esconder o Hornet Moth da Luftwaffe.

Partiriam naquela noite.

Só de pensar nisso seu estômago embrulhava de ansiedade. Dar uma voltinha na escola de aviação de Vodal em um Tiger Moth já lhe parecera uma aventura de arrepiar os cabelos. Agora estava planejando voar centenas de quilômetros sobre mar aberto.

Uma aeronave deste tipo devia limitar-se a vôos pelo litoral, de modo que pudesse planar até o pouso de emergência em terra caso fosse confrontado com problemas.

Teoricamente seria mais seguro alcançar a Inglaterra voando pelo litoral da Dinamarca, Alemanha, Holanda, Bélgica e França. Mas para se afastar o mais possível do território ocupado pelas tropas alemãs, Harald e Karen teriam de cruzar os muitos quilômetros do mar do Norte e, Se alguma coisa saísse errado, não teriam para onde escapar.

Harald ainda estava preocupado com essas coisas quando Karen passou pela janela, carregando uma cestinha como se fosse Chapeuzinho Vermelho. Seu coração deu um pulso de felicidade ao vê-la. Durante todo o dia, enquanto trabalhava no avião, pensara no modo como tinham se beijado de manhã, depois de roubarem a gasolina. De vez em quando passava a ponta dos dedos nos lábios para reavivar a memória.

- Uau! - exclamou ela ao ver o Hornet Moth. Harald ficou satisfeito por ver que a impressionara.
- Lindo, não é?
- Mas não se pode tirar ele daqui assim. Não passa pela porta.
- Eu sei. vou ter que dobrar as asas de novo e depois desdobrar lá fora.
- Por que, então, as montou agora?
- Para praticar. vou ser mais rápido na segunda vez.
- Quanto tempo?
- Não sei exatamente.
- E os soldados? Se eles nos virem...
- Estarão dormindo. Ela fez uma cara solene.
- Estamos prontos, não?
- Estamos.
- Quando partiremos?
- Hoje à noite, claro.
- Oh, meu Deus!
- Esperar só aumenta a chance de nos encontrarem antes de podermos fugir.
- Eu sei, mas...
- O quê?
- Acho que não imaginei que o tempo fosse passar tão rapidamente.

Ela pegou um pacote na cesta e entregou a ele, distraidamente.

- Trouxe para você um pouco de carne fria - Karen lhe trazia comida todas as noites.

- Obrigado - ele a examinou detidamente. - Você não está querendo mudar de idéia, está?

Ela sacudiu a cabeça, decidida.

- Não. Só estou lembrando que não piloto há três anos.

Ele se dirigiu até a bancada de ferramentas e apanhou a menor machadinha e um rolo de corda resistente, e os guardou no porta-luvas sob o painel de instrumentos.

- Para que é isso aí? - perguntou Karen.

- Se caírmos no mar, imagino que o avião afunde por causa do peso do motor. Mas as asas, separadas da fuselagem, teriam condições de flutuar. Assim, se as cortássemos, poderíamos amarrá-las para fazer uma jangada improvisada.

- No mar do Norte? Acho que morreríamos de frio antes que se passasse muito tempo.

- Melhor que morrer afogado. Ela estremeceu.

- Se é o que você diz.

- Temos que levar uns biscoitos e umas duas garrafas de água.

- vou pegar lá na cozinha. Por falar em água... Vamos voar por mais de seis horas. -E daí?

- Como é que a gente faz xixi?

- A solução é abrir a porta e esperar que dê certo.

- Isso resolve o seu caso. Ele sorriu.

- Desculpe.

Ela olhou em torno e apanhou um punhado de jornais velhos.

- Ponha isso dentro do avião.

- Para quê?

- Para o caso de eu ter que fazer xixi.

Ele franziu a testa. -Não vejo como...

- Peça a Deus para que nunca venha a descobrir. Ele pôs os jornais em cima do banco.

- Temos mapas?

- Não. Achei que bastava a gente voar na direção oeste até ver terra, e que essa terra seria a Inglaterra.

Ela sacudiu a cabeça.

- Visto lá de cima é muito difícil saber onde você se encontra. Eu vivia me perdendo mesmo aqui por perto.

Suponha que a gente siga uma rota errada? Poderíamos descer na França por engano.

- Meu Deus, eu não tinha pensado nisso.

- O único modo de verificar a sua posição é comparar o terreno lá embaixo com um mapa. vou ver o que tenho lá em casa.

- OK.

- É melhor eu providenciar tudo de que precisamos - Ela refez o caminho da vinda, e pulou a janela com a cesta vazia.

Harald estava tenso demais para comer a carne que ela lhe trouxera e resolveu dobrar de novo as asas do Hornet Moth. O processo fora projetado para ser rápido. A idéia era de que o proprietário repetiria aquela operação todas as noites, guardando o avião na garagem ao lado do carro da família.

Para impedir que a asa superior batesse no teto da cabine quando as asas fossem dobradas, a seção interna do bordo de fuga era articulada para dobrar para cima desimpedindo as movimentações seguintes. Assim, o primeiro passo era destravar as seções articuladas e empurrá-las para cima.

Na parte inferior de cada uma das asas superiores havia um esteio, um montante de apoio, que Harald despreendeu e

depois fixou às superfícies internas das asas superior e inferior, a fim de impedir de virem abaixo juntas.

As asas eram mantidas em posição de vôleio por dois pinos em forma de L introduzidos nas longarinas frontais das quatro asas. Nas asas superiores, o pino era mantido em posição pelo montante de apoio, que Harald removeu, de modo que tudo o que lhe restava fazer era girar o pino noventa graus e puxá-lo para a frente cerca de dez centímetros.

Os pinos das asas inferiores eram mantidos em posição por tiras de couro. Harald soltou a tira da asa esquerda, girou o pino e puxou-o.

Assim que ela se libertou, a asa começou a se movimentar.

Harald percebeu o que deveria ter antecipado. Estacionada, com a cauda apoiada no chão e o nariz mais alto apontando para o céu, a aeronave ficava inclinada. Ele a segurou, apavorado com os danos que pudessem resultar da batida na fuselagem. Ele tentou agarrar a borda frontal da asa inferior, mas não conseguiu porque era grossa demais.

- Merda! - gritou. Ele se apressou em perseguir a asa, e conseguiu agarrar os fios de aço que regulavam a tensão entre as asas.

Agarrou com força e reduziu a velocidade do giro da asa, mas os fios cortaram a pele da sua mão e ele automaticamente a abriu com um grito de dor. A asa completou o giro que só se interrompeu ao chocar-se dolorosamente com a fuselagem.

Amaldiçoando seu descuido, Harald dirigiu-se à cauda do avião, agarrou a ponta da asa inferior com ambas as mãos e balançou-a para ver se havia alguma avaria. Para seu intenso alívio, não parecia ter acontecido nada. As bordas posteriores tanto da asa de cima quanto da de baixo e a fuselagem nada sofreram. Nada se partira, salvo a pele da mão direita de Harald.

Lambendo o sangue da palma da mão, ele passou para o lado direito. Desta vez escorou a asa inferior com um caixote cheio de revistas velhas. Ele puxou os pinos e, então, deu a volta para segurar a asa e afastou o caixote e retardou o giro para que viesse a se deslocar vagarosamente até a posição dobrada.

Foi nesta hora que Karen voltou.

- Pegou tudo? - perguntou Harald, ansioso. Ela largou a cesta no chão.

- Não podemos ir hoje.

- O quê? - ele se sentiu enganado. Tinha se assustado tanto por nada. - E por quê? - indagou, aborrecido.

- vou dançar amanhã.

- Dançar? - Harald sentiu-se ultrajado. - Como é que você pode colocar isso à frente de nossa missão?

- Porque é uma coisa realmente especial. Falei com você que eu era substituta do papel principal. Metade da companhia caiu de cama com uma doença gástrica qualquer.

Há dois elencos, mas as protagonistas de ambos estão doentes, portanto fui chamada. Uma sorte incrível!

- O tipo da má sorte, na minha opinião.

- vou dançar no palco principal do Teatro Real e adivinha só? O rei estará presente!

Ele passou os dedos pelo cabelo, confuso.

- Não posso acreditar que você esteja dizendo isso.

- Reservei um ingresso para você. Para pegar na bilheteria.

- Eu não vou.

- Não seja tão rabugento! Podemos ir amanhã de noite, depois que eu dançar. Este balé só será encenado de novo dentro de uma semana, e até lá as outras duas com certeza estarão curadas.

- Não dou a mínima para a droga desse balé... o que me diz da guerra? Heis acreditava que a RAF deve estar planejando um ataque aéreo maciço. Eles precisam das nossas fotos antes desse ataque! Pense só no número de vidas em jogo!

Ela suspirou e sua voz abrandou.

- Eu sabia que você ia se sentir assim, e pensei em deixar passar a oportunidade, mas simplesmente não posso. De qualquer modo, se levantarmos vôo amanhã, estaremos na Inglaterra três dias antes da lua cheia.

- Mas correremos risco de morte aqui por mais vinte e quatro horas!

- Olha, ninguém tem conhecimento deste avião... por que iriam descobrir amanhã?

- É possível.

- Oh, não seja infantil, tudo é possível.

- Infantil? A polícia está me procurando, você sabe disso. Sou um fugitivo e quero sair deste país o mais cedo possível.

Ela começou a se zangar.

- Você tem que entender como me sinto a respeito deste espetáculo.

- Pois bem, não entendo.

- Olha, pode ser que eu morra na droga desse avião.

- Eu também.

- Enquanto eu estiver me afogando no mar do Norte ou morrendo de frio na sua jangada improvisada, eu gostaria de ser capaz de me lembrar que antes de morrer realizei a ambição da minha vida e dancei maravilhosamente no palco do Royal Danish Theatre diante do rei. Será que você não consegue entender isso?

- Não, não consigo!

- Então vá para o inferno! - disse ela, e com isso foi embora.

Harald ficou observando Karen pular a janela. Estava estupefato. Passou-se um minuto até que foi capaz de mover-se. Deu uma olhada na cesta que ela trouxera. Havia duas garrafas de água mineral, um pacote de biscoitos, uma lanterna elétrica, uma pilha e duas lâmpadas sobressalentes. Não havia mapas, mas ela trouxera um velho atlas escolar. Harald pegou-o e abriu. Na contracapa estava escrito, em letra feminina, "Karen Duchwitz, Classe 3".

- Que droga!

PETER FLEMMING, em pé no cais de Morlunde, observava a última barca do dia que vinha de Sande, esperando por uma mulher misteriosa.

Ficara desapontado, embora não realmente surpreso, com o fato de Harald não ter aparecido para o funeral do irmão. Peter examinara cuidadosamente cada uma das pessoas presentes. A maioria era composta por moradores de Sande, gente que Peter conhecera desde criança. Os outros é que o interessavam. Depois do serviço religioso, tomando chá na casa do pastor, falara com todos os estranhos. Havia uns dois antigos colegas de escola, alguns companheiros de farda, amigos de Copenhague e o diretor da escola onde Arne estudara, a Jansborg Skole. Peter ficou o nome de todos na lista que o policial de plantão no cais lhe dera. E notou que não havia tido um nome:

Agnes Ricks.

Ao voltar para o cais, perguntou ao policial se Agnes Ricks tinha voltado para o continente.

- Ainda não - respondeu o homem. - Eu teria me lembrado dela. Ela é um pedaço de mulher.

Ele riu e pôs as mãos em concha sobre o peito procurando descrever seios grandes.

Peter verificou no hotel do pai que nenhuma Agnes Ricks tinha se hospedado lá.

Ele ficou intrigado. Quem seria aquela srta. Ricks e o que estava fazendo em Sande? O instinto lhe dizia que tinha alguma ligação com Arne Olufsen. Podia ser, é claro, vontade de que fosse assim. Mas era a única pista que tinha.

Achando que estava ficando à toa ali no cais de Sande, atravessou para o continente e fez-se discreto no grande porto comércial. A tal srta. Ricks, no entanto, não apareceu. Quando a barca atracou pela última vez antes da manhã seguinte, Peter retirou-se para o Oesterport Hotel.

Havia um telefone em uma pequena cabine situada no saguão, e ele ligou para a casa de Tilde Jespersen, em Copenhague.

- Harald foi ao funeral? - perguntou ela imediatamente. - Não.

- Drogal!

- Examinei todos os presentes. Nada. Mas apareceu uma outra pista que estou seguindo, uma tal de Agnes Ricks. E você?

- Passei o dia inteiro telefonando para delegacias de polícia em todo território nacional. Tenho gente verificando cada um dos colegas de turma de Harald. Devo ter notícias amanhã de manhã.

- Você abandonou o serviço e foi embora - disse ele, mudando abruptamente de assunto.

- Não era um serviço normal, era? Obviamente ela estava preparada.

- Por que não?

- Você me levou porque queria dormir comigo.

Peter cerrou os dentes. Tinha comprometido seu profissionalismo ao fazer sexo com ela e agora não podia adverti-la.

- Esta é a sua desculpa? - perguntou, furioso.

- Não é uma desculpa.

- Você disse que não gostou do modo como interroguei os Olufsen. Isto não é uma razão para um agente policial abandonar a missão.

- Não abandonei nada. Só não quis dormir com um homem capaz de fazer aquilo.

- Eu só estava cumprindo minha obrigação! A voz dela mudou.

- Não foi bem assim.

- Como assim?

- Estaria tudo bem se você tivesse sido duro pensando exclusivamente em cumprir seu dever. Eu poderia compreender e respeitar isso. Mas você sentiu prazer no que estava fazendo, Peter. Você torturou o pastor e foi cruel com a mulher dele, e gostou do que estava fazendo. A dor deles lhe causou satisfação. Não posso ir para a cama com um

homem assim.

Peter desligou.

Passou grande parte da noite acordado, pensando em Tilde. Deitado na cama, furioso com ela, imaginou-se a esbofeteá-la.

Gostaria de ir a seu apartamento, arrancá-la da cama de camisola e tudo e dar-lhe uma surra. Em sua fantasia Tilde suplicava por misericórdia, mas Peter ignorava seus gritos. Na luta, a camisola se rasgava e ele, excitado, a estuprava. Ela gritava e se debatia, mas ele a mantinha subjugada. No fim de tudo, ela implorava perdão com os olhos cheios de lágrimas, mas ele a deixava sem dizer uma palavra.

Por fim, acabou dormindo.

Na manhã seguinte foi para as docas a fim de esperar a primeira barca de Sande. Observou, esperançosamente, a embarcação manchada de sal quando atracou. Agnes Ricks era sua única esperança. Se ela fosse inocente, não sabia ao certo o que faria a seguir.

Desembarcou um punhado de passageiros. O plano de Peter era perguntar ao policial quem seria a srta. Ricks, mas não foi preciso. Notou imediatamente, no meio dos homens em roupas de trabalho que se apressavam para o primeiro turno da fábrica de enlatados, uma mulher alta com óculos escuros e um lenço de cabeça. Quando ela chegou perto, percebeu que a conhecia. Peter viu o cabelo preto escapando sob o lenço, mas foi o nariz grande e um pouco recurvado que a denunciou. Ela andava de um jeito confiante e um tanto masculino, e Peter lembrou-se de que tinha reparado naquele modo de andar na primeira vez em que a vira, dois anos antes.

Ela era Hermia Mount.

Mais magra e mais velha do que quando lhe fora apresentada como a noiva de Arne Olufsen, em 1939, mas Peter não teve dúvida.

- Sua cadela traíçoeira, peguei você - disse ele, com profunda satisfação.

com medo de que ela pudesse reconhecê-lo, ele pôs uns óculos de armação grossa e puxou o chapéu para a frente a fim de encobrir o cabelo ruivo. Depois a seguiu até a estação, onde ela comprou um bilhete para Copenhague.

Depois de longa espera, tomaram um trem velho e vagaroso, a carvão, que percorria o território dinamarquês de leste a oeste, numa rota sinuosa, parando nas estações de estrutura de madeira aparente de balneários que cheiravam a algas marinhas e cidadezinhas modorrentas.

Peter estava em um vagão de primeira classe, ardendo de impaciência, e Hermia no carro seguinte, de terceira classe. Ela não podia livrar-se dele enquanto estivessem no trem, mas, por outro lado, ele não poderia progredir com a investigação enquanto ela não saltasse.

No meio da tarde o trem parou em Nyborg, na ilha central de Fyn. Dali teriam de fazer uma baldeação para uma barca em que atravessariam o Grande Cinturão para Sjaelland, a ilha maior, onde tomariam outro trem para Copenhague.

Peter ouvira falar de um plano ambicioso para substituir a barca por uma ponte de vinte quilômetros de extensão. Os tradicionalistas gostavam das numerosas travessias por barcas características da Dinamarca, dizendo que sua lentidão fazia parte da atitude descontraída própria do país em relação à vida. Mas Peter não - ele gostaria de acabar com todas as barcas. Tinha muito que fazer - preferia pontes.

Enquanto esperava a barca, achou um telefone e ligou para Tilde no Politigaarden.

Ela foi glacialmente profissional.

- Não encontrei Harald, mas tenho uma pista. - Ótimo!
- No último mês ele visitou duas vezes Kirsteneld"aguad"águat, onde reside a família Duchwitz.
- Judeus?

- Sim. O polícia local se lembra de ter se encontrado com ele. Diz que Harald tinha uma motocicleta a vapor. Mas jura que ele não está lá agora.

- Certifique-se. Vá ver pessoalmente.

- Eu estava planejando mesmo ir.

Tinha vontade de falar sobre o que ela dissera na véspera. Queria saber se ela nunca mais ia dormir com ele mesmo, mas como não conseguiu imaginar um modo de puxar esse assunto, continuou falando sobre o caso:

- Encontrei a tal srta. Ricks. Na verdade ela é Hermia Mount, a noiva de Arne Olufsen.

- A inglesa? - Sim.

- Boa notícia!

- Boa notícia mesmo - Peter ficou contente por ver que Tilde não tinha perdido o entusiasmo pelo caso. - Ela está a caminho de Copenhague agora e eu a estou seguindo.

- Alguma chance dela reconhecer você?

- Sim.

- No caso dela tentar escapar, por que não espero o trem?

- Prefiro que você vá a Kirsteneld"aguad"águaot.

- Talvez possa fazer as duas coisas. Onde você está agora?

- Nyborg.

- Você está pelo menos a duas horas daqui.

- Mais. Este trem não anda. Muito lerdo.

- Posso ir de carro a Kirsteneld"aguad"águaot, dar uma espiada lá durante uma hora e ainda esperar você na estação.

- Excelente. Faça isso.

QUANDO HARALD voltou à calma, viu que a decisão de Karen de adiar o vôo por um dia não era completamente louca. Colocou-se no lugar dela, imaginando que tinham lhe oferecido uma oportunidade para realizar uma importante experiência com o físico Neils Bohr. Era provável que tivesse retardado a fuga para a Inglaterra para não perder uma tal oportunidade. Talvez ele e Bohr trabalhando juntos mudassem o entendimento da humanidade de como o universo funcionava. Se ia morrer, ia querer saber que tinha feito algo assim.

Mesmo assim, passou o dia muito tenso. Verificou tudo no Hornet Moth duas vezes. Estudou o painel de instrumentos, familiarizando-se com cada um dos mostradores, para poder ajudar Karen. O painel não era iluminado, porque o avião não tinha sido projetado para voar à noite, portanto ele teria que usar a lanterna para fazer a leitura dos instrumentos. Praticou dobrar e desdobrar as asas, melhorando seu tempo. Experimentou seu sistema de abastecimento em vôo, derramando um pouco de gasolina na mangueira que saía da cabine através da janela quebrada e ia até o tanque. Avaliou o tempo, que estava bom, com nuvens esparsas e uma brisa fraca. A lua quase cheia aparecia no fim da tarde. Ele vestiu roupas limpas.

Estava deitado em sua cama improvisada, acariciando Pinetop, o gato, quando alguém sacudiu a grande porta da igreja.

Harald sentou-se, pôs Pinetop no chão e ficou escutando.

- Eu disse que estava trancada... Era a voz de Per Hansen.
- Mais uma razão para ver o que há aí dentro - retrucou uma voz de mulher.

A voz era autoritária, notou Harald, receoso. Imaginou uma mulher com cerca de trinta anos, atraente, mas rígida. Obviamente fazendo parte da polícia. Devia ter sido ela que mandara Hansen procurar Harald no castelo na véspera. com toda certeza não ficara satisfeita com o trabalho de Hansen e viera investigar pessoalmente.

Harald praguejou. Provavelmente ela seria mais meticulosa que Hansen e não levaria muito tempo para descobri-lo na igreja. Não lhe restava outra coisa a fazer senão se esconder na mala do Rolls-Royce, e mesmo assim qualquer investigador dotado de um mínimo de seriedade a abriria.

Harald teve medo de que já fosse tarde demais para sair pela janela de sempre, que era a primeira na parede lateral, logo depois da porta. Mas havia janelas em toda a volta da parede arredondada que cercava a parte onde ficava o altar, e ele rapidamente fugiu por uma delas.

Quando pisou no chão, olhou em torno, cautelosamente. Aquela parte da igreja era escondida apenas parcialmente por árvores e ele podia ter sido visto por um soldado;

mas estava com sorte e não havia ninguém por perto.

Harald hesitou. Queria fugir para longe, mas ao mesmo tempo precisava saber o que ia acontecer. Achatou-se de encontro à parede da igreja e ficou ouvindo.

- Sra. Jespersen? - era a voz de Hansen. - Se a gente ficar de pé naquele tronco dá para passar pela janela.
- Sem dúvida esta é a razão pela qual o tronco está ali - retrucou ela rispidamente.

Claro que ela era muito mais inteligente que Hansen. Harald teve a terrível sensação de que ia descobrir tudo.

Ele ouviu o barulho de pés subindo pela parede, um gemido de Hansen quando ele, presumivelmente, se espremeu para passar pela janela e o baque dele batendo no piso de cerâmica da igreja. Uns poucos segundos depois, ouviu um baque mais leve. Harald deslocou-se furtivamente até a parede lateral, trepou no tronco e deu uma espiada pela janela.

A tal sra. Jespersen era uma mulher bonita dos seus trinta anos- Não gorda, mas bem-dotada de curvas, vestida elegante com roupas práticas, saia e blusa, sapatos sem salto e uma boina azul-celeste sobre o cabelo louro encaracolado. Como não estava de uniforme devia ser detetive, deduziu Harald.

Carregava a bolsa a tiracolo onde, presumivelmente, levava uma arma.

Hansen tinha o rosto congestionado por causa do esforço de pular a janela, e parecia irritado. Harald achou que o

policial da aldeia devia estar achando estressante lidar com a detetive dotada de raciocínio rápido.

Em primeiro lugar ela viu a motocicleta.

- Aqui está a moto de que você me falou. O motor funciona a vapor. Muito engenhoso.
- Ele deve ter deixado aqui - disse Hansen, em tom defensivo. Era evidente que dissera à detetive que Harald tinha ido embora.

- Talvez - disse, sem se convencer. Ela se aproximou do carro.

- Lindo - comentou.

- Pertence ao judeu.

Ela passou um dedo ao longo da curva do pára-lama e avaliou a poeira.

- Não sai há muito tempo.

- Claro que não, as rodas foram retiradas - Hansen achou que a tinha apanhado e fez uma cara de felicidade.

- Não quer dizer grande coisa, rodas podem ser recolocadas depressa. Mas é difícil fabricar uma camada de poeira.

Ela cruzou o salão e pegou uma camisa de Harald. Ele gemeu intimamente. Por que não a guardara em algum lugar? A detetive cheirou a camisa.

Pinetop apareceu e esfregou a cabeça de encontro à perna da sra. Jespersen. Ela abaixou-se para fazer-lhe um afago. - O que é que você está querendo, gatinho? Alguém andou lhe dando comida?

Nada podia ser escondido daquela mulher, concluiu Harald, desanimado. Era muito meticulosa. Ela deslocou-se para a prateleira que servia como sua cama. Levantou o cobertor que ele deixara cuidadosamente dobrado e pôs no lugar de novo.

- Alguém está morando aqui - disse.

- Talvez seja um vagabundo.

- E talvez seja o filho-da-puta do Harald Olufsen. Hansen ficou chocado.

Ela se voltou para o avião.

- O que temos aqui?

Com desespero, Harald viu que ela puxava a coberta que tapava o Hornet Moth.

- Acredito que seja um aeroplano.

É o fim, pensou Harald. Está tudo acabado agora.

- Duchwitz tinha um avião, me lembro agora. Mas não voa há anos.

- Não está em mau estado. - Não tem asas!

- As asas estão dobradas para trás, caso contrário não poderia passar pela porta.

Ela abriu a porta da cabina, meteu a mão lá dentro e acionou o manche, ao mesmo tempo em que ficava de olho na cauda. Viu que o profundor se movimentava.

- Os controles parecem funcionar - comentou. Deu uma espiada no mostrador de combustível.

- O tanque está cheio.

Ela examinou a pequena cabine e acrescentou:

- Além disso, há um bujão de quatro galões atrás do banco. E duas garrafas de água e um pacote de biscoitos dentro de um compartimento aqui. Mais uma machadinha, um rolo de corda boa e forte, uma lanterna à pilha e um atlas, nada disso com poeira em cima.

Ela tirou a cabeça de dentro da cabine e olhou para Hansen.

- Harald está planejando voar.

- Ora, macacos me mordam!

Uma idéia maluca passou pela cabeça de Harald - matar os dois policiais. Não sabia ao certo se seria capaz de matar um ser humano em quaisquer circunstâncias, mas percebeu imediatamente que com as mãos nuas não conseguiria se sobrepôr a dois policiais armados, e afastou a idéia.

A sra. Jespersen assumiu uma atitude muito despachada.

- Tenho que ir a Copenhague. O inspetor Flemming, que é o encarregado do caso, está vindo de trem. Tendo em vista o modo como estão as estradas de ferro hoje em dia, ele poderá chegar a qualquer momento nas próximas doze horas. Quando ele chegar, voltaremos aqui. Prenderemos Harald, se ele ainda estiver aqui, e prepararemos uma armadilha para o caso de ele não estar.

- O que a senhora quer que eu faça?

- Fique aqui. Encontre um bom posto de observação no bosque e fique de olho na igreja. Se Harald aparecer, não fale com ele, basta telefonar para o Politigaarden.

- A senhora não vai mandar ninguém para me ajudar?

- Não. Não podemos fazer nada que assuste Harald. Se ele o vir não entrará em pânico, você é só o polícia da aldeia. Mas uma dupla de policiais estranhos pode assustá-lo.

Não quero que ele fuja e se esconda por aí. Agora que sabemos onde está, não podemos perdê-lo de novo. Está claro?

- Sim, senhora.

- Por outro lado, se Harald tentar levantar vôo, detenha-o.

- É para prendê-lo?

- Atire nele, se for preciso, mas pelo amor de Deus, detenha-o.

Harald achou seu tom de voz direto e objetivo absolutamente aterrorizador. Se ela tivesse sido exageradamente dramática, talvez ele não se assustasse tanto. Mas ela era uma mulher atraente falando sobre coisas práticas - e tinha acabado de dizer a Hansen para atirar nele se fosse necessário. Até aquele momento, Harald nunca tinha pensado na possibilidade de que a polícia podia simplesmente matá-lo. A serena impiedade da sra. Jespersen o chocou.

- Você pode abrir a porta para me poupar de pular a janela de novo - disse ela. - Tranque depois que eu sair, para que Harald não suspeite de nada.

Hansen girou a chave e removeu a tranca, e os dois saíram.

Harald aproveitou para pular no chão e bater em retirada contornando a parte de trás da igreja. Afastando-se do prédio, ele observou à distância a sra. Jespersen andar até seu carro, um Buick preto. Ela examinou sua imagem refletida no vidro da janela e ajustou a boina azul num gesto bem feminino. Depois reverteu para sua porção policial, apertou bruscamente a mão de Hansen e afastou-se, pisando com força no acelerador.

Hansen voltou e desapareceu do campo visual de Harald, oculto pela igreja.

Harald apoiou-se no tronco de uma árvore por um instante, pensando. Karen prometera ir para a igreja assim que chegasse em casa vindo do balé. Se fizesse isso poderia encontrar a polícia à sua espera. E como ela explicaria o que estava fazendo? Sua culpa seria mais que evidente.

Harald tinha que impedir que isso acontecesse de qualquer maneira. Pensando em qual seria a melhor maneira para interceptar e avisar Karen, ele acabou por concluir que o ideal seria ir ao teatro. Deste modo poderia ter certeza de que não deixaria de vê-la.

Por um momento ele sentiu raiva de Karen. Se tivessem partido na noite anterior, poderiam estar na Inglaterra agora. Ele a avisara que estaria pondo a vida de ambos em perigo, e agora estava provado que tinha razão. Mas recriminações agora eram inúteis. Não poderia alterar o que já estava feito e só lhe restava arcar com as conseqüências.

Inesperadamente, Hansen apareceu, contornando a igreja. Ao ver Harald, ele ficou imóvel.

Os dois ficaram atônitos. Harald pensara que Hansen tinha voltado para dentro da igreja para fechar e trancar a porta. Hansen, por sua vez, não podia ter imaginado que sua presa estivesse tão perto. Os dois se encararam por um instante que pareceu uma eternidade.

Aí, então, Hansen sacou a arma.

As palavras da sra. Jespersen vieram à mente de Harald: "Atire nele, se for preciso". Hansen, um policial de aldeia, provavelmente nunca havia atirado em alguém em toda a sua vida. Mas podia estar louco para aproveitar a oportunidade.

Harald reagiu instintivamente. Sem pensar nas conseqüências, lançou-se para a frente. No momento exato que Hansen sacava a pistola do coldre, Harald colidiu com ele. Hansen foi jogado para trás e bateu na parede da igreja com um ruído surdo, mas não largou a arma.

Pelo contrário, levantou-a para fazer pontaria. Harald viu que tinha apenas uma fração de segundo para se salvar. Recuou o braço e acertou um soco na ponta do queixo de Hansen. O golpe teve toda a força do seu desespero e a cabeça do policial foi lançada bruscamente para trás, vindo a bater na parede com um barulho que mais parecia um tiro de fuzil. Seus olhos rolaram para cima, o corpo desabou e ele caiu no chão.

Harald entrou em pânico, temendo que o homem tivesse morrido, e ajoelhou-se ao lado do corpo inconsciente. Viu imediatamente que Hansen estava respirando.

Graças a Deus, pensou. Era horrível pensar que poderia ter matado um homem - mesmo que fosse um violento idiota como Hansen.

A luta durara apenas alguns segundos - mas teria sido vista? Ele deu uma olhada na direção do acampamento dos soldados. Viu uns poucos homens transitando, mas ninguém olhava na sua direção.

Meteu a arma de Hansen no bolso, levantou o corpo inerte, colocou-o sobre o ombro e correu para a porta principal da igreja, que ainda estava aberta. Ainda estava com sorte, e ninguém o viu.

Assim que entrou, largou o corpo do policial no chão e rapidamente fechou e trancou a porta da igreja. Pegou a corda que pusera na cabine do Hornet Moth e amarrou os pés de Hansen. Depois virou o corpo de bruços e prendeu-lhe as mãos nas costas. Em seguida pegou a camisa que a sra. Jespersen descobrira e enfiou boa parte dela na boca de Hansen, para que não pudesse gritar, e passou a corda pela cabeça para que a mordaca não caísse.

Finalmente, colocou Hansen dentro da mala do Rolls-Royce e fechou-a à chave.

Consultou o relógio. Ainda tinha tempo para ir à cidade e avisar Karen.

Acendeu a caldeira da motocicleta. Era bem possível que fosse visto saindo da igreja, mas não era mais hora de grandes cautelas.

Podia, no entanto, se meter em problema sério com a arma de um policial fazendo volume no bolso. Sem saber o que fazer com a pistola, abriu a porta direita do Hornet Moth e colocou-a no chão, onde ninguém a veria, a menos que entrassem na aeronave e pisassem nela.

Quando já havia acumulado a quantidade mínima de vapor, abriu a porta da igreja, levou a moto para fora, voltou, fechou a porta e saiu pela janela. Estava com sorte, e não viu ninguém.

Foi até a cidade, nervoso, com medo de encontrar algum policial, e estacionou ao lado do Teatro Real. Havia um tapete vermelho estendido na entrada e ele se lembrou de que o rei estaria presente. Um aviso informava que Lês Sylphides seria o último dos três balés do programa. Uma multidão de gente bem-vestida estava no saguão, com drinques, e Harald deduziu que tinha chegado durante o intervalo.

Dirigiu-se à porta do palco e encontrou um obstáculo. A entrada era guardada por um funcionário uniformizado. - Preciso falar com Karen Duchwitz - disse Harald.

- Fora de questão - respondeu o funcionário. - Ela está prestes a entrar em cena.

- É muito importante.
- Vai ter que esperar até o fim. Harald viu que o homem não ia ceder.
- Quanto tempo dura o balé?
- Cerca de meia hora, dependendo do ritmo que a orquestra imprima.

Harald se lembrou de que Karen deixara um ingresso para ele na bilheteria. Resolveu que ia vê-la dançar.

Entrou no foyer de mármore, pegou seu bilhete e dirigiu-se para o salão de concertos. Nunca estivera antes em um teatro e contemplou, admirado, os luxuosos enfeites dourados, as diferentes localidades sobrepostas umas às outras, do balcão à toninha e as fileiras de assentos forrados de veludo vermelho na platéia. Descobriu seu lugar na quarta fileira e sentou-se. Havia dois oficiais alemães uniformizados bem na sua frente. Deu uma olhada no relógio. Por que o balé não começava? A cada minuto Peter Flemming se aproximava mais.

Harald pegou um programa que haviam deixado na poltrona ao seu lado e procurou o nome de Karen. Não aparecia no elenco, mas um papel que caiu de dentro do folheto dizia que a prima ballerina estava indisposta e que em seu lugar atuaria Karen Duchwitz. Dizia também que o principal papel masculino ficaria a cargo de um substituto chamado Jan Anders, presumivelmente porque o bailarino principal fora abatido pela mesma infecção gástrica que acometera praticamente todo o elenco. Devia ser um momento de preocupação para a companhia, pensou Harald, estando os papéis principais a cargo de estudantes com o rei presente na platéia.

Momentos depois ele levou um susto ao ver o sr. e a sra. Duchwitz se sentarem duas fileiras à sua frente. Devia ter visto logo, eles não iam perder o grande momento da filha. A princípio se preocupou, com medo de que o vissem.

Depois concluiu que não tinha mais importância. Agora que a polícia descobrira seu esconderijo, não tinha mais razão para conservá-lo em segredo de ninguém.

Harald lembrou, com uma sensação de culpa, que estava usando a jaqueta americana do sr. Duchwitz. Tinha quinze anos, de acordo com a etiqueta do alfaiate no bolso interno, mas na verdade Karen não pedira permissão ao pai para pegá-la. Será que ele a reconheceria? Harald disse a si próprio que era tolice pensar nisso. Ser acusado de roubar uma jaqueta era a menor de suas preocupações atuais.

Tocou no rolo de filme que trazia no bolso e perguntou-se se ainda haveria alguma chance de ele e Karen fugirem no Hornet Moth. Muita coisa dependia do trem de Peter Hemming. Se ele chegasse cedo, Flemming e a sra. Jespersen estariam de volta a Kirsteneld"aguad'águaot antes de Harald e Karen. Talvez pudessem evitar ser apanhados, mas era difícil imaginar como poderiam ter acesso à aeronave com a polícia de olho. Por outro lado, com Hansen fora do caminho, não havia ninguém tomando conta do avião, por ora. Se o trem de Flemming não chegasse em Kirsteneld"aguad'águaot antes do dia raiar, eles talvez ainda tivessem uma chance de levantar vôo.

A srta. Jespersen não sabia que Harald a vira. E pensava que dispunha de muito tempo. Era só o que Harald tinha a seu favor. Quando a droga daquele balé ia começar?

Quando todos estavam sentados, o rei chegou ao camarote real. Todos os presentes se levantaram. Era a primeira vez que Harald via o rei Cristiano X em pessoa, mas o rosto era familiar de muitas fotografias, o bigode com as pontas viradas para baixo dando-lhe uma expressão permanentemente tristonha, apropriada a um monarca de um país ocupado. Ele vestia um traje a rigor e era muito empertigado. Nas fotos e ilustrações sempre usava um chapéu qualquer, e agora Harald viu pela primeira vez que ele estava perdendo cabelo.

Quando o rei se sentou, todos os demais o acompanharam, e as luzes se apagaram. Até que enfim, pensou Harald.

A cortina foi levantada e apareceram cerca de vinte mulheres imóveis, dispostas em círculo no palco, com um homem em frente a elas. As dançarinas, todas de branco, eram iluminadas por uma luz azul muito clara, como o luar.

O palco nu desapareceu na escuridão. Era uma abertura dramática, e Harald ficou fascinado a despeito de suas preocupações.

A orquestra tocou uma frase lenta e descendente, e as bailarinas se moveram. O círculo se alargou, deixando quatro pessoas imóveis no palco, o homem e três mulheres.

Uma delas jazia no chão, como se dormisse. Teve início uma valsa lenta.

Onde estava Karen? Todas as garotas vestiam trajes idênticos, com corpetes apertados que deixavam seus ombros à mostra e saias longas que ondulavam, enfunadas, quando dançavam. Era uma roupa sexy, mas a iluminação fazia com que todas ficassem iguais, e Harald não conseguia distinguir Karen.

Foi quando a que dormia se moveu que ele reconheceu o seu cabelo ruivo. Ela deslizou para o centro do palco. Harald estava tenso de ansiedade, com medo de que ela fizesse qualquer coisa de errado e estragasse seu grande dia; mas Karen parecia segura de si e controlada. Começou a dançar na ponta dos pés. Devia ser doloroso e Harald estremeceu, mas ela parecia flutuar. A companhia formou desenhos, em torno dela, linhas e círculos. A platéia permaneceu silenciosa e imóvel, cativada por Karen, e o coração de Harald encheu-se de orgulho. Sentia-se contente por ter feito aquilo, fossem quais fossem as consequências.

A música mudou de tom e o dançarino moveu-se. Ao vê-lo atravessar o palco aos saltos, Harald o achou um tanto inseguro e lembrou-se de que ele, Anders, também era um substituto. Karen demonstrara confiança ao dançar, fazendo com que todos os seus movimentos parecessem realizados sem esforço, mas a tensão visível nos gestos do rapaz dava à sua dança uma sensação de risco.

O quadro se encerrou com a mesma frase musical lenta com que abrira, e Harald percebeu que não havia uma história, que as danças seriam tão abstratas quanto a música.

Consultou o relógio. Apenas cinco minutos tinham se passado.

O grupo dispersou-se e formou novas configurações que emolduraram uma série de solos. Toda a música parecia ser em compasso ternário e muito melódica. Harald, que amava as dissonâncias do jazz, achou que era quase doce demais.

O balé o fascinou, mas mesmo assim sua cabeça se desviava a todo instante para o Hornet Moth e Hansen amarrado dentro da mala do Rolls, e na sra. Jespersen. Será que Peter Flemming tinha tomado o único trem pontual da Dinamarca? Caso afirmativo, será que ele e a sra. Jespersen já teriam ido para Kirsteneld"aguad'águaot? Teriam encontrado Hansen? Já estariam à sua espera? Como poderia verificar? Talvez pudesse se aproximar do mosteiro pelo bosque e assim descobrisse a existência de uma possível emboscada.

Karen começou a executar um solo e ele descobriu-se mais tenso por sua causa do que com a polícia. Mas não precisava se preocupar: ela parecia relaxada e calma, rodopiando e saltando na ponta dos pés tão alegremente como se estivesse inventando os passos à medida que se deslocava. Harald ficou atônito ao ver como era capaz de executar um passo vigoroso, correndo ou saltando no palco, e depois parar fazendo uma pose perfeitamente graciosa, como se fosse imune à ação da inércia. Karen parecia zombar das leis da física.

Harald ficou ainda mais nervoso quando Karen começou a dançar com Jan Anders. Era o chamado pás de deux, pensou ele, embora não soubesse ao certo como aprendera isso. Anders a erguia exageradamente alto, com isso a saia de Karen subia, mostrando suas pernas fabulosas. Ele a segurava, às vezes só com uma das mãos, enquanto fazia uma pose ou se deslocava pelo palco. Harald temia pela sua segurança, mas ela sempre voltava ao chão com facilidade e graça. Mesmo assim, Harald sentiu-se aliviado quando o pás de deux terminou e o conjunto voltou a dançar. Outra olhada no relógio. Aquela devia ser a última dança, graças a Deus.

Anders executou diversos saltos espetaculares durante a última dança, e reprisou algumas de suas posições com Karen. Depois, quando a música aproximava-se do clímax, sobreveio o desastre.

Anders levantou Karen e sustentou-a no ar, com a mão na parte mais estreita de suas costas. O corpo dela ficou paralelo ao solo e formou um arco. Os dois sustentaram a pose por um momento. E então Anders escorregou.

Ele cambaleou e caiu duro no chão, de costas. Karen veio abaixo quase que ao mesmo tempo, caindo em cima do braço e da perna direitas, ao lado dele.

A platéia sufocou um grito, horrorizada. Os demais bailarinos correram para junto dos dois corpos caídos. A música prosseguiu mais dois ou três compassos e cessou.

Um homem de calças suéter pretos saiu dos bastidores.

Anders levantou-se, segurando o cotovelo, e Harald viu que ele estava chorando. Karen tentou se levantar, mas caiu para trás. O homem de preto fez um gesto e a cortina foi baixada. Todos na platéia começaram a falar ao mesmo tempo com excitação.

Harald levantou-se inconscientemente.

Ele viu o sr. e a sra. Duchwitz, logo na sua frente, se levantarem e forçarem caminho ao longo da fileira, desculpando-se com quem ficara sentado. Obviamente estavam indo para o camarim e Harald decidiu fazer o mesmo.

Foi muito difícil e vagaroso sair de onde estava. Na sua ansiedade, Harald tinha que se conter para não sair andando por cima dos joelhos de todo mundo. Mas conseguiu chegar ao corredor ao mesmo tempo que os Duchwitz.

- Vou junto com vocês - disse ele.
- Quem é você? - perguntou o pai de Karen. Foi a mãe dela quem respondeu:
- É Harald, amigo de Josef, você já foi apresentado a ele. Karen gosta dele, deixe que nos acompanhe.

O sr. Duchwitz resmungou um assentimento. Harald não tinha idéia de como a sra. Duchwitz sabia que a filha gostava dele, mas foi um alívio ser aceito como parte da família naquela hora.

Quando atingiram a saída, a platéia ficou repentinamente em silêncio. Os Duchwitz e Harald se viraram. A cortina tinha subido. O palco estava vazio, a não ser pelo homem de preto.

- Majestade, senhoras e senhores - começou ele. - Por sorte, o médico da companhia estava presente hoje na platéia.

Harald adivinhou que todas as pessoas que tinham qualquer vínculo com a companhia de dança tinham feito questão de estar Presentes para a representação na presença do rei.

- O médico está nos bastidores, tratando dos dois principais bailarinos. Ele já me disse que nenhum dos dois parece estar gravemente machucado.

As palavras dele foram acolhidas por alguns aplausos.

Harald sentiu-se aliviado. Agora que sabia que Karen estava bem, preocupou-se pela primeira vez em saber como o acidente teria afetado a fuga deles. Mesmo que conseguissem chegar no Hornet Moth, Karen conseguiria pilotar?

O homem de preto prosseguiu com seu comunicado:

- Como todos sabem, já que constava do nosso programa, na noite de hoje os dois papéis principais ficaram a cargo dos dançarinos substitutos, assim como muitas outras partes. Não obstante isso, espero que concordem comigo quando afirmo que todos dançaram maravilhosamente bem, e nos deram uma performance soberba praticamente até o fim do espetáculo. Muito obrigado.

A cortina desceu e a platéia aplaudiu. Quando subiu de novo, apareceu todo o elenco, menos Karen e Anders, para uma salva de palmas e o respectivo agradecimento.

Os Duchwitz saíram e Harald seguiu-os.

Logo estavam na porta que dava acesso aos bastidores e um funcionário os encaminhava ao camarim de Karen.

Sentada, com o braço direito numa tipóia, estava assombrosamente linda, com os ombros de fora e a curva dos seios aparecendo acima do corpete. Harald conteve a respiração e não poderia dizer se era devido à ansiedade ou ao desejo que sentia.

O médico estava ajoelhado diante dela, passando uma bandagem em torno do seu tornozelo direito.

- Filhinha! - exclamou a sra. Duchwitz, abraçando Karen. Exatamente o que Harald teria gostado de fazer.
- Estou bem - disse Karen, não obstante sua palidez.
- Qual é o estado dela? - perguntou o pai de Karen ao médico.
- Está bem - respondeu ele. - Torceu o pulso e o tornozelo. Vai doer por alguns dias e ela deve repousar por pelo menos duas semanas, mas logo vai se recuperar.

Harald ficou aliviado por saber que os ferimentos não eram sérios, mas seu pensamento imediato foi: Será que consegue pilotar?

O doutor prendeu a atadura com alfinetes de fralda e se levantou. Ele deu uns tapinhas no ombro nu de Karen e disse:

- É melhor eu ir ver Jan Anders. Ele não caiu tão pesado como você, mas estou um pouco preocupado com o seu cotovelo.

- Muito obrigada, doutor.

A mão do médico demorou-se um pouco no ombro de Karen, para irritação de Harald.

- Você voltará a dançar tão maravilhosamente como sempre, não se preocupe - disse ele, e foi embora.
- Pobre Jan - disse Karen. - Ele não consegue parar de chorar. Harald achava que Jan Anders devia ser fuzilado.
- A culpa foi dele - disse Harald com indignação, deixou que você caísse!
- Eu sei, e é justamente por isso que ele está tão abalado.

O sr. Duchwitz dirigiu um olhar irritado a Harald. - O que é que você está fazendo aqui?

Mais uma vez, foi sua mulher quem respondeu:

- Harald está morando em Kirsteneld"aguad"águaot. Karen ficou chocada.
- Mamãe, como é que você sabia?
- Você acha que ninguém ia reparar como as sobras de comida desapareciam da cozinha toda noite? Nós, mães, não somos burras, fique sabendo.

- Mas onde é que ele dorme? - perguntou o sr Duchwitz.
- Acredito que deva ser na igreja abandonada. O que explicaria por que Karen insiste em mantê-la trancada.

Harald ficou horrorizado ao ver como seu segredo foi revelado com tanta facilidade. O sr. Duchwitz ficou furioso, mas antes que pudesse explodir, o rei entrou.

Todos ficaram em silêncio.

Karen tentou levantar-se, mas o rei impediu-a.

- Minha cara mocinha, por favor, fique como está. Como se sente?
- Dói, Majestade.
- Tenho certeza que dói. Mas não houve nenhum dano permanente, espero.
- É o que o doutor disse.
- Sabe, você dançou divinamente, quero que saiba.
- Muito obrigada, Majestade.

O rei lançou um olhar curioso a Harald.

- Boa-noite, meu jovem.
- Meu nome é Harald Olufsen, Majestade, colega de escola do irmão de Karen.
- Que escola?
- Jansborg Skole.
- Os garotos ainda chamam o diretor de Heis?
- Chamam... e a mulher dele de Mia.

- Bem, cuide direitinho da Karen - ele virou-se para os pais dela. - Olá, Duchwitz, é um prazer vê-lo de novo. Sua filha é dona de um talento maravilhoso.

- Muito obrigado, Majestade. Vossa Majestade se lembra de minha mulher, Hanna?

- Naturalmente - o rei apertou a mão dela. - Isto é muito preocupante para uma mãe, sra. Duchwitz, mas tenho certeza de que Karen ficará boa logo.

- Sim, Majestade. Os jovens se recuperam depressa.

- Sem dúvida! Agora vamos dar uma olhada no pobre rapaz que deixou Karen cair - o rei dirigiu-se para a porta.

Pela primeira vez Harald notou o acompanhante do rei, um homem ainda jovem que era seu assistente, ou guarda-costas, ou ambos, talvez.

- Por aqui, Majestade - disse ele, segurando a porta. O rei saiu.

- Bem! - disse a sra. Duchwitz, emocionada. - Como é encantador!

- Suponho que seja melhor levarmos Karen para casa - disse o sr. Duchwitz.

Harald perguntou-se quando teria uma chance de falar com Karen a sós.

- Mamãe vai ter que me ajudar a tirar esta roupa - disse Karen.

O sr. Duchwitz dirigiu-se para a porta e Harald o seguiu, sem saber o que fazer.

- Antes que eu me troque, vocês se incomodam de eu ter uma palavrinha com Harald?

O pai dela pareceu ficar irritado, mas sua mãe concordou:

- Tudo bem, mas que seja rápido.

Os dois saíram e a sra. Duchwitz fechou a porta.

- Você está realmente bem? - perguntou Harald.

- Vou ficar quando você me der um beijo.

Ele se ajoelhou ao lado da cadeira e beijou-lhe os lábios. Depois, incapaz de resistir à tentação, beijou-lhe os ombros nus e o pescoço. Em mais um segundo ele beijou a curva dos seus seios.

- Oh, meu Deus, pára, é bom demais - murmurou Karen. Harald recuou, relutante. Viu que a cor voltara ao rosto de Karen e que ela estava ofegante. Era assombroso pensar que seus beijos tinham feito aquilo.

- Temos que conversar - disse ela.

- Eu sei. Você tem condições de pilotar o Hornet Moth? - Não.

É o que ele temera.

- Tem certeza?

- Dói demais. Não posso nem abrir uma droga de uma porta. Mal posso andar, de modo que não posso nem pensar em operar o leme com os pés.

Harald enterrou o rosto nas duas mãos.

- Então está acabado.

- O médico disse que só vai doer alguns dias. Poderemos ir assim que eu me sentir melhor.

- Há algo que eu ainda não lhe contei. Esta noite Hansen foi espionar a igreja.

- Eu não me preocuparia com ele.

- Desta vez estava com uma detetive, a sra. Jespersen, que é muito mais inteligente que ele. Ouvi a conversa dos dois. Ela entrou na igreja e descobriu tudo. Adivinhou que eu estava morando lá e que planejo fugir no avião.

- Oh, não! O que foi que ela fez?

- Foi buscar o chefe dela, que é Peter Flemming. Deixou Hansen de guarda e mandou que atirasse em mim se eu tentasse levantar vôo.

- Atirasse em você? E o que é que você vai fazer?

- Derrubei Hansen, que desmaiou, e o amarrei - disse Harald, não sem um toque de orgulho.
- Oh meu Deus! E onde ele está agora?
- Na mala do carro do seu pai. Ela achou engraçado.
- Seu monstro!
- Eu achava que nos restava uma única chance. Peter está em um trem que a sra. Jespersen não sabia quando chega. Se eu e você pudéssemos chegar em Kirsteneld"aguad"águaot antes dela e de Peter, Poderíamos levantar voo. Mas agora que você não pode pilotar...

- Ainda é possível.
- Como?
- Você pode pilotar.
- Não posso - só tive uma lição!
- Eu ensino tudo. Poul disse que você tem um talento natural. E posso acionar o manche com a mão esquerda parte do tempo.

- Você está falando sério?
- Claro!
- Está bem - Harald balançou a cabeça solenemente. - Então será isso o que faremos. Agora é rezar para que o trem de Peter atrase.

HERMIA reconheceu Peter Flemming na barca.

Ela o viu debruçado na amurada, contemplando o mar, e lembrou de um homem com um bigode ruivo e elegante terno tweed na plataforma de Morlunde. Sem dúvida diversas pessoas de Morlunde podiam estar viajando até Copenhague da mesma forma que ela, mas aquele homem lhe pareceu vagamente familiar. O chapéu e os óculos a atrapalharam por algum tempo, mas por fim ela se lembrou: Peter Flemming.

Ela o conhecera com Arne, nos bons tempos. Os dois homens tinham sido amigos de infância, lembrou, mas se afastaram quando as duas famílias brigaram.

Peter agora era policial.

Assim que se lembrou disto, viu que ele a devia estar seguindo e sentiu um calafrio de medo, como se atravessada por uma rajada de vento gélido.

O tempo de que dispunha estava acabando. A lua cheia seria dentro de três noites e ainda não encontrara Harald Olufsen. Mesmo que pegasse o filme com ele hoje, não sabia como chegaria na Inglaterra a tempo. Mas não ia desistir - em homenagem à lembrança de Arne, por Digby e por todos os tripulantes dos aviões da RAF que arriscavam suas vidas para deter os nazistas.

Mas por que Peter ainda não a prendera? Afinal, era uma espiã britânica. O que estaria querendo? Talvez, como ela própria, estivesse procurando Harald.

Quando a barca atracou, Peter seguiu-a até o trem de Copenhague. Assim que o comboio saiu, ela saiu andando pelo corredor e o localizou num compartimento de primeira classe.

Voltou para o seu lugar, preocupada. As coisas estavam mal encaminhadas. Não podia levar Peter a Harald. Tinha que dar um Jeito de despistá-lo. O trem parou repetidamente e chegou em Copenhague lá pelas dez da noite. Quando entrou na estação, ela já havia formulado um plano. Iria para o Tivoli Garden e se livraria de Peter lá, no meio da multidão.

Quando saltou, deu uma olhada para trás e viu Peter descendo do vagão da primeira classe.

Seguiu em frente com passo normal, subiu a escada, passou pela barreira de controle dos bilhetes de passagem e logo estava fora da estação. Estava anoitecendo, mas o Tivoli era logo ao lado. Hermia comprou um ingresso na bilheteria, e foi alertada pelo vendedor que os portões seriam fechados à meia-noite.

Tinha estado ali com Arne no verão de 1939. Era uma noite de festival e cinqüenta mil pessoas se acotovelavam no parque para assistir o espetáculo de fogos de artifício.

Agora aquilo ali era uma triste versão do que fora antes, como uma foto em preto e branco de uma tigela de frutas. As trilhas ainda seguiam, sinuosas e encantadoras, por entre os canteiros de flores, mas as luzes decorativas das árvores tinham sido desligadas e as trilhas eram iluminadas por lâmpadas de baixa intensidade, conforme o regulamento do blecaute. O abrigo contra incursões aéreas do lado de fora do Teatro de Pantomima adicionava um toque sinistro. Mesmo as bandas pareciam silenciosas.

O pior de tudo para Hermia foi que a multidão não era nem um pouco densa, facilitando as coisas para quem quisesse segui-la.

Parou, fingindo se interessar por um malabarista, e olhou para trás. Peter estava bem perto, comprando um copo de cerveja em uma banca. Como ia se livrar dele?

Hermia misturou-se à multidão, reunida em torno de um palco a céu aberto onde estava sendo encenada uma opereta. Ela abriu caminho até a frente e depois para o lado mais distante, mas quando andou de novo Peter ainda a seguia. Se demorasse muito, ia acabar descobrindo que estava tentando se desvencilhar dele. E era bem possível que, para evitar mal maior, a prendesse.

Começou a sentir medo. Rodeou o lago e veio dar numa pista de dança onde uma grande orquestra tocava um

foxtrote. Havia pelo menos uns cem casais dançando animadamente e muitos mais observando. Finalmente Hermia sentiu algo parecido com a atmosfera do antigo Tivoli. Ao ver um rapaz bonito sozinho, ao lado da pista, ela teve uma inspiração. Aproximou-se dele com o maior dos sorrisos nos lábios.

- Gostaria de dançar comigo? - perguntou.
- Naturalmente!

Ele tomou-a nos braços e os dois saíram dançando. Hermia não era boa dançarina, mas conseguia dar conta do recado se conduzida por um parceiro competente. Arne, por exemplo, era um mestre, soberbo e cheio de estilo. Aquele rapaz era confiante e decidido.

- Qual é o seu nome? - perguntou ele.

Ela quase disse o nome verdadeiro, mas conteve-se no último minuto.

- Agnes.
- Eu sou Johan.
- Estou muito feliz por conhecê-lo, Johan, e você dança maravilhosamente.

Ela deu uma olhada para trás e viu Peter, observando os dançarinos.

Mas, de repente, a melodia acabou. Os dançarinos aplaudiram a orquestra. Alguns casais deixaram a pista e outros entraram. Hermia tinha que fazer algo, e bem depressa.

- Outra dança? - perguntou ela.
- O prazer será todo meu. Hermia decidiu jogar limpo.
- Escuta aqui, tem um homem horroroso me seguindo e eu estou tentando escapar dele. Você quer me conduzir até o outro lado?

- Que coisa mais emocionante! - ele avaliou os espectadores.
- Quem é? Um gordo de cara vermelha?
- Não. É o de terno marrom-claro.
- Estou vendo. É um sujeito bonito. A orquestra atacou uma polca.
- Meu Deus! - exclamou Hermia. Era difícil dançar a polca, mas ela precisava tentar.

A perícia de Johan foi suficiente para tornar as coisas mais fáceis para ela. E ele conseguia conversar ao mesmo tempo em que a conduzia.

- O homem que a está importunando... ele é um completo estranho ou alguém que você conhece?
- Eu o conheci antes. Leve-me para a outra ponta, perto da orquestra, isso aí.
- É seu namorado?
- Não. Vou deixar você em um minuto, Johan. Se ele correr atrás de mim, dá uma rasteira nele, ou algo parecido, sim?

- Como queira.
- Muito obrigada.
- Acho que ele é seu marido.
- De jeito nenhum.

Eles estavam perto da orquestra.

Johan levou-a para a beira da pista de dança.

- Talvez você seja uma espia e ele um policial querendo pegar você com segredos militares roubados dos nazistas.
- Algo assim - retrucou ela alegremente e soltou-se dos braços dele.

Hermia saiu rapidamente da pista de dança, contornou o lugar da orquestra e se meteu no meio das árvores. Atravessou o gramado correndo até que encontrou outra trilha, e então dirigiu-se para uma saída lateral. Olhou para

trás: Peter tinha desaparecido.

Saiu do parque até a estação ferroviária suburbana que ficava em frente da rua do outro terminal que atendia às linhas principais. Comprou um bilhete para Kirsteneld"aguad"águaot.

Sentia-se intensamente feliz. Consequira se livrar de Peter Flemming.

Não havia ninguém na plataforma, a não ser uma atraente mulher com uma boina azul-celeste.

HARALD aproximou-se cautelosamente da igreja.

A grama ainda estava molhada, em virtude de uma chuva passageira que já cessara. Uma brisa fraca espalhara as nuvens e a lua quase cheia brilhava nos pedaços descobertos do céu. A sombra do campanário ia e vinha com o luar.

Não havia carros estranhos estacionados nas proximidades, mas isso podia não querer dizer nada. A polícia teria escondido seus automóveis se tivesse mesmo a intenção de pegá-lo em uma armadilha.

Não havia uma única luz acesa no mosteiro em ruínas. Era meia-noite, e os soldados estavam dormindo, com a exceção de dois: a sentinela no parque, do lado de fora da barraca do rancho, e um enfermeiro no hospital veterinário.

Harald parou do lado de fora da igreja, atento. Ouvia um cavalo relinchar no claustro. com o máximo de cautela, subiu no tronco e deu uma espiada por cima do peitoril da janela.

Conseguíu distinguir o vago contorno do carro e do avião, graças ao reflexo do luar. Mas poderia haver alguém escondido lá dentro à sua espera.

Em dado instante ouviu um gemido abafado e um golpe surdo. O barulho repetiu-se após um minuto e ele viu que só podia ser Hansen, lutando para se libertar. O coração de Harald deu um pulso, cheio de esperança. Se Hansen ainda estava amarrado, a sra. Jespersen ainda não retornara com Peter. Ainda havia uma chance de Karen e ele decolarem no Hornet Moth.

Harald passou pela janela e, silenciosamente, foi até o avião. Pegou a lanterna na cabine e fez uma inspeção na igreja. Não havia ninguém.

Abriu a mala do carro. Hansen continuava amarrado e amordaçado. Harald verificou os nós e viu que estavam firmes. Fechou a mala de novo.

- Harald? É você?

Ele virou a lanterna na direção das janelas e viu Karen.

Ela fora levada para casa em uma ambulância, na companhia dos pais. Antes de se separarem, no teatro, ela prometera escapular da casa assim que pudesse e juntar-se a ele na igreja se não houvesse perigo.

Harald desligou a lanterna e foi abrir a porta grande para Karen. Ela entrou mancando, com um casaco de pele sobre os ombros e carregando um cobertor. Ele a abraçou cuidadosamente, preocupado em não machucar seu braço direito na tipóia e, por um breve momento, deixou-se ficar assim, extasiado com o calor do seu corpo e o perfume do seu cabelo. Logo voltava para as questões práticas.

- Como é que você se sente, Karen?

- Dói como o diabo, mas vou sobreviver. Ele olhou para o casaco.

- Você está com frio?

- Ainda não, mas vou sentir a cinco mil pés de altura sobre o mar do Norte. O cobertor é para você.

Ele pegou o cobertor e segurou sua mão boa.

- Está pronta para fazer isso?

- Estou.

Harald beijou-a delicadamente.

- Eu amo você.

- Eu amo você também.

- É mesmo? Nunca me disse isso.
- Eu sei, mas estou dizendo agora, para o caso de eu não sobreviver a essa viagem - Karen usou seu costumeiro tom de voz objetivo, como se não estivesse tratando de emoções. - Você é, disparado, o melhor homem que conheci. É inteligente, mas não faz pouco dos outros. É gentil e bondoso, mas tem coragem bastante para um exército.

Karen tocou no cabelo dele.

- É até bonito, de um jeito engraçado. O que mais eu poderia querer?
- Algumas garotas gostam que o homem seja bem-vestido.
- Bem lembrado. Mas isso a gente pode consertar.
- Eu gostaria de lhe dizer por que a amo, mas a polícia pode entrar aqui a qualquer minuto.
- Tudo bem, eu sei o porquê: é porque sou maravilhosa. Harald abriu a porta da cabine e jogou o cobertor lá dentro.

- É melhor você embarcar logo - disse. - Quanto menos tivermos o que fazer lá fora, mais chances teremos de escapar.

- OK.

Ele viu que ia ser difícil para ela entrar na cabine. Arrastou um caixote e Karen subiu nele, mas depois não conseguiu pôr o pé machucado lá dentro. Entrar na cabine daquele avião era difícil de qualquer jeito, porque era mais apertada que o banco da frente de um carrinho esportivo, e certamente parecia impossível com um braço e uma perna machucados. Harald concluiu que tinha que colocá-la sentada.

Pegou Karen com o braço esquerdo sob os ombros dela e o braço direito sob seus joelhos, depois subiu no caixote e sentou-a no lado direito da cabine. Desse jeito ela poderia comandar o manche com a mão esquerda, que estava boa, e Harald, ao seu lado no lugar do piloto, usaria a mão direita.

- O que é isto aqui no chão? - perguntou ela, abaixando-se.
- É a arma do Hansen. Eu não sabia o que fazer dela. Ele fechou a porta da cabine.
- Você está bem?

Ela abriu a janela, que era de correr.

- Estou ótima. O melhor lugar para a decolagem é ao longo da estrada de acesso dos automóveis. O vento está perfeito, mas soprando na direção do castelo, portanto você vai ter que empurrar o avião toda a vida até a porta do castelo e depois virá-lo de frente para o vento.

- OK.

Ele escancarou as portas da igreja. Agora tinha que tirar o avião lá de dentro. Por sorte, ele fora estacionado com inteligência, apontando diretamente para a porta.

Havia uma corda firmemente amarrada no trem de aterrissagem que, Harald imaginara assim que a vira, era usada para rebocar o aparelho. Pegou a corda com firmeza e puxou.

O Hornet Moth era mais pesado do que tinha imaginado. Além do motor, era preciso considerar o peso do combustível e o Peso de Karen. Era muita coisa para puxar.

Para vencer a inércia, Harald conseguiu fazer o avião balançar. Conseguiu imprimir um ritmo e convertê-lo em um movimento. Uma vez que começou a se deslocar, a tensão se tornou menor, mas ainda assim era um peso considerável. Foi preciso fazer bastante força para tirar o aparelho da igreja e levá-lo à estrada de acesso ao castelo.

Quando a lua saiu de trás de uma nuvem, o parque ficou iluminado quase como se fosse dia. O avião seria visto por quem quer que olhasse na direção certa. Harald tinha que trabalhar depressa.

Soltou o fecho que prendia a asa esquerda à fuselagem e a empurrou para a posição de voo. Em seguida arriou a secção interna da borda de fuga da asa superior. com isso, a asa ficava no lugar enquanto ele dava a volta para a borda

de ataque. Ali ele empurrou o pino para seu respectivo encaixe. Ficou preso em qualquer coisa.

Harald já tinha encontrado esse problema quando praticando. Sacudiu a asa delicadamente, e com isso foi capaz de empurrar o pino até o fim. Prendeu-o com a tira de couro. Depois repetiu o exercício com o pino da asa de cima, que ficou preso com a colocação da escora temporária no lugar.

Gastou ao todo uns três ou quatro minutos com a asa esquerda. Assim que terminou, deu uma olhada no acampamento dos soldados. A sentinela o vira e vinha se aproximando.

Harald repetiu o mesmo procedimento com a asa direita. Quando acabou, o soldado que estava de sentinela estava em pé atrás dele, olhando. Era Leo, o bonzinho.

- O que é que você está fazendo aí? - perguntou ele, curioso. Harald tinha uma história preparada.
- Vamos tirar uma fotografia. O sr. Duchwitz quer vender o avião porque não pode conseguir gasolina para ele.
- Fotografia? De noite?
- Vai ser uma foto ao luar, com o castelo no fundo.
- O meu capitão sabe?
- Oh, sim, o sr. Duchwitz falou com ele e o capitão Kleiss disse que não havia problema.
- Tudo bem - disse Leo, mas logo em seguida franziu a testa, preocupado. - Mas é estranho que o capitão não tenha avisado nada.

- Provavelmente ele achou que não tinha importância - o sujeito provavelmente era um perdedor, pensou Harald. Se os militares alemães fossem descuidados, não teriam conquistado a Europa.

Leo sacudiu a cabeça.

- O soldado escalado para o serviço de sentinela deve ser instruído sobre os acontecimentos não rotineiros esperados durante seu turno de serviço - disse ele, como se estivesse repetindo um trecho do regulamento.
- Tenho certeza de que o sr. Duchwitz não teria nos dito para fazer isso sem ter falado antes com o capitão Kleiss.

Harald inclinou o corpo, empurrando a cauda do avião. Ao ver o esforço que ele fazia, Leo pôs-se a ajudá-lo. Juntos, os dois conseguiram completar um giro de um quarto de círculo levando a aeronave a ficar alinhada com a estrada de acesso de automóveis.

- É melhor eu ir verificar com o capitão - disse Leo.
- Se você acha que ele não vai se importar de ser acordado. Leo pareceu ficar na dúvida, um tanto preocupado.
- Talvez ele ainda não tenha ido dormir.

Harald sabia que os oficiais dormiam no castelo e pensou num jeito de retardar Leo ao mesmo tempo em que acelerava sua tarefa.

- Bem, já que você vai até o castelo, bem que pode me ajudar a empurrar este ferro-velho.
- Tudo bem.
- Eu pego a asa esquerda, você pega a direita.

Leo pôs o fuzil a tiracolo e pegou o esteio de metal entre as asas superior e inferior. com os dois empurrando, o Hornet Moth deslocou-se facilmente.

Hermia pegou o último trem da noite que saía da estação de Vesterport. Chegou em Kirsteneld"aguad"águaot depois da meia-noite.

Ela não sabia ao certo o que fazer quando chegasse ao castelo. Não queria chamar a atenção para si própria batendo na porta e acordando todo mundo. Talvez tivesse que esperar pela manhã do dia seguinte para poder perguntar por Harald, o que significava passar a noite ao ar livre. Mas não ia morrer por causa disso.

Por outro lado, se houvesse luzes no castelo, podia ser que encontrasse alguém com quem pudesse ter uma palavrinha discreta, um criado talvez.

E ficava nervosa só de pensar em perder um tempo que era tão precioso. Uma outra pessoa saltou do trem com ela. Era a mulher da boina azul-celeste.

Hermia sentiu um momento de medo. Teria cometido um erro? Será que aquela mulher a estava seguindo, tendo substituído Peter Flemming?

Teria que se certificar.

Do lado de fora da estação, às escuras, ela parou e abriu a mala, fingindo procurar qualquer coisa. Se a mulher a estivesse seguindo, teria que encontrar uma desculpa para esperá-la.

A mulher saiu da estação e passou por ela sem hesitar.

Hermia continuou a remexer na mala ao mesmo tempo em que a observava com o canto dos olhos.

A tal mulher da boina azul-celeste caminhou energicamente até um Buick preto estacionado nas proximidades. Havia alguém sentado à direção, fumando. Hermia não pôde ver o rosto, só a brasa do cigarro. A mulher embarcou e o carro arrancou.

Hermia respirou aliviada. A mulher passara a noite na cidade e o marido fora esperá-la na estação para levá-la para casa. Falso alarme, pensou, aliviada.

Ela começou a andar.

Harald e Leo empurraram o Hornet Moth ao longo da estrada de acesso de carros, passaram pelo caminhão-tanque de onde Harald roubara a gasolina e seguiram até o pátio bem na frente do castelo, onde viraram a aeronave de frente para o vento. Leo entrou correndo para acordar o capitão Kleiss.

Harald só tinha um minuto ou dois.

Tirou a lanterna do bolso, acendeu-a e prendeu entre os dentes. Girou os fechos do lado esquerdo da parte da frente da fuselagem e abriu o capo.

- Gasolina ligada? - exclamou.
- Gasolina ligada - confirmou Karen.

Harald puxou o anel da válvula do carburador e acionou a alavanca de uma das duas bombas de gasolina para alimentar o carburador. Em seguida fechou o capo e prendeu os fechos. Tirou a lanterna da boca.

- Manete em posição e magnetos ligados?
- Manete em posição e magnetos ligados.

Harald parou na frente do motor e acionou a hélice. Imitando o que vira Karen fazer, girou-a uma segunda vez e uma terceira. Finalmente deu um puxão vigoroso e recuou com destreza.

Nada aconteceu.

Ele praguejou. Não havia tempo para lidar com defeitos.

Repetiu os procedimentos. Alguma coisa estava errada, pensou enquanto tentava. Antes, quando girara a hélice, acontecera uma coisa que não estava acontecendo agora.

Tentou desesperadamente se lembrar do que fora.

Mais uma vez o motor não pegou.

De repente veio-lhe à cabeça o que estava faltando. Não tinha ouvido um clique quando girara a hélice. Lembrou que Karen lhe dissera que o clique era o sinal de que o motor de arranque estava funcionando. Sem clique não havia centelha.

Ele correu para a janela de Karen.

- Não tem clique! - exclamou.
- É um probleminha do magneto - explicou ela, calmamente.
- Acontece com frequência. Abra o capo do lado direito. Você vai ver o magneto de partida entre o magneto e o

motor. Bata nele com uma pedra ou algo parecido.

Geralmente resolve.

Ele abriu o capô direito e iluminou o motor com a lanterna. O magneto de partida, embora de aspecto achatado, era um cilindro de metal. Procurou uma pedra no chão, perto de onde estava, e não achou.

- Não tem pedra, Karen. Passa uma ferramenta aí do estojo. Ela achou o estojo de ferramentas e lhe passou uma chave inglesa. Harald bateu no cilindro.

- Pare com isso agora mesmo! - exclamou uma voz atrás dele.

Harald virou-se para ver o capitão Kleiss, de calça do uniforme e paletó de pijama, atravessando o pátio na sua direção, com Leo logo atrás. Kleiss não estava armado, mas Leo tinha um fuzil.

Harald enfiou a chave inglesa no bolso, fechou o capô e dirigiu-se para o nariz do avião.

- Afaste-se do avião! - gritou Kleiss. - Isto é uma ordem! De repente a voz de Karen fez-se ouvir, autoritária:

- Pare onde está, senão atiro!

Harald viu o braço dela esticado para fora da cabine, apontando a pistola de Hansen para Kleiss.

Kleiss parou e Leo também.

Se Karen sabia ou não atirar com aquela pistola, Harald não fazia idéia - e tampouco Kleiss.

- Larga o fuzil no chão, Leo - ordenou Karen. Leo obedeceu.

Harald esticou o braço e girou a hélice. Que virou, com um clique bem sonoro.

Peter seguiu para o castelo na frente de Hermia, com Tilde Jespersen no banco de passageiros ao seu lado.

- Estacionamos num lugar escondido e ficamos olhando o que ela vai fazer quando chegar lá - disse ele.

- OK.

- Sobre o que aconteceu em Sande...

- Por favor, não fale nisso. Ele conteve a raiva.

- O que, nunca?

- Nunca.

Peter teve ímpetos de estrangulá-la.

As luzes do farol do Buick revelaram uma pequena aldeia com uma igreja e uma taverna. Logo depois da aldeia eles chegaram a uma entrada imponente.

- Desculpe, Peter. Cometi um erro, mas acabou. Sejamos apenas amigos e colegas.

Ele não queria saber de mais nada.

- Ao diabo com isso! - exclamou, virando no terreno do castelo.

A direita da pista, havia um mosteiro em ruínas.

- Estranho - comentou Tilde. - As portas da igreja estão escancaradas.

Peter torceu para que houvesse alguma ação, assim ficaria mais fácil esquecer que fora rejeitado por Tilde. Ele parou o Buick e desligou o motor.

- Vamos dar uma olhada.

Peter pegou uma lanterna no porta-luvas.

Saltaram do Buick e entraram na igreja. Peter ouviu um gemido abafado seguido por um golpe surdo. Parecia vir do RollsRoyce sobre cavaletes no meio do saguão. Ele abriu a mala e o facho da lanterna iluminou um policial amarrado e amordaçado.

- Este é o seu policial chamado Hansen?

- O avião não está aqui! - exclamou Tilde.

Naquele exato momento eles ouviram o motor de um avião dar a partida.

O Hornet Moth voltou à vida com um ronco e deu a impressão de inclinar-se para a frente, como se ansiasse por ir embora.

Harald dirigiu-se rapidamente para o lugar onde Kleiss e Leo estavam. Apanhou o fuzil e o empunhou ameaçadoramente, exibindo um ar de confiança que estava longe de sentir. Depois recuou devagar e, contornando o espaço em torno da hélice que girava, foi para junto da porta do lado esquerdo. Meteu a mão no trinco, escancarou a porta e jogou o fuzil no compartimento de bagagem atrás dos bancos.

Estava subindo quando um movimento repentino fez com que ele desviasse o olhar de Karen. Viu que o capitão Kleiss se jogava para a frente, na direção do avião, e mergulhava no chão. Houve um estampido muito forte, que chegou a ser ouvido mesmo com o ronco do motor na hora em que Karen disparou a pistola de Hansen. Mas Harald viu que a moldura da janela a impediu de abaixar o pulso suficientemente, de modo que o tiro não acertou no capitão.

Kleiss rolou por debaixo da fuselagem, saiu do outro lado e pulou na asa.

Harald, que já estava sentado no lugar do piloto, quis bater a Porta, mas Kleiss estava no caminho. Kleiss agarrou Harald pela gola e tentou arrancá-lo da cabine.

Harald lutou, buscando livrar-se das garras do capitão alemão. Karen, por sua vez, empunhava a Pistola de Hansen com a mão esquerda, mas não conseguia se virar na cabine, muito apertada, para ficar em posição de dar um tiro em Kleiss. Leo veio correndo, mas por causa da porta e das asas não conseguiu se aproximar o suficiente para entrar na briga.

Harald tirou a chave inglesa do bolso e desfechou um golpe com toda a força. Pegou embaixo do olho do capitão, arrancando sangue, mas ele não desistiu.

Karen conseguiu segurar o manete e levá-lo todo à frente. O motor roncou mais forte e o avião se deslocou. Kleiss perdeu o equilíbrio, viu-se obrigado a largar um braço, mas continuou seguro em Harald com o outro.

O Hornet Moth deslocou-se com mais velocidade, pulando na grama. Harald acertou Kleiss de novo, e desta vez o alemão deu um grito, soltou o braço de Harald e caiu no chão.

Harald bateu a porta.

Ele já ia pegar o manche, mas Karen disse:

- Deixe o manche por minha conta, posso comandá-lo com a mão esquerda.

O avião seguia pela estrada de acesso, mas assim que começou a ganhar velocidade desviou-se para a direita.

- Use os pedais do leme! - gritou Karen. - Mantenha o avião na reta!

Harald comprimiu o pedal da esquerda para trazer a aeronave de volta para a pista de automóveis.

Nada aconteceu, e ele apertou o pedal com toda a força. Após um momento o aparelho virou tanto para a esquerda que atravessou a estrada e se meteu na grama alta do outro lado.

- Há um atraso - gritou ela - que você tem que antecipar! Harald compreendeu o que Karen queria dizer. Era como pilotar um barco, só que pior. Comprimiu o pedal da direita para retificar o curso do avião e, assim que começou a surtir efeito, corrigiu com o pé esquerdo. Desta vez o desvio não foi tão acentuado e, quando o aparelho voltou para a pista, ele conseguiu mantê-lo alinhado.

- Conserve-o assim! - berrou Karen. A aeronave acelerou.

Na outra ponta da pista surgiram os faróis de um automóvel.

Peter Flemming engrenou uma primeira e meteu o pé na tábuca. Justo quando Tilde estava abrindo a porta do carona para embarcar, o carro deu um solavanco e saiu a toda. com um grito, ela largou a porta e caiu. Peter fez votos de que ela tivesse quebrado o pescoço.

Ele seguiu pela pista de automóveis, deixando a porta do carona aberta. Quando o motor começou a gritar ele engrenou uma segunda. O Buick ganhou velocidade.

Iluminado pelos seus faróis, ele viu um pequeno biplano descendo a pista, vindo diretamente de encontro ao seu carro. Harald Olufsen estava naquele avião, sem dúvida nenhuma. Mas ia detê-lo, nem que tivesse que matar a ambos.

Peter engrenou a terceira.

Harald sentiu o Hornet Moth empinar quando Karen levou o manche para a frente, levantando a cauda. Ele gritou:

- Está vendo aquele carro?
- Estou - ele vai tentar bater na gente?
- Vai - Harald mantinha os olhos fixos na pista, concentrado na tarefa de manter o curso do avião com os pedais do leme. Será que a gente consegue levantar vôo a tempo de passar por cima dele?
- Não sei ao certo...
- Vê se decide logo!
- Fique preparado para se desviar se eu mandar! -Estou pronto!

O carro estava perigosamente perto. Harald viu que não iam conseguir passar por cima. Karen gritou:

- Viral

Ele pressionou o pedal da esquerda. O avião, reagindo menos lentamente devido a maior velocidade, deu uma guinada para fora da estrada - a manobra foi brusca demais.

Harald teve receio de que o conserto que fizera no trem de pouso não agüentasse. Apressou-se a corrigir o rumo.

com o canto dos olhos, Harald viu que o carro virava na mesma direção, sempre visando colidir com o Hornet Moth. Era um Buick, igual ao Buick em que Peter Flemming fora à Jansborg Skole.

Na tentativa de prosseguir em rota de colisão com a aeronave, o carro fez uma curva fechada. Mas o avião tinha um leme, enquanto que a direção do automóvel era dada pelas rodas, e isso fazia diferença na grama molhada. Assim que o Buick passou para a grama, derrapou. E enquanto derrapava de lado, o luar iluminou momentaneamente o rosto do homem ao volante, que lutava para não perder o controle do carro. Harald reconheceu Peter Flemming.

O avião oscilou e endireitou-se. Harald viu que estava prestes a bater no caminhão-tanque, meteu o pé no pedal da esquerda e a ponta da asa direita do Hornet Moth passou a poucos centímetros do caminhão.

Peter Flemming não teve tanta sorte. Olhando para trás, Harald viu o Buick, completamente descontrolado, deslizar com terrível inevitabilidade na direção do caminhão-tanque, em que bateu com toda a força. Houve uma explosão terrível e um segundo mais tarde o parque inteiro foi iluminado por um clarão amarelo. Harald tentou ver se a cauda do Hornet Moth tinha pegado fogo, mas era impossível olhar diretamente para trás, portanto só lhe restava torcer pelo melhor.

O Buick virou uma fornalha.

- Mantenha o avião na rota! - gritou Karen. - Já vamos levantar vôo!

Ele voltou a atenção para o leme. Viu que estava se encaminhando para a barraca do rancho.

Quando voltaram a andar na reta de novo, o avião ganhou velocidade.

Hermia começou a correr quando ouviu o barulho do motor do avião. Assim que ela pisou em terras de Kirsteneld"aguad"águaot viu um carro escuro, muito parecido ao da estação, em louca disparada. Enquanto olhava, o carro derrapou e bateu em um caminhão estacionado ao longo da pista. Houve uma explosão terrível e tanto o carro quanto o caminhão pegaram fogo. Ela ouviu um grito de mulher:

- Peter!

À luz das chamas, ela viu a mulher da boina azul. Então, compreendeu. A mulher da boina a estivera seguindo. O homem que a esperara no Buick era Peter Flemming.

Não precisaram segui-la a partir da estação porque sabiam para onde ia. Tinham chegado ao castelo antes dela. Mas, e depois?

Hermia viu um pequeno biplano se deslocando pelo gramado, dando a impressão de que ia levantar vôo. Aí a mulher da boina se ajoelhou, tirou uma pistola da bolsa e fez pontaria para atirar no avião.

O que estava acontecendo ali? Se a mulher de boina era colega de Peter Flemming, o piloto deveria ser um adversário. Podia inclusive ser Harald, fugindo com o filme no bolso. Ela precisava impedir a mulher de abater a aeronave.

O parque estava iluminado pelas labaredas do caminhão-tanque, e, naquela claridade, Harald viu a sra. Jespersen apontar uma arma contra o Hornet Moth.

Não havia nada que pudesse fazer. Estava seguindo direto contra ela, e se virasse para qualquer lado só serviria para apresentar um alvo melhor. Cerrou os dentes.

As balas podiam passar pelas asas ou pela fuselagem sem causar um problema sério. Por outro lado, podiam danificar o motor, incapacitar os controles, furar o tanque de gasolina ou matar um dos dois, ele ou Karen.

Então, viu uma segunda mulher correndo pela grama, carregando uma mala.

- Hermia! - gritou, atônito, quando a reconheceu.

Hermia bateu com a mala na cabeça da sra. Jespersen. A detetive caiu de lado e largou a pistola. Hermia bateu de novo e pegou a arma.

Foi quando o avião passou por cima delas e Harald se convenceu de que tinha levantado vôo.

Olhando para cima, viu que estava prestes a bater na torre do campanário da igreja.

KAREN COMANDO o manche bruscamente para a esquerda, chegando a bater com ele na perna de Harald. O Hornet Moth inclinou as asas ao mesmo tempo em que ganhava altura, mas Harald notou que a curva não ia ser suficientemente fechada e o avião ia bater na torre da igreja.

- Pedal esquerdo! - gritou Karen, Só então ele se lembrou de que ele também podia pilotar. Comandou com força o pedal esquerdo e sentiu a aeronave inclinar-se imediatamente num ângulo mais acentuado.

Mesmo assim, continuou a achar que a asa direita ia bater. O avião fez a curva com uma lerdeza torturante. Harald se preparou para a colisão. A ponta da asa passou a centímetros da torre.

- Jesus Cristo! - exclamou.

O vento forte fazia o avião corcovear como um pônei. Harald teve a impressão de que podiam despencar do céu a qualquer momento. Mas Karen continuou a ganhar altitude, ao mesmo tempo em que completava a curva. Harald trincou os dentes. Quando chegou aos cento e oitenta graus e o avião ficou de frente para o castelo, ela retificou a rota. À medida que foram ganhando altura, a aeronave foi ficando mais e mais estabilizada, e Harald lembrou que Poul Kirke dissera que havia mais turbulência perto do solo.

Ele olhou para baixo. O caminhão-tanque ainda estava em chamas e, graças à sua claridade, podia-se ver os soldados saindo do mosteiro em trajes de dormir. O capitão Kleiss gesticulava muito e berrava ordens. A sra. Jespersen jazia deitada, imóvel, aparentemente desmaiada. Hermia Mount não podia ser vista em nenhum lugar. Na porta do castelo, alguns criados olhavam para o avião.

Karen apontou para um instrumento no painel.

- Fica de olho nisso aí - disse. - É o indicador de curvas. Use o leme para manter o ponteiro bem no meio, na posição doze horas.

O luar entrava pelo teto transparente da cabine, mas, mesmo sendo bastante claro, a iluminação era insuficiente para a leitura dos instrumentos. Harald acendeu a lanterna.

Continuaram a ganhar altura, e o castelo foi encolhendo atrás deles. Karen mantinha-se atenta, de olho na esquerda, direita e também na frente, embora não houvesse muito que ver, exceto a enluarada paisagem dinamarquesa.

- Aperte o cinto de segurança - disse. Harald viu que ela já tinha afivelado o seu. - Assim você não bate com a cabeça no teto da cabine se o avião sacudir muito.

Harald prendeu seu cinto. Começava a acreditar que tinham conseguido escapar e não mais conteve a sensação de vitória. Achei que eu ia morrer - disse.

- Eu também... um monte de vezes!

- Seus pais vão ficar loucos de preocupação.

- Deixei um bilhete para eles.

- Fez mais que eu - ele nem pensara nisso.

- Basta que fiquemos vivos para os deixarmos felizes. Ele pôs a mão no rosto dela.

- Como se sente?

- Um pouco febril.

- Você está mesmo com febre. Devia beber água.

- Não, obrigada. Temos um voo de seis horas pela frente, sem banheiro. Não quero ter que fazer xixi na sua frente. Poderá ser o fim de uma bela amizade.

- Eu fecho os olhos.

- E pilota de olhos fechados? Esquece. vou ficar bem.

Ela estava querendo ser engraçada, mas Harald sentia-se ansioso a seu respeito. Os últimos eventos o tinham deixado exausto e Karen fizera as mesmas coisas com um tornozelo e um pulso destrancados. Rezava para que ela não

desmaiasse.

- Olhe a bússola - disse ela. - Qual é o nosso rumo?

Ele tinha estudado a bússola quando o avião estava na igreja, e sabia como lê-la.

- Duzentos e trinta.

Karen inclinou o avião um pouco para a direita.

- Imagino que a prova para a Inglaterra seja duzentos e cinquenta graus. Diga-me quando estivermos no rumo. com a lanterna ele iluminou a bússola até esta indicar o rumo desejado.
- Pronto.
- Que horas são?
- Meia-noite e quarenta.
- Devíamos anotar tudo isso, mas não trouxemos lápis.
- Não creio que eu venha a esquecer nada disso.
- Eu gostaria de passar por cima daquela nuvem - disse ela.
- Qual é a nossa altitude?

Harald focalizou a lanterna no altímetro.

- Está a cinco mil pés.

Momentos depois o avião era engolido pelo que parecia ser fumaça, e Harald viu que tinham entrado dentro da nuvem.

- Mantenha a luz em cima do indicador de velocidade - disse Karen. - E me avise de qualquer mudança.
- Por quê?
- Em um voo cego, é difícil manter a aeronave na altitude correta. Posso levantar ou baixar o nariz sem me dar conta. Mas se isso acontecer, nós saberemos, porque a velocidade vai diminuir ou aumentar.

Era assustador o tal do voo cego. Devia ser assim que aconteciam acidentes, pensou Harald. Dentro de uma nuvem, o avião podia bater facilmente em uma montanha. Por sorte, não havia montanhas na Dinamarca. Mas se houvesse outro avião voando dentro da mesma nuvem, nenhum dos dois pilotos saberia senão quando fosse tarde demais.

Após alguns minutos, o luar permitiu que ele visse a nuvem redemoinhando de encontro às janelas da cabine. Logo em seguida, para seu alívio, eles saíram para o céu claro e foi possível distinguir a sombra do Hornet Moth projetada nas nuvens logo abaixo.

Karen acionou o manche para nivelar o aparelho.

- Está vendo o conta-giros?

Harald acendeu a lanterna mais uma vez.

- Dois mil e duzentos.
- Traga o manete para trás devagarzinho, até que indique mil e novecentas revoluções por minuto.

Harald fez o que ela disse.

- Usamos a potência do motor para mudar nossa altitude explicou ela. - Manete para a frente, subimos; manete para trás, descemos.

- Como controlamos, então, a nossa velocidade?
- Pela atitude da aeronave.
- Nariz para baixo, para aumentar a velocidade; nariz para cima, para reduzi-la.
- Entendi.
- Mas nunca levante o nariz abruptamente, porque aí a gente entra num estol. Ou seja, perde a sustentação e o

avião despenca.

Harald achou terrível essa possibilidade.

- E qual é a solução?
- Baixar o nariz e aumentar o número de giros. É fácil... só que o instinto manda levantar o nariz, o que agrava a situação.

- Não vou esquecer disso.

- Pegue o manche agora. Veja se consegue voar reto e nivelado. Tudo bem, o comando é seu.

Ele pegou o manche com a mão direita.

- Você deve dizer "Está comigo". Para que o piloto e o copiloto não venham a se meter numa situação em que cada um pense que o outro está controlando o avião.

- Está comigo - disse ele, mas sem sentir que isto fosse verdade. O Hornet Moth tinha vida própria, virando e mergulhando com as turbulências, e ele tinha que usar toda a sua capacidade de concentração para manter as asas niveladas e o nariz na mesma posição.

- Você tem a sensação de que está puxando o manche o tempo todo? - perguntou Karen.

- Tenho.

- Isto é porque já usamos um pouco de gasolina e com isto foi alterado o centro de gravidade do avião. Está vendo aquela alavanca perto do canto superior dianteiro da sua porta?

Ele deu uma olhada rápida.

- É o compensador do profundor. Ou estabilizador. Eu o tinha colocado em posição adequada à decolagem, quando o tanque estava cheio e a cauda pesada. Agora o avião precisa ser compensado.

- Como se faz isso?

- É simples. Alivie um pouco da pressão da mão que segura o manche. Sente ele querendo ir para a frente sozinho?

- Sinto.

- Puxe o estabilizador para trás. Vai precisar fazer menos Pressão no manche.

Ela estava certa.

- Ajuste o compensador até que não seja mais necessário ficar puxando o manche.

Harald foi puxando o compensador gradualmente para trás. De repente, o manche começou a pressionar sua mão.

- Foi demais - disse ele. Empurrou o compensador um quase nada para a frente.

- Agora sim.

- Você também pode compensar o leme, movimentando seu controle que se desloca numa barra dentada que fica na parte inferior do painel de instrumentos. Quando o avião está corretamente compensado, ele voa reto e nivelado, sem que seja preciso fazer pressão sobre os controles.

Harald experimentou tirar a mão do manche. O Hornet Moth continuou voando reto e nivelado.

Ele reassumiu o comando.

A nuvem embaixo deles não era contínua, e de vez em quando podiam ver o solo iluminado pelo luar. Em pouco tempo deixaram para trás a ilha de Zealand, onde ficava Copenhague, e passaram a voar sobre o mar.

- Cheque o altímetro - disse Karen.

Harald tinha dificuldade em olhar para o painel de instrumentos, achando instintivamente que precisava se concentrar em comandar a aeronave. Quando conseguiu deixar de olhar para fora, viu que tinham atingido sete mil pés.

- Como foi que isso aconteceu? - quis saber.

- Você está mantendo o nariz alto demais. É natural. O medo inconsciente de bater no chão faz com que fique tentando ganhar altitude. Baixe o nariz.

Ele empurrou o manche. E quando o nariz desceu, viu outro avião. Este tinha grandes cruzes pintadas nas asas. Harald sentiu náuseas de tanto medo.

Karen viu também, ao mesmo tempo.

- Diabos! - exclamou ela. - A Luftwaffe! - parecia tão assustada quanto ele.
- Estou vendo.

O aparelho da Luftwaffe estava à esquerda e um pouco abaixo, distante uns quinhentos metros mais ou menos. Subia em sua direção.

Karen pegou o manche e pôs o nariz violentamente para baixo.

- Está comigo.
- Está contigo.

O Hornet Moth mergulhou.

Harald reconheceu a outra aeronave como sendo um Messerschmitt Bf 110, um caça noturno bimotor, com dois lemes na cauda e uma cabine de comando comprida, feita de painéis transparentes que lembrava uma estufa. Lembrou-se de Arne falando do armamento do Bf 110 com uma mistura de medo e inveja: tinha canhões e metralhadoras no nariz, e Harald podia ver agora as metralhadoras dorsais espetadas onde terminava a cabine. Aquele era o aparelho usado para derrubar bombardeiros aliados depois que a estação de rádio de Sande os detectasse.

O Hornet Moth era completamente indefeso.

- O que é que vamos fazer? - perguntou Harald.
- Tentar voltar para dentro daquela camada de nuvens antes que ele chegue perto o bastante para atirar. Droga, eu não devia ter deixado você subir tanto!

O Hornet Moth mergulhava acentuadamente. Harald deu uma olhada no velocímetro e viu que tinham atingido cento e trinta nós, aproximadamente duzentos e quarenta quilômetros por hora. Era como se estivesse descendo uma montanha-russa. Sem querer, agarrou-se à beirada de seu assento.

- Isso é seguro? - perguntou.
- Mais seguro que ser atingido.

O outro avião aproximava-se rapidamente. Era muito mais veloz que o Hornet Moth. De repente houve um clarão e eles ouviram uma rajada de metralhadora. Harald esperava que o Messerschmitt atirasse neles, mas não pôde conter um grito de espanto e medo.

Karen virou à direita, tentando atrapalhar a mira do artilheiro alemão. O Messerschmitt passou por baixo deles como um relâmpago. Os tiros cessaram e o motor do Hornet Moth continuou funcionando. Não haviam sido atingidos.

Harald lembrou de Arne dizendo que era bastante difícil para um avião rápido atirar num lento. Talvez fosse isso que os tivesse salvado.

Quando viraram, ele olhou pela janela e viu o caça afastando-se à distância.

- Acho que ele está fora do alcance - disse.
- Não por muito tempo - replicou Karen.

De fato, o Messerschmitt estava voltando. Os segundos se arrastaram enquanto o Hornet Moth mergulhava na direção do abrigo representado pela nuvem e o veloz caça executava uma volta larga. Harald viu que a velocidade de Hornet atingiu cento e sessenta nós. A nuvem estava muito perto - mas não o suficiente.

Harald viu os clarões e ouviu os tiros. Desta vez o caça estava mais perto e tinha um melhor ângulo de ataque. Para seu horror, ele viu aparecer um rasgão irregular no tecido que recobria a asa inferior esquerda. Karen empurrou o manche e o Hornet Moth inclinou-se lateralmente e para dentro.

De repente, eles mergulharam dentro da nuvem.

Os tiros cessaram.

- Graças a Deus - disse Harald. Embora fizesse frio, ele estava suando.

Karen puxou o manche e eles saíram do mergulho. Harald iluminou o altímetro e viu o ponteiro parar de desenrolar velozmente e firmar-se pouco acima de cinco mil pés. O velocímetro gradualmente tornou a mostrar a velocidade normal de cruzeiro de oitenta nós.

Ela inclinou a aeronave de novo, mudando de direção, para que o caça não pudesse alcançá-los seguindo simplesmente o seu curso anterior.

- Reduza os giros para cerca de mil e seiscentos - disse ela. Vamos seguir por baixo desta nuvem.
- Por que não ficar dentro dela?
- É difícil voar por muito tempo dentro de uma nuvem. Você fica desorientado. Não sabe se está de cabeça para cima ou para baixo. Os instrumentos dizem o que está acontecendo, mas você não acredita neles. É assim que acontecem muitos acidentes.

Harald encontrou o mane te no escuro e puxou-o para trás.

- Será que esse caça apareceu por acaso? - perguntou Karen.
- Talvez eles possam nos detectar com suas ondas de rádio.

Harald franziu a testa, pensando. Era bom ter um quebra-cabeça para esquecer o perigo que corriam.

- Acho que não - disse. - As ondas de rádio sofrem interferência de coisas metálicas, mas não acho que seja o caso com madeira e tecido.

Um grande bombardeiro de alumínio refletiria as ondas de volta para as antenas, mas aqui só o nosso motor poderia fazer uma coisa dessas, e provavelmente ele é muito pequeno para aparecer nos seus detectores.

- Espero que você tenha razão. Caso contrário, estamos liquidados.

Eles saíram abaixo da nuvem. Harald aumentou o número de giros para mil e novecentos, e Karen puxou o manche.

- Fique atento - disse ela. - Se o virmos de novo, teremos que subir ligeiro.

Harald fez o que ela disse, mas não havia muito o que ver. Uns mil e quinhentos metros adiante, a lua brilhava por um buraco nas nuvens e Harald pôde apreciar a geometria irregular dos campos e bosques. Deviam estar sobrevoando a grande ilha central de Fyn. Mais perto, uma luz intensa cortava a paisagem às escuras e ele achou que deveria ser um trem ou um carro da polícia.

Karen inclinou o avião para a direita.

- Olhe para a sua esquerda - disse ela. Harald não viu nada. Ela inclinou o aparelho para outro lado e deu uma olhada pela sua janela.
- Temos que observar todos os ângulos - explicou. Harald notou que ela estava ficando rouca de tanto gritar por causa do barulho do motor.

O Messerschmitt apareceu na frente deles.

Desceu da nuvem a pouco mais de quinhentos metros de distância à frente, denunciado pela escassa luminosidade refletida do solo banhado pelo luar. Afastava-se.

- Acelera tudo! - gritou Karen, mas Harald se antecipara. Ela puxou o manche para levantar o nariz.
- Talvez ele não nos veja - disse Harald, otimista. Mas suas esperanças foram imediatamente frustradas quando o caça iniciou uma curva acentuada, O Hornet Moth levou alguns segundos para responder aos comandos. Mas finalmente começaram a subir na direção da nuvem. O caça fez uma curva aberta e aumentou a potência do motor para segui-los na subida. Assim que se alinhou, ele atirou.

Mas aí o Hornet Moth já tinha sumido dentro da nuvem.

Karen mudou de direção imediatamente. Harald vibrou.

- Conseguimos de novo! - exclamou, mas sem conseguir disfarçar o medo que sentia.

Ganharam altitude dentro da nuvem, e quando o clarão do luar começou a iluminar a névoa que turbilhonava à volta deles, Harald percebeu que estavam perto do topo da camada de nuvens.

- Reduza a potência - disse Karen, teremos que permanecer dentro da nuvem por tanto tempo quanto conseguirmos.

A aeronave estabilizou.

- Observe o velocímetro - disse ela. - Não podemos subir nem descer.
- OK.

Ele checkou o altímetro também. Estavam a 5.800 pés.

Exatamente neste instante, o Messerschmitt apareceu a poucos metros de distância.

Estava ligeiramente mais baixo, e para a direita, e ia cortar o curso do Hornet Moth. Por uma fração de segundo, Harald viu o rosto aterrorizado do piloto alemão, a boca aberta num grito de pavor. Estavam todos a um centímetro da morte. A asa do caça passou debaixo do Hornet Moth, não raspando, por pouco, no trem de aterrisagem.

Harald pisou fundo no pedal esquerdo e Karen puxou o manche para trás com toda a força, mas o caça já tinha desaparecido.

- Meu Deus, essa foi por pouco! - exclamou Karen.

Harald fixou os olhos na nuvem, esperando que o Messerschmitt aparecesse a qualquer momento. Passou-se um minuto, e depois outro.

- Acho que ele estava tão assustado quanto nós - disse Karen.
- O que é que você acha que ele vai fazer?
- Vai voar por cima e por baixo da camada de nuvens por algum tempo, na esperança de que apareçamos. com sorte, nossos cursos vão divergir e nós o perderemos.

Harald conferiu a bússola.

- Estamos seguindo para o norte - disse.
- Perdi o rumo com tantas esquivas - disse ela. Fez uma curva para a esquerda, que Harald ajudou com o pedal do leme, e quando a bússola indicou duzentos e cinquenta e dois ele avisou e ela retificou a rota.

Quando saíram da nuvem, olharam em todas as direções, mas não havia outro avião.

- Estou tão cansada! - disse Karen.
- Não é de espantar. Deixa que eu assumo o comando. Descansa um pouco.

Harald concentrou-se em manter o voo reto e nivelado. Os intermináveis ajustes mínimos começaram a se tornar instintivos.

- Fique de olho nos instrumentos - advertiu Karen. - Verifique sempre o indicador de velocidade, o altímetro, a bússola, a pressão do óleo e o medidor do tanque de gasolina. Quando se está voando, é preciso verificar tudo o tempo todo.

- OK - ele obrigou-se a olhar para o painel a cada um ou dois minutos e descobriu, ao contrário do que lhe diziam seus instintos, que o avião não caía se tirasse os olhos do céu à sua frente.

- Devemos estar sobre a Jutlândia agora - disse Karen. Gostaria de saber quanto nós nos desviamos para o norte.
- Como poderemos saber?
- Vamos ter que voar em baixa altitude quando cruzarmos a costa. É indispensável que identifiquemos algumas características do terreno para estabelecer nossa posição no atlas.

A lua estava baixa no horizonte. Harald consultou o relógio e ficou surpreso ao ver que já estavam voando havia duas horas. Pareciam ter sido poucos minutos.

- Vamos dar uma olhada - disse Karen após algum tempo. Reduza a potência para mil e quatrocentos rpm e baixe o nariz.

Ela encontrou o atlas e o estudou à luz da lanterna.

- Vamos ter que baixar mais - disse. - Não consigo ver o chão direito.

Harald desceu para três mil pés, e depois dois. O chão era visível ao luar, mas não havia elementos destacados, apenas campos. Até que Karen disse:

- Olha lá - não é uma cidade?

Harald deu uma espiada. Difícil dizer. Não havia luzes por causa do blecaute - imposto justamente para dificultar o reconhecimento das cidades pelos aviões. Mas lá embaixo o terreno que aparecia mais adiante certamente parecia ter qualquer coisa diferente.

De repente, pequenos pontos luminosos começaram a aparecer no ar à sua volta.

- O que, diabos, é isso aí? - berrou Karen.

Será que alguém estaria soltando fogos de artifício na direção do Hornet Moth? Mas fogos de artifício haviam sido banidos depois da invasão.

- Nunca vi balas traçantes, mas - disse Karen.

- Droga, isso é que são traçantes?

Sem aguardar instruções, Harald empurrou o manete até o batente e levantou o nariz para ganhar altitude.

Neste exato momento os holofotes foram acesos. Houve um estouro e alguma coisa explodiu perto deles.

- O que foi isso? - perguntou Karen.

- Acho que deve ter sido uma granada.

- Estão disparando contra nós?

De repente Harald descobriu onde se encontravam.

- Isso deve ser Morlunde! Estamos bem em cima da defesa aérea do porto!

- Vire!

Ele inclinou a asa.

- Não suba num ângulo muito acentuado. Vai estolar. Outra granada explodiu por perto. Holofotes cortavam a escuridão por todos os lados. Harald tinha a sensação de que estava mantendo o avião no ar exclusivamente por ação da sua força de vontade.

Ele parou a curva quando completou 180 graus. Harald nivelou as asas e continuou a subir. Outra granada explodiu, mas atrás deles. Harald começou a sentir que ainda podiam sobreviver.

Os tiros cessaram. Ele fez outra curva e retomou à rota original, sempre subindo.

Um minuto depois estavam cruzando o litoral, avançando mar adentro.

- Estamos deixando a terra firme para trás - disse ele. Como Karen não respondeu, Harald virou-se e viu que ela estava com os olhos fechados.

Ele deu uma olhada para trás e viu a linha da costa desaparecendo na distância, iluminada pela luz da lua.

- Só queria saber se um dia voltaremos a ver a Dinamarca - disse.

A LUA SE PÔS, mas durante algum tempo não havia nuvens no céu, e Harald podia ver as estrelas. Era bom que pudesse vê-las, já que elas eram a única coisa que permitia que ele soubesse se estava de cabeça para cima ou para baixo. O motor produzia um ronco constante e regular extremamente tranquilizador. Estavam voando a cinco mil pés e oitenta nós. Havia menos turbulência do que ele se lembrava do seu primeiro voo, e ele não saberia dizer se era porque estavam sobre o mar ou porque era de noite - ou ambos. Checava a toda hora verificando na bússola, mas não saberia dizer o quanto o *monet Moth* poderia ter desviado da rota por atuação do vento.

Tirou a mão do manche e colocou-a no rosto de Karen. Estava ardendo de febre. Ele ajustou a aeronave para voar reto e estabilizada, e pegou uma garrafa de água do porta-luvas sob o painel. Ele derramou um pouco de água na sua mão e, então, deu tapinhas bem leves na testa dela para refrescá-la. Ela estava respirando normalmente, embora seu hálito, sobre a mão dele, estivesse muito quente. Parecia ser um típico sono febril.

Quando voltou a atenção outra vez para o mundo lá fora, viu que o dia estava raiando. Consultou o relógio: passava pouca coisa das três horas da manhã. Deviam estar a meio caminho da Inglaterra.

A claridade, ainda que mínima, permitiu que ele visse uma nuvem mais adiante. Não havia uma definição do topo ou da base, de modo que a solução foi entrar nela.

E também chovia, e a água se acumulava no pára-brisa. Ao contrário de um carro, o *Hornet Moth* não tinha limpador de pára-brisas.

Lembrou-se do que Karen dissera sobre desorientação e decidiu não fazer gestos bruscos. No entanto, ficar olhando fixamente o rodopio do nada que o envolvia era estranhamente hipnótico. Gostaria de poder falar com Karen, mas sabia que ela precisava dormir depois de tudo pelo que passara. E assim Harald perdeu a noção do tempo. Começou a identificar formas na nuvem. Viu uma cabeça de cavalo, o capô de um *Lincoln Continental* e a cara bigoduda de Netuno. À sua frente, na direção onze horas e a poucos pés abaixo, viu um barco de pesca, com os marinheiros no convés olhando para ele espantados.

Ele percebeu que aquilo não era uma ilusão e ele despertou totalmente. A névoa se desfizera e o que estava vendo era um barco de verdade. Checou o altímetro. Os dois ponteiros apontavam para cima. Estava ao nível do mar. Perdera altitude sem perceber.

Instintivamente, puxou o manche para trás, levantando o nariz, mas ao fazê-lo ouviu a voz de Karen na sua cabeça dizendo: "Mas nunca levante o nariz abruptamente, porque aí a gente entra num estolo. Ou seja, perde sustentação e o avião despenca." Harald sabia o que tinha feito, e se lembrava como corrigir, só não sabia ao certo se teria tempo para isso. O aparelho já estava perdendo altitude. Ele baixou o nariz e empurrou o manete até o batente. Ele estava no mesmo nível do barco de pesca ao passar por ele. Ele levantou o nariz uma coisa de nada. Achou que as rodas fossem bater nas ondas. O avião continuava voando. Levantou o nariz mais um pouquinho. Arriscou uma olhada no altímetro. Estava subindo. Deixou escapar o ar dos pulmões.

- Preste atenção, seu idiota! - disse, em voz alta. - Fique acordado.

Ele continuou subindo. A nuvem se dissipou e ele emergiu numa manhã clara. Deu uma olhada no relógio. Eram quatro horas. O sol já ia nascer. Olhando para cima, através do teto transparente da cabine, pôde ver a estrela Polar à sua direita. Isto significava que a bússola era precisa e que ele ainda estava indo para oeste.

com medo de permanecer perto demais do mar, Harald continuou subindo por meia hora. A temperatura caiu e o ar frio entrava pela janela que ele havia quebrado para improvisar o sistema de abastecimento de gasolina em voo. Enrolou-se no cobertor para se aquecer um pouco. Aos dez mil pés, já ia nivelar o avião quando o motor tossiu.

A princípio não se deu conta do que seria aquele barulho. O barulho do motor se mantivera tão regular por tantas horas que ele deixara de ouvi-lo.

Quando aconteceu de novo, Harald não teve dúvidas de que se tratava de falha no motor.

A impressão que teve foi de que seu coração tinha parado. Estava a mais de trezentos quilômetros de terra firme, não importando a direção que tomasse. Se o motor falhasse agora iam cair no mar.

Ele tossiu de novo.

- Karen! - gritou Harald. - Acorde!

Nada. Harald tirou a mão do manche e sacudiu-a pelo ombro. -Karen!

Ela abriu os olhos. Parecia bem melhor após o sono, mais calma e menos febril, mas uma expressão de medo apareceu no seu rosto assim que ouviu o motor falhando.

- O que está acontecendo?

- Eu não sei!

- Onde estamos?

- A muitos quilômetros de terra firme. O motor continuou a tossir e falhar.

- Podemos ter que pousar na água - disse Karen. Qual é a nossa altitude?

- Dez mil pés.

- O manete está todo aberto?

- Sim, eu estava subindo.

- Este é o problema. Reduza o manete para a metade. Ele atrasou o manete.

- Quando a aceleração é máxima, o motor puxa o ar de fora e não aquele que está no compartimento do motor, e o ar de fora é mais frio; na altura em que estamos, frio o bastante para formar gelo no carburador.

- O que podemos fazer?

- Descer - ela pegou o manche e o empurrou para a frente. Quando a gente desce, a temperatura do ar aumenta e o gelo derrete, ao cabo de algum tempo.

- E se não derreter...

- Procure um navio. Se cairmos perto de um, pode ser que nos salvem.

Harald esquadrinhou o mar de horizonte a horizonte, mas não conseguiu ver uma única embarcação.

com o motor falhando, eles tinham pouca potência e perderam altitude rapidamente. Harald pegou a machadinha, pronto para levar a cabo seu plano de cortar uma asa para usar como jangada, e pôs as garrafas de água nos bolsos da jaqueta. Não podia saber se sobreviveriam no mar tempo suficiente para morrerem de sede.

Deu uma olhada no altímetro. Desceram primeiro para mil pés, e depois para quinhentos. O mar parecia negro e frio. Não havia navios à vista.

Uma estranha calma se apossou de Harald.

- Acho que vamos morrer - disse. - Sinto muito ter metido você nesta encrenca.

- Ainda não estamos liquidados - retrucou ela. - Vê se consegue dar mais alguns giros nesse motor, para não batermos com muita força na água.

Harald avançou o manete. O registro sonoro do motor mudou. Falhou, funcionou de novo e falhou mais uma vez. Harald disse:

- Eu não acho...

De repente o motor pareceu pegar.

Produziu um ronco constante por alguns segundos e Harald conteve a respiração. Mas falhou de novo. Finalmente passou a funcionar com a firmeza de antes e o avião começou a ganhar altura.

Harald e Karen gritaram de felicidade.

O conta-giros atingiu a marca das mil e novecentas revoluções por minuto, sem falhar uma única vez.

- O gelo derreteu! - exclamou Karen.

Harald beijou-a, o que foi muito difícil. Embora estivessem ao lado um do outro, ombro com ombro, coxa com coxa, naquela cabine apertada era muito difícil se virar, especialmente com o cinto de segurança passado. Mas ele conseguiu.

- Isso foi legal - disse ela.
- Se sobrevivermos, vou beijar você todos os dias pelo resto da minha vida - disse ele, alegremente.
- É mesmo? Olha que o resto da sua vida pode ser um tempo muito longo.
- Espero que seja. Karen pareceu satisfeita.
- Devíamos verificar o combustível.

Harald virou-se para examinar o liquidômetro, que ficava entre o encosto dos dois assentos. Não era fácil de ler, tendo suas escalas, uma para uso em voo e outra para uso no solo, quando o aparelho estava inclinado, com o nariz para cima.

Mas ambos indicavam quase "Vazio".

- Droga, o tanque está quase seco! - disse Harald.
- Não há terra à vista - ela consultou o relógio. - Estamos voando há cinco horas e meia, portanto provavelmente ainda falta meia hora para sobrevoar terra firme.
- Tudo bem, eu posso completar o tanque.

Harald desafivelou o cinto de segurança e virou-se desajeitadamente para se ajoelhar no assento. O bujão de gasolina estava na prateleira de bagagem atrás dos assentos.

Ao seu lado havia um funil e a ponta de uma mangueira de jardim. Antes da decolagem, Harald quebrara a janela e passara a mangueira pelo buraco, amarrando a outra ponta no gargalo de abastecimento externo.

Mas agora podia ver essa ponta da mangueira solta, batendo na fuselagem. Ele praguejou.

- O que é? - perguntou Karen.
- A mangueira se soltou durante o voo. Não a amarrei bem.
- O que é que vamos fazer? Temos que reabastecer! Harald olhou para o bujão, o funil, a mangueira e a janela.
- Tenho que pôr a mangueira no gargalo do tanque. E isso não pode ser feito daqui de dentro.
- Você não pode ir lá fora!
- O que acontecerá com o avião se eu abrir a porta?
- Meu Deus, é como um gigantesco freio aéreo. Vai reduzir a nossa velocidade e nos obrigar a fazer uma curva para a esquerda.
- Você consegue resolver esse problema?
- Posso manter a velocidade baixando o nariz. E acho que posso pisar no pedal direito do leme com o meu pé esquerdo.
- Vamos tentar.

Karen pôs a aeronave numa descida suave e em seguida pisou com o pé esquerdo no pedal direito do leme.

- OK.

Harald abriu a porta. Na mesma hora o avião guinou bruscamente para a esquerda. Karen pressionou o pedal, mas eles continuaram a virar para a esquerda.

- Não adianta, não consigo manter o rumo! - exclamou ela. Harald fechou a porta.
- Se eu quebrar essas janelas vou reduzir praticamente à metade a área da resistência ao vento - disse ele, pegando a chave inglesa que guardara no bolso. As janelas eram feitas de um tipo de celulóide que era mais duro que vidro, mas que ele sabia não ser inquebrável, porque tinha aberto um buraco na janela de trás poucos dias antes. Recuou o braço direito tanto quanto foi possível, golpeou com força e o celulóide se espatifou. Mais umas pancadinhas e ele retirou o material restante da moldura.

- Pronta para tentar de novo?
- Espera um minuto, precisamos de mais velocidade - Karen estendeu o braço, abriu o manete mais um pouco e levou o compensador à frente.

- OK.

Harald abriu a porta.

Mais uma vez o avião guinou para a esquerda, só que agora com menos violência, e Karen conseguiu corrigir o desvio com o leme.

Ajoelhado no banco, Harald pôs a cabeça para fora. Viu logo a ponta da mangueira dançando em torno da tampa de abastecimento da gasolina. Manteve a porta aberta com o ombro direito, esticou o braço direito e agarrou a mangueira. Agora só faltava enfiá-la no tanque. Podia ver a tampa, aberta, mas não o gargalo. Posicionou a ponta da mangueira mais ou menos na altura do painel, mas o pedaço que tinha na mão rodopiava em torno da tampa de abastecimento com o movimento do avião, e ele não conseguiu enfiar a ponta no tanque. Era como se quisesse enfiar uma linha pelo buraco de uma agulha no meio de um furacão.

Tentou durante alguns minutos, mas a coisa foi ficando mais e mais difícil à medida que sua mão ia ficando mais gelada.

Karen bateu no seu ombro.

Harald puxou a mão de volta para dentro da cabine e fechou a porta.

- Estamos perdendo altitude - disse Karen. - Precisamos subir.

Ela puxou o manche.

Harald soprou a mão para esquentá-la.

- Não dá para fazer desse jeito - disse ele. - Não consigo enfiar a mangueira no tanque. Preciso firmar a outra ponta.
- Como?

Ele pensou por um minuto.

- Talvez eu possa botar um pé do lado de fora.
- Oh, meu Deus!
- Me avise quando a gente ganhar altura suficiente. Após uns dois minutos, ela disse:
- OK, mas esteja pronto para fechar a porta assim que eu bater no seu ombro.

Virado para trás, com o joelho esquerdo em cima do assento, Harald passou o pé direito pela porta e pisou na parte reforçada da asa. Agarrado no cinto de segurança, debruçou-se e pegou a mangueira. Correu a mão por ela até que segurou a ponta. Aí então se inclinou mais um pouco para enfiar a ponta dentro do tanque.

Justo nesta hora o Hornet Moth pegou uma corrente de ar descendente e deu um pinote como um cavalo bravo. Harald perdeu o equilíbrio e achou que ia cair da asa.

Agarrou com força a mangueira e o cinto de segurança ao mesmo tempo, tentando se conservar aprumado. A outra ponta da mangueira, dentro da cabine, soltou-se da corda que a prendia. Quando se soltou, Harald largou-a involuntariamente e o vento levou-a embora.

Tremendo de medo, ele voltou para dentro e fechou a porta.

- O que foi que aconteceu? - Karen perguntou. - Não pude ver! Por um momento ele não foi capaz de responder.

Quando se recuperou, disse:

- Larguei a mangueira. - Oh, não!

Ele verificou o liquidômetro de gasolina. - O tanque está vazio.

- Não sei o que podemos fazer!
- Vou ter que ficar em pé na asa e despejar a gasolina diretamente do bujão. Vai ser preciso usar as duas mãos; não

posso segurar um bujão de quatro galões só com uma das mãos, é pesado demais.

- Mas você não vai poder se segurar!

- Você vai ter que segurar meu cinto com a mão esquerda. Karen era forte, mas não tinha certeza se seria capaz de agüentar seu peso caso ele escorregasse. No entanto, não havia alternativa.

- Nesse caso, não vou poder comandar o manche.

- O jeito é torcer para que não seja necessário.

- Está bem, mas então vamos ganhar mais um pouco de altitude.

Ele olhou em torno. Não havia terra à vista.

- Aqueça as mãos - disse Karen. - Ponha-as debaixo do meu casaco.

Ele se virou, ainda ajoelhado no assento, e apertou a cintura dela com as mãos. Por baixo do casaco de pele, Karen estava usando um suéter leve.

- Ponha as mãos debaixo do suéter. Vamos, sinta minha pele, não me incomode.

O corpo dela estava bem quente.

Harald conservou as mãos assim aquecidas enquanto subiam. De repente o motor falhou.

- Acabou a gasolina - disse Karen.

O motor pegou de novo, mas Harald sabia que ela estava com razão.

- Vamos acabar logo com isso - disse ele.

Karen estabilizou a aeronave. Harald destampou o bujão e a cabine se encheu com o cheiro desagradável da gasolina, a despeito do vento que soprava pelas janelas quebradas.

O motor falhou de novo.

Harald levantou o bujão. Karen segurou-o pelo cinto.

- Está seguro - disse ela. - Não se preocupe.

Ele abriu a porta e pôs o pé direito do lado de fora. Em seguida transferiu o bujão para cima do assento. Então passou o pé esquerdo para o lado de fora, de modo que os pés estavam sobre a asa e o tronco debruçado para dentro da cabine. Sentia-se absolutamente aterrorizado.

O passo seguinte foi levantar o bujão e se apumar em cima da asa. Nessa hora ele cometeu o erro de olhar para baixo para ver o mar. As náuseas que sentiu foram tão fortes que ele quase largou o bujão. Fechou os olhos, engoliu em seco e recuperou o autocontrole.

Quando abriu os olhos de novo, estava decidido a não mais olhar para baixo. Curvou-se sobre a boca do tanque e sentiu, na pressão do cinto, a força que Karen fazia para segurá-lo. Inclinou o bujão.

O movimento constante da aeronave dificultava muito o despejar da gasolina diretamente, mas em poucos momentos ele descobriu um jeito de compensar, balançando o tronco para a frente e para trás, confiante na segurança proporcionada por Karen.

O motor continuou a ratear por alguns segundos e retornou ao normal.

Ele queria desesperadamente voltar para o interior da cabine, mas eles precisavam da gasolina para atingir terra firme. A gasolina parecia fluir tão lentamente quanto mel. Uma certa quantidade era espalhada pelo fluxo de ar, e outro tanto se perdia em torno do bocal do tanque, mas a maior parte parecia ter chegado ao destino certo, o tanque.

Até que por fim o bujão esvaziou. Ele o largou no ar e, aliviado, agarrou a moldura da porta com a mão esquerda. Passou para o lado de dentro e fechou a porta.

- Olha lá - disse Karen, apontando para a frente.

À distância, bem na linha do horizonte, era possível ver uma forma escura. Terra.

- Aleluia - murmurou Harald.

- Vamos rezar para que seja a Inglaterra - disse Karen. - Não sei o quanto podemos ter nos desviado da rota.

O tempo parecia não passar, mas finalmente a forma escura ganhou a cor verde e transformou-se em uma paisagem. Logo foi possível ver uma praia, uma cidade com um porto, uma extensão de terra plana e uma série de elevações.

- Vamos olhar mais de perto - disse Karen. Desceram para dois mil pés a fim de examinar a cidade.
- Não posso dizer se é a França ou a Inglaterra - disse Harald.
- Nunca estive em nenhum dos dois.
- Já estive em Paris e em Londres, mas nem uma nem outra se parece com isto aqui.

Harald checkou o liquidômetro.

- De qualquer maneira, vamos ter que aterrissar dentro de pouco tempo.
- Mas precisamos saber se estamos em território inimigo. Harald olhou para cima e viu dois aviões através do teto transparente da cabine.

- Estamos prestes a descobrir - disse ele. - Olhe para cima.

Os dois ficaram olhando fixamente as duas pequenas aeronaves que se aproximavam rapidamente, vindas do sul. Quando foram se aproximando, Harald concentrou-se nas suas asas, esperando que as marcas se tornassem mais nítidas. Seriam as cruzes alemães? Todo aquele sacrifício teria sido inútil?

Quando chegaram mais perto, Harald viu que eram dois Spitfire com os círculos concêntricos característicos da RAF, a Real Força Aérea, pintados nas asas. Estavam na Inglaterra.

Harald soltou um grito de triunfo.

Os Spitfires se aproximaram, um de cada lado do Hornet Moth. Era possível distinguir as feições dos pilotos, olhando fixamente para eles.

- Espero que não pensem que somos inimigos e nos derrubem - disse Karen.

Era uma possibilidade terrível. Harald tentou imaginar um jeito qualquer de dizer que eram amigos.

- Bandeira branca - disse.

Ele tirou a camisa e segurou-a para fora da janela. O tecido branco de algodão esvoaçou ao vento.

Mas deu certo. Um dos Spitfires passou para a frente do Hornet Moth e balançou as asas.

- Isso quer dizer "siga-me" - disse Karen. - Acho. Mas não tenho gasolina suficiente. Ela avaliou a paisagem lá embaixo.

- O vento está soprando do mar, a julgar pela fumaça da chaminé daquela casa de fazenda - disse. - vou aterrissar naquele campo.

Ela baixou o nariz do avião e o virou.

Harald olhou ansiosamente para os Spitfires. Após um momento eles começaram a voar em círculos, mas mantendo a mesma altitude, como se quisessem ver o que ia acontecer a seguir. Talvez tivessem chegado à conclusão de que um Hornet Moth não poderia constituir uma ameaça ao Império Britânico.

Karen desceu para mil pés e fez uma perna do vento para o campo que escolhera. Não havia construções visíveis. Em seguida virou contra o vento para aterrissar. Harald encarregou-se do leme, ajudando a manter o aparelho em linha reta.

Quando estavam a vinte pés acima da grama, Karen pediu para puxar todo o manete e levantou delicadamente o nariz do avião com o manche.

Harald teve a impressão de que já estavam quase tocando o chão, mas continuaram voando por mais uns cinquenta ou sessenta metros. Até que as rodas tocaram o chão com um solavanco fraco.

O Hornet Moth perdeu velocidade rapidamente. Já ia parando quando Harald viu pelo buraco da janela um rapaz

de bicicleta parado em uma trilha ao longo do campo, olhando boquiaberto para eles.

- Queria saber onde estamos - disse Karen.
- Ei, você aí! - exclamou Harald, dirigindo-se ao ciclista, em inglês. - Que lugar é este aqui?
O rapaz olhou para ele como se Harald tivesse acabado de chegar do espaço sideral.
- Bem - disse ele, por fim, com toda certeza não é a droga do aeroporto!

EPÍLOGO

VINTE E QUATRO HORAS depois que Harald e Karen aterrissaram na Inglaterra, as fotos que ele havia tirado em Sande da estação de radar alemã tinham sido reveladas, ampliadas e penduradas em uma das paredes de uma sala enorme de um prédio situado em Westminster. Algumas haviam sido marcadas com setas e anotações. Na sala havia três homens com uniformes da RAF examinando as fotografias e falando baixo, em tom urgente.

Digby Hoare entrou com Karen e Harald na sala e fechou a porta. Os oficiais se viraram e um deles, um tipo alto de bigode grisalho, disse:

- Olá, Digby.
- Bom-dia, Andrew - respondeu Digby. - Este é o vicemarechal-do-Ar Sir Andrew Hogg. Sir Hogg, tenho o prazer de apresentar a srta. Duchwitz e o sr. Olufsen.

Hogg apertou a mão esquerda de Karen, porque a direita continuava na tipóia.

- A senhorita é uma jovem excepcionalmente corajosa - disse ele. Hogg falava depressa, comendo as sílabas de um modo tal que dava a impressão de que tinha qualquer coisa na boca, obrigando Harald a prestar muita atenção para compreender o que dizia.

- Um piloto experiente teria hesitado antes de atravessar o mar do Norte em um Hornet Moth - acrescentou Hogg.
- Para falar a verdade, eu não tinha idéia de como era perigoso antes de levantar vôo - respondeu ela.

Hogg virou-se para Harald:

- Digby e eu somos velhos amigos. Ele me fez uma exposição completa do seu relatório, e, para ser sincero, não tenho palavras para dizer como sua informação é importante.

Mas quero repassar a sua teoria sobre como aquelas três peças do aparelho funcionam acopladas.

Harald concentrou-se, repassando as palavras em inglês de que precisaria. Apontou para a foto em que focalizara as três estruturas.

- A antena grande gira em velocidade constante, como se estivesse esquadrinhando o céu. Mas as pequenas se inclinam para cima e para baixo e de um lado para outro.

A impressão que tive foi de que rastreavam aviões.

Hogg interrompeu-o para se dirigir aos outros dois oficiais:

- Mandei um perito em sistemas de rádio em um vôo de reconhecimento sobre a ilha hoje de madrugada. Ele captou ondas de dois pontos quatro metros, presumivelmente sendo irradiadas pela antena grande, a Freya. Captou também ondas de cinquenta centímetros, supostamente oriundas das máquinas menores, que devem ser as Wurtzburgs.

Ele se voltou outra vez para Harald:

- Continue, por favor.
- O que pensei foi que a máquina grande dá o aviso de longa distância da aproximação de bombardeiros. Quanto às menores, uma rastreia um único bombardeiro e a outra rastreia o caça despachado para interceptá-lo. Desse modo, um controlador poderia orientar um caça, com muita precisão, até o bombardeiro.

Hogg virou-se para os colegas de novo:

- Acredito que ele esteja certo - disse. - E vocês?
- Eu ainda gostaria de saber o significado de himmelbett.
- Himmelbett? - repetiu Harald. - É a palavra alemã para aquelas camas...
- De quatro postes, como chamamos na Inglaterra - completou Hogg. - Soubemos que o equipamento de radar opera em uma himmelbett, mas não sabemos o que isso quer dizer.

- Oh! - exclamou Harald. - Pensei esse tempo todo como seria a organização deles, e isso explica tudo! Fez-se silêncio na sala.
- Explica? - perguntou Hogg.
- Bem, para a defesa aérea da Alemanha faz sentido dividir a fronteira em blocos de espaço aéreo, digamos, com oito quilômetros de largura e trinta de profundidade, designando um conjunto de três máquinas para cada bloco... Ou himmelbett.
- Talvez você esteja com a razão - disse Hogg, pensativo. Isso daria a eles uma defesa quase impenetrável.
- Se os bombardeiros voarem lado a lado, sim - retrucou Harald. - Mas se os pilotos da RAF voarem em fila e passarem pela mesma himmelbett, a Luftwaffe poderia rastrear apenas um único bombardeiro e os demais teriam uma chance muito melhor de passar.

Hogg olhou fixamente para ele por um longo momento. Depois para Digby, em seguida para seus dois colegas e, finalmente, voltou a se concentrar em Harald.

- Como uma fieira de bombardeiros - disse Harald, sem saber ao certo se eles tinham entendido. O silêncio perdurou e Harald ficou achando que deveria ter alguma coisa errado com o seu inglês.
- Compreendem o que estou querendo dizer? - perguntou ele.
- Oh, sim - respondeu Hogg, finalmente. - Entendo exatamente o que você quer dizer.

Na manhã seguinte, Digby levou, de carro, Harald e Karen para fora de Londres. Depois de três horas de viagem na direção geral Nordeste, chegaram a uma casa de campo que tinha sido requisitada pela Força Aérea como alojamento para oficiais. Cada um recebeu um quartinho com um catre e depois Digby apresentou seu irmão, Bartlett.

À tarde foram todos, juntamente com Bart, para a base da RAF nas cercanias onde o esquadrão dele era sediado. Digby providenciara para que Karen e Harald assistissem ao briefing, dizendo ao comandante que era parte de um exercício secreto de inteligência, e não houve perguntas. Foi assim que os dois ouviram o comandante do esquadrão explicar a nova formação que os pilotos usariam para a incursão daquela noite - a fieira de bombardeiros.

O alvo deles era Hamburgo.

A mesma cena se repetiu, com alvos diferentes, em campos de aviação espalhadas de norte a sul no Leste da Inglaterra. Digby disse a Harald que mais de seiscentos bombardeiros tomariam parte na desesperada tentativa daquela noite para atrair parte do efetivo da Luftwaffe que se encontrava na frente russa.

A lua apareceu poucos minutos após as seis horas da tarde. No grande quadro-negro existente na sala de operações, as horas de decolagem eram anotadas ao lado da letra-código de cada aeronave. Bart pilotava "G" de George.

Quando a noite caiu os operadores de rádio dos bombardeiros começaram a dar suas posições, estas eram assinaladas no grande mapa estendido sobre uma mesa. Os marcados eram deslocados cada vez mais para perto de Hamburgo. Digby, ansioso, fumava um cigarro depois do outro.

O avião líder, "C" de Charlie, relatou que estava sendo atacado por um caça, e sua transmissão foi interrompida. Quando "A" de alfa se aproximou da cidade, informou fogo pesado de artilharia antiaérea e largou bombas incendiárias para iluminar os alvos para os bombardeiros que vinham depois.

Quando começou efetivamente o bombardeio, o pensamento de Harald foi para seus primos de Hamburgo. Esperava que se salvassem. Como parte do seu trabalho escolar do ano anterior, lera um romance em inglês e tinha escolhido War in the Air, de H. G. Wells, que lhe dera uma visão de uma cidade atacada pelo ar que era um verdadeiro pesadelo. Sabia que aquela era a única maneira para derrotar os nazistas, mas assim mesmo temia o que podia acontecer com Monika.

Em dado instante um oficial entrou e avisou, com voz tranqüila e controlada, que tinham perdido o contato pelo

rádio com o avião de Bart.

- Pode ser apenas um problema do equipamento - disse ele. Um por um, os bombardeiros foram informando missão cumprida e que estavam retornando à base - todos menos "C" de Charlie e "G" de George.

O mesmo oficial voltou para dizer:

- O artilheiro da cauda de "F", de Freddie, viu um dos nossos ser abatido. Ele não sabe exatamente qual foi, mas receio que seja "G" de George.

Digby colocou as duas mãos no rosto.

Os marcadores que representavam as aeronaves estavam sendo deslocados de volta à Inglaterra no mapa da Europa estendido na mesa. Só "C" e "G" permaneceram sobre Hamburgo.

Digby deu um telefonema para Londres e virou-se para Harald:

- A fieira de bombardeiros funcionou. Segundo as estimativas, tivemos o menor número de baixas em um ano.
- Espero que Bart esteja bem - disse Karen.

Nas primeiras horas da madrugada, os bombardeiros começaram a chegar. Digby saiu e Karen e Harald se juntaram a ele, vendo as grandes aeronaves aterrissarem e despejar suas tripulações cansadas, mas jubilosas.

Quando a lua se pôs, todos tinham voltado, menos Charlie e George.

Bart Hoare jamais voltou.

Harald sentia-se deprimido ao tirar a roupa e vestir o pijama emprestado por Digby. Devia estar contentíssimo. Sobrevivera a um vôo incrivelmente perigoso, dera informações cruciais aos britânicos e vira estas informações salvarem a vida de centenas de homens integrantes das tripulações dos bombardeiros da RAF. Mas a perda da aeronave de Bart e a dor expressa no rosto de Digby lembraram a Harald de Arne, que dera a própria vida por aquilo, de Poul Kirke e de outros dinamarqueses que tinham sido presos e certamente seriam executados pela participação que tiveram no triunfo daquela noite. E tudo o que podia sentir era tristeza.

Olhou pela janela. O dia estava raiando. Ele puxou a frágil cortina amarela e foi se deitar. Permaneceu na cama uma porção de tempo, incapaz de dormir, sentindo-se péssimo.

Karen apareceu após algum tempo. Também estava usando um pijama emprestado, com as mangas e as calças enroladas. A expressão do rosto dela era solene. Sem dizer uma palavra, deitou-se ao seu lado. Harald abraçou o corpo quente. Ela comprimiu o rosto no seu ombro e começou a chorar. Harald não perguntou o motivo. Tinha certeza de que Karen estava pensando as mesmas coisas que ele. Ela chorou até cair no sono.

Após algum tempo ele também começou a cochilar e, quando abriu os olhos de novo, o sol brilhava através da cortina amarela. Olhou, assombrado, para a garota que tinha nos braços. Tantas e tantas vezes tivera aquele sonho de dormir com ela, mas nunca antecipara nada como aquilo.

Ele podia sentir os joelhos dela, e um quadril encaixado nas suas coxas, e algo macio, que supôs ser um seio. Observou o rosto dela enquanto dormia, estudando-lhe os lábios, o queixo, os cílios avermelhados, as sobrancelhas. Tinha a impressão de que seu coração ia estourar de tanto amor.

Até que por fim Karen abriu os olhos. Sorriu e disse:

- Olá, meu querido - e o beijou.

Algum tempo depois, Harald e Karen fizeram amor.

Três dias depois, Hermia Mount apareceu.

Harald e Karen entraram em um pub perto do palácio de Westminster, esperando encontrar Digby, e lá estava ela, sentada diante de uma mesa, com um copo de gim-tônica.

- Mas como foi que você saiu de lá? - quis saber Harald. - A última vez que a vimos você estava batendo na cabeça da detetive Jespersen com uma mala.

- Houve tanta confusão em Kirsteneld"aguad"águaot que consegui fugir antes que alguém me visse - disse Hermia.
- Entrei em Copenhague protegida pela noite. Depois saí do mesmo jeito que entrei: de Copenhague para Bornholm de barca, um barco de pesca até a Suécia e, por fim, um avião de Estocolmo para cá.

- Tenho certeza de que não foi tão fácil quanto você está dando a entender - comentou Karen.

Hermia deu de ombros.

- Não foi nada comparado com a aventura de vocês. Que viagem!

- Sinto-me profundamente orgulhoso de todos vocês - disse Digby, embora Harald achasse, pela sua expressão afetuosa, que ele se sentia especialmente orgulhoso de Hermia.

Digby deu uma olhada no relógio.

- E agora temos um encontro marcado com Winston Churchill.

Soou um alerta de ataque aéreo justo na hora em que os quatro atravessavam Whitehall; portanto, o encontro com o primeiro-ministro britânico deu-se num complexo subterrâneo conhecido como Cabinet War Rooms (Sala de Guerra do Gabinete).

Churchill estava sentado diante de uma mesa pequena no meio de um escritório abarrotado de coisas. Na parede atrás dele havia um mapa da Europa em grande escala.

Encostada em uma das paredes, coberta por um edredom verde, podia se ver uma cama de solteiro. Churchill vestia um terno escuro de risca-de-giz e havia tirado o paletó, mas sua aparência era imaculada.

- Então você é a mocinha que atravessou o mar do Norte pilotando um Tiger Moth - disse ele para Karen, apertando sua mão esquerda.

- Um Hornet Moth - ela o corrigiu. O Tiger Moth era uma aeronave aberta. - Acho que eu teria morrido de frio num Tiger Moth.

- Ah, sim, é claro.

Ele se virou para Harald:

- E você é o rapaz que inventou a fieira de bombardeiros.

- Foi uma das idéias surgidas em uma discussão - disse Harald, envergonhado.

- Não foi assim que eu soube da história, mas a sua modéstia conta pontos a seu favor.

Churchill, finalmente, voltou-se para Hermia:

- E foi você quem organizou a coisa toda. Minha cara, você vale por dois homens!

- Muito obrigada, senhor - agradeceu Hermia, embora Harald pudesse perceber, por seu sorriso irônico, que ela não tinha gostado muito daquele cumprimento.

- com sua ajuda, forçamos Hitler a desviar centenas de aviões de caça à frente russa para a defesa do território alemão. E, em parte graças a este sucesso, posso adiantar que assinei hoje um pacto de co-beligerância com a União Soviética. A Inglaterra não está mais sozinha. Temos como aliado uma das maiores potências do mundo.

A União Soviética pode ter dobrado, mas não está de jeito nenhum vencida.

- Meu Deus! - disse Hermia.

- Estará nos jornais de amanhã - murmurou Digby.

- E o que é que os dois jovens pretendem fazer agora?

- Eu gostaria de ingressar na RAF - disse Harald imediatamente. - Aprender a pilotar direito. Depois ajudar a libertar minha terra.

Churchill virou-se para Karen.

- E você?

- Algo parecido. Tenho certeza de que não vão deixar que eu seja um piloto, embora saiba pilotar muito melhor que

Harald. Mas gostaria de ingressar na Força Aérea feminina, se é que há uma.

- Bem - disse o primeiro-ministro, tenho uma alternativa a sugerir.

Harald ficou surpreso.

Churchill balançou a cabeça na direção de Hermia, que disse:

- Queremos que vocês dois voltem para a Dinamarca. Era a única coisa em que Harald não pensara.
- Voltar para a Dinamarca? Hermia prosseguiu:
- Primeiro mandamos vocês para um curso de treinamento... bastante longo, com seis meses de duração. Lá aprenderão a operar rádios, usar códigos, lidar com explosivos e armas de fogo e assim por diante.
- E para que seria? - quis saber Karen.
- Vocês seriam lançados de pára-quedas na Dinamarca, equipados com aparelhos de rádio, armas e documentos falsos. Sua tarefa seria dar início a um novo movimento de Resistência que substituiria os Vigilantes Noturnos.

O coração de Harald bateu mais depressa. Era um trabalho muitíssimo importante.

- Meu grande sonho era pilotar - disse ele. Mas a nova idéia era bem mais estimulante, embora perigosa.

Churchill interveio:

- Tenho milhares de jovens que sonham em ser pilotos - disse bruscamente. - Mas até agora não encontramos quem fizesse aquilo que estamos pedindo que façam. Vocês dois são inigualáveis. São dinamarqueses, conhecem o país e falam a língua como nativos, o que são. E já provaram que são extraordinariamente corajosos e competentes.

Permitam-me que eu coloque deste modo: se vocês não fizerem, não será feito.

Era difícil resistir a Churchill - e Harald, por sinal, não queria mesmo resistir. Tinha diante de si uma oferta para o que sempre ansiara fazer, e a perspectiva o deixava entusiasmado. Olhou para Karen.

- O que é que você acha?
- Nós estaríamos juntos - respondeu, como se isto fosse para ela a coisa mais importante de todas.
- Então, vocês aceitam? - quis saber Hermia.
- Sim - disse Harald.
- Sim - disse Karen.
- Ótimo - disse o primeiro-ministro. - Então está resolvido.

CONCLUSÃO

A RESISTÊNCIA dinamarquesa veio a se tornar um dos movimentos subterrâneos mais bem-sucedidos da Europa. Assegurou um fluxo contínuo de informações militares para os Aliados, realizou milhares de atos de sabotagem contra as forças de ocupação e garantiu rotas secretas pelas quais quase todos os judeus-dinamarqueses escaparam dos nazistas.

FIM

AGRADECIMENTOS

COMO SEMPRE, fui ajudado em minha pesquisa por Dan Starer, do Research for Writers, cidade de Nova York (dstarer@researchforwriters.com). Foi ele quem me pôs em contato com a maior parte das pessoas citadas a seguir. Mark Miller, da De Havilland Support Ltd. Foi meu conselheiro para os aviões da série Moth, quais seus problemas e como saná-los. Rachel Lloyd, da Northamptonshire Flying School, fez o máximo que pôde para me ensinar a pilotar um Tiger Moth. Peter Gould e Walt Kessler também me ajudaram nesta área, assim como meus amigos pilotos Ken Burrows e David Gilmour.

Meu guia para todas as coisas dinamarquesas foi Erik Langkjaer. Para detalhes da vida em tempo de guerra na Dinamarca, sou grato a Claus Jessen, Bent Jorgensen, Kurt Hartogsen, Dorph Petersen e Soren Storgaard.

Para ajuda com a vida em um internato dinamarquês, agradeço a Klaus Eusebius Jakobsen da Helufsholme Skole og Gods, Erik Jorgensen, do Birkerød Gymnasium, e Helle Thune of Bogsvaerd Kostkole og Gymnasium, todos os quais me receberam muitíssimo bem em suas respectivas escolas e responderam pacientemente as minhas perguntas.

Sou agradecido pelas informações prestadas por Hanne Harboe, do Tivoli Garden; Louise Lind, do Stockholm Postmuseum; Anita Kempe, Jan Garnert e K.V. Tahvanainen, do Stockholm Telemuseum; Hans Schroder, da Flyvevabnets Bibliotek; Anders Lunde, do Dansk Boldspil-Union; e Henrik Lundbak, do Museum of Danish Resistance de Copenhagen (Museu da Resistência).

Jack Cunningham me falou sobre o cinema do Almirantado, e Neil Cook, da HOK International, me deu fotos dele. Candice DeLong e Mike Condon ajudaram com armas. Josephine Russell me falou sobre a vida de uma bailarina estudante. Titch Allen e Pete Gagan me ajudaram com motocicletas antigas.

Sou grato a meus editores e agentes: Amy Berkower, Leslie Gelbman, Phyllis Grann, Neil Nyren, Imogen Tate e Al Zuckerman.

Finalmente, agradeço aos membros da minha família por lerem rascunhos e esboços: Barbara Follett, Emanuele Follett, Marie-Claire Follett, Richard Overy, Kim Turner e Jann Turner.

Nota Este livro foi scaneado e corrigido por Edith sulí e Josué Matias Jr.;

para uso exclusivo de deficientes visuais, de acordo com as leis de direitos autorais.

O Autor nasceu em Cardiff, no País de Gales (Inglaterra), em 1949. Do autor, que hoje vive na Inglaterra, a Rocco publicou Os pilares da Terra (volumes I e II), Um lugar chamado liberdade, O terceiro gêmeo, O martelo de Éden, Código explosivo e Jackdaws.
